ESTE CABEÇALHO PODE VALER-LHE 3 APARTAMENTOS, FÉRIAS NO MUNDO, AUTOMÓVEIS, ETC.

Diário de Lisboa

Nós e o Mundo em MESA REDONDA
suplemento das sextas-feiras

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUARTA-FEIRA, 7 DE ABRIL DE 1971 N.º 17 346 ANO 51.º PREÇO 1$50

DR. JOAQUIM MANSO

SEMPRE AO POVO SE DEVE A VERDADE

Em cinquenta anos de vida, um jornal dá-se a conhecer e, se no decorrer desses cinquenta anos tiver falhado aos princípios que se propôs defender, não há palavras que escondam esse facto ou que o justifiquem aos olhos do público.

O conceito em que o «Diário de Lisboa» é tido revela até que ponto este jornal soube manter-se fiel aos princípios que o orientaram à nascença, correspondendo dessa forma à esperança que nele depositaram os seus primeiros leitores.

São quatro os nomes associados à fundação do «Diário de Lisboa» — António Vieira Pinto, Alfredo Vieira Pinto, Pedro Bordallo Pinheiro e Joaquim Manso, o último dos quais escreveu, logo no primeiro número, algumas palavras que julgamos definirem o que foi o espírito deste jornal ao longo dos seus primeiros cinquenta anos de vida: «... **nunca como hoje Portugal careceu tanto de uma cultura que para as elites seja um motivo de predomínio e para o povo uma certeza de poder. A retórica tem sido o nosso único tesouro e ao mesmo tempo o maior factor de ruína. É a ela que se deve o triste espectáculo que oferece o nosso País, vivendo num constante estonteamento de metáforas e miragens que lhe anunciam a felicidade quando esta mais longe se esconde. As suas mentiras dão-nos tudo — império, orgulho, dinheiro, a Índia, o Brasil, o Mar, «Os Lusíadas», os brilhantes de Golconda. A gente crédula delira, estende as mãos para abraçar a própria ventura, caída no meio de cobiças vorazes. Que se vê, porém? As esperanças desfazem-se, as paixões vomitam ódio, as crenças definham. Sempre ao povo se deve a verdade. Não o enganem, não o alucinem, não o explorem. Eduquem-no, mas não o pervertam».**

Mal sabia Joaquim Manso que ao escrever «Sempre ao povo se deve a verdade» estava a traçar a linha de rumo

(Continua na 3.ª página)

HOJE
112 PÁGINAS
incluindo o habitual suplemento «A MULHER» e um suplemento especial comemorativo do 50.º aniversário
VISADO PELA CENSURA

PEDRO BORDALLO PINHEIRO

ALFREDO VIEIRA PINTO

ANTÓNIO VIEIRA PINTO

hoje primeiro dia

A segunda das iniciativas que levamos a cabo dentro do plano geral da celebração do nosso primeiro cinquentenário começa hoje.

Isto quer dizer que, a partir de hoje, os nossos leitores interessados em habilitar-se aos prémios instituídos pa a esta iniciativa, devem começar a coleccionar os cabeçalhos dos «Diários de Lisboa» publicados até ao dia sete de Julho.

Como é do conhecimento geral, consideram-se completas, para efeito desta iniciativa, colecções a que faltem até cinco cabeçalhos por cada um dos meses de duração da iniciativa, embora se não considerem completas as colecções a que faltem, por exemplo, quinze cabeçalhos de um só mês.

Este facto compreende-se, porque a iniciativa é destinada aos leitores habituais do «Diário de Lisboa», que por este ou por aquele motivo nem sempre adquirem o jornal embora não deixem de ser seus leitores habituais e não aos que participam em todos os concursos por uma questão de princípio.

Temos insistido nas vantagens que os leitores do «Diário de Lisboa» têm em participar nesta iniciativa dotada duma lista de prémios francamente invulgar, mas o facto dela se iniciar hoje justifica que voltemos a lembrar o valor e a qualidade destes prémios.

Encabeçando a lista vêm, como é sabido, três magníficos apartamentos situados em Paço de Arcos e construídos por uma das firmas mais abalizadas no ramo da construção civil — J. Pimenta, Lda. Completa o primeiro prémio um automóvel «Morris 1300» que não vale a pena comentar de conhecido que é.

Quer pela sua situação, quer pelo seu valor, estes apartamentos não podem deixar de interessar a um grande número dos nossos leitores já que tanto servem para habitação permanente como para residência de férias.

Proporciona ainda esta iniciativa aos seus participantes algumas viagens a grandes cidades do mundo, viagens essas que foram escolhidas dentre as que se revelaram mais populares no decorrer do nosso concurso «Férias no Mundo».

Como é geralmente sabido, esse concurso foi muito popular entre os nossos leitores que não esconderam o seu desejo de viajar e de «conhecer o mundo». O Rio de Janeiro, por exemplo, obteve um tão elevado número de votos que não hesitamos em considerar esta cidade como uma das que os portugueses mais desejam conhecer.

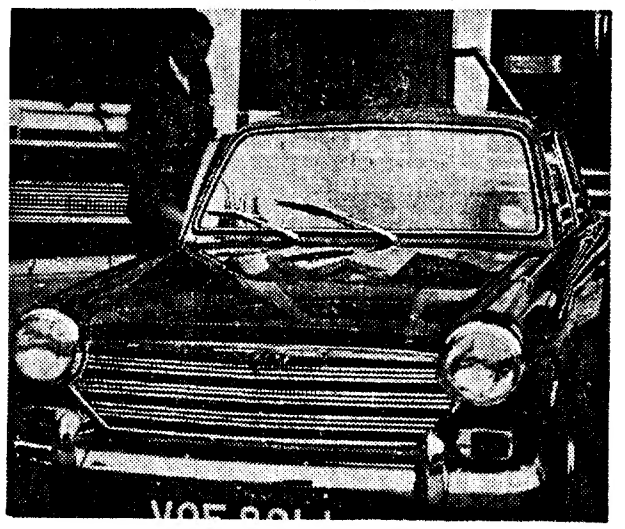
Ao incluir o Rio de Janeiro na lista das cidades que os participantes neste concurso se habilitam a visitar, outra coisa não fizemos que não fosse reconhecer este facto e ir de encontro aos desejos dos nossos leitores.

Também os electrodomésticos que figuram nesta lista foram escolhidos dentre os que mais populares se revelaram no decorrer das nossas últimas iniciativas, o que revela, mais uma vez, o desejo que temos de bem servir.

LEITOR DO Diário de Lisboa

Veio tudo isto a propósito de começar hoje a nossa segunda iniciativa e de julgarmos útil lembrar aos nossos leitores as vantagens que têm em participar nela, tanto mais que nada têm a fazer, para ficarem habilitados aos prémios instituídos, senão guardar os cabeçalhos dos «Diários de Lisboa» publicados de hoje até sete de Julho.

Vale a pena, por outras palavras, participar nesta iniciativa.



O «Morris 1300» que, juntamente com um andar, constitui o 1.º prémio da segunda fase da nossa iniciativa

LISTA DE PRÉMIOS

1.º PRÉMIO

Um apartamento em Paço de Arcos, próximo da praia constituído por uma sala-comum, «kitchnette» quarto e casa de banho em moderno edifício construído e mobilado por J. Pimenta SARL.

E um automóvel «Morris-1300», de quatro portas e cinco lugares.

2.º PRÉMIO

Um apartamento em Paço de Arcos, próximo da praia constituído por uma sala-comum, «kitchnette», quarto e casa de banho em moderno edifício construído e mobilado por J. Pimenta SARL.

3.º PRÉMIO

Um apartamento em Paço de Arcos próximo da praia constituído por uma sala-comum, «kitchnette» e casa de banho em moderno edifício construído e mobilado por J. Pimenta SARL.

4.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta ao Rio de Janeiro, em aviões da VARIG, e estadia durante oito dias.

5.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Toronto, em aviões da CANADIAN PACIFIC, com visita ás Cataratas do Niagara e estadia durante oito dias

6.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Toronto em aviões da CANADIAN PACIFIC, com visita ás Cataratas do Niagara e estadia durante oito dias

7.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Toronto em aviões da CANADIAN PACIFIC, com visita ás Cataratas do Niagara e estadia durante oito dias.

8.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Toronto, em aviões da CANADIAN PACIFIC, com visita ás Cataratas do Niagara e estadia durante oito dias.

9.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Toronto em aviões da CANADIAN PACIFIC, com visita ás Cataratas do Niagara e estadia durante oito dias.

10.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Londres, em avião e estadia de oito dias. Um relógio «Vulcain» de pulso, para homem

11.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Frankfurt, em avião e estadia durante oito dias. Um relógio «Vulcain» de pulso para homem.

12. PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Estocolmo com escala por Copenhague e Oslo, em aviões da S. A. S., e estadia durante oito dias Um relógio «Vulcain» de pulso, para homem

13.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Estocolmo com escala por Copenhague e Oslo, em aviões da S. A. S., e estadia durante oito dias Um relógio «Vulcain» de pulso, para homem

14.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Roma, em avião, e estadia durante oito dias Um relógio «Vulcain» de pulso, para homem

15.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Paris, em avião, e estadia durante oito dias. Um relógio «Vulcain» de pulso, para homem

16.º PRÉMIO

Um televisor «Philips» 20T371, um conjunto de vestuário para homem confeccionado pela CASA AFRICANA.

17.º PRÉMIO

Um frigorífico «Philips» modelo HN-2144; um relógio «Vulcain» de pulso, para homem. Um conjunto de vestuário para homem confeccionado pela CASA AFRICANA.

18.º PRÉMIO

Um gravador «Philips» EL-3302. Um relógio «Vulcain» de pulso, para homem. Um conjunto de vestuário para homem confeccionado pela Casa Africana.

19.º PRÉMIO

Conjunto de vestuário para homem, confeccionado pela Casa Africana

20.º PRÉMIO

Conjunto de vestuário para homem, confeccionado pela Casa Africana. Um relógio «Vulcain» de pulso, para homem.

REGULAMENTO

— a iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente.

— o leitor deverá recortar e preencher EM LETRA BEM LEGÍVEL, o cupão-duplo de identificação que o «Diário de Lisboa» publica e onde deverá inscrever o seu nome completo e morada, a localidade onde reside e, facultativamente a profissão e o número de telefone e ainda o agente ou vendedor a quem adquire o «Diário de Lisboa».

— preenchido o cupão-duplo, este deverá ser remetido para a Rua Castilho, 185, 1.º, Lisboa 1, acompanhado de um selo de 1$00, se pretender que o cartão de identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» lhe seja enviado pelo correio.

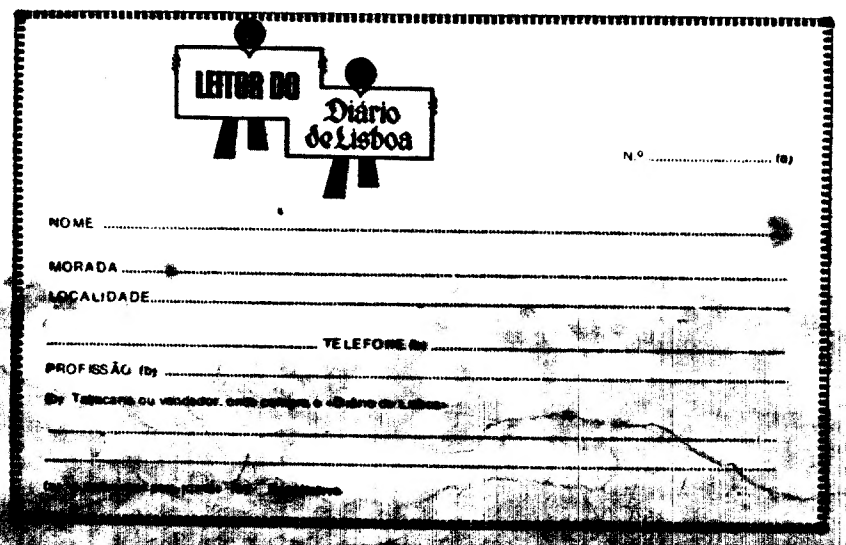
— se o leitor pretender que lhe seja entregue pessoalmente, nos serviços do «Diário de Lisboa» o seu cartão de identidade, não juntará ao cupão-duplo o selo de 1$00 que se destina, lògicamente, a despesas de correio.

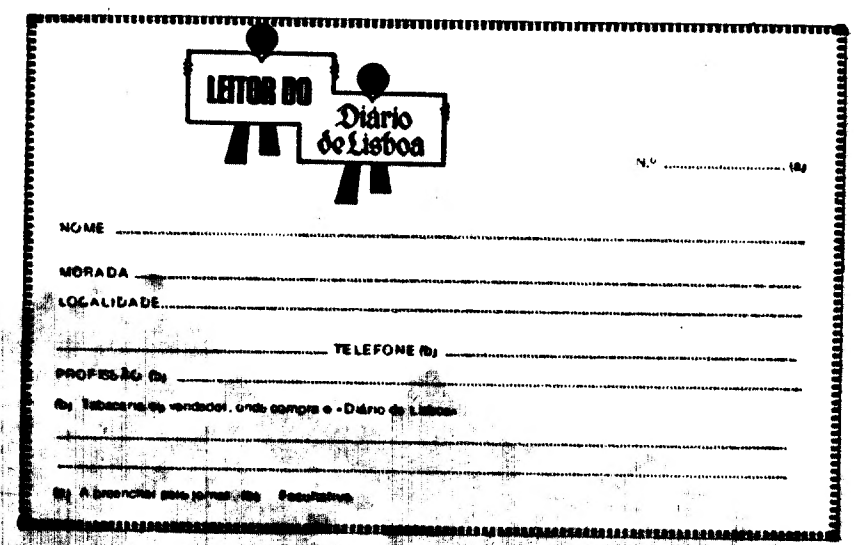
— recebido o cupão-duplo, o leitor ficará classificado por ordem alfabética e numérica e automàticamente habilitado ao sorteio dos prémios instituídos. O cartão de identidade receberá o mesmo número do cupão-duplo.

— o cartão de identidade elucidará o leitor do número que o habilita ao sorteio e ainda a benefícios de outras iniciativas a promover.

— o leitor do «Diário de Lisboa», para poder receber o prémio que lhe for atribuído em sorteio terá de provar ser leitor habitual demonstrando possuir na sua residência o número de «cabeçalhos» do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 7 de Abril e 7 de Julho de 1971. É permitida uma margem de faltas de cinco exemplares por mês.

Por «cabeçalhos» entende-se apenas a parte da primeira página do Jornal onde consta o título deste e a data de publicação.





ATENÇÃO — O cupão-duplo apenas deve ser preenchido e enviado pelos leitores que não participaram na primeira fase da iniciativa. Os outros leitores que já tomaram parte na primeira, estão, automàticamente, habilitados ao sorteio dos prémios da segunda fase.

SEMPRE AO POVO SE DEVE A VERDADE

(Continuação da 1.ª página)

que permitiria a transformação do modesto «Diário de Lisboa» de 1921 no grande jornal que é o «Diário de Lisboa» de 1971. Isto porque, se este jornal não tivesse prosseguido na rota definiac por Joaquim Manso, se não se tivesse sentido sempre obrigado a dizer a verdade ao País, nem teria atingido a sua actual dimensão nem gozaria do prestígio que é o seu melhor património.

«Dizer a verdade ao povo» é efectivamente o lema deste jornal, que não pactua com interesses privados nem se deixa arrastar por orientações alheias às suas, tal como não se deixa tentar pela possibilidade de transigir para obter essa popularidade transitória sempre acessível a quem esquece o que Joaquim Manso pediu para o povo: **«eduquem-no, mas não o pervertam».**

Não é fácil optar pelo caminho de «dizer a verdade», sobretudo quando essa verdade não é agradável ou contraria conceitos ancestrais — só o pode fazer quem está disposto, como disse Joaquim Manso, a ser, por vezes, violento e duro e só pode ser violento e duro quem tem as mãos limpas.

Para que o País ame a verdade e a prefira às meias-verdades agradáveis, é preciso criar o hábito da coragem que não falta a este jornal que Joaquim Manso classificou de **«moderado»,** apesar de a muitos **«poder parecer revolucionário».**

Que esta orientação é a única possível a um jornal, que se preza de exercer uma função actuante e válida, é facto que ninguém poderá contestar, mas o que mais contribui para o legítimo orgulho de quantos trabalham no «Diário de Lisboa» é verificar que esta posição foi compreendida: se «o povo a quem se deve a verdade» a não tivesse entendido, o modesto «Diário de Lisboa» de 1921 não se teria transformado no grande «Diário de Lisboa» agora em vias de se reequipar tècnicamente para corresponder à sua crescente expansão.

A transformação a que nos referimos não é apenas fonte de orgulho — é, sobretudo, fonte de responsabilidades, já que o «Diário de Lisboa» tem, actualmente, uma dimensão que nenhum dos seus fundadores, poderia ter previsto, por mais optimista que estivesse em 1921.

Uma coisa é assim certa: neste momento, em que o País carece de tomar consciência dos problemas que tem de enfrentar, o «Diário de Lisboa», com a isenção e total independência que o caracterizam, nunca hesitará em dizer ao povo a «verdade que lhe é devida», sem transigências interesseiras nem habilidades demagógicas.

NOTA do dia

POSIÇÃO

AFINAL DE CONTAS, o que é que eles querem? Umas vezes parece que dizem bem, outras vezes parece que querem dizer mal, outras vezes então nem sim nem sopas. Nem ninguém entende esta gente. «Eles» e «esta gente» é tudo a mesma coisa: somos nós, os que escrevemos neste lugar. E parece que com este esquema simplista de interpretações não falta quem entenda que se percorre aqui uma linha de hesitações, género passeio de difícil equilíbrio na corda bamba, alcançado com o apoio de marmoba estabilizadora, ao cheiro dos ventos. E os ventos, isso é verdade, como eles andam ásperos nos ásperos dias que são os nossos!

Antes de mais nada, a posição aqui definida e que diàriamente se procura respeitar não é de ninguém em particular, mas a do próprio «Diário de Lisboa», nem decidida ao sabor seja de que oportunismo for, porque ela é de todos os dias e de todos os anos que nesta data se contam por tantos que chegam para perfazer meio centenar. As mesmas interrogações de dúvida às vezes malévola fizeram-nas ao longo de muito tempo, em relação a Joaquim Manso, todos aqueles que só conhecem uma lei, a do seu interesse ou da sua paixão, incapazes de sofrer o confronto da Verdade com a imagem que dela fazem ao sabor dos seus corrilhos.

Essa Verdade com V grande talvez não seja absoluta, cada um idealiza-a pelo paradigma da sua própria consciência, neste caso, atentos como procuramos estar ao que nos vai à volta, sentinela que pretendemos ser em permanente vigilância, neste caso, dizemos, no desejo de descobrir a melhor imagem de interesse nacional. Onde julgarmos que se situa esse interesse, aí se situam também as nossas atenções, a nossa tentativa de análise, a nossa pequena, modesta mas límpida sentença. Amigos? Todos os temos, felizmente. E costuma-se dizer que são para as ocasiões. Mas nesses passos não é disso que se trata. É mais acima:

Esse mais acima é só um e sempre o mesmo. Onde o descortinarmos, aí pretendemos levar a nossa presença e a nossa atenção, para dar palmas ou, se possível, para patear. Em caso de dúvida, para franzir o sobrecenho, não para fazer cara feia nem para meter medos, mas para desenhar e propor uma esperança de correcção que possa vir a tempo. E isto é verdade seja para que banda for. E isto é assim seja para que governo for. Os governos julgam-se também pelas suas intenções, mas esse é o julgamento provisório. O verdadeiro julgamento faz-se pelos seus actos, no processozinho do dia-a-dia e nas grandes conclusões que se apurem.

Somos pelo Governo? Sempre o «Diário de Lisboa» foi por todos os governos, na medida em que se sinta a sua acção corresponder aos anseios de progresso e de justiça que são os de todos os homens. Somos contra o Governo? Nunca o «Diário de Lisboa» se esquivou a essa posição de cada vez que lhe pareceram de assinalar desvios em relação ao rumo do trabalho e da equidade. Pelo sim quando sim, pelo não quando não. E muitos são os ensejos em que fica o lugar para um talvez, que tanto é uma reticência como uma esperança. As certezas cegas, as certezas incondicionais, nada têm com a certeza aferida e corrigida.

Em meio século de vida nunca se procurou outro caminho. Esse foi o património aqui instituído nesta Casa, onde Joaqum Manso foi o chefe e o guia, mestre no pensamento, estímulo para a acção. Não é fácil instituir e manter essa posição. Não é fácil nem é cómodo. Mas não é com comodismos que se ergue e defende um património moral, penhor de uma confiança que nos habituámos a ter e que pretendemos continuar a merecer. À custa de alguns sacrifícios? Eles ficam dentro de nós. As amarguras sofrem-se tanto quanto possível em silêncio. A compensação das horas boas festeja-se no abraço com os que nos acompanham. Assim será como tem sido, já agora ao longo de meio século.

essa história de gato escondido...

...é claro...não lhe diz respeito!

Nós sabemos que a sua mulher só pagou metade da tarifa. A tentação de ver um sonho realizado — o de ter a companhia da sua mulher numa viagem de negócios — está agora realizada! Leve-a aos ESTADOS UNIDOS * numa viagem que pode ir até 50 % do preço do seu bilhete.

Como vê, a TAP oferece-lhe uma viagem... sem preço! Uma viagem de negócio que será para si e para sua mulher — uma viagem de duplo prazer. Viaje em boa companhia — na da sua mulher... e na nossa!

* — Diàriamente para New York — às 4.as e sábados para Boston

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

Consulte o seu Agente de Viagens... e deixe a viagem a seu cuidado.

AMÉRICA através do mundo em boa companhia AMÉRICA

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

UM ENCANTO DE FILME EM 2.ª SEMANA

BRINDE DA PÁSCOA PARA AS CRIANÇAS

5-4-3-2-1-BLAST OFF!

IN COLOR! FASCINATING INTERPLANETARY SPACE TRIPS

Distribuído por

Exclusivos Triunfo

maiores de 6 anos

VIAGENS de GULLIVER PARA ALEM DA LUA

Desenho animado COLORIDO

Somente às matinées de todos os dias no ODEON

«POP MUSIC» NA QUINTA DAS MOURAS — O jovem conjunto «What», formado por estudantes actuou há dias pela primeira vez ao ar livre. Bateria, órgão e guitarras eléctricas assentaram arraiais frente à nova discoteca de «O Quiosque» (Quinta das Mouras). Dos prédios circundantes desceram rapazes e raparigas para se integrarem no ritmo da «pop music». As janelas encheram-se animando um fim de tarde na Praça Rainha Santa, ao Lumiar

ÚLTIMOS DIAS

HOJE, ÀS 21.45 H.

7.ª semana

(Maiores de 17 anos)

AR CONDICIONADO TEATRO VILLARET o mais moderno e confortavel de lisboa

DEPOIS DA QUEDA

AFTER THE FALL

LURDES NORBERTO / ROGÉRIO PAULO

LAURA SOVERAL — LUÍSA NETO — EDUARDA PIMENTA
BAPTISTA FERNANDES — ANTÓNIO MONTEZ
CARLOS SANTOS — LIBÂNIA FEITEIRA

Subsídios: Fundo de Teatro e Fundação Gulbenkian

PEÇA DE Arthur Miller

AMANHÃ, às 18.30 horas
SÁBADO, às 18.30 horas
DOMINGO DE PÁSCOA, às 11 horas (6 anos)

A PEÇA INFANTIL (EM ULTIMOS DIAS)

EMÍLIO E OS DETECTIVES

3K MOVEIS

R. PASCOAL DE MELO 7 e 47 • TEL. 49607

TRINDADE

HOJE, ás 21.45 horas
(Adultos)

E SÓ ATÉ AO DIA 11

O DUELO

de BERNARDO SANTARENO

Sábado — Tarde às 16 horas a preços reduzidos

Domingo — Tarde dedicada a estudantes

COLISEU

AMANHÃ, ÀS 21.30
(Maiores de 6 anos)

OS GRANDES FILMES

O DIVINO MESTRE

•

Aquele Fato Branco

PREÇOS POPULARES

Sexta-feira: O mesmo programa: Á TARDE, ás 16 h. — Á NOITE, ás 21.30

Bilhetes á venda

MAIS TRÊS ESPECTÁCULOS COM «EMÍLIO E OS DETECTIVES»

A peça «Emílio e os detectives», tirada do conhecido romance homónimo de Erich Kästner, volta amanhã á tarde (18 e 30) ao Villaret. Mais dois espectáculos, os últimos em definitivo programados pelo TEJE (Teatro do Jovem Espectador), estão previstos para sábado, ás 18 e 30, e domingo, ás 11 da manhã.

Coincidindo com esta derradeira série de apresentações, ficam também amanhã á tarde patentes no «foyer» do Villaret, com entrada livre, os desenhos feitos pelos jovens espectadores que assistiram a «Emílio e os detectives». São aproximadamente 200 obras executadas por crianças entre os 6 anos e os 11 anos de idade.

O Teatro do Jovem Espectador, ao tomar esta iniciativa, teve o objectivo de criar na criança um significativo centro de interesse que estimulasse uma linguagem psíquica e contribuísse para a formação da sua personalidade, facilitando-lhe uma mais ampla visão do quotidiano. Os desenhos serão sujeitos á apreciação pedagógica de Cecília Menano, dr.ª Rosalina Cunha, dr.ª Antónia Augusto e prof. Calvet de Magalhães.

MODELAGEM DE FANTOCHES

COIMBRA, 7 — O Ateneu de Coimbra vai promover, a começar no dia 15, um curso de modelagem de fantoches, destinado aos seus familiares.

Anel perdeu-se

Anel ouro amarelo cinzelado, com brilhante. Grande estimação. GRATIFICA-SE BEM. Telef. 712317-556052.

A. GAMA REIS

(MR. CORK)

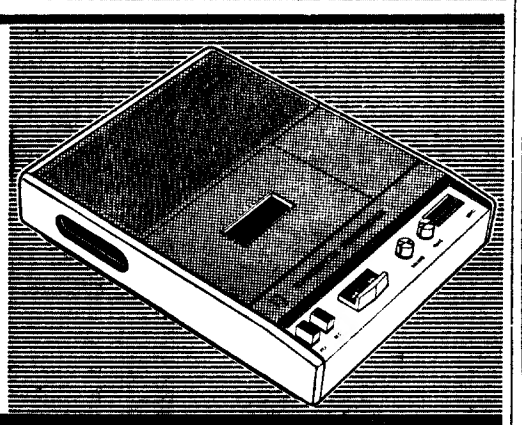
Member of Portuguese Chamber of Commerce WELCOMES YOU AT CASA DAS CORTIÇAS (CORK HOUSE) And at Metrópolis (Mrs. Corks Souvenir Shop)

4—R. Escola Politécnica—10
LISBON PORTUGAL Phone 32 58 58 Grams Isolantes

NOVO GRAVADOR DE "CASSETTES"

PHILIPS

MODELO N 2204



UMA PRENDA PARA RECORDAR

Em LEIRIA o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por Baltazar & Rodrigues. Rotunda de Santana. 1

TEATRO VARIEDADES TEL 326037

HOJE: AS 21.45 H.

5.ª SEMANA

UMA COMÉDIA DE GARGALHADA PERMANENTE

de Francis Veber

O contrato

Adultos

com RIBEIRINHO • HENRIQUE SANTANA • e estreia no teatro declamado SIMONE DE OLIVEIRA

SÁBADO: ÁS 21.45 H.
DOMINGO: ÁS 16 H.

TEATRO CAPITÓLIO TEL. 327493

HOJE, ÁS 21.45 H.

DOMINGO: Á TARDE, ÁS 16 H. (Adultos)

VASCO MORGADO APRESENTA LAURA ALVES

A QUERIDA MAMA

"LA MAMMA"

12.ª SEMANA

TEATRO MONUMENTAL TEL. 555133

(Adultos)

VASCO MORGADO apresenta HOJE, ás 21.45 h.

uma comédia de Barillet & Grédy

numa tradução de Jerónimo Bragança

Quarenta Quilates

com Milú lado a lado com Irene Isidro, Armando Cortez, Maria Adelina, Guida Maria, Luís Pinhão, Óscar Caetano, António Machado, António Semedo e a colaboração especial de Maria Paula

Uma encenação de Armando Cortez
Cenas de António Casimiro

TEATRO LAURA ALVES TEL. 864756

Brevemente:

VASCO MORGADO apresenta

(Adultos)

SÓ AS BORBOLETAS SÃO LIVRES

de LEONARDO GERSHE

Em todos os palcos do mundo... A COMÉDIA DO ANO

encenação de António de Cabo

DESCANSO DAS COMPANHIAS 6.ª-FEIRA (SANTA)

Teatro TELEF. 717017 Maria Matos

HOJE ÀS 21,45 H.

e só até domingo, 11

DESCANSO DA COMPANHIA 6.ª FEIRA

M/ 17

O INVULGAR ESPECTACULO

as irmãzinhas

De Eduardo Manet • Encenação de Costa Ferreira

NOTAVEL REALIZAÇÃO DO grupo 4

NESTA CURTA SÉRIE DE ESPECTÁCULOS, ATÉ 11 DE ABRIL, OS JOVENS DOS 17 AOS 24 ANOS TÊM SEMPRE O DESCONTO DE 50 %

BREVEMENTE Maiores 17 anos

JOGOS DE SOCIEDADE

APAIXONANTE COMÉDIA DRAMÁTICA PARA 150 MINUTOS DE INTENSA VIBRAÇÃO

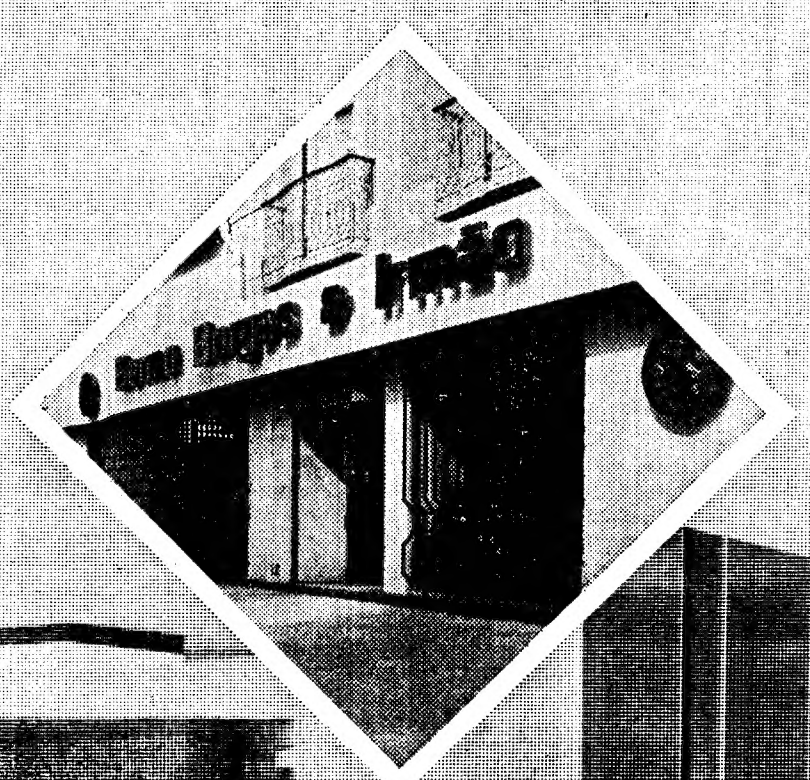
VA CEAR A FURNA VA CEAR A FURNA VA CEAR A FURNA VA CEAR A FURNA VA CE
a duque de loulé - rua ferreira lapa 38 d - a duque de loulé - rua ferreira lapa

AGÊNCIA EM
SETÚBAL
novas instalações

com toda a comodidade tem
ao seu dispôr os nossos serviços
nas novas instalações desta Agência

Banco Borges & Irmão

Av. Luísa Todi, 290-298



VIDA MUSICAL

Concerto na Igreja Evangélica Alemã

Amanhã à noite (21 e 30), com entrada livre, há mais um concerto na Igreja Evangélica Alemã, Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 48.

Actuam o organista Richard Voge, professor da Escola de Música Sacra de Herford, com obras de Buxtehude, Bach e Rössler; e o Coro Bach, dirigido pelo maestro Pierre Salzmann, que cantará um coral da «*Paixão segundo S. João*», de J. S. Bach, e, em primeira audição em Portugal, a cantata «*As sete palavras de Jesus Cristo na Cruz*», de Heinrich Schütz, tendo como solistas Fernando Serafim (tenor), Christa Schickert (soprano), Diana Burger-Frias (mezzo-soprano), Manuel Lisboa (tenor) e António Leitão (baixo).

abc Adultos

Telef. 36 67 45

EMPRESA TEATRAL JOSÉ MIGUEL, LDA.

HOJE, 2 ESPECTACULOS 20.45 e 23 h.

A REVISTA POPULAR

FRANGAS NA GRELHA

EM 3.º MÊS DE EXIBIÇÃO

Uma produção de Humberto Cunha

interpretada por um elenco de primeiras figuras: IVONE SILVA NICOLAU BREYNER, ANITA GUERREIRO, ÓSCAR ACÚRSIO Anabela, Luis Horta, Maria Tavares, Orlando Fernandes, Nina Flores, Lina Morgado, Eduardo Vilaverde, Fernanda Pinto, Leonor Cafum e, em participação especial, TONY DE MATOS

ATENÇÃO: O repouso semanal da Companhia será na próxima 6.ª-feira.

NAO HA MA DISPOSIÇAO QUE RESISTA AS «COMPUTADELAS» DESTE FILME

UM FILME DE WALT DISNEY PRODUCTIONS

O COMPUTADOR DE SAPATOS DE TENIS

(THE COMPUTER WORE TENNIS SHOES)

com KURT RUSSELL · CESAR ROMERO · JOE FLYNN

M/ 12 anos TECHNICOLOR Exclus.

AMANHÃ — ESTREIA

EUROPA

AS 15.15

MATINÉES INFANTIS ÀS 18.15 A PARTIR DE AMANHÃ E ATÉ DOMINGO COM O FILME

«BAMBI»

PIANOLA

AUTO - RÁDIO DE TÉCNICA AVANÇADA

Representantes exclusivos para Portugal:

STAND ASLA — PORTO

BICO DOURADO

FERNANDO SEQUEIRA E SEU CONJUNTO E LUZ NAZARÉ AO MICROFONE

Rua da Misericórdia, 12 — Tel. 368649 M/21

DE ONTEM PARA HOJE

A HOMENAGEM DE LOUSADO

A freguesia de Lousado, no concelho de Vila Nova de Famalicão, homenageou ontem a memória do Conde da Covilhã. Homenagem merecida, mostrando que os de Lousado não esquecem quem muito elevou o nível material e moral da freguesia. Foi descerrado um busto daquele falecido banqueiro e industrial, que ali fixou uma indústria como a Mabor. Ao descerramento do busto, obra de mestre Leopoldo de Almeida, procedeu a sr.ª condessa da Covilhã; presentes diversas pessoas de família, como a filha do homenageado D. Maria Manuela Quina, seu marido dr. Miguel Quina, eng.º Miguel Resende, dr. Nuno Simões, todo o povo de Lousado. Falaram o operário Oliveiros Pires e o presidente da Junta de Freguesia de Lousado. Foi lida, por um seu sobrinho, mensagem do sr. cardeal-patriarca: «Longe, por desígnios da Providência, de Lousado, e sendo hoje de outros que me chamam pai na fé e mestre e pastor, trago sempre dentro de mim a terra onde nasci. Para os meus olhos é sempre a mais linda. Julgo tê-lo dito já na festiva inauguração da fábrica da Mabor. Recordo-o para explicar que não poderia deixar de estar presente, em espírito, nesta homenagem que Lousado todo presta. 25 anos feitos á memória de quem escolheu Lousado para (segundo uma frase sua que nos envaidece a todos) «sua segunda terra». E esta escolha (não o antevira eu no acto da inauguração?) foi a origem do desenvolvimento social desta terra humilde e terna onde corre docemente, entre pinheiros e campos verdes, o rio Ave. O sr. conde da Covilhã pertence-lhe, é glória sua». Em nome da família, agradeceu o dr. Miguel Quina.

SETE FERIDOS

Sete feridos foi o balanço de um desastre de automóvel, ocorrido pelas 20 horas, junto do aqueduto Duarte Pacheco. O embate deu-se entre quatro carros, três deles ficando muito danificados. Um carro, guiado pelo empregado de escritório sr. Francisco João Grave, saiu do viaduto e entrou na encosta, virou inopinadamente á esquerda, como que ia para a ponte sobre o Tejo. Outro carro lhe apareceu á frente. O embate foi violento e outros dois vieram chocar também. O segundo carro era guiado pelo sr. Francisco José Coelho, o terceiro pela médica sr.ª dr.ª D. Maria Luísa Lima de Almeida e Costa Dias, o último pelo sr. Fernando Aleixo da Costa Cabral. Internados em estado grave, em São José, os condutores dos dois primeiros carros e mais os srs. José Augusto Rodrigues, de 18 anos e Aleino Fontes, de 24. Aquela médica, um sobrinho e dois filhos que a acompanhavam ficaram ligeiramente feridos.

ANDAIME DE MORTE

Na Rua A, á Quinta da Casquilha, um operário desequilibrou-se e caiu de um andaime, indo morrer ao Hospital de São José. Era o servente de obras sr. Luís de Sousa Agrela, de 42 anos, morador na Falagueira, perto da Amadora.

PARA ALÉM DESTE RISO CONFIANTE...

... para além, está a vida. Está a alegria. Está o sonho. Está uma impetuosa força que é mais forte que o vento. Mais forte que o mar. Para além deste riso confiante está a esperança. Está o amor. Mas está também a tensão. A luta. O acidente. As inúmeras situações de competição que é preciso enfrentar e vencer. E mais para além, ainda, estarão outras vidas que dependem da protecção que lhes for dispensada, da lucidez com que for planificado o seu futuro, de serenidade e confiança que caracterizar os seus primeiros anos. Agora e além estamos nós. Porque estamos onde está o sonho. Onde está a esperança. Onde está a vida. Estamos onde é necessário garantir o sonho. Manter a esperança. Viver a vida. Estamos onde for preciso lutar por esses valores. Ou, pelo menos, assegurá-los. Estaremos sempre onde precisarem de nós e quando for mais urgente que estejamos. Basta chamar. Estaremos com ele. Com ela. Convosco. Toda a vida.

FIDELIDADE 1836

FIDELIDADE · SEGUROS

uma companhia para toda a vida

14-3-71

VIDA MUSICAL

Concerto na Igreja Evangélica Alemã

Amanhã à noite (21 e 30), com entrada livre, há mais um concerto na Igreja Evangélica Alemã, Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 48.

Actuam o organista Richard Voge, professor da Escola de Música Sacra de Hertord, com obras de Buxtehude, Bach e Rösler; e o Coro Bach, dirigido pelo maestro Pierre Salzmann, que cantará um coral da «*Paixão segundo S. João*», de J. S. Bach, e, em primeira audição em Portugal, a cantata «*As sete palavras de Jesus Cristo na Cruz*», de Heinrich Schütz, tendo como solistas Fernando Serafim (tenor), Christa Schickert (soprano), Diana Burger-Frias (mezzo-soprano), Manuel Lisboa (tenor) e António Leitão (baixo).

abc Adultos

Telef. 36 67 45

EMPRESA TEATRAL JOSÉ MIGUEL, LDA.

HOJE, 2 ESPECTACULOS 20.45 e 23 h.

A REVISTA POPULAR

FRANGAS NA GRELHA

EM 3. MES DE EXIBIÇÃO

Uma produção de Humberto Cunha

interpretada por um elenco de primeiras figuras: IVONE SILVA NICOLAU BREYNER, ANITA GUERREIRO, ÓSCAR ACURSIO Anabela, Luis Horta, Maria Tavares, Orlando Fernandes, Nina Flores, Lina Morgado, Eduardo Vilaverde, Fernanda Pinto, Leonor Cafum e, em participação especial, TONY DE MATOS

ATENÇÃO: O repouso semanal da Companhia será na próxima 6.ª-feira.

NAO HA MA DISPOSIÇAO QUE RESISTA AS «COMPUTADELAS» DESTE FILME

UM FILME DE WALT DISNEY PRODUCTIONS

O COMPUTADOR DE SAPATOS DE TENIS

(THE COMPUTER WORE TENNIS SHOES)

com KURT RUSSELL · CESAR ROMERO · JOE FLYNN

William SCHALLERT · Alan HEWITT · Richard BAKALYAN

Roteiro por JOSEPH L. McEVEETY · Produção BILL ANDERSON · Realização ROBERT BUTLER

M/ 12 anos TECHNICOLOR Exclus.

AMANHÃ — ESTREIA

EUROPA

AS 15.15

MATINEES INFANTIS ÀS 18.15 A PARTIR DE AMANHÃ E ATÉ DOMINGO COM O FILME

«BAMBI»

PIANOLA

AUTO - RÁDIO DE TÉCNICA AVANÇADA

Representantes exclusivos para Portugal:

STAND ASLA — PORTO

BICO DOURADO

FERNANDO SEQUEIRA E SEU CONJUNTO

E

LUZ NAZARÉ

AO MICROFONE

Rua da Misericórdia, 12 — Tel. 368649 M/21

DE ONTEM PARA HOJE

A HOMENAGEM DE LOUSADO

A freguesia de Lousado, no concelho de Vila Nova de Famalicão, homenageou ontem a memória do Conde da Covilhã. Homenagem merecida, mostrando que os de Lousado não esquecem quem muito elevou o nível material e moral da freguesia. Foi descerrado um busto daquele falecido banqueiro e industrial, que ali fixou uma indústria como a Mabor. Ao descerramento do busto, obra de mestre Leopoldo de Almeida, procedeu a sr.ª condessa da Covilhã; presentes diversas pessoas de família, como a filha do homenageado D. Maria Manuela Quina, seu marido dr. Miguel Quina, eng.º Miguel Resende, dr. Nuno Simões, todo o povo de Lousado. Falaram o operário Oliveiros Pires e o presidente da Junta de Freguesia de Lousado. Foi lida, por um seu sobrinho, mensagem do sr. cardeal-patriarca: «Longe, por designios da Providência, de Lousado, e sendo hoje de outros que me chamam pai na fé e mestre e pastor, trago sempre dentro de mim a terra onde nasci. Para os meus olhos é sempre a mais linda. Julgo tê-lo dito já na festiva inauguração da fábrica da Mabor. Recordo-o para explicar que não poderia deixar de estar presente, em espírito, nesta homenagem que Lousado todo presta. 25 anos feitos á memória de quem escolheu Lousado para (segundo uma frase sua que nos envaidece a todos) «sua segunda terra». E esta escolha (não o antevira eu no acto da inauguração?) foi a origem do desenvolvimento social desta terra humilde e terna onde corre docemente, entre pinheiros e campos verdes, o rio Ave. O sr. conde da Covilhã pertence-lhe, é glória sua». Em nome da família, agradeceu o dr. Miguel Quina.

SETE FERIDOS

Sete feridos foi o balanço de um desastre de automóvel, ocorrido pelas 20 horas, junto do aqueduto Duarte Pacheco. O embate deu-se entre quatro carros, três dos quais ficando muito danificados. Um carro, guiado pelo empregado de escritório sr. Francisco João Grave, saiu do viaduto e entrou na encosta, virou inopinadamente á esquerda, como que ia para a ponte sobre o Tejo. Outro carro lhe apareceu á frente. O embate foi violento e outros dois vieram chocar também. O segundo carro era guiado pelo sr. Francisco José Coelho, o terceiro pela médica sr.ª dr.ª D. Maria Luísa Lima de Almeida e Costa Dias, o último pelo sr. Fernando Afeixo da Costa Cabral. Internados em estado grave, em São José, os condutores dos dois primeiros carros e mais os srs. José Augusto Rodrigues, de 18 anos e Alcino Pontes, de 24. Aquela médica, um sobrinho e dois filhos que a acompanhavam ficaram ligeiramente feridos.

ANDAIME DE MORTE

Na Rua A, á Quinta da Casquilha, um operário desequilibrou-se e caiu de um andaime, indo morrer ao Hospital de São José. Era o servente de obras sr. Luís de Sousa Agrela, de 42 anos, morador na Falagueira, perto da Amadora.

PARA ALÉM DESTE RISO CONFIANTE...

... para além, está a vida. Está a alegria. Está o sonho. Está uma impetuosa força que é mais forte que o vento. Mais forte que o mar. Para além deste riso confiante está a esperança. Está o amor. Mas está também a tensão. A luta. O acidente. As inúmeras situações de competição que é preciso enfrentar e vencer. E mais para além, ainda, estarão outras vidas que dependem da protecção que lhes for dispensada, da lucidez com que for planificado o seu futuro, da serenidade e confiança que caracterizar os seus primeiros anos. Agora e além estamos nós. Porque estamos onde está o sonho. Onde está a esperança. Onde está a vida. Estamos onde é necessário garantir o sonho. Manter a esperança. Viver a vida. Estamos onde for preciso lutar por esses valores. Ou, pelo menos, assegurá-los. Estaremos sempre onde precisarem de nós e quando for mais urgente que estejamos. Basta chamar. Estaremos com ele. Com ela. Convosco. Toda a vida.

FIDELIDADE 1836

FIDELIDADE · SEGUROS

uma companhia para toda a vida

M/3.71

CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

TERÇA-FEIRA DE CINZA

Antes do «Sangue na Estrada» tivemos, tivemos e tivemos o bilhete postal com a estátua de D. José. Depois, Maria Fernanda veio pedir-nos desculpa e comunicar que a rubrica seguia imediatamente. Não seguia. Voltou o bilhete postal equestre. Até que, finalmente, Joaquim Filipe Nogueira apareceu para nos ler um resumo, melhor dizendo: um apontamento sobre a actividade dos agentes da Guarda Nacional Republicana, fornecido pelo respectivo comando. A este propósito, surge-nos um Filipe Nogueira implacável, a transformar «Sangue na Estrada» em sucursal da guilhotina. Ei-lo a aconselhar uma acção educativa, mas não apenas educativa; uma acção repressiva, mas repressiva a distância, a longo prazo. Deveriam ser proibidos de guiar todos os energúmenos que por aí andam. Palavra de ordem de *Sangue na Estrada*, na emissão de ontem: *Cartas fora para toda a vida!*

Fora isso, o que é que se viu, perdão, o que é que se ouviu mais na rubrica? A onda verde e o problema dos cintos de segurança. Também, nos seus breves 10 minutos quinzenais, o que é que se podia mais fazer ou dizer?

Da programação de ontem destacou-se a rubrica musical de que participaram Barenboim e sua mulher, a violoncelista Jacqueline Dupré. Houve pouco Barenboim e muito Beethoven. Equivale a dizer isto que todos ficámos a ganhar. Todos ficamos mesmo a ganhar com a demora na transmissão desta rubrica.

Antes de acabar esta minha apressada crónica de hoje, quero referir-me à explicação fornecida pela R. T. P., durante o Telejornal a propósito do filme que antecedeu em Dublin a actuação de Tonicha.

Tudo aconteceu assim: a R. T. P. enviou para a Irlanda um filme de extensão desproporcionada às necessidades. Na Irlanda fizeram aquilo a que o comunicado da R. T. P. chamava «amputações que alteraram». Saiu a linda obra que nós vimos durante o festival e de que foram pedidas satisfações à Televisão irlandesa.

Rádio

PROGRMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa metropolitano — Ás 16: Noticiário; 16 e 05: Programa da Juventude; 17 e 30: Musica portuguesa; 18 e 05: Ao encontro da melodia; 18 e 30: Meridiano, programa organizado pelo Círculo de Estudos da Procuradoria dos Estudantes Ultramarinos; 18 e 50: Melodias de cinema; 19 e 10: O mundo em musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Interludio; 20 e 30: 11.º Episódio do Folhetim «Ben-Hur»; 20 e 52: A acordeonista: Yvette Horner; 21: Momento 71; 21 e 20: Ritmos em contraste; 21 e 40: Programa pela Orquestra Ligeira Portuguesa da Emissora Nacional; 22: Língua portuguesa, pelo dr. Malaca Casteleiro; 22 e 10: Grupo coral «Os trabalhadores de Ferreira do Alentejo» 22 e 30: Melodias de cinema; 23 e 05: Girândola. 24: Fecho.

2.º Programa Metropolitano— 16: Comemorações de Beethoven de 1970 (gravações cedidas pela Radiodifusão Suíça, de Lousana); 16 e 33: Concerto pela orquestra (Lutoslawski), pela Orquestra Sinfónica do Filamónica Nacional de Varsóvia, sob a direcção de Witold Rowicki; 17 e 05: Teatro de todos os tempos, pelo dr. Eurico Lisboa (Filho) «O Drama da Paixão Bizantino»; 17 e 40: Quarteto n.º 72, em dó maior op. 74 n.º 1 (Haydn), pelo quarteto «Grillen»; 18: Musica do século XX; 19: Semanário musical; 20: Diário sonoro; 20 e 20: O pianista Ruri Boukoff — Islamey (Balakirew); 20 e 30: A oratória «A infância de Cristo» de Berlioz, comentada por Maria Helena de Freitas; 22 e 21: Concerto para violino e orquestra (Khachaturian), violino Henryk Szeryng; Orquestra Sinfónica de Londres, sob a direcção de Antal Dorati; 22 e 58: Fecho.

Programa Estereofónico —MF 2 — Ás 20 e 30: A orquestra James Last (arranjos de trechos ligeiros simfónicos)· 20 e 45: Musica portuguesa; 21: Ritmo de Casatschok, pela orquestra Dimitri Durakin; 21 e 10: Conjunto «The Doors»; 21 e 25: Sounds Orchestral: 21 e 40: Os «Ten Wheel Drive», com a voz de Genya Raovn; 22: Melodias por instrumentistas; 22 e 20: No mundo da canção; 22 e 40: Jazz com Oscar Peterson «Night Train II»; 23: Os grandes solistas — O violoncelista Pierre Fournier; o pianista Artur Rubinstein: Noite nos jardins de Espanha (Falla); 0 e 12: Musica de câmara; 0 e 42: Canções — O trabalho do pintor (Poulenc), John Boyden, barítono; John Newmark, piano; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Ás 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa á tarde: 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio Jornal; 20 e 07: Festival; 20 e 30: Semana 7: 20 e 45· Robbialac, 21 e 03: Presença do fado: 21 e 15: O desporto no mundo; 22 e 03: Impacto; 22 e 30· Quando o telefone toca; 23 e 05: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Ás 16 e 04: Programa C. D. C; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda sonora; 2 e 02: Perspectiva, 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 mc/s — 782 kc/s — Ás 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânnea; 19 e 20: Philips; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: Só-rádio; 21 e 40: Vozes do Brasil; 21 e 45: O arauto da verdade: 22 e 03: O Santo, 22 e 15· Mensagens bíblicas; 22 e 30: Tirocínio; 23 e 04: Clube da juventude.

RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m — 1285 kc/s — Ás 16: Radiorama; 18 e 05: Acerte connosco; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Diálogo com os que sofrem; 19 e 30: Página um: 20 e 55: Meditando: 21 Exitos do disco; 21 e 30· Dina do Carmo e Fernando Rebocho Lima; 21 e 45: Livros e leituras; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Noite e ritmo, 22 e 45: Musica variada: 23: A 23.ª hora

Estação do Porto —256.6 m — 1169 kc/s — Ás 16: Radioroma; 18: Vozes europeias; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires em Lisboa; 19 e 05: Diálogo com os que sofrem· 19 e 30: Página um· 20 e 55: Meditando; 21: Eventual; 21 e 45: Livros e leituras: 22: Auditório; 23: A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s. **Rádio Peninsular** — Dos 7 ás 8 e dos 22 ás 2 **Rádio Graça** — Dos 8 ás 11 e dos 17 ás 22. **Clube Radiofónico de Portugal** — Dos 14 e 30 ás 17. **Rádio Voz de Lisboa** — Dos 11 ás 14 e 30.

SEXTA-FEIRA SANTA

A União de Grémios de Lojistas de Lisboa avisa todas as firmas inscritas nos Grémios Concelhios dos Comerciantes de:

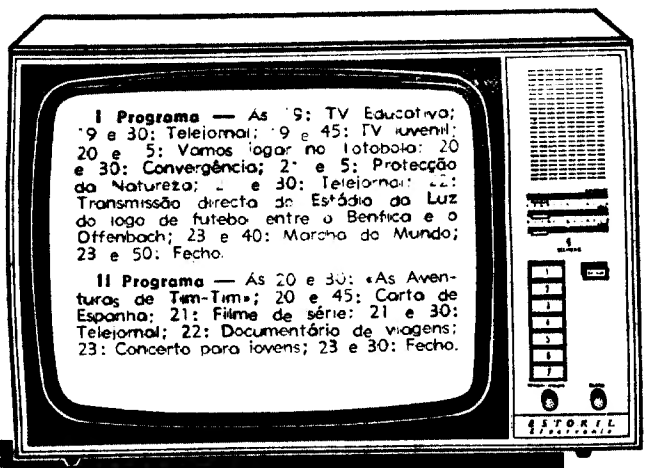
— Vestuário de Senhora e Luvaria;
— Camisaria e Malhas;
— Sapataria;
— Tecidos
e
— Drogaria e Perfumaria de Lisboa

que o próximo dia 9 (SEXTA-FEIRA SANTA) obriga ao encerramento dos respectivos estabelecimentos comerciais, nos termos do disposto no n.º 2 da Base VI da Portaria de 9 de Março último, de Sua Ex.ª o Secretário de Estado do Trabalho e Previdência.

A DIRECÇÃO

TV dia a dia

HOJE PODE VER...



SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

AMANHÃ — *I programa* — Às 19 e 30. Abertura e Telejornal, 1.ª edição; 19 e 45: Documentário «Paulo, pastor de um novo mundo»; 20 e 10: Eurovisão, basquetebol (transmissão directa de Antuérpia da final da Taça dos Campeões Europeus). 21 e 30 Telejornal, 2.ª edição e boletim meteorológico; 22: Concerto, «Missa em si menor», de Bach, pelo Coro e Orquestra de Bach, de Munique, dirigida pelo prof. Karl Richter. Solistas: Gundula Janowitz, Herta Toopper, Horst Lauberthahe e Hermann Prey; 0 e 15: Marcha do Mundo, serviço informativo; 0 e 25: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 21 e 30: Telejornal, 2.ª edição (simultaneamente com o I Programa); ás 22: «A Ratoeira»; 22 e 25: Jornada na Galileia (documentário); 23 e 20: Fecho.

LS SOC. CONSTRUTORA LUSO SUÍÇA, SARL

EMPREITEIROS DE OBRAS PÚBLICAS
PROJECTOS E CÁLCULOS

RUA DO ALECRIM, 65-2.º Dto.
LISBOA

É DE 25,6 MILHARES DE CONTOS O SALDO REAL DAS CONTAS PÚBLICAS DE 1970

Um saldo real de 25,6 milhares de contos é o resultado da gerência dos dinheiros públicos em 1970— concluiu-se da análise da conta provisória dos meses de Janeiro a Dezembro do referido ano.

O saldo da gerência ascende a 1015,6 milhares de contos mas a sua maior parte constitui «uma provisão para a cobertura de determinadas despesas que não puderam ser liquidadas no ano de 1970 e que atingem aproximadamente 990 milhares de contos».

Segundo uma nota distribuída á Imprensa pelo Ministério das Finanças, «a actividade financeira desenvolveu-se por forma acentuadamente favorável durante o exercício», salientando-se que as receitas cobradas foram de 32 750,2 milhares de contos (29 730 milhares do orçamento ordinário e 3020,2 milhares do extraordinário) e as despesas pagas foram de 31 734,6 milhares de contos (17 630,9 milhares de contos pagos pelo orçamento ordinário e 14 103,7 milhares pelo extraordinário).

De acordo com a nota, «o excedente dos recursos normais alcançou o alto valor de 12 099,1 milhares de contos, sem precedente nas gerências anteriores, permitindo suportar não só todos os encargos da defesa nacional não cobertos por recursos especiais como também custear grande parte das despesas de investimento».

As despesas ordinárias pagas foram as seguintes, por sectores em milhares de contos (indicando-se, entre parêntesis, a diferença em relação a 1969):

Encargos gerais da Nação: 1552,7 (+14,7%); Finanças: 3995,2 (+9,6%); Interior: 953,5 (+20,9%); Justiça: 289,1 (+17,6%); Exército 1566,8 (+18,4%); Marinha: 1284,5 (+19,3%); Negócios Estrangeiros: 342,6 (+15,9%) Estrangeiros: 342,6 (+15,9%); Obras Publicas: 844,4 (—4,7 %); Ultramar: 113,1 (+ 17 %); Educação Nacional: 2743,1 (+31,5%); Economia: 627 (—4,4%); Comunicações: 2309,9 (+28,1%); Corporações e Previdência Social: 108,4 (+21,5%); Saude e Assistência: 1290,6 (+16,8%).

Deste modo, a soma da despesa ordinária atinge 17 630,9 milhares de contos (+16,7% em relação a 1969.

Quanto ás despesas extraordinárias atingiram 14 103,7 milhares de contos (+11,9% em relação a 1969), assim distribuídos: Encargos gerais da Nação: 9667,7 (+12,7%), Finanças: 188,5 (—32,4%), Interior: 11,5 (+130%); Exército: 2,3 (+15%); Marinha: 21,4 (+23%); Obras Publicas: 2057,2 (+13,7%); Ultramar: 726 (+7,2%); Educação Nacional 279,4 (+14,6%); Economia. 587,1 (+3,2); Comunicações: 331,6 (+25,8%); Corporações e Previdência Social: 0,6 (+500%); Saude e Assistência: 190,4 (+44.6%).

COMEMORAÇÕES DO 9 DE ABRIL

A comissão administrativa da agência de Lisboa da Liga dos Combatentes promove, na sexta-feira, cerimónias comemorativas do 53.º aniversário da batalha de La Lys, com o seguinte programa: ás 10 horas, concentração junto á cripta e deposição de flores nos talhões privativos e na cripta no cemitério do Alto de S. João; e ás 11, deposição de flores no monumento aos combatentes, na Avenida da Liberdade.

DADOS NOVOS NOMES (INCLUINDO O DE JOÃO DE BARROS) A RUAS DE LISBOA

Por editais do Município foram atribuídos nomes aos seguintes arruamentos: à 4.ª T. E. da Estrada do Desvio, Rua Actor Epifânio (1813-1857); à Rua B, à Rua Marquês de Olhão, Rua Actor Augusto de Melo (1853-1933); à Rua C, à Rua Marquês de Olhão, Rua D. Tomás de Melo Breyner (1863-1933); à Rua C, à Rua General Justiniano Padrel, Rua Álvares Fagundes, Navegador (Século XVI); à Rua A, à Rua do Cruzeiro, Rua Eng. António Maria de Avelar (1854-1912); ao Impasse 2, à Estrada de Moscavide, Rua Dr. Rui Gomes de Oliveira, Médico (1912-1964); ao Impasse 3, à Estrada de Moscavide, Rua José Campas, Pintor (1888-1971); ao Impasse 5, à Estrada de Moscavide, Rua Dr.ª Sara Benoliel, Médica (1898-1971); ao arruamento ou impasse junto da Avenida General Roçadas e Vila Valente, constituindo um único arruamento de ligação entre a referida Avenida e a Rua Castelo Branco Saraiva, Rua Prof. Celestino da Costa (1884-1956); ao Impasse A4, da Quinta do Morgado, à Encarnação, Rua Dr. José Saraiva, Publicista (1881-1962); à Rua A da Quinta do Morgado, à Encarnação, com o Impasse A5 incluído, Rua Vice-Almirante Augusto de Castro Guedes (1819-1896); à Rua B da Quinta das Palmeiras, à Estrada do Poço do Chão (antes Rua L e parte da Rua I), Rua Dr. João de Barros, Escritor (1881-1960); ao arruamento circundante do Estádio do Sporting Clube de Portugal, Rua Francisco Stromp, Desportista (1891-1930); ao arruamento paralelo ao caminho-de-ferro, junto da Rua D. Luís de Noronha, Rua Actor Alves da Costa (1898-1971); à Rua E-1, com os Impasses EL, EM e EM, EN e EO, da Célula E de Olivais-Sul, Rua da Manhiça; à Rua E-5, com os Impasses EP, EQ, ER, ES e ET, Rua de Marracuene; à Rua E3, com o Impasse EZ, Rua de Chibuto; ao Impasse EG, Rua do Dondo; à Rua 3, com os Impasses 3-A e 3-B, Rua de Macimboa da Praia; aos Impasses EC e EC, Rua de Montepuez; ao Impasse EB, Rua do Iho; aos Impasses EA' e EA", Rua de Macia; ao Impasse EA, Rua de Marajacaze; ao Impasse EE, Rua de Vila Alferes Chamusca; à Rua 2, com os Impasses EF, 2-B, 2-C e 2-D, Rua de Vila Fontes, e à Rua 1, com o Impasse adjunto, Rua Vila Sena.

A Praça de D. Pedro (Rossio) pasou a denominar-se Praça de D. Pedro IV.

BOM APETITE

SAUDAÇÕES AO CINQUENTENÁRIO DO DIÁRIO DE LISBOA DO RESTAURANTE CASTANHEIRA

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
TELHEIRAS DE CIMA, 144 • TELEFONE 790211
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS C/ CONJUNTO PRIVATIVO
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO (Maiores de 15 anos) — PARQUE AUTOMÓVEL PRIVATIVO — PREMIADO PELO S. N. I.

RESTAURANTE CUNHA
DIÀRIAMENTE ESPECIALIDADES DA COZINHA PORTUGUESA
AV. PARIS, 4-A-B
Telef. 72 69 68

RESTAURANTE MONDEGO
COZINHA A PORTUGUESA
TRAV. DO FORNO, 15 A 19
(ao Rossio)
TELEFONE 36 81 60

DOM PEPE
RESTAURANTE - BÀR
AV. MARGINAL PAREDE TEL. 247 06 36
ENCERRADO AS 2.ªS-FEIRAS

RESTAURANTE PÉROLA
ESPECIALIDADES DIARIAS
R. Portas St.ª Antão, 95
Telf 367234

MAIA
O RESTAURANTE PREFERIDO DE ALGÉS
R. DAMIÃO DE GÓIS, 42-B
Tel. 212705
Mariscos recebidos directamente da origem

TONI DOS BIFES
AV. PRAIA DA VITÓRIA, 50-E — Telef. 536080
AMANHÃ: AÇORDA DE MARISCO
SEXTA-FEIRA: FAVAS À TONI
ESPECIALIDADE DIÁRIA — SARRABULHO

TÁTU
RESTAURANTE — PASTELARIA — CHARCUTARIA
CAMPO GRANDE, 80, 80-A-1.º — Telef. 76 51 88/9
ESPECIALIDADE DIÁRIA
FEIJOADA À BRASILEIRA

RESTAURANTE antónio
RUA TOMAS RIBEIRO, 63 (Junto do Metro)
DIARIAMENTE AÇORDA DE MARISCO
AMANHÃ: Lampreia à moda do Minho
ABERTO AOS DOMINGOS

RESTAURANTE «O MANEL»
SOLAR DOS VINHOS
PARQUE MAYER • Telef. 33167
COZINHA TIPICAMENTE PORTUGUESA, TODAS AS SEMANAS HÁ PRATOS REGIONAIS QUE FOMOS PREMIADOS PELO S. N. I.
ENCERRAMOS NA PRÓXIMA 6.ª-FEIRA

TARANTELA
RESTAURANTE — SNACK-BAR
LARGO D. ESTEFÂNIA, 22 — Telef. 53 52 03
SALAS NO 1.º ANDAR PARA REUNIÕES DE EMPRESAS, LANCHES DE CASAMENTOS E BAPTIZDOS

a furna
almoços jantares e ceias até às 3 da madrugada
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 D (à duque de loulé) tel. 53 44 66-56 19 49

APÓS AS REFEIÇÕES CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ
APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

ESTA ESTRANHA LISBOA

«HOT-PANTS» EM ABRIL

Por URBANO TAVARES RODRIGUES

É certo que o Namora pôs o dedo na ferida. Seja qual for a qualidade poética do seu **Marketing,** que para mim vale sobretudo como apontamento, ou já como embrião, de um futuro romance, a verdade é que tudo isto lá está, exactamente a negação do que deveria ser uma sociedade de consumo: os preços estrondosos das **boutiques,** o apetite de comprar barato e a «classe» de comprar caro, a difusão dos estímulos de venda, a eficácia de certas promoções publicitárias... Provocam-se necessidades, o supérfluo torna-se mais necessário do que o essencial — pão, tempo e liberdade.

Pombalina, cor-de-rosa, sobre melancólicos vulcões de erupção retardada; cidade lírio do Tejo, cidade-dilema, já a perder o senso comum, tonta de discos, de festivais, de fotonovelas, vai vestir **hot-pants** em Abril. Terminou o tempo dos espantos. Não se trata de integração de um espaço escultórico: trata-se fundamentalmente de **marúeting.**

NELSON APRESENTOU OS SEUS MODELOS-71 PARA PRIMAVERA E VERÃO

Constituiu um acontecimento de relevo, nos meios da alta costura portuguesa, a passagem de modelos, criados por Nelson, para a estação Primavera-Verão de 1971. Criador de talento, ultra sensível a tudo o que é feminino, e atento a tudo o que pode servir para aumentar o «charme» da mulher, Nelson apresentou um conjunto valioso, que coloca a alta costura nacional ao nível dos grandes centros europeus.

Os modelos apresentados, podem considerar-se extremamente representativos da moda 1971. Esta caracteriza-se pelas cores azul-marinho, vermelho, branco, bege, amarelo e preto. Os tecidos mais utilizados são os crepes-«georgette», crepe de China, crepe «ilusion» (este uma novidade exclusiva de Nelson), crepe de lã, e organzas com flores ou em cores lisas.

A nova linha 1971, muito fina e pura, dá uma ideia de juventude, cinturas no lugar e finas, com cintos. As saias são soltas e leves. O «tailleur» que marcou a sua época nos anos 50, volta, novamente, em grande força, mas agora num recorte muito mais feminino.

Naturalmente que os «hot-pants» marcam intensamente a sua força, de uma moda jovem. Os vestidos apresentam quase todas rachas na frente ou lateralmente, deixando ver discretamente os «hot pants», que são uma constante mesmo para as «toilettes» de noite.

Os manequins Ana Maria Lucas, Nela, Friquette, Sharon e Suzana, apresentados por France de Vasconcelos, tiveram a seu cargo a passagem que incluiu algumas dezenas de conjuntos, prendendo a atenção dos numerosos convidados durante mais de duas horas. Como nota curiosa, refira-se que esta colecção, no valor de mais de 600 contos, será em breve apresentada no Rio de Janeiro, estando já toda vendida.

Um lindo conjunto para a Primavera

«As Irmãzinhas» de Manet teatro violento e cruel

«As irmãzinhas», de Eduardo Manet, espectáculo que a crítica unânimemente elogiou e que o publico não se cansa de aplaudir, ficará assinalado como um marco de maior importancia no panorama do melhor teatro que actualmente se faz em Portugal. Uma peça actual, de impacto por vezes violento, e uma encenação inteligente e apurada, aliam-se a uma interpretação da melhor qualidade neste espectáculo a todos os títulos notável.

Num ambiente de crueldade, três seres alienados e sem uma autêntica raíz social, estrebucham até se destruirem na ratoeira que ardilosamente haviam preparado. Estão em causa a ambição e a ausência de escrupulos, o oportunismo e a falta de uma doutrina. E, em ultima análise, a violência e os extremos a que pode conduzir quando cega a razão.

Interpretam a peça Irene Cruz, João Lourenço, Morais e Castro e Rui Mendes. Costa Ferreira traduziu e encenou. Nos espectáculos de hoje e de toda esta série que termina no dia 11, concede-se o desconto de 50 % a todos os jovens até aos 24 anos.

Vestido «nôdi», um cinto, um laço

Beatriz da Conceição canta na «Kaverna»

Beatriz da Conceição apresenta agora as suas interpretações inconfundíveis na «Kaverna», acompanhada por Armandino Maia e José Maria de Carvalho. Recorde-se que Beatriz da Conceição apresentará, muito brevemente, uma nova expressão interpretativa: o fado com orquestra de camara, num disco editado pela «Movieplay», com instrumentações de Thilo Krasmann.

A MARCAÇÃO DOS CINTOS DE SEGURANÇA

Do nosso leitor sr. Jorge Camões Costa, professor de Educação Física, recebemos a seguinte carta:

«Venho por este meio dar todo o meu apoio ás considerações feitas no vosso jornal, sob o título «Adiamento da marcação dos cintos de segurança».

Tidas, por mim, como não só justissimas mas oportunas, pedia o favor de não abandonarem mais o assunto.

Além do exposto no «Diário de Lisboa», sob o título acima referido, deve acrescentar-se que a maioria ou pelo menos uma grande parte dos veículos ligeiros presentemente em venda já são possuidores de cintos de segurança.»

«DIÁRIO DE LISBOA»

Do conselheiro de Imprensa da Embaixada de Espanha, prof. Sabino Alonso-Fueyo, recebemos uma carta de agradecimento pelo noticiário sobre a Semana Espanhola publicado pelo «Diário de Lisboa».

[redacted] o fado e o folclore — restaurantes típicos [redacted]

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Coscais ✲ Tocam: António Bessa e Fernando Reis **Consumo mínimo 60$00 ✲ Rua das Taipas, 14 ✲ Tel. 32 72 56.**

BALEEIRA

Elenco seleccionado — almoços a 25$00 ✲ A noite, consumo mínimo 40$00 — Av. Marginal, 21-22 (Dafundo) — Telef. 21 32 59 ✲ Encerra ás quartas-feiras.

MIL E UM

cantam: Henrique Manuel, Fátima do Rosário, Zita Maria, Fernanda Machado, Maria Eva, Fernanda Silva Adriana Franco, José de Barros, Artur dos Santos e Moisés Campelos Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto — **Cons. mínimo 40$00 ✲ Trav. da Espera, 8 — telef. 35 4 64 ✲ Encerra ás 5 da madrugada.**

TAVERNA DO EMBUÇADO

elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Camara João Braga Ana Rosmaninho e António de Mello-Corrêa Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mínimo: 90$00 ✲ Beco dos Cortumes, 10 ✲ Telef 86 0816**

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Natália dos Anjos, Rossana Lima, Armando Miranda Tocam: Acácio Gomes e Amadeu Ramim Folclore pelo Conjunto Tipico do «Lar Português» ✲ **Cons. mín. 50$00. R. do Barroca, 133 ✲ Telfs.: 36 97 60 e 30532 ✲ Encerra ás 3.ª feiras.**

LUSO

elenco: Maria da Fé, Fernando Maurício, Glória Maria, Augusto Ermida, Odete Mendes, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra) e Manuel Mestre. Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola) Conjunto privativo de Danças Regionais dirigido por António Cunha ✲ **Travessa da Queimada, 10-16 ✲ Telfs.: 362889-328503.**

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa Nazaré Maria, Tina Ferreira Fados de Coimbra por João Queiroz. Trio Arautos Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira ✲ **Cons. mín. 70$00 ✲ Rua do Norte, 91 ✲ Telefs.: 30095-328713 ✲ Encerra á segunda-feira**

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga e Benvindo Cruz Tocam: Pedro Calgeiro Cabral e Fernando Alvim Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. mín. 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Rola, 24 ✲ Telefones: 67 66 55 e 67 24 31.**

ADEGA MESQUITA

cantam: Fernando Pinto, Maria Amélia Proença, Francisco Martinho e Alcindo de Carvalho. Tocam: Jaime Santos e António Proença Danças regionais por conjunto privativo ✲ **Rua «Diário de Notícias», 107 ✲ Telef.: 32 83 07 ✲ Encerra aos domingos.**

[redacted] restaurantes, bares, «boites» e «dancings» [redacted]

ADAGGIO

A presença de António Macedo Pop—Soul e Underground ✲ sempre os ultimos êxitos em discos recebidos directamente de nata-terra Estados Unidos e Brasil ✲ **Aberto todos os dias das 16 ás 20 e das 22 ás 3.30 h ✲ Rua Carlos dos Reis 51-A ✲ Telef 775695**

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas ✲ Música constante ✲ Calçada Marquês de Abrantes, 64-66 ✲ Telefone 667264

«PORTAS DO SOL»

Restaurante-Bar. Reabertura breve. R. S. Tomé, 86, A, B, C — ALFAMA—LISBOA — Tel. 86 1633.

SANZALA

Um pouco de Africa em Lisboa — Musica constante ✲ **Av. Mare- ✲ Telef 367136 ✲ Encerra as 3 horas.**

MAXIME

Conjunto 6 ✲ Reacção e Maxim- ano ✲ «Shows» artisticos ✲ Vedetas internacionais ✲ **Rua da Alegria, 58 ✲ Telef 53[illegible]**

a furna
música gravada
celtas até as 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38-d
(a duque de loulé)

TAMICA

Morão e s/ Conjunto ✲ **Avenida Duque de Loulé, 69—Tel. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos**

CASINO DO ESTORIL

[illegible] ✲ Variedades Internacionais ✲ Telefs. 264521 264722 Telefax 21-264946

HIPOPPOTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A ✲ Telef. 48384 ✲ Conj. Heldar Reis ✲ Encerrada aos domingos.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Cocktails, Música [illegible] ✲ Avenida Duque de Loulé, 73 ✲ Telef. 530171

ESTA ESTRANHA LISBOA

«HOT-PANTS» EM ABRIL

Por URBANO TAVARES RODRIGUES

É certo que o Namora pôs o dedo na ferida. Seja qual for a qualidade poética do seu **Marketing,** que para mim vale sobretudo como apontamento, ou já como embrião, de um futuro romance, a verdade é que tudo isto lá está, exactamente a negação do que deveria ser uma sociedade de consumo: os preços estrondosos das **boutiques,** o apetite de comprar barato e a «classe» de comprar caro, a difusão dos estímulos de venda, a eficácia de certas promoções publicitárias... Provocam-se necessidades, o supérfluo torna-se mais necessário do que o essencial — pão, tempo e liberdade.

Pombalina, cor-de-rosa, sobre melancólicos vulcões de erupção retardada; cidade lírio do Tejo, cidade-dilema, já a perder o senso comum, tonta de discos, de festivais, de fotonovelas, vai vestir **hot-pants** em Abril. Terminou o tempo dos espantos. Não se trata de integração de um espaço escultórico: trata-se fundamentalmente de **marúeting.**

NELSON APRESENTOU OS SEUS MODELOS-71 PARA PRIMAVERA E VERÃO

Constituiu um acontecimento de relevo, nos meios da alta costura portuguesa, a passagem de modelos, criados por Nelson, para a estação Primavera-Verão de 1971. Criador de talento, ultra sensível a tudo o que é feminino, e atento a tudo o que pode servir para aumentar o «charme» da mulher, Nelson apresentou um conjunto valioso, que coloca a alta costura nacional ao nível dos grandes centros europeus.

Os modelos apresentados, podem considerar-se extremamente representativos da moda 1971. Esta caracteriza-se pelas cor s azul-marinho, verde, branco, bege, amarelo e preto. Os tecidos mais utilizados são os crepes-«georgette», crepe de China, crepe «ilusion» (este uma novidade exclusiva de Nelson), crepe de là, e organzas com flores ou em cores lisas.

A nova linha 1971, muito fina e pura, dá uma ideia de juventude, cinturas no lugar e finas, com cintos. As saias são soltas e leves. O «tailleur» que marcou a sua época nos anos 50, volta, novamente, em grande força, mas agora num recorte muito mais feminino.

Naturalmente que os «hot-pants» marcam intensamente a sua força, de uma moda jovem. Os vestidos apresentam quase todas rachas na frente ou lateralmente, deixando ver discretamente os «hot pants», que são uma constante mesmo para as «toilettes» de noite.

Os manequins Ana Maria Lucas, Nela, Friquette, Sharon e Suzana, apresentados por France de Vasconcelos, tiveram a seu cargo a passagem que incluiu algumas dezenas de conjuntos, prendendo a atenção dos numerosos convidados durante mais de duas horas. Como nota curiosa, refira-se que esta colecção, no valor de mais de 600 contos, será em breve apresentada no Rio de Janeiro, estando já toda vendida.

Um lindo conjunto para a Primavera

«As Irmãzinhas» de Manet teatro violento e cruel

«As irmãzinhas», de Eduardo Manet, espectáculo que a crítica unânimemente elogiou e que o publico não se cansa de aplaudir, ficará assinalado como um marco de maior importancia no panorama do melhor teatro que actualmente se faz em Portugal. Uma peça actual, de impacto por vezes violento, e uma encenação inteligente e apurada, aliam-se a uma interpretação da melhor qualidade neste espectáculo a todos os títulos notável.

Num ambiente de crueldade, três seres alienados e sem uma autêntica raíz social, estrebucham até se destruirem na ratoeira que ardilosamente haviam preparado. Estão em causa a ambição e a ausência de escrupulos, o oportunismo e a falta de uma doutrina. E, em ultima análise, a violência e os extremos a que pode conduzir quando cega a razão.

Interpretam a peça Irene Cruz, João Lourenço, Morais e Castro e Rui Mendes. Costa Ferreira traduziu e encenou. Nos espectáculos de hoje e de toda esta série que termina no dia 11, concede-se o desconto de 50 % a todos os jovens até aos 24 anos.

Vestido «nôdi», um cinto, um laço

Beatriz da Conceição canta na «Kaverna»

Beatriz da Conceição apresenta agora as suas interpretações inconfundíveis na «Kaverna», acompanhada por Armandino Maia e José Maria de Carvalho. Recorde-se que Beatriz da Conceição apresentará, muito brevemente, uma nova expressão interpretativa: o fado com orquestra de camara, num disco editado pela «Movieplay», com instrumentações de Thilo Krasmann.

A MARCAÇÃO DOS CINTOS DE SEGURANÇA

Do nosso leitor sr. Jorge Camões Costa, professor de Educação Física, recebemos a seguinte carta:

«Venho por este meio dar todo o meu apoio ás considerações feitas no vosso jornal, sob o título «Adiamento da marcação dos cintos de segurança».

Tidas, por mim, como não só justíssimas mas oportunas, pedia o favor de não abandonarem mais o assunto.

Além do exposto no «Diário de Lisboa», sob o título acima referido, deve acrescentar-se que a maioria ou pelo menos uma grande parte dos veículos ligeiros presentemente em venda já são possuidores de cintos de segurança.»

«DIÁRIO DE LISBOA»

Do conselheiro de Imprensa da Embaixada de Espanha, prof. Sabino Alonso-Fueyo, recebemos uma carta de agradecimento pelo noticiário sobre a Semana Espanhola publicado pelo «Diário de Lisboa».

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais ✲ Tocam: António Bessa e Fernando Reis **Consumo mínimo 60$00 ✲ Rua das Taipas, 14 ✲ Tel. 32 72 56.**

BALEEIRA

Elenco seleccionado — almoços a 25$00 ✲ A noite, consumo mínimo 40$00 — Av. Marginal, 21-22 (Dafundo) — Telef. 21 32 59 ✲ Encerra ás quartas-feiras.

MIL E UM

cantam: Henrique Manuel, Fátima do Rosário, Zita Maria, Fernanda Machado, Maria Eva, Fernanda Silva Adriana Franco, José de Barros, Artur dos Santos e Moisés Campelos Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto — **Cons. mínimo 40$00 ✲ Trav. da Espera, 8 — telef. 35 4 64 ✲ Encerra ás 5 da madrugada.**

TAVERNA DO EMBUÇADO

elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Camara João Braga Ana Rosmaninho e António de Mello-Corrêa Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mínimo: 90$00 ✲ Beco dos Cortumes, 10 ✲ Telef. 86 0816**

LAR PORTUGUÊS

cantam José Borges, Natália dos Anjos, Rossana Lima, Armando Miranda Tocam: Acácio Gomes e Amadeu Ramim Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português» ✲ **Cons. mín. 50$00 R do Barroco, 133 ✲ Telfs.: 36 97 60 e 30532 ✲ Encerra ás 3.ª feiras.**

LUSO

elenco. Maria do Fé, Fernando Maurício, Glória Maria, Augusto Ermida, Odete Mendes, Plínio Sérgio (em todos de Coimbra) e Manuel Mestre Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola) Conjunto privativo de Danças Regionais dirigido por António Cunha ✲ **Travessa da Queimada, 10-16 ✲ Telfs.: 362889-328503.**

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, Tina Ferreira Fados de Coimbra por João Queiroz Trio Arautos Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira ✲ **Cons. mín. 70$00 ✲ Rua do Norte, 91 ✲ Telefs.: 30095-328713 ✲ Encerra á segunda-feira**

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga e Benvindo Cruz Tocam: Pedro Colaço Cabral e Fernando Alvim Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. mín. 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Rola, 24 ✲ Telefones: 67 66 55 e 67 24 31.**

ADEGA MESQUITA

cantam: Fernanda Pinto, Maria Amélia Proença, Francisco Martinho e Aloindo de Carvalho. Tocam: Jaime Santos e António Proença Danças regionais por conjunto privativo ✲ **Rua «Diário de Notícias», 107 ✲ Telef.: 32 83 07 ✲ Encerra aos domingos.**

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

ADAGGIO

A presença de António Macedo Pop—Soul e Underground ✲ sempre os ultimos êxitos em discos, recebidos directamente de Inglaterra Estados Unidos e Brasil ✲ **Aberto todos os dias das 16 ás 20 e das 22 ás 3.30 h ✲ Rua Carlos dos Reis 51-A ✲ Telef. 775695**

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas ✲ Música constante ✲ Calçada Marques de Abrantes 64-66 ✲ Telefone 667264

«PORTAS DO SOL»

Restaurante-Bar. Reabertura breve R. S. Tomé, 86, A. B. C — ALFAMA—LISBOA — Tel. 86 633.

SANZALA

Um pouco de Africa em Lisboa — Musica constante ✲ **Av. Mare- ✲ Telef. 367136 ✲ Encerra as 3 horas**

MAXIME

Conjunto 6 ✲ Reacção e Maxim. Piano ✲ «Show» turístico ✲ Vedetes internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 ✲ Telef. 55366**

a furna
música gravada
ceias até às 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d
(à duque de loulé)
3 44 6 5619

TAMILA

Morão e s/ Conjunto ✲ **Avenida Duque de Loulé, 69—Tel. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos**

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado ✲ Variedades internacionais ✲ **Telefs. 264521 - 264526-264596-264621-264946.**

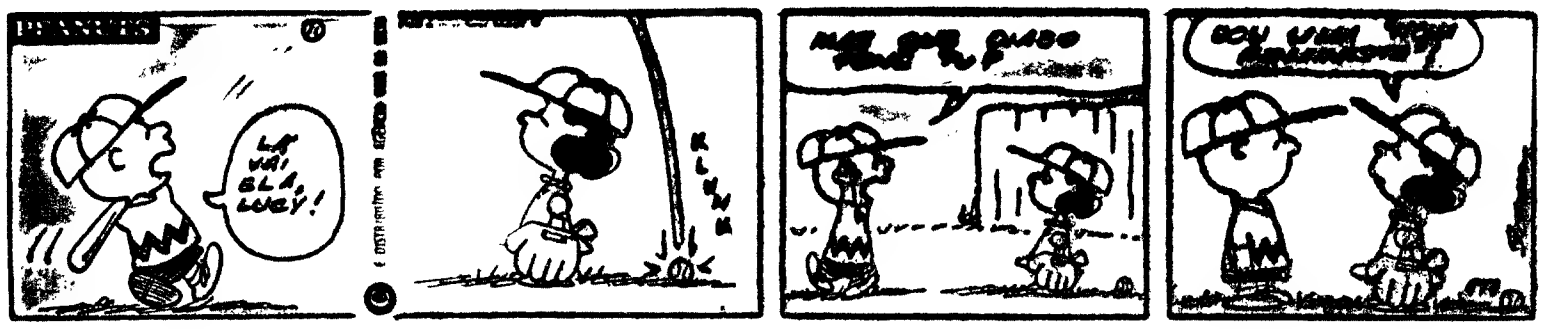
HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A ✲ Telef. 48384 ✲ Conj. Heiden Reis ✲ Encerrada aos domingos.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

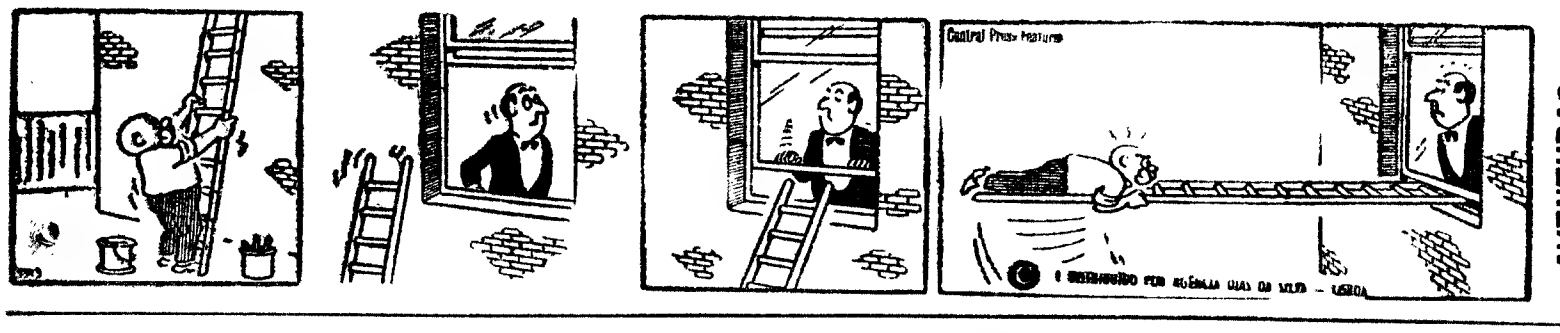
Conjunto Manuel Fiéis ✲ Avenida Duque de Loulé, 73 ✲ Telef. 530171

OS PEANUTS



CAROL DAY

AVENTURAS DO TIO CARLOS



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 7 de Abril de 1941 publicava:

«Trouxe-nos hoje o correio a carta de um jovem que se intitula «Português sem Mancha» e com o fervor requerido para amar e lutar por um mundo melhor. Louvamo-lo, mas, antes de se aventurar a feitos grandes, convém que se experimente em cousas pequenas.

«O talento revela-se sem clarins que o anunciem. Do génio não dizemos nada, porque não sofre outra lei, senão a da sua origem miraculosa.

«Veja «Português sem Mancha» se descobre maneira fácil de ser o herói da sua modéstia e terá alcançado um triunfo digno dos Pares de França.»

FESTAS EM SERPA

SERPA, 7 — Decorrem aqui, nos dias 11, 12 e 13, as tradicionais festividades em honra de Nossa Senhora do Guadalupe.

CAMISAS POR MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

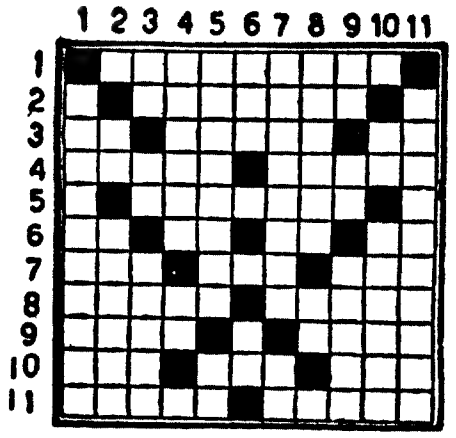
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5856

HORIZONTAIS: 1 — Beleza 2 — Adiara (fig.) 3 — Artigo definido (ant). Tira de couro a que vai preso o cão de caça. Cério (s. q). 4 — Arrancar. Ribombos. 5—Segurais. 6—Preposição. Atmosfera. Rádio (s. q.). Cento e um em romano. 7 — Conjunção. Antiga capital da Birmânia. Preposição e artigo definido (pl.). 8 — Pequeno. Revolucionário francês que foi assassinado no banho por Carlota Corday. 9 — Aves pernaltas Rija. 10 — Raer. Pua de pau, empregada no consolidação dos cortiços (Prov.) Preposição 11 — Carrego. Ardor.

VERTICAIS: 1 — Briga (fig.). 2 — Nota musical. Nome de um certo número de reis mouros de Espanha 3 — Abreviatura que se usa em música. Duzentos em romano. Transpirara. 4 — Róera. Césio (s. q.). 5 — Consumirão. Boro (s. q.). 6 — Reze. Nota musical. 7 — Avançaram. Rio da Rússia. 8 — Género de plantas da família das flaseoláceas. Preposição latina que designa movimento. 9 — Batráquio. Artigo definido incorpóreo. 10 — Aqui Fundires. 11 — Desnorteara.



Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5855

HORIZONTAIS: 1 — Cargo. Posta. 2 — Rio. Spu.. Aer. 8 — Irem. O. A fim. 4 — Sanas. Aramos. 5 — Erada. Virar. 6 — Lia. 7 — Resende. 8 — Cairo. Anica. 9 — Asmo. Arum. 10 — Ida. QUE. Aro. 11 — Serás. Rosas.

VERTICAIS: 1 — Crise. Ocais. 2 — Alraro. ARDE. 3 — Roera. Rimar. 4 — Mad. Ero. 5 — Os. Saimo. Os. 6 — Oó. Io, Tu. 7 — Pu. Avaro. Br. 8 — Arl. Dra. 9 — Safar. Eiras. 10 — Teimar. CLIRA. 11 — Armar. Sanas.

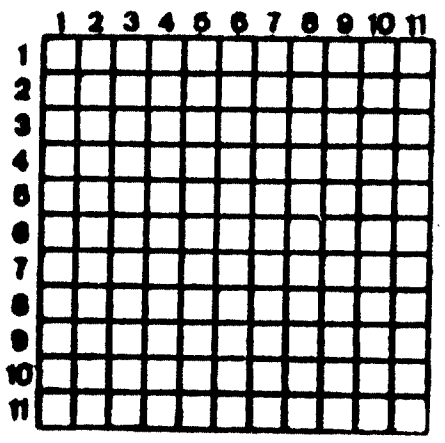
Provérbio: O QUE ARDE CLIRA.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9699

HORIZONTAIS: 1 — Cidade dos Países Baixos. Antepassado. Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. 2 — Patego Tombara 3 — Nome de mulher Estar em chama 4 — Rezar. Irmã. 5 — Fora para fora. Leitos. 6 — Espíritos. 7 — Rodeia Separo. 8 — Arejar (Bras). Carimbas. 9 — Progenitores Vais para fora 10 — Víscera dupla. Chegue! Pseudónimo do escritor português Carlos Lopes 11 — Guarnecida de asas Tribo indígena brasileira

VERTICAIS: — Espécie de capacete com viseira e crista (pl.) Amêndoa de coco, seco e preparado para se lhe extrair o óleo. 2 — Fizera doação de Comprais garrotes de um ano para exportação. 3 — Vaguear. Bruma 4 — Partidas. 5 — Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de Ah! Oh! Içar. Caminhe. 6 — Quinhentos e um em romano. 7 — Vazia. Lugar nas estações de caminho de ferro para o tráfego de mercadorias e movimento de pasageiros. Cânhamo de Manila. 8 — Equipasses. 9 — Trabalham. Freguesia do concelho de Torres Novas. 10 — Liça Nádoa 11 — Palmeiras da Amazónia Restos mortais (fig).



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9698

HORIZONTAIS: 1 — Vã Cargo. AC. 2— Atrás Apaga! 3 — Laivo. Lemas. 4 — Irmãs. Orara. 5 Ar. Ar. 6 — Pr. Pal. Oc. 7 — Se Corvo. Um. 8 — Arpas. Ostia. 9 — Iris. Andi. 10 — Dás Par. Aaa. 11 — Asais. Asais.

VERTICAIS: 1 — Valia. Saído 2 — Atar. Perras. 3 — Rimar. Pisa. Cavar. Cás 5 — Osos. Pás. Ps. 6 — Bar. Na. 7 — Galo: Ivo. Rã. 8 — Ópera. Oso. 9 — Amaro. Trás. 10 — Agar. Cuida! 11 — Casal. Maias.

JOVICA

Vende a pronto ou a prestações a preços fantásticos

FRIGORÍFICOS

TELEVISORES

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA E LOUÇA

TODA A APARELHAGEM DOMÉSTICA

NAS SUAS CASAS DA:

AV. 5 DE OUTUBRO, 53 C
TELEF. 534536

LARGO D. ESTEFÂNIA, 12-C
TELEF. 47769

FILIAIS: CACÉM; SINTRA; CASCAIS; VENDA NOVA

A legalização da posse de terrenos em Cabo Verde

Consoante estabelece um decreto, pelo Ministério do Ultramar, os possuidorees de terrenos da província de Cabo Verde ou das suas autarquias locais que não tenham oportunamente cumprido as formalidades requeridas para a regularização dos seus direitos, mas ocupem esses terrenos realizando o respectivo aproveitamento, como se proprietários fossem, numa posse pública, pacífica e contínua de mais de quinze anos, devem, invocando esta, solicitar aos serviços competentes, no prazo de cinco anos, a partir da data em que for anunciado no «Boletim Oficial» o início das operações de cadastro na área ocupada, que lhes sejam conferidos, gratuitamente, títulos de propriedade perfeita.

Segundo o referido diploma, «a prova da posse referida no número anterior é feita por documento passado a solicitação do interessado pela junta de freguesia da área onde se situam os terrenos, mediante o depoimento de, pelo menos, duas testemunhas Terrenos nas Províncias Ultramarinas, aprovado pelo Decreto n.º 43 894, de 6 de Setembro de 1961».
de reconhecida idoneidade, de preferência proprietários de terrenos confinantes com aqueles cuja legalização se pretende, e confirmado pelo conhecimento da autoridade administrativa local. O título de propriedade perfeita só será concedido após a prova de aproveitamento e demais requisitos exigidos no corpo do artigo 197.º do Regulamento de Ocupação e Concessão de

Um curso de aperfeiçoamento de relojoaria

COIMBRA, 7 — Promovido pela industriá relojoeira suíça, decorrerá aqui, durante duas semanas, desde 10 de Maio, um curso de aperfeiçoamento para relojoeiros-reparadores, destinado unicamente a profissionais, sem ónus para os principiantes, os quais devem ter, pelo menos, 17 anos, trabalhar como relojoeiro há dois, no mínimo, e submeter-se a um exame de selecção, os quais serão nos dias 6 e 7 daquele mês.

As inscrições estão abertas na Ourivesaria Patrão, até 3 de Maio

O caminho de ferro junto à cidade de Bragança

Foi aumentado de 500 para 600 contos a comparticipação da Junta Autónoma de Estradas para a efectivação da obra do desvio do troço do caminho-de-ferro da linha do Tua junto á cidade de Bragança.

O decreto-lei saído no «Diário do Governo» determina rectificações ao diploma publicado em 3 de Junho de 1958, que atribuiu á Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses a incumbência da execução da obra e que estabeleceu também o respectivo plano de distribuição de encargos.

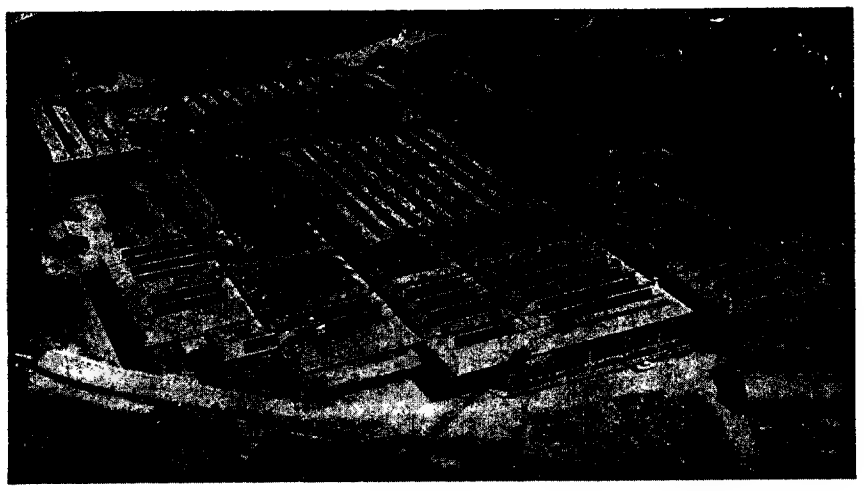
Presidentes e vice-presidentes de câmaras municipais

No «Diário do Governo» vem a recondução no cargo de vice-presidente da Câmara Municipal da Moita do sr. Fernando Manuel Alves de Almeida.

Foi nomeado presidente da Câmara Municipal de Tavira o eng.º agrónomo Luís Filipe Lobo de Miranda Malheiro Távora, em substituição do dr. José Augusto Correia que findou o mandato. Foi nomeado vice-presidente da mesma câmara Municipal o sr. Vasco Vieira da Mota.

Vice-presidente da Câmara Municipal de Loures foi nomeado o sr. José Manuel Pacheco de Miranda César dos Santos.

Para vice-presidente da Câmara Municipal da Azambuja foi nomeado o sr. José Eugénio Machado da Silva Anacoreta.



SOCIEDADE TÊXTIL
ALBANO COELHO LIMA
S. A. R. L.
Telef. 4 11 41 — Teleg. COELIMA — Apartado 5
PEVIDÉM

PANOS PARA LENÇÓIS
LENÇÓIS CONFECCIONADOS

Coelima

LISBOA — QUINTA-FEIRA, 7 DE ABRIL DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 1 — 10 CENTAVOS
Director, proprietario e editor JOAQUIM MANSO
Redacção e Administração RUA DO CARMO, 80, 2.º

Ninguém cá da casa assistiu ao vosso nascimento

(temos todos menos de 50 anos)

mas, diàriamente, assistimos ao vosso progresso e apreciamos e agradecemos a vossa preciosa colaboração

LAGRIFA, LDA.
AGÊNCIA DE PUBLICIDADE E PROMOÇÃO DE VENDAS

CONTE COM O HOMEM DA REGISCONTA ...SEMPRE!

Grandes marcas fazem grandes empresas. Mas, se a máquina deve ser boa, o Homem tem que ser melhor. Ele, o Homem da Regisconta está preparado, não apenas para lhe vender máquinas (isso seria demasiado fácil para ele), mas para estudar, planear e aconselhar um sistema. O melhor sistema: o seu. A imensa gama de que dispõe, desde a mais simples máquina de escrever ao computador electrónico, permite-lhe aconselhar a que melhor lhe serve. Ele conhece-as bem. É um especialista. Conte com o Homem da Regisconta...sempre!

DIVISÃO DE MÁQUINAS DE CONTABILIDADE
ADDO-X - ASCOTA - PHILIPS - SOEMTRON
SERVICE BUREAU
COM POTENTE COMPUTADOR PALLAS
DIVISÃO DE COMPUTADORES ELECTRÓNICOS
PHILIPS
DIVISÃO DE REPRODUÇÃO DE DOCUMENTOS
FOTOCÓPIA:
LUMACOPY - OCÉ-MINOLTA - SCM
OFFSET:
ROTAPRINT - SMCAF
DUPLICADORES
ORMIG - RONEO
MÁQUINAS DE ALÇAR
ORDINA
MÁQUINAS DE DOBRAR CARTAS
PRESTO-FOLD

DIVISÃO DE CAIXAS REGISTADORAS
ANKER - HASLER - HUGIN
DIVISÃO DE MÁQUINAS DE ESCRITÓRIO
DE ESCREVER:
FACIT
DE ESCREVER COM BANDA PERFURADA
DURA
SOMADORAS E CALCULADORAS:
ADDO-X - DIEHL - FACIT
ODHNER - PHILIPS - TOTALIA
FICHEIROS ROTATIVOS:
DIEBOLD - REMINGTON
PLANNINGS:
EFFICIENTA
MÁQUINAS DE FRANQUIAR:
FRAMA - NEOPOST
MÁQUINAS DE DITAR:
PHILIPS
CERTIFICADORAS DE CHEQUES:
SAFEGUARD

Regisconta

LISBOA - Av. Duque de Loulé, 72 - Tel. 56 00 91
PORTO - Rua Clube Fenianos, 1 - 5 - Tel. 2 92 82
COIMBRA - Rua Dr. Manuel Rodrigues, 16 - 20 - Tel.
FARO - Rua Dr. Cândido Guerreiro, 27 A - Tel.
LEIRIA - Av. Heróis de Angola, 125 1.º Esq. Tel. 23586

Termina no dia 15
o prazo para entrega (no I. N. E.) dos verbetes de sociedades

Termina no dia 15 o prazo para a entrega do verbete de sociedade no Instituto Nacional de Estatística.

Já em meados de Março, o I. N. E., procurou chamar a atenção das entidades interessadas para a conveniência mútua de os verbetes serem entregues, com a maior rapidez possível, dado o interesse de que se revestem tais estatísticas, quer para o planeamento económico oficial quer para a orientação das actividades e dos investimentos particulares. Esclareceu-se em que casos e quando é que o verbete deve ser entregue e indicou-se a utilidade dos dados apresentados nas «Estatísticts das Sociedades», pormenorizando-se as informações contidas na publicação.

Pela consulta das «Estatísticas das Sociedades» de 1969, verifica-se que, das 34 134 sociedades existente no Continente, 9035 estão ligadas ás industrias transformadoras; 15 580 correspondem á classificação «Comércio, Bancos, Seguros e Operações sobre Imóveis»; 3903 dedicam-se a transportes, armazenagem e comunicações; e 4204 entregam-se a actividades classificadas como serviços. No conjunto, as sociedades incluídas nessas quatro divisões, constituem 95,86% do total de sociedades existentes no Continente.

Muitas pessoas estranham o facto de não existirem, em certos casos, estatísticas de flagrante actualidade. No entanto, há que ter presente o seguinte: o tempo que decorre entre a recolha de elementos e a publicação dos dados depende de muitos factores. Entre os factores eventuais que influem na celeridade de apresentação das estatísticas, assume particular importância a colaboração do público. Se os elementos são fornecidos com prestezza e correcção, é evidente que se torna possível iniciar o tratamento da informação com maior rapidez. A seguir á recolha de elementos procedeu-se ao tratamento da informação, trabalho que comporta várias fases necessáriamente morosas. Bastará referir, para se avaliar a dimensão da tarefa a realizar, que para os apuramentos de 1969 foi necessário perfurar cerca de 320 000 fichas mecanográficas. Um outro factor que influi bastante no tempo de apresentação dos resultados é a impressão do trabalho realizado, embora haja sempre a preocupação de acautelar aspectos relacionados com essa fase.

No trabalho... como na Sorte
Persistir é ganhar!

CASA COSTA

75, RUA DE S. PAULO, 77 — LISBOA

LOTARIAS — TOTOBOLA

CINTOS DE SEGURANÇA

de reputada marca europeia, obedecendo aos requisitos internacionais de homologação. Fácil de adaptar a qualquer carro, possui fecho de manejo rápido. Preço Esp. 172$50 (portes de correio, 10$00).

Pedidos à **AUTO-STOP** — Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 7-D — Lisboa-4.

IMPERLUZ

AV. ALM. REIS, 172-A — TELEFS. 533592/3

- TELEVISORES
- MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA E LOIÇA
- FRIGORÍFICOS
- GIRA-DISCOS — FOGÕES — ESQUENTADORES

AOS MELHORES PREÇOS DO MERCADO
EXPOSIÇÃO PERMANENTE

Termina no dia 15

o prazo para entrega (no I. N. E.) dos verbetes de sociedades

Termina no dia 15 o prazo para a entrega do verbete de sociedade no Instituto Nacional de Estatística.

Já em meados de Março, o I. N. E., procurou chamar a atenção das entidades interessadas para a conveniência mútua de os verbetes serem entregues, com a maior rapidez possível, dado o interesse de que se revestem tais estatísticas, quer para o planeamento económico oficial quer para a orientação das actividades e dos investimentos particulares. Esclareceu-se em que casos e quando é que o verbete deve ser entregue e indicou-se a utilidade dos dados apresentados nas «Estatísticts das Sociedades», pormenorizando-se as informações contidas na publicação.

Pela consulta das «Estatísticas das Sociedades» de 1969, verifica-se que, das 34 134 sociedades existente no Continente, 9035 estão ligadas ás industrias transformadoras; 15 580 correspondem á classificação «Comércio, Bancos, Seguros e Operações sobre Imóveis»; 3903 dedicam-se a transportes, armazenagem e comunicações; e 4204 entregam-se a actividades classificadas como serviços. No conjunto, as sociedades incluidas nessas quatro divisões, constituem 95,86% do total de sociedades existentes no Continente.

Muitas pessoas estranham o facto de não existirem, em certos casos, estatísticas de flagrante actualidade. No entanto, há que ter presente o seguinte: o tempo que decorre entre a recolha de elementos e a publicação dos dados depende de muitos factores. Entre os factores eventuais que influem na celeridade de apresentação das estatísticas, assume particular importância a colaboração do público. Se os elementos são fornecidos com prestezа e correcção, é evidente que se torna possível iniciar o tratamento da informação com maior rapidez. A seguir á recolha de elementos procedeu-se ao tratamento da informação, trabalho que comporta várias fases necessáriamente morosas. Bastará referir, para se avaliar a dimensão da tarefa a realizar, que para os apuramentos de 1969 foi necessário perfurar cerca de 320 000 fichas mecanográficas. Um outro factor que influi bastante no tempo de apresentação dos resultados é a impressão do trabalho realizado, embora haja sempre a preocupação de acautelar aspectos relacionados com essa fase

CONTE COM O HOMEM DA REGISCONTA ...SEMPRE!

Grandes marcas fazem grandes empresas.
Mas, se a máquina deve ser boa,
o Homem tem que ser melhor.
Ele, o Homem da Regisconta
está preparado, não apenas para lhe
vender máquinas (isso seria demasiado
fácil para ele), mas para estudar,
planear e aconselhar um sistema.
O melhor sistema: o seu.
A imensa gama de que dispõe, desde a
mais simples máquina de escrever
ao computador electrónico, permite-lhe
aconselhar a que melhor lhe serve.
Ele conhece-as bem. É um especialista.
Conte com o Homem da Regisconta...sempre!

DIVISÃO DE MÁQUINAS DE CONTABILIDADE
ADDO-X - ASCOTA - PHILIPS - SOEMTRON
SERVICE BUREAU
COM POTENTE COMPUTADOR PALLAS
DIVISÃO DE COMPUTADORES ELECTRÓNICOS
PHILIPS
DIVISÃO DE REPRODUÇÃO DE DOCUMENTOS
FOTOCÓPIA:
LUXACOPY - OCÉ-MINOLTA - SCM
OFFSET:
ROTAPRINT - SIMAF
DUPLICADORES
ORMIG - RONEO
MÁQUINAS DE ALÇAR
ORDINA
MÁQUINAS DE DOBRAR CARTAS
PRESTO-FOLD

DIVISÃO DE CAIXAS REGISTADORAS
ANKER - HASLER - HUGIN

DIVISÃO DE MÁQUINAS DE ESCRITÓRIO
DE ESCREVER:
FACIT
DE ESCREVER COM BANDA PERFURADA
DURA
SOMADORAS E CALCULADORAS:
ADDO-X - DIEHL - FACIT
ODHNER - PHILIPS - TOTALIA
PICHEIROS ROTATIVOS:
DIEBOLD - REMINGTON
PLANNINGS:
EFFICIENTA
MÁQUINAS DE FRANQUIAR:
FRAMA - NEOPOST
MÁQUINAS DE DITAR:
PHILIPS
CERTIFICADORAS DE CHEQUES:
SAFEGUARD

Regisconta

LISBOA - Av. Duque de Loulé, 72 - Tel 56009
PORTO - Rua Clube Fenianos, 1 - 5 - Tel 32682
COIMBRA - Rua Dr. Manuel Rodrigues, 16 - 20 - Tel
FARO - Rua Dr. Candido Guerreiro, 2 A - Tel
LEIRIA - Av. Heróis de Angola, 12 - 1º Esq - Tel 23186

No trabalho... como na Sorte
Persistir é ganhar!

CASA COSTA

75, RUA DE S. PAULO, 77 — LISBOA

LOTARIAS — TOTOBOLA

IMPERLUZ

AV. ALM. REIS, 172-A — TELEFS. 533592/3

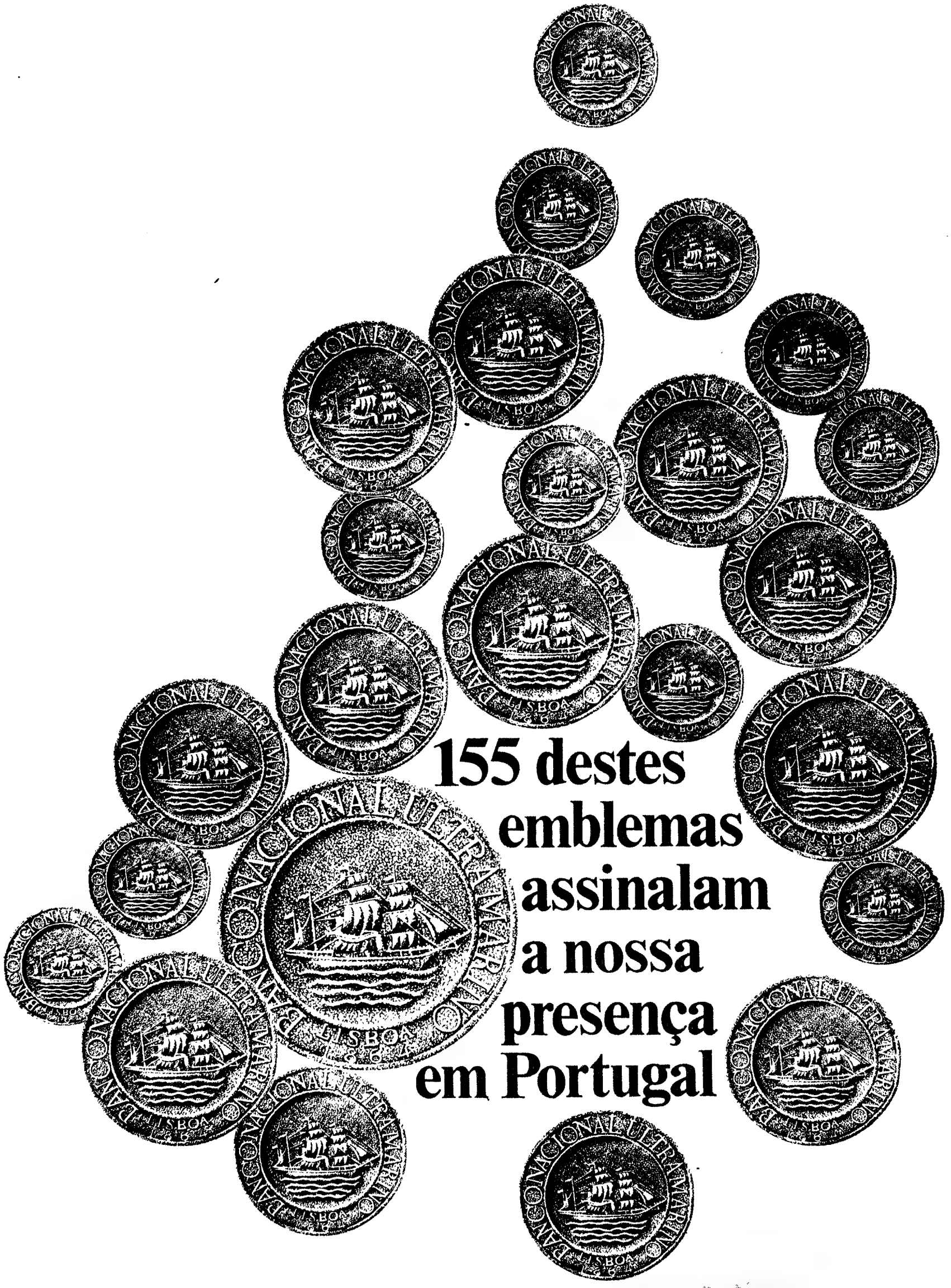
- TELEVISORES
- MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA E LOIÇA
- FRIGORÍFICOS
- GIRA-DISCOS — FOGÕES — ESQUENTADORES

AOS MELHORES PREÇOS DO MERCADO
EXPOSIÇÃO PERMANENTE

CINTOS DE SEGURANÇA

de reputada marca europeia, obedecendo aos requisitos internacionais de homologação. Fácil de adaptar a qualquer carro, possui fecho de manejo rápido. Preço Esp. 172$50 (portes de correio 10$00).

Pedidos à **AUTO-STOP** — Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 7-D — Lisboa-4.



155 destes emblemas assinalam a nossa presença em Portugal

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

o Banco do Povo ao serviço de Portugal

O FESTIVAL «POP-71» MARCADO PARA O ESTÁDIO MUNICIPAL DE COIMBRA

COIMBRA, 6 — O Festival «POP-71» está a despertar grande entusiasmo, tanto em Coimbra como no País, pois a ideia foi aceite com muito interesse por parte dos conjuntos que deram já o seu apoio ao Festival, e pelas entidades oficiais e empresas particulares que oferecem prémios.

O Festival decorrerá em três sessões, no Estádio Municipal, para o que será adaptada a bancada central. Para a primeira eliminatória, metade dos conjuntos inscritos actuará no dia 15 de Maio, ás 21.30, e a outra parte no Domingo, ás 15 horas. As canções e os grupos seleccionados tomarão parte na final, no domingo, ás 21 e 30, seguindo-se a atribuição dos prémios.

Haverá prémios monetários para as melhores canções inéditas, juntamente com medalhas em prata e ouro: «Universidade de Coimbra», «Camara Municipal de Coimbra» e «Comissão Municipal de Turismo». Serão ainda atribuídas medalhas de ouro e prata ás melhores interpretações, entre as quais a medalha «Casa Ariana»; e ainda medalhas para os autores das letras e músicas das canções premiadas, entre as quais se inclui já a medalha «Ecumenismo», oferta da Associação Cristã da Mocidade, para o autor da letra da melhor canção-mensagem e a medalha «Simpatia», oferta da Comissão Municipal de Turismo, que será atribuída pelos representantes dos órgãos de Informação ao conjunto que melhor se apresente.

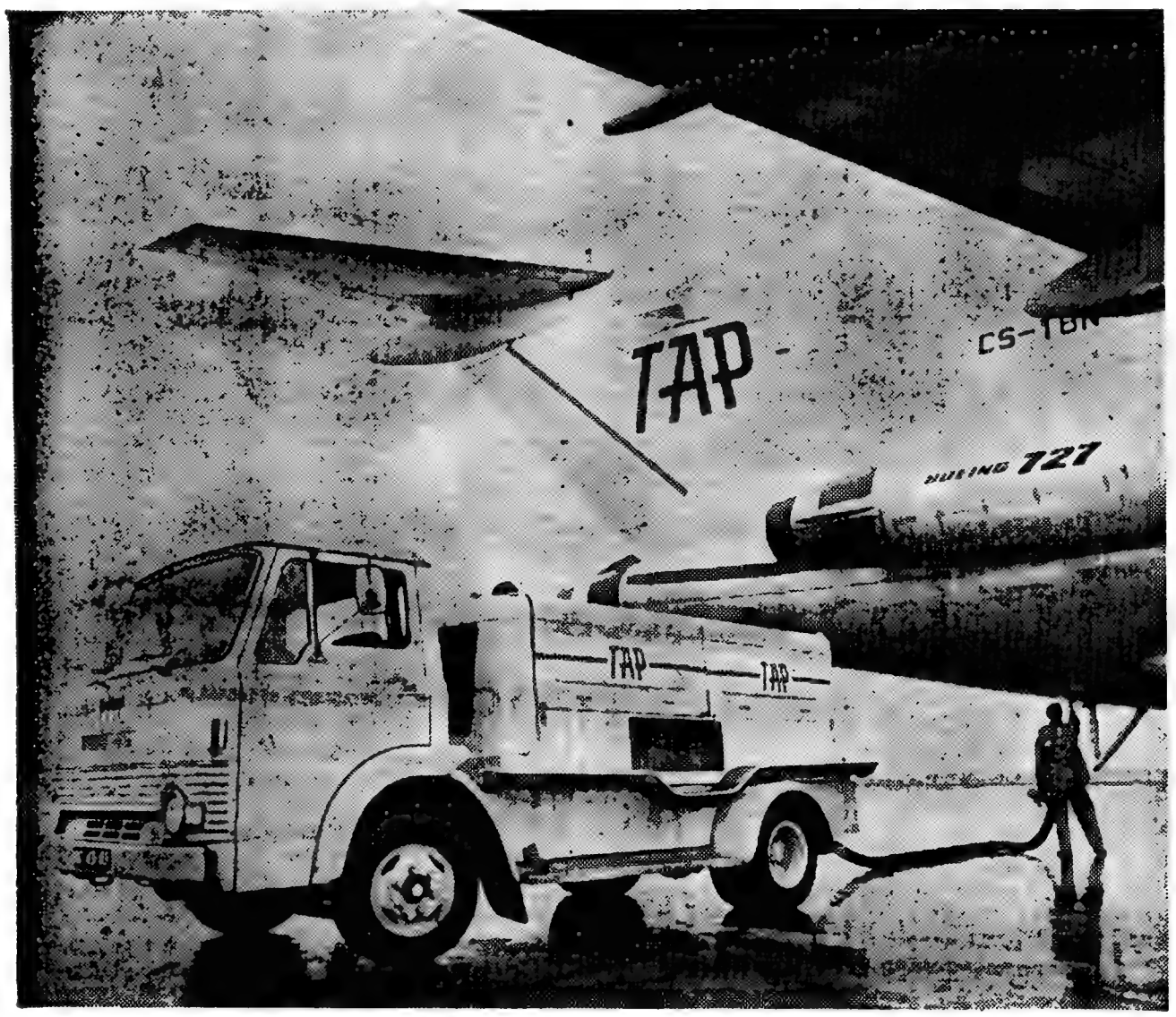
As inscrições continuam abertas na Associação Cristã da Mocidade, Rua Alexandre Herculano, 21 A, em Coimbra e os conjuntos interessados devem atender às condições seguintes:

1) A inscrição deve ser feita até 30 de Abril, com o pagamento de uma joia de esc. 200$00; 2) 50 por cento das canções têm de ser inéditas, indo a preferência para canções-mensagens; 3) — Até 30 de Abril devem ser enviadas, em triplicado, as letras das canções a apresentar ao festival, num máximo de seis; 4) — Até 5 de Maio deve ser enviada ao juri do Festival a gravação das referidas canções; 5) — A Organização do Festival põe à disposição de todos os conjuntos concorrentes uma aparelhagem musical no valor de 120 000$00, mas pode permitir aos conjuntos que o requeiram, a utilização da sua própria aparelhagem, sob condições; 6) — O júri reserva-se o direito de seleccionar canções e conjuntos de acordo com a índole e nível do Festival; e 7) — A comissão organizadora reserva-se o direito de editar o disco Festival «POP 71», com as canções premiadas.

Vão ser exploradas as grutas de Moncarapacho?

OLHÃO, 7 — Sabido como é que estão por inventariar as grutas do Cerro da Cabeça, junto de Moncarapacho, freguesia deste concelho, um numeroso grupo de conhecedores da topografia local, propõe-se proceder á sua exploração. Das grutas ali existentes das quais apenas se sabe existirem enormes salas com estalagmites, uma delas formando um grande garrafão cuja asa já foi partida por um vândalo.

É de estranhar que o Município local não tenha tomado as medidas necessárias para poupar estes valores á destruição dos curiosos e proceder ao inventário dos mesmos. Como atracção turística, as referidas grutas podem vir a ser, e serão certamente um dos maiores atractivos do Algarve. Que dizem os arqueólogos sobre o assunto que compete apenas aos técnicos?



Os aviões de jacto recebem o arranque inicial da Atlas Copco

Por estranho que pareça, os jactos modernos necessitam de ar, antes de descolarem. O arranque dos turbo-reactores exige ar comprimido, isento de impurezas, a uma pressão constante.
Os compressores de parafuso rotativo «Air Partner» satisfazem plenamente estes requisitos.
Eis porque a TAP e as outras linhas aéreas internacionais os utilizam [illegible] portos.

Mas, na aviação, o ar comprimido não se limita a executar este trabalho. Colabora na construção e está presente nas oficinas de manutenção.
Porquê... o ar comprimido?
Porque é a fonte de energia mais versátil e rentável, e a que oferece sem dúvida a maior segurança.
Atlas Copco — a maior organização internacional dedicada exclusivamente à tecnologia do ar comprimido.

SOCIEDADE ATLAS COPCO DE PORTUGAL, LDA.
LISBOA (LINDA-A-VELHA) · PORTO · VILA NOVA · Agentes: Funchal-Madeira · Praia-Cabo Verde

Atlas Copco

PEIXE

CONGELADO E FRESCO

À venda em todas as peixarias, supermercados e mercearias do País, nas melhores condições de higiene e de preço. Pedidos ao S. A. P. P. — Serviço de Abastecimento de Peixe ao País, Trav. da Saúde, 2 — LISBOA-3

WIESE & C.ª, LDA.

ESTABELECIDOS EM 1865
AGENTES DE NAVEGAÇÃO

DA METRÓPOLE:
Carreiras regulares de navios para Norte da Europa, Mediterrâneo, África, Extremo Oriente, Américas (Norte, Central e Sul), Canadá, etc.
Possibilidade de aceitação de carga para todos os portos mundiais via Holanda em regime de frete-corrido.

DO ULTRAMAR:
Carreiras directas para todos os pontos do Globo

Rua do Alecrim, 12-A — *Telef. 37 02 41 / 9*
LISBOA-2 — *Teleg. Wieseco*

CERVEJARIA FAROL

de MENDES & PINTO, LIMITADA

VINHOS • CERVEJAS • MARISCOS

LARGO COSTA PINTO, 1 — TEL. 27 22 48
CACILHAS

JOALHARIA MERGULHÃO

A MAIOR VARIEDADE EM PRATAS ARTÍSTICAS
CASA FUNDADA EM 1895
Rua de S. Paulo, 162 — Telefone 3 00 13
LISBOA ■ PORTUGAL

O FESTIVAL «POP-71» MARCADO PARA O ESTÁDIO MUNICIPAL DE COIMBRA

COIMBRA, 6 — O Festival «POP-71» está a despertar grande entusiasmo, tanto em Coimbra como no País, pois a ideia foi aceite com muito interesse por parte dos conjuntos que deram já o seu apoio ao Festival, e pelas entidades oficiais e empresas particulares que oferecem prémios.

O Festival decorrerá em três sessões, no Estádio Municipal, para o que será adaptada a bancada central. Para a primeira eliminatória, metade dos conjuntos inscritos actuará no dia 15 de Maio, ás 21.30, e a outra parte no Domingo, ás 15 horas. As canções e os grupos seleccionados tomarão parte na final, no domingo, ás 21 e 30, seguindo-se a atribuição dos prémios.

Haverá prémios monetários para as melhores canções inéditas, juntamente com medalhas em prata e ouro: «Universidade de Coimbra», «Camara Municipal de Coimbra» e «Comissão Municipal de Turismo». Serão ainda atribuídas medalhas de ouro e prata ás melhores interpretações, entre as quais a medalha «Casa Ariana»; e ainda medalhas para os autores das letras e músicas das canções premiadas, entre as quais se inclui já a medalha «Ecumenismo», oferta da Associação Cristã da Mocidade, para o autor da letra da melhor canção-mensagem e a medalha «Simpatia», oferta da Comissão Municipal de Turismo, que será atribuída pelos representantes dos órgãos de Informação ao conjunto que melhor se apresente.

As inscrições continuam abertas na Associação Cristã da Mocidade, Rua Alexandre Herculano, 21 A, em Coimbra e os conjuntos interessados devem atender às condições seguintes:

1) A inscrição deve ser feita até 30 de Abril, com o pagamento de uma joia de esc. 200$00; 2) 50 por cento das canções têm de ser inéditas, indo a preferência para canções-mensagens; 3) — Até 30 de Abril devem ser enviadas, em triplicado, as letras das canções a apresentar ao festival, num máximo de seis; 4) — Até 5 de Maio deve ser enviada ao juri do Festival a gravação das referidas canções; 5) — A Organização do Festival põe à disposição de todos os conjuntos concorrentes uma aparelhagem musical no valor de 120 000$00, mas pode permitir aos conjuntos que o requeiram, a utilização da sua própria aparelhagem, sob condições; 6) — O júri reserva-se o direito de seleccionar canções e conjuntos de acordo com a índole e nível do Festival; e 7) — A comissão organizadora reserva-se o direito de editar o disco Festival «POP 71», com as canções premiadas.

Vão ser exploradas as grutas de Moncarapacho?

OLHÃO, 7 — Sabido como é que estão por inventariar as grutas do Cerro da Cabeça, junto de Moncarapacho, freguesia deste concelho, um numeroso grupo de conhecedores da topografia local, propõe-se proceder á sua exploração. Das grutas ali existentes das quais apenas se sabe existirem enormes salas com estalagmites, uma delas formando um grande garrafão cuja asa já foi partida por um vândalo.

É de estranhar que o Município local não tenha tomado as medidas necessárias para poupar estes valores á destruição dos curiosos e proceder ao inventário dos mesmos. Como atracção turística, as referidas grutas podem vir a ser, e serão certamente um dos maiores atractivos do Algarve. Que dizem os arqueólogos sobre o assunto que compete apenas aos técnicos?

Os aviões de jacto recebem o arranque inicial da Atlas Copco

Por estranho que pareça, os jactos modernos necessitam de ar, antes de descolarem. O arranque dos turbo-reactores exige ar comprimido, isento de impurezas, a uma pressão constante.
Os compressores de parafuso rotativo «Air Partner» satisfazem plenamente estes requisitos.
Eis porque a TAP e as outras linhas aéreas internacionais os utilizam nos seus aeroportos.

Mas, na aviação, o ar comprimido não se limita a executar este trabalho. Colabora na construção e está presente nas oficinas de manutenção.
Porquê... o ar comprimido?
Porque é a fonte de energia mais versátil e rentável, e a que oferece sem dúvida a maior segurança.
Atlas Copco — a maior organização internacional dedicada exclusivamente à tecnologia do ar comprimido.

SOCIEDADE ATLAS COPCO DE PORTUGAL, LDA.
LISBOA (LINDA-A-VELHA) · PORTO · VILA VIÇOSA · Agentes: Funchal-Madeira · Praia-Cabo Verde

Atlas Copco

PEIXE

CONGELADO E FRESCO

À venda em todas as peixarias, supermercados e mercearias do País, nas melhores condições de higiene e de preço. Pedidos ao S. A. P. P. — Serviço de Abastecimento de Peixe ao País, Trav. da Saúde, 2 — LISBOA-3

WIESE & C.ª, LDA.

ESTABELECIDOS EM 1865
AGENTES DE NAVEGAÇÃO

DA METRÓPOLE:
Carreiras regulares de navios para Norte da Europa, Mediterrâneo, África, Extremo Oriente, Américas (Norte, Central e Sul), Canadá, etc.
Possibilidade de aceitação de carga para todos os portos mundiais via Holanda em regime de frete corrido.

DO ULTRAMAR:
Carreiras directas para todos os portos do Globo

Rua do Alecrim, 12-A *Telef. 37 02 41 / 9*
LISBOA - 2 *Teleg. Wieseco*

CERVEJARIA FAROL

de MENDES & PINTO, LIMITADA

VINHOS • CERVEJAS • MARISCOS

LARGO COSTA PINTO, 1 — TEL. 27 22 48
CACILHAS

JOALHARIA MERGULHÃO

A MAIOR VARIEDADE EM PRATAS ARTÍSTICAS
CASA FUNDADA EM 1895
Rua de S. Paulo, 162 Telefone 3 00 13
LISBOA ■ PORTUGAL

Evidentemente.

Evidentemente que quando você o experimentar achará que estamos a dizer muito pouco sobre o Citroën GS.

Ligue a ignição.

Faça um esforço para conseguir ouvir o seu motor trabalhar silenciosamente. Construido em liga leve, 4 cilindros horizontais, duas árvores de cames à cabeça, movidas por correias de entalhes. Arrefecido por ar e com cilindros opostos dois a dois. Tudo silencioso. Evidentemente.

Pense na linha extraordinàriamente aerodinâmica dos ID/DS. No seu baixo coeficiente de resistência ao ar. Quando atingir os 147 Km/h na maior segurança e economia, vai ver que o Citroën GS ainda lhe oferece mais. Aerodinamismo impressionante. Evidentemente.

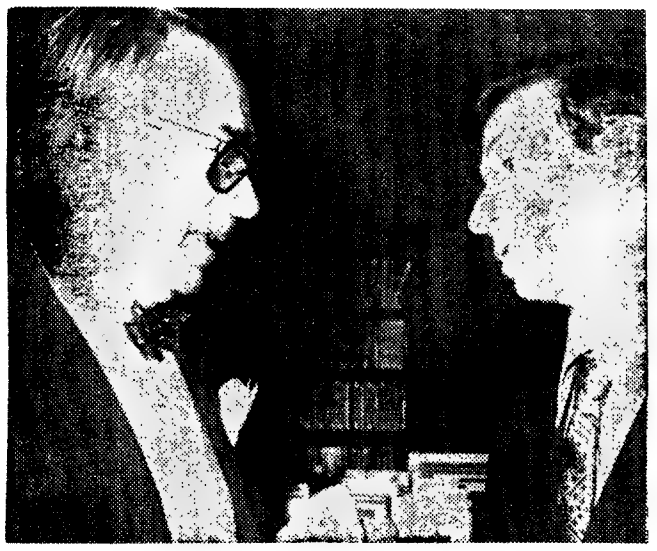
Sente-se na mais confortável das poltronas e sinta as quatro rodas bem agarradas ao chão mesmo nas curvas a grande velocidade.
A famosa suspensão hidropneumática Citroën. Ainda mais aperfeiçoada. Evidentemente.

Não se preocupe com as irregularidades da estrada. Uma geometria especial no eixo de viragem das rodas da frente torna o Citroën GS insensível aos maus pisos.
Nunca se desvia da sua trajectória. Aconteça o que acontecer. Evidentemente.

Trave com rapidez e segurança. Quatro travões de disco de duplo circuito. Potência adaptada automàticamente ao peso e distribuição da carga. Um sistema hidráulico de alta pressão. Eficácia e segurança. Evidentemente.
Leve consigo tudo o que precisar. O porta-bagagens é um paralelepípedo perfeito com grande capacidade de carga. Sem espaços perdidos. Evidentemente.

Surpreenda-se com o completo equipamento do Citroën GS. Conta rotações electrónico, velocímetro luminoso com lente ampliadora, visor central de controle, isqueiro, relógio, retrovisor com duas posições (para o dia e para a noite), sistema de climatização de duplo circuito, limpa-vidros de duas velocidades, faróis de iodo, faróis de marcha-atrás. Você descobrirá o resto. Evidentemente.

CITROËN



O escritor Mário Palmério falando ao nosso redactor

MÁRIO PALMÉRIO FALA-NOS DO BRASIL DESCONHECIDO

A propósito de Mário Palmério, o romancista vocacional do «Vila dos Confins», escreveu Rachel de Queiroz — a primeira cronista do Brasil — que a sua literatura cheira a terra, «poesia de floresta e rio, tão difícil de captar, sem cair na ênfase». Será talvez contestável que o escritor seja um homem «que nasceu dotado especificamente para escrever», mas indiscutivelmente os livros de Mário Palmério agarram-nos pela maneira saborosa de contar, pelo gozo da palavra e da estória. Não é Mário Palmério um letrado moderno da «work in progresso», um ficcionista crítico, mas um demiurgo radicado no realismo da aparência, na chamada observação exacta. Com forte colorido narrativo, sentido do humor, conhecimento profundo dos ambientes que descreve, o seu êxito junto do público era de esperar e efectivamente o romance «Vila dos Confins» vai já na 13.ª edição, está traduzido em castelhano, será lançado em Paris pela Albin Michel.

Mário Palmério, em viagem pela Europa, fez já entre nós várias conferências em Universidades, quer em Lisboa, quer no Porto e em Coimbra. Há quem lhe chame escritor regionalista, mas as obras apodadas de regionalistas são quantas vezes as mais universais. Basta lembrarmos Aquilino Ribeiro e Guimarães Rosa, Jorge Amado, ou esses escritores brasileiros com os quais Mário Palmério apresenta mais afinidades, como Simões Lopes Neto, Valdomiro Silveira, ou Hugo Carvalho Ramos, seu vizinho goyano, autor de «Tropas e Boiadas».

Conheciamos seu passado político. Membro do Partido Trabalhista, deputado federal desde 1950, embaixador do Brasil no Paraguai a partir de Agosto de 1962, renunciou ao cargo em 1964, solidário com o presidente João Goulart, aquando da demissão deste, após o golpe militar. Ora a carreira política de Mário Palmério está intimamente ligada à sua criação literária. Explica-nos ele:

— Inicialmente «Vila dos Confins» foi apenas um relatório, cresceu e tornou-se quase um ensaio, desagregou-se e virou série de crónicas. Por fim formou romance: a história de uma pequenina eleição... e outras coisas mais...

— E como aconteceu tudo isso?

— Em 1952, encontrava-me no nordeste do Triângulo Mineiro, zona de Patacatu e aí, como vice-presidente do Partido Trabalhista no Estado de Minas Gerais, presidi a quatro eleições municipais. Um município no Brasil tem vários «distritos», que são povoados, vilarejos, arraiais, que, ao ganharem condições de progresso, como sejam escolas, vias de acesso, indústrias, se tornam por sua vez municípios. Penetrei a fundo nesses microcosmos e aprendi como no «interior» se fazia uma pequenina eleição. Eu lutava então no movimento brasileiro de reforma da lei eleitoral, tendente a evitar fraudes e possibilidades de fraude. Era necessária uma reformulação administrativa. Principiei a escrever o relatório, que extravasou do molde. Convidado a fazer uma caçada no Pantanal mato-grossense e instado a deixar vários artigos que cobrissem a minha ausência, escrevi algumas das crónicas em que lhe falei. O Francisco de Assis Barbosa teimava comigo para que as publicasse em livro. Mas afinal desfiz e refiz tudo. E das crónicas só saiu uma. É que o romance já tinha nascido no meu espírito.

— Mas «Vila dos Confins» não é apenas um retrato da vida política «sertaneja». Tem muito da sua experiência de caçador, de pescador, qualquer coisa de um Hemingway brasileiro...

— Sim. Hoje, vejo-o como um romance horizontal, de paisagem, de factos, com pouca penetração psicológico. Foi no meu segundo romance, «O Chapadão do Bugre», publicado em 1966, que enveredei pelo realismo mágico, isto é, dei-me a sondar aspectos menos evidentes da mesma realidade, que engloba crenças, mitos, fantasmas, façanhas...

Explicação para o leitor menos familiarizado com a

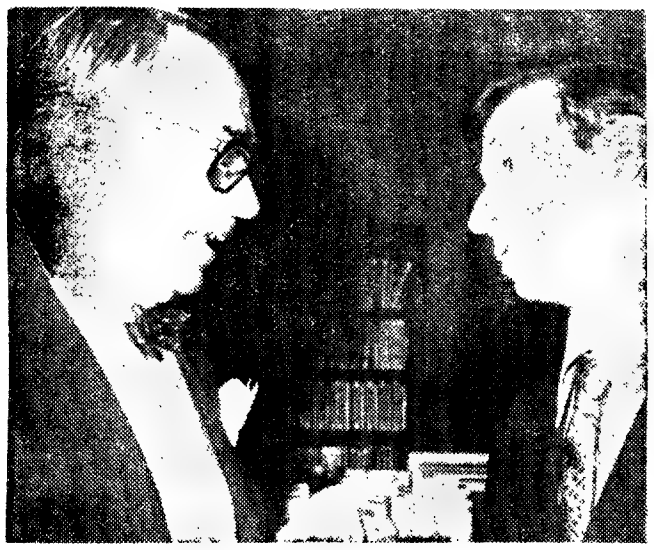
(Continua na 24.ª página)

AUGUSTINE, REIS & C.a
BANQUEIROS
Rua da Conceição, n.os 100 - 106
LISBOA
CONFIANÇA CRÉDITO CELERIDADE

Segurança · Dedicação · Eficiência · 1933 · Competência 1971
SIMBOLO DE CONFIANÇA
A Confidente
prestou no passado, presta no presente, prestará no futuro, os melhores serviços aos seus estimados clientes, em compra, venda e hipoteca de propriedades

A. Marinho da Cruz, Lda.
ARMAZENISTA DE PAPEL
E ARTIGOS DE ESCRITÓRIO
Representantes de:
ORFÈVRERIE CHRISTOFLE
Telefones: 32 56 38 e 3[illegible]
RUA NOVA DO ALMADA, 80 S/LOJA
LISBOA

SHER - SOCIEDADE HIDRO-ELÉCTRICA DO REVUÉ, S. A. R. L.
CAPITAL: 250.000 CONTOS
Concessionária da produção e distribuição de energia eléctrica pelo aproveitamento das águas do Rio Revué, em Moçambique
FORNECEDORA DE ENERGIA ELÉCTRICA À CIDADE DA BEIRA E À REGIÃO DE UMTALI, NA RODÉSIA
SEDE EM LISBOA: Avenida 5 de Outubro, 95, 2.º
DELEGAÇÃO EM VILA PERY Africa Oriental Portuguesa



O escritor Mário Palmério falando ao nosso redactor

MÁRIO PALMÉRIO FALA-NOS DO BRASIL DESCONHECIDO

A propósito de Mário Palmério, o romancista vocacional do «Vila dos Confins», escreveu Rachel de Queiroz — a primeira cronista do Brasil — que a sua literatura cheira a terra, «poesia de floresta e rio, tão difícil de captar, sem cair na ênfase». Será talvez contestável que o escritor seja um homem «que nasceu dotado especificamente para escrever», mas indiscutivelmente os livros de Mário Palmério agarram-nos pela maneira saborosa de contar, pelo gozo da palavra e da estória. Não é Mário Palmério um letrado moderno da «work in progresso» um ficcionista crítico, mas um demiurgo radicado no realismo da aparência, na chamada observação exacta. Com forte colorido narrativo, sentido do humor, conhecimento profundo dos ambientes que descreve, o seu êxito junto do público era de esperar e efectivamente o romance «Vila dos Confins» vai já na 13.ª edição, está traduzido em castelhano, será lançado em Paris pela Albin Michel.

Mário Palmério, em viagem pela Europa, fez já entre nós várias conferências em Universidades, quer em Lisboa, quer no Porto e em Coimbra. Há quem lhe chame escritor regionalista, mas as obras apodadas de regionalistas são quantas vezes as mais universais. Basta lembrarmos Aquilino Ribeiro e Guimarães Rosa, Jorge Amado, ou esses escritores brasileiros com os quais Mário Palmério apresenta mais afinidades, como Simões Lopes Neto, Valdomiro Silveira, ou Hugo Carvalho Ramos, seu vizinho goyano, autor de «Tropas e Boiadas»

Conhecíamos seu passado político. Membro do Partido Trabalhista, deputado federal desde 1950, embaixador do Brasil no Paraguai a partir de Agosto de 1962, renunciou ao cargo em 1964, solidário com o presidente João Goulart, aquando da demissão deste, após o golpe militar. Ora a carreira política de Mário Palmério está intimamente ligada à sua criação literária. Explica-nos ele:

— Inicialmente «Vila dos Confins» foi apenas um relatório, cresceu e tornou-se quase um ensaio, desagregou-se e virou série de crónicas. Por fim formou romance: a história de uma pequenina eleição e outras coisas mais ...

— E como aconteceu tudo isso?

— Em 1952 encontrava-me no nordeste do Triângulo Mineiro, zona de Patacatu e aí, como vice-presidente do Partido Trabalhista no Estado de Minas Gerais, presidi a quatro eleições municipais. Um município no Brasil tem vários «distritos», que são povoados, vilarejos, arraiais, que, ao ganharem condições de progresso, como sejam escolas, vias de acesso, indústrias, se tornam por sua vez municípios. Penetrei a fundo nesses microcosmos e aprendi como no «interior» se fazia uma pequenina eleição. Eu lutava então no movimento brasileiro de reforma da lei eleitoral, tendente a evitar fraudes e possibilidades de fraude. Era necessária uma reformulação administrativa. Principiei a escrever o relatório, que extravasou do molde. Convidado a fazer uma caçada no Pantanal mato-grossense e instado a deixar vários artigos que cobrissem a minha ausência, escrevi algumas das crónicas em que lhe falei. O Francisco de Assis Barbosa teimava comigo para que as publicasse em livro. Mas afinal desfiz e refiz tudo. É das crónicas assim soltas que É que o romance [illegible] nasceu no meu espírito.

— Mas «Vila dos Confins» não é apenas um retrato da vida política «sertaneja». Tem muito da sua experiência de caçador, de pescador, qualquer coisa de um Hemingway brasileiro ...

— Sim. Hoje, vejo o como um romance horizontal, de paisagem, de factos, com pouca penetração psicológico. Foi no meu segundo romance, «O Chapadão do Bugre», publicado em 1966, que enveredei pelo realismo mágico, isto é, dei-me a sondar aspectos menos evidentes da mesma realidade, que engloba crenças, mitos, fantasmas, façanhas ...

Explicação para o leitor menos familiarizado com a

(Continua na 24.ª página)

AUGUSTINE, REIS & C.ª

BANQUEIROS

Rua da Conceição, n.os 100 - 106

LISBOA

CONFIANÇA CRÉDITO CELERIDADE

Dedicação · Segurança · Eficiência · Competência 1971

SIMBOLO DE CONFIANÇA

A Confidente

prestou no passado, presta no presente, prestará no futuro, os melhores serviços aos seus estimados clientes, em compra, venda e hipoteca de propriedades

A. Marinho da Cruz, Lda.

ARMAZENISTA DE PAPEL E ARTIGOS DE ESCRITÓRIO

Representantes de:

ORFÈVRERIE BOULENGER

Telefones: 32 36 38 e 32 36 82 — Telegramas: «CUNHADO»

RUA NOVA DO ALMADA, 80 S/LOJA

LISBOA

SHER - SOCIEDADE HIDRO-ELÉCTRICA DO REVUÉ, S. A. R. L.

CAPITAL: 250.000 CONTOS

Concessionária da produção e distribuição de energia eléctrica pelo aproveitamento das águas do Rio Revué, em Moçambique

FORNECEDORA DE ENERGIA ELÉCTRICA À CIDADE DA BEIRA E À REGIÃO DE UMTALI, NA RODÉSIA

SEDE EM LISBOA: Avenida 5 de Outubro, 95, 2.º

DELEGAÇÃO EM VILA PERY Africa Oriental Portuguesa

11 vezes por semana os Boeings da VARIG chegam ou partem de Lisboa trazendo e levando passageiros que não querem outra vida... (nem outra companhia)

Num mundo novo o Banco Novo

BANCO TOTTA & AÇORES

ap

encontre-se descobrindo a sua casa

A 5 minutos do Marquês de Pombal, em Alferragide, a Siurbe constrói um grande conjunto habitacional, formado por três torres e um núcleo social que integra um centro comercial (super-mercado, snack-bar, discoteca, boutique, livraria), um jardim infantil e uma piscina. Parque com capacidade para 150 automóveis. As Torres de Alferragide foram projectadas pelo atelier Conceição Silva e construídas pelo AC — Trabalhos de Arquitectura e Construção, SARL

visite os 5 apartamentos modelo

TORRES DE ALFERRAGIDE
RUA PINHEIRO BORGES
ALFERRAGIDE

SIURBE
SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS URBANOS SARL

Um dos aspectos de A Cidade Panorâmica — Miratejo

A REALIDADE DE MIRATEJO E A RÁPIDA VALORIZAÇÃO DAQUELA CIDADE PANORÂMICA

Em 1968 iniciou-se a construção de MIRATEJO — A Cidade Panorama, promovida pela REALIMO, S. A. R. L., empresa membro de um importante grupo internacional, de que faz parte a 4.ª maior Sociedade Europeia de conetrução civil.

Este empreendimento iniciou-se pela completa urbanização dos terrenos destinados à construção dos diferentes blocos, tendo sido, em tempo, preparadas devidamente todas as infra-estruturas de construção necessárias à realização de uma obra que permitisse a obtenção de uma qualidade superior, relativamente aos preços praticados.

Foram pois prèviamente construídos todos os arruamentos e colectores de esgotos e montada uma completa rede de distribuição eléctrica de iluminação pública. Estas preocupações de ontem, permitem que hoje, em 1971, já habitem em MIRATEJO 120 famílias, verdadeiros fundadores da «Cidade Panorama» que a 8 Km de Cacilhas vai crescendo dia a dia.

O equilíbrio de urbanização é notável, pela integração dos espaços verdes, onde se situam diversos lotes para a construção de moradias, localizados num maravilhoso e tranquilo pinhal.

A qualidade dos apartamentos de 2, 3, 4 e 5 divisões já construídos e em condições de habitação imediata, são garantia real do nível de urbanização que se irá atingir neste empreendimento e que por si só, é já hoje um importante pólo de desenvolvimento da margem sul do Tejo, beneficiando e promovendo o extraordinário desenvolvimento que esta zona tem vindo a beneficiar nos ultimos anos e que a coloca como a região de mais forte ritmo de expansão de todo o País.

Estes factos, justificam as garantias reais do empreendimento e a sua rápida valorização.

Acompanhando a instalação das primeiras famílias, e já hoje são cerca de 120, começa-se a instalar em MIRATEJO o comércio de apoio a esta nova cidade, estabelecimentos que serão o embrião de um completo centro comercial, que se virá a situar numa rua reservada a peões e que compreenderá 80 estabelecimentos comerciais, um supermercado, uma dependência bancária e um cinema para 600 lugares, isto independentemente de um mercado municipal situado em outro local e de postos de socorro e de polícia. MIRATEJO será dotada ainda de uma escola de instrução primária para 600 alunos e de 2 escolas pré-primárias para uma frequência de 400 crianças, além de uma Igreja e de um centro paroquial.

A realidade que, pelo muito que se fez, já hoje representa MIRATEJO é sólida garantia do que se virá a fazer no desenvolvimento deste empreendimento de natureza social e independentemente das contingências dos investimentos ascentes, exclusivamente, nas oportunidades oferecidas pelo mercado do turismo.

Empresa Hidroeléctrica da Serra da Estrela

AO SERVIÇO DA NAÇÃO DESDE 1909

S. A. R. L.

CAPITAL: 150 000 CONTOS

SEDE — Avenida Sidónio Pais, 26-A — LISBOA

SERVIÇOS TÉCNICOS EM SEIA

PRODUTORA E DISTRIBUIDORA DE ENERGIA ELÉCTRICA

Centrais hidroeléctricas:

SENHORA DO DESTERRO I
PONTE DE JUGAIS
VILA-COVA
SABUGUEIRO
RIBA-COA
SENHORA DO DESTERRO II

POTÊNCIA TOTAL INSTALADA — 56 030 kVA
QUEDA BRUTA TOTAL — 1200 m

MAIS DE 1400 KM DE LINHAS DE A. T. ATRAVÉS DE 26 CONCELHOS

Jogos Escoceses, Braemar

Venha visitar a Escócia neste Verão.

Venha passar 10 maravilhosos dias apenas por Esc. 7.091$00.

Voe até Londres e viage depois, de autocarro, para o norte, até Harrogate, Edinburgh, Inverness e Glasgow.

Visite o famoso castelo de Edinburgh.

Atravesse Braemar com os seus animados jogos escoceses.

Faça uma paragem para um pic-nic junto ao castelo de Balmoral, residência de verão da Família Real Inglesa.

Passeie de barco por Loch Ness onde habitou o famoso monstro.

Venha e tudo o encantará.

Venha conhecer a mais excitante das atmosferas. Um sem fim de coisas novas para ver, para fazer. Um modo de vida totalmente diferente para conhecer.

Venha este ano de Lisboa com a BEA que lhe oferece uma vasta escolha de viagens Windsor Tours, tudo incluído.

Passe, logo que possa, pela sua Agência de Viagens para mais informações ou para marcar a sua passagem. Ou então envie-nos o cupão abaixo e teremos o maior prazer em lhe enviar o seu folheto.

Voe BEA Windsor Tours

À BEA
Av. da Liberdade, 23-27 — Lisboa
Gostaria de ter mais informações sobre viagens Windsor Tours à Inglaterra
Nome .....
.....
Morada .....
.....
Localidade .....

Venha este ano à BRITAIN e aproveite melhor as suas férias.

BRITISH

EM TOURS (FRANÇA)

UM CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO PARA JOVENS

Enquanto, em Lisboa, a frequência da Biblioteca Nacional, nas suas modernas instalações, é limitada a certas idades, a biblioteca municipal de Tours (França), agora instalada num grande edifício de três andares, tem por objectivo principal a preparação para a educação permanente a partir da mais tenra idade. O conservador das bibliotecas daquela cidade, sr. Fillet, resume o essencial do método: «ensinar as crianças a aprenderem sózinhas».

Se — diz o jornal «Le Monde» — neste estabelecimento tudo parte do livro e a ele regressa, isso acontece passando por outras formas de documentação. Assim, a secção dos jovens, no rés-do-chão, comporta, além de uma vasta sala acolhedora onde os livros são acessíveis a todos, estúdios de projecção (cinema, televisão, diapositivos) e pequenas divisões onde se reunem os clubes, por exemplo o dos naturalistas.

Alunos dos estabelecimentos escolares, acompanhados pelos seus professores, deslocam-se à biblioteca onde se iniciam na utilização inteligente desse maravilhoso objecto de conhecimento, de julgamento ou de criação que constitui um centro de documentação moderno. (Anexos deste centro permitem aos rurais beneficiarem desse «serviço documentação». Está assegurado o empréstimo directo a todos os escolares; existem depósitos nas comunas vizinhas; enfim, três vezes por semana um bibliotecário do centro desloca-se de automóvel, com a documentação necessária ao trabalho sobre um determinado tema, às comunas de Vouvray e de Sainte-Maure).

DO DOCUMENTÁRIO AO ROMANCE

Hoje, é uma classe de transição acolhida na biblioteca. As crianças explicam em que consiste a sua actividade. **«Trabalhamos sobre um tema — diz** Sylvie, 14 anos. **Neste momento, é o mar. Estudamos em pequenos grupos os livros que podem ajudar-nos a observar o mar sob todos os seus aspectos».** Ouvindo Thierry, descobrimos como a obra documental conduz ao livro de geografia, de história ou aos romances. Este jovem queria saber que lugar ocupava o mar nos tempos pré-históricos; apaixona-se também pelas histórias de marinheiros e deseja ler «Vinte mil léguas submarinas», que conhece através de «textos escolhidos».

Nestas crianças que frequentam a biblioteca desde o princípio do ano, o interesse pelos livros tornou-se natural. Uma rapariguinha confia a sua paixão por «O Grande Meaulnes»; outra fixou das suas leituras «A Vida do General de Gaulle» e «Papillon». «Os Miseráveis» são muitas vezes citados, tal como os grandes livros antigos. De um modo geral, as crianças não apreciam a mistura de géneros. Um romance deve ser um romance, uma biografia deve ter como primeira qualidade a exactidão, um documento sobre o râgueby ou sobre o basquetebol não deve ter pelo meio uma intriga romanesca.

Estas crianças de treze e catorze anos, vivas e abertas a tudo, viveram no decurso de toda a sua escolaridade uma «situação de choque». É apaixonante verificar a sua vivacidade de espírito, ouvindo-as dizer: **«Estamos nesta classe porque não somos capazes de fazer uma quinta classe normal».** Exprimem a sua inquietação **«perante o que a vida nos reserva».** Sabendo já documentar-se, um rapaz procura nos livros informações sobre trabalho porque, diz, **«eu não sei o que posso fazer».**

Gostariam de ficar mais tempo na biblioteca? **«Um dia inteiro, está-se aqui bem». «É um momento de repouso».** Thierry resume as impressões de todos: **«A partir de uma biblioteca, podemos fazer tudo».**

As classes primárias ou de transição têm direito a uma sessão, na biblioteca, de duas horas e meia todos os quinze dias; os alunos de um ensino mais tradicional, só têm direito a uma hora.

DESCOBERTAS

A «secção jovens» (até quinze anos), possui quinze mil títulos, o que representa sessenta mil volumes. As crianças que aprenderam a utilizar a biblioteca durante o tempo escolar regressam alegremente nas suas horas de lazer. Ganham ràpidamente o hábito de fazer as suas pesquisas e, auxiliados eventualmente pelos bibliotecários, de descobrir o que procuram, escolher com á vontade do leitor avisado. São os mestres quem mais sofre com a falta de preparação para utilizarem um centro de documentação.

A segunda classe acaba por sair da sala de cinema onde lhe foi projectado o filme «Le temps des cerises». Desde há poucas semanas, o tema de trabalho do grupo é «a Comuna». Os alunos procuraram os livros que se lhe referem e preparam uma exposição a partir de certos documentos relacionados com o acontecimento. Esses jovens de quinze anos que no próximo ano entrarão na vida profissional preferem, de um modo geral, as histórias vividas aos romances. Por agora, a emoção nascida do filme que acabam de ver domina tudo. Dois rapazes (catorze e quinze anos), de expressão perturbada, dão-nos conta da sua estupefacção: **«Porque é que nos nossos manuais de história, onde falam tão longamente da guerra de 1870, nada nos dizem sobre toda** esta crueldade **que os homens da Comuna sofreram?».**

LORILLEUX-LEFRANC
TINTAS, VERNIZES E SECANTES PARA IMPRESSÃO
FÁBRICA E ESCRITÓRIOS
Av. de Pádua 12-12 B
Telefs. 311061-311082
CABO RUIVO — OLIVAIS
LISBOA - 6 Teleg. LORILUX

DATSUN 2200 DIESEL

Concebido para resistir, estudado ao longo de anos para vencer o tempo, eis o Datsun 2.200. Vivo. Cómodo. Espaçoso, consegue aliar a tradicional economia e robustez Diesel, ao acabamento e espaço interior próprios dos automóveis de grande classe. Quem lhe resiste?
DATSUN 2.200 DIESEL. Infatigável.

DATSUN NISSAN

QUALIDADE DATSUN - ECONOMIA · SEGURANÇA · PERFORMANCE

ENTREPOSTO

Av. Duarte Pacheco, 21-A - Tel. 68 61 75/6/7/8 — Lisboa
Praça de Moscavide, 1 - Tel. 31 31 00 — Olivais
Concessionários em todo o País

CAFÉ
CENTRAL
DE
ALMADA

- CAFÉ
- SALÃO DE BILHARES
- PASTELARIA
- SALÃO PRÓPRIO PARA BANQUETES
- FABRICO PRÓPRIO DE PASTELARIA

MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇOES INTERNACIONAIS DE VIENA, LISBOA, TÓQUIO E BRUXELAS

Ampla ESPLANADA no centro comercial

PRAÇA DA RENOVAÇÃO ALMADA

As rendas de casa e a bizarria dos aumentos periódicos nos arredores de Lisboa e do Porto

Sobre o importante problema do inquilinato, em especial no aspecto relacionado com os tão combatidos aumentos periódicos das rendas das casas, escreve-nos o sr. Marques Ribeiro uma longa carta, contendo judiciosas considerações e da qual publicamos o que se nos torna possível:

«Se cada um tivesse a sua casa para habitação — e só assim o problema de família encontraria solução digna — não se revestiria de acuidade falar-se de binómio senhorio-inquilino. Dado, porém, que a grande massa populacional vive sem a mínima garantia de uma residência assegurada — porque a lei é de «senhorios» — então será caso para se perguntar:

«— Quem defende o direito do povo á habitação acessível? Irá fazê-lo a actual Assembleia Nacional?»

«Seria interessante... e elucidativo... se o Instituto Nacional de Estatística quisesse inteirar-se acerca de questão tão oportuna. Seria também interessante... e elucidativo... se o Instituto Nacional de Estatística tivesse perguntado, no mais recente recenseamento, qual a percentagem que, na generalidade, cifra as rendas de casa em relação aos respectivos vencimentos auferidos pelos trabalhadores. Teria, pelo menos, o condão de convocar, com veemência, os responsáveis para um problema humano de dimensão imensamente maior que a simples «curiosidade» de se saber, por exemplo, qual a religião professada por cada pessoa.»

«Mas, retomando o tema dominante (as rendas de casa e os periódicos aumentos nos arredores de Lisboa e do Porto):

— Será que pode contar-se com a actual legislatura da Assembleia para a solução de um problema que é urgente.

«O deputado dr. José da Silva, práticamente anónimo para o grande publico, tornou-se, de repente, conhecido e respeitado, de Norte a Sul do País, exactamente por debater um tema para o qual, em coro, toda a gente reclama atenções — toda a gente... menos os «senhorios», claro!

«Por isso, também, a tonalidade das intervenções que, na Assembleia Nacional, assumiram os deputados José da Silva, Correia da Cunha, Mário de Sá Carneiro, Miller Guerra e outros de honrosa galeria «coou na alma de toda a gente.»

«As pessoas de modestas posses recorreram a procurar habitação nos arredores de Lisboa e do Porto — e o Instituto Nacional de Estatística saberá verificar que inumeros andares de exígua superfície dão guarida a multa gente que, mesmo fugindo para rendas relativamente discretas, vivem em quase promiscuidade. Indiferente a esse facto que ninguém desconhece, a C. P. não teve relutancia em adoptar um aumento da ordem dos 30 por cento no seu mais recente «veredicto» que agravou a economia dos agregados familiares onde as condições de vida são tristemente débeis — e nesse caso se encontra uma grande massa populacional. Para cúmulo, perante o baixo nível económico do povo, ergue-se o fantasma dos aumentos periódicos que a lei autoriza a qualquer senhorio detentor de imóveis nos arredores das duas cidades capitais.

«Criou-se a «avaliação» para se estabelecer a «sentença dos aumentos» — quando se sabe que mesmo sem aumentos a maioria das pessoas tem dificuldade em pagar a renda, apesar de viver comprimida em exíguo espaço habitacional. Não seria honesto fazer-se vista grossa perante o exemplo vulgarizado de dois agregados familiares numa pequena casa de três assoalha-

(Continua na 31.ª página)

OBRECOL
OBRAS E CONSTRUÇÕES, LDA.

CONSTRUÇÃO-CIVIL
CONSTRUÇÕES-INDUSTRIAIS
ESTRUTURAS DE BETÃO-ARMADO
OBRAS PÚBLICAS

AV.ª JOAQUIM ANTÓNIO DE AGUIAR, 41-4.º D.
TELEFS. 58362 - 530922
LISBOA-1

TELEFONES
DE LISBOA E PORTO

EMPRESA PÚBLICA – DECRETO-LEI N.° 48.007

AO SERVIÇO DO PAÍS

LISBOA — Rua Andrade Corvo, 14

PORTO — Rua da Picaria, 5

A ENFERMEIRA DE «M. A. S. H.»

É uma «brunette», como se diz na América do Norte Nome: Jo Ann Pflug. Idade: 24 anos. Entrou (e fez «mossa») no celebrado filme «M. A. S. H.», protagonizando uma enfermeira da guerra da Coreia. Agora Sean Connery vai conhecê-la como companheira de estúdio quando for dada a primeira volta de manivela de «Os diamantes são eternos» («Diamonds are forever»), novo filme da série comercial «James Bond». Jo Ann faz o papel de uma tal Plenty O'Toole que «depois de uma data de maluqueiras acaba esticada».

mediador oficial
FUNDADA EM 1951

laranjo, alegre & garcia, lda.

Gerência de JOSÉ FERRINHO

COMPRA, VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES

P. da Alegria, 58, 2.° — Sala E — Telefs. 328567 - 327803 - 326718 — LISBOA 2

Companhia de Seguros Açoreana

SEDE EM PONTA DELGADA

DELEGAÇÃO-GERAL:
RUA ALEXANDRE HERCULANO, 27 — LISBOA

Filiais e Agências em todo o País

LAGOS & IRMÃO

Importadores de algodão em rama

Sede — Luanda — Angola

Delegações:

Lisboa — Avenida António Augusto Aguiar, 25-1.°
Porto — Rua dos Clérigos, 6-4.°

É UM FEITO SURPREENDENTE QUE A ABELHA RACIONALIZE O SEU TRABALHO, SEM A AJUDA DE UM COMPUTADOR.

Custa a crer que a abelha tenha escolhido o hexágono regular para construir os seus favos, guiada unicamente pelo seu instinto. Graças a esta escolha, as abelhas conseguem uma economia perfeita do espaço disponível e as suas estruturas celulares apresentam tal precisão matemática, que parece impossível que tenham sido construídas sem um cálculo prévio.

Para quem tem problemas de produção, para os quais o instinto não é uma arma suficiente, será que não necessitam de um computador? Precisamente porque sabemos que assim é, a IBM tem disponíveis aplicações de produção para os seus pequenos computadores, que representam a mais avançada realização conhecida no campo de investigação.

Para os Clientes da IBM, determinarem o programa de produção, conveniente e estabelecer os controles necessários à tarefa sumamente simples que realizam num tempo assombrosamente curto. Materiais precisos, necessidades e datas de aprovisionamento, estabelecimento de tempos-máquina, índice de rendimento, por secções, coordenação de níveis, disponibilidade de instalações. Tudo quanto de algum modo afecta o ritmo e o cumprimento dos programas de fabricação, está previsto e controlado por um computador. Eles representam uma economia evidente em tempo de custo e eliminam o perigo de falhas de fabricação. Implica dotar a empresa duma capacidade competitiva a nível de produção e afiançar o seu progresso no mercado.

No mundo inteiro, milhares de empresas de muitos e diversos tamanhos, estão resolvendo a plena satisfação, com os Pequenos Computadores IBM, os seus particularíssimos problemas de produção.

IBM

sonap
Super
20W/50
um novo óleo
ao mais alto nível!
36 anos ao serviço do automóvel

MÁRIO PALMÉRIO E O BRASIL DESCONHECIDO

(Continuação da 16.ª página)

geografia linguística do Brasil: os chapadões são planaltos quase ermos, grandes chapas da região mineira por cujos cimos correm regiões de passagem de boiadas a caminho das fazendas de engorda. O chapadão do bugre (do índio) situa-se na Serra da Canastra, dividindo as águas da bacia do Prata das da bacia de São Francisco. Foi até há poucos anos terra de criação de gados e valhacouto de bandidos, com suas lendas e assombros.

«Trópicos Trópicos»

Mário Palmério conta-nos que só tornou ao Rio (em 22 de Novembro de 1968, ou seja, quatro anos volvidos sobre o triunfo do movimento militar) para ocupar na Academia a cadeia deixada vaga pela morte de Guimarães Rosa.

Depois fala-nos, com apaixonado interesse, da Amazónia, onde fez recentemente uma longa visita de estudo (interrompida por doença, uma amibíase contraída no local), da qual está elaborando o relato.

— E vai sair daí também outro romance?

— Não. Mas provàvelmente um livro de novelas. O romance exige outro tipo de convívio, um conhecimento mais denso e extenso da natureza e dos seres.

A proporção de área conhecida da Amazónia é ainda ínfima. «Mundo de chão português (foram os portugueses os primeiros a penetrá-la e marcá-la), só em fins do séc. XIX, com a chegada dos garimpeiros, em busca do ouro e diamantes, e depois com a descoberta da borracha e o afluxo dos seringueiros, certas regiões da Amazónia foram ocupados. A maior parte dos seringais situa-se na margem dos rios, que eram via de acesso e meio de transporte da borracha. Mais tarde, com o aparecimento da borracha sintética, diminuiu muito a exploração. O mundo amazónico regrediu. Só agora renasce. No entretanto surgiram os caçadores de jacarés...»

— Que título pensa dar a esse seu relato sociológico?

— Não será exactamente estudo sociológico, nem histórico nem etnológico, mas trabalho de observação jornalística, envolvendo um pouco de tudo isso. O título possível? Talvez «Tópicos Trópicos».

— Que meio de transporte utilizou?

— Foi uma viagem demorada e paciente. Subi o Juruá, um dos rios mais compridos do Brasil, num «regatão» de transporte de mercadorias, o velho barco a motor dos mascates fluviais...

— Interrompendo-o, não tenciona escrever ainda outro romance, o romance da sua vida, do seu tempo, da sua linguagem, aquele que todos nós escritores desejamos sempre fazer?

— É verdade. Há um romance que sempre começo e não prossigo, apesar de o ter inteiro na cabeça: é a história da cidade brasileira onde vivi desde menino: Uburaba. Chamar-se-á, se o deitar cá para fora, «O Morro das Sete Voltas»

— Porquê?

— Porque a cidade cresceu em torno desse morro e á sua volta se foram enleando, desatando e proliferando ideias e existências. Tenho hoje 55 anos. Ainda vivi a revolução de 1930, que alterou as estruturas desse mundo. A hegemonia municipal escapou das mãos dos coronéis. O predomínio oligárquico dos senhores da terra cedeu o passo á aventura mercantil, outras classes ascenderam ao poder... Mas, de momento, estou ainda fascinado pela minha aventura amazónica. O material que trouxe é abundante. Dá para as novelas, para as histórias que premedito, mas, para acabar esse livro, tenho de voltar á Amazónia, tenho de reatar a viagem interrompida. Tudo isto me absorve tanto, que ultimamente pouco leio. Atravesso uma fase intensa de criação interior, ainda não no papel. O Amazonas absorve-me. Não sei pensar noutra coisa

— Quais são as suas leituras mais insistentes, não digo agora mas ao longo da sua vida, aquelas que podem tê-lo marcado? Refiro-me só ás literaturas estrangeiras.

— Edgar Pöe, Rudyard Kipling, Jack London.

— Falando agora dos seus patrícios contemporâneos, quais prefere, ou antes, quais lhe são mais familiares?

— Poetas, o Carlos Drummond de Andrade, o Manuel Bandeira, o Cassiano Ricardo. Quanto aos romancistas e novelistas, gosto muito de José Cândido de Carvalho, autor de «O Coronel e o Lobisomem» e do escritor goyano Bernardo Elis. E do contista Daiton Trevisan. E do Jorge Amado, bem entendido. E da Lygia Fagundes Telles. E de muitos outros...

— Impressões de cá?

— Uma juventude estupenda nas Universidades, cheia de interesses, de vivacidade estimulante, de curiosidade. Já fiz conferências nas Universidades de Lisboa, Porto e Coimbra, para auditórios de Letras e de Geografia. E têm sempre participado activamente nas minhas palestras.

CCL

AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL PORTUGUESA

ESCALANDO
FUNCHAL — LAS PALMAS — S. TOMÉ
LUANDA — LOBITO — MOÇAMEDES
CAPE TOWN — LOURENÇO MARQUES
BEIRA — MOÇAMBIQUE.

AMÉRICA CENTRAL

ESCALANDO
VIGO — FUNCHAL — TENERIFE
LA GUAIRA — CURAÇAU — SAN
JUAN DE PUERTO RICO — PORT
EVERGLADES (Fort Lauderdale - Florida)

SERVIÇO REGULAR DE PASSAGEIROS E CARGA

YOGHURTE
GRANDE PONTO
Natural ou com sabor a Frutas:
Ananás, Laranja, Alperce, Morango, Tutti-frutti e Chocolate, Banana
O YOGHURTE GRANDE PONTO deve ser exigido por todo o público e em especial pelas crianças
SEDE: Rua Capitão Roby, 59-A LISBOA
FILIAL: Rua Frei D. João de Faro, 57
FARO TELEFONE 24923

O seguro é uma questão de princípio

Este é o símbolo dos seguros. Raiz : seguro. Flor : futuro.
O homem faz a casa. O homem faz o trabalho.
A família é a base da felicidade do homem. O trabalho realiza-o.
O homem, a família, os haveres, estão em segurança.
É uma questão de princípio : no presente, o homem prevê o futuro. Assegura-o.
O homem faz seguros. Os seguros apoiam o homem.

Mais seguro mais futuro

HOTEL DO MAR

SESIMBRA

Recomendamos aos nossos estimados amigos e clientes o habitual ambiente tranquilo e acolhedor durante a semana da PÁSCOA, solicitando o obséquio de nos confirmarem com antecedência os seus pedidos de reserva para os telefones 229326 e 229422.

2 SENSACIONAIS EXCURSÕES

ACOMPANHADAS EM AVIÃO A JACTO

ÁFRICA — O MUNDO EM NOVA DIMENSÃO
A mais original viagem do ano.
África do Sul - Moçambique
Rodésia - Angola.
Partidas 16/5 e 15/8.

JAPÃO — A nossa tradicional viagem
"O SONHO DO JAPÃO"
Partidas 18/4-23/5-11/7-8/8 e 5/9.
Japão - Tailândia - Hong-Kong - Macau - Filipinas - Pérsia.

abreu desde 1840

LISBOA - Av. Liberdade, 160 - PORTO - Av. Aliados, 207 - COIMBRA - R. Sota, 2

abreu É QUALIDADE abreu É MELHOR

GRANDE

OURIVESARIA DA MODA

OURIVES - JOALHEIROS

TENDO COMO DIVISA SEMPRE BEM SERVIR

RUA DA PRATA, 257 — Telefone 32 14 31 — LISBOA-2

É O MAR QUE FAZ A ILHA (3)

Imóvel como uma estátua, o arpoador aguarda o momento oportuno para atingir o cachalote

OS BALEEIROS TRADIÇÃO AIN POR PESCADO

Como nos tempos pré-históricos, há ainda hoje homens que combatem corpo-a-corpo animais mil vezes maiores do que eles. Os animais continuam a existir por quase todos os mares do mundo, mas os homens são só os pescadores de cachalotes dos Açores e da Madeira.

DO NOSSO CORRESPO

RUI CAMAC

Há em Portugal o escrúpulo científico de estabelecer uma separação bem compartimentada entre baleias e cachalotes — diferença que, embora com bases científicas, não é substancialmente considerada no vocabulário corrente de quase todos os povos de grandes tradições baleeiras. Para eles, há em tradução á letra, a baleia azul ou ventre amarelo, a baleia cinzenta, a baleia cabeça de arco e muitas outras, entre as quais a baleia de esperm acete (substância oleosa contida na zona profunda da cabeça) ou baleia de dentes, que é o cachalote.

Esse escrúpulo determinou que muita gente julgue que a diferença que o cachalote faz da baleia é ser mais pequeno, quando na realidade só a grande baleia azul o ultrapassa em tamanho, tendo as restantes espécies corpulência equivalente, umas, ou inferior, outras.

Os cetáceos (baleias e cachalotes) são os maiores animais actualmente existentes. Pensa-se que sejam também das espécies de mamíferos mais antigas. A sua adaptação á vida aquática revela uma evolução muito grande e necessáriamente muito longa, a partir da forma e dos hábitos que deveriam ser os dos seus distantes antepassados de vida terrestre.

Nada se sabe concretamente sobre o que teria levado esses mamíferos de épocas remotas a escolher o mar para viver. É possível que tenham passado por uma fase intermédia de vida anfíbia e que se assemelhassem, então, a grandes focas, ganhando posteriormente hábitos de permanência total na água e continuando a evolução morfológica para o seu aspecto actual, que muito se aproxima do dos peixes.

Já em épocas contemporaneas do Homem, algumas espécies de baleias aproximavam-se das praias, quase ficando a seco quando pretendiam repousar. Esse hábito, que era provávelmente um último vestígio de vida anfíbia, tornava-as presa fácil dos povos antigos, que conseguiam matá-las com as suas armas rudimentares. As baleias chegaram assim a ter uma influência considerável na vida de certos habitantes das terras litorais de extensa zona do Mediterraneo.

A pesca da baleia ao longo dos tempos

Em tempos recuados da Idade Média, ainda os bascos se aproveitaram da vinda das baleias até á costa e dedicaram-se durante muito tempo á sua caça. Ou por terem sido extintas as espécies que se aproximavam de terra ou por elas próprias terem sido afugentadas pelos caçadores, foi necessário ir procurar as baleias no mar. Os bascos foram ainda os primeiros que o fizeram, mas quase todos os povos do Norte da Europa em breve seguiram o seu exemplo.

Com as frotas baleeiras americanas, a pesca adquiriu, no séc. XVIII, um aspecto industrial e uma dimensão nunca antes atingida. Eram muitos os grandes veleiros que saíam dos portos da Nova Inglaterra e da Califórnia para campanhas que poderiam durar dois anos. As tripulações eram quase totalmente recrutadas entre marinheiros sem outro recurso de emprego ou sedentos de lucro, entre criminosos e desertores. Todos tinham um motivo forte para aceitar uma tarefa cheia de perigos e privações. Eram homens corajosos por ambição ou desespero.

O extermínio das espécies mais fácilmente capturáveis obrigou os pescadores americanos a combater baleias mais ágeis e agressivas, entre as quai
lote. E
combat
que de
«Moby
naufrág
e da i
dores.
inspiro
Melvill
mais d
um fil
cujas
filmada
Os g
baleias
ram i
gueses.
veram-
poame
técnica
integra
zação
pesca,
cos ar
bricas,
cament
quenta
Até
po, a N

posição
ca da
putaçã
respon
dos ce
é hoje
ponese
definit
ses, im
petir c
duas g

Os he
da t

A n
rência
das, o
ca com
siste h
dos A
em mo
rem do
dos pe
A t
muito
frotas
vam
Atlanti
dificul
nos se
comple
nas es
Cabo
no fim
desemb
dessas

Mais
da bal
Améric
rianos
práti
aprend
suíam
ir proc
mais p
-se cor
rotas n
las sua
feito, a
Fora
há uma
duziran
lote na
rianos

EDITORIAL MINERVA

MANUEL RODRIGUES, SUCRS, Lda.

Fundada em 1927 por MANUEL RODRIGUES

31, Rua Luz Soriano, 31-33 e 35-1.º — Telef 32 25 33

COLECÇÕES:

MINERVA (Amarelo Gigante) — MINERVA (Série Espionagem), BIBLIOTECA POPULAR MINERVA (bolso), AUTORES DO NOSSO TEMPO, MINERVA (livros de capa amarela), MINERVA (livros de capa branca), BIBLIOTECA PARA TODOS, TERRA-MAR, COLECÇÃO XX (livros policiais de bolso), LIVROS VÁRIOS — DICIONÁRIOS, AUTORES PORTUGUESES, LIVROS PARA CRIANÇAS e ADOLESCENTES, CATAVENTO MINERVA (bolso)

PEÇA O NOSSO CATÁLOGO, QUE O ENVIAREMOS IMEDIATAMENTE PELO CORREIO

OFICINAS GRÁFICAS:

Rua da Alegria, 30 — Telefone 3 47 20 LISBOA - 2

DÃO FELICIDADE

Os anéis de Pedido, as Alianças de Casamento e de Compromisso das

OURIVESARIAS

BARATEIRO DE S. DOMINGOS

Rua Barros Queirós, 56

E

SANTO ANTÃO

R. Portas de S.to Antão, 44

EXCURSÕES

Autopullman de luxo

"PRIMAVERA" — Espanha
França - Luxemburgo - Alemanha
Holanda - Bélgica e Inglaterra
Partida a 9/5 — 23 dias de viagem

ANDALUZIA

Évora - Sevilha - Cadiz - Algeciras
Torremolinos - Málaga - Granada
Córdoba e Mérida
Partida 16/5 — 10 dias de viagem

CRUZEIRO e **MADEIRA** e **AÇORES**

No N.I. "Funchal"
Por ocasião das Festas do Santo Cristo dos Milagres
Partida 12/5 — 10 dias de viagem

abreu
DESDE 1840

LISBOA — Av. da Liberdade, 160
PORTO — Av. dos Aliados, 207
COIMBRA — Rua da Sota, 2

CRUZEIRO AO CABO NORTE "FIORDES" NORUEGA

abreu DESDE 1840

...ício de pou-
...menos cin-

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Em LEIRIA o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por Baltazar & Rodrigues, Rotunda de Santo... 1

Ourivesaria da GUIA

GARANTIA DE PROBIDADE E COMPETÊNCIA

RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

Fundada em 1875

HOTEL DO MAR

SESIMBRA

Recomendamos aos nossos estimados amigos e clientes o habitual ambiente tranquilo e acolhedor durante a semana da PÁSCOA, solicitando o obséquio de nos confirmarem com antecedência os seus pedidos de reserva para os telefones 229326 e 229422.

2 SENSACIONAIS EXCURSÕES

ACOMPANHADAS EM AVIÃO A JACTO

ÁFRICA — O MUNDO EM NOVA DIMENSÃO
A mais original viagem do ano.
África do Sul - Moçambique
Rodésia - Angola.
Partidas 16,5 e 15,8.

JAPÃO — A nossa tradicional viagem
"O SONHO DO JAPÃO"
Partidas 18/4-23/5-11/7-8/8 e 5/9.
Japão - Tailândia - Hong-Kong - Macau - Filipinas - Pérsia.

abreu desde 1840
LISBOA - Av. Liberdade, 160 - PORTO - Av. Aliados, 207 - COIMBRA - R. Sotº, 2
abreu É QUALIDADE abreu É MELHOR

GRANDE
OURIVESARIA DA MODA
OURIVES - JOALHEIROS

TENDO COMO DIVISA SEMPRE BEM SERVIR

RUA DA PRATA, 257 — Telefone 32 14 31 — LISBOA-2

É O MAR QUE FAZ A ILHA (3)

Imóvel como uma estátua, o arpoador aguarda o momento oportuno para atingir o cachalote

OS BALEEIROS TRADIÇÃO AIN POR PESCADO

Como nos tempos pré-históricos, há ainda hoje homens que combatem corpo-a-corpo animais mil vezes maiores do que eles. Os animais continuam a existir por quase todos os mares do mundo, mas os homens são só os pescadores de cachalotes dos Açores e da Madeira.

DO NOSSO CORRESPO
RUI CAMAC

Há em Portugal o escrúpulo científico de estabelecer uma separação bem compartimentada entre baleias e cachalotes — diferença que, embora com bases científicas, não é substancialmente considerada no vocabulário corrente de quase todos os povos de grandes tradições baleeiras. Para eles, há, em tradução á letra, a baleia azul ou ventre amarelo, a baleia cinzenta, a baleia cabeça de arco e muitas outras, entre as quais a baleia de esperma cete (substância oleosa contida na zona profunda da cabeça) ou baleia de dentes, que é o cachalote.

Esse escrúpulo determinou que muita gente julgue que a diferença que o cachalote faz da baleia é ser mais pequeno, quando na realidade só a grande baleia azul o ultrapassa em tamanho, tendo as restantes espécies corpulência equivalente, umas, ou inferior, outras.

Os cetáceos (baleias e cachalotes) são os maiores animais actualmente existentes. Pensa-se que sejam também das espécies de mamíferos mais antigas. A sua adaptação á vida aquática revela uma evolução muito grande e necessáriamente muito longa, a partir da forma e dos hábitos que deveriam ser os dos seus distantes antepassados de vida terrestre.

Nada se sabe concretamente sobre o que teria levado esses mamíferos de épocas remotas a escolher o mar para viver. É possível que tenham passado por uma fase intermédia de vida anfíbia e que se assemelhassem, então, a grandes focas, ganhando posteriormente hábitos de permanência total na água e continuando a evolução morfológica para o seu aspecto actual, que muito se aproxima do dos peixes.

Já em épocas contemporaneas do Homem, algumas espécies de baleias aproximavam-se das praias, quase ficando a seco quando pretendiam repousar. Esse hábito, que era provávelmente um último vestígio de vida anfíbia, tornava-as presa fácil dos povos antigos, que conseguiam matá-las com as suas armas rudimentares. As baleias chegaram assim a ter uma influência considerável na vida de certos habitantes das terras litorais de extensa zona do Mediterraneo.

A pesca da baleia ao longo dos tempos

Em tempos recuados da Idade Média, ainda os bascos se aproveitaram da vinda das baleias até á costa e dedicaram-se durante muito tempo á sua caça. Ou por terem sido extintas as espécies que se aproximavam de terra ou por elas próprias terem sido afugentadas pelos caçadores, foi necessário ir procurar as baleias no mar. Os bascos foram ainda os primeiros que o fizeram, mas quase todos os povos do Norte da Europa em breve seguiram o seu exemplo.

Com as frotas baleeiras americanas, a pesca adquiriu, no séc. XVIII, um aspecto industrial e uma dimensão nunca antes atingida. Eram muitos os grandes veleiros que saíam dos portos da Nova Inglaterra e da Califórnia para campanhas que poderiam durar dois anos. As tripulações eram quase totalmente recrutadas entre marinheiros sem outro recurso de emprego ou sedentos de lucro, entre criminosos e desertores. Todos tinham um motivo forte para aceitar uma tarefa cheia de perigos e privações. Eram homens corajosos por ambição ou desespero.

O extermínio das espécies mais fácilmente capturáveis obrigou os pescadores americanos a combater baleias mais ágeis e agressivas, entre as quai lote. E combat que de «Moby naufrág e da i dores. inspiro Melvill mais d um fil cujas filmada

Os baleias ram i gueses. veram- poame técnica integra zação pesca, cos ar bricas, camen quenta

Até po, a N

posição ca da putaçã respon dos ce é hoje ponese definit ses, im petir c duas g

Os he da t

A n rência das, o ca com siste h dos A em mo rem do dos pe

A t muito frotas vam Atlanti dificul nos se comple nas es Cabo V no fim desemb dessas

Mais da bal Améric rianos prát aprend suíam ir proc mais p -se co rotas n las sua feito, a

Fora há uma duziran lote na rianos

EDITORIAL MINERVA

MANUEL RODRIGUES, SUCRS, Lda.

Fundada em 1927 por MANUEL RODRIGUES

31, Rua Luz Soriano, 31-33 e 35-1.º — Telef 32 25 33

COLECÇÕES:

MINERVA (Amarelo Gigante) — MINERVA (Série Espionagem), BIBLIOTECA POPULAR MINERVA (bolso), AUTORES DO NOSSO TEMPO, MINERVA (livros de capa amarela), MINERVA (livros de capa branca), BIBLIOTECA PARA TODOS, TERRA-MAR, COLECÇÃO XX (livros policiais de bolso), LIVROS VÁRIOS — DICIONÁRIOS, AUTORES PORTUGUESES, LIVROS PARA CRIANÇAS e ADOLESCENTES, CATAVENTO MINERVA (bolso)

PEÇA O NOSSO CATÁLOGO, QUE O ENVIAREMOS IMEDIATAMENTE PELO CORREIO

OFICINAS GRÁFICAS:

Rua da Alegria, 30 — Telefone 3 47 20 LISBOA - 2

DÃO FELICIDADE

Os anéis de Pedido, as Alianças de Casamento e de Compromisso das

OURIVESARIAS

BARATEIRO DE S. DOMINGOS

Rua Barros Queirós, 56

E

SANTO ANTÃO

R. Portas de S.to Antão, 44

O ouro é feito de poucos. Ganhando menos consegue-se mais.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

EXCURSÕES
Autopullman de luxo

"PRIMAVERA" — Espanha
França - Luxemburgo - Alemanha
Holanda - Bélgica e Inglaterra
Partida a 9/5 — 23 dias de viagem

ANDALUZIA
Évora - Sevilha - Cadiz - Algeciras
Torremolinos - Málaga - Granada
Córdoba e Mérida
Partida 16/5 — 10 dias de viagem

CRUZEIRO à MADEIRA e AÇORES
No N.T. "Funchal"
Por ocasião das Festas do Santo Cristo dos Milagres
Partida 12/5 — 10 dias de viagem

abreu
DESDE 1840
LISBOA — Av. da Liberdade, 160
PORTO — Av. dos Aliados, 207
COIMBRA — Rua da Sofia, 2

Em LEIRIA o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por Baltazar & Rodrigues, Rotunda de Santana, 1.

CRUZEIRO AO CABO NORTE "FJORDS" À NORUEGA
a bordo do transatlântico português
"TARASS CHEVTCHENKO"
Visitando Bergen, Aandalsnes, Trondheim, Hammerfest, Stavanger e Copenhague — Partida [illegible] — 17 dias de viagem
Preços desde 15.990$00. Escolha de camarotes no acto da inscrição.
abreu DESDE 1840
Av. Liberdade, 160 — Porto — Av. dos Aliados, 207 — Coimbra — R. Sotº, 2

Ourivesaria da **GUIA**

GARANTIA DE PROBIDADE E COMPETÊNCIA

RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

Fundada em 1875

ROS LEGENDÁRIOS INDA PERPETUADA ORES DA MADEIRA

as quais se contava o cachalote. Foi provàvelmente a combatividade dos cachalotes que deu origem á lenda de «Moby Dick», nascida do naufrágio do baleeiro «Essex» e da imaginação dos pescadores. Foi essa lenda que inspirou o livro de Herman Melville, do qual, há pouco mais de uma década, foi feito um filme muito divulgado, cujas cenas de pesca foram filmadas na Madeira.

Os grandes pescadores de baleias do nosso século foram inicialmente os noruegueses. Com eles, desenvolveram-se os processos de arpoamento com canhão, as técnicas de aproveitamento integral das baleias e a utilização de grandes frotas de pesca, constituídas por barcos arpoadores e navios-fábricas, que percorriam praticamente todos os mares frequentados por cetáceos.

Até há muito pouco tempo, a Noruega manteve a sua

RESPONDENTE
MACHO

posição no cimo da estatística da pesca á baleia e a reputação de ser o principal responsável pelo extermínio dos cetáceos. Essa acusação é hoje feita aos russos e japoneses, que destronaram já definitivamente os noruegueses, impossibilitados de competir com a eficiência destas duas grandes frotas.

Os herdeiros portugueses da tradição americana

À margem dessa concorrência de tecnologias avançadas, o velho processo da pesca com arpão manual só subsiste hoje nos arquipélagos dos Açores e da Madeira, em moldes que pouco diferem dos que teriam sido usados pelos bascos.

A tradição baleeira é já muito antiga nos Açores. As frotas americanas que pescavam nos mares frios do Atlantico Sul, remediavam as dificuldades de recrutamento nos seus postos de origem completando as tripulações nas escalas pelos Açores e Cabo Verde, onde voltavam, no fim da campanha, para desembarcar os pescadores dessas ilhas.

Mais tarde, quando a pesca da baleia entrou em crise na América, os pescadores açorianos resolveram pôr em prática os ensinamentos aprendidos. Como não possuíam barcos grandes para ir procurar baleias nos mares mais povoados, contentaram-se com os cachalotes cujas rotas migratórias passam pelas suas ilhas. E assim têm feito, até hoje.

Foram os açorianos que, há umas três décadas, introduziram a pesca do cachalote na Madeira. Eram açorianos os primeiros pescadores de baleias dos mares da Madeira, como açorianos eram e ainda são os proprietários e dirigentes da empresa então constituída. Mas muitos pescadores de atum do Caniçal, povoação onde está instalada a base da empresa baleeira, em breve se sentiram tentados a largar as varas da pesca de «salto», trocando-as pelo arpão que fere de morte os grandes cetáceos. São eles ou os seus filhos que hoje repetem, na Madeira, as cenas primitivas da luta do homem contra os monstros

Monstros de 70 ou 80 toneladas

Embora mais frequente de Dezembro a Abril, a passagem dos cachalotes pelos mares da Madeira é sempre imprevisível, o que determina a necessidade de um sistema de alerta permanente.

No alto de vários promontórios em redor da ilha, distinguem-se pequenas construções que são os refugios de homens solitários que procuram na planura do mar o penacho de vapor expelido pelos cetáceos quando vêm respirar á superfície.

Procurando os cefalópodos gigantes que constituem a sua alimentação, os cachalotes frequentam zonas batimétricas profundas, embora tenham respiração aérea. A capacidade pulmonar é uma das suas mais surpreendentes características de adaptação ao meio aquático. Depois de uma série de rápidos movimentos respiratórios á superfície, num período de quatro a cinco minutos, o cachalote armazena uma reserva de oxigénio suficiente para estar mergulhado cerca de uma hora.

Ao voltar á superfície, o animal expele um jacto de vapor de água que atinge vários metros de altura e que pode denunciar a sua presença a mais de 30 milhas aos olhos experimentados dos vigias das falésias.

Depois de confirmada a descoberta com o auxílio de potentes binóculos, o vigia determina a posição e o rumo do cachalote ou do cardume assinalado e avisa a base por intermédio do seu emissor de rádio.

Os pescadores são arrancados ás suas ocupações subsidiárias na aldeia vizinha pelo morteiro disparado das instalações baleeiras do Caniçal, onde toda a frota de pesca está permanentemente a postos para a faina. Poucos minutos depois, os barcos saem rápidamente ao encontro dos cachalotes.

As embarcações dos arpoadores — as «baleeiras» — são canoas de cerca de dez metros de comprimento e muito estreitas. O casco mantém a forma elegante e esguia necessária a conseguir velocidades razoáveis quando eram utilizados os remos ou a vela tradicionais, mas esse equipamento, entrou em desuso há alguns anos, com a adaptação de pequenos motores silenciosos, que só são utilizados quando se inicia a pesca. No trajecto para

(Continua na 37.ª pág.)

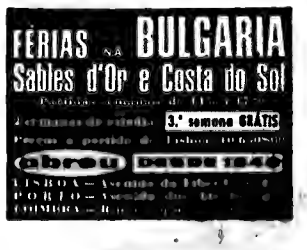
O arpão, vigorosamente impelido pelo homem da proa, vai penetrar fundo no dorso do cachalote, a mole cinzenta que se entrevê junto dos cachões de espuma

EXITO-BAT

Se depositar as suas acções ou obrigações no Banco de Angola, poderá receber todos os meses o valor equivalente a uma quota parte do seu rendimento anual.

Com este novo e inédito serviço, o Banco de Angola continua a servir os portugueses com o dinamismo dos mais modernos processos.

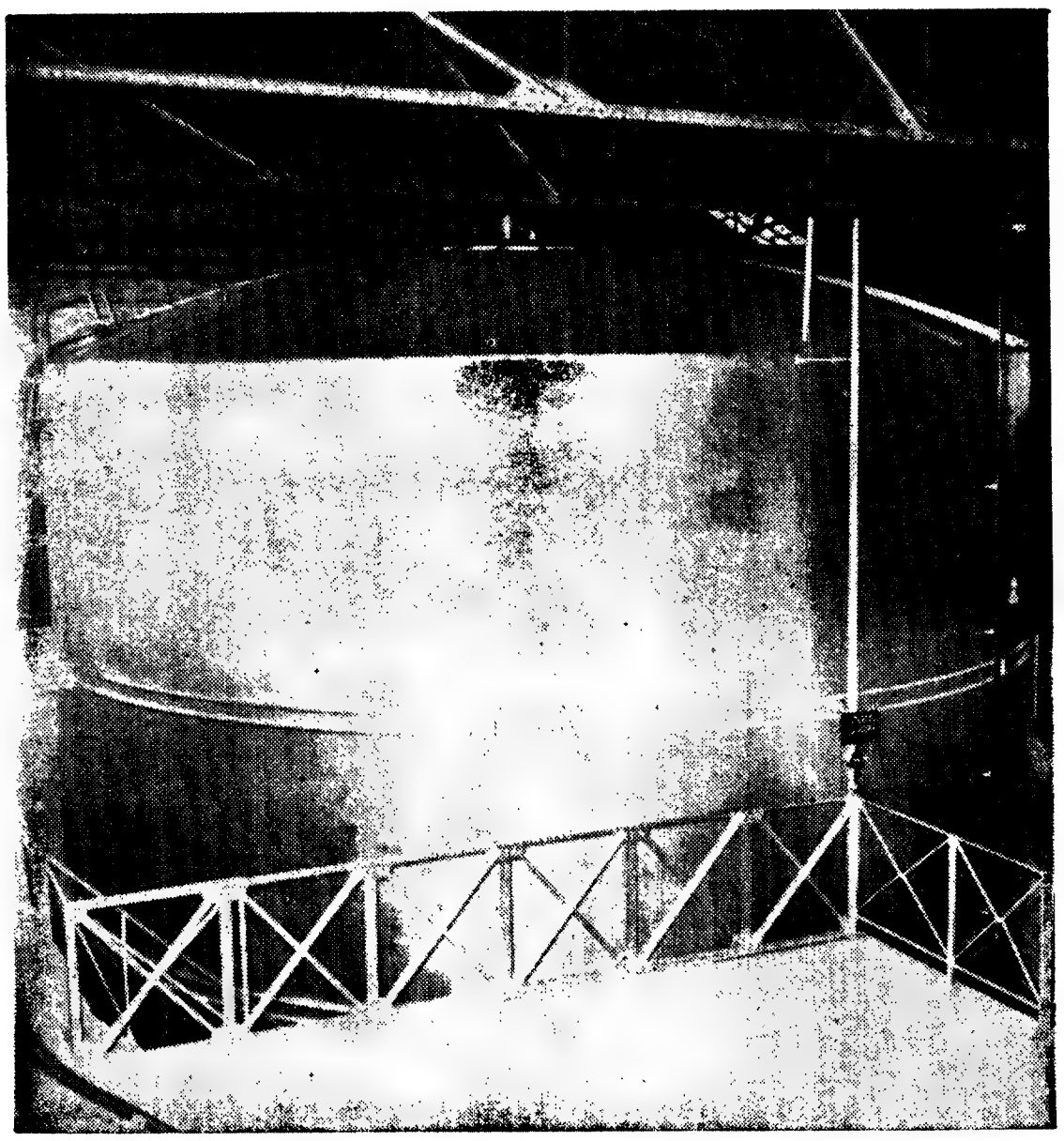
BANCO DE ANGOLA



VINICOLÂNDIA!

A REAL COMPANHIA VINÍCOLA DO NORTE DE PORTUGAL, em colaboração com a sua Associada REAL COMPANHIA VELHA, construiu o maior depósito de Vinho do Porto do mundo.

Com a capacidade de cerca de 2000 pipas ou seja, mais exactamente, 1 057 000 litros, só este depósito contém vinho do Porto bastante para fornecer um bom cálice deste precioso néctar a todos os habitantes de Portugal.



Esta arrojada iniciativa da REAL COMPANHIA VINÍCOLA e REAL COMPANHIA VELHA atesta bem a capacidade empreendedora e realizadora dos indivíduos que compõem as suas respectivas Administrações.

Os Vinhos do Porto da REAL COMPANHIA VELHA e REAL COMPANHIA VINÍCOLA marcam dois brilhantes reinados da lídima nobreza dos vinhos generosos do Douro.

INFORMAÇÃO ELECTRÓNICA COMANDADA POR COMPUTADORES

MUNIQUE, 7 (A. N. I.) — São 168960, as lâmpadas que, nos quadros indicadores dos grandes estádios de Munique, anunciarão, aos espectadores, em escassos segundos, os resultados, fornecidos por computadores, dos jogos olímpicos de 1972. É a primeira vez, na história do olimpismo, que se utilizarão quadros luminosos de resultados, comandados directamente pelos computadores. Menos de um décimo de segundo depois de terminar a prova os resultados são fornecidos á unidade electrónica de processamento de dados e logo aparecem nos quadros luminosos os vencedores e os tempos ou marcas. O quadro pode modificar-se, para dar resultados de outra prova, doze vezes num segundo e a velocidade de transmissão por este processo é 220 vezes mais rápida do que nos Jogos Olímpicos do México, há quatro anos.

As correcções que seja necesário fazer, nos resultados, serão tão rápidas que a vista humana não chegará a registar o primeiro numero errado. Mesmo assim, só nalgum caso extraordinário se registará a possibilidade de erro: a probabilidade é de um erro em cem milhões de transmissões.

O sistema que será utilizado no estádio olímpico e no estádio coberto baseia-se no sistema de matrizes e pode apresentar legendas fixas ou rolantes, em positivo ou negativo, com letras de diferentes tamanhos até quátro vezes o tamanho normal e há a possibilidade de sublinhar, de meter em quadrados ou de acertar as colunas. Os «records», quando sejam batidos, poderão ser sublinhados por dois processos: alterando as luzes do positivo para o negativo ou pela repetição da luz, como se se tratasse de relampagos.

Os quadros de resultados podem ainda ser utilizados na transmissão de imagens, quer fotográficas, quer de cinema. E a intensidade da luz das lampadas é regulável, de modo a obter-se sempre boa leitura, seja qual for a luz ambiente, de dia ou de noite, até á distância de 250 metros.

A companhia encarregada da construção do estádio encomendou agora esses quadros de resultados, que vão importar em cerca de dez milhões de marcos (uns 78.500 contos).

No estádio olímpico ficarão dois quadros, com 26x8,5 metros, cada um deles com 25.155 lâmpadas de 25 velas. No estádio coberto há quatro quadros de resultados, suspensos sobre o rectangulo com 86.600 lampadas.

Na piscina coberta, os quadros de resultados serão convencionais, mas estarão igualmente ligados a um centro de computadores instalado num dos extremos da piscina, onde se verifica a chegada das provas. Os órgãos, sensíveis dos computadores ficam ligados á parede em que o nadador toca, ao terminar a corrida. O tempo gasto pelo nadador aparecerá no quadro luminoso logo que ele toca nessa parede. E, mal termine a corrida o ultimo concorrente, o computador muda automáticamente a ordem dos nadadores, para ficarem segundo a classificação.

Haverá ainda um quadro de resultados móvel, também baseado no sistema de matrizes, para as provas de remo e de canoagem e para as provas de canoa em cachoeira.

tudo novo na sua casa

Ao chegar, com a família, à sua nova casa
em Santo António dos Cavaleiros,
encontra decoração original, sensibilidade, nova vida.
Veja que espaço interior!
Todo ele estudado racionalmente e mobilado.
E lá fora os seus filhos podem brincar, sonhar, correr, estudar.
Podem crescer. A casa é sua.
Introduza alterações na disposição e no conteúdo,
aproveitando as vantagens especiais que a Icesa lhe oferece
e a ajuda de um decorador que esta Empresa
põe ao seu serviço, gratuitamente.
Em Santo António dos Cavaleiros encontra, para entrega imediata,
9 tipos diferentes de habitações — de 3 a 9 divisões.
São casas que se valorizam de ano para ano,
numa cidade nova, a dois passos de Lisboa.

Visite os nossos andares-tipo, mobilados por Olaio

SANTO ANTONIO DOS CAVALEIROS Uma certeza de felicidade

Um empreendimento da ICESA — Indústrias de Construção e Empreendimentos, SARL. • Av. da Liberdade, 9 — Lisboa 2/Telef.: 326314 (P.P.C.) 6 linhas
Santo António dos Cavaleiros — Estrada de Loures — Telef.: 2530865 • Visitas todos os dias, das 11 às 13 e das 15 às 20 horas, excepto às 2.ª feiras.

LOPES & LOPES (FILHO), LIMITADA
PRAÇA DA FIGUEIRA, 12-C
Telefones 86 87 82 - 86 87 31 LISBOA
Armazém de solas, cabedais, pelarias finas, para calçado e malas

Leopardos, cobras, lagartos, crocodilos, etc.,
curtem e tingem a feitio;
trabalho perfeitíssimo na nossa fábrica
COMPRAMOS DESTAS ESPECIES POR CURTIR

ESTALEIROS NAVAIS DE VIANA DO CASTELO
VIANA DO CASTELO
Telefne 2 20 71
Telegramas: NAVAIS
Telex: 2685
LEIXÕES
Rua Dr. José Domingos Oliveira, 16-C
Leça da Palmeira

H. PARRY & SON, L.DA
AVENIDA 24 DE JULHO, 6 — LISBOA
Telefone 66 41 87
Teleg. NAVIOS Telex: 1318

CONSTRUÇÃO DE NAVIOS ATÉ 25 000 t Dw.
REPARAÇÕES NAVAIS EM LISBOA E LEIXÕES
DOCAS SECAS
EXECUÇÃO DE QUAISQUER TRABALHOS DE:
MECÂNICA — METALURGIA — ELECTRICIDADE
ISOLAMENTOS A POLIURETANO E REVESTIMENTOS A POLIESTER
DESENHOS — PROJECTOS — ORÇAMENTOS

COMPANHIA DAS ÁGUAS DE LISBOA
Os escritórios desta Companhia fecham amanhã, 8, às 12.30 horas e só reabrem na próxima segunda-feira, 12 de Abril às 9 horas.

INFORMAÇÃO ELECTRÓNICA COMANDADA POR COMPUTADORES

MUNIQUE, 7 (A. N. I.) — São 168960, as lâmpadas que, nos quadros indicadores dos grandes estádios de Munique, anunciarão, aos espectadores, em escassos segundos, os resultados, fornecidos por computadores, dos jogos olímpicos de 1972. É a primeira vez na história do olimpismo, que se utilizarão quadros luminosos de resultados, comandados directamente pelos computadores. Menos de um décimo de segundo depois de terminar a prova os resultados são fornecidos á unidade electrónica de processamento de dados e logo aparecem nos quadros luminosos os vencedores e os tempos ou marcas. O quadro pode modificar-se, para dar resultados de outra prova, doze vezes num segundo e a velocidade de transmissão por este processo é 220 vezes mais rápida do que nos Jogos Olímpicos do México, há quatro anos.

As correcções que seja necesário fazer, nos resultados, serão tão rápidas que a vista humana não chegará a registar o primeiro numero errado. Mesmo assim, só nalgum caso extraordinário se registará a possibilidade de erro: a probabilidade é de um erro em cem milhões de transmissões.

O sistema que será utilizado no estádio olímpico e no estádio coberto baseia-se no sistema de matrizes e pode apresentar legendas fixas ou rolantes, em positivo ou negativo, com letras de diferentes tamanhos até quátro vezes o tamanho normal e há a possibilidade de sublinhar, de meter em quadrados ou de acertar as colunas. Os «recordes», quando sejam batidos, poderão ser sublinhados por dois processos: alterando as luzes do positivo para o negativo ou pela repetição da luz, como se se tratasse de relampagos.

Os quadros de resultados podem ainda ser utilizados na transmissão de imagens, quer fotográficas, quer de cinema. E a intensidade da luz das lampadas é regulável, de modo a obter-se sempre boa leitura, seja qual for a luz ambiente, de dia ou de noite, até á distância de 250 metros.

A companhia encarregada da construção do estádio encomendou agora esses quadros de resultados, que vão importar em cerca de dez milhões de marcos (uns 78.500 contos).

No estádio olímpico ficarão dois quadros, com 26x8,5 metros, cada um deles com 25.155 lâmpadas de 25 velas. No estádio coberto há quatro quadros de resultados, suspensos sobre o rectangulo com 86.600 lampadas.

Na piscina coberta, os quadros de resultados serão convencionais, mas estarão igualmente ligados a um centro de computadores instalado num dos extremos da piscina, onde se verifica a chegada das provas. Os órgãos, sensíveis dos computadores ficam ligados á parede em que o nadador toca, ao terminar a corrida. O tempo gasto pelo nadador aparecerá no quadro luminoso logo que ele toca nessa parede. E, mal termine a corrida o ultimo concorrente, o computador muda automáticamente a ordem dos nadadores, para ficarem segundo a classificação.

Haverá ainda um quadro de resultados móvel, também baseado no sistema de matrizes, para as provas de remo e de canoagem e para as provas de canoa em cachoeira.

tudo novo na sua casa

Ao chegar, com a família, à sua nova casa
em Santo António dos Cavaleiros,
encontra decoração original, sensibilidade, nova vida.
Veja que espaço interior!
Todo ele estudado racionalmente e mobilado.
E lá fora os seus filhos podem brincar, sonhar, correr, estudar.
Podem crescer. A casa é sua.
Introduza alterações na disposição e no conteúdo,
aproveitando as vantagens especiais que a Icesa lhe oferece
e a ajuda de um decorador que esta Empresa
põe ao seu serviço, gratuitamente.
Em Santo António dos Cavaleiros encontra, para entrega imediata,
9 tipos diferentes de habitações — de 3 a 9 divisões.
São casas que se valorizam de ano para ano,
numa cidade nova, a dois passos de Lisboa.

Visite os nossos andares-tipo, mobilados por Olaio

SANTO ANTONIO DOS CAVALEIROS Uma certeza de felicidade

Um empreendimento da ICESA — Indústrias de Construção e Empreendimentos, SARL. • Av. da Liberdade, 9 — Lisboa 2/Telef.: 326314 (P.P.C.) 6 linhas
Santo António dos Cavaleiros — Estrada de Loures — Telef. 2530865 • Visitas todos os dias, das 11 às 13 e das 15 às 20 horas, excepto às 2.as feiras.

LOPES & LOPES (FILHO), LIMITADA
PRAÇA DA FIGUEIRA, 12-C
Telefones 86 87 82 - 86 87 31 LISBOA
Armazém de solas, cabedais, pelarias finas, para calçado e malas
•
Leopardos, cobras, lagartos, crocodilos, etc., curtem e tingem a feitio; trabalho perfeitíssimo na nossa fábrica
COMPRAMOS DESTAS ESPÉCIES POR CURTIR

COMPANHIA DAS ÁGUAS DE LISBOA
Os escritórios desta Companhia fecham amanhã, 8, às 12.30 horas e só reabrem na próxima segunda-feira, 12 de Abril às 9 horas.

ESTALEIROS NAVAIS DE VIANA DO CASTELO
VIANA DO CASTELO
Telefne 2 20 71
Telegramas: NAVAIS
Telex: 2685
LEIXÕES
Rua Dr. José Domingos Oliveira, 16-C
Leça da Palmeira

H. PARRY & SON, L.DA
AVENIDA 24 DE JULHO, 6 — LISBOA
Telefone 66 41 87
Teleg. NAVIOS Telex: 1318

CONSTRUÇÃO DE NAVIOS ATÉ 25 000 t Dw.
REPARAÇÕES NAVAIS EM LISBOA E LEIXÕES
DOCAS SECAS
•
EXECUÇÃO DE QUALQUER TRABALHO DE:
MECÂNICA — METALURGIA — ELECTRICIDADE
ISOLAMENTOS A POLIURETANO E REVESTIMENTOS A POLIESTER
DESENHOS — PROJECTOS — ORÇAMENTOS

Os «hot pants» são ainda a moda agressiva. Dentro de três meses serão em todo o mundo a rotina. Aqui surgem-nos dois modelos londrinos, assinados por Crochetta, um deles numa só peça («sweater-short») com desenho-clarabóia em tons vivos (turquesa e água-marinha) sobre fundo castanho; o outro, blusa em «bouclé» e calçãozinho curto e mais largo é dos que ainda, em terras do Sul, levam comitiva atrás. Mas por pouco tempo...

Ainda o preço dos medicamentos

Do nosso leitor sr. dr. Vasco Branco, de Aveiro, recebemos a seguinte carta:

«O senhor Aires d'Almada — que já teve especialidades, que foi importador e armazenista, fornecedor do Estado e outras entidades — defende, e isso é muito louvável — com laivos de indignação, lógica substancial e ironia subtil, o publico sofredor coagido a recorrer á demonstrada exploração por todos aqueles que fazem da saude publica, melhor, do medicamento, o seu «modus vivendi». E o articulista documenta a sua tese citando modestas boticas e deficientes laboratórios que teriam virado palácios e palacetes (perdoe-se-nos o brasileirismo). Só não refere as farmácias que encerraram por falta de meios, nem as tentativas de carácter industrial goradas á nascença, porque dos fracos, como dos mortos sem retumbancia, não reza a história, como soi dizer-se. Mas nós que calcorreámos o nosso distrito, recentemente, como delegado do Grémio Nacional das Farmácias, e visitámos mais do que centena e meia de boticas, deixamos aqui o nosso espanto pois, mais do que tudo, encontrámos queixas dificuldades, luta inglória pela sobrevivência, sobretudo no desterro dos meios rurais. Todos estes proprietários preferiram — temos a certeza — o conforto de uma existência sem sobressaltos de ordem económica á honrosa promoção á categoria de altruísta preconizada, logo de início, pelo senhor Aires d'Almada. É que isto de mandar na bolsa alheia em nada afecta a nossa, de facto.

E porque falámos em altruísmo, confessamos não perceber também porque hão-de os capitalistas que empregam o seu dinheirinho na industria farmacêutica usar de uma óptica diferente daqueles que o empregam em operações bancárias, seguros, casas de saude, celulose, laboratórios de análises, siderurgia ou simplesmente no engarrafamento de águas minerais. Até porque não nos foi ainda convenientemente explicado se o montante de lucros líquidos auferido pelos laboratórios de especialidades farmacêuticas mais florescentes, vindo a lume nos jornais e arejado na TV, representa ou não um juro decente calculado a partir do respectivo investimento. De qualquer maneira, pretender basear a exigência do sacrifício dos que vivem da gama «medicamento» no facto de se tratar de artigo de primeira necessidade, não chega.

Achamos absolutamente legítimo e até meritório, que tudo se processe no sentido de beneficiar o publico, que tudo se intente no sentido de lhe minorar o sofrimento, e ao mais baixo preço. Mas sejamos curiais. Que o sacrifício não tenha eleitos, que não vá todo reflectir-se na bolsa daqueles que vivem do medicamento. Ou então sacrifiquem também os padeiros. E como nem só de pão vive o homem, que se sacrifiquem também os negociantes da carne, do peixe, dos vegetais, pois que os farmacêuticos, pois que os industriais das drogas também são gente e não podem passar sem a dose diária de calorias. E que se baixem as rendas das casas e o preço dos fatos e do calçado porque o farmacêutico é homem e também não pode andar por aí como Deus o pôs ao mundo. E que baixe tudo o mais, pois todos somos arrastados pelo mundo desumanizado do consumo, do qual o homem do medicamento é mero elo da cadeia incomensurável.

Pois, sim senhor. Também somos dos que trazem de Espanha, para consumo próprio e da família, algumas especialidades farmacêuticas, visto termos verificado há muito a vantagem de preço desses artigos sobre o dos mesmos medicamentos fornecidos pelo nosso armazenista. Mas, paradoxalmente, a farmácia espanhola aufere maior percentagem de lucro do que a nossa. Supomos mesmo ser a farmácia portuguesa aquela que, na Europa, beneficia de mais baixa margem. E isto também foi esquecido pelo sr. Aires d'Almada.

E porque veio a talhe de foice o lucro do farmacêutico, importa vincar aqui o hábil processo utilizado pelo distinto articulista para justificar a exorbitancia das alcavalas suportadas por um medicamento com o preço de 10$00 para o publico. Dependura esta importancia em gancho de magarefe e corta-lhe grossas fatias que esbanja generosamente. Para a farmácia, por exemplo, 30 por cento, ou seja, 3$00. Só que, e isso é que se torna deplorável, omitiu, muito convenientemente, que se a especialidade custasse 10$10, o lucro da farmácia baixaria para 2$02, visto que a partir de 10$00 o farmacêutico só aufere o lucro de 20 por cento. Esqueceu-se ainda de acrescentar que as especialidades nestas condições, isto é, aquelas que marcam preços superiores a 10$00 representam, actualmente, mais do que 95 por cento da existência total de uma farmácia. Ainda por lapso de memória queremos crê-lo (então o nosso articulista não teve já especialidades?!), não referiu que os S. M. S. levaram até aqui, 50 por cento desse lucro. E hoje o receituário destes serviços representa, em algumas regiões, muito mais de metade do receituário total. Depois, matemáticamente froixo, calcula o lucro do armazenista a partir do preço de venda a publico (!) quando devia lembrar-se (então o distinto articulista não viveu nestas andanças?!) que o cálculo se faz sempre sobre o remanescente. Assim o lucro do armazenista sobre uma especialidade de 10$00 é de $70 e não de 1$00.

Enfim, se não se tratasse de um caso muito sério e que não pode nem deve encarar-se com leviandade, diríamos que o sr. Aires d'Almada não passa de um brincalhão».

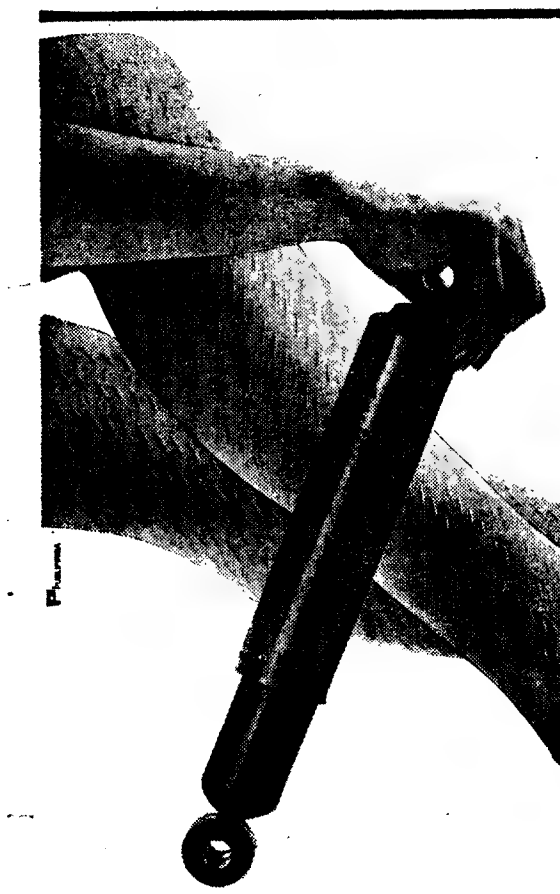
Fotografias na Associação dos Inquilinos

A Associação dos Inquilinos Lisbonenses promove, de 22 a 31 de Maio, na sua sede, na Avenida Almirante Reis, 12, uma exposição dos trabalhos fotográficos, apresentados pelos amadores e profissionais concorrentes ao concurso fotográfico que aquela associação realiza, no âmbito das comemorações do seu 47.º aniversário.

Na sede da associação, prestam-se todos os esclarecimentos, até 20 de Abril, ás pessoas interessadas que ainda não tenham feito a sua inscrição.

A «TIMBRE SEIXALENSE» FAZ ANOS

A Sociedade Democrática Timbre Seixalense (vulgo «Os Franceses») festeja agora o 123.º aniversário da sua fundação (60.º da restauração). Por tal motivo haverá, no dia 11, ás 15 e 30, uma sessão solene.



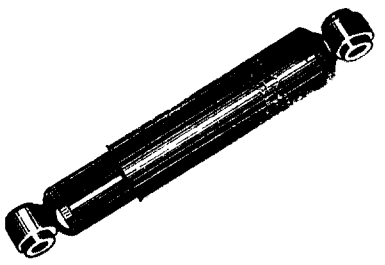
Você também acelera com os amortecedores!

FAÇA ESTE TESTE PARA SABER EM QUE ESTADO SE ENCONTRAM OS SEUS AMORTECEDORES

Conduza a baixa velocidade numa estrada livre e plana e comece a dar pequenos toques sucessivos no travão de pé: se o seu carro começar a balancear-se de frente para trás — já sabe o que tem a fazer: exija que no seu garagista lhe substituam os seus amortecedores por amortecedores de SEGURANÇA MONROE

Para que as rodas transmitam ao carro aceleração com eficácia, é fundamental que os amortecedores mantenham um contacto contínuo "piso-rodas"
Se os amortecedores têm mais de 20 000 kms., já podem estar gastos e o contacto "piso-rodas" deixa de ser contínuo, tornando as distâncias de travagem muito mais extensas.

Modelo MONRO-MATIC — concebido especialmente como equipamento de substituição — garantido por 2 anos ou 38 000 kms. Modelo SUPER 500 — para condução desportiva garantido por dois anos ou 48 000 kms. Modelo LOAD-LEVELER — compensador de carga, absorvendo o excedente de peso de veículos excessivamente carregados ou de reboque; peça ao seu garagista para o aconselhar: é um especialista.

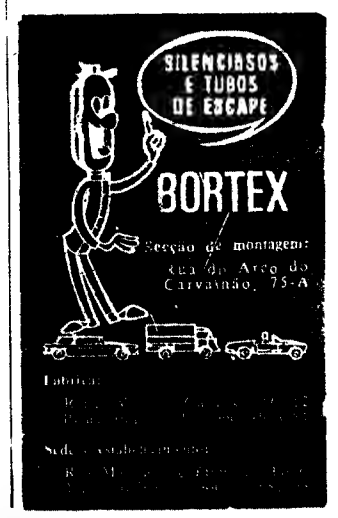


O MÁXIMO DO CONFORTO AUTOMÓVEL, A SEGURANÇA

MONROE

A venda nas boas casas da especialidade. Agentes nas principais localidades do País.

FILIAL — AV. DEFENSORES DE CHAVES, 18-A, 1.º C



Os «hot pants» são ainda a moda agressiva. Dentro de três meses serão em todo o mundo a rotina. Aqui surgem-nos dois modelos londrinos, assinados por Crochetta, um deles numa só peça («sweater-short») com desenho-clarabóia em tons vivos (turquesa e água-marinha) sobre fundo castanho; o outro, blusa em «bouclé» e calçãozinho curto e mais largo é dos que ainda, em terras do Sul, levam comitiva atrás. Mas por pouco tempo ..

Ainda o preço dos medicamentos

Do nosso leitor sr. dr. Vasco Branco, de Aveiro, recebemos a seguinte carta:

«O senhor Aires d'Almada — que já teve especialidades, que foi importador e armazenista, fornecedor do Estado e outras entidades — defende, e isso é muito louvável — com laivos de indignação, lógica substancial e ironia subtil, o publico sofredor coagido a recorrer á demonstrada exploração por todos aqueles que fazem da saude publica, melhor, do medicamento, o seu «modus vivendi». E o articulista documenta a sua tese citando modestas boticas e deficientes laboratórios que teriam virado palácios e palacetes (perdoe-se-nos o brasileirismo). Só não refere as farmácias que encerraram por falta de meios, nem as tentativas de carácter industrial goradas á nascença, porque dos fracos, como dos mortos sem retumbancia, não reza a história, como soi dizer-se. Mas nós que calcorreámos o nosso distrito, recentemente, como delegado do Grémio Nacional das Farmácias, e visitámos mais do que centena e meia de boticas, deixamos aqui o nosso espanto pois, mais do que tudo encontrámos queixas dificuldades luta inglória pela sobrevivência, sobretudo no desterro dos meios rurais. Todos estes proprietários preferiram — temos a certeza — o conforto de uma existência sem sobressaltos de ordem económica á honrosa promoção á categoria de altruísta preconizada logo de início, pelo senhor Aires d'Almada. É que isto de mandar na bolsa alheia em nada afecta a nossa, de facto.

E porque falámos em altruísmo, confessamos não perceber também porque hão-de os capitalistas que empregam o seu dinheirinho na industria farmacêutica usar de uma óptica diferente daqueles que o empregam em operações bancárias, seguros, casas de saude, celulose, laboratórios de análises, siderurgia ou simplesmente no engarrafamento de águas minerais. Até porque não nos foi ainda convenientemente explicado se o montante de lucros líquidos auferido pelos laboratórios de especialidades farmacêuticas mais florescentes, vindo a lume nos jornais e arejado na TV, representa ou não um juro decente calculado a partir do respectivo investimento. De qualquer maneira, pretender basear a exigência do sacrifício dos que vivem da gama «medicamento» no facto de se tratar de artigo de primeira necessidade, não chega.

Achamos absolutamente legítimo e até meritório, que tudo se processe no sentido de beneficiar o publico, que tudo se intente no sentido de lhe minorar o sofrimento, e ao mais baixo preço. Mas sejamos curiais. Que o sacrifício não tenha eleitos, que não vá todo reflectir-se na bolsa daqueles que vivem do medicamento. Ou então sacrifiquem também o padeiros. E como nem só de pão vive o homem, que se sacrifiquem também os negociantes da carne, do peixe, dos vegetais, pois que os farmacêuticos, pois que os industriais das drogas também são gente e não podem passar sem a dose diária de calorias. E que se baixem as rendas das casas e o preço dos fatos e do calçado porque o farmacêutico é homem e também não pode andar por aí como Deus o pôs ao mundo. E que baixe tudo o mais, pois todos somos arrastados pelo mundo desumanizado do consumo, do qual o homem do medicamento é mero elo da cadeia incomensurável.

Pois, sim senhor. Também somos dos que trazem de Espanha para consumo próprio e da família, algumas especialidades farmacêuticas, visto termos verificado há muito a vantagem de preço desses artigos sobre o dos mesmos medicamentos fornecidos pelo nosso armazenista. Mas, paradoxalmente, a farmácia espanhola aufere maior percentagem de lucro do que a nossa. Supomos mesmo ser a farmácia portuguesa aquela que, na Europa beneficia de mais baixa margem. E isto também foi esquecido pelo sr. Aires d'Almada.

E porque veio a talhe de foice o lucro do farmacêutico, importa vincar aqui o hábil processo utilizado pelo distinto articulista para justificar a exorbitancia das alcavalas suportadas por um medicamento com o preço de 10$00 para o publico. Dependura esta importancia em gancho de magarefe e corta-lhe grossas fatias que esbanja generosamente. Para a farmácia, por exemplo, 30 por cento, ou seja, 3$00. Só que, e isso é que se torna deplorável, omitiu, muito convenientemente, que se a especialidade custasse 10$10, o lucro da farmácia baixaria para 2$02, visto que a partir de 10$00 o farmacêutico só aufere o lucro de 20 por cento. Esqueceu-se ainda de acrescentar que as especialidades nestas condições, isto é, aquelas que marcam preços superiores a 10$00 representam, actualmente mais do que 95 por cento da existencia total de uma farmácia. Ainda por lapso de memória queremos crê-lo (então o nosso articulista não teve já especialidades?!), não referiu que os S. M. S. levaram de aqui, 50 por cento desse lucro. E hoje o receituário destes serviços representa, em algumas regiões, muito mais de metade do receituário total. Depois, matemáticamente froixo, calcula o lucro do armazenista a partir do preço de venda a publico (!) quando devia lembrar-se (então o distinto articulista não viveu nestas andanças?!) que o cálculo se faz sempre sobre o remanescente. Assim o lucro do armazenista sobre uma especialidade de 10$00 é de $70 e não de 1$00.

Enfim, se não se tratasse de um caso muito sério e que não pode nem deve encarar-se com leviandade, diríamos que o sr. Aires d'Almada não passa de um brincalhão».

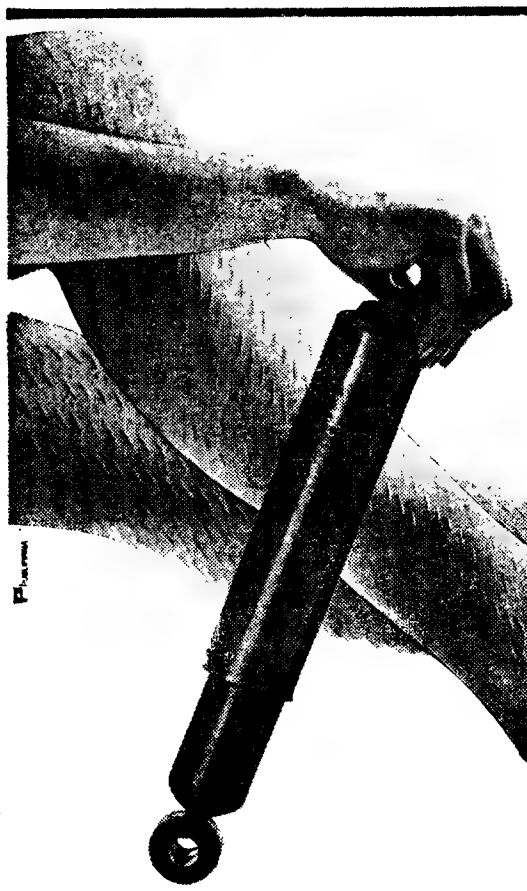
Fotografias na Associação dos Inquilinos

A Associação dos Inquilinos Lisbonenses promove, de 22 a 31 de Maio, na sua sede, na Avenida Almirante Reis, 12, uma exposição dos trabalhos fotográficos, apresentados pelos amadores e profissionais concorrentes ao concurso fotográfico que aquela Associação realiza, no âmbito das comemorações do seu 47.º aniversário.

Na sede da associação, prestam-se todos os esclarecimentos, até 20 de Abril, ás pessoas interessadas que ainda não tenham feito a sua inscrição.

A «TIMBRE SEIXALENSE» FAZ ANOS

A Sociedade Democrática Timbre Seixalense (vulgo «Os Franceses») festeja agora o 123.º aniversário da sua fundação (60.º da restauração). Por tal motivo haverá, no dia 11, ás 15 e 30, uma sessão solene.



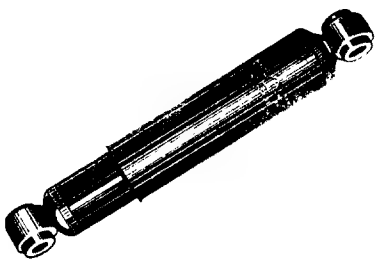
Você também acelera com os amortecedores!

FAÇA ESTE TESTE PARA SABER EM QUE ESTADO SE ENCONTRAM OS SEUS AMORTECEDORES

Conduza a baixa velocidade numa estrada livre e plana e comece a dar pequenos toques sucessivos no travão de pé: se o seu carro começar a balancear-se de frente para trás — já sabe o que tem a fazer: exija que no seu garagista lhe substituam os seus amortecedores por amortecedores de SEGURANÇA MONROE

Para que as rodas transmitam ao carro aceleração com eficácia, é fundamental que os amortecedores mantenham um contacto contínuo "piso-rodas"
Se os amortecedores têm mais de 20 000 kms., já podem estar gastos — e o contacto "piso-rodas" deixa de ser contínuo, tornando as distâncias de travagem muito mais extensas.

Modelo MONRO-MATIC — concebido especialmente como equipamento de substituição — garantido por 2 anos ou 38 000 kms. Modelo SUPER 500 — para condução desportiva garantido por dois anos ou 48 000 kms. Modelo LOAD-LEVELER — compensador de carga, absorvendo o excedente de peso de veículos excessivamente carregados ou de reboque; peça ao seu garagista para o aconselhar: é um especialista.

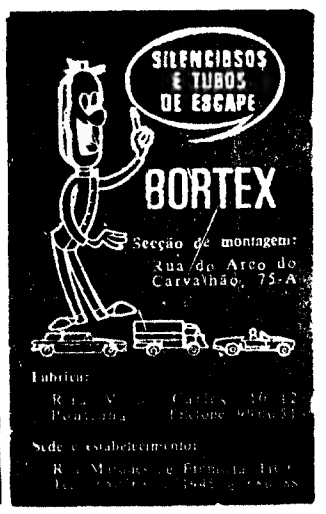


MONROE

O MÁXIMO DO CONFORTO AUTOMÓVEL: A SEGURANÇA

À venda nas boas casas da especialidade
Agentes nas principais localidades do País.

AUTO-LUSITANIA ALFREDO DUARTE, LDA.
SEDE — AV. DA LIBERDADE, 73, 1.º E 2.º, 77 FILIAL — AV. DEFENSORES DE CHAVES, 81-B, 81-C



AS RENDAS DE CASA

(Continua na 22.ª página)

das — que é já fenómeno corrente e retrata quanto de inviável se apresenta, por falta de meios económicos, para cada família, viver sem promiscuidade.

«Criou-se essa «avaliação» [comissão avaliadora) — mas não se criou uma força antagónica e pronta a argumentar com a insuficiência dos aumentos que incidem (quando incidem) sobre os ordenados da maioria das pessoas. O próprio Estado autorizou que a C. P. utilizasse uma «bitola» rudemente discrepante para quem necessita deslocar-se todos os dias em busca do pão que, «mesmo só psicológicamente», haverá de chegar para toda a família.»

Acrescenta o nosso leitor se será necessário «lembrar que o povo não tem posses para uma casa suficiente nem — e menos ainda — para satisfazer aumentos de renda, já de si exagerada perante os magros vencimentos mensais. Aqueles que, há cinco anos, tiveram poder económico para comprar prédios de rendimento — ou, pela intervenção «prestamista», mandaram construi-los — certamente não se encontram ás portas da miséria, para precisarem de arrebanhar, aos inquilinos, mais uns dinheiros que se traduzem, em muitos casos, nas restrições de pão para a boca, de protecção contra a intempérie, de medidas contra a doença de instrução para os filhos

«Se a vida piora, se o momento é de dificuldade crescente, então não entendemos o padrão de moralidade que se compraz em compadecer-se dos senhorios, ao mesmo tempo que olhando-se o humano direito de cada qual poder acolher-se sob uma telha sem que isso lhe implique restringir-se abaixo do nível do pão. Queixam-se «os pobres senhorios» de que, sem aumentos ao fim de cinco anos do contrato de arrendamento, o juro do capital investido na aquisição dos prédios não satisfaz a necessidade do seu «bem viver» nem o luxo do seu viver sem recurso ao trabalho?

«Deus ilumine estes sujeitos que se acoitam á teoria de não admitir que no facto da luta diária daqueles que produzem alguma coisa está também o direito a um juro — e esse juro (que não é prémio de ociosidade) merece incluir as benesses dum lugar para habitação».

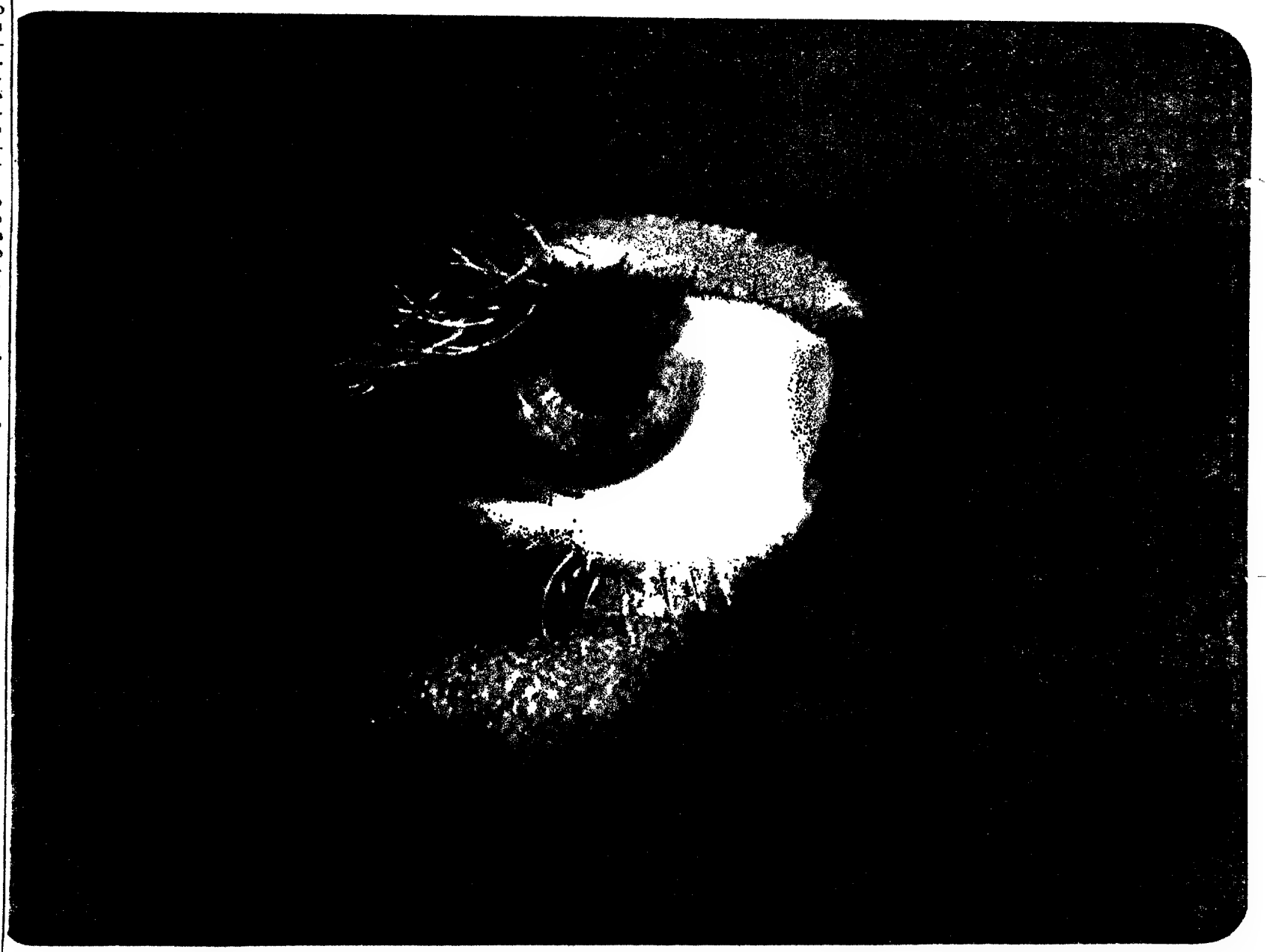
«Por «inquilino» entende-se a grande massa dos portugueses — condenados á renda sem garantia para o porvir; e, por isso, na certeza de que ao fim de vinte ou trinta anos de terem pago, «com juros e tudo», a casa onde vivem, serão postos na rua logo que lhes falte dinheiro para dois ou três meses dum encargo que é vitalício e que não se demove com situações de excepção (seja a doença, seja o desemprego seja a invalidez). E haverá exagero em afirmar-se que a Lei é dos «senhorios», quando não pode negar-se que a grande massa populacional do país é constituída por inquilinos?»

«Confiemos em que o parlamentar e advogado dr. José da Silva defenda a posição de um constituinte colectivo, que é da ordem das muitas centenas de milhares de inquilinos deste País, onde o povo não tem garantia nem segurança dum tecto para se abrigar!»

VINTE VEZES DA TERRA À LUA

A frota de distribuição dos produtos Sacor, constituída por 223 unidades (172 carros-tanques, 35 atrelados e 12 galeras) percorreu, durante 1970 e só no Continente, mais de oito milhões e meio de quilómetros — ou seja, distâncias que equivalem, no seu conjunto, a dez viagens de ida e volta, da Terra á Lua.

O movimento, em tonelagem, atingiu, no referido período, o total de 949 300 toneladas, das quais 646 700 foram transportadas pela frota própria, e 302 600 toneladas em frota alheia (clientes, revendedores e transportistas).



Bilhetes de «Fim-de-Semana»

A C. P. informa que, na semana da Páscoa, os bilhetes de «Fim de Semana» são válidos, para início da viagem de Ida, desde as 17-00 horas do dia 7, quarta-feira, até às 12-00 horas de domingo, dia 11, e, para início da viagem de Regresso, desde as 12-00 horas do mesmo domingo até às 24 horas de terça-feira, dia 13.

o olhar da inteligência determina a escolha

Quando se escolhe o local de férias, procura-se encontrar o melhor.
Quando se escolhe um investimento para o capital, por muito pouco que seja, procura-se o mais rentável.
Quando se deseja que essas duas condições sejam perfeitamente satisfeitas, consulta-se a TORRALTA, porque só a TORRALTA proporciona diversas e óptimas opções ao seu capital, no Algarve praia do Alvor ou em Trola, na Ponta do Adoxe.

TORRALTA
UM LUGAR PARA SI UMA SOCIEDADE PARA TODOS

A POPULALAÇÃO DE OLIVEIRA DE AZEMÉIS
(ONDE EXISTEM 49 ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAÍS)
REGISTOU UM AUMENTO DE 21%

Segundo os numeros preliminares do recenseamento no concelho de Oliveira de Azeméis, do distrito de Aveiro, no ultimo decénio e no conjunto das suas 19 freguesias, a população presente aumentou 21 por cento. Este aumento atribui-se sobretudo á atracção exercida sobre os concelhos vizinhos, a qual provoca fortes correntes migratórias internas. Com 49 estabelecimentos industriais, com 21 e mais pessoas ao serviço, em 1964, este concelho afirma-se como um pólo de atracção.

Das 19 freguesias, 18 apresentam acréscimos populacionais que se situam entre 1 e 66 por cento, respectivamente, nas freguesias de Madail e Macieira de Sarnes.

A freguesia da Vila de Cucujães, a mais populosa do concelho, apresenta um aumento de população presente de 49 por cento. A freguesia de Palmaz, de características serranas, é a unica que acusa decréscimo, mas este não excede os 2 por cento.

As flutuações deste aumento situam-se, por freguesia, entre 3 e 18 por cento, respectivamente, nas de Castelões e Vila Chã.

Verificaram-se diminuições nas freguesias de Arões e Cepelos, 5 por cento, e na freguesia de Junqueira, 9 por cento.

Quanto ao concelho de Castelo de Paiva, também no distrito de Aveiro, formado por nove freguesias, a população decresceu, nos dez anos ultimos 8 por cento.

O decréscimo mais reduzido verificou-se na freguesia de Bairros, 5 por cento, e o mais elevado na freguesia de Paraíso, 21 por cento.

As freguesias de Santa Maria de Sardoura e S. Martinho de Sardoura apresentam, porém, aumento de 4 e 15 por cento, respectivamente.

A população presente de concelho de Góis, distrito de Coimbra, composto por cinco freguesias, decresceu 29 por cento.

A percentagem mais baixa desta diminuição verificou-se na freguesia de Vila Nova de Ceira, 11 por cento, e a mais elevada, 56 por cento, na freguesia de Colmeal. Já no período compreendido entre 1950 e 1960 se tinha observado, neste concelho, um decréscimo de 12 por cento. No concelho de Mira (Coimbra), constituído por uma freguesia, a população presente decresceu 3 por cento.

Em Santarém houve decréscimo

Relativamente ao concelho de Santarém, formado por 27 freguesias, a população presente diminuiu, neste último decénio, 7208 unidades, decréscimo esse que corresponde a 11 por cento.

A percentagem mais reduzida, 1 por cento, verificou-se na freguesia de S. Salvador, a mais populosa do concelho, e a mais elevada, na freguesia de Tremês, 35 por cento.

As freguesias de Marvila e Pernes apresentam, todavia, aumentos populacionais de 6 e 1 por cento, respectivamente.

No concelho de Torres Novas, distrito de Santarém, constituído por 16 freguesias, a população presente decresceu, nos últimos dez anos, 3 por cento.

As flutuações deste decréscimo vão de 5 por cento, na freguesia de Santiago, a 45 por cento, na freguesia de Paço.

Verifica-se, no entanto, aumento de população em várias freguesias. O mais baixo registou-se na freguesia de Ribeira Branca, 4 por cento, e o mais elevado, 36 por cento, na freguesia de Santa Maria. É curioso verificar que no decénio 1950-1960 aquele concelho havia registado também um decréscimo de população presente de 3 por cento.

No arquipélago da Madeira

Encontra-se concluído o apuramento preliminar do XI Recenseamento Geral da População, no distrito do Funchal, o qual, constituído por 11 concelhos, com 53 freguesias, teve um decréscimo populacional de 6%. Este decréscimo corresponde a 8 concelhos, verificando-se o maior índice nos de Calheta e de Porto Moniz (26% e 24% e acréscimo maior no de Porto Santo (12%). Já no decénio de 1950-60 se registara no distrito um decréscimo de 0,4%. A situação por concelhos é a seguinte:

CALHETA — 8 freguesias; decréscimo de 26%; maior decréscimo, na freguesia de Paul do Mar (40%) e o mais baixo, na de Ponta do Pargo (19%). Decréscimo verificado no precedente decénio: 9%.

CAMARA DE LOBOS — 4 freguesias; acréscimo de 4%. Maior aumento, Estreito da Câmara de Lobos (10%); único decréscimo, na freguesia de Quinta Grande, 5%.

FUNCHAL — 10 freguesias; aumento de 6%. Unico decréscimo, freguesia da Sé, 7%. Aumento maior; freguesia do Monte, 14%.

MACHICO — 5 freguesias; decréscimo de 4%. Decréscimo em três freguesias, sendo o maior na de Porto da Cruz (14%). Maior aumento, na do Caniçal, 30%. No período anterior; decréscimo de 3%.

PORTO SANTO — 1 freguesia. Aumento de 12%.

RIBEIRA BRAVA — 4 freguesias, decréscimo de 19%. Mais elevado na de Tábua (32%) e o mais baixo na de Serra de Água (10%). Período anterior: decréscimo de 3%.

SANTA CRUZ — 6 freguesias, decréscimo de 19%. Aumento na da Camacha (8%) e o maior decréscimo na de Santo António da Serra (40%).

SANTANA — 5 freguesias, decréscimo de 11%. Mais elevado nas de Arco de S. Jorge e de S. Roque do Faial (ambas com 20) e o mais baixo na de Santana (2%). Período anterior, decréscimo de 10%.

S. VICENTE — 3 freguesias, decréscimo de 11%. Mais elevado na de Ponta Delgada (14%) e o mais baixo na de Boa Ventura (4%). Período anterior: decréscimo de 7%.

Confraternização de antigos cadetes do C.O.M. de Mafra

Os antigos cadetes que frequentaram o curso de oficiais milicianos em 1941, na Escola Prática de Infantaria, em Mafra, tencionam comemorar o 30.º aniversário do curso no próximo dia 5 de Junho, com uma reunião de confraternização naquele estabelecimento militar.

Compreendendo inicialmente 367 cadetes, o respectivo batalhão de instrução foi constituído por duas companhias, dos comandos dos actuais general França Borges e coronel José Ricardo.

As inscrições podem ser dirigidas para a Rua José Lins do Rego, 26, 2.º esq.º, em Lisboa, ou pelo telefone 763477. De igual modo, receberão inscrições os antigos cadetes José Domingos Teixeira, Rua Fernandes Tomás, 790, no Porto, ou dr. José Conceição, Rua Pinheiro Chagas, 16, primeiro, em Coimbra.

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO
CARREGADORES AÇOREANOS

N/M «PASSAT»

Sai de Lisboa no dia de Abril
para

LEIXÕES
ROUEN
LE HAVRE

Aceitam-se cargas.

Contacte com os nossos serviços na
Avenida D. Carlos I, 42-4.º
Tel. 690151 LISBOA - 2

EXCURSÕES DA C. P.

MADRID, ANDALUZIA E FEIRA DE SEVILHA

A C. P. realiza, em colaboração com a Agência de Viagens a Empresa Geral de Transportes e por ocasião da Feira de Sevilha as seguintes excursões.

MADRID E FEIRA DE SEVILHA

(datas de partida: 16 e 19 de Abril)

Viagens nos comboios «Lusitania-Expresso» e «TER» até Madrid, e autocarro no restante percurso. Dois dias em Madrid e três dias em Sevilha, incluindo alojamento e refeições nos hotéis e comboio «TER», assistência e transferências em Madrid, etc

Preço por pessoa:
(Partida em 16-4) 2680$00
(Partida em 19-4) 2800$00

MADRID, ANDALUZIA E FEIRA DE SEVILHA

(data de partida: 19 de Abril)

Viagens nos mesmos comboios até Madrid e circuito de autocarro para Granada, Córdova, Sevilha, etc. Dois dias em Madrid e cinco dias na Andaluzia, com visita á Feira de Sevilha, alojamento e refeições nos hoteis e comboio «TER», assistência e transferências em Madrid, etc.

Preço por pessoa ... 3250$00

Informações telefónicas:

Telef. 36 75 29

Distribuição de programas descritivos, informações e inscrições:

Estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), Centrais do Caminho de Ferro de Lisboa, E. G. T. Rua do Arsenal, 124, e demais Agências de Viagens.

AUTO-INDUSTRIAL
VAUXHALL

RECLAMOS LUMINOSOS
NEON
Plastécnica
LISBOA AV. MARCONI, 12 A-12 D (a P. de Londres) Tel. 782144/5
PORTO R. VILA MEÁ, 49-51 (a P. da Corujeira) Tel. 53306
CATODO FRIO E PLASTICOS
PARA ILUMINACAO
DECORACAO E PUBLICIDADE
CUMPRIMENTA OS SEUS EX.mos CLIENTES, AMIGOS E FORNECEDORES DESEJANDO-LHES UMA PÁSCOA FELIZ

SURDEZ
O CENTRO AUDITIVO
RESOLVE O SEU PROBLEMA DE AUDIÇÃO
CONSULTE-NOS
R. Aquiles Monteverde, 32-1.º, dt.º — LISBOA — Telef. 59597

AGÊNCIA FUNERÁRIA BARATA
DE
CASTÃO MENDES BARATA, LDA.
SÓCIO-GERENTE: ANTÓNIO G. MENDES BARATA
REGISTADA
A primeira organização do género no País
EM EDIFÍCIOS PRÓPRIOS
OS MELHORES E MAIS RICOS «AUTO-CARS» FÚNEBRES
GARAGENS E OFICINAS PRÓPRIAS NOS SEUS EDIFÍCIOS
SEDE NA:
Telefone P. B. X. 66 11 13 - 66 50 27
LISBOA

A POPULALAÇÃO DE OLIVEIRA DE AZEMÉIS
(ONDE EXISTEM 49 ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAÍS)
REGISTOU UM AUMENTO DE 21%

Segundo os numeros preliminares do recenseamento no concelho de Oliveira de Azeméis, do distrito de Aveiro, no ultimo decénio e no conjunto das suas 19 freguesias, a população presente aumentou 21 por cento. Este aumento atribui-se sobretudo á atracção exercida sobre os concelhos vizinhos, a qual provoca fortes correntes migratórias internas. Com 49 estabelecimentos industriais, com 21 e mais pessoas ao serviço, em 1964, este concelho afirma-se como um pólo de atracção.

Das 19 freguesias, 18 apresentam acréscimos populacionais que se situam entre 1 e 66 por cento, respectivamente, nas freguesias de Madail e Macieira de Sarnes.

A freguesia da Vila de Cucujães, a mais populosa do concelho, apresenta um aumento de população presente de 49 por cento. A freguesia de Palmaz, de características serranas, é a unica que acusa decréscimo, mas este não excede os 2 por cento.

As flutuações deste aumento situam-se, por freguesia, entre 3 e 18 por cento, respectivamente, nas de Castelões e Vila Chã.

Verificaram-se diminuições nas freguesias de Arões e Cepelos, 5 por cento, e na freguesia de Junqueira, 9 por cento.

Quanto ao concelho de Castelo de Paiva, também no distrito de Aveiro, formado por nove freguesias, a população decresceu, nos dez anos ultimos 8 por cento.

O decréscimo mais reduzido verificou-se na freguesia de Bairros, 5 por cento, e o mais elevado na freguesia de Paraíso, 21 por cento.

As freguesias de Santa Maria de Sardoura e S. Martinho de Sardoura apresentam, porém, aumento de 4 e 15 por cento, respectivamente.

A população presente de concelho de Góis, distrito de Coimbra, composto por cinco freguesias, decresceu 29 por cento.

A percentagem mais baixa desta diminuição verificou-se na freguesia de Vila Nova de Ceira, 11 por cento, e a mais elevada, 56 por cento, na freguesia de Colmeal. Já no período compreendido entre 1950 e 1960 se tinha observado, neste concelho, um decréscimo de 12 por cento. No concelho de Mira (Coimbra), constituído por uma freguesia, a população presente decresceu 3 por cento.

Em Santarém houve decréscimo

Relativamente ao concelho de Santarém, formado por 27 freguesias, a população presente diminuiu, neste último decénio, 7208 unidades, decréscimo esse que corresponde a 11 por cento.

A percentagem mais reduzida, 1 por cento, verificou-se na freguesia de S. Salvador, a mais populosa do concelho, e a mais elevada, na freguesia de Tremês, 35 por cento.

As freguesias de Marvila e Pernes apresentam, todavia, aumentos populacionais de 6 e 1 por cento, respectivamente.

No concelho de Torres Novas, distrito de Santarém, constituído por 16 freguesias, a população presente decresceu, nos últimos dez anos, 3 por cento.

As flutuações deste decréscimo vão de 5 por cento, na freguesia de Santiago, a 45 por cento, na freguesia de Paço.

Verifica-se, no entanto, aumento de população em várias freguesias. O mais baixo registou-se na freguesia de Ribeira Branca, 4 por cento, e o mais elevado, 86 por cento, na freguesia de Santa Maria. É curioso verificar que no decénio 1950-1960 aquele concelho havia registado também um decréscimo de população presente de 3 por cento.

No arquipélago da Madeira

Encontra-se concluído o apuramento preliminar do XI Recenseamento Geral da População, no distrito do Funchal, o qual, constituído por 11 concelhos, com 58 freguesias, teve um decréscimo populacional de 6%. Este decréscimo corresponde a 8 concelhos, verificando-se o maior índice nos de Calheta e de Porto Moniz (26% e 24% e acréscimo maior no de Porto Santo (12%). Já no decénio de 1950-60 se registara no distrito um decréscimo de 0,4%. A situação por concelhos é a seguinte:

CALHETA — 8 freguesias; decréscimo de 26%; maior decréscimo, na freguesia de Paul do Mar (40%) e o mais baixo, na de Ponta do Pargo (19%). Decréscimo verificado no precedente decénio: 9%.

CÂMARA DE LOBOS — 4 freguesias; acréscimo de 4%. Maior aumento, Estreito da Câmara de Lobos (10%); único decréscimo, na freguesia de Quinta Grande, 5%.

FUNCHAL — 10 freguesias; aumento de 6%. Único decréscimo, freguesia da Sé, 7%. Aumento maior; freguesia do Monte, 11%.

MACHICO — 5 freguesias; decréscimo de 1%. Decréscimo em três freguesias, sendo o maior na de Porto da Cruz (14%). Maior aumento, na do Caniçal, 30%. No período anterior; decréscimo de 3%.

PORTO SANTO — 1 freguesia. Aumento de 12%.

RIBEIRA BRAVA — 4 freguesias, decréscimo de 19%. Mais elevado na de Tábua (32%) e o mais baixo na de Serra de Água (10%). Período anterior: decréscimo de 3%.

SANTA CRUZ — 6 freguesias, decréscimo de 19%. Aumento na da Camacha (8%) e o maior decréscimo na de Santo António da Serra (46%).

SANTANA — 5 freguesias, decréscimo de 11%. Mais elevado nas de Arco de S. Jorge e de S. Roque do Faial (ambas com 20) e o mais baixo na de Santana (2%). Período anterior, decréscimo de 10%.

S. VICENTE — 3 freguesias, decréscimo de 11%. Mais elevado na de Ponta Delgada (14%) e o mais baixo na de Boa Ventura (4%). Período anterior: decréscimo de 7%.

Confraternização de antigos cadetes do C.O.M. de Mafra

Os antigos cadetes que frequentaram o curso de oficiais milicianos em 1941, na Escola Prática de Infantaria, em Mafra, tencionam comemorar o 30.º aniversário do curso no próximo dia 5 de Junho, com uma reunião de confraternização naquele estabelecimento militar.

Compreendendo inicialmente 367 cadetes, o respectivo batalhão de instrução foi constituído por duas companhias, dos comandos dos actuais general França Borges e coronel José Ricardo.

As inscrições podem ser dirigidas para a Rua José Lins do Rego, 26, 2.º esq.º, em Lisboa, ou pelo telefone 763477. De igual modo, receberão inscrições os antigos cadetes José Domingos Teixeira, Rua Fernandes Tomás, 790, no Porto, ou dr. José Conceição, Rua Pinheiro Chagas, 16, primeiro, em Coimbra.

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO
CARREGADORES AÇORIANOS

N/M «PASSAT»

Sai de Lisboa no dia de Abril
para
LEIXÕES
ROUEN
LE HAVRE

Aceitam-se cargas.
Contacte com os nossos serviços na
Avenida D. Carlos I, 42-4.º
Tel. 690151 LISBOA - 2

EXCURSÕES DA C. P.

MADRID, ANDALUZIA E FEIRA DE SEVILHA

A C. P. realiza, em colaboração com a Agência de Viagens a Empresa Geral de Transportes e por ocasião da Feira de Sevilha as seguintes excursões.

MADRID E FEIRA DE SEVILHA

(datas de partida: 16 e 19 de Abril)

Viagens nos comboios «Lusitania-Expresso» e «TER» até Madrid, e autocarro no restante percurso. Dois dias em Madrid e três dias em Sevilha, incluindo alojamento e refeições nos hotéis e comboio «TER», assistência e transferências em Madrid, etc

Preço por pessoa:
(Partida em 16-4) 2680$00
(Partida em 19-4) 2800$00

MADRID, ANDALUZIA E FEIRA DE SEVILHA

(data de partida: 19 de Abril)

Viagens nos mesmos comboios até Madrid e circuito de autocarro para Granada, Córdova, Sevilha, etc. Dois dias em Madrid e cinco dias na Andaluzia, com visita á Feira de Sevilha, alojamento e refeições nos hoteis e comboio «TER», assistência e transferências em Madrid, etc.

Preço por pessoa .. 3250$00

Informações telefónicas:

Telef. 36 75 29

Distribuição de programas descritivos, informações e inscrições:

Estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), Centrais do Caminho de Ferro de Lisboa, E. G. T. Rua do Arsenal, 124, e demais Agências de Viagens.

AUTO-INDUSTRIAL
VAUXHALL

RECLAMOS LUMINOSOS
NEON
Plastécnica
LISBOA AV. MARCONI, 12 A-12 D (a P. de Londres) Tel. 782144/5
PORTO R. VILA MEÁ, 49-51 (a P. da Corujeira) Tel. 53306
CATODO FRIO E PLASTICOS
PARA ILUMINACAO
DECORACAO E PUBLICIDADE
CUMPRIMENTA OS SEUS EX.mos CLIENTES, AMIGOS E FORNECEDORES DESEJANDO-LHES UMA PÁSCOA FELIZ

SURDEZ
O CENTRO AUDITIVO
RESOLVE O SEU PROBLEMA DE AUDIÇÃO
CONSULTE-NOS
R. Aquiles Monteverde, 32-1.º, dt.º — LISBOA — Telef. 59597

AGÊNCIA FUNERÁRIA BARATA
DE
CASTÃO MENDES BARATA, LDA.
SÓCIO GERENTE: ANTÓNIO G. MENDES BARATA
REGISTADA
A primeira organização do género no País
EM EDIFÍCIOS PRÓPRIOS
OS MELHORES E MAIS RICOS «AUTO-CARS» FÚNEBRES
GARAGENS E OFICINAS PRÓPRIAS NOS SEUS EDIFÍCIOS
SEDE NA:
194 — RUA SARAIVA DE CARVALHO — 202
Telefone P. B. X. 66 11 13 - 66 50 27
LISBOA

José Falcão e José Lupi na Feira de Santo Isidro

MADRID, 7 (A. N. I.) — O espada José Falcão e o cavaleiro José Samuel Lupi participam nas corridas da Feira de Santo Isidro, considerada a mais importante série de espectáculos tauromáquicos que se realiza em todo o Mundo.

Tanto Falcão como Lupi actuam em duas corridas. Os outros elementos com duas actuações são «El Viti», «El Cordobés», Paco Camino, António Bienvenida (que reaparece), Diego Puerta, Miguel Márquez, Julián Garcia, o colombiano Eloy Cavazos e, «muito provàvelmente», Palomo Linares e Dámaso González. Com uma corrida figuram Angel Teruel, «Miguelin», Gregório Lalanda e o mexicano António Lomelin. A empresa não revelou como ficarão constituídos os cartazes.

A série começa a 14 de Maio e terá 17 espectáculos. Não há este ano os famosos «mano-a-mano» Ordoñez-Camino. Prevê-se que ao duo se junte «El Puno». Houve quem afirmasse que era «El Cordobés» que se opunha aos «mano-a-mano».

Quanto a touros, haverá curros portugueses, espanhóis (andaluzes e salmantinos) e até mexicanos — os touros de Mimihupán, que já no ano passado vieram e que serão lidados, em princípio, no dia 22.

A empresa diz que haverá vários cavaleiros e rejoneadores, mas só cita os três principais: Lupi e os irmãos Ángel e Rafael Peralta.

Este é o matador de touros Julio Gomes que no próximo domingo se apresenta na inauguração da temporada do Campo Pequeno após dois anos de estadia no México e de ali receber alternativa

AS CRIANÇAS PRECISAM DE AJUDA

COIMBRA, 7 — O sr. Fernando Roseiro Caniceiro da Costa entregou à direcção da Casa da Criança «Prof. Doutor Elísio de Moura», a importância de 2050$00, recolhida no seu estabelecimento, na Rua Direita 102, desta cidade.

O sr. Caniceiro da Costa tem no seu estabelecimento um mealheiro onde quem quiser deposita dinheiro que se destina àquela benemérita e prestigiosa instituição. É daí a importância agora entregue.

Festa dos Gaiatos do Padre Américo

Os «Gaiatos do Padre Américo», obra que nasceu nesta cidade onde se lhe dedica especial carinho, vem aqui dar no Teatro Avenida, no dia 19, mais um dos seus apreciados espectáculos.

Como tem sempre acontecido, o público acorrerá, dispensando a sua ajuda aos «Gaiatos», ao mesmo tempo que os receberá com grande carinho.

Governadores ultramarinos

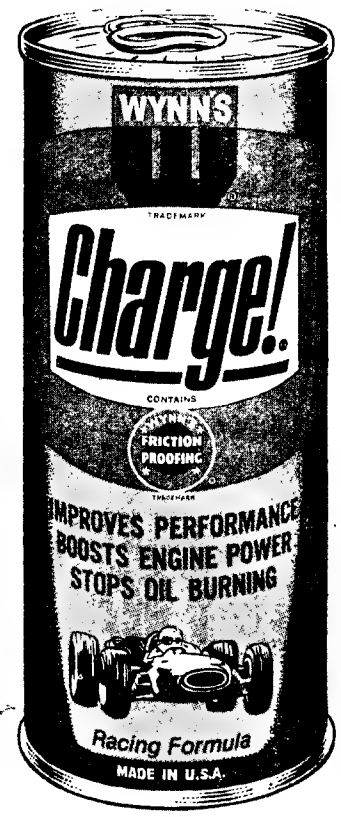
O sr. dr. José Dinis Pereira Salvador Paralta foi reconduzido no cargo de governador do distrito da província de Moçambique.

A LIGAÇÃO PORTO-GALIZA PELO COMBOIO «TER»

PORTO, 7 — Por motivo da celebração do Ano Santo Compostelano e do movimento turístico que se avizinha entre o Norte de Portugal e a Galiza, vai circular diàriamente, como dissemos, entre a Corunha e o Porto, a partir do dia 23 de Maio, um comboio «Ter», o qual terá ligação, em Campanhã, como «Foguete» para Lisboa.

Por portarias da Presidência do Conselho é aprovado o orçamento privativo das forças terrestres ultramarinas da província de Moçambique, no total de 829 239 133$90; forças navais, 86 000 000$00 e forças aéreas, 290 000 000$00.

DÊ AO SEU CARRO TODA A FORÇA DO MOTOR USE:



CHARGE! contém **Friction-Proofing,** o aditivo **Wynn's** usado nas naves espaciais Apollo

Informações, Revenda ou Agência:
T. 672326 - R Patrocínio, 55-B
Campo d'Ourique LISBOA-3

MONTEPIO GERAL • FUNDADO EM 1840 •

CAIXA ECONÓMICA DE LISBOA

ANEXA AO

MONTEPIO GERAL

DEPÓSITOS

A PRAZO

6 meses 4,75% ao ano

12 meses 5,25% ao ano

15 meses 5,75% ao ano

—Importâncias múltiplas de 1.000$00 com o limite mínimo de 10.000$00

A ORDEM

até 50.000$00 3%

no excedente 1,5%

—Para Menores, sob condições especiais.
—Os juros de todos os depósitos não sofrem dedução de impostos.

EMPRÉSTIMOS

HIPOTECÁRIOS sobre prédios e andares

SOBRE TITULOS DE CRÉDITO com cotação na bôlsa

SOBRE METAIS E PEDRAS PRECIOSAS

LISBOA — Sede: Rua Áurea 219 a 241
Dependência Urbana: Rua Almeida e Sousa, 18

PORTO — Filial: Avenida dos Aliados, 90

Agências:

AVEIRO - BRAGA - BRAGANÇA

CASTELO BRANCO - COIMBRA

ÉVORA - FARO - FUNCHAL - VISEU

MORADIAS EM CASCAIS

(ÓPTIMOS ACABAMENTOS)

Moradias a 5 minutos do centro de Cascais, òptimamente servidas de transportes colectivos, vista de mar. De 4, 5 e 6 assoalhadas, 2 e 3 casas de banho, garagem, jardim, etc. Desde 580 contos.

PROPRIETÁRIO: **JOAQUIM BARAONA**

«Edifício Cascais»

Av. Valbom, 28-1.° Telefs.: 282345 - 282388 - CASCAIS

FRIGORÍFICOS DE MATOSINHOS, LDA.

Rua Dr. Afonso Cordeiro

Telef. P. P. C. A. 930592 - 932582 MATOSINHOS

O maior complexo frigorífico do País com instalações a nível europeu

CAPACIDADES EM SERVIÇO E MONTAGEM:

Armazenagem frigorífica		15.000 toneladas
Congelação — por imersão e tunel		140 ton./dia
Gelo:	produção actual	100 ton./dia
	produção futura *	300 ton./dia

* Encontra-se já em construção no porto de pesca de Leixões, a sua nova fábrica de gelo para aumento da produção até mais 200 toneladas/dia.

OURIVESARIA NOGUEIRA & SOUSA, LDA.

OURO — PRATAS
JÓIAS

Rua Braamcamp, 74
Tel.: 4 78 07
LISBOA

BEDFORD

REPARADAS COM GARANTIA

J-2	3 500 P. B., caixa	2.92
J-2L	6 200 P. B., caixa	3.65
J-3	6 804 P. B., caixa	4.63
J-5	9 500 P. B., caixa	4.83
J-6	10 433 P. B., caixa	5 30
J-6	10 433 P. B., c/ báscula	4.66
KBCA	3 500 P. B., caixa	3.93
KCCIO	6 804 P. B., caixa	4.68
KDLC 5	8 172 P. B., caixa	5.39
KFSC 5	10433 P.B., cai.°	5.33
KFSC 5	11 023 P. B., caixa	5.60
KFLC 5	11 385 P. B., caixa	5.60
KFLC 5	11883 P. B., caixa	5.80
KHLC 70	P. B., caixa	5 60

Trata:
LUCILIO MATOS TOUPA
QUINTA DO RIO, 10
S A C A V É M
Telefs: 2 519 428, 2 511 448 e 2 519 437

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE
TELEFONE 537021 — LISBOA

LLORET & XAVIER, LDA.

AGENTES DE NAVEGAÇÃO

Lâminas para a indústria Corticeira

Largo do Corpo Santo, 21-1.° Esq.°
Telef. 324671 e 327258 — Lisboa-2

TEM PRÉDIO? TEM CARRO?

ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telefs. 367444/323172
Rua 1.° de Dezembro, 45

BARROS

a qualidade à sua mesa

PORTO ROSÉ BRANDY

SANTOS & SILVA VIEIRA, LDA.

IMP. — EXP.

BRINQUEDOS — ARTIGOS PARA CARNAVAL
DECORAÇÕES E FOGOS DE ARTIFÍCIO

RUA DA BOAVISTA, 14-16—TELEF. 32 39 06—LISBOA-2

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

Móveis Janel

MODELAR ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA DECORAÇÃO DO LAR

R. Rodrigues Sampaio, 76-A — Telefone 51695 — LISBOA

EMPRESA INDUSTRIAL DE TINTAS, LDA.

Rua da Cascalheira, 33 (Alcântara)
LISBOA
Telefone 63 80 08
Fábrica de tintas de impressão tipo-litográficas, Vernizes e massas para rolos

CERVEJARIA SÁ REIS

A MAIS ANTIGA DA CIDADE DO PORTO

PRAÇA DA LIBERDADE, 54-56

COM BUZINAS **MIXO** ESTRADA LIVRE!

Representante:
AUTO SERVIÇOS AVENIDA
Av. da Liberdade, 67 — LISBOA

Dizem os leitores...

PREVIDÊNCIAS OU PROVIDÊNCIAS RADIOGRAFIAS E BUROCRACIAS

De um nosso leitor (devidamente identificado) recebemos, com o pedido de publicação, a seguinte carta:

«No passado dia 7 adoeci. Como durante a noite se agravasse o meu estado, no dia seguinte e conforme meu direito, mandei telefonar para o Posto dos Serviços Médico-Sociais (n.º 119 Olivais-Sul) pedindo a presença de um médico. Eram, nessa altura, 8 e 30. O médico visitou-me cerca das 16 e 30 (nada mau: apenas 8 horas de espera, que os Serviços da Previdência começam a fazer progressos). Depois de me ter consultado e diga-se com toda a delicadeza e atenção, diagnosticou-me a doença que naquela altura era preciso combater (e combateu). Aconselhou-me a que logo que pudesse fosse a um Neurologista pois todo o outro tratamento teria de ser feito por um médico da especialidade.

Logo que pude fui ao posto acima referido pedir informações sobre o que deveria fazer para puder ser observado pelo tal especialista. Informaram-me que teria de consultar primeiro o médico de clínica geral. (Claro está que tive de esperar algum tempo na bicha para saber tal informação).

Quis logo marcar consulta. Responderam-me que só no «guichet» ao lado o poderia fazer. (Nova bicha, nova espera). Marcaram-me a consulta para daí a dois dias, data em que o meu médico teria vaga.

Entretanto, já tinha ido, particularmente, um neurologista, que me pediu diversas radiografias ao crânio, além dum electroencefalograma.

No dia indicado, lá estava eu no Posto, esperando a minha vez de ser consultado. Expliquei o caso ao médico assistente, dizendo-lhe que tinha ido a um neurologista particular e que ele me tinha pedido os tais exames. Portanto, pedi-lhe o favor de mos requisitar. Amàvelmente, como é seu timbre, explicou-me que ele não o poderia fazer mas que iria passar uma credencial para que eu pudesse ir ao especialista. Assim sucedeu mas...

Tive que a deixar lá, pois, para estes casos, o médico-chefe teria de assinar a tal credencial. Isso demorou-me felizmente só um dia.

Logo após ter a referida credencial, dirigi-me ao consultório do Neurologista (que por sinal era uma senhora) e expliquei o que se passava na recepção, onde já estavam a marcar consultas só para os fins de Abril ou princípios de Maio. Disseram-me aí que esperasse que a doutora viesse, pois, como é óbvio, só ela poderia resolver a situação. Esperei mais de 3 horas. Ah! como é interessante estar tanto tempo dentro de um consultório de Neurologia á espera...

Finalmente, fui atendido e, felizmente, a neurologista foi compreensiva: passou-me tudo o que precisava. Na realidade, esta doutora era assistente do médico onde tinha ido particularmente. Que sorte!»

Fiquei radiante, pensando que estava tudo já tratado. Mas não. Dali tive de ir ao posto (Olivais), mas só no outro dia, pois, apenas atendem até ás 20 horas (e as pessoas que trabalham até ás 19, como é que vão lá chegar até aquela hora?

Aí, no posto, tomaram os apontamentos, registos, etc. e mandaram-me para o Posto n.º 1 para tirar as radiografias, mas, claro, primeiro tive que lá ir marcar a consulta e o electroencefalograma também. Porém, e antes de tudo, teria que ir á Caixa dos Tipógrafos, assim mo informaram.

Fui á Caixa dos Tipógrafos. Espanto geral. Nada daquilo se tratava ali. Teria de ir, sim, á Federação das Caixas que era na Av. dos Estados Unidos da América.

Lá fui eu. Enfim, era realmente ali. Pensei que aí fiasse tudo resolvido. Mas não. Teria que ir marcar os exames.

Lá fui eu. Para a marcação do electroencefalograma, como era urgente e por especial favor, fixaram o dia 29.

As radiografias fui hoje mesmo marcá-las e sabem para quando? Para hoje. Sim. Sim, para hoje. E, realmente foi para hoje muito embora chegasse lá ás 16 e saísse ás 18 e 25.

Ah!, grande previdência que tomaste a providência de pôr todas estas burocracias a nosso favor! Assim é que é. E agora me lembro e quando é que terei o outro exame, se só o vou tirar dia 29. Claro que não sei, mas sei que, sem falta, os meus patrões me vão descontar infalìvelmente os tais $ no fim do mês. Mas para isso não há burocracias nem é preciso autorizações, nem de especialistas que por sua vez têm também de pedir autorizações...

Não haverá nenhum especialista na Previdência que faça o diagnóstico a estas coisas e que receite algum antibiótico para matar o tal micróbio burocrático?

Desnecessária burocracia nas Caixas de Previdência

Publicamos a seguinte carta, sobre um aspecto da burocracia na organização das Caixas de Previdência, que nos envia de Valença do Minho o sr. José Pereira da Silva e a seguir damos á publicidade:

«Quantas vezes, com sentidos pêsamos meus, tenho visto rogos de beneficiários pelos morosos serviços das Caixas de Previdência. O «Diário de Lisboa» é o meu jornal, e é meu porque já meu pai o lia, o que, diga-se de passagem, continua, mas já mo endossou. Ora um endosso dá posse total ao endossado.

E assim, sou eu, desta feita, que lamento a inércia verificada nos serviços das Caixas.

«Com uma comunicação, escrita, que fiz em 15 de Novembro, pedindo a transferência de direitos á Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria de Lanifícos de Lisboa, recebi a comunicação desta Caixa pelo ofício 59239, de 23-11-70, que a Caixa de Previdência de Viana do Castelo é que teria de pedir a transferência de fundos. Como a firma fez a minha inscrição logo no mês de Novembro e após a minha entrada, eu mesmo assim, comuniquei imediatamente á Caixa de Viana que desejava que pedisse a transferência para a antiga Caixa para onde descontei, dizendo-se em abono da verdade, que sempre cumpriram na íntegra os seus deveres. No entanto, a Caixa de Viana, porque entendeu que não seria justo responder, terminou a troca de correspondência.

«Correram os dias, correram os meses e o ponto de saturação no capítulo de espera chegou. Telefonemas foram a base. De Viana me comunicaram que iam pedir a transferência em Fevereiro; e, com mais demora de correio, o pedido chegou a Lisboa a 5 de Março do ano corrente. No dia 10 a Caixa de Lisboa fez o envio dos documentos de transferência. Disso se dignaram enviar-me um ofício, a comunicá-lo, com o n.º 14208, datado de 11-3-71, o que só não agradeci, por saturação de tanto escrever. Telefónicamente, pus-me em contacto com Viana e obtive a informação de que o meu n.º era o 114 954 346. Tendo perguntado quando me concediam a transferência, de lá me informaram que: «o sr. veja os nossos serviços são os mais completos, mas porque temos tanto serviço, para que a transferência se efectue mais rápida, é de conveniência dos beneficiários pedirem um extracto da conta corrente com a caixa anterior». Será que agora até já temos que pedir contas correntes ás caixas para assegurar a transferência?

«Se isto desse resultado seria de aconselhar as entidades competentes a ordenarem que se anotasse no bilhete de identidade de beneficiário esta ideia, se é que não é já um regulamento das caixas que eu desconheço. No entanto ainda estou a aguardar que chegue a Valença a ficha de transferência.»

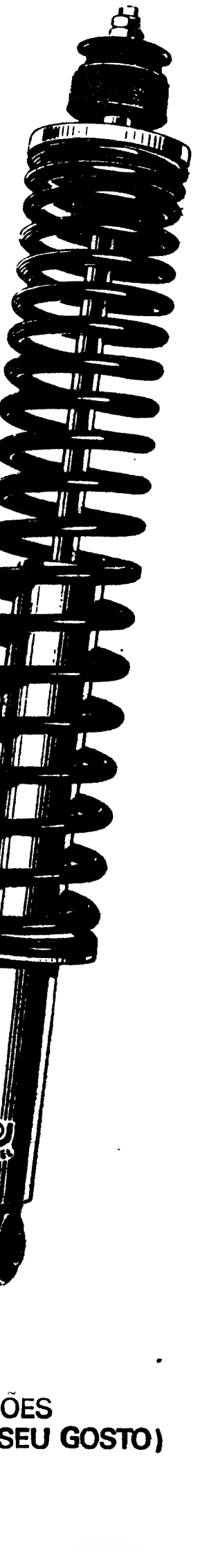
AMORTECEDORES

SPAX

UMA SUSPENSÃO PERFEITA PARA QUALQUER TERRENO

Duplo Efeito

REGULÁVEIS



12 POSIÇÕES (A SEU GOSTO)

REPRESENTANTE

escape

RUA CASTILHO

CHAPA INOX

Grande sortião de medidas e espessuras

METALINOX

Rua Delfim Ferreira 545-Telef. 691165-PORTO

Dizem os leitores...

PREVIDÊNCIAS OU PROVIDÊNCIAS RADIOGRAFIAS E BUROCRACIAS

De um nosso leitor (devidamente identificado) recebemos, com o pedido de publicação, a seguinte carta:

«No passado dia 7 adoeci. Como durante a noite se agravasse o meu estado, no dia seguinte e conforme meu direito, mandei telefonar para o Posto dos Serviços Médico-Sociais (n.º 119 Olivais-Sul) pedindo a presença de um médico. Eram, nessa altura, 8 e 30. O médico visitou-me cerca das 16 e 30 (nada mau: apenas 8 horas de espera, que os Serviços da Previdência começam a fazer progressos). Depois de me ter consultado e diga-se com toda a delicadeza e atenção, diagnosticou-me a doença que naquela altura era preciso combater (e combateu). Aconselhou-me a que logo que pudesse fosse a um Neurologista pois todo o outro tratamento teria de ser feito por um médico da especialidade.

Logo que pude fui ao posto acima referido pedir informações sobre o que deveria fazer para puder ser observado pelo tal especialista. Informaram-me que teria de consultar primeiro o médico de clínica geral. (Claro está que tive de esperar algum tempo na bicha para saber tal informação).

Quis logo marcar consulta. Responderam-me que só no «guichet» ao lado o poderia fazer. (Nova bicha, nova espera). Marcaram-me a consulta para daí a dois dias, data em que o meu médico teria vaga.

Entretanto, já tinha ido, particularmente, um neurologista, que me pediu diversas radiografias ao crânio, além dum electroencefalograma.

No dia indicado, lá estava eu no Posto, esperando a minha vez de ser consultado. Expliquei o caso ao médico assistente, dizendo-lhe que tinha ido a um neurologista particular e que ele me tinha pedido os tais exames. Portanto, pedi-lhe o favor de mos requisitar. Amàvelmente, como é seu timbre, explicou-me que ele não o poderia fazer mas que iria passar uma credencial para que eu pudesse ir ao especialista. Assim sucedeu mas...

Tive que a deixar lá, pois, para estes casos, o médico-chefe teria de assinar a tal credencial. Isso demorou-me felizmente só um dia.

Logo após ter a referida credencial, dirigi-me ao consultório do Neurologista (que por sinal era uma senhora) e expliquei o que se passava na recepção, onde já estavam a marcar consultas só para os fins de Abril ou princípios de Maio. Disseram-me aí que esperasse que a doutora viesse, pois, como é óbvio, só ela poderia resolver a situação. Esperei mais de 3 horas. Ah! como é interessante estar tanto tempo dentro de um consultório de Neurologia á espera...

Finalmente, fui atendido e, felizmente, a neurologista foi compreensiva: passou-me tudo o que precisava. Na realidade, esta doutora era assistente do médico onde tinha ido particularmente. Que sorte!»

Fiquei radiante, pensando que estava tudo já tratado. Mas não. Dali tive de ir ao posto (Olivais), mas só no outro dia, pois, apenas atendem até ás 20 horas (e as pessoas que trabalham até ás 19, como é que vão lá chegar até aquela hora?

Aí, no posto, tomaram os apontamentos, registos, etc. e mandaram-me para o Posto n.º 1 para tirar as radiografias, mas, claro, primeiro tive que lá ir marcar a consulta e o electroencefalograma também. Porém, e antes de tudo, teria que ir á Caixa dos Tipógrafos, assim me informaram.

Fui á Caixa dos Tipógrafos. Espanto geral. Nada daquilo se tratava ali. Teria de ir, sim, á Federação das Caixas que era na Av. dos Estados Unidos da América.

Lá fui eu. Enfim, era realmente ali. Pensei que aí fiasse tudo resolvido. Mas não. Teria que ir marcar os exames.

Lá fui eu. Para a marcação do electroencefalograma, como era urgente e por especial favor, fixaram o dia 29

As radiografias fui hoje mesmo marcá-las e sabem para quando? Para hoje. Sim. Sim, para hoje. E, realmente foi para hoje muito embora chegasse lá ás 16 e saísse ás 18 e 25.

Ah!, grande previdência que tomaste a providência de pôr todas estas burocracias a nosso favor! Assim é que é. E agora me lembro e quando é que terei o outro exame, se só o vou tirar dia 29. Claro que não sei, mas sei que, sem falta, os meus patrões me vão descontar infalìvelmente os tais $ no fim do mês. Mas para isso não há burocracias nem é preciso autorizações, nem de especialistas que por sua vez têm também de pedir autorizações...

Não haverá nenhum especialista na Previdência que faça o diagnóstico a estas coisas e que receite algum antibiótico para matar o tal micróbio burocrático?

Desnecessária burocracia nas Caixas de Previdência

Publicamos a seguinte carta, sobre um aspecto da burocracia na organização das Caixas de Previdência, que nos envia de Valença do Minho o sr. José Pereira da Silva e a seguir damos á publicidade:

«Quantas vezes, com sentidos pêsamos meus, tenho visto rogos de beneficiários pelos morosos serviços das Caixas de Previdência. O «Diário de Lisboa» é o meu jornal, e é meu porque já meu pai o lia, o que, diga-se de passagem, continua, mas já mo endossou. Ora um endosso dá posse total ao endossado.

E assim, sou eu, desta feita, que lamento a inércia verificada nos serviços das Caixas.

«Com uma comunicação, escrita, que fiz em 15 de Novembro, pedindo a transferência de direitos á Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria de Lanifícios de Lisboa, recebi a comunicação desta Caixa pelo ofício 59239, de 23-11-70, que a Caixa de Previdência de Viana do Castelo é que teria de pedir a transferência de fundos. Como a firma fez a minha inscrição logo no mês de Novembro e após a minha entrada, eu mesmo assim, comuniquei imediatamente á Caixa de Viana que desejava que pedissem a transferência para a antiga Caixa para onde descontei, dizendo-se em abono da verdade, que sempre cumpriram na íntegra os seus deveres. No entanto, a Caixa de Viana, porque entendeu que não seria justo responder, terminou a troca de correspondência.

«Correram os dias, correram os meses e o ponto de saturação no capítulo de espera chegou. Telefonemas foram a base. De Viana me comunicaram que iam pedir a transferência em Fevereiro; e, com mais demora de correio, o pedido chegou a Lisboa a 5 de Março do ano corrente. No dia 10 a Caixa de Lisboa fez o envio dos documentos de transferência. Disso se dignaram enviar-me um ofício, a comunicá-lo, com o n.º 14208, datado de 11-3-71, o que só não agradeci. por saturação de tanto escrever. Telefónicamente, pus-me em contacto com Viana e obtive a informação de que o meu n.º era o 114 954 316 Tendo perguntado quando me concediam a transferência, de lá me informaram que: «o sr. veja os nossos serviços são os mais completos mas porque temos tanto serviço, para que a transferência se efectue mais rápida, é de conveniência dos beneficiários pedirem um extracto da conta corrente com a caixa anterior». Será que agora até já temos que pedir contas correntes ás caixas para assegurar a transferência?

«Se isto desse resultado, seria de aconselhar as entidades competentes a ordenarem que se anotasse no bilhete de identidade de beneficiário, esta ideia, se é que não é já um regulamento das caixas que eu desconheço. No entanto, ainda estou a aguardar que chegue a Valença a ficha de transferência.»

CHAPA INOX
Grande sortido de medidas e espessuras
METALINOX
Rua Delfim Ferreira, 545 - Telef. 691165 - PORTO

AMORTECEDORES

SPAX

UMA SUSPENSÃO PERFEITA PARA QUALQUER TERRENO

Duplo Efeito

REGULÁVEIS

12 POSIÇÕES (A SEU GOSTO)

REPRESENTANTE
escape
RUA CASTILHO, 72-A — LISBOA

Propriedades

— VENDAS —

ANDARES

Vendem-se para rendimento em Lisboa c/3 e 4 assoalhadas, hall, coz.ª desp.ª 1 e 2 casas de banho, etc. Preços desde 210.000$. Mostra a port.ª todos os dias no local. Rua Eng.º Quartin Graça, n.º 49, á Calçada de Carriche.

Trata: F. FERNANDES & COSTA, LDA.— Av. Almirante Reis, 104-2.º— Tels.: 536111/2.

Contacto

H. NUNES

PUBLICIDADE

Telef 84 72 60

DINHEIRO

EMPRESTA-SE com rapidez, qualquer quantia em 1.ª ou 2.ª hipoteca de prédios, parte de prédios ou construção. TRATA: LAIRES, Rua da Prata, 291, 2.º-Dt.º (junto á Praça da Figueira). Telefs. 32 54 87 e 37 06 18.

Em LAGOS o «DIARIO DE LISBOA» vende-se no Café Portugal.

CASAS para alugar

Procure V. Ex.ª nos n/ escritórios, onde temos sempre variadissimos andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos quatquer importancia a título de comissão aos inquilinos.

Trata: SOC. CONST. INVICTA, Rua do Ouro, 292, 1.º — Telefs: 39-34755.

Dinheiro s/ prédios

EMPRESTA-SE ràpidamente e em boas condições 15 a 2000 contos em 1.ª ou 2.ª hipotecas de prédios, parte de prédios, ou construção. Também se aceitam propriedades para venda. Casa Laires, Rua da Prata, 291, 2.º, Dt.º — Telf. 325487, 470618 (Junto á P. da Figueira).

PRÉDIOS
MORADIAS
QUINTAS

VENDEM-SE

HIPOTECAS

Temos capital para 1.as hipotecas em Lisboa e arredores. Juro de lei, com facilidades que permitem a realização imediata das escrituras

JOSÉ SANTOS, LDA.
CASA FUNDADA EM 1929
R. dos Correeiros, 101, 1.º
Telefs.: 30707 - 362662

Capitais

TEM CARRO?
TEM PRÉDIO?

ENTÃO TEM JÁ DINHEIRO

Ficando na mesma de sua propriedade
CONSULTE

ORCOSI

E FICARÁ SATISFEITO
R. 1.º DE DEZEMBRO, 45
Telefones 36 74 44 - 32 31 72

SE TEM AUTOMÓVEL

realize dinheiro s/ hipotecar, ou s/ transferir, s/ alterar o seguro; até 40 meses. Rua D. Estefânia, 81, 3.º Dt.º — Telef. 40049-563751. Aguardo sua visita ou telefonema.

SR. CAPITALISTA

Faça progredir o seu capital com um bom e seguro rendimento, investindo-o com sólidas e reais garantias em HIPOTECAS de propriedades.

ORCOSI

Rua 1.º Dezembro, 45-3.º
LISBOA

Telefs. 36 74 44 - 32 31 72

Bilhetes de «Fim-de-Semana»

A C. P. informa que, na semana da Páscoa, os bilhetes de «Fim de Semana» são válidos, para início da viagem de Ida, desde as 17-00 horas do dia 7, quarta-feira, até às 12-00 horas de domingo, dia 11, e, para início da viagem de Regresso, desde as 12-00 horas do mesmo domingo até às 24 horas de terça-feira, dia 13.

Rua Rodrigues Sampaio, 69, 1.º, dt.º
Tels. 53 65 69 - 4 46 02
LISBOA

PREDIAL ROBEL LIMITADA

PROPRIEDADES
COMPRA ■ VENDA ■ HIPOTECA
HIPOTECAS SOBRE AUTOMÓVEIS

VISITE EM NOVA CARNAXIDE
O ANDAR MODELO de
JOÃO PROTÁZIO NALHA

(a 7 min. [illegible] ça Marquês [illegible] pela Auto-estrada

MAGNÍFICO IMÓVEL

Que tem ao seu dispor um andar «MODELO», que pode visitar sem qualquer compromisso. Sugira depois as alterações que entender e escolha um andar bem a seu gosto em CARNAXIDE, PAÇO DE ARCOS, BURACA ou noutros centros urbanísticos especialmente escolhidos por SI.

Informações no local ou nos escritórios
RUA LUCIANO CORDEIRO, 25, 1.º — TELEF. 53 92 00

ANDARES

Vendem-se em prédio novo c/ 3 e 4 casas assoalh., só para rendimento, em bom local de Lisboa. Preços desde 210 000$00. Mostra a porteira todos os dias no local. Rua Eng.º Quartim Graça, n.º 49, á Calçada de Carriche.

TRATA: F. FERNANDES & COSTA, LDA. — Avenida Almirante Reis, 104-3.º — Telefs. 53111/2 — Lisboa

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Aptas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Sub-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

AOS IMPORTADORES E COMERCIANTES DE TODO O PAIS

PARA O VOSSO PRÓPRIO INTERESSE FAÇAM-NOS UMA VISITA E COMPROVARÃO QUE PRATICAMOS OS MAIS BAIXOS PREÇOS DA

EUROPA e talvez do MUNDO?...

Temos em stock milhares de rádios de pilhas e corrente de famosas marcas japonesas e europeias, tais como Comon, Aiwa, Crown, National, Sharp, Sanyo, Welt-Hitachi, Tochiba, Fuji, Nozaka, Imperial, Belson, Clarion, Resing, Kalinka, Wilco, Presidente, Candle, etc. Alguns desde 100$00. Leitores de cassett e auto-rádios completos com antenas desde 700$00; gravadores de som de 2 e 4 pistas profissionais e semiprofissionais; monos stéreos de todas as marcas famosas e gira-discos de 33, 45 e 78 rotações com rádio; mono e stéreos das melhoras marcas japonesas e europeias; relógios de pulso suíços das marcas Cauny, Sicura, Crowny, etc. Despertadores, pilhas secas, canadianas, blusões, braceletes, perfumarias, bonecas, brinquedos e mais mil e um artigos impossíveis de descrever próprios para brindes e preços verdadeiramente incríveis. Sempre as últimas novidades do JAPÃO, HONG-KONG, MACAU, U. S. A., LONDRES, FRANKFURT, ROMA e PARIS. Representamos várias fábricas JAPONESAS e EUROPEIAS e aceitamos encomendas para importação directa. Vendemos mercadorias ALFANDEGADAS e em TRÂNSITO de todo o MUNDO para todo o MUNDO.

SANTOS & FERRÃO, LDA.

Rua Pascoal de Melo, 44, 1.º Dt.º (à Cervejaria Portugália) — LISBOA

MORADIAS EM CASCAIS

(ÓPTIMOS ACABAMENTOS)

Moradias a 5 minutos do centro de Cascais, òptimamente servidas de transportes colectivos, vista de mar. De 4, 5 e 6 assoalhadas, 2 e 3 casas de banho, garagem, jardim, etc. Desde 580 contos.

PROPRIETÁRIO: JOAQUIM BARAONA

«Edifício Cascais»

Av. Valpom, 28-1.º Telefs.: 282345 - 282388 - CASCAIS

ANDE 1.000 KM. E PAGUE SÓ 280$00

ALUGUE UM AUTOMÓVEL NA AUTO-ARGUS INTERNACIONAL

P. Gregório Mariano, 6-D — Telef 553843
Av. da República — FARO — Telef. 05-23928

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferro — Rua de S. Julião 64-66.

Automóveis

VENDAS:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre sem consultar Florindo M. Coelho — Rua António Pedro, 40, cave. Tel. 44846.

AUTO Portuguesa, Ld.ª — R. Rodrigues Sampaio, n.º 50-A, Vende Mercedes 220D c/ todos extras, 1969, Lotus Elan, 2 c/ todos extras, 1969. Renault R 16 de luxo, 1969. Volkswagem 1600 T.L., 1968, Ford Mustang c/ todos extras 1968. Vauxhall 101 c/ motor Perkis 1968. Opel 1700, 1964, Volvo 1225, 1962, Furgonetas: Opel Kadett 1000 utilitária, 1965. Faç. troca e pag.ª

Automóveis de Aluguer

C/ e s/ condutor. Av.ª Barbosa du Bocage, 1. Tel. 769848-761987.

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 534657 — L. St. Bárbara, 5-B
- 769848 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1
- 42890 — Táxis Universo, Lda. — Av. Republica, 26
- 727654 — Auto Monumental do Areeiro, Lda. — Av Padre Manuel da Nóbrega, 10-E
- 539169/539345 — BRUNAUTO — Rua Joaquim Bonifácio, 19-A
- 424391 — OLIVAUTO — Av. de Madrid, 46-B

AUTOMÓVEIS

Se pretende comprar de qualquer marca ou modelo, no seu próprio interesse não o faça sem ver no LISBOA-STAND. Fac. troca e pagamento

R. Passos Manuel, 17-D-E e 39-A - 39-B LISBOA

AUTOS DE ALUGUER

S/ CONDUTOR

Aluga novos

Taunus, 17-M Super e Wauxhall Viva, etc., etc.
L. DE ST.ª BÁRBARA, 5-B

36 MENSALIDADES

SUAVES
E SEM FIADOR

MÁQ. LAVAR ROUPA E LOIÇA
FRIGORIFICOS
FOGÕES
ESQUENTADORES
ASPIRADORES
TELEVISORES
GRAVADORES
GIRA-DISCOS
e outros

M. L. FERREIRA

R. Dona Estefânia, 48-A (Junto ao largo)
LISBOA

Pequenos anúncios • Pequenos anúncios • Pequenos anúncios •

Propriedades

— VENDAS —

ANDARES

Vendem-se para rendimento em Lisboa c/3 e 4 assoalhadas, hall, cozinha desp.ª 1 e 2 casas de banho, etc. Preços desde 210.000$. Mostra a port.ª todos os dias no local. Rua Eng.º Quartin Graça, n.º 49, á Calçada de Carriche.

Trata: F. FERNANDES & COSTA, LDA.— Av. Almirante Reis, 104-2.º— Tels.: 53611 1 2.

Contacto

H. NUNES

PUBLICIDADE

Telef 84 72 60

DINHEIRO

EMPRESTA-SE com rapidez, qualquer quantia em 1.ª ou 2.ª hipoteca de prédios, parte de prédios ou construção. TRATA: LAIRES, Rua da Prata, 291, 2.º-Dt.º (junto á Praça da Figueira). Telefs. 32 54 87 e 37 06 18.

Em LAGOS o «DIARIO DE LISBOA» vende-se no Café Portugal.

CASAS para alugar

Procure V. Ex.ª nos n/ escritórios, onde temos sempre variadissimos andares e lojas, para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos quaisquer importancia a título de comissão aos inquilinos.

Trata: SOC. CONST. INVICTA, Rua do Ouro, 292, 1.º — Telefs: 39-34755.

Dinheiro s/ prédios

EMPRESTA-SE ràpidamente e em boas condições 15 a 2000 contos em 1.ª ou 2.ª hipotecas de prédios, parte de prédios, ou construção. Também se aceitam propriedades para venda. Casa Laires, Rua da Prata, 291, 2.º, Dt.º — Telf. 325487, 470618 (Junto á P. da Figueira).

PRÉDIOS MORADIAS QUINTAS

VENDEM-SE

HIPOTECAS

Temos capital para 1.as hipotecas em Lisboa e arredores. Juro de lei, com facilidades que permitem a realização imediata das escrituras

JOSÉ SANTOS, LDA.
CASA FUNDADA EM 1929
R. dos Correeiros, 101, 1.º
Telefs.: 30707 - 362662

Capitais

TEM CARRO? TEM PRÉDIO?

ENTÃO TEM JÁ DINHEIRO

Ficando na mesma de sua propriedade
CONSULTE

ORCOSI

E FICARA SATISFEITO
R. 1.º DE DEZEMBRO, 45
Telefones 36 74 44 - 32 31 72

SE TEM AUTOMÓVEL

realize dinheiro s/ hipotecar, ou s/ transferir, s/ alterar o seguro; até 40 meses. Rua D. Estefânia, 81, 3.º Dt.º — Telef. 40049-563751. Aguardo sua visita ou telefonema.

SR. CAPITALISTA

Faça progredir o seu capital com um bom e seguro rendimento, investindo-o com sólidas e reais garantias em HIPOTECAS de propriedades.

ORCOSI

Rua 1.º Dezembro, 45-3.º
LISBOA

Telefs. 36 74 44 - 32 31 72

Bilhetes de «Fim-de-Semana»

A C. P. informa que, na semana da Páscoa, os bilhetes de «Fim de Semana» são válidos, para início da viagem de Ida, desde as 17-00 horas do dia 7, quarta-feira, até às 12-00 horas de domingo, dia 11, e, para início da viagem de Regresso, desde as 12-00 horas do mesmo domingo até às 24 horas de terça-feira, dia 13.

Rua Rodrigues Sampaio, 69, 1.º, dt.º
Tels 53 65 69 - 4 46 02
LISBOA

PREDIAL ROBEL LIMITADA

PROPRIEDADES
COMPRA ■ VENDA ■ HIPOTECA
HIPOTECAS SOBRE AUTOMÓVEIS

VISITE EM NOVA CARNAXIDE
O ANDAR MODELO de
JOÃO PROTÁZIO NALHA
na Auto-estrada

MAGNÍFICO IMÓVEL

Que tem ao seu dispor um andar «MODELO», que pode visitar sem qualquer compromisso. Sugira depois as alterações que entender e escolha um andar bem a seu gosto em CARNAXIDE, PAÇO DE ARCOS, BURACA ou noutros centros urbanísticos especialmente escolhidos por SI.

Informações no local ou nos escritórios
RUA LUCIANO CORDEIRO, 25, 1.º — TELEF. 53 92 00

ANDARES

Vendem-se em prédio novo c/ 3 e 4 casas assoalh., só para rendimento, em bom local de Lisboa. Preços desde 210 000$00. Mostra a porteira todos os dias no local. Rua Eng.º Quartim Graça, n.º 49, á Calçada de Carriche.

TRATA: F. FERNANDES & COSTA, LDA. — Avenida Almirante Reis, 104-2.º — Telefs. 53111/2 — Lisboa

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

AOS IMPORTADORES E COMERCIANTES DE TODO O PAÍS

PARA O VOSSO PRÓPRIO INTERESSE FAÇAM-NOS UMA VISITA E COMPROVARÃO QUE PRATICAMOS OS MAIS BAIXOS PREÇOS DA

EUROPA e talvez do MUNDO?...

Temos em stock milhares de rádios de pilhas e corrente de famosas marcas japonesas e europeias, tais como Conon, Akwa, Crown, National, Sharp, Sanyo, Welt-Hitachi, Tochiba, Fuji, Nozaka, Imperial, Belson, Clarion, Resing, Kalinka, Wilco, Presidente, Candle, etc. Alguns desde 100$00. Leitores de cassett e auto-rádios completos com antenas desde 700$00; gravadores de som de 2 e 4 pistas profissionais e semiprofissionais; monos stéreos de todas as marcas famosas e gira-discos de 33, 45 e 78 rotações com rádio; mono e stéreos das melhoras marcas japonesas e europeias; relógios de pulso suiços das marcas Cauny, Sicura, Crowny, etc. Despertadores, pilhas secas, canadianas, blusões, braceletes, perfumarias, bonecas, brinquedos e mais mil e um artigos impossíveis de descrever próprios para brindes e preços verdadeiramente incríveis. Sempre as últimas novidades do JAPÃO, HONG-KONG, MACAU, U. S. A., LONDRES, FRANKFURT, ROMA e PARIS. Representamos várias fábricas JAPONESAS e EUROPEIAS e aceitamos encomendas para importação directa. Vendemos mercadorias ALFANDEGADAS e em TRÂNSITO de todo o MUNDO para todo o MUNDO.

SANTOS & FERRÃO, LDA.

Rua Pascoal de Melo 44 1.º Dt.º (à Cervejaria Portugália) — LISBOA

MORADIAS EM CASCAIS

(ÓPTIMOS ACABAMENTOS)

Moradias a 5 minutos do centro de Cascais, òptimamente servidas de transportes colectivos, vista de mar. De 4, 5 e 6 assoalhadas, 2 e 3 casas de banho, garagem, jardim, etc. Desde 580 contos.

PROPRIETÁRIO: JOAQUIM BARAONA

«Edifício Cascais»

Av. Valbom, 28-1.º Telefs.: 282345 - 282388 - CASCAIS

ANDE 1.000 KM. E PAGUE SÓ 280$00

ALUGUE UM AUTOMÓVEL NA AUTO-ARGUS INTERNACIONAL

P. Gregório Mariano, 6-D Telef 553843
Av. da República — FARO — Telef. 05-23928

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos a conhecida PAPELARIA FERROS vem de ha muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferro — Rua de S Julião 64-66.

Automóveis

VENDAS:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre sem consultar Florindo M. Coelho — Rua António Pedro, 40, cave. Tel. 44846.

AUTO Portuguesa, Ld.ª — R. Rodrigues Sampaio, n.º 50-A, Vende Mercedes 220D c/ todos extras, 1969, Lotus Elan, 2 c/ todos extras, 1969. Renault R 16 de luxo, 1969. Volkswagen 1600 T.L., 1968, Ford Mustang c/ todos extras 1968. Vauxhall 101 c/ motor Perkis 1968. Opel 1700, 1964, Volvo 1225, 1962, Furgonetas: Opel Kadett 1000 utilitária, 1965. Faç. troca e pag.ª

Automóveis de Aluguer

C/ e s/ condutor. Av.ª Barbosa du Bocage, 1. Tel. 769848-761987.

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 534657 - L. St. Bárbara, 5-B
- 769848 - EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1
- 42890 — Táxis Universo, Lda. — Av. Republica, 26
- 727654 — Auto Monumental do Areeiro, Lda. — Av Padre Manuel da Nóbrega, 10-E
- 539169/539345 — BRUNAUTO — Rua Joaquim Bonifácio, 19-A
- 424391 — OLIVAUTO — Av. de Madrid, 46-B

AUTOMÓVEIS

Se pretende comprar de qualquer marca ou modelo, no seu próprio interesse não o faça sem ver no LISBOA-STAND. Fac. troca e pagamento
R. Passos Manuel, 17-D-E e 39-A - 39-B LISBOA

AUTOS DE ALUGUER

S/ CONDUTOR
Aluga novos
Taunus, 17-M Super e Wauxhall Viva, etc., etc.
L. DE ST.ª BÁRBARA, 5-B

36 MENSALIDADES

SUAVES
E SEM FIADOR

MÁQ. LAVAR ROUPA E LOIÇA
FRIGORIFICOS
FOGÕES
ESQUENTADORES
ASPIRADORES
TELEVISORES
GRAVADORES
GIRA-DISCOS
e outros

M. L. FERREIRA
R. Dona Estefânia, 48-A (Junto ao largo)
LISBOA

Pequenos anúncios ◆ Pequenos anúncios ◆ Pequenos anúncios ◆

É O MAR QUE FAZ A ILHA

(Continuação da pág. central)

o ponto assinalado pelas vigias, os barcos arpoadores são levados a reboque de pequenas vedetas muito rápidas, que poderão também ser usadas para desviar os cachalotes para uma rota que os leve para mais perto da costa ou das «baleeiras» quando estas não podem acompanhar a sua velocidade.

A missão de cerco das vedetas é muito importante quando é assinalado um cardume numeroso, pois interessa evitar que, enquanto uns animais são capturados, os outros se afastem para mares distantes. Os baleeiros madeirenses conseguiram deste modo um «record» nacional de pesca, capturando num só dia 40 cachalotes. O facto registou-se em 1957, nos tempos áureos da empresa local que, como todas as outras, se ressente do despovoamento provocado pelas frotas norueguesa, russa e japonesa. Nesse ano, foram pescados na Madeira 169 cachalotes, que renderam 804 toneladas de óleo. A crise actual está expressa na estatística de 1970: 44 cachalotes e 146 toneladas de óleo.

Embora já tenham sido encontrados cachalotes com mais de 20 metros, os maiores até hoje mortos pelos pescadores do Caniçal tinham cerca de 17 metros. Um animal com este tamanho pesa entre 70 e 80 toneladas, dando um aproveitamento de 12 toneladas de óleo e de 4 a 5 toneladas de farinha.

Os cachalotes mais frequentes têm entre 11 e 12 metros e pesam á volta de 40 toneladas.

Em cada período respiratório, as mudanças de posição dos cachalotes são assinaladas pelos vigias e transmitidas á frota de pesca. Numa das suas vindas á superfície, os animais terão os arpoadores quase sobre eles.

Num mar vermelho de sangue

Os pescadores têm, então, cerca de quatro minutos para actuar, antes que se elevem sobre as ondas as grandes caudas dos cetáceos, indício de que mergulham para a profundidade, de onde só voltarão uma hora depois e talvez num ponto muito distante.

Escolhido o animal que primeiro será atacado, os pescadores aproximam-se. Há pelos menos dois barcos que participam na sua captura.

Os arpoadores, de pé na proa da embarcação, seguram a arma e estudam o comportamento da sua presa imóveis como estátuas, tentando adivinhar como o monstro reagirá ao ataque. Os grandes machos solitários são normalmente mais perigosos. Rejeitados pelo cardume no fim dos seus trinta anos de vida habituais, tornam-se agressivos. Grandes veleiros do séc. XVIII, como o «Essex», foram afundados pelo ataque frontal de um cachalote em furia.

A baleeira segue a rota do cachalote. O timoneiro coloca o barco de maneira a aproximar-se por de trás e de lado, mas é ao arpoador que compete escolher o momento em que dará o golpe Quase debaixo de si, roçando ás vezes o casco da pequena embarcação, vai o dorso arfante de uma montanha viva. Só o topo da cabeça emerge, rasgando a água como a proa de um submarino e expelindo sopros assustadores.

O arpoador ergue o arpão quase horizontalmente — uma mão adiante, junto á ponta de aço, outra atrás, no topo do cabo de madeira de onde pende a corda. De subito, baixa a mão da frente e, na fracção de segundo em que a pesada arma se equilibra antes da queda, o braço que segura o cimo do cabo distende-se num disparo de forças em que vai também todo o peso do corpo.

O arco descrito pelo arpão fica marcado no ar pela corda que corre atrás dele. A ponta de aço rompe a pele cinzenta do monstro com um ruído surdo e penetra vinte a trinta centímetros no chão vivo que aflora o mar. Nunca é um golpe mortal.

Ergue-se, então, sobre os pescadores da «baleeira» a cauda gigantesca do cachalote — umas três a quatro toneladas de musculos que poderão esmagar homens e barco num segundo. Não é um golpe de ataque, mas de fuga, o chicotear do animal no seu mergulho aflito. Compete ao timoneiro evitá-lo com perícia, o que nem sempre acontece. Os acidentes pessoais são, felizmente, mais raros do que o partir dos barcos, pois em circunstancias nenhumas o medo tolhe a agilidade dos pescadores.

O cachalote arrasta, no seu mergulho, a corda que se desenrola vertiginosamente, correndo pela gola da borda, ás centenas de metros. Poderá também o animal «correr» á superfície, arrastando a embarcação como uma tábua de «ski», mas é menos frequente.

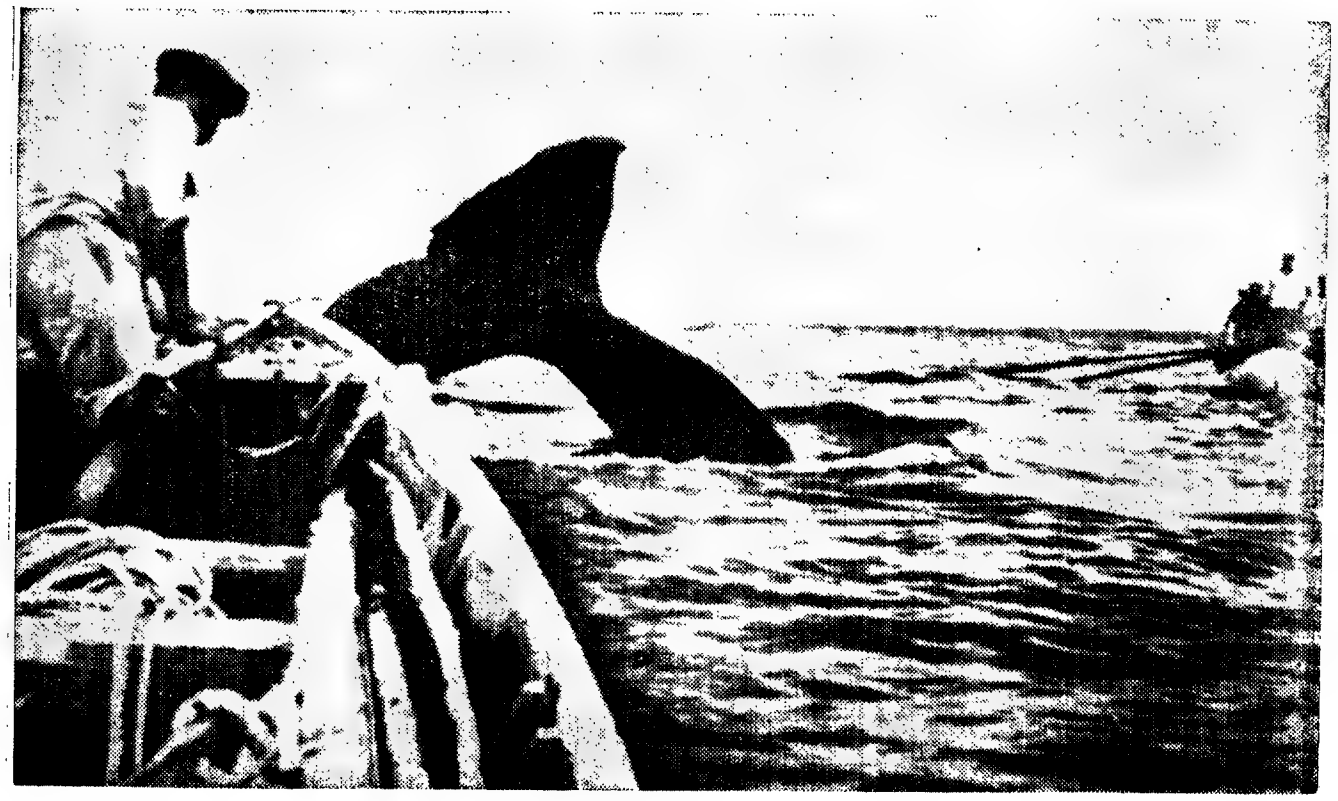
O mergulho não tem a duração habitual, tanto pelo facto do período respiratório ter sido interrompido pelo ataque dos pescadores, como pelos efeitos da ferida do arpão, que normalmente atinge os pulmões.

Ao regressar á superfície o cachalote recebe novos golpes, disparados da canoa que primeiro o atacou ou de outras que tenham acorrido. Sem poder fazer a sua reserva de ar, o cachalote debate-se, em curtos mergulhos e breves emersões, entre a furia dos homens e a ansia da asfixia.

O seu sangue mancha já o mar e o abandono das forças é também já evidente. Quase imóvel, recebe o golpe mortal de uma longa lança que lhe penetra fundo nos pulmões. É, então, um jacto de sangue fumegante que, em lugar do silvo de vapor, expele pela narina, salpicando o enxame de homens minusculos que sobre ele se encarniçam.

Num lençol vermelho que cada vez mais se alastra sobre o azul do mar, o monstro exala os seus ultimos sopros de vida. Sangue e água escorrem pelas cicatrizes abertas em lutas com polvos e lulas que atingem ás vezes doze metros de comprimento, como alguns exemplares encontrados já nos estomagos dos cachalotes. Mas é também provável que sejam feridas resultantes das disputas com outros cetáceos ou dos ataques de grandes tubarões das profundidades.

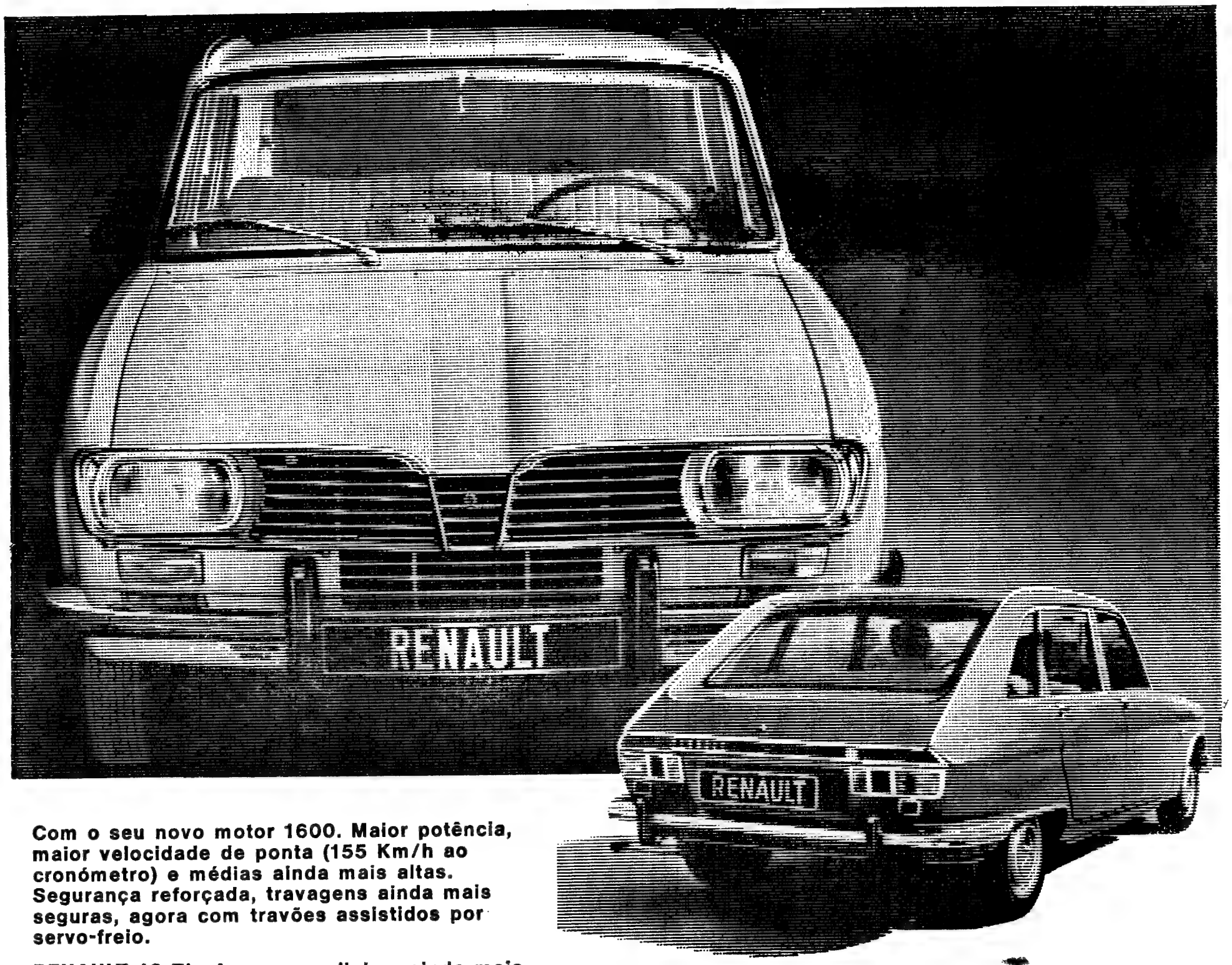
Daquele corpo imenso que ainda há pouco, sulcava majestosamente os mares, orgulhoso da sua força e do seu tamanho, e que é agora rebocado grotescamente para a fábrica, a grande cauda presa á borda do barco, a boca aberta arrastada na esteira de espuma, desse imenso bloco de carne nada mais restará dentro de horas do que uns bidões de óleo, um monte de farinha e um esqueleto a secar ao sol, á espera que a fantasia humana lhe dê as mais diferentes aplicações.



Depois do arpoamento do cachalote, as embarcações afastam-se rápidamente, para evitar o efeito destruidor dos golpes vibrados pela cauda do animal no seu longo estertor agónico

espiral

Renault 16 TL agora mais potente e ainda mais seguro



Com o seu novo motor 1600. Maior potência, maior velocidade de ponta (155 Km/h ao cronómetro) e médias ainda mais altas. Segurança reforçada, travagens ainda mais seguras, agora com travões assistidos por servo-freio.

RENAULT 16 TL, Agora com linhas ainda mais elegantes e distintas.
O RENAULT 16 TL está equipado com o famoso motor RENAULT 1600 sem dúvida um dos que maiores provas tem dado à mecânica base de todos os grandes sucessos da RENAULT. Recorda-se o êxito retumbante obtido pela RENAULT no último RALLYE DE MONTE CARLO!

RENAULT

MONTADOS PELAS INDÚSTRIAS LUSITANAS RENAULT

PUB.

RENAULT • vencedor das provas dificeis...

importadores exclusivos: • UTIC – Av. da Liberdade, 136 · Lisboa • Av. dos Aliados, 195 · Porto

E REDE DE AGENTES EM TODO O PAÍS

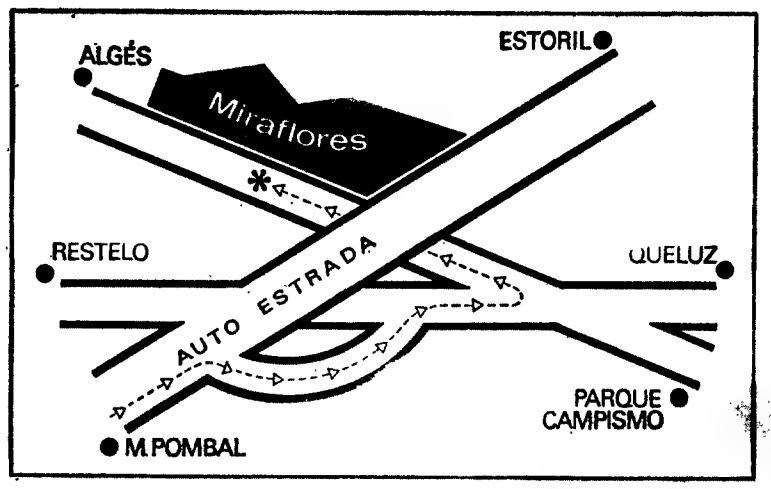
MHP-1/71

A nobreza duma zona central está em "Miraflores-Lux"!

Andares em

Miraflores Lux

cidade residencial



Miraflores — a solução exacta para o seu meio ambiente. Um local de excepção para gente de nível.

Miraflores — qualidade de construção, apuro de acabamentos.

Miraflores — piscinas, jardins, parques infantis e desportivos, centro comercial, escolas, garagens, parques públicos; clubes.

Miraflores — mar e serra, a 5 minutos do Marquês de Pombal e 6 minutos do Terreiro do Paço.

Miraflores — prestígio em cada metro quadrado.

HABITAT EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS, S.A.R.L.
Informações e vendas:
Avenida Principal — Parque Residencial e Turístico de "Miraflores" (Norte)
Telef. 215087-215088-215089-215080

AS BALEIAS EM VIAS DE «DINOSSAURIZAÇÃO»

Por PATRICE OWENS

Se não se adoptarem medidas urgentes, as baleias desaparecerão em breve do oceano. Um investigador do Museu de História Natural de Washington entende que tal pode acontecer em menos de dez anos.

As baleias, cujo cérebro é seis vezes maior que o do homem e cujo sistema de comunicações com os seus semelhantes continua a ser um dos mistérios da ciência, são animais de sangue quente, que têm um tempo de gestação de 12 a 18 meses e que amamentam os filhos no mar.

A maior baleia, a baleia azul, chega a atingir 30 metros de comprimento e a pesar 150 toneladas. Outra espécie, mais comum, não vai além dos 15 a 18 metros, com um peso de 45 toneladas. São animais que dependem, para a sua subsistência, das plantas e animaizinhos que encontram nos oceanos. Outras espécies, mais degradadoras, mergulham a 1 000 metros de profundidade, para procurarem lulas e chocos, que constituem a base da sua alimentação.

Sabe-se muito pouco ainda sobre as baleias — ignora-se mesmo quanto tempo vivem. Sabe-se apenas que, no primeiro ano da sua existência, as baleias vão de um pólo ao outro.

«Natural History», a revista do Museu de História Natural de Washington, relata que, nos últimos 25 anos, os pescadores já mataram 62 022 baleias azuis no Antárctico e 15 005 baleias «corcovadas». Restariam agora apenas 2 000 baleias azuis.

Uma comissão internacional fixa actualmente uma quota, superior á que devia ser fixada (segundo os conselheiros científicos desta comissão) para não despovoar os oceanos. No ano passado, as capturas foram superiores em 27 % á quota recomendada pelos sábios. Certas espécies estão agora oficialmente protegidas, mas toda a gente reconhece que o logro é generalizado.

Os maiores pescadores de hoje são os russos e os japoneses, que fizeram 43 e 42% das capturas em 1969-70. Os E. U. A., que dominaram esta pesca no século XIX, só capturaram 0,5%, em 1969-70.

Os biólogos pronunciaram-se a favor de uma suspensão da pesca das baleias durante 10 anos. Depois desses 10 anos, devia proceder-se a uma regulamentação extremamente rigorosa, mas nada indica que esta moratória seja adoptada. Se o não for, em breve as baleias não passarão de uma recordação tão vaga como a dos dinossauros.

(Exclusivo «News Day»-«D. L.»)

COMPANHIA DE SEGUROS CONFIANÇA

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

PORTO
Rua Dr. Artur de Magalhães Basto, 34
Apartado 169
Telefones 29621 a 29628

LISBOA
Rua de S. Nicolau, 102
Apartado 2835
Telefones 367172

O PESSOAL DOS TELEFONES FAZ POESIA E FOTOGRAFIA

Em comemoração do seu 20.º aniversário, o Grupo Desportivo do Pessoal dos Telefones organiza os IV Jogos Florais e o IV Salão Nacional de Arte Fotográfica, aos quais podem concorrer os sócios dos sindicatos nacionais, dos Centros de Alegria no Trabalho e os filiados da F. N. A. T.

Aos Jogos Florais são admitidos sonetos, quadras, contos, artigos e poesia obrigada ao seguinte mote:

Cá por mim, por mais que [loime
Não vejo onde está o crime...
Liguei á Rede, enredei-me,
Falei contigo, prendi-me.

Ao Salão Nacional de Arte Fotográfica são admitidas fotografias (formato único 30x40) nos temas «livre» e «telefónico».

Haverá taças, medalhas, menções honrosas e prémios monetários no valor de milhares de escudos.

O prazo para entrega das produções termina em 30 de Abril, devendo a correspondência ser enviada para: Jogos Florais e Salão de Arte Fotográfica, Rua Andrade Corvo, 14.

CORPORAÇÃO DOS TRANSPORTES E TURISMO

Reuniu-se, sob a presidência do sr. eng.º João Pedro Neves Clara, o conselho da Corporação dos Transportes e Turismo, que aprovou o relatório e as contas do exercício de 1970.

Houve depois eleições, tendo sido nomeados os srs. eng.º António José Campos Costa, para vogal do conselho da secção dos Transportes Terrestres e Aéreos; comandante Albano de Oliveira e João Baptista Brito, para vogais do conselho da secção dos Transportes Marítimos e Fluviais, e capitão Joaquim Lima Silveira Costa, para o cargo de Procurador á Câmara Corporativa, pelo sector patronal da subsecção dos Transportes Terrestres.

Albergaria
CORCEL
★ ★ ★ ★
RUA DE CAMÕES 135
PORTO — PORTUGAL
TELEFONES 380268/9/0
TELEGRAMAS CORCEL

HOTEL
CASTOR
★ ★ ★ ★
RUA DAS DÓZE CASAS, 17
PORTO — PORTUGAL
TELEFONES 28691-2-3-4-5
TELEG. CASTOR-PORTO
TV EM TODOS OS QUARTOS
«BOITE» e RESTAURANTE

Ao serviço do TURISMO

EM MATOSINHOS
HOTEL PORTO MAR
TEL. 932104/5/6
RESTAURANTE E CASA DE CHA DA BOA NOVA
TEL. 932038

NO PORTO
GRANDE HOTEL IMPERIO
TEL. 26861

EM COIMBRA
HOTEL OSLO
TEL. 29071/2/3

MAISON LOUVRE
VESTUÁRIO PARA BÉBÉ E CRIANÇA
CONFECÇÃO PRÓPRIA
ROSSIO, 106

LUSTRES
SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

EFI.
● PISTÕES — SEGMENTOS
CAMISAS — CAVILHAS
● MOTORES DIESEL
● MÁQUINAS DE FERRAR
● TORNOS DE PRECISÃO
● SERRES CIRCULARES PARA SACARIA
● [illegible]
ED. FERREIRA & IRMÃO, S. A. R. L.
R. Boa [illegible] Postal 44

GENUINA COZINHA NORTENHA
NOS
Restaurantes
traçadinho
RUA DA MADEIRA, 186 — TELEF. 25624 — PORTO
E
tanoeiro
CAMPO MOUZINHO DE ALBUQUERQUE, 207
TELEF. 22162 — V. N. FAMALICÃO
DOIS NOMES, UM SÓ LEMA: BEM SERVIR

AS BALEIAS EM VIAS DE «DINOSSAURIZAÇÃO»

Por PATRICE OWENS

Se não se adoptarem medidas urgentes, as baleias desaparecerão em breve do oceano. Um investigador do Museu de História Natural de Washington calcula que tal pode acontecer em menos de dez anos.

As baleias, cujo cérebro é seis vezes maior que o do homem e cujo sistema de comunicação é tão sofisticado como o melhor computador electrónico, continua a ser um dos mistérios da criação, são animais de longa gestação — cerca de um ano — e de aleitamento de 12 a 18 meses e que, muitas vezes, matam os filhos no mar.

A maior baleia, a baleia azul, chega a atingir 30 metros de comprimento e a pesar 150 toneladas. Outra espécie, mais comum, não vai além dos 15 a 18 metros, com um peso de 45 toneladas. São animais que dependem, para a sua subsistência, de plantas e animaizinhos que encontram nos oceanos. Outras espécies, mais degradadas, mergulham a 1 000 metros de profundidade, para procurarem lulas e chocos, que constituem a base da sua alimentação.

Sabe-se pouco [illegible] sobre as baleias, [illegible] supõe-se muito quanto à sua vida sexual, que, nos primeiros dias de vida [illegible] as baleias [illegible] de um pão ao outro.

«Natural History», a revista do Museu de História Natural de Washington, calcula que, nos últimos 25 anos, os pescadores já mataram 62 022 baleias azuis no Antárctico e 15 000 baleias corcovadas. Restariam agora [illegible] 1 000 baleias azuis.

Uma cota anual fixa actualmente uma quota superior à que deve ser morta [illegible] pondo os conselheiros científicos desta comissão para não [illegible] os oceanos. No ano passado, as capturas foram superiores em 37 % à quota recomendada pelos sábios. Certas espécies estão agora oficialmente protegidas, mas toda a gente reconhece que o logro é generalizado.

Os maiores pescadores de hoje são os russos e os japoneses, que fizeram 42 e 42% das capturas em 1969-70. Os E. U. A., que dominaram esta pesca no século XIX, só capturaram 0,5%, em 1969-70.

Os biólogos pronunciam-se a favor de uma suspensão da pesca das baleias durante 10 anos. Depois desses 10 anos, devia proceder-se a uma regulamentação extremamente rigorosa, mas nada indica que esta moratória seja adoptada. Se o não for, em breve as baleias não passarão de uma recordação tão vaga como a dos dinossauros.

(Exclusivo «News Day» D. L.ª)

COMPANHIA DE SEGUROS CONFIANÇA

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

PORTO
Rua Dr. Artur de Magalhães Basto, 34
Apartado 169
Telefones 29821 a 29828

LISBOA
Rua de S. Nicolau, 102
Apartado 2835
Telefones 367172

O PESSOAL DOS TELEFONES FAZ POESIA E FOTOGRAFIA

Em comemoração do seu 20.º aniversário, o Grupo Desportivo do Pessoal dos Telefones organiza os IV Jogos Florais e o IV Salão Nacional de Arte Fotográfica, aos quais podem concorrer os sócios dos sindicatos nacionais, dos Centros de Alegria no Trabalho e os filiados da F. N. A. T.

Aos Jogos Florais são admitidos sonetos, quadras, contos, artigos e poesia obrigada ao seguinte mote:

Cá por mim, ser mais que [illegible]
Não sei onde está o crime...
Liguei à Rede, enredei-me,
Falei contigo, prendi-me

Ao Salão Nacional de Arte Fotográfica são admitidas fotografias (formato mínimo 30x40 cm) sobre temas livres e telefónicos.

Haverá taças, medalhas, menções honrosas e prémios monetários no valor de milhares de escudos.

O prazo para entrega das produções termina em 30 de Abril, devendo a correspondência ser enviada para: Jogos Florais e Salão de Arte Fotográfica, Rua Andrade Corvo, 11.

CORPORAÇÃO DOS TRANSPORTES E TURISMO

Reuniu-se, sob a presidência do sr. eng.º João Pedro Neves Clara, o conselho da Corporação dos Transportes e Turismo, que aprovou o relatório e as contas do exercício de 1970.

Houve depois eleições, tendo sido nomeados os srs. eng.º António José Campos Costa, para vogal do conselho da secção dos Transportes Terrestres e Aéreos, comandante Albano de Oliveira e João Baptista Brito, para vogais do conselho da secção dos Transportes Marítimos e Fluviais, e capitão Joaquim Lima Silveira Costa, para o cargo de Procurador à Câmara Corporativa, pelo sector patronal da subsecção dos Transportes Terrestres.

Albergaria
CORCEL
★ ★ ★ ★
RUA DE CAMÕES 135
PORTO — PORTUGAL
TELEFONES 380268/9/0
TELEGRAMAS CORCEL

HOTEL
CASTOR
★ ★ ★ ★
RUA DAS DÓZE CASAS, 17
PORTO — PORTUGAL
TELEFONES 28691-2-3-4-5
TELEG. CASTOR-PORTO
TV EM TODOS OS QUARTOS
«BOITE» • RESTAURANTE

Ao serviço do TURISMO

EM MATOSINHOS
HOTEL PORTO MAR
TEL. 932104/5/6
RESTAURANTE E CASA DE CHA DA BOA NOVA
TEL. 932038

NO PORTO
GRANDE HOTEL IMPÉRIO
TEL. 26861

EM COIMBRA
HOTEL OSLO
TEL. 29071/2/3

MAISON LOUVRE
VESTUÁRIO PARA BÉBÉ E CRIANÇA
CONFECÇÃO PRÓPRIA
ROSSIO, 106

LUSTRES
encantadores, ao gosto da juventude. Fábrica, Av. 5 Outubro, 203, r/c. Esq. (Ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 20.
VENDA AO PÚBLICO

★★★★★★★★★★★★★★★
SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

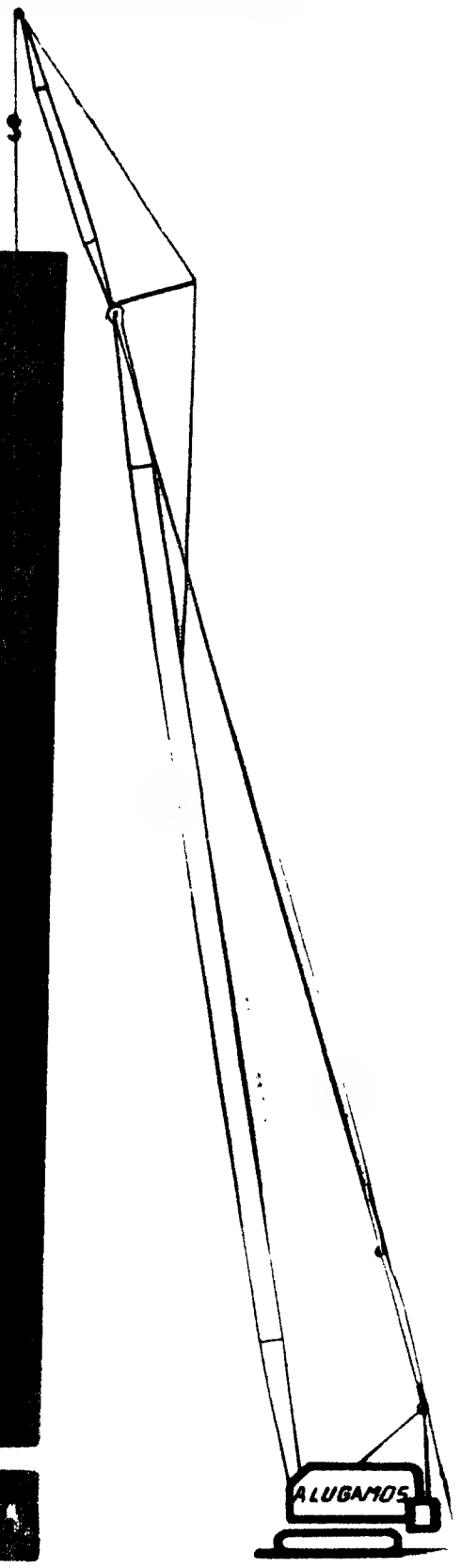
EFI.
● PISTÕES — SEGMENTOS
CAMISAS — CAVILHAS
● MOTORES DIESEL
● MÁQUINAS DE FURAR
● TORNOS DE PRECISÃO
● TEARES CIRCULARES PARA SACARIA
● CONTINUOS DE FIAÇÃO
ED. FERREIRINHA & IRMÃO, S. A. R. L.
R. Boa Nova, 163 — Caixa Postal 44
PORTO

GENUINA COZINHA NORTENHA
NOS
Restaurantes
traçadinho
RUA DA MADEIRA, 186 — TELEF. 25624 — PORTO
E
tanoeiro
CAMPO MOUZINHO DE ALBUQUERQUE, 207
TELEF. 22162 — V. N. FAMALICÃO
DOIS NOMES, UM SÓ LEMA: BEM SERVIR

MUELLER MONTAGEM

MONTAMOS / DESMONTAMOS

TUDO!



QUE SEJA PRE-FABRICADO

LISBOA
Praça do Areeiro, 8, 9º
tel. —— 727056 7

DÜSSELDORF
Am. Wehrhahn, 23 II stock
tel. —— 539224

O IMPERADOR DO JAPÃO CONTINUA A CONSIDERAR-SE DESCENDENTE DE UMA DEUSA?

Por DON SHANNON

TÓQUIO — O imperador Hirohito, que foi oficialmente des-divinizado no 1.º dia do ano de 1946, estará agora prestes e reencontrar o seu estatuto divino?

É essa, pelo menos, a possibilidade que deixa entrever a resposta do Palácio Imperial de Tóquio a perguntas dos jornalistas ocidentais sobre o estatuto do imperador na religião xintoista.

«Na mitologia japónesa, o imperador é apresentado como descendente de Amaterasu Omikami (a deusa do Sol que teria criado estas ilhas) — declarou o Palácio Imperial. — Tradicionalmente a família imperial venera a deusa Amaterasu Omikami como fundadora da dinastia imperial».

Este esclarecimento que, decerto, suscitará novas controvérsias, foi prestado pelo Grão-Mestre das Cerimónias do Palácio Imperial, Shigenoburo Shima, por ocasião de um briefing sobre a próxima viagem do Imperador Hirohito á Europa, no Outono deste ano. Shima explicou que esta visita se desenrolaria entre dois dias «santos», de maneira que o imperador não faltasse ás suas obrigações religiosas.

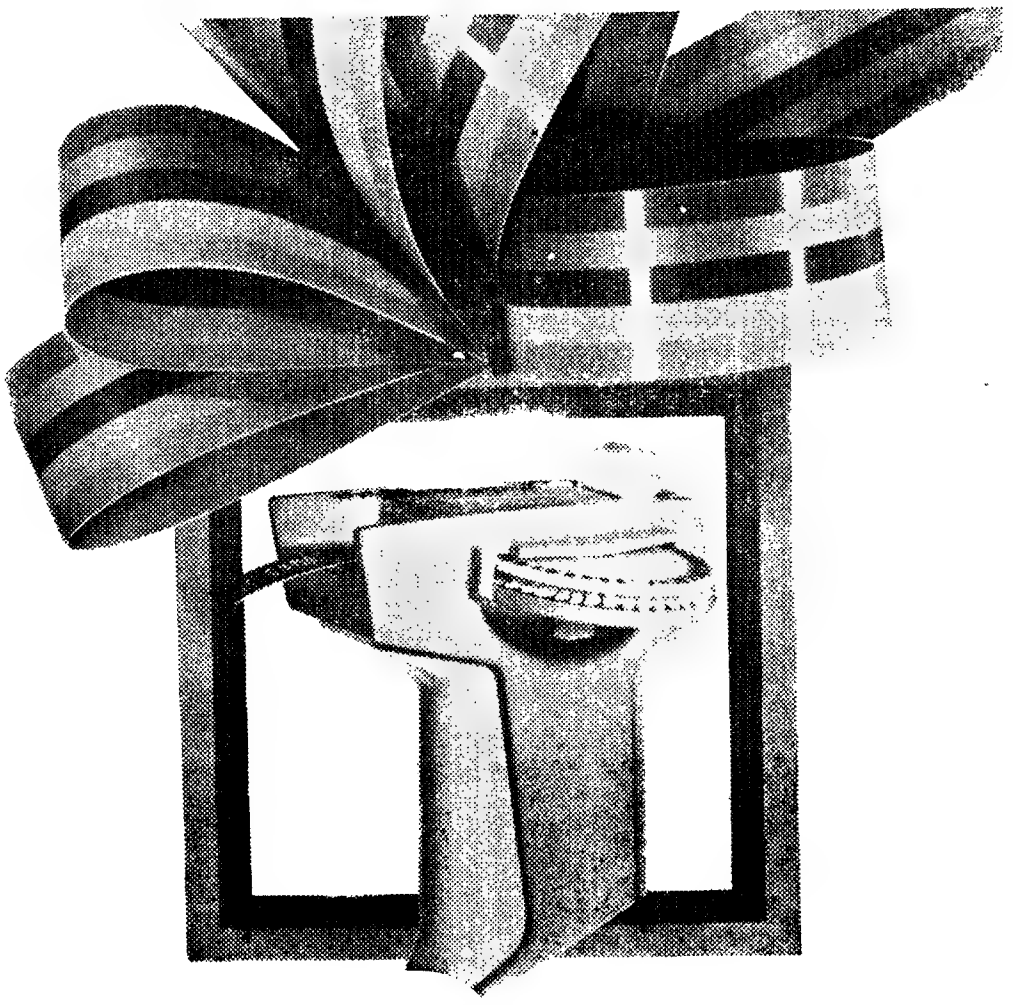
Os jornalistas do Clube da Imprensa estrangeira do Japão pediram imediatamentente a Shima que explicasse quais eram as obrigações religiosas do imperador. Shima explicou então que havia santuários privados no interior do palácio em Tóquio, e santuários num certo numero de mausoléus, imperiais aonde se desloca o imperador (ou envia representantes) em certas ocasiões especiais

Nesse momento o Grão-Mestre das cerimónias parecia querer dizer que o imperador era equivalente a um deus. Depois retractou-se, muito confundido, e declarou que não tinha competência para resolver esta questão e que os jornalistas que quisessem ter um conhecimento mais perfeito do problema deviam apresentar perguntas por escrito, a fim de os peritos se pronunciarem sobre elas.

Segundo esses peritos, o estatuto do imperador é o de um «dirigente dos ritos cerimoniais de corte. Não é sacerdote nem detém um «estatuto especial» dentro da religião. O imperador observa, a título privado, a fé tradicional da família imperial e dirige os ritos cerimoniais da corte. Contudo, o imperador não tem estatuto especial».

A revelação de que o imperador observa os mesmos ritos que outrora, venerando uma deusa que ele continua a considerar sua antepassada, indica que certos japoneses consideram que as alterações do pós-guerra são meramente temporárias.

(Exclusivo «Te Los Angeles Times» — «D. L.»)



Obrigado pela lembrança

O seu bom gosto pede-lhe que seja original nas ofertas.
Ofereça uma máquina DYMO.
É que DYMO é original e tem milhares de utilizações.
Tantas quantas se lembrarão de si!
Senão veja:
Com as etiquetas DYMO, elegantes e de duração permanente (já reparou nas belas cores das etiquetas?), poderão identificar – lembrando-se de si – **slides fotográficos, bolsas, brinquedos, os livros e lápis** das crianças (perdem-se tantas vezes...) **frascos de géneros alimentícios** (um achado para as donas de casa, não acredita?), **arquivos, armários, ferramentas, equipamento eléctrico**, enfim todo um mundo de sugestões.
E todas precisam de DYMO!

E porque não compra uma DYMO **também para si?**

DYMO SYSTEM®

O presente inesquecível

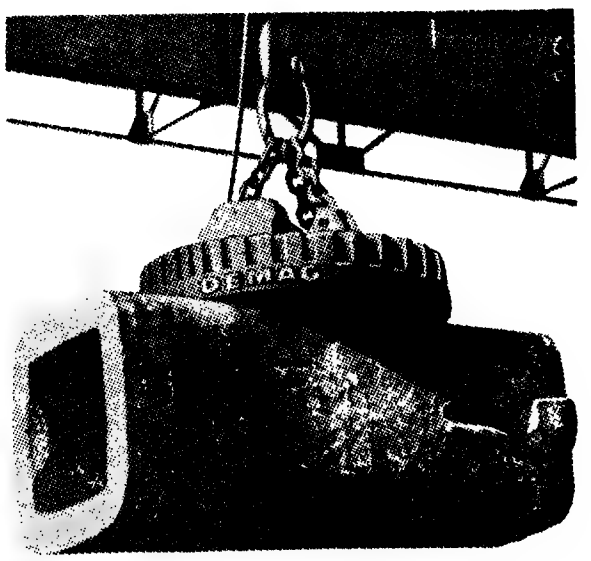
À venda nas boas casas da especialidade

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO:
MANUEL JOSÉ DE AZEVEDO, LDA.
PORTO: 496, RUA DO ALMADA. TELS. 30 156 - 20105.
LISBOA: 1: 3-4, R. JOÃO ANT. AGUIAR. TELS. 53 36 37 - 55 64 22.
DYMO DYMO®

DEMAG

EQUIPA TODA A INDÚSTRIA

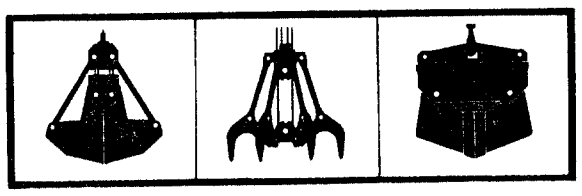
Electro imãs «DEMAG» de grande força de elevação e reduzido peso próprio asseguram o alto rendimento da sua instalação. Moderna construção e alta qualidade são garantia de segurança no seu funcionamento.



Electro imãs «DEMAG» simples e robustos podem ser fornecidos individualmente ou formando combinações que lhe permitam a solução de todos os seus problemas.

Electro imãs circulares, rectângulares, em forma de ferraduras, empilhadores de chapa, empilhadores de perfilados, etc.. Aguardamos a sua consulta para lhe darmos a nossa solução.

O seu êxito será o nosso!



ROMAR UMA ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA
SOCIEDADE COMERCIAL ROMAR, LDA.

LISBOA – TRAVESSA DA GALÉ, N.º 9 - TEL. 635670/634081
PORTO – R. FERNANDES TOMÁS, 524-1.º ESQ. - TEL. 34485/25871/32205

Homenagem ao edil de Condeixa-a-Nova

COIMBRA, 7 — Há cerca de 13 anos que o sr. dr. Evaristo Cerveira de Moura preside ao Município de Condeixa-a-Nova, onde tem realizado obra de valor e que deixa agora essas funções, por ter atingido o limite máximo do exercício. Assim, um numeroso grupo de individualidades promoveu-lhe uma homenagem que foi significativa de apreço e simpatia.

No salão nobre dos Paços do Concelho houve uma sessão presidida pelo governador civil, sr. Cunha Matos, com a presença dos srs. dr. José dos Santos Bessa, presidente da comissão distrital da A. N. P.; general-comandante da Região Militar de Coimbra, deputados pelo círculo, presidentes das Câmaras Municipais do Distrito, da comissão concelhia da A. N. P. e das Juntas de freguesia do concelho e outras individualidades, além de muita gente que quis testemunhar ao presidente da Câmara Municipal o seu reconhecimento.

Usaram da palavra, fazendo o elogio do homenageado e da sua obra, os srs. dr. Folhadela de Oliveira, presidente do Município; dr. Santos Bessa; o chefe do distrito e, por último, o sr. dr. Evaristo Cerveira, que agradeceu.

MERCÊS HONORÍFICAS

Foram condecorados com os graus referidos da Ordem Militar de Avis os srs. tenente-coronel Carlos Fernando da Cunha Vieira de Araujo, coronel Carlos Rodrigues dos Santos, tenente-coronel José Graça Dias Gomes, coronel António Manuel de Matos Viegas e Campos, tenente-coronel Dionísio de Almeida Santos e major João da Cruz Quintino, comendadores; e major Fernando Jorge Freire de Andrade Castelbranco Lobo da Costa, capitão José de Sousa Faria, majores dr. João Ávila de Matos e Joaquim Marques da Silva Gervásio, tenente-coronel dr. António Monteiro Roque Ferreira, major Júlio Eugénio Augusto Viegas Almeida Pires, majores Carlos Ferreira, Hélder Chaves Gomes, Oscar José Castelo da Silva, João Branco Baptista, Pompeu da Silva Fialho e José Diogo Soares Pereira Queirós e capitão José Francisco Pereira Machado Dray.

A fábrica de montagem da Ford Lusitana, na Azambuja, continua a ser visitada por alunos de diversos estabelecimentos de ensino. Desta vez, admiraram as vastas instalações, 25 finalistas dos cursos industriais da Escola Industrial e Comercial Brotero, de Coimbra Apenas nas curvas fechadas o carro nos «saltitou» com as rodas da frente. A subir, foi sempre bem, numa afirmação da potência que dispõe

Comunicado das Forças Armadas na Guiné

BISSAU, 7 — (A. N. I.) — Pelo Comando-Chefe das Forças Armadas na Guiné foi distribuído em Bissau o seguinte boletim informativo, relativo ao período de 22 a 28 de Março:

«Durante o período um grupo inimigo que tentava infiltrar-se em território nacional, irradiando da República da Guiné, foi interceptado a sul de Aldeia Formosa, tendo sofrido 16 mortos e a captura do respectivo armamento. Ainda no mesmo período um outro grupo inimigo foi interceptado nas mesmas condições a sudeste da Aldeia Formosa, muito próximo da fronteira, tendo debandado para o país vizinho com baixas não controladas.

As nossas forças continuaram empenhadas nas missões habituais da vigilância das fronteiras e protecção das populações, e de apoio das estruturas civis nas tarefas de promoção económica e social integradas nos programas em curso na província, tendo-se verificado a apreentação de 157 elementos da população que viviam fora do contrôle das nossas autoridades, bem como de mais três guerrilheiros que se apresentaram com o seu armamento e que, depois de receberem o prémio correspondente, se juntaram aos seus familiares, retomando a sua vida normal.

As populações das zonas mais visadas pela propaganda do inimigo, no sul da província, continuaram também a pedir insistentemente ao Governo armas para a defesa do seu chão, propondo-se constituir e organizar forças de milícia de autodefesa nas povoações de Cantanhez.

A actividade inimiga manteve-se especialmente orientada contra as populações da faixa fronteiriça. Durante o período foi flagelada a povoação de Farim, acção que, como foi oportunamente anunciado, causou 15 mortos e 85 feridos á população civil.

Foi ainda flagelada, com quatro foguetões disparados de uma base de fogos instalada também no território da República da Guiné, a povoação do Pichè, na fronteira leste.

Apesar da constante utilização pelo inimigo do território dos países limítrofes para instalação das suas bases de fogos, e do apoio total concedido pelos respectivos Governos ao PAIGC, as populações daqueles países continuam a afluir aos nossos postos de fronteira, tendo sido prestada assistência médica gratuita, durante o período, a 1902 cidadãos senegaleses e a 84 cidadãos da República da Guiné.

Em consequência da nossa actividade o inimigo sofreu 16 mortos confirmados. As nossas forças não sofreram baixas.

Conselho Superior de Obras Públicas

O sr. eng.º Fernando Vasco Costa, professor do Instituto Superior Técnico foi nomeado vogal do Conselho Superior de Obras Publicas, lugar que se encontrava vago desde 10 de Novembro de 1969, por ter terminado, naquela data, o período de três anos em que o referido engenheiro desempenhou aquele lugar.

No ESTORIL o «DIARIO DE LISBOA» é vendido na Tabacaria Paris, Av. Fausto de Figueiredo.

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

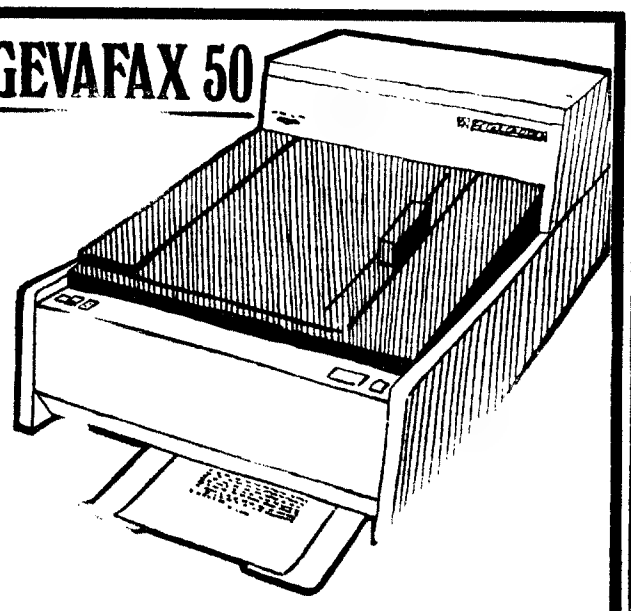
Reuniu-se a assembleia geral da Associação dos Arqueologos Portugueses, sob a presidência do sr. dr. Joaquim Alberto Iria, secretariado pelos srs. drs. Montalvão Machado e Farinha dos Santos.

Foram tratados vários assuntos que dizem respeito á vida interna da Associação e ouvida uma exposição do rev. João Pires de Campos, subordinada ao título «Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa e a sua projecção devocional e lendária em Espanha».

Depois de se referir á arqueologia do concelho de Vila Viçosa, entrou em seguida na época cristã, começando por lembrar o primeiro templo cristão, construído sobre ruínas romanas. Entre os seus monumentos, destacou o Convento das Chagas, onde jazem as primeiras duquesas de Bragança, referindo-se depois á Casa Ducal. Descreveu o templo de Nossa Senhora da Conceição, fazendo-o remontar aos fins da Idade-Média e entrando em seguida na descrição das imagens.

Descrevendo depois a cidade de Córdova, analisou a devoção que em Espanha se nota por Nossa Senhora de Vila Viçosa. Terminou por lamentar o esquecimento a que tem sido votado o Santuário de Nossa Senhora de Vila Viçosa, padroeira de [illegible]

GEVAFAX 50



se precisa de obter cópias...

- Secas
- Ràpidamente
- Automàticamente
- Pela simples press de um botão
- De folhas soltas ou de livros, de todas as cores

e quiser a garantia de fabrico de um dos maiores nomes em fotografia consulte

GEVAERT AGFA-GEVAERT, LDA. Agfa

SECÇÃO GEVAFAX

ARMAZÉNS E ESCRITÓRIOS:

AV. DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR, 9

TELEFONES: 2190031 A 2190035

LINDA-A-VELHA

AS EMPRESAS DEVEM SER COMPETITIVAS À ESCALA INTERNACIONAL...

A NORMA

TRABALHA CONSIGO PARA A EFICIÊNCIA DOS PLANOS DA SUA EMPRESA.

COMO? A NORMA põe a sua experiência ao serviço da gestão das Empresas e dos Serviços Públicos. Uma experiência baseada em mais de 500 intervenções. Baseada na capacidade dos seus consultores, nacionais e estrangeiros. Baseada nas suas técnicas, as mais avançadas. Nos seus métodos, comprovados com o sucesso dos seus clientes.

A NORMA oferece-lhe os meios de aperfeiçoar a sua Empresa. As suas técnicas. Os seus homens. Cria a capacidade de acelerar a sua velocidade de progresso. De melhorar a sua eficiência. A sua produtividade. O seu lucro.

COMO? A NORMA tem à disposição das Empresas um serviço completo para a eficiência da gestão. O MANAGEMENT E GESTÃO DE PESSOAL. A INFORMATICA. A ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL. O MARKETING. A ORGANIZAÇÃO ECONÓMICO-ADMINISTRATIVA. A FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO PESSOAL.

A NORMA faz a análise e o diagnóstico da Empresa. Propõe as soluções. Procede ao estudo detalhado dos trabalhos. Concebe o plano de acção. Apoia o lançamento e a aplicação das soluções. Para uma Empresa mais dinâmica. Mais moderna. Lucrativa.

COMO? Os quadros da NORMA são cuidadosamente recrutados. Pela sua experiência anterior (empresarial ou pública). Pelas suas qualidades intelectuais. E de carácter.

Os seus consultores (cerca de 150 a tempo inteiro) são na maioria licenciados. Em Engenharia, Economia ou Ciências Sociais. E a NORMA proporcionou-lhes uma formação base. E uma especialização. No País e, geralmente, no estrangeiro (E. U. A., França, Inglaterra). E mantém esse esforço de formação. Despendendo, anualmente, 10% do volume de vendas.

E assim, a NORMA é a primeira empresa nacional de organização e gestão. E presta os melhores serviços aos seus clientes. E os seus clientes são os mais progressivos.

Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas S. A. R. L. NORMA

SOCIEDADE DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE EMPRESAS, S. A. R. L.

SEDE: AVENIDA 5 DE OUTUBRO, 122 — LISBOA-1 TELEFONE 76 77 11/2

DELEGAÇÃO DO NORTE: RUA CAMPO ALEGRE, 752, 6.º-A — PORTO — TELEFONE [illegible]

Homenagem ao edil de Condeixa-a-Nova

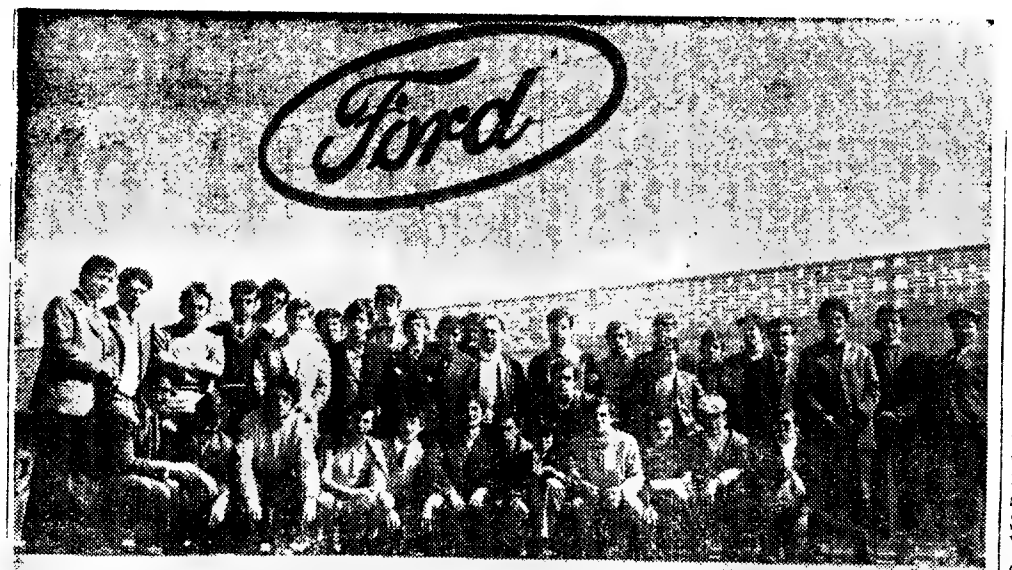
COIMBRA, 7 — Há cerca de 12 anos que o sr. dr. Evaristo Cerveira de Moura preside ao Município de Condeixa-a-Nova, onde tem realizado obra de valor e que deixa agora essas funções, por ter atingido o limite máximo do exercício. Assim, um numeroso grupo de individualidades promoveu-lhe uma homenagem que foi significativa de apreço e simpatia.

No salão nobre dos Paços do Concelho houve uma sessão presidida pelo governador civil, sr. Cunha Matos, com a presença dos srs. dr. José dos Santos Bessa, presidente da comissão distrital da A. N. P.; general-comandante da Região Militar de Coimbra, deputados pelo círculo, presidentes das Câmaras Municipais do Distrito, da comissão concelhia da A. N. P. e das Juntas de freguesia do concelho e outras individualidades, além de muita gente que quis testemunhar ao presidente da Câmara Municipal o seu reconhecimento.

Usaram da palavra, fazendo o elogio do homenageado e da sua obra, os srs. dr. Folhadela de Oliveira, presidente do Município; dr. Santos Bessa; o chefe do distrito e, por último, o sr. dr. Evaristo Cerveira, que agradeceu.

MERCÊS HONORÍFICAS

Foram condecorados com os graus referidos da Ordem Militar de Avis os srs. tenente-coronel Carlos Fernando da Cunha Vieira de Araujo, coronel Carlos Rodrigues dos Santos, tenente-coronel José Graça Dias Gomes, coronel António Manuel de Matos Viegas e Campos, tenente-coronel Dionísio de Almeida Santos e major João da Cruz Quintino, comendadores; e major Fernando Jorge Freire de Andrade Castelbranco Lobo da Costa, capitão José de Sousa Faria, majores dr. João Ávila de Matos e Joaquim Marques da Silva Gervásio, tenente-coronel dr. António Monteiro Roque Ferreira, major Júlio Eugénio Augusto Viegas Almeida Pires, majores Carlos Ferreira, Hélder Chaves Gomes, Oscar José Castelo da Silva, João Branco Baptista, Pompeu da Silva Fialho e José Diogo Soares Pereira Queirós e capitão José Francisco Pereira Machado Dray.



A fabrica de montagem da Ford Lusitana, na Azambuja, continua a ser visitada por alunos de diversos estabelecimentos de ensino. Desta vez, admiraram as vastas instalações, 25 finalistas dos cursos industriais da Escola Industrial e Comercial Brotero, de Coimbra Apenas nas curvas fechadas o carro nos «saltitou» com as rodas da frente. A subir, foi sempre bem, numa afirmação da potência que dispõe

Comunicado das Forças Armadas na Guiné

BISSAU, 7 — (A. N. I.) — Pelo Comando-Chefe das Forças Armadas na Guiné foi distribuído em Bissau o seguinte boletim informativo, relativo ao período de 22 a 28 de Março:

«Durante o período um grupo inimigo que tentava infiltrar-se em território nacional, irradiando da República da Guiné, foi interceptado a sul de Aldeia Formosa, tendo sofrido 16 mortos e a captura do respectivo armamento. Ainda no mesmo período um outro grupo inimigo foi interceptado nas mesmas condições a sudeste da Aldeia Formosa, muito próximo da fronteira, tendo debandado para o país vizinho com baixas não controladas.

As nossas forças continuaram empenhadas nas missões habituais da vigilância das fronteiras e protecção das populações, e de apoio das estruturas civis nas tarefas de promoção económica e social integradas nos programas em curso na província, tendo-se verificado a apresentação de 157 elementos da população que viviam fora do contrôle das nossas autoridades, bem como de mais três guerrilheiros que se apresentaram com o seu armamento e que, depois de receberem o prémio correspondente, se juntaram aos seus familiares, retomando a sua vida normal.

As populações das zonas mais visadas pela propaganda do inimigo, no sul da província, continuaram também a pedir insistentemente ao Governo armas para a defesa do seu chão, propondo-se constituir e organizar forças de milícia de autodefesa nas povoações de Cantanhez.

A actividade inimiga manteve-se especialmente orientada contra as populações da faixa fronteiriça. Durante o período foi flagelada a povoação de Farim, acção que, como foi oportunamente anunciado, causou 15 mortos e 35 feridos á população civil.

Foi ainda flagelada, com quatro foguetões disparados de uma base de fogos instalada também no território da República da Guiné, a povoação do Pichе, na fronteira leste.

Apesar da constante utilização pelo inimigo do território dos países limítrofes para instalação das suas bases de fogos, e do apoio total concedido pelos respectivos Governos ao PAIGC, as populações daqueles países continuam a sofrer nos seus postos de fronteira, tendo sido prestada assistência médica gratuita, durante o período, a 1902 cidadãos senegaleses e a 84 cidadãos da República da Guiné.

Em consequência da nossa actividade o inimigo sofreu 16 mortos confirmados. As nossas forças não sofreram baixas.

Conselho Superior de Obras Públicas

O sr. eng.º Fernando Vasco Costa, professor do Instituto Superior Técnico foi nomeado vogal do Conselho Superior de Obras Públicas, lugar que se encontrava vago desde 10 de Novembro de 1969, por ter terminado, naquela data, o período de três anos em que o referido engenheiro desempenhou aquele lugar.

No ESTORIL o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na Tabacaria Paris, Av. Fausto de Figueiredo.

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

Reuniu-se a assembleia geral da Associação dos Arqueologos Portugueses, sob a presidência do sr. dr. Joaquim Alberto Iria, secretariado pelos srs. drs. Montalvão Machado e Farinha dos Santos.

Foram tratados vários assuntos que dizem respeito á vida interna da Associação e ouvida uma exposição do rev. João Pires de Campos, subordinada ao título «Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa e a sua projecção devocional e lendária em Espanha».

Depois de se referir á arqueologia do concelho de Vila Viçosa, entrou em seguida na época cristã, começando por lembrar o primeiro templo cristão, construído sobre ruínas romanas. Entre os seus monumentos, destacou o Convento das Chagas, onde jazem as primeiras duquesas de Bragança, referindo-se depois á Casa Ducal. Descreveu o templo de Nossa Senhora da Conceição, fazendo-o remontar aos fins da Idade-Média e entrando em seguida na descrição das imagens.

Descrevendo depois a cidade de Córdova, analisou a devoção que em Espanha se nota por Nossa Senhora de Vila Viçosa. Terminou por lamentar o esquecimento a que tem sido votado o Santuário de Nossa Senhora de Vila Viçosa, padroeira de

se precisa de obter cópias...

- Secas
- Ràpidamente
- Automàticamente
- Pela simples pressão de um botão
- De folhas soltas ou de livros, de todas as cores

e quiser a garantia de fabrico de um dos maiores nomes em fotografia

consulte

GEVAERT AGFA-GEVAERT, LDA. Agfa

SECÇÃO GEVAFAX

ARMAZÉNS E ESCRITÓRIOS:

AV. DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR, 9

TELEFONES: 2190031 A 2190035

LINDA-A-VELHA

AS EMPRESAS DEVEM SER COMPETITIVAS À ESCALA INTERNACIONAL...

A NORMA

TRABALHA CONSIGO PARA A EFICIÊNCIA DOS PLANOS DA SUA EMPRESA.

COMO? A NORMA põe a sua experiência ao serviço da gestão das Empresas e dos Serviços Públicos. Uma experiência baseada em mais de 500 intervenções. Baseada na capacidade dos seus consultores, nacionais e estrangeiros. Baseada nas suas técnicas, as mais avançadas. Nos seus métodos, comprovados com o sucesso dos seus clientes.

A NORMA oferece-lhe os meios de aperfeiçoar a sua Empresa. As suas técnicas. Os seus homens. Cria a capacidade de acelerar a sua velocidade de progresso. De melhorar a sua eficiência. A sua produtividade. O seu lucro.

COMO? A NORMA tem à disposição das Empresas um serviço completo para a eficiência da gestão. O MANAGEMENT E GESTÃO DE PESSOAL. A INFORMATICA. A ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL. O MARKETING. A ORGANIZAÇÃO ECONÓMICO-ADMINISTRATIVA. A FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO PESSOAL.

A NORMA faz a análise e o diagnóstico da Empresa. Propõe as soluções. Procede ao estudo detalhado dos trabalhos. Concebe o plano de acção. Apoia o lançamento e a aplicação das soluções. Para uma Empresa mais dinâmica. Mais moderna. Lucrativa.

COMO? Os quadros da NORMA são cuidadosamente recrutados. Pela sua experiência anterior (empresarial ou pública). Pelas suas qualidades intelectuais. E de carácter.

Os seus consultores (cerca de 150 a tempo inteiro) são na maioria licenciados. Em Engenharia, Economia ou Ciências Sociais. E a NORMA proporcionou-lhes uma formação base. E uma especialização. No País e, geralmente, no estrangeiro (E. U. A., França, Inglaterra). E mantém esse esforço de formação. Despendendo, anualmente, 10% do volume de vendas.

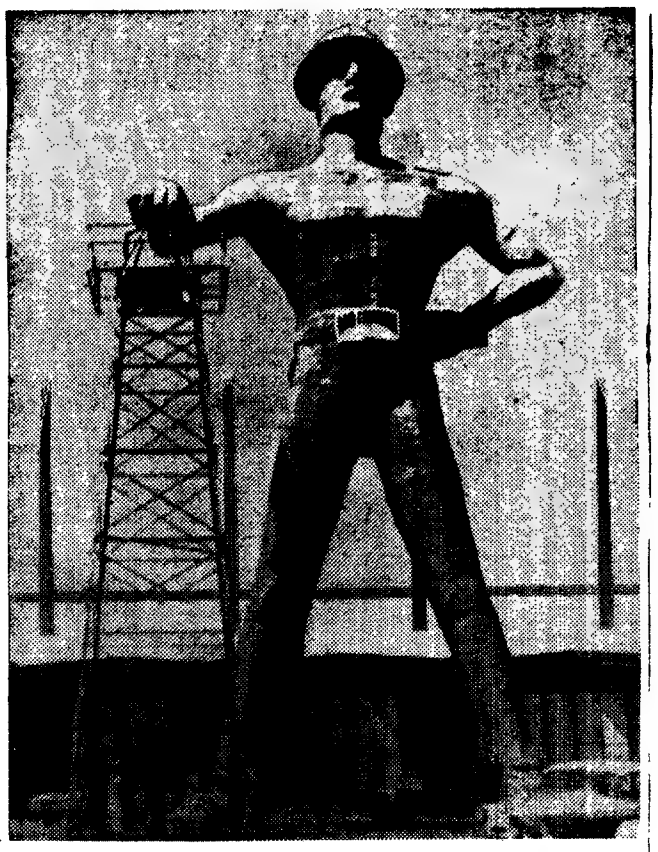
E assim, a NORMA é a primeira empresa nacional de organização e gestão. E presta os melhores serviços aos seus clientes. E os seus clientes são os mais progressivos.

Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas S. A. R. L. NORMA

SOCIEDADE DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE EMPRESAS - S. A. R. L.

SEDE: AVENIDA 5 DE OUTUBRO, 122 — LISBOA-1 TELEFONE 76 77 11/2

DELEGAÇÃO DO NORTE: RUA CAMPO ALEGRE, 732, 6.º-A — PORTO — TELEFONE 66934



UM GIGANTE, com mais de 30 metros de altura • 20 toneladas de peso, saudará, em Maio, os visitantes, na Exposição Internacional do Petróleo, em Tulsa, no Estado de Oklahoma, vizinho do Texas. A estátua, de fibra de vidro e de aço, representa um trabalhador dos campos petrolíferos

COMPANHIA PORTUGUESA DE CELULOSE

S. A. R. L.

- PASTAS QUÍMICAS
- PAPÉIS KRAFT
- CARTÃO CANELADO
- FITA GOMADA
- SACOS E SAQUETAS DE PAPEL

Instalações Fabris: Cacia
Telegramas: Celulose — Cacia
Telex: 2644 — CELOSE P
Telefones: 034 91287/88/89
Sede: **Lisboa, R. Joaquim António de Aguiar, 3**

Telegramas: Celulose — Lisboa
Telex: 1140 — CELOSE P — Telef.: 538857

INSTITUTO TÉCNICO DE ALIMENTAÇÃO HUMANA

— CANTINAS
— GABINETE DE INVESTIGAÇÃO E PED.
— DEPARTAMENTO CULTURAL:
EDITORIAL
GALERIAS
ITAU TEATRO

ITAU—Instituto Técnico de Alimentação Humana
SEDE — GABINETE DE INVESTIGAÇÃO E PEDAGOGIA
Av. da República, 46-A, r/c Esqo
EDITORIAL — GALERIA 1 e LIVRARIA
Rua de Entrecampos, 66-A
GALERIA ITAU 2 — Alam. D. Afonso Henriques, 66-C

Actualidade internacional

DIVISÃO NA CAPITAL JAPONESA ACERCA DA ATITUDE A ADOPTAR PARA COM A CHINA

TÓQUIO — O regresso da missão japonesa, que concluiu, em Pequim, a renovação do acordo comercial sino-japonês, deu redobrado calor ao debate que se desenrola aqui sobre a política chinesa do Japão e deu-lhe o carácter de uma controvérsia tempestuosa e, muitas vezes, apaixonado entre partidários e adversários de uma aproximação com a China Popular.

Foram elementos «pró-Pequim» que constituíram a missão japonesa; os mais destacados dos quais eram Alichiro Fujiyama, deputado e antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, membro do Partido Liberal Democrata, de Sato, que chefiava o grupo político da missão, e Kaheita, director do departamento comercial sino-japonês em Tóquio, que dirigia o grupo «negócios».

O acordo comercial que trouxeram com eles é geralmente bem acolhido e parece até mais promissor do que á primeira vista se podia esperar. Em compensação, Fujiyama e os seus companheiros foram muito mal recebidos em certos meios políticos e governamentais, quando, ao regressarem, se mostraram activamente favoráveis ao programa político pró-Pequim que subscreveram, assinando, na capital chinesa, o comunicado sino-japonês de 1 de Março.

É claro que este programa está longe de ser criticado por toda a gente. Tem mesmo calorosos partidários no Parlamento, não só nas esquerdas, mas também no próprio partido liberal democrata, isto é, nas direitas governamentais. 85 deputados e senadores liberais democratas são membros da Liga Parlamentar para a Normalização das Relações com a China, liga recentemente formada sob a presidência de Fujiàama. Aí se encontram em companhia de 284 representantes da oposição. Portanto, desse lado Fujiyama recebeu acolhimento favorável quando deu conta da sua missão; o comité director da Liga deu-lhe uma aprovação unanime.

O «HOBBY CHINÊS»

Mas a ala direita do Partido Governamental e, especialmente, alguns membros da sua subcomissão para os negócios chineses, depois de ter ouvido Fujiyama criticou a sua acção e atacou o seu programa, lançando uma nova ofensiva para a manutenção dos laços entre o Japão e Taiwan (Formosa). Este subcomité é, de facto, um elemento importante do poderoso «hobby chinês», o grupo de pressão que defende em Tóquio a causa de Chang Kai Chek e dos nacionalistas chineses. O seu principal animador é o velho político Okinori Kaya, um dos raros sobreviventes do «Gabinete de Pearl Harbour», em tempos condenado como criminoso de guerra, depois amnistiado e regressado hoje ao Parlamento.

Qual é pois o programa que uns aprovam e outros denunciam com igual ardor? Fujiyama, baseando-se nos encontros que teve com Chu En Lai e outros dirigentes chineses, sustenta que Tóquio deve, acima de tudo, e, sem tardar reconhecer o Governo da República Popular da China como o único governo chinês legítimo. É essencial, segundo ele, admitir que a China é uma e que a questão de Taiwan é um problema interno cuja solução incumbe unicamente aos chineses. O Tratado de 1952 entre Taiwan e o Japão, considerado inadmissível por Pequim, deverá ser denunciado. Contudo esta denuncia poderia ocorrer, diz Fujiyama, não «á entrada» mas «á saída» das negociações, que interessa entabular o mais cedo possível, com Pequim, com vista ao estabelecimento das relações diplomáticas entre o Japão e a China Popular.

Fujiyama explica ainda que o receio de um renascimento do militarismo nipónico é sincero e verdadeiro em Pequim. Os delegados japoneses reconheceram que compartilhavam, em certa medida, do mesmo sentimento. Comunicaram também que a China Popular está, no entanto, disposta a desenvolver o seu comércio com o Japão, e a aceitar numerosos visitantes japoneses desde que comerciantes e visitantes não pertençam ao campo dos inimigos da China.

Todos estes pontos de vista, que são, mais ou menos, o contrário dos do Governo, provocaram aqui a irritação e a indignação dos partidários de Taiwan. Perante a subcomissão dos negócios chineses, e mesmo, o que é mais importante, perante a comissão executiva do partido, Kaya e os seus amigos denunciaram o comunicado de Pequim, como humilhante e inaceitável. Os delegados japoneses denunciaram o escandalo da assinatura deste texto, que ataca o seu chefe do partido e primeiro-ministro, Sato.

Constitui também um escandalo o facto de terem denunciado o pretenso militarismo do Japão, que, dizem, existe apenas na imaginação ou nas calunias dos comunistas chineses.

O essencial, acrescenta-se, é que a política chinesa do Japão deve continuar a ser comandada pela existência do tratado assinado em 1952 com o Governo nacionalista de Chang Kai Chek. Este tratado mantém todo o seu valor. Rompê-lo seria — segundo se diz — minar a confiança do mundo na palavra do Japão, e violar a constituição japonesa, que proclama o respeito pelos Tratados.

Parece assim que a querela por ou contra Pequim não opõe apenas a maioria de direitas e a oposição de esquerdas: divide profundamente a própria maioria. Muito melhor: as esquerdas japonesas são demasiado fracas, mesmo combinando as forças dos dois partidos socialistas, do partido budista Komeito e dos comunistas, para exercer uma influência determinante na escolha de uma política para com a China. No seio da maioria governamental vai, pois, jogar-se uma partida de importancia capital para o futuro da política estrangeira do Japão e para o equilíbrio da Asia Oriental. É essencialmente no terreno das relações do Japão com Taiwan que esta partida se jogará.

Qual será a influência dos liberais democratas que participaram nas conversações de Pequim e que assinaram o famoso comunicado? Para que lado vão inclinar-se os hesitantes do partido governamental, que são actualmente os mais numerosos e que são solicitados em sentido contrário, pela ala direita e pela ala esquerda? A liga parlamentar suprapartidária de Fujiyama terá peso bastante no Parlamento para fazer com que, em fins de 1972, depois de Sato, o Japão tenha um primeiro-ministro capaz de promover uma nova política chinesa de aproximação e de reconciliação?

Não são apenas os japoneses que fazem estas perguntas. A acreditarmos nos telegramas da Imprensa japonesa vindos da capital chinesa também os dirigentes de Pequim se interessam enormemente pela agitação que observam em Tóquio e que largamente contribuiram para suscitar.

Por ROBERT GUILLAIN

(Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»)

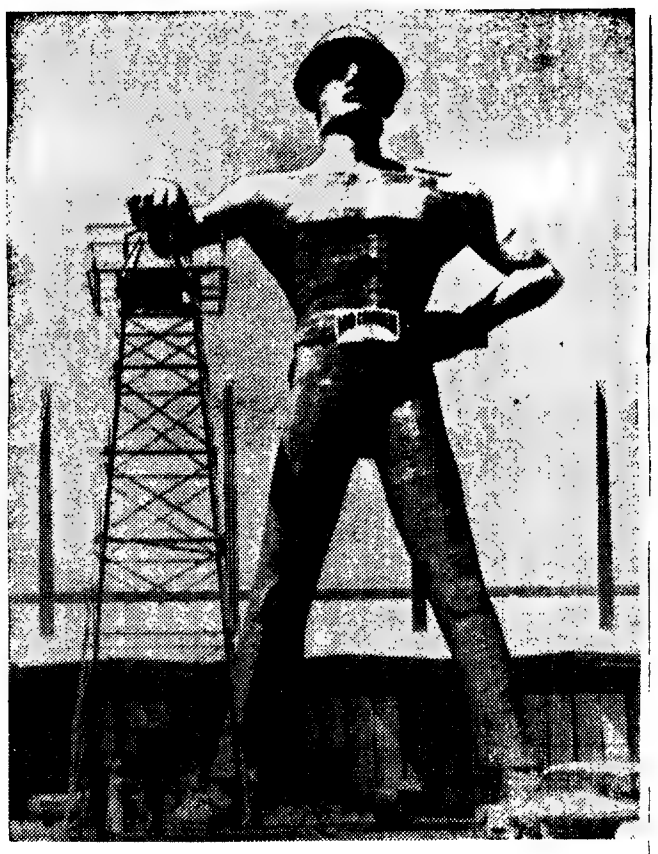
Luso Eléctrica

HORÁRIO — PÁSCOA

COMUNICAMOS QUE POR MOTIVO DAS SOLENIDADES DA SEMANA SANTA, TODOS OS NOSSOS SERVIÇOS NA SEDE EM LISBOA E FILIAL NO PORTO, ENCERRARÃO NA QUINTA-FEIRA, ÀS 13 HORAS, REABRINDO SEGUNDA-FEIRA, ÀS 9 HORAS.

Sociedade Luso Eléctrica Limitada

LISBOA — PORTO



UM GIGANTE, com mais de 30 metros de altura e 20 toneladas de peso, saudará, em Maio, os visitantes, na Exposição Internacional do Petróleo, em Tulsa, no Estado de Oklahoma, vizinho do Texas. A estátua, de fibra de vidro e de aço, representa um trabalhador dos campos petrolíferos

COMPANHIA PORTUGUESA DE CELULOSE

S. A. R. L.

- PASTAS QUÍMICAS
- PAPÉIS KRAFT
- CARTÃO CANELADO
- FITA GOMADA
- SACOS E SAQUETAS DE PAPEL

Instalações Fabris: Cacia
Telegramas: Celulose — Cacia
Telex: 2644 — CELOSE P
Telefones: 034 91287/88/89
Sede: **Lisboa, R. Joaquim António de Aguiar, 3**

Telegramas: Celulose — Lisboa
Telex: 1140 — CELOSE P — Telef.: 538857

INSTITUTO TÉCNICO DE ALIMENTAÇÃO HUMANA

— CANTINAS
— GABINETE DE INVESTIGAÇÃO E PED.
— DEPARTAMENTO CULTURAL:
EDITORIAL
GALERIAS
ITAU TEATRO

ITAU—Instituto Técnico de Alimentação Humana
SEDE — GABINETE DE INVESTIGAÇÃO E PEDAGOGIA
Av. da República, 46-A, r/c. Esq.
EDITORIAL — GALERIA 1 e LIVRARIA
Rua de Entrecampos, 66-A
GALERIA ITAU 2 — Alam. D. Afonso Henriques, 66-C
Tel. 76 99 37 — 76 33 07, 76 32 01, 76 32 83

Actualidade internacional

DIVISÃO NA CAPITAL JAPONESA ACERCA DA ATITUDE A ADOPTAR PARA COM A CHINA

TÓQUIO — O regresso da missão japonesa, que concluiu, em Pequim, a renovação do acordo comercial sino-japonês, deu redobrado calor ao debate que se desenrola aqui sobre a política chinesa do Japão e deu-lhe o carácter de uma controvérsia tempestuosa e, muitas vezes, apaixonado entre partidários e adversários de uma aproximação com a China Popular.

Foram elementos «pró-Pequim» que constituíram a missão japonesa; os mais destacados dos quais eram Alichiro Fujiyama, deputado e antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, membro do Partido Liberal Democrata, de Sato que chefiava o grupo político da missão, e Kaheita, director do departamento comercial sino-japonês em Tóquio, que dirigia o grupo «negócios».

Por ROBERT GUILLAIN

(Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»)

O acordo comercial que trouxeram comigo é geralmente bem acolhido e parece até mais promissor do que à primeira vista se podia esperar. Em compensação, Fujiyama e os seus companheiros foram muito mal recebidos em certos meios políticos e governamentais, quando, ao regressarem, se mostraram activamente favoráveis ao programa político pró-Pequim que subscreveram, assinando, na capital chinesa, o comunicado sino-japonês de 1 de Março.

É claro que este programa está longe de ser criticado por toda a gente. Tem mesmo calorosos partidários no Parlamento, não só nas esquerdas, mas também no próprio partido liberal democrata, isto é, nas direitas governamentais. 85 deputados e senadores liberais democratas são membros da Liga Parlamentar para a Normalização das Relações com a China, liga recentemente formada sob a presidência de Fujiyama. Aí se encontram em companhia de 284 representantes da oposição. Portanto, desse lado Fujiyama recebeu acolhimento favorável quando deu conta da sua missão; o comité director da Liga deu-lhe uma aprovação unânime.

O «HOBBY CHINÊS»

Mas a ala direita do Partido Governamental e, especialmente, alguns membros da sua subcomissão para os negócios chineses, depois de ter ouvido Fujiyama criticou a sua acção e atacou o seu programa, lançando uma nova ofensiva para a manutenção dos laços entre o Japão e Taiwan (Formosa). Este subcomité é, de facto, um elemento importante do poderoso «hobby chinês», o grupo de pressão que defende em Tóquio a causa de Chang Kai Chek e dos nacionalistas chineses. O seu principal animador é o velho político Okinori Kaya, um dos raros sobreviventes do «Gabinete de Pearl Harbour», em tempos condenado como criminoso de guerra, depois amnistiado e regressado hoje ao Parlamento.

Qual é pois o programa que uns aprovam e outros denunciam com igual ardor? Fujiyama, baseando-se nos encontros que teve com Chu En Lai e outros dirigentes chineses, sustenta que Tóquio deve, acima de tudo, e, sem tardar reconhecer o Governo da República Popular da China como o único governo chinês legítimo. É essencial, segundo ele, admitir que a China é una e que a questão de Taiwan é um problema interno cuja solução incumbe unicamente aos chineses. O Tratado de 1952 entre Taiwan e o Japão, considerado inadmissível por Pequim, deverá ser denunciado. Contudo esta denúncia poderia ocorrer, diz Fujiyama, não «á entrada» mas «á saída» das negociações, que interessa entabular o mais cedo possível, com Pequim, com vista ao estabelecimento das relações diplomáticas entre o Japão e a China Popular.

Fujiyama explica ainda que o receio de um renascimento do militarismo nipónico é sincero e verdadeiro em Pequim. Os delegados japoneses reconheceram que compartilhavam, em certa medida, do mesmo sentimento. Comunicaram também que a China Popular está, no entanto, disposta a desenvolver o seu comércio com o Japão, e a aceitar numerosos visitantes japoneses desde que comerciantes e visitantes não pertençam ao campo dos inimigos da China.

Todos estes pontos de vista, que são, mais ou menos, o contrário dos do Governo, provocaram aqui a irritação e a indignação dos partidários de Taiwan. Perante a subcomissão dos negócios chineses, e mesmo, o que é mais importante, perante a comissão executiva do partido, Kaya e os seus amigos denunciaram o comunicado de Pequim, como humilhante e inaceitável. Os delegados japoneses denunciaram o escândalo da assinatura deste texto, que ataca o seu chefe do partido e primeiro-ministro, Sato.

Constitui também um escândalo o facto de terem denunciado o pretenso militarismo do Japão, que, dizem, existe apenas na imaginação ou nas calúnias dos comunistas chineses.

O essencial, acrescenta-se, é que a política chinesa do Japão deve continuar a ser comandada pela existência do tratado assinado em 1952 com o Governo nacionalista de Chang Kai Chek. Este tratado mantém todo o seu valor. Rompê-lo seria — segundo se diz — minar a confiança do mundo na palavra do Japão, e violar a constituição japonesa, que proclama o respeito pelos Tratados.

Parece assim que a querela por ou contra Pequim não opõe apenas a maioria de direitas e a oposição de esquerdas: divide profundamente a própria maioria. Muito melhor: as esquerdas japonesas são demasiado fracas, mesmo combinando as forças dos dois partidos socialistas, do partido budista Komeito e dos comunistas, para exercer uma influência determinante na escolha de uma política para com a China. No seio da maioria governamental vai, pois, jogar-se uma partida de importância capital para o futuro da política estrangeira do Japão e para o equilíbrio da Ásia Oriental. É essencialmente no terreno das relações do Japão com Taiwan que esta partida se jogará.

Qual será a influência dos liberais democratas que participaram nas conversações de Pequim e que assinaram o famoso comunicado? Para que lado vão inclinar-se os hesitantes do partido governamental, que são actualmente os mais numerosos e que são solicitados em sentido contrário, pela ala direita e pela ala esquerda? A liga parlamentar suprapartidária de Fujiyama terá peso bastante no Parlamento para fazer com que, em fins de 1972, depois de Sato, o Japão tenha um primeiro-ministro capaz de promover uma nova política chinesa de aproximação e de reconciliação?

Não são apenas os japoneses que fazem estas perguntas. A acreditarmos nos telegramas da Imprensa japonesa vindos da capital chinesa também os dirigentes de Pequim se interessam enormemente pela agitação que observam em Tóquio e que largamente contribuíram para suscitar.

Luso Eléctrica

HORÁRIO — PÁSCOA

COMUNICAMOS QUE POR MOTIVO DAS SOLENIDADES DA SEMANA SANTA, TODOS OS NOSSOS SERVIÇOS NA SEDE EM LISBOA E FILIAL NO PORTO, ENCERRARÃO NA QUINTA-FEIRA, ÀS 13 HORAS, REABRINDO SEGUNDA-FEIRA, ÀS 9 HORAS.

Sociedade Luso Eléctrica Limitada

LISBOA PORTO

Entregues os «Prémios D. Dinis» da Sociedade Central de Cervejas

Na sua fábrica de Vialonga, a Sociedade Central de Cervejas reuniu esta manhã, os estudantes distinguidos com os «Prémios D. Dinis» relativos ao ano lectivo de 1969-70.

Após visitarem as instalações, os jovens distinguidos receberam os respectivos diplomas no decorrer de uma sessão solene a que presidiu o subsecretário de Estado da Administração Escolar, dr. Justino Mendes de Almeida, representando a empresa os srs. dr. Miguel Sttau Monteiro, comandante José Correia Matoso e dr. João de Freitas. Falaram o dr. Miguel Sttau Monteiro e aquele membro do Governo.

Os prémios distinguem anualmente estudantes dos ensinos superior (3000$00); médio (2000$00) e secundário (1000$00). Até agora já foram contemplados 462 alunos (42 do ensino superior, 98 do médio e 322 do secundário).

Os distinguidos deste ano

Este ano foram distinguidos com o «Prémio D. Dinis», quanto ao ensino superior, os alunos: da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, Francisco José Franqueira de Castro e Sousa; do Instituto de Estudos Superiores de Évora, Vítor Manuel Lopes Gil; da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Maria João Sousa Botelho Albuquerque; do Instituto Superior de Agronomia, Maria da Graça Nóbrega Baptista Serrão; do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, José Magalhães Saldanha Gomes Mota, e do Instituto Superior Técnico, Luís António de Castro Valadares Tavares.

Do ensino médio, foram premiados: da Escola do Magistério Primário de Coimbra, Noémia Saraiva Esteves; da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra, Vasco Manuel Marques de Almeida Cardoso; do Instituto Industrial de Coimbra, Maria Paula Vitorino Almeida; da Escola do Magistério Primário de Évora, Maria Teresa Moreno Mousaco; da Escola de Regentes Agrícolas de Évora, Luís Aires Medeiros Vieira; da Escola do Magistério Primário de Faro, Maria Otília Bárbara Domingos; da Escola do Magistério Primário da Guarda, Maria da Conceição Delgado Versos Cravino; da Escola do Magistério Primário de Leiria, Isabel Maria Leitão Quintino Soares; da Escola do Magistério Primário de Lisboa, Maria Adelaide Franco Henriques; do Instituto Comercial de Lisboa, Mário Augusto de Lima Pires, do Instituto Industrial de Lisboa, Carlos Marques dos Santos; da Escola do Magistério Primário de Portalegre, Maria Celeste Pereira Alves Silveiro; da Escola de Regentes Agrícolas de Santarém, Maria Bárbara Mendes Costa, e da Escola do Magistério Primário de Viseu, Maria de la Salette Barosa.

Do ensino secundário, foram premiados: da Escola Industrial e Comercial de Aveiro, Jaime Baptista de Figueiredo; do Liceu Nacional de Aveiro, João de Freitas Raposo; da Escola Industrial e Comercial de Beja, Domingos António Melão; do Liceu Nacional de Beja, Maria Lúcia da Costa Augusto; da Escola Industrial e Comercial de Castelo Branco, Jorge Barata Preto; do Liceu Nacional de Castelo Branco, João António Antunes Hormigo; da Escola Industrial e Comercial Brotero de Coimbra, Altina Maria da Silva Ferreira Ramos; do Liceu Nacional Infanta D. Maria de Coimbra, Clara Crabbé Rocha; do Liceu Normal D. João III de Coimbra, Luís Manuel de Oliveira Martinho do Rosário; da Escola Industrial e Comercial de Évora, Felipa Maria Balixa Caeiro; do Liceu Nacional de Évora, António Manuel da Silva Ângelo; da Escola Industrial e Comercial de Faro, Américo Adelino Ramos; do Liceu Nacional de Faro, José Francisco Teles Júdice; da Escola Industrial e Comercial da Guarda, Isaac do Nascimento Almeida; do Liceu Nacional da Guarda, Eduardo José Quintela Perfeito; da Escola Industrial e Comercial de Leiria, José Coelho Moreira; do Liceu Nacional de Leiria, Raquel Maria Marques Pereira Ruivo; da Escola de Artes Decorativas António Arroio, Maria Manuela Reis da Costa; da Escola Comercial Ferreira Borges, Maria da Conceição de Carvalho Reis Lima; da Escola Comercial D. Maria I, Maria Helena dos Santos Belmonte; da Escola Comercial Patrício Prazeres, Alfredo José Paixão; da Escola Comercial Veiga Beirão, Jorge Manuel da Veiga Alves; da Escola Industrial Afonso Domingos, Pompílio Antunes Lourenço; da Escola Industrial D. Luísa de Gusmão, Elisa Vaz Ferreira; da Escola Industrial Fonseca Benvides, Olinda de Jesus Delgado Martins; da Escola Industrial Josefa de Óbidos, Felisberta Grave Costa; da Escola Industrial Machado Castro, Carlos Florindo Anjos Baptista; da Escola Industrial Marquês de Pombal, Francisco Carlos Duarte Belo; do Liceu Nacional de Camões, Nuno João de Oliveira Valério; do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, Maria Luísa Bettencourt de Matos Leiria; do Liceu Nacional D. Felipa de Lencastre, Teresa Manuela de Almeida Nunes; do Liceu Nacional de Gil Vicente, Rui Joaquim Barroso de Lamas Relvas; do Liceu Nacional D. João de Castro, Jorge Manuel de Sousa Ferreira Pinto; do Liceu Normal de Pedro Nunes, José Alberto Rebelo dos Reis Lamego; do Liceu Padre António Vieira, Nuno Eduardo da Silva Ivo Gonçalves; do Liceu Passos Manuel, José Manuel Lucas Pascoal; do Liceu da Rainha D. Amélia, Nadir Ladeira dos Santos; do Liceu Nacional Rainha D. Leonor, Maria Teresa Nunes dos Santos Cochito; da Escola Industrial e Comercial de Portalegre, Viriato dos Santos Dias; do Liceu Nacional de Portalegre, João José Toscano Próspero dos Santos; da Escola Industrial e Comercial de Santarém, Manuel Custódio de Oliveira; do Liceu Nacional de Santarém, Maria Amélia Cadete Mendes; da Escola Industrial e Comercial de Setúbal, Rui Manuel Afonso de Carvalho; do Liceu Nacional de Setúbal, José Agostinho Martins de Matos; da Escola Industrial e Comercial de Viseu, Moisés Peres Dias, e do Liceu Nacional de Viseu, Maria Estêvão Sequeira Alves.

Necrologia

FUNERAIS

Dr. Guilherme Moreira

Foi muito concorrido o funeral do antigo subsecretário de Estado das Finanças, antigo presidente do conselho de administração da Caixa Geral de Depósitos, do Banco Lisboa & Açores, e actual presidente do conselho de administração da Companhia dos Diamantes de Angola, da Sociedade Portuguesa de Lapidação de Diamantes e de outras empresas, dr. Guilherme Luiselo Alves Moreira.

Personalidade de destaque na vida económica e financeira portuguesa, o dr. Guilherme Moreira faleceu ontem em sua casa e o corpo esteve em camara-ardente na igreja de S. Sebestião da Pedreira, aonde passaram centenas de pessoas conhecidas na vida política, nos meios comerciais e industriais de Lisboa. Saiu o féretro de manhã para Coimbra, onde, no cemitério da Conchada ficará em jazigo de família.

Natural de Coimbra, era filho do falecido professor de Direito e reitor da Universidade dr. Guilherme Moreira, e contava 74 anos de idade.

Foi o primeiro subsecretário de Estado das Finanças, com o prof. António de Oliveira Salazar ministro daquela pasta. Depois entrou na vida financeira e económica. Era também um coleccionador de arte, em particular de pratas antigas.

O dr. Guilherme Moreira era irmão das sr.as D. Ema e D. Raquel Luiselo Alves Moreira e tio da sr.ª D. Julia Emília Cabral do Amaral Polónio, casada com o prof doutor Pedro Polónio.

Em três linhas

O disposto no artigo 30.º, n.º 1, alíneas *c)* e *d)*, e n.os 2 e 3, do Decreto-Lei n.º 49 410, de 24 de Novembro de 1969, é aplicável ao recrutamento de guardas-nocturnos, bem como de outros agentes com funções de guarda ou vigilância, desde que os candidatos se encontrem em condições compatíveis com o exercício regular da função.

Deixou de exercer o lugar de vogal do Conselho Superior de Obras Publicas o arquitecto Frederico George.

///

Foi concedido o título de agregado de História da Faculdade de Letras de Lisboa ao dr. Eduardo Alexandre Borges Nunes

Dr. António Ferrão

O coronel médico oftalmologista sr. dr. António Ferrão regressou de Moçambique onde durante cerca de dois anos cumpriu as suas funções militares e retorna á sua clínica em Lisboa.

NOVA CARREIRA DA TAP LIGA LISBOA ÀS LAJES

A TAP inaugurou esta tarde, uma nova carreira aérea, Lisboa-Lajes (Açores) com prolongamento até Boston.

É a quarta linha que os Transportes Aéreos Portugueses inauguram no curto espaço de duas semanas, três das quais beneficiando directamente milhares de açorianos, não só os que vivem no arquipélago como, igualmente, na América do Norte e no Canadá.

Assim, através dos aeroportos de Santa Maria, das Lajes e de São Miguel, os Açorianos dispõem agora não só de maior numero de ligações directas com a Metrópole, como, e também directamente, com os Estados Unidos da América e o Canadá, onde existem grandes colónias de açorianos.

As quatro linhas aéreas recentemente inauguradas pela TAP são: Lisboa-Montreal (Canadá), com duas frequências semanais por Santa Maria; Lisboa-Ponta Delgada (S. Miguel), via Funchal; a ligação com o trirreactor «Boeing 727», entre Lisboa-Genéve e Zurique, e, agora Lisboa-Lajes, com prolongamento até Boston.

Neste primeiro voo Lisboa-Angra do Heroísmo, que foi operado com um quadrirreactor «Boeing 707», seguiram para as Lajes o presidente do conselho de administração da TAP, eng.º Vaz Pinto, e, como convidados, o dr. Ramiro Valadão, presidente da Radiotelevisão Portuguesa, e brigadeiro Tavares Monteiro, comandante da zona aérea dos Açores.

ANVICAR

Soc. Com. de Automóveis, Lda.

AVENIDA JOÃO CRISÓSTOMO, 47-C

VOLKSWAGEN 1500	1968
VAUXHALL VIVA	1965
JAGUAR-E TIP	1963
FIAT 600 D	1963
GLAS 1204	1963
NSU-PRINZ 4	1962
TAUNUS 17-M P-3	1962
OPEL REKORD 1500	1960

FURGONETAS

AUSTIN 850	1968
KARRIER 2500, DIESEL	1966
OPEL 1700, DIESEL	1965
FK 1250	1960
FIAT 1100 T-2	1962

TODAS ESTAS VIATURAS SÃO REVISTAS NAS NOSSAS OFICINAS

FAC. DE TROCA E PAGAMENTO

CRIATIVO GRÁFICO PARA AGÊNCIA DE PUBLICIDADE

Altamente profissionalizado, jovem, com experiência de Agência ou Estúdio.
Capaz de trabalhar em equipa, na concepção e realização de campanhas.
Responda indicando idade, experiência e ordenado actual.
Resp. a este jornal ao n.º 760.

A SURDEZ

A audição é recuperável, com um aparelho auditivo adequado. Se não ouve bem consulte sem compromisso MICROSOM caso especializado

LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º-E
PORTO: Praça do Batalha, 3

CAMISAS DE HOMEM

ÚLTIMOS MODELOS

BASTA TELEFONAR PARA 32 48 31 VAI A CASA DE V. EX.ª UMA EMPREGADA

AO ALCANCE DA SUA BOLSA

Andares de 2 a 10 divisões assoalhadas
Apartamentos mobilados desde 140 contos

Visite os Apartamentos-Tipo em exposição na Praça Marquês de Pombal, 15 onde encontra também uma extraordinária secção de Artesanato e Mobiliário, com variadas sugestões para brindes e uma gama completa de Materiais de Construção e artigos para o lar.

6.000 clientes satisfeitos recomendam-nos

J. PIMENTA, SARL

ESCRITÓRIOS

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefs. 4 58 43/4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telef. 95 20 21/22
COIMBRA: Avenida Fernão de Magalhães, 470, 1.º Sala 1
CASTELO BRANCO: Pr. do Rei D. José (com entrada pela Rua da Figueira)
BRAGA: Av. Marechal Gomes da Costa, n.º 590, 3.º Dt.º
LUANDA: Henrique L. Castendo — Apartado 1224

LOCAIS DE CONSTRUÇÃO

PAÇO DE ARCOS: Bairro Comendador Joaquim Matias
CASCAIS: Conjunto Turistico da Pompilheira
REBOLEIRA: Edificio Oeiras

Actualidade internacional

DURA PROVA PARA NIXON QUE HOJE FALA PELA TV

WASHINGTON, 7 – (R.) — O presidente Nixon vai ser submetido hoje á noite a uma dura prova, quando anunciar na Televisão o tempo que tenciona demorar a trazer «os rapazes» do Vietnam para casa.

Espera-se um aumento substancial na velocidade da retirada americana, talvez mesmo á razão de 20 000 homens por mês. O actual ritmo de retirada tem sido de 12 500 homens mensais. A tolerancia do público quanto á guerra do Vietnam encontra-se muito em baixo, pois sómente 50 por cento da população é de opinião que Nixon tem estado a desempenhar convenientemente o seu lugar de presidente. Simultaneamente, o Congresso insiste cada vez mais para que os Estados Unidos saiam da Indochina, aconteça o que acontecer.

O clamor provocado pela condenacão do tenente Calley veio juntar um novo elemento ao quadro já bastante confuso e aumentar a sensação de frustração de muitos americanos do Sul e do «Midwest», de quem o presidente depende para que a sua política de retirada gradual possa ser levada a cabo sem inconvenientes de maior.

Esta noite, Nixon tentará voltar á ofensiva depois de ter sido obrigado a ficar na defesa em consequência dos resultados das operações no Laos contra a «pista Ho Chi Minh», apesar de, oficialmente, esta incursão ter sido considerada um êxito.

Presentemente, os efectivos norte-americanos no Vietnam são de cerca de 300 000 homens e está marcado um limite de 284 000 para 1 de Maio.

Nixon poderá também ter de ceder ás pessões do Congresso, que exige a marcação de uma data definitiva para a retirada, tentando negociar essa data com a libertação de todos os prisioneiros americanos.

A maneira como o presidente tratar o problema da falta de apoio nacional poderá vir a ter consequências de grande significado para a sua reeleição em 1972. Foi por causa da guerra do Vietnam que o seu antecessor perdeu o lugar.

Muitos observadores estão convencidos de que Nixon vai tentar esta noite afastar a onda de dúvidas e desanimo que paira nos Estados Unidos por causa do Vietnam.

Daley reeleito

CHICAGO, 7 — (F. P.) — O «mayor» de Chicago, Richard Daley foi reeleito ontem por fortíssima maior a contra Richard Friedman. É o quinto mandato de Daley (68 anos) que há 16 anos «reina» em Chicago

Manteve os filhos como reféns durante 4 dias

COUSANCES - LES - MINES, 7 — (R.) — Denis Job, de 33 anos, o inválido pai de 12 filhos, encontrava-se hoje na enfermaria de psiquiatria de um hospital, após manter os filhos como reféns na sua residência durante quatro dias.

Job, que se alegou ter morto a tiro sua mulher Renée, pouco antes de se barricar na casa ás primeiras horas de sábado, comparecerá hoje perante um juiz de instrução.

Se os peritos decidirem que Job não é responsável pelos seus actos, será enviado para um hospital psiquiátrico e nunca comparecerá perante um tribunal.

GREVE GERAL EM ITÁLIA

ROMA, 7. — (F. P.) — Na véspera da greve geral ordenada pelos três principais sindicatos, o Governo italiano de centro-esquerda, chefiado por Emílio Colombo, agrupando democratas-cristãos, socialistas e socais-democratas, encontrava-se ontem numa situação difícil, semelhante á que provocou a demissão de Mariano Rumor, anterior presidente do Conselho, em 6 de Julho.

RAIOS X EM 3 D

SAN FRANCISCO, 7 — (R.) — Uma equipa de médicos e cientistas da N.A.S.A. anunciou hoje ter aperfeiçoado um sistema de raios «X» que permite ver um coração doente, em funcionamento, a três dimensões, focando qualquer sector e permitindo localizar defeitos e lesões apenas com um centímetro quadrado de área.

O sistema projecta a imagem desejada num «écran» semelhante ao de um televisor, mas dando a sensação de relevo, e o médico pode percorrer á sua vontade toda a superfície externa ou interna do órgão, o que lhe permitirá diagnosticar com a máxima segurança a necessidade de uma intervenção cirúrgica.

A invenção consiste em filmar o coração, simultâneamente, de dois angulos diferentes, com aparelhos de radioscopia, depois de ter sido injectado um líquido corante, que faz o tecido cardíaco contrastar com os tecidos que o rodeiam. Por este método, desaparecem todas as sombras que não interessam, ficando apenas a imagem do coração.

Por outro lado, o filme assim produzido pode ser passado quantas vezes for necessário, para novos exames.

JOSUÉ DE CASTRO:

O HOMEM PODERÁ TORNAR-SE O DINOSSAURO DO SÉCULO XX

HAVANA, 7 — (F. P.) — O Quinto Congresso da Associação Médica Internacional para o estudo das condições de vida e de saude teve início ontem nesta cidade, com a presença de 500 cientistas representando uns vinte países.

O presidente do Congresso, o cientista brasileiro Josué de Castro, abriu os trabalhos lançando um apelo para que seja evitada a destruição total da biosfera e que seja salva a civilização humana. «O maior doente da nossa época, disse Josué de Castro, é o nosso próprio planeta, ameaçado de morte pela nossa própria inconsciência.» O homem, acrescentou ele, pode tornar-se o dinosauro do século XX, e a sua espécie pode desaparecer como desapareceram os monstros pre-históricos.

Lembrando que a associação existe há vinte anos, Josué de Castro disse que dois decénios representam pouco tempo no cosmos, mas um longo período na biosfera, assim como para a ecologia, isto é, o domínio das relações entre seres vivos e o seu meio natural. Na biosfera, disse ele, o homem não é mais do que um factor ecológico entre outros, mas é o que tem maior influência sobre ela, podendo até alterá-la. E justamente, para Josué de Castro, a biosfera está a transformar-se a uma velocidade vertiginosa. Apenas o homem pode deter esta transformação e salvar a natureza que o rodeia e a sua própria civilização.

«Cada geração, concluiu Josué de Castro, tem o dever para consigo próprio de refazer o mundo á sua maneira, mas a geração actual tem o édever bem mais difícil de impedir que o mundo seja destruido.»

EMBAIXADOR FERIDO A TIRO

ESTOCOLMO, 7 — (F. P.) — A Polícia conseguiu deitar a mão a dois terroristas armados com revólveres, que feriram hoje gravemente o embaixador da Jugoslávia e mais duas pessoas.

Uma destas ultimas é uma empregada da embaixada.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

S. A. R. L.

Rua Conde Redondo, 79 — Lisboa

CAPITAL 550 000 CONTOS

Entrega de títulos definitivos do 2.º aumento de capital

Informam-se os Senhores Accionistas de que a patrir do dia 10 do corrente mês se procederá à troca dos cautelas representativas do 2.º Aumento de Capital desta Companhia pelos títulos definitivos, nos Bancos onde efectuaram as subscrições.

As cautelas deverão ser entregues com a seguinte declaração exarada no verso:

«Recebi os títulos correspondentes às acções
que me foram atribuídas e às quais se refere
o presente documento»

a qual deverá ser datada e assinada pelo titular da cautela ou seu representante legal sendo a assinatura abonada pelo respectivo estabelecimento bancário.

Lisboa, 2 de Abril de 1971

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Alfredo de Queiroz Ribeiro Vaz Pinto

JOGOS

- NACIONAIS
- ITALIANOS
- ESPANHÓIS

CONSTITUEM O GRANDE ATRACTIVO DO CONCURSO DESTA SEMANA

«PROGNÓSTICO DO SABE-TUDO»:

«POUCOS PRÉMIOS
MAS AMPLAMENTE COMPENSADORES»

APOSTE NO TOTOBOLA E...

CANDIDATE-SE À PRIMEIRA

EXCURSÃO À LUA...

Actualidade internacional

DURA PROVA PARA NIXON QUE HOJE FALA PELA TV

WASHINGTON, 7 - (R.) — O presidente Nixon vai ser submetido hoje á noite a uma dura prova, quando anunciar na Televisão o tempo que tenciona demorar a trazer «os rapazes» do Vietnam para casa.

Espera-se um aumento substancial na velocidade da retirada americana, talvez mesmo á razão de 20 000 homens por mês. O actual ritmo de retirada tem sido de 12 500 homens mensais. A tolerancia do público quanto á guerra do Vietnam encontra-se muito em baixo, pois sómente 50 por cento da população é de opinião que Nixon tem estado a desempenhar convenientemente o seu lugar de presidente. Simultaneamente, o Congresso insiste cada vez mais para que os Estados Unidos saiam da Indochina, aconteça o que acontecer.

O clamor provocado pela condenação do tenente Calley veio juntar um novo elemento ao quadro iá bastante confuso e aumentar a sensação de frustração de muitos americanos do Sul e do «Midwest», de quem o presidente depende para que a sua política de retirada gradual possa ser levada a cabo sem inconvenientes de maior.

Esta noite, Nixon tentará voltar á ofensiva depois de ter sido obrigado a ficar na defesa em consequência dos resultados das operações no Laos contra a «pista Ho Chi Minh», apesar de, oficialmente, esta incursão ter sido considerada um êxito.

Presentemente, os efectivos norte-americanos no Vietnam são de cerca de 300 000 homens e está marcado um limite de 284 000 para 1 de Maio.

Nixon poderá também ter de ceder ás pessões do Congresso, que exige a marcação de uma data definitiva para a retirada, tentando negociar essa data com a libertação de todos os prisioneiros americanos.

A maneira como o presidente tratar o problema da falta de apoio nacional poderá vir a ter consequências de grande significado para a sua reeleição em 1972. Foi por causa da guerra do Vietnam que o seu antecessor perdeu o lugar.

Muitos observadores estão convencidos de que Nixon vai tentar esta noite afastar a onda de dúvidas e desanimo que paira nos Estados Unidos por causa do Vietnam.

Daley reeleito

CHICAGO, 7 - (F. P.) — O «mayor» de Chicago, Richard Daley foi reeleito ontem por fortíssima maior a contra Richard Friedman. É o quinto mandato de Daley (68 anos) que há 16 anos «reina» em Chicago

Manteve os filhos como reféns durante 4 dias

COUSANCES - LES - MINES, 7 — (R.) — Denis Job, de 33 anos, o inválido pai de 12 filhos, encontrava-se hoje na enfermaria de psiquiatria de um hospital, após manter os filhos como reféns na sua residência durante quatro dias.

Job, que se alegou ter morto a tiro sua mulher Renée, pouco antes de se barricar na casa ás primeiras horas de sábado, comparecerá hoje perante um juiz de instrução.

Se os peritos decidirem que Job não é responsável pelos seus actos, será enviado para um hospital psiquiátrico e nunca comparecerá perante um tribunal.

GREVE GERAL EM ITÁLIA

ROMA, 7. — (F. P.) — Na véspera da greve geral ordenada pelos três principais sindicatos, o Governo italiano de centro-esquerda, chefiado por Emílio Colombo, agrupando democratas-cristãos, socialistas e socais-democratas, encontrava-se ontem numa situação difícil, semelhante á que provocou a demissão de Mariano Rumor, anterior presidente do Conselho, em 6 de Julho.

RAIOS X EM 3 D

SAN FRANCISCO, 7 — (R.) — Uma equipa de médicos e cientistas da N.A.S.A. anunciou hoje ter aperfeiçoado um sistema de raios «X» que permite ver um coração doente, em funcionamento, a três dimensões, focando qualquer sector e permitindo localizar defeitos e lesões apenas com um centímetro quadrado de área.

O sistema projecta a imagem desejada num «écran» semelhante ao de um televisor, mas dando a sensação de relevo, e o médico pode percorrer á sua vontade toda a superfície externa ou interna do órgão, o que lhe permitirá diagnosticar com a máxima segurança a necessidade de uma intervenção cirúrgica.

A invenção consiste em filmar o coração, simultâneamente, de dois angulos diferentes, com aparelhos de radioscopia, depois de ter sido injectado um líquido corante, que faz o tecido cardíaco contrastar com os tecidos que o rodeiam. Por este método, desaparecem todas as sombras que não interessam, ficando apenas a imagem do coração.

Por outro lado, o filme assim produzido pode ser passado quantas vezes for necessário, para novos exames.

JOSUÉ DE CASTRO:

O HOMEM PODERÁ TORNAR-SE O DINOSSAURO DO SÉCULO XX

HAVANA, 7 — (F. P.) — O Quinto Congresso da Associação Médica Internacional para o estudo das condições de vida e de saude teve início ontem nesta cidade, com a presença de 500 cientistas representando uns vinte países.

O presidente do Congresso, o cientista brasileiro Josué de Castro, abriu os trabalhos lançando um apelo para que seja evitada a destruição total da biosfera e que seja salva a civilização humana. «O maior doente da nossa época, disse Josué de Castro, é o nosso próprio planeta, ameaçado de morte pela nossa própria inconsciência.» O homem, acrescentou ele, pode tornar-se o dinosauro do século XX, e a sua espécie pode desaparecer como desapareceram os monstros pre-históricos.

Lembrando que a associação existe há vinte anos, Josué de Castro disse que dois decénios representam pouco tempo no cosmos, mas um longo período na biosfera, assim como para a ecologia, isto é, o domínio das relações entre seres vivos e o seu meio natural. Na biosfera, disse ele, o homem não é mais do que um factor ecológico entre outros, mas é o que tem maior influência sobre ela, podendo até alterá-la. E justamente, para Josué de Castro, a biosfera está a transformar-se a uma velocidade vertiginosa. Apenas o homem pode deter esta transformação e salvar a natureza que o rodeia e a sua própria civilização.

«Cada geração, concluiu Josué de Castro, tem o dever para consigo próprio de refazer o mundo á sua maneira, mas a geração actual tem o édever bem mais difícil de impedir que o mundo seja destruido.»

EMBAIXADOR FERIDO A TIRO

ESTOCOLMO, 7 — (F. P.) — A Polícia conseguiu deitar a mão a dois terroristas armados com revólveres, que feriram hoje gravemente o embaixador da Jugoslávia e mais duas pessoas

Uma destas ultimas é uma empregada da embaixada.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

S. A. R. L.

Rua Conde Redondo, 79 — Lisboa

CAPITAL 550 000 CONTOS

Entrega de títulos definitivos do 2.º aumento de capital

Informam-se os Senhores Accionistas de que a patrir do dia 10 do corrente mês se procederá à troca das cautelas representativas do 2.º Aumento de Capital desta Companhia pelos títulos definitivos, nos Bancos onde efectuaram as subscrições.

As cautelas deverão ser entregues com a seguinte declaração exarada no verso:

«Recebi os títulos correspondentes às acções
que me foram atribuídas e às quais se refere
o presente documento»

a qual deverá ser datada e assinada pelo titular da cautela ou seu representante legal sendo a assinatura abonada pelo respectivo estabelecimento bancário.

Lisboa, 2 de Abril de 1971

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Alfredo de Queiroz Ribeiro Vaz Pinto

JOGOS

- NACIONAIS
- ITALIANOS
- ESPANHÓIS

CONSTITUEM O GRANDE ATRACTIVO DO CONCURSO DESTA SEMANA

«PROGNÓSTICO DO SABE-TUDO»:

«POUCOS PRÉMIOS
MAS AMPLAMENTE COMPENSADORES»

APOSTE NO TOTOBOLA E...

CANDIDATE-SE À PRIMEIRA

EXCURSÃO À LUA...

SOCIEDADE CENTRAL DE CERVEJAS
prémios escolares
D. DINIS

SÉTIMO ANO DA SUA ATRIBUIÇÃO PELA SOCIEDADE CENTRAL DE CERVEJAS DE ACORDO COM A PORTARIA N.º 20 332 DE 20 DE JANEIRO DE 1964

ANO LECTIVO 1969/70

ENSINO SUPERIOR

FAC. MEDICINA-UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Francisco José Franqueira de Castro e Sousa

INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES - ÉVORA
Vitor Manuel Lopes Gil

FAC. MEDICINA-UNIVERSIDADE DE LISBOA
Maria João Sousa Botelho Albuquerque

INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA
Maria da Graça Nóbrega Baptista Serrão

INST. SUP. CIÊNCIAS ECONÓMICAS E FINANCEIRAS
José Magalhães Saldanha Gomes Mota

INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO
Luís António de Castro Valadares Tavares

ENSINO MÉDIO

ESC. DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO DE COIMBRA
Noémia Sereiva Esteves

ESC. DE REGENTES AGRÍCOLAS DE COIMBRA
Vasco Manuel Marques de Almeida Cardoso

INSTITUTO INDUSTRIAL DE COIMBRA
Maria Paula Vitorino Almeida

ESCOLA DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO DE ÉVORA
Maria Teresa Moreno Mousaco

ESCOLA DE REGENTES AGRÍCOLAS DE ÉVORA
Luís Aires Medeiros Vieira

ESCOLA DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO DE FARO
Maria Otília Bárbara Domingos

ESCOLA DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO DA GUARDA
Maria da Conceição Delgado Versos Craveiro

ESCOLA DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO DE LEIRIA
Isabel Maria Leitão Quintino Soares

ESCOLA DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO DE LISBOA
Maria Adelaide Franco Henriques

INSTITUTO COMERCIAL DE LISBOA
Mário Augusto de Lima Pires

INSTITUTO INDUSTRIAL DE LISBOA
Carlos Marques dos Santos

ESC. DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO DE PORTALEGRE
Maria Celeste Pereira Alves Silveiro

ESC. DE REGENTES AGRÍCOLAS DE SANTARÉM
Maria Bárbara Mendes Costa

ESCOLA DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO DE VISEU
Maria de la Salette Barosa

ENSINO SECUNDÁRIO

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE AVEIRO
Jaime Baptista de Figueiredo

LICEU NACIONAL DE AVEIRO
João de Freitas Raposo

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE BEJA
Domingos António Melão

LICEU NACIONAL DE BEJA
Maria Lúcia da Costa Augusto

ESCOLA IND. E COMERCIAL DE CASTELO BRANCO
Jorge Barata Preto

LICEU NACIONAL DE CASTELO BRANCO
João António Antunes Hormigo

ESCOLA IND. E COMERCIAL BROTERO - COIMBRA
Altina Maria da Silva Ferreira Ramos

LICEU NACIONAL INFANTA D. MÁRIA - COIMBRA
Clara Crabbé Rocha

LICEU NORMAL D. JOÃO III - COIMBRA
Luís Manuel de Oliveira Martinho do Rosário

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE ÉVORA
Felipa Maria Belixa Castro

LICEU NACIONAL DE ÉVORA
António Manuel da Silva Ângelo

ESCOLA IND. E COMERCIAL DE FARO
Américo Adelino Ramos

LICEU NACIONAL DE FARO
José Francisco Teles Júdice

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DA GUARDA
Isaac do Nascimento Almeida

LICEU NACIONAL DA GUARDA
Eduardo José Quintela Perfeito

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE LEIRIA
José Coelho Moreira

LICEU NACIONAL DE LEIRIA
Raquel Maria Marques Pereira Rulvo

ESC. ARTES DECORATIVAS ANTÓNIO ARROIO
Maria Manuela Reis da Costa

ESCOLA COMERCIAL FERREIRA BORGES
Maria da Conceição de Carvalho Reis Lima

ESCOLA COMERCIAL D. MARIA I
Maria Helena dos Santos Belmonte

ESCOLA COMERCIAL PATRÍCIO PRAZERES
Alfredo José Paixão

ESCOLA COMERCIAL VEIGA BEIRÃO
Jorge Manuel da Veiga Alves

ESCOLA INDUSTRIAL AFONSO DOMINGUES
Pompílio Antunes Lourenço

ESCOLA INDUSTRIAL D. LUÍSA DE GUSMÃO
Elisa Vaz Ferreira

ESCOLA INDUSTRIAL FONSECA BENEVIDES
Olinda de Jesus Delgado Martins

ESCOLA INDUSTRIAL JOSEFA DE ÓBIDOS
Felisberta Grave Costa

ESCOLA INDUSTRIAL MACHADO DE CASTRO
Carlos Florindo Anjos Baptista

ESCOLA INDUSTRIAL MARQUÊS DE POMBAL
Francisco Carlos Duarte Belo

LICEU NACIONAL DE CAMÕES
Nuno João de Oliveira Valério

LICEU MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO
Maria Luísa Bettencourt de Matos Leiria

LICEU NACIONAL D. FILIPA DE LENCASTRE
Teresa Manuela de Almeida Nunes

LICEU NACIONAL DE GIL VICENTE
Rui Joaquim Barroso de Lamas Reivas

LICEU NACIONAL D. JOÃO DE CASTRO
Jorge Manuel de Sousa Ferreira Pinto

LICEU NORMAL DE PEDRO NUNES
José Alberto Rebelo dos Reis Lemego

LICEU PADRE ANTÓNIO VIEIRA
Nuno Eduardo da Silva Ivo Gonçalves

LICEU PASSOS MANUEL
José Manuel Lucas Pascoal

LICEU DA RAINHA D. AMÉLIA
Nadir Ledeira dos Santos

LICEU NACIONAL RAINHA D. LEONOR
Maria Teresa Nunes dos Santos Cochito

ESCOLA IND. E COMERCIAL DE PORTALEGRE
Viriato dos Santos Dias

LICEU NACIONAL DE PORTALEGRE
João José Toscano Próspero dos Santos

ESCOLA IND. E COMERCIAL DE SANTARÉM
Manuel Custódio de Oliveira

LICEU NACIONAL DE SANTARÉM
Maria Amélia Cadete Mendes

ESCOLA IND. E COMERCIAL DE SETÚBAL
Rui Manuel Afonso de Carvalho

LICEU NACIONAL DE SETÚBAL
José Agostinho Martins de Matos

ESCOLA IND. E COMERCIAL DE VISEU
Moisés Peres Dias

LICEU NACIONAL DE VISEU
Maria Octávio Sequeira Alves

estes são alguns dos melhores alunos de Portugal

ESTA NOITE, NA LUZ E PELA TV

BENFICA DEFRONTA KICKERS OFFENBACH

O Kickers Offenbach, defentor da Taça da Alemanha de futebol, estreia-se esta noite, no Estádio da Luz, defrontando o Benfica, no primeiro dos três jogos que vem realizar a Portugal: participará, depois, nos dias 9, 10 e 12, num torneio em Aveiro, com o Beira-Mar e o Boavista.

Apesar do Kickers não se encontrar num bom momento (ronda os ultimos lugares do campeonato alemão), o jogo desta noite está a despertar natural interesse: é que o Benfica não tem sido, ultimamente, muito feliz, quando defronta equipas alemãs. Veremos como «encaixa» o futebol benfiquista (agora a viver um momento de euforia, com o título nacional á vista...) no jogo do Offenbach.

O encontro começa ás 21 e 45 e é transmitido, directamente, pela TV.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

AS SELECÇÕES DE FUTEBOL VOLTARAM AO TRABALHO

Concentrados desde ontem, os seleccionados «AA» e «Promessas» tiveram esta manhã treino de conjunto no Estádio Nacional, visando os encontros do próximo dia 21, com a Escócia, para o Campeonato Europeu (Lisboa) e Espanha, particular (Vigo).

Ontem, os jogadores estiveram no Estádio Alvalade para os habituais exames e tratamentos de rotina.

No treino desta manhã, os responsáveis contaram com todos os jogadores previstos: Damas, José Henrique, Malta da Silva, Humberto Coelho, José Carlos, Rui Rodrigues, Adolfo, Rebelo, Rolando, Pavão, Simões, Peres Nené, Artur Jorge, Euzébio e Vítor Baptista, da equipa principal; e Bento, Tibi, Artur, Alhinho, Laranjeira, Toni, Messias Octávio, Vítor Martins, Quinito, Carlos Serafim, Chico, Dinis, Lemos, Leitão e Raul Águas.

Entretanto, recomeçou também hoje a sua preparação, com vista á fase final do Torneio Europeu, a equipa de juniores, que no Estádio Pina Manique defrontou a equipa do Casa Pia.

TOTOBOLA

31.° CONCURSO — 11 DE ABRIL DE 1971

1 X 2 TOTOBOLA

MATRIZ

		2 APOSTAS - 4$00					
		1	X	2	1	X	2
III DIVISÃO	1 Mirandela-Fafe						
	2 Lamego-Chaves						
	3 A Viseu-Oliveirense						
	4 Sacavenense-Caldas						
	5 Vilafranquen.-Estoril						
ESPANHA	6 Juventude - Amora						
	7 Málaga - At. Madrid						
	8 Gijon - Bilbau						
	9 Granada-Celta						
ITÁLIA	10 Bolonha - Cagliari						
	11 Lanerossi - Juventus						
	12 Milan-Nápoles						
	13 Varese-Inter						
		1			2		

31

11 DE ABRIL DE 1971

NOME

MORADA

LOCALIDADE

CLASSIFICAÇÕES DA III DIVISÃO

ZONA A

MIRANDELA — 10.° lugar, 20 pontos
FAFE — 2.° lugar, 34 pontos
LAMEGO — 4.° lugar, 29 pontos
CHAVES — 6.° lugar, 27 pontos

ZONA B

A. VISEU — 6.° lugar, 27 pontos
OLIVEIRENSE — 3.° lugar, 34 pontos

ZONA C

SACAVENENSE — 4.° lugar, 28 pontos
CALDAS — 6.° lugar, 27 pontos
VILAFRANQUENSE — 13.° lugar, 17 pontos
ESTORIL — 5.° lugar, 28 pontos

ZONA D

JUVENTUDE — 4.° lugar, 27 pontos
AMORA — 6.° lugar, 25 pontos

CLASSIFICAÇÕES ACTUAIS

CAMPEONATO DE ESPANHA

1.°	Valência	41 pontos
2.°*	Barcelona	40 »
	AT. MADRID	40 »
4.°	Real Madrid	38 »
5.°	CELTA	34 »
6.°	BILBAU	33 »
7.°	Sevilha	30 »
8.°	MÁLAGA	27 »
9.°	Real Sociedade	26 »
10.°	GRANADA	24 »
11.°	Espanhol	23 »
12.°	[illegible]	22 »
13.°	[illegible]	21 »
14.°	[illegible]	19 »
15.°	[illegible]	16 »
16.°	[illegible]	14 »

CAMPEONATO DE ITÁLIA

1.°	INTER	37 pontos
2.°	MILAN	35 »
3.°	NÁPOLES	33 »
4.°	JUVENTUS	28 »
5.°	BOLONHA	27 »
6.°*	CAGLIARI	25 »
	Roma	25 »
8.°	Fóggia	22 »
9.°	Verona	21 »
10.°*	Torino	20 »
	LANEROSSI	20 »
	Sampdória	20 »
	VARESE	20 »
14.°	Fiorentina	18 »
15.°	Lázio	17 »
16.°	Catânia	16 »

Acontecimentos DE ONTEM

RAGUEBI

Bordeux Etvdient venceu o Técnico, Encontro no Estádio Universitário, que proporcionou uma boa partida. Na primeira parte, domínio dos franceses, que evidenciaram excelente técnica, levando o resultado até 14-3. No segundo tempo, beneficiando de melhor condição física, os «engenheiros» conseguiram impôr-se, marcando 9 pontos contra 8 dos bordeleses. No final, portanto, 22-12, para o Bordeux.

Arbitrou: Bento dos Santos. Alinharam:

Técnico — J. Faria; Briz, Freire, Helder e Barata; Pestana e Paixão; Guimarães (Direito), Raul e G. da Silva; Branco e F. Ferreira; Vitório, Duque e Tomé (Direito).

B. E. C.—Darmuzey; Daulonedes (Hospita.), Mata, Siberchicot e Barry; Posy e Duhard; Iratchet, Laporte e Labruquere; Garen e Salles; Dartenne, Dupan e Tourroux.

HÓQUEI EM PATINS

Estremoz no comando do Metropolitano la 2.ª Divisão, disputada a 2.ª jornada. Jogos e resultados: Vilafranquense-Ed. Física, 4-4; Belenenses-Queluz, 13-1; Azeitonense-L Algés, 4-3; Estremoz-Futebol Benfica, 8-5.

BILHAR

Campeonato de Lisboa da 1.ª categoria. Prosseguiu com os seguintes resultados: Raul Vidal (Sporting)-Cardoso Pereira (individual), 146-200; Pedro Azevedo (Ateneu)-Mário Machado (Benfica), 103-200; Américo Torres (Benfica)-Mário Ribeiro (Benfica), 175-200; Vítor Hugo Leal (Benfica)-Hilário Gomes (Sporting), 200-173.

NATAÇÃO

Três «records» no Torneio da Páscoa, realizado pela A. N. Lisboa na Piscina de Areeiro, com a participação de representantes do Algés, Nacional, Benfica, União Piedense e Cimentos Tejo.

Vencedores das provas: *Masculinas* — 100 metros livres: Gomes Pereira (S.A.D), 1 m 04,1 s; 200 metros bruços: Santiago Ponce (C.N.N.), 3 m 00,6 s; 100 metros costas: Bleck da Silva (S.A.D), 1 m 40,5 s («record» de juvenis); 200 metros estilos: Heitor e Silva (S.L.B.), 2 m 43,6 s. Infantis — 100 metros livres: Ramos Carvalho (S.A.D.), 1 m 14,1 s; 100 metros bruços: Carlos Cruchinho (S.L.B.), 1 m 29,4 s.

Femininas — 400 metros livres: Ana Matos (S.A.D.), 5 m 52,2 s; 100 metros bruços: Manuela Banha (S.A.D.), 1 m 28,4 s («record» de juvenis); 200 metros costas: Cristina Patacas (S.A.D.), 2 m 48,1 s («record» de juniores); 100 metros mariposa: Cristina Patacas (S.A.D.), 1 m 31,3 s. *Infantis* — 100 metros costas: Ana Banha (S.A.D.), 1 m 33,1 s; 100 metros estilos: Ana Banha (S.A.D.), 1 m 29.4 s.

TÉNIS

Virgílio Coutinho e Nuno de Barros ganharam a final de pares do Torneio de Abertura, batendo Cunha Reis e Nunes da Ponte, por 6-1, 3-6 e 7-5.

TAÇA LATINA DE ANDEBOL

PORTUGAL DESCANSOU

Depois do magnífico empate alcançado na primeira jornada, contra a França, Portugal que devia defrontar, ontem á noite, a Espanha, descansou, afinal, pois o programa foi alterado.

Os jogos efectuados, que podem ser elucidativos, foram o França-Marrocos, com vitória francesa por 13-8 e Espanha-Roménia, que deu um surpreendente triunfo aos espanhóis, por 11-7

A Espanha, comanda, pois, com duas vitórias em dois jogos.

AGÊNCIA ABREU
PASSAPORTES
Av. Liberdade, 160

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISAMOS OS NOSSOS CONSUMIDORES DE QUE OS ESCRITÓRIOS DESTA SOCIEDADE, ASSIM COMO OS SERVIÇOS DE CLIENTELA, SE ENCONTRAM ENCERRADOS A PARTIR DAS 12 HORAS DE AMANHÃ, DIA 8, SÓ REABRINDO NA 2.ª-FEIRA, DIA 12, ÀS 9 HORAS.

ESTA NOITE, NA LUZ E PELA TV

BENFICA DEFRONTA KICKERS OFFENBACH

O Kickers Offenbach, detentor da Taça da Alemanha de futebol, estreia-se esta noite, no Estádio da Luz, defrontando o Benfica, no primeiro dos três jogos que vem realizar a Portugal: participará, depois, nos dias 9, 10 e 12, num torneio em Aveiro, com o Beira-Mar e o Boavista.

Apesar do Kickers não se encontrar num bom momento (ronda os últimos lugares do campeonato alemão), o jogo desta noite está a despertar natural interesse: é que o Benfica não tem sido, ultimamente, muito feliz, quando defronta equipas alemãs. Veremos como «encaixa» o futebol benfiquista (agora a viver um momento de euforia, com o título nacional á vista...) no jogo do Offenbach.

O encontro começa ás 21 e 45 e é transmitido, directamente, pela TV.

DESPORTO

AS SELECÇÕES DE FUTEBOL VOLTARAM AO TRABALHO

Concentrados desde ontem, os seleccionados «AA» e «Promessas» tiveram esta manhã treino de conjunto no Estádio Nacional, visando os encontros do próximo dia 21, com a Escócia, para o Campeonato Europeu (Lisboa) e Espanha, particular (Vigo).

Ontem, os jogadores estiveram no Estádio Alvalade para os habituais exames e tratamentos de rotina.

No treino desta manhã, os responsáveis contaram com todos os jogadores previstos: Damas, José Henrique, Malta da Silva, Humberto Coelho, José Carlos, Rui Rodrigues Adolfo, Rebelo, Rolando Pavão, Simões, Peres Nené, Artur Jorge Eusébio e Vítor Baptista da equipa principal; e Bento, Tibi, Artur, Alhinho, Laranjeira, Toni, Messias Octávio, Vítor Martins, Quinito, Carlos Serafim, Chico Dinis, Lemos, Leitão e Rau, Águas.

Entretanto, recomeçou também hoje a sua preparação, com vista á fase final do Torneio Europeu, a equipa de juniores, que no Estádio Pina Manique defrontou a equipa do Casa Pia.

TOTOBOLA

31.° CONCURSO — 11 DE ABRIL DE 1971

1 X 2 TOTOBOLA

MATRIZ

	2 APOSTAS - 4$00					
	1	X	2	1	X	2
1 Mirandela-Fafe						
2 Lamego-Chaves						
3 A Viseu-Oliveirense						
4 Sacavenense-Caldas						
5 Vilafranquen.-Estoril						
6 Juventude - Amora						
7 Málaga - At. Madrid						
8 Gijon - Bilbau						
9 Granada-Celta						
10 Bolonha - Cagliari						
11 Lanerossi - Juventus						
12 Milan-Nápoles						
13 Varese-Inter						
	1			2		

III DIVISÃO — ESPANHA — ITÁLIA

31

11 DE ABRIL DE 1971

NOME

MORADA

LOCALIDADE

CLASSIFICAÇÕES DA III DIVISÃO

ZONA A

MIRANDELA — 10.° lugar, 20 pontos
FAFE — 2.° lugar, 34 pontos
LAMEGO — 4.° lugar, 29 pontos
CHAVES — 6.° lugar, 27 pontos

ZONA B

A. VISEU — 6.° lugar, 27 pontos
OLIVEIRENSE — 3.° lugar, 34 pontos

ZONA C

SACAVENENSE — 4.° lugar, 28 pontos
CALDAS — 6.° lugar, 27 pontos
VILAFRANQUENSE — 13.° lugar, 17 pontos
ESTORIL — 5.° lugar, 28 pontos

ZONA D

JUVENTUDE — 4.° lugar, 27 pontos
AMORA — 6.° lugar, 25 pontos

CLASSIFICAÇÕES ACTUAIS

CAMPEONATO DE ESPANHA

1.°	Valência	41 pontos
2.°*	Barcelona	40 »
	AT. MADRID	40 »
4.°	Real Madrid	38 »
5.°	CELTA	34 »
6.°	BILBAU	33 »
7.°	Sevilha	30 »
8.°	MÁLAGA	27 »
9.°	Real Sociedade	26 »
10.°	GRANADA	24 »
11.°	Espanhol	23 »
12.°	GIJON	22 »
13.°	Sabadell	21 »
14.°	Las Palmas	19 »
15.°	Elche	16 »
16.°	Saragoça	14 »

CAMPEONATO DE ITÁLIA

1.°	INTER	37 pontos
2.°	MILAN	35 »
3.°	NÁPOLES	33 »
4.°	JUVENTUS	28 »
5.°	BOLONHA	27 »
6.°*	CAGLIARI	25 »
	Roma	25 »
8.°	Fóggia	22 »
9.°	Verona	21 »
10.°*	Torino	20 »
	LANEROSSI	20 »
	Sampdória	20 »
	VARESE	20 »
14.°	Fiorentina	18 »
15.°	Lázio	17 »
16.°	Catânia	16 »

Acontecimentos DE ONTEM

RAGUEBI

Bordeux Etudient venceu o Técnico, Encontro no Estádio Universitário, que proporcionou uma boa partida. Na primeira parte, domínio dos franceses, que evidenciaram excelente técnica, levando o resultado até 14-3. No segundo tempo, beneficiando de melhor condição física, os «engenheiros» conseguiram impôr-se, marcando 9 pontos contra 8 dos bordeleses. No final, portanto, 22-12, para o Bordeux.

Arbitrou: Bento dos Santos. Alinharam:

Técnico — J. Faria; Briz, Freire, Helder e Barata; Pestana e Paixão; Guimarães (Direito), Raul e G. da Silva; Branco e F. Ferreira; Vitório, Duque e Tomé (Direito).

B. E. C.—Darmuzey; Daulonedes (Hospital), Mata, Siberchicot e Barry; Poey e Duhard; Iratchet, Laporte e Labruquere; Garen e Salles; Dartenne, Dupan e Tourreux.

HÓQUEI EM PATINS

Estremoz no comando do Metropolitano na 2.ª Divisão, disputada a 2.ª jornada. Jogos e resultados: Vilafranquense-Ed. Física, 4-4; Belenenses-Queluz, 13-1; Azeitonense-L Algés, 4-3; Estremoz-Futebol Benfica, 8-5.

BILHAR

Campeonato de Lisboa da 1.ª categoria. Prosseguiu com os seguintes resultados: Raul Vidal (Sporting)-Cardoso Pereira (individual), 146-200; Pedro Azevedo (Ateneu)-Mário Machado (Benfica), 108-200; Américo Torres (Benfica)-Mário Ribeiro (Benfica), 175-200; Vítor Hugo Leal (Benfica)-Hildo Gomes (Sporting), 200-173.

NATAÇÃO

Três «records» no Torneio da Páscoa, realizado pela A. N. Lisboa na Piscina de Areeiro, com a participação de representantes do Algés, Nacional, Benfica, União Piedense e Cimentos Tejo.

Vencedores das provas: *Masculinas* — 100 metros livres: Gomes Pereira (S.A.D.), 1 m 04,1 s; 200 metros bruços: Santiago Ponce (C.N.N.), 3 m 00,6 s; 100 metros costas: Block da Silva (S.A.D.), 1 m 40,5 s («record» de juvenis); 200 metros estilos: Heitor e Silva (S.L.B.), 2 m 43,6 s. Infantis — 100 metros livres: Ramos Carvalho (S.A.D.), 1 m 14,1 s; 100 metros bruços: Carlos Cruchinho (S.L.B.), 1 m 29,4 s.

Femininas — 100 metros livres: Ana Matos (S.A.D.), 5 m 52,2 s; 100 metros bruços: Manuela Banha (S.A.D.), 1 m 28,4 s («record» de juvenis); 200 metros costas: Cristina Patacas (S.A.D.), 2 m 48,1 s («record» de juniores); 100 metros marinosa: Cristina Patacas (S.A.D.), 1 m 31,3 s. *Infantis* — 100 metros costas: Ana Banha (S.A.D.), 1 m 33,1 s; 100 metros estilos: Ana Banha (S.A.D.), 1 m 29,4 s.

TÉNIS

Virgílio Coutinho e Nuno de Barros ganharam a final de pares do Torneio do Abertura, batendo Cunha Reis e Nunes da Ponte, por 6-1, 3-6 e 7-5.

TAÇA LATINA DE ANDEBOL

PORTUGAL DESCANSOU

Depois do magnífico empate alcançado na primeira jornada, contra a França, Portugal que devia defrontar, ontem á noite, a Espanha, descansou, afinal, pois o programa foi alterado.

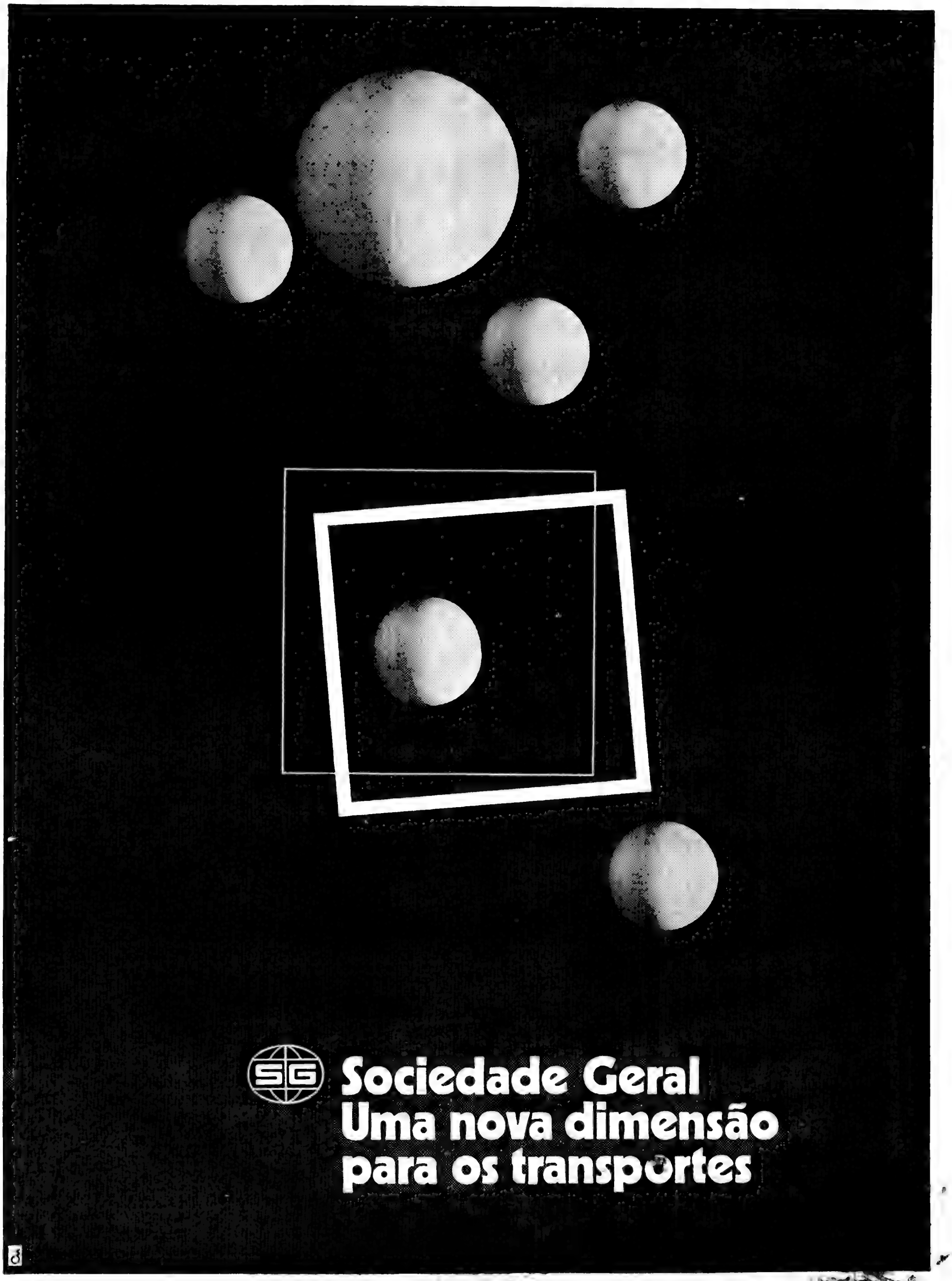
Os jogos efectuados, que podem ser elucidativos, foram o França-Marrocos, com vitória francesa por 13-8 e Espanha-Roménia, que deu um surpreendente triunfo aos espanhóis por 11-7.

A Espanha, comanda, pois, com duas vitórias em dois jogos.

AGÊNCIA ABREU
PASSAPORTES
Av. Liberdade, 160

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISAMOS OS NOSSOS CONSUMIDORES DE QUE OS ESCRITÓRIOS DESTA SOCIEDADE, ASSIM COMO OS SERVIÇOS DE CLIENTELA, SE ENCONTRAM ENCERRADOS A PARTIR DAS 12 HORAS DE AMANHÃ, DIA 8, SÓ REABRINDO NA 2.ª-FEIRA, DIA 12, ÀS 9 HORAS.


SG
Sociedade Geral
Uma nova dimensão
para os transportes

GARAGE BOA VIAGEM

RUA SAMPAIO E PINA, 56-60 — LISBOA — TELEF. 68 37 37

ESPECIALIZADA NA COMPRA E VENDA DE AUTOMÓVEIS E FURGONETAS

máquinas **super** automáticas para lavar louça

CAPACIDADES PARA

6/8 ou 12 pessoas

(24 pratos) (36 pratos)

incluindo tachos

5 programas, com um especial para pequenas quantidades de louça e outro para aquecimento de pratos

Equipada com rodas e descalcificador

REPRESENTANTES **SADEL** Rua D. Estefânea, 98 - LISBOA • Rua de Sta Catarina, 1209 - PORTO

SENNA, BOTTO & LEITÃO, LDA.

METAIS — FERRAGENS — FERRAMENTAS

LISBOA — PORTO — FARO

Apresentam aos seus Ex.mos Clientes, Fornecedores e Amigos, muito Boas-Festas da Páscoa, informando-os de que todos os seus serviços estarão encerrados de 9 a 11.

PARA TODA E QUALQUER TRANSACÇÃO SOBRE PROPRIEDADES deve consultar o mediador oficial

COMPRA, VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES

A ALENTEJANA

de A. ASSUNÇÃO

A mais completa organização do País

Escritório: P. da Alegria, 6, 2.º-E. — Tels. 356662-356087-322927 — LISBOA

CHAPAS ACRÍLICAS

VIDRO PLÁSTICO

TODAS AS CORES E DIMENSÕES

Plásticos do SADO, LDA.

LISBOA — Avenida 28 de Maio, 53-A — Telefone [illegible]

PORTO — Rua Faria Guimarães, 260 — Telefone 490478

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	486$
Consolidado 3%	—	—	425$
Consolidado 3 1/2%	—	—	604$
Centenarios 4%	—	—	1.400$
Obrigs Tesouro 5%	1.000$	—	1.000$
Externo 1.ª Série	—	—	—
Externo 1.ª Série c.	605$	605$	6 0$
Externo 3.ª Série	—	670$	700$
Externo 3.ª Série c.	—	—	770$
Cautelas 3.ª Série	—	—	—
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A P I 5% 56	—	—	880$
A P I 5% 58	—	880$	—
C P 4 1/2% 65	—	—	850$
C P 5 1/2% 67	—	—	—
C U F 6%	—	930$	—
C U F 6% 68	—	910$	—
Gas Elect 4% 48	—	—	—
Gas Elect 4 1/4% 51	—	855$	—
Gás Elect 5% 52	—	820$	—
Gas Elect 5% 53	—	—	—
Ga Elect 5% 59	—	—	—
Gás Elect 5% 62	—	955$	980$
Gás Elect 5% 63	—	—	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	—	970$	—
H E A Alentejo 5%	—	—	795$
H E Cávado 5%	—	—	—
H E Cávado 6%	935$	935$	940$
H E Douro 5%	—	—	—
H E Douro 6%	—	930$	935$
H E Norte Port 5%	860$	—	—
H E S Estrela 6%	—	930$	—
H E Zêzere 5% 55	—	760$	—
H E Zêzere 5% 57	—	750$	770$
Lisnave 6%	—	935$	—
Metropolitano 4%	920$	910$	920$
Metropolitano 5 3/4%	—	950$	—
Moçambique 5%	—	680$	710$
Nuc Elect 5%	—	750$	—
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquimica 5%	—	—	860$
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	960$	970$
Sacor 5% 60	—	—	870$
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	735$	730$	735$
Siderurgia 5% 4.ª	—	730$	—
Sonete 5%	790$	780$	800$
I A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	—	740$
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	—	—
U E P 1/2%	—	91$	—
U E P 5%	—	70$	73$
U E P 5% 60	—	710$	—
U E P 5% 63	—	870$	—

Ultramarina	Efec.	Compra	Venda
Ag S Tomé e Principe	—	215$	240$
Boror	—	125	—
Buz	69$	68$	70$
Cabinda	—	212$	219$
Diamantes Angola	2.150$	2.140$	2.160$
H E Revué	—	6 0$	650$
Ilha do Principe	—	—	700$
Moçambique	—	182$	190$
Sonete n	—	410$	—
Sonete p	—	426$	429$
Zambézia	68$	68$	69$
Diversas			
Cidla	—	6.950$	7.100$
Cim Leiria	—	4.250$	4.600$
Cim Tejo	—	8 000$	8.100$
Co Navegação	1.510$	1.500$	1.520$
C U F	1.400$	1.380$	1.400$
Ind Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	3 800$	3.900$
Petroquimica	—	1.300$	1.350$
Port e Colónias	—	1.000$	1.250$
Port Celulose	—	—	—
Port Pesca	—	1.125$	1.150$
Port Tabacos	628$	622$	628$
Sacor	4.000$	3.900$	3 990$
Siderurgia Nac	—	2.320$	—
Soce	3 650$	3.620$	3.700$
Tabacos de Portugal	—	1.400$	1 500$
Tabaqueira	—	6 220$	6.250$
U F Azoto	660$	655$	665$
Agua Elect. e Gás			
Aguas Lisboa p	—	390$	—
Aguas Lisboa 34	—	425$	—
Aguas Lisboa 36	—	405$	—
C P Electricidade	—	—	—
C P Electricidade nom	1.198$	1.197$	1.199$
C P Electricidade 969	—	1.180$	—
Eléct Beiras	—	1.720$	1.730$
Gás Electr	448$5	448$	448$5
H E Alto Alentejo	180$	179$5	180$
H E Norte Portuga	—	220$	225$
H E S Estrela	—	—	—
Nac Electricidade	—	—	—
U E P	202$	202$	203$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	202$6	208$7
F I D E S	—	126$2	130$

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Rua do Ouro, 52-54 — LISBOA — Tel. 366066/7

Teleg ALMEIRO — Telex 1471, ALAPI P

AÇÕES — Bancos			
Agricultura	2.780$	2 770$	2.780$
Alentejo	1.160$	1.150$	1.170$
Angola	4.000$	3 980$	4.000$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	7.800$	7.800$	8.000$
E Santo	6.480$	6.480$	6.490$
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S p	—	—	25.000$
Fomento	—	2.830$	2.930$
L G Açores p	—	—	—
L G Açores n	—	—	—
P Atlântico p	—	6.175$	6.250$
Portugal n	—	3.350$	3.400$
Portugal p	—	4.100$	4.300$
Totta Aliança	—	5.730$	5.780$
Ultramarino n	—	3.900$	3.930$
Ultramarino p	4.210$	4.205$	4.215$
Seguros			
Alentejo	154$	154$	157$
Douro	—	2.200$	4.000$
Mundial	1.025$	1.020$	1.030$
Tagres	—	2.860$	—
Tranquilidade	—	—	9.500$
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	—	750$	780$
Ag Casequel	625$	622$	645$
Ag Incomati	—	—	900$
Ag Neves	—	—	420$

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 - 100)

	2/4/71	6/4/71	7/4/71
GERAL	152,2	151,9	**151,9**
METROPOL.	148,0	147,6	**147,8**
ULTRAM.	182,8	183,2	**181,7**

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	35$50	38$00
Alemanha — Marco	7$70	8$00
América:		
—Dollars de e 2	27$90	28$40
— » de 5 a 20	28$20	28$70
— » de 50 a 1000	28$30	28$80
Argentina — Peso Novo	5$00	6$50
Áustria — Schilling	1$10	$16
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$50	5$80
Canadá — Dólar	27$80	28$30
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,5	$42
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$80	8$10
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirham	4$90	5$50
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suiça — Franco	6$56	6$78
Ouro		
Inglaterra—Libra isabe	290$00	310$00
Inglaterra — 1/2 Libra	300$00	320$00
Ouro fino — Barra	36$20	38$20

J. BURNAY, L.DA

RUA DO OURO, 72

Papéis de crédito — Notas estrangeiras — Tel. 231278

GARAGE BOA VIAGEM

RUA SAMPAIO E PINA, 56-60 — LISBOA — TELEF. 68 37 37

ESPECIALIZADA NA COMPRA E VENDA DE AUTOMÓVEIS E FURGONETAS

máquinas **super** automáticas para lavar louça

CAPACIDADES PARA

6/8 ou 12 pessoas

(24 pratos) (36 pratos)

incluindo tachos

5 programas, com um especial para pequenas quantidades de louça e outro para aquecimento de pratos

Equipada com rodas e descalcificador

REPRESENTANTES **SADEL** Rua D. Estefânea, 98 - LISBOA • Rua de Sta Catarina, 1209 - PORTO

SENNA, BOTTO & LEITÃO, LDA.

METAIS — FERRAGENS — FERRAMENTAS

LISBOA — PORTO — FARO

Apresentam aos seus Ex.mos Clientes, Fornecedores e Amigos, muito Boas-Festas da Páscoa, informando-os de que todos os seus serviços estarão encerrados de 9 a 11.

PARA TODA E QUALQUER TRANSACÇÃO SOBRE PROPRIEDADES deve consultar o mediador oficial

COMPRA, VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES

A ALENTEJANA de A. ASSUNÇÃO

A mais completa organização do País

Escritório: P. da Alegria, 6, 2.º-E. — Tels. 356662-366037-322927 — LISBOA

CHAPAS ACRÍLICAS

VIDRO PLÁSTICO

TODAS AS CORES E DIMENSÕES

Plásticos do SADO, LDA.

LISBOA — Avenida 28 de Maio, 53-A Telefones 778733 - 780585

PORTO — Rua Faria Guimarães, 260 Telefone 490478

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	486$
Consolidado 3%	—	—	4x5$
Consolidado 3 1/2%	—	—	604$
Centenarios 4%	—	—	1.400$
Obrigs Tesouro 5%	1.000$	—	1.000$
Externo 1.ª Série	—	—	—
Externo 2.ª Série C	605$	605$	6 0$
Externo 3.ª Série	—	670$	700$
Externo 3.ª Série C	—	—	770$
Cautelas 3.ª Série	—	—	—
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A P I 5% 56	—	—	880$
A P I 5% 58	—	880$	—
C P 4 1/2% 65	—	—	850$
C P 5 1/2% 67	—	—	—
C U F 6%	—	930$	—
C U F 6% 68	—	9?0$	—
Gas Elect 4% 48	—	—	—
Gas Elect 4 1/2% 51	—	855$	—
Gás Elect 5% 52	—	820$	—
Gas Elect 5% 54	—	—	—
Ga Elect 5% 59	—	—	—
Gás Elect 5% 62	—	955$	980$
Gás Elect 5% 63	—	—	—
Gas Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	—	970$	—
H E A Alentejo 5%	—	—	795$
H E Cavado 5%	—	—	—
H E Cávado 6%	935$	935$	940$
H E Douro 5%	—	—	—
H E Douro 6%	—	930$	935$
H E Norte Port 5%	860$	—	—
H E S Estrela 6%	—	930$	—
H E Zêzere 5% 55	—	760$	—
H E Zêzere 5% 57	—	750$	770$
Lisnave 6%	—	935$	—
Metropolitano 4%	920$	910$	920$
Metropolitano 5 3/4%	—	950$	—
Moçambique 5%	—	680$	7?0$
Nac Elect 5%	—	750$	—
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquimica 5%	—	—	860$
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	960$	970$
Sacor 5% 60	—	—	870$
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	735$	730$	735$
Siderurgia 5% 4.ª	—	730$	—
Sonete 5%	790$	780$	800$
I A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	—	740$
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	—	—
U E P 1/2%	—	91$	—
U E P 5%	—	70$	73$
U E P 5% 60	—	710$	—
U E P 5% 63	—	870$	—

Ultramarino	Efec.	Compra	Venda
Ag S Tomé e Principe	—	215$	240$
Boror	—	125..	—
Buz	69$	69$	?0$
Cabinda	—	212$	219$
Diamantes Angola	2.?50$	2.?40$	2.?60$
H E Revué	—	6 0$	650$
Ilha do Principe	—	—	700$
Moçambique	—	?82$	?90$
Sonete A	—	410$	—
Sonete B	—	426$	429$
Zambézia	68$	68$	69$
Diversas			
Cidla	—	6.950$	7.100$
Cim Leiria	—	4.250$	4.600$
Cim Tejo	—	8 000$	8.?00$
Co Navegação	1.510$	1.500$	1.520$
C U F	1.400$	1.380$	1.400$
Ind Aliança	—	—	—
Na. Navegação	—	3 800$	3.900$
Petroquimica	—	1.300$	1.350$
Port e Colónias	—	1.000$	1.250$
Port Celulose	—	—	—
Port Pesca	—	1.125$	150$
Port Tabacos	628$	622$	628$
Sacor	4.000$	3.900$	3 990$
Siderurgia Nac	—	2.320$	—
Sonae	3 650$	3.620$	3.700$
Tabacos de Portugal	—	1.400$	1.500$
Tabaqueira	—	6.220$	6.250$
U F Azoto	660$	655$	665$
Água Elect. e Gás			
Aguas Lisboa p	—	390$	—
Aguas Lisboa 34	—	425$	—
Aguas Lisboa 36	—	405$	—
C P Electricidade	—	—	—
C P Electricidade nom	1.198$	1.197$	1.199$
C P Electricidade 969	—	1.180$	—
Eléct Beiras	—	1.720$	1.730$
Gás Electr	448$5	448$	448$5
H E Alto Alentejo	180$	179$5	80$
H E Norte Portuga	—	220$	225$
H E S Estrela	—	—	—
Nac Electricidade	—	—	—
U E P	202$	202$	203$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	?02$0	?06$7
F I D E S	—	126$2	?30$

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Rua do Ouro, 52-54 — LISBOA — Tel. 366066/7

Teleg ALMEIRO — Telex 1471, ALAPI P

AÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.780$	? 770$	2.780$
Alentejo	1.160$	1.150$	1.170$
Angola	4,000$	3 980$	4.000$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	7.800$	7.800$	8.000$
E Santo	6 480$	6.480$	6.490$
E Santo n	—	—	—
Fomentos S p	—	—	25.000$
Fomento	—	2 830$	2.930$
L & Açores p	—	—	—
L & Açores n	—	—	—
P Atlântico p	—	6.175$	6 250$
Portugal n	—	3.350$	3 400$
Portugal p	—	4.100$	4 300$
Totta Aliança	—	5.730$	5.780$
Ultramarino n	—	3.900$	3.930$
Ultramarino p	4.210$	4 205$	4.215$
Seguros			
Alentejo	154$	154$	?57$
Douro	—	2.200$	4.000$
Mundial	1.025$	1.020$	1.030$
Segres	—	7.860$	—
Tranquilidade	—	—	9.500$
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	—	750$	780$
Ag Casseaual	625$	622$	645$
Ag Incomati	—	—	900$
Ag Neves	—	—	420$

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65-100)

	2/4/71	6/4/71	7/4/71
GERAL	152.2	151,9	**151.9**
METROPOL.	148,0	147,6	**147.8**
ULTRAM.	182.8	183.2	**181,7**

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	35$50	38$00
Alemanha — Marco	7$70	8$00
América:		
—Dollars de e 2	27$90	28$40
— » de 5 a 20	28$20	28$70
— » de 50 a 000	28$30	28$80
Argentina — Peso Nov	5$00	6$50
Áustria — Schilling	$?0	$?6
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$50	5$80
Canadá — Dólar	27$80	28$30
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,5	$42
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$80	8$?0
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirham	4$90	5$50
Noruega — Coroa	3$8$	4$?5
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$5$	6$78
Ouro		
Inglaterra—Libra Isabe	290$00	310$00
Inglaterra — 1/2 Libra	300$00	320$00
Ouro fino — Barra	36$20	38$20

J. BURNAY, L.DA

RUA DO OURO, 72

Papéis de crédito Notas estrangeiras Tel. 231278

CARTAZ DOS CINEMAS

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
na tela gigante da Super Panavision
O sumptuoso filme Cor de Luxe
A CANÇÃO DA NORUEGA
com Torlav Maurstad e Florence Henderson

SÃO JORGE
(M 17 anos) Tel 54153
Às 15 15 18 15 e 21.30
6.ª SEMANA DE UM INVULGAR EXITO!
O PATIFE
com Jean-Louis Trintignant

VOX
(Adultos) Tel. 720808
Às 21.45
6.ª SEMANA TRIUNFAL!
com o excitante e discutido filme colorido de André Cayatte
OS CAMINHOS DE KATMANDOU
Soberbo desempenho de Pascale Andret, Serge Gainsbourg e Arlène Dahl

Às 18.30 (M 6 anos)
A RAPARIGA DOS ALPES
Um belo filme em technicolor
(Junto à Av. de Roma)

CASINO ESTORIL
(M. 12 anos) Tel. 264821
O BALLET ROMEU E JULIETA
com Margot Fonteyn, Rudolf Nureyev, David Blair, Desmond Lople e Julia Farrow

LIDO
(M. 12 anos) Tel. 937593
O filme especialmente escolhido para a quadra da Páscoa
BEN-HUR
O mais espectacular filme de sempre no «écran»-gigante — 70 mm
Atenção: dada a grande metragem do filme este começa a ser projectado ás 21.10 h.

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45923
Às 21 h
O HOMEM ORQUESTRA
CHARADA INTERNACIONAL

MUNDIAL
(M. 12 anos) Tel. 538743
Às 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA de enchentes!
Shirley MacLaine e Clint Eastwood numa espectacular aventura para não mais esquecer!
OS ABUTRES TEM FOME
Um filme de mestre Don Siegel
Em Panavision e Technicolor
METRO Estação Picoas

ROMA
(M. 12 anos) Tel. 72778
ESTREIA — Às 21.45
UMA SÁTIRA AOS TEMPOS DOS CAVALEIROS ANDANTES
CAPITÃO BRANCALEONE
com Vittorio Gassman e Catherine Spaak
TECHNICOLOR

POLITEAMA
(M 12 anos) Tel 426305
15.15 e 18 15 (Pr red.) e 21.30
ÚLTIMAS EXIBIÇÕES DE INTENSA EMOÇÃO E DE SENSAÇÃO ESPECTACULAR
AS RODAS DA LOUCURA
com Darren McGavin, Sean Garrison, Susan Clark e Anne Baxter

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30
O melhor filme americano do ano!
Na linha de «Easy Rider»
Jack Nicholson e Karen Black
DESTINOS OPOSTOS
(Five Easy Pieces)

ALVALADE
(M 12 anos) Tel. 717480
Às 15.45 e 21.45
50% de acção + 50% de emoção
John Wayne em
RIO LOBO
Technicolor
Um filme de Howard Hawkes

RESTELO
(M. 12 anos) Tel. 610375
Às 21.30 h.
BARRABÁS
com Anthony Quinn

ODEON
(M. 6 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (Pr. red.)
2.ª SEMANA DE UM EXITO SEMPRE EXTRAORDINARIO
AS VIAGENS DE GULLIVER PARA ALÉM DA LUA
(Eastmancolor)
SÓ À NOITE, ÀS 21.30
(M. 17 anos)
Sara Montiel em 6.ª semana triunfal no filme
ESSA MULHER

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel 555131
Às 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
O talento e a voz
A presença e o charme de
Barbra Streisande e Yves Montand em
MELINDA
Realização de Vicente Minnelli
Technicolor — Panavision

QUINZENA SÉRIE NEGRA
Hoje — Adultos — 18.45 h.
O OFÍCIO DE MATAR
de J. Pierre Melville
com Alain Delon e Nathalie Delon

SATÉLITE
(Adultos Tel. 562632
7.ª SEMANA
Às 15.30, 18.30 e 21.45
Um filme de Claude Soutet
COISAS DA VIDA
Eastmancolor
Premio Louis Delluc
com Michel Piccoli Romy Schneider e Lea Massari
(Este cinema encontra-se situado no edifício do Monumental)

EUROPA
(M. 6 anos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30 h.
A maior obra-prima do Desenho Animado
Música — Alegria — Ternura
Um filme de Walt Disney
BAMBI
Technicolor
Versão portuguesa

CHIADO TERRASSE
(M 17 anos) Tel. 320917
Às 21 h
HISTÓRIA DE UMA FREIRA

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 320768
Às 15.15 18.30 e 21.45
50% de acção + 50% de emoção
John Wayne em
RIO LOBO
Um filme de Howard Hawks
Technicolor

ESTUDIO 444
(M. 12 anos) Tel. 779095
ESTREIA — Às 21.45
UM DOS PROCESSOS MAIS DRAMÁTICOS DA HISTÓRIA!
GALILEU
com Cyril Cusack
EASTMANCOLOR

CONDES
(Adultos) Tel 322523-326710
Às 14.15, 16.30 18 45 e 21.45
2.ª SEMANA
DOMICILIO CONJUGAL
com Jean Pierre Léaud e Claude Jade

LUMIAR
(M. 12 anos) Tel. 79593
Às 21 horas
O SANTO EM ACÇÃO
O TESOURO DOS ASTEGAS

BERNA
(M. 12 anos) Tel 776098
Às 18.30 e 21.45 h.
3.ª SEMANA DE ÊXITO!
Peter O'Toole, Ava Gardner e Richard Harris na espectacular superprodução de Dino de Laurentiis, realizada por mestre John Huston
A BIBLIA
Um filme de todos os tempos, agora em Panavision de 70 mm e technicolor
À Av. Marquês de Tomar

AVIS
(Adultos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Divertida comedia sentimental com Gianni Morandi
QUEM SE METE COM RAPAZES...
Eastmancolor

LIZ
(M. 12 anos) Tel. 48560
Às 21 horas
MONT WALSH, UM HOMEM DIFÍCIL DE MORRER
UM INGÉNUO DIABÓLICO

IMPÉRIO
(Adultos) Tels 555134/5
Às 15 e 21.30
3.ª SEMANA
A mais bela história de amor no ambiente escaldante da revolução
Segundo Boris Pasternack
Um filme de David Lean
«DOUTOR JIVAGO»
com Omar Sharif - Geraldine Chaplin - Julie Christie
70 m m — Metrocolor
ATENÇÃO O filme começa a ser exibido às 15 15 e às 21 30

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
5.ª SEMANA
Às 15 30 18 30 e 21.45
A obra-prima de Jean Luc Godard
«O ACOSSADO»
(A Bout de Souffle)
com Jean Paul Belmond e Jean Sebers

ROYAL
(M. 12 anos) Tel. 865037
Às 21 horas
O CÉREBRO

outros espectáculos

LISBOA

TEATROS

MONUMENTAL — Às 21 e 45 h.: «A Cozinha» (17 anos).
TRINDADE — Às 21 e 45: «O Duelo» (17 anos)
VARIEDADES — Às 21 e 45: «O Contrato» (17 anos)
A B C — Às 20 e 45 e às 23 h: «Frangos na grelha» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 40: «A Cozinha» (17 anos)
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «A querida mamã» (17 anos)
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «As Irmãzinhas» (17 anos)
VILLARET — Às 21 e 45: «Depois da queda» (17 anos)

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «Os Homens de Bonanza» (12 anos)
JARDIM — Às 21: «Gringo» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Os Hippies e os Gangsters» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: Serafino» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «A ira de Aquiles» (12 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Cego desejo» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «O Homem perdido» (17 anos).

Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «O Vingador» (12 anos).
ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Rainha por mil dias» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e às 21 e 30: «O Ballet Romeu e Julieta» (12 anos). PALÁCIO — Às 21 e 30: «Gata em telhado de zinco quente» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «A ira dos Deuses» (12 anos).

Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «7 homens e uma mulher» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: Missão no Árctico» (12 anos).

Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Flintstone, o agente 777 1/2» (6 anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 30: «Uma carreira sensacional» (17 anos).
BARREIRO — GINÁSIO — Às 21: «Selva mulheres e macacos» (17 anos)

PORTO

TEATROS

ANTÓNIO PEDRO — Às 21 e 45: «Bodas de Sangue» (17 anos).
SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «E o Zé faz tudo!» (17 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «A Bíblia» (12 anos).
COLISEU—Às 21 e 30: «Tepepa» (17 anos)
RIVOLI — Às 21 e 30: «Antes morto que vivo!» (12 anos)
ÁGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «O Sinal da Cruz» (12 anos).
JULIO DINIS — Às 21 e 30: «Liolá».
BATALHA—Às 21 e 30: «Bambi» (12 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «Melinda» (12 anos).
ESTUDIO — Às 21 e 30: «Uma mulher me[illegible]» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Digan lo que digan!» e «Sete pistolas magnificas» (12 anos).
OLIMPIA — Às 21 e 30: «Nem sangue nem arena!» (12 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Ben-Hur» (12 anos)

COIMBRA

GIL VICENTE — Não há espectáculos hoje, amanhã e sexta-feira (No sábado, às 17.30 e 21 30): «O grande Caruso», para todas as idades).
AVENIDA — Às 21 e 30: «Zita» (17 anos).
TIVOLI — Às 15 e 30 e às 21.30: «Deixem-me viver!» (17 anos).

farmácias de serviço

LISBOA

ALCÂNTARA — Dilema, R Aliança Operária, 49-A (t 636620) * **Costa**, Rua dos Lusíadas, 32 (telef 636704) * **Vieira a Rosa**, Rua Prior do Crato. 74 (tel 660787)
ALTO DO PINA — Ibéria, Rua Barão de Sabrosa. 235-A (tel 728277)
ALVALADE — Aeroporto, Avenida Almirante Gago Coutinho, 101-D (á Avenida D Rodrigo da Cunha) (telef 722384) * **Cabrita**, Campo Grande, 222 (tel 772397) * **Sanex**, Avenida de Igreja, 31-C (telef 776905) * **Rio de Janeiro**, Avenida Rio de Janeiro, 4-C (á Avenida Estados Unidos da América (tel 721409)
AMEIXOEIRA — S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (ás Galinheiras) (telef 790969)
ARCO DO CEGO—S. Jorge, Avenida Rovisto Pais, 32-A (tel 534027)
AREEIRO—Algarve, Avenida de Roma. 7-B (tel 777478)
ARROIOS — Pencada, R Rebelo da Silva, 9 (telef 43340) * **Castro**, Avenida Almirante Reis, (t 44373)
AVENIDA DA LIBERDADE — Liberal, Avenida da Liberdade. 219 (Tel 43641)
AVENIDAS NOVAS — Figueiras, Avenida Marquês de Tomar, 20 (tel 44995) * **Cruz Nunes**, Praça Duque de Saldanha. 14 (tel 41845)
BAIRRO ALTO—Sanitas, Praça Luís de Camões. 24 (tel 322798)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO—Ascenso, Rua 27. 4' (telefone 321216)
BAIXA — Silva Carvalho, R dos Fanqueiros. 126 (tel 326575)
BELÉM—Bom Sucesso, R Bartolomeu Dias. 63-A (telefone) 611454)
BENFICA — Santa Cruz, Av Gomes Pereira. 34-A (telef. 704828)
CAMÕES — Sanitas, Praça Luís de Camões. 24 (tel 322798)
CAMPOLIDE — Oliveira, Rua de Campolide 54-A (tel 684424)
CAMPO DE OURIQUE — Elma, Rua D Maria Pia, 358-A (tel 686176) * **Urbano de Freitas**, Rua Silva Carvalho, 19 (tel 662838) * **Tagus**, Praceta da Rua Possidónio da Silva, 162-A (telefone 669485) * **Pinheiro**, Rua de Campolide, 13' (te 686640)
CARNIDE — Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A (tel. 780969)
JANELAS VERDES — Reis Garrido, R das Janelas Verdes, 90 (tel 662327)
LAPA — Mota Capitão, R de S Félix 45-A (telefone 660720)
LUMIAR — Central, R do Lumiar 77 (telefone 790480)
MARQUES DE POMBAL — Liberal, Avenida da Liberdade 2 9 (tel 43641)
MOURARIA — Silva, Calçada de Santo André. 16 (telef 862074)
OLIVAIS — Antunes Rosas, Praça da Cidade do Luso, lote 99 (Olivais-Sul) (telef 313610) **Central dos Olivais**, Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (Olivais - Norte) (telefone 315539)
PENHA DE FRANÇA — Bastos, Rua Morais Soares, 91-F (telef 884350) **Branquinho**, Rua de Sapadores, 87 (telef 842725)
PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascimento Costa. 16-A (telefones 720703-728395)
RATO — Vicente de Jesus, Largo do Rato 3-C (telef 681947)
RESTELO — Belém, Rua Tristão Vaz, 0-A (á encosta do Restelo) (telefone 612248
SANTO AMARO — Gomes, Rua da Junqueira, 326 (telef 638193)
S. BENTO — Fénix, R da Cruz dos Poiais, 52 (telef 678531)
S. MIGUEL — S. Miguel, Praça Francisco de Morais, 1 (telef 771469)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — Novais, Avenida Luís Bivar, 11 (telefone 44324)
SETE RIOS — Curie, Avenida Madame Curie, 15-A (telef 778439) **Laranjeiras**, Rua Filipe da Mata 160 (telef 761035)
SOCORRO — Silmar, Rua de S Lázaro, 128 (telefone 42829)
XABREGAS — Conceição, Calçada de D Gastão 30 (telef 381275)

Linha de Cascais

ALGÉS — Miraflores — R. António Granio, 2 (Tel. 213161)
CAXIAS — Nova — R. Bernardim Ribeiro, 1-A — (tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R Costa Pinto, 86 (Tel 2432024)
OEIRAS — Godinho, Rua Candido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)
PAREDE — Alzir, Bairro das Caixas de Previdência, Bloco A (tel. 2742948)
ESTORIL — S. João, S João do Estoril (T. 261 85)
MONTE ESTORIL — Ostende, Rua de Espinho, 1 (Tel. 260391).
CASCAIS — Cordeiro — Av Comb G Guerra, 40, (tel 280 70) * **Nova**, Est de Alvide — Fontainhas, (tel 28 10 44)
S. PEDRO DO ESTORIL — S. Pedro (tel. 263052).

Linha de Sintra

AMADORA — Cavaco, R Elias Garcia 209 (telefone 9300 9) * **Flama**, R Elias Garcia, 78-B (telefone 932485) * **Confiança**, Av D Nuno Álvares Pereira. 5-A tel 938 49)
DAMAIA — Damaia — P Alexandre Gusmão, 9 (Tel 970523)
QUELUZ — Zeller, Rua Republica, 8 (Tel 950045) * **Correia** L do Mercado, 3 (Tel 95 905)
CACÉM — Garcia — Av. dos Missionários, 2 (Telef. 2942181).
MEM MARTINS — Quimia — Est Mem Martins, 285 (Te 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Misericórdia — L Dr Gregório de Almeida, 2 (tel. 980391).
COLARES — Colares — Abreu (Te 290088)

Outra banda

ALCOCHETE — Nunes, L Coronel Ramos da Costa. 0 (Te 234 37)
ALHOS VEDROS — Portugal — Av da Bela Rosa, 8 (Tel 224250)
ALMADA — Central — Rua de Olivença, 11 (Tel. 270504)
BAIXA DA BANHEIRA— Nova Fátima — Estrada Nacional, 221-B (telefone 224141)
BARREIRO — Normal— Av Alfredo da Silva, 116 (Tel 2273035)
COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso, P 5 de Outubro, 8 (T 270254).
MOITA — União Moitense — Av Dr Teófilo Braga (tel 239029).
MONTIJO — Giraldes, R Almirante Reis, 45 (Tel. 230008)
SESIMBRA — Lopes, R. Candido dos Reis, 67 (tel. 229028)
SETÚBAL — Bocagiana— R. do Romeu (Tel 23425) * **Bairros** — B.º Santos Nicolau (Tel 23330)
SEIXAL — Godinho — L. da Igreja. 51 (Telefone 2218580)

PORTO

Ameal, Rua do Ameal, 441 (Tel 43550) * **Birra**, P da Liberdade, 25 (Telefone 20463) * **Costa Lima**, Av da Boavista, 855 (Tel 60606 * **Falcão**, R Santo Ildefonso 6 (Telefone 21566) * **Invicta**, R. do Bonfim, 330 (T 5'2'2) **Lapa**, R Antero de Quental 11 (Tel 40697) * **Martins Sucr.**, P Marquês de Pombal, 22 (T 40747) * **Ordem da Trindade**, R H e Mart de Ang (Telefone 27420) * **Ramos**, P. d Exército Libertador, 91 (Tel 64935) * **Santa Teresa**, P G Gomes Fernandes, 100 (Tel 35713) * **Torreira**, R da Reboleira, 21 (Tel 23576) * **Vaz Teixeira, Sucs.**, Rua do Heroísmo, 56 (Tel 52851) * **Vilarinho**, Rua da Vitorinha, 61 (T 682014) * **Nacional**, Rua Senhora da Luz, [illegible] (T. [illegible])

COIMBRA

Salum — Rua Carolina Michäelis (tel. 29120) * **Nazaré** — Rua Ferreira Borges (tel. 22605) * **Santa Isabel** — Avenida Sá da Bandeira (tel. 24916).

CARTAZ DOS CINEMAS

TIVOLI

(M. 12 anos) Tel. 50595

Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite

na tela gigante da Super Panavision

O sumptuoso filme Cor de Luxe

A CANÇÃO DA NORUEGA

com **Torlav Maurstad e Florence Henderson**

SÃO JORGE

(M 17 anos) Tel 54153

As 15 15 18 15 e 21 30

6.ª SEMANA DE UM INVULGAR EXITO!

O PATIFE

com Jean-Paul [illegible] Tognant

VOX

(Adultos) Tel 720808

Às 21 45

6.ª SEMANA TRIUNFAL!

com o excitante e discutido filme colorido de **André Cayatte**

OS CAMINHOS DE KATMANDOU

Sob o desempenho de **Pascale Andret, Serge Gainsbourg e Arlène Dahl**

Às 18 30 (M 6 anos)

A RAPARIGA DOS ALPES

Um belo filme em technicolor

(Junto à Av. de Roma)

CASINO ESTORIL

(M. 12 anos) Tel. 264821

O BALLET ROMEU E JULIETA

com **Margot Fonteyn, Rudolf Nureyev, David Blair, Desmond Lople e Julia Farrow**

LIDO

(M. 12 anos) Tel. 937593

O filme especialmente escolhido para a quadra da Páscoa

BEN-HUR

O mais espectacular filme de sempre no «écran»-gigante — 70 mm

Atenção: dada a grande metragem do filme este começa a ser projectado ás 21.10 h.

IMPERIAL

(M 12 anos) Tel. 45923

Às 21 h

O HOMEM ORQUESTRA

CHARADA INTERNACIONAL

MUNDIAL

(M. 12 anos) Tel. 538743

Às 18 30 e 21 45

2.ª SEMANA de enchentes!

Shirley MacLaine e Clint Eastwood numa espectacular aventura para não mais esquecer!

OS ABUTRES TÊM FOME

Um filme de mestre **Don Siegel**

Em Panavision e Technicolor

METRO Estação Picoas

ROMA

(M. 12 anos) Tel. 72778

ESTREIA — Às 21.45

UMA SÁTIRA AOS TEMPOS DOS CAVALEIROS ANDANTES

CAPITÃO BRANCALEONE

com **Vittorio Gassman e Catherine Spaak**

TECHNICOLOR

POLITEAMA

(M 12 anos) Tel 426305

15.15 e 18.15 (Pr red) e 21.30

ÚLTIMAS EXIBIÇÕES DE INTENSA EMOÇÃO E DE SENSAÇÃO ESPECTACULAR

AS RODAS DA LOUCURA

com **Darren McGavin, Sean Garrison, Susan Clark e Anne Baxter**

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel 327172

Às 15.15. 18.15 e 21.30

O melhor filme americano do ano!

Na linha de «Easy Rider»

Jack Nicholson e Karen Black

DESTINOS OPOSTOS

(Five Easy Pieces)

ALVALADE

(M 12 anos) Tel. 717480

Às 15.45 e 21.45

50% de acção + 50% de emoção

John Wayne em

RIO LOBO

Technicolor

Um filme de Howard Hawkes

RESTELO

(M. 12 anos) Tel. 610375

Às 21.30 h.

BARRABÁS

com **Anthony Quinn**

ODEON

(M. 6 anos) Tel. 326283

Às 15 15 e 18.15 (Pr. red)

2.ª SEMANA DE UM EXITO SEMPRE EXTRAORDINARIO

AS VIAGENS DE GULLIVER PARA ALÉM DA LUA

(Eastmancolor)

SÓ À NOITE, ÀS 21.30

(M. 17 anos)

Sara Montiel em 6.ª semana triunfal no filme

ESSA MULHER

MONUMENTAL

(M 12 anos) Tel 555131

Às 15 15 e 21 30

2.ª SEMANA

O talento e a voz

A presença e o charme de

Barbra Streisande e Yves Montand em

MELINDA

Realização de **Vicente Minnelli**

Technicolor — Panavision

QUINZENA SÉRIE NEGRA

Hoje — Adultos — 18.45 h.

O OFÍCIO DE MATAR

de **J. Pierre Melville**

com **Alain Delon e Nathalie Delon**

SATÉLITE

(Adultos) Tel 562632

7.ª SEMANA

Às 15.30. 18.30 e 21.45

Um filme de **Claude Soutet**

COISAS DA VIDA

Eastmancolor

Premio Louis Delluc

com **Michel Piccoli Romy Schneider e Lea Massari**

(Este cinema encontra-se situado no edifício do Monumental)

EUROPA

(M 6 anos) Tel. 661016

Às 15.15 e 21 30 h.

A maior obra-prima do Desenho Animado

Música — Alegria — Ternura

Um filme de Walt Disney

BAMBI

Technicolor

Versão portuguesa

CHIADO TERRASSE

(M 17 anos) Tel. 320917

Às 21 h

HISTÓRIA DE UMA FREIRA

EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320768

Às 15 15 18.30 e 21.45

50% de acção + 50% de emoção

John Wayne em

RIO LOBO

Um filme de **Howard Hawks**

Technicolor

ESTUDIO 444

(M. 12 anos) Tel. 779095

ESTREIA — Às 21.45

UM DOS PROCESSOS MAIS DRAMÁTICOS DA HISTÓRIA!

GALILEU

com **Cyril Cusack**

EASTMANCOLOR

CONDES

(Adultos) Tel 322523-326710

Às 14 15 16 30 18 45 e 21.45

2.ª SEMANA

DOMICILIO CONJUGAL

com **Jean Pierre Leaud e Claude Jade**

LUMIAR

(M. 12 anos) Tel. 79593

Às 21 horas

O SANTO EM ACÇAO

O TESOURO DOS ASTEGAS

BERNA

(M 12 anos) Tel 776098

Às 18 30 e 21 45 h.

3.ª SEMANA DE ÊXITO!

Peter O'Toole. Ava Gardner e Richard Harris

na espectacular superprodução de **Lino de Laurentiis**, realizada por mestre **John Huston**

A BIBLIA

Um filme de todos os tempos, agora em Panavision de 70 mm e technicolor

À Av. Marquês de Tomar

AVIS

(Adultos) Tel. 47163

Às 15.30 e 21.45

2.ª SEMANA

Divertida comedia sentimental!

com **Gianni Morandi**

QUEM SE METE COM RAPAZES...

Eastmancolor

LIZ

(M. 12 anos) Tel. 48560

Às 21 horas

MONT WALSH, UM HOMEM DIFICIL DE MORRER

UM INGÉNUO DIABOLICO

IMPÉRIO

(Adultos) Tels 555134/5

Às 15 e 21.30

3.ª SEMANA

A mais bela história de amor no ambiente escaldante da revolução

Segundo Boris Pasternack

Um filme de **David Lean**

«DOUTOR JIVAGO»

com **Omar Sharif — Geraldine Chaplin — Julie Christie**

70 mm — Metrocolor

ATENÇÃO O filme começa a ser exibido às 15 15 e às 21 30

ESTÚDIO

(Adultos) Tel 555134

5.ª SEMANA

Às 15 30 18 30 e 21.45

A obra-prima de **Jean Luc Godard**

«O ACOSSADO»

(A Bout de Souffle)

com **Jean Paul Belmond e Jean Seberg**

ROYAL

(M. 12 anos) Tel. 865037

Às 21 horas

O CÉREBRO

outros espectáculos

LISBOA

TEATROS

MONUMENTAL — Às 21 e 45 h.: «A Cozinha» (17 anos).
TRINDADE — Às 21 e 45: «O Duelo» (17 anos)
VARIEDADES — Às 21 e 45: «O Contrato» (17 anos)
A B C — Às 20 e 45 e ás 23 h: «Frangos na grelha» (17 anos)
VASCO SANTANA — Às 2 e 40: «A Cozinha» (17 anos)
CAPITÓLIO — Às 2 e 45: «A querida mamã» (17 anos)
MARIA MATOS — Às 2 e 45: «As Irmãzinhas» (17 anos)
VILLARET — Às 2 e 45. «Depois da queda» (17 anos)

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «Os Homens de Bonanza» (12 anos)
JARDIM — Às 21: «Gringo» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Os Hippies e os Gangsters» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: Serafino» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «A ira de Aquiles» (12 anos)
MOSCAVIDE — Às 21: «Cego desejo» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «O Homem perdido» (17 anos)

Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «O Vingador» (12 anos).
ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Rainha por mil dias» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «O Ballet Romeu e Julieta» (12 anos) PALÁCIO — Às 21 e 30: «Gata em telhado de zinco quente» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «A ira dos Deuses» (12 anos).

Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «7 homens e uma mulher» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: Missão no Árctico» (12 anos).

Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Flintstone, o agente 777 1/2» (6 anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 30: «Uma carreira sensacional» (17 anos).
BARREIRO — GINÁSIO — Às 21: «Selva mulheres e macacos» (17 anos)

PORTO

TEATROS

ANTÓNIO PEDRO — Às 21 e 45: «Bodas de Sangue» (17 anos).
SÁ DA BANDEIRA — Às 2 e 45: «E o Zé faz tudo!» (17 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 2 e 30: «A Bíblia» (12 anos
COLISEU—Às 2 e 30. «Tepepa» (17 anos)
RIVOLI — Às 2 e 30: «Antes morto que vivo!» (12 anos)
AGUIA DE OURO — Às 2 e 30: «O Sinal da Cruz» (12 anos).
JULIO DINIS — Às 2 e 30: «Liolà».
BATALHA—Às 2 e 30: «Bambi» (12 anos)
TRINDADE — Às 2 e 30: «Meninas» (12 anos)
ESTÚDIO — Às 2 e 30. «Uma mulher ma[illegible] anos.
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Django que digan!» e «Sete pistolas magnificas» (12 anos).
OLIMPIA — Às 2 e 30: «Nem sangue nem arena!» (12 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Ben-Hur» (12 anos)

COIMBRA

GIL VICENTE — Não há espectáculos hoje, amanhã e sexta-feira (No sábado, ás 17 30 e 21 30: «O grande Caruso», para todos as idades).
AVENIDA — Às 21 e 30: «Zita» (17 anos).
TIVOLI — Às 15 e 30 e ás 21.30: «Deixem-me viver!» (17 anos).

farmácias de serviço

LISBOA

ALCÂNTARA — Dilema, R Aliança Operária, 49-A (t 636610) ✲ **Costa,** Rua dos Lusíadas, 32 (telet 636704) ✲ **Vieira a Rosa,** Rua Prior do Crato. 74 (tel 660187)

ALTO DO PINA — Ibéria, Rua Barão de Sabrosa, 235-A (tel 728277)

ALVALADE — Aeroporto, Avenida Almirante Gago Coutinho, 101-D (á Avenida D Rodrigo da Cunha) (telef 722384) ✲ **Cabrita,** Campo Grande, 222 (tel 772397) ✲ **Sanex,** Avenida de Igreja, 31-C (telef 776905) ✲ **Rio de Janeiro,** Avenida Rio de Janeiro, 4-C (á Avenida Estados Unidos da América (tel 721409)

AMEIXOEIRA — S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (ás Galinheiras) (telef 790969)

ARCO DO CEGO—S Jorge, Avenida Rovisto Pais, 32-A (tel 534027)

AREEIRO—Algarve, Avenida de Roma. 7-B (tel 777478)

ARROIOS — Pancada, R Rebelo da Silva, 9 (telef 43340) ✲ **Castro,** Avenida Almirante Reis, (t 44373)

AVENIDA DA LIBERDADE — Liberal, Avenida da Liberdade, 219 (Tel 43641)

AVENIDAS NOVAS — Figueiras, Avenida Marquês de Tomar, 20 (tel 44995 ✲ **Cruz Nunes,** Praça Duque de Saldanha. 4 (tel 41845)

BAIRRO ALTO—Sanitas, Praça Luís de Camões 24 (tel 322798)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO—Ascenso, Rua 27. 4' (telefone 321216)

BAIXA — Silva Carvalho, R dos Fanqueiros 26 (tel 326575)

BELÉM—Bom Sucesso, R Bartolomeu Dias. 63-A (telefone) 611454)

BENFICA — Santa Cruz, Av Gomes Pereira. 34-A (telef 704828)

CAMÕES — Sanitas, Praça Luís de Camões. 24 (tel 322798)

CAMPOLIDE — Oliveira, Rua de Campolide 54-A (tel 684424)

CAMPO DE OURIQUE — Elma, Rua D Maria Pia, 358-A (tel 686176) ✲ **Urbano de Freitas,** Rua Silva Carvalho, 19 (tel 662838) ✲ **Tagus,** Praceta da Rua Possidónio da Silva, 162-A (telefone 669485) ✲ **Pinheiro,** Rua ae Campolide, 13 (te 686640)

CARNIDE — Ribeiro, Estrada da Luz. 199-A (tel. 780969)

JANELAS VERDES — Reis Garrido, R das Janelas Verdes, 90 (tel 662327)

LAPA — Mota Capitão, R de S Félix 45-A (telefone 660120)

LUMIAR — Central, R do Lumiar 77 (telefone 790480)

MARQUES DE POMBAL — Liberal Avenida da Liberdade 2 9 (tel 43641)

MOURARIA — Silva, Calçada de Santo André. 6 (telef 862074)

OLIVAIS — Antunes Rosas, Praça da Cidade do Luso, lote 99 (Olivais-Sul) (telef 313610) **Central dos Olivais,** Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (Olivais - Norte) (telefone 315539)

PENHA DE FRANÇA — Bastos, Rua Morais Soares, 91-F (telef 884350) **Branquinho** Rua de Sapadores. 87 (telef 842725)

PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascimento Costa. 6-A (telefones 720703-728395)

RATO — Vicente de Jesus, Largo do Rato 3-C (telef 681947)

RESTELO — Belém, Rua Tristão Vaz, 0-A (á encosta do Restelo) (telefone 612248

SANTO AMARO — Gomes. Rua da Junqueira, 326 (telef 638193)

S. BENTO — Fénix, R da Cruz dos Poiais, 52 (telef 678531)

S. MIGUEL — S. Miguel, Praça Francisco de Morais. 1 (telef 77 469)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — Novais, Avenida Luis Bivar. 1 (telefone 44324)

SETE RIOS — Curie. Avenida Madame Curie, 5-A (telef 778439) **Laranjeiras,** Rua Filipe da Mata 60 (telef 761035)

SOCORRO — Silmar, Rua de S Lázaro. 128 (telefone 42829)

XABREGAS — Conceição, Calçada de D Gastão 30 (telef 381275)

Linha de Cascais

ALGÉS — Miraflores — R. António Granjo, 2 (Tel. 213161)

CAXIAS — Nova — R. Bernardim Ribeiro, 1-A — (tel 242839)

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R Costa Pinto, 86 (Tel 2432024)

OEIRAS — Godinho, Rua Candido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)

PAREDE — Alzir, Bairro das Caixas de Previdência, Bloco A (tel. 2742948)

ESTORIL — S. João, S João do Estoril (T 261186)

MONTE ESTORIL — Ostende, Rua de Espinho, 1 (Tel. 26039).

CASCAIS — Cordeiro — Av Comb G Guerra, 40, (tel 280 70) ✲ **Nova,** Est de Alvide — Fontainhas. (tel 28 044)

S PEDRO DO ESTORIL — S. Pedro (tel. 263052)

Linha de Sintra

AMADORA — Cavaco, R Elias Garcia 209 (telefone 9300 9) ✲ **Flama,** R Elias Garcia, 78-B telefone 932485) ✲ **Confiança,** Av D Nuno Alvares Pereira. 5-A tel 938 49)

DAMAIA — Damaia — P Alexandre Gusmão, 9 (Tel 970523)

QUELUZ — Zeller, Rua Republica, 8 (Tel 950045) ✲ **Correia** L do Mercado. 3 (Tel 95 905)

CACÉM — Garcia — Av. dos Missionários, 2 (Telef 2942181)

MEM MARTINS — Quimia — Est Mem Martins, 285 (Te 2910012)

S PEDRO DE SINTRA — — Valentim (Tel 9804561)

SINTRA — Misericórdia — L Dr Gregório de Almeida, 2 (tel 980391).

COLARES — Colares — Azoreio (Te 299088

Outra banda

ALCOCHETE — Nunes, L Coronel Ramos da Costa 0 (Te 234 37)

ALHOS VEDROS — Portugal — Av da Bela Rosa, 8 (Tel 224250)

ALMADA — Central — Rua de Olivença. 11 (Tel. 270504)

BAIXA DA BANHEIRA—Nova Fátima — Estrada Nacional, 221-B (telefone 224141)

BARREIRO — Normal— Av Alfredo da Silva. 116 (T 2273035)

COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso, P 5 de Outubro, 18 (T 270254)

MOITA — União Moitense — Av Dr Teófilo Braga (tel 239029).

MONTIJO — Giraldes, R Almirante Reis, 45 (Tel. 230008)

SESIMBRA — Lopes , R. Candido dos Reis, 67 (tel. 229028)

SETÚBAL — Bocagiana— R. do Romeu (Tel 23425) ✲ **Bairros — B.°** Santos Nicolau (Tel 23330)

SEIXAL — Godinho — L. da Igreja. 51 (Telefone 2218580)

PORTO

Ameal, Rua do Ameal, 221 (Tel 43510) ✲ **Birra,** P da Liberdade, 25 (Telefone 20463) ✲ **Costa Lima,** Av da Boavista, 855 (Te 60606 ✲ **Falcão,** R Santo Ildefonso 6 (Telefone 21566) ✲ **Invicta,** R. do [illegible], 330 (T 51212) **Lapa** R Antero de Quental 1 (Te 40697) ✲ **Ma[illegible] Sucr.,** P Marquês de Pombal, 22 (T 40747 ✲ **Ordem de Trindade,** R [illegible] e Mart de Ang (Telefone 27420 ✲ **Ramos,** P. do Exército Libertador, [illegible] (T 64935) ✲ **Santa Teresa,** P G Gomes Fernandes, 100 (Tel 357 3) ✲ **Terreiro,** R do Reboleiro 2 (Tel 23576) ✲ **Vaz Teixeira, Sucr.°,** Rua do Heroísmo, 56 (Tel 52851) ✲ **Vilarinho,** Rua do Vitorinho, 6 (T 682014) ✲ **Nacional,** Rua Senhora da Luz, 156-Foz (T. 680833)

COIMBRA

Solum — Rua Carolina Michäelis (tel. 23120) ✲ Nazaré — Rua Ferreira Borges (tel. 22605) ✲ Santa Isabel — Avenida Sá da Bandeira (tel. 24916).

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

ALMADA NEGREIROS

Efectua-se hoje à noite, num hotel da capital, integrada nas actividades do Rotary Clube de Lisboa-Norte, uma homenagem a Almada Negreiros, cujo aniversário de nascimento passa hoje.

o tempo

INFORMAÇAO DO SERVIÇO METEOROLOGICO

SITUAÇÃO GERAL ÁS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava muito nublado; chovia ou caam aguaceiros e o vento era fraco.
TEMPERATURAS DO AR ÁS 9 HORAS DE HOJE — Coimbra, 12°; Faro, 14°; Funchal, 12°; Lisboa, 10°; Portalegre, 15°; Porto, 12°.

PREVISAO GERAL ATE AS 24 HORAS DE AMANHA

Períodos de céu muito nublado; aguaceiros; vento fraco tornando-se moderado de Noroeste; possibilidade de trovoadas dispersas.

Amanhã
Nascer ás 7 e 13
Ocaso ás 20 e 6

Dia 10 Dia 18 Dia 25 Dia 2
MARÉS:
PREIA-MAR: **Hoje** — 2 e 33 (3,7 m) **Dia 8** — 3 e 07 33 (3,7 m); 14 e 57 (3,6). **Dia 8** — 3 e 07 (3,8 m); 15 e 30 (3,7 m). **Dia 9** — 3 e 41 (3,8 m); 15 e 59 (3,8 m);
BAIXA-MAR: **Hoje** — 8 e 13 (1,3 m); 20 e 20 (1,4 m). **Dia 8** — 8 e 34 (1,2 m); 20 e 44 (1,2 m) **Dia 9** — 9 (1,1 m); 21 e 13 (1,1 m).

O GUARDA FISCAL CHOCOU CONTRA UMA CAMIONETA

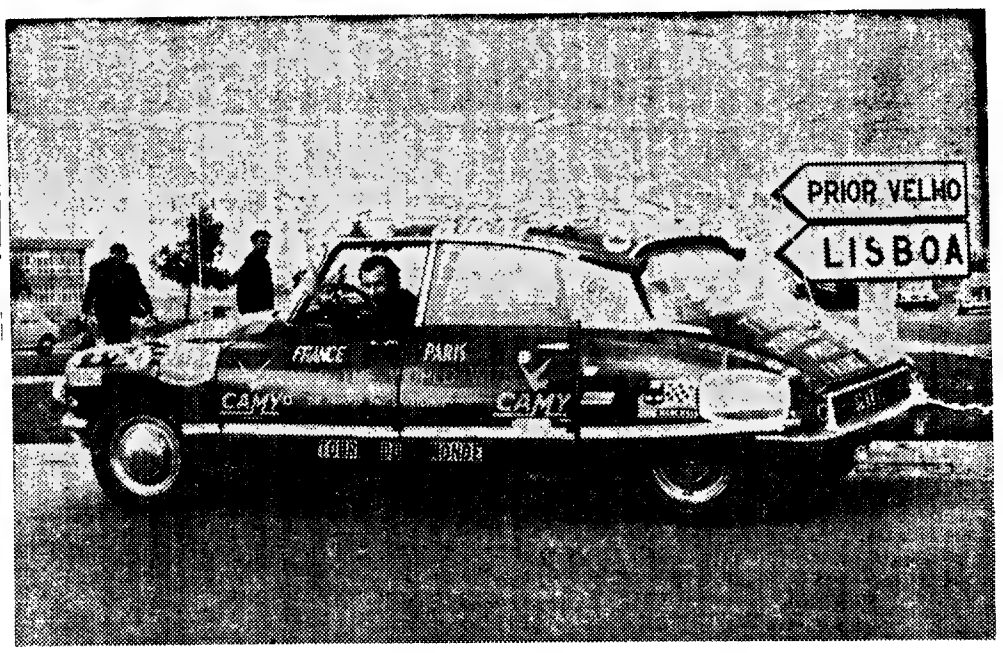
Um agente da Guarda Fiscal ficou ás portas da morte, enquanto a mulher e uma prima se encontram também gravemente feridas, devido ao violento choque do carro em que seguiam contra uma camioneta, ocorrido, esta manhã, no fatídico lugar da Venda das Raparigas.

O guarda fiscal, Fernando Santos Canejo, de 48 anos, que conduzia o veículo, viajava acompanhado de sua mulher, D. Antónia Nabais Canejo, de 42 anos, o filho do casal, José Fernando, de 16 anos, todos moradores na Rua Pinto Ferreira, 22, 3.º esq., em Lisboa, e uma prima, Ágora, de 25 anos, esta residente no Lar das Alunas da Escola de Enfermagem Artur Ravara.

Transportados ao Hospital de S. José, ficaram internados o condutor, a mulher e a prima, enquanto o jovem José Fernando foi para casa, depois de socorrido.

ANTIGENÉSICOS

O ministro da Saúde e Assistência publicou no «Diário do Governo» a tabela dos medicamentos e substancias medicamentosas tóxicas, estupefacientes ou outros que possam ser empregados como antigenésicos ou abortivos cuja venda ao público fique dependente de receita médica.



Chegou hoje a Lisboa o francês **Joel Brejot, que anda a dar a volta ao mundo, a qual iniciou no Luxemburgo em 20 de Dezembro de 1969. Viaja num «Citroen ID 19», de 1963, e o seu fim é bater quatro «records»: passar em todos os Estados do Mundo; quilometragem percorrida; dar a volta ao Mundo com um carro de oito anos e viajar sózinho num automóvel e sem peças sobressalentes**

a LIVRARIA SÁ DA COSTA EDITORA

comunica que encerra o seu estabelecimento na próxima quinta-feira dia 8, às 19 horas, reabrinndo na segunda-feira, dia 12

NÃO PEÇA QUEIJO PEÇA CASTELÕES
um queijo pasteurizado, amanteigado com tradições de qualidade

FÉRIAS DA PÁSCOA
Com conforto, tranquilidade e belas paisagens
BUÇACO — PALACE HOTEL
CARCAVELOS — HOTEL PRAIA-MAR
COIMBRA — HOTEL ASTÓRIA
LISBOA — HOTEL METRÓPOLE
SERVIÇOS ESPECIAIS
Informações e reservas:
nos Hotéis e nas Agências de Viagens

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
apresenta em
livros de bolso
as obras-primas da literatura nacional e universal em TEXTOS INTEGRAIS
15$
Sempre às terças-feiras de 15 em 15 dias
Tem tempo para ler cada volume
Com o primeiro volume oferecemos-lhe uma sobrecapa com a gravação do monograma da colecção
lb livros de bolso europa américa
à venda
esteiros de SOEIRO PEREIRA GOMES
O músico cego de VLADIMIRO KOROLENKO

REDUZIR O TEMPO DA ENTREGA É AUMENTAR O CAPITAL...
SÓMENTE HANOMAG HENSCHEL OFERECE UMA SOLUÇÃO RACIONAL QUE POUPA TEMPO E FADIGA. GRAÇAS AO ECONÓMICO MOTOR DIESEL E AMPLO ESPAÇO INTERIOR DOS SEUS NOVOS E RÁPIDOS FURGÕES
MILHARES DE HANOMAG HENSCHEL CIRCULAM EM MÃOS DE FELIZES CONDUTORES

mjra-113

HANOMAG HENSCHEL
A ESCOLHA MAIS ACERTADA!
A porta trazeira e lateral de grandes dimensões e a altura do estrado ao solo relativamente baixa facilitam extraordinàriamente a carga e descarga. É incrível o que levam estes furgões!... Existem várias versões: **Furgão com porta normal • Furgão com porta lateral de correr • Utilitárias • Autocarros • Chassis c/caixa aberta • Chassis c/caixa aberta cabine dupla.**
Impecável construção aliada à sua forma moderna tornam-no perfeitamente adaptado às vossas necessidades profissionais. Trabalho perfeito e seguro com um mínimo de despesa.
Consulte-nos sobre os novos modelos HANOMAG — HENSCHEL pelo nosso serviço "EXPRESSO" com os telefones 72 80 81/2/3/4 e 71 71 74/5/6/7. Enviaremos rapidamente proposta com inclusão de catálogos e características técnicas detalhadas.
HANOMAG HENSCHEL
REPRESENTANTES
IMPÉRIO DA BEIRA, AUTOMÓVEIS, S.A.R.L.
AVENIDA GUERRA JUNQUEIRO, 24-C • TELEFONE 72 80 81 • LISBOA-1

OS HOMENS QUE ELAS PREFEREM

Manhã de sol e chuva, flocos de Primavera, calçadas húmidas e sonoras, mais uma vez um renascer do vento no vento, uma leve I n c a n d escência nas ruas da Baixa, as máquinas fotográficas dos turistas reaparecendo, vultos parados, colmeias de ecos sob o ascensor de Santa Justa, rostos sardentos voltados para o azul do céu, seda leve a escorrer por centre a luta das nuvens. Luta, vida, poeira tornada em sangue,

Por URBANO TAVARES RODRIGUES

ou em hálito de esperança, no leito da ácida manhã de Abril.

Vêm como dançando, rua do Ouro abaixo, duas mocinhas de cabelos ainda molhados pelo aguaceiro, uma de «hot pants», a outra de «Kilt» atrevido e botas de pano sob o «maxi» aberto á frente e atrás por grandes rasgões indiscretos. Parece que falam do ultimo filme do Truffaut, se bem entendi duas frases que ficam suspensas naquela atmosfera quase roxa de imperceptíveis «confetti», mais visual do que táctil, mas também auditiva, mistério breve de frescura, de juventude ilimitada. Este fino, doce desabrochar de Abril!...

Da minha direita, da porta de alguma loja, irrompeu um homem de pouco menos de trinta anos, alto forte, bem parecido, típica beleza lusitana, não fora o metro oitenta que o assinala e muito escoroado, a b o t o a do, engravatado, penteado com laca, sapato bem lustroso, olho cintilante já a aguçar-se para o balanço de barco das ancas das meninas. E lá vai ele, todo envernizado e lampeiro, na cola das «teen agers», mirada cada vez mais gulosa, insolentemente correcta.

Como sigo na mesma direcção, sou eu a fechar a comitiva. Até que se dá a cena inesperada. As raparigas param, riem uma para a outra e para ele também:

— Então não querem ver que o «manequim» vem atrás de nós!

Expressão de pasmo e vergonha do homem «distinto», que por fim lá consegue resolver a situação difícil com um mal repre-

Cont. na pág. 2

a cama de água

Exclusivo «THE WASHINGTON POST-D. L.»

Por ROBERT WILLIAMS

WASHINGTON—É um brinquedo de **a d u l t o s**, uma mesa de jogo, um local de convívio e o ponto principal do quarto; é uma viagem através de um oceano, um jardim de plantas tentaculares, um esconderijo profundo. Para além de tudo isso, pode dar-lhes noites de sono reparador.

A cama de água está connosco, e, s e m d ú-vida, já alguém do seu círculo de amigos ouviu falar nela, e, numa destas noites de sábado, foi tema para uma conversa rápida e, depois, posta de lado, como algo de Hugh Hefner,

Trata-se de um grande colchão cheio de água, no qual se pode dormir confortàvelmente, e é suficientemente engraçada para alegrar o seu quarto. Acompanhando todas as formas do seu corpo, é para ele um apoio total.

Supõe-se que a ideia tenha já 60 anos, mas só recentemente foi posta em prática —na grande maioria dos casos entre os jovens, que não têm os preconceitos velhos de que uma cama não pode ser engraçada — e, em geral, na costa Oeste.

«Isto transforma o seu quarto em qualquer coisa de diferente», afirma Richard Hiteshaw, de 29 anos, que é director da «Novembre, Inc.», a companhia criada no passado Dezembro, para lançar estas camas nos mercados de Baltimore e de Washington.

«Esta cama serve para tudo: para brincar e para dormir.»

Na verdade, ela serve de brinquedo. No «stand» de exposição, em Baltimore, um grupo de quatro jovens veio ver a cama.

Rodearam-na imediatamente, e ràpidamente os

Cont. na pág. 2

a SUPLEMENTO SEMANAL DO DL **MULHER**

A CORRIDA AO «TRICOT»

Estes lindos vestidos, com aspectos de caros, foram na verdade feitos em casa, graças a pequenas máquinas de tricotar. Essas máquinas estão a tornar-se um grande negócio em Inglaterra, onde há já um milhão e meio de mulheres que as possuem e delas extraem resultados maravilhosos. Aqui apresentamos, por exemplo, duas fulgurantes saias, uma delas num brilhante tom de azul e outra num padrão de riscas, conseguido com restos de novelos já usados e uma faixa de suave «angorá».

OS HOMENS QUE ELAS PREFEREM

Manhã de sol e chuva, flocos de Primavera, calçadas húmidas e sonoras, mais uma vez um renascer do vento no vento, uma leve I n c a n d escência nas ruas da Baixa, as máquinas fotográficas dos turistas reaparecendo, vultos parados, colmeias de ecos sob o ascensor de Santa Justa, rostos sardentos voltados para o azul do céu, seda leve a esco rer por centre a luta das nuvens. Luta, vida, poeira tornada em sangue, ou em hálito de esperança, no leito da ácida manhã de Abril.

Vêm como dançando, rua do Ouro abaixo, duas mocinhas de cabelos ainda molhados pelo aguaceiro, uma de «hot pants», a outra de «Kilt» alrevido e botas de pano sob o «maxi» aberto á frente e atrás por grandes rasgões indiscretos. Parece que falam do ultimo filme do Truifaut, se bem entendi duas frases que ficam suspensas naquela atmosfera quase roxa de imperceptíveis «confetti», mais visual do que táctil, mas também auditiva, mistério breve de frescura, de juventude ilimitada. Este lino, doce desabrochar de Abril!...

Da minha direita, da porta de alguma loja, irrompeu um homem de pouco menos de trinta anos, alto forte, bem parecido, típica beleza lusitana, não fora o metro oitenta que o assinala e muito escoroado, a b o t o a do, engravatado, penteado com laca, sapato bem lustroso, olho cintilante já a aguçar-se para o balanço de barco das ancas das meninas. E lá vai ele, todo envernizado e lampeiro, na cola das «teen agers», mirada cada vez mais gulosa, insolentemente correcta.

Como sigo na mesma direcção, sou eu a fechar a comitiva. Até que se dá a cena inesperada. As raparigas param, riem uma para a outra e para ele também:

— Então não querem ver que o «manequim» vem atrás de nós!

Expressão de pasmo e vergonha do homem «distinto», que por fim lá consegue resolver a situação difícil com um mal repre-

Cont. na pág. 2

Por URBANO TAVARES RODRIGUES

a cama de água

Exclusivo «THE WASHINGTON POST-D. L.»

Por ROBERT WILLIAMS

WASHINGTON—É um brinquedo de **a d u l t o s**, uma mesa de jogo, um local de convívio e o ponto principal do quarto; é uma viagem através de um oceano, um jardim de plantas tentaculares, um esconderijo profundo. Para além de tudo isso, pode dar-lhes noites de sono reparador.

A cama de água está connosco, e, s e m d ú vida, já alguém do seu círculo de amigos ouviu falar nela, e, numa destas noites de sábado, foi tema para uma conversa rápida e, depois, posta de lado, como algo de Hugh Hefner.

Trata-se de um grande colchão cheio de água, no qual se pode dormir confortàvelmente, e é suficientemente engraçada para alegrar o seu quarto. Acompanhando todas as formas do seu corpo, é para ele um apoio total.

Supõe-se que a ideia tenha já 60 anos, mas só recentemente foi posta em prática —na grande maioria dos casos entre os jovens, que não têm os preconceitos velhos de que uma cama não pode ser engraçada — e, em geral, na costa Oeste.

«Isto transforma o seu quarto em qualquer coisa de diferente», afirma Richard Hiteshaw, de 29 anos, que é director da «Novembre, Inc.», a companhia criada no passado Dezembro, para lançar estas camas nos mercados de Baltimore e de Washington.

«Esta cama serve para tudo: para brincar e para dormir.»

Na verdade, ela serve de brinquedo. No «stand» de exposição, em Baltimore, um grupo de quatro jovens veio ver a cama.

Rodearam-na imediatamente, e ràpidamente os

Cont. na pág. 2

SUPLEMENTO SEMANAL DO DL

a MULHER

A CORRIDA AO «TRICOT»

Estes lindos vestidos, com aspectos de caros, foram na verdade feitos em casa, graças a pequenas máquinas de tricotar. Essas máquinas estão a tornar-se um grande negócio em Inglaterra, onde há já um milhão e meio de mulheres que as possuem e delas extraem resultados maravilhosos. Aqui apresentamos, por exemplo, duas fulgurantes saias, uma delas num brilhante tom de azul e outra num padrão de riscas, conseguido com restos de novelos já usados e uma faixa de suave «angorá».

DIÁRIO DE UMA DONA DE CASA

DOMINGO

Jóias de Gordillo. Jóias de arte. Jóias cujo valor não está no peso do ouro nem no tamanho ou na limpidez dos brilhantes, das esmeraldas. O metal usado por este artista excepcional é a modesta prata; as pedras são todas elas semipreciosas. O valor destas jóias, agora expostas em Lisboa, é-lhes conferido pela arte incomparável do seu autor. E que beleza, as jóias modernas de Gordillo! Elas sugerem-nos, ao mesmo tempo, as profundidades marinhas e as máquinas feitas pelo homem. Cobres pesados, pulseiras, anéis. Nas jóias tradicionais o metal serve sempre de escrínio à pedra preciosa. Aqui, o primeiro lugar é dado ao metal, minuciosamente trabalhado, às vezes franzido como uma alga, e a pedra surge ocasionalmente, espreitando, simples enfeite de uma ou outra peça.

Uma exposição que vale a pena visitar.

SEGUNDA

O «chauffeur» do táxi que hoje tomei, era muito atencioso e bem educado. Quando passa uma mulher a guiar, alguns motoristas costumam referir-se-lhe — até pode ser só através de risos e exclamações — de um modo desagradável. O «chauffeur» de hoje não. Quando o outro carro, guiado por uma mulher, passou, calmamente, na sua mão, não havia nada a dizer, pensei eu (pensei mal), disse logo diminuindo a velocidade:

— Faço sempre isto Para me afastar. É que ando há trinta anos na praça e sei como as senhoras guiam mal. Quanto mais longe delas melhor

Ainda pensei perguntar-lhe de que passado remoto lhe vinha o complexo, mas desisti. E depois, quem sabe se aquilo não o tornava feliz.

Tornava. Até ao fim do percurso contou-me histórias tenebrosas de trânsito em que as «senhoras» ao volante eram culpadas de muitos e desvairados desastres.

Dos homens não falou.

TERÇA

Aqui há tempos encontrei numa peça, «La Petite Hutte», de um dramaturgo menor francês, Roussin, o da «Querida Mamã», um náufrago que descobre, na sua ilha deserta, um óptimo sabão para a barba Esmaga uma ostra na cara e é só passar a navalha. Porque ele encontrara uma navalha por ali perdida na sua ilha deserta.

Hoje, ao ler o jornal encontrei a ostra já não adoptada como sabão, à falta de melhor, mas utilizada como produto de beleza a alto nível. O creme de ostras foi lançado por Madame Miller, que, quando as ostras começam a faltar em França, as manda vir de propósito da Austrália, por avião. O que mostra, entre outras coisas, que o produto deve ser — pelo menos por enquanto — bastante caro. Mas, graças às ostras ou não, Madame Miller, que tem 50 anos, aparenta 35.

QUARTA

Sob o título aliciante (ah, estes adjectivos televisivos!) de «Cemitério em arranha-céus», leio hoje que um americano engenhoso se propõe construir (só está à espera de autorização) um cemitério em prédio de quinze andares a ser edificado numa sua propriedade.

Neste tempo de propriedade horizontal, de assoalhadas com divisões enormes, grandes, pequenas e exíguas (conforme a bolsa do inquilino e o cofre do senhorio), de apartamentos, suites, quartos alugados, etc., somos levados a pensar no que se passará nesse estranho futuro prédio. Haverá pois suites? Apartamentos? Andares para famílias numerosas? Quantos alugados a pessoas sós (sossegadas é escusado acrescentar, **helàs**), quartos com sol e sem ele?

E os novos inquilinos pagarão a pronto ou em mensalidades? Ficará a casa — apartamento — quando paga ao fim de uns tantos anos?

Este americano sabe-a toda. Vai ter inquilinos que não exigem reparações nem se insurgem contra qualquer prepotência da sua parte

QUINTA

Encontro-os desesperadamente sós vendo televisão em família. Reunidos mas de olhar fixo. Juntos os corpos naquela sala que foi de convívio, que é de espectáculos agora. Vazios, despejados, por assim dizer, de tudo o que são, de súbito sem amor, sem amizade, sem possibilidade de comunicar. Corpos sem alma. Sós. Espectadores, mais nada. Só através do filme que estão vendo, podem aproximar-se. Lá. No país onde aquilo não está a acontecer. Talvez depois comentem a história, talvez não. O filme acaba e ei-los de repente, sem preparação, no mundo de todos os dias. E o pai diz aos filhos que são horas de se deitarem, e a mulher pergunta ao marido se nunca mais falou com o patrão por causa do aumento. É assim se aproximam, afastando-se por vezes. Ei-los nos antípodas.

Acabo de ler um livro fascinante embora desolador. Um livro que nos fala do Homem, sem contemplações, a frio, objectivamente. Não haverá então nenhuma saída neste mundo de loucos? Seremos, de facto, o médico e o monstro, o amante da vida e o suicida, o assassino e a vítima, e tudo será assim até por não poder ser de outro modo? Um livro para quem gosta de perceber o mundo em que vive. Chama-se «O Macaco Louco» (nada a ver com o «Macaco Nu») e é da autoria de um grande cientista que foi Prémio Nobel e descobridor do ácido ascórbico, vulgo vitamina C· Albert Szent-Györgyi «O Macaco Louco» é um livro de fácil leitura que se começa a ler e não se larga até à última página.

SEXTA

Hoje, dois de Abril, celebra-se em todo o mundo civilizado o dia internacional da criança. A cooperativa Ludus inaugurou uma biblioteca infantil que estará à disposição dos jovens leitores, aos sábados, das 16 às 19 horas. A Ludus fica na Rua Gonçalves Viana, 16, rés-do-chão (ao Jardim Zoológico). Como cremos que em Portugal não aconteceu neste dia mais nada a assinalar, no que diz respeito à criança — não queremos passar em branco esta atitude a todos os títulos apreciável da Ludus. É pouco mas sempre é alguma coisa.

SABADO

— Quando o conheci estava no escritório, mas ele depois de casarmos não quis que eu trabalhasse para os outros (só para ele, pensei) e então fiquei em casa. Não, não tive filhos. Se me aborreci? Bem, às vezes creio que sim, que me aborreci. Ao princípio parecia-me formidável não ir para o escritório, depois... bem, depois verifiquei que não era tão formidável como isso. 'Ele era muito exigente. A mãe cozinhava muito bem e ele queria que eu aprendesse com ela. Aprendi. Tinha de ir às compras, de lhe fazer pratos variados, de lhe trazer a roupa bem cuidada e a casa também, está claro. (Uma boa criada, enfim.) Claro que tudo isto estava certo. Durou... vejamos... trinta anos. Agora ele morreu e eu fiquei... sem nada. Era um homem que não pensava na morte, veja lá. (Ou que não pensava na vida, na dela?) Com a minha idade... Bom, perdi o treino da máquina. De resto, mesmo que não o tivesse perdido... Já leu os anúncios do jornal? Só querem raparigas e com boa apresentação. Por isso aqui estou. Sou costureira, a dias. Costureira de pontos, percebe a senhora. Às vezes, quando é preciso, vou dar uma ajuda na cozinha. Sempre acabei a trabalhar para os outros. Que .. vendo bem... trabalhei sempre para os outros, claro. Trabalhamos sempre para os ... não é verdade? ... ado ou sem ele Às vezes penso...

Despedi-me. Não valia a pena dizer me o que pensava.

EMÍLIA BRAVO

Os homens que elas preferem

(Continuação da 1.ª página)

sentado encolher de ombros, pretensamente desdenhoso. Meia volta, marche! E ei-lo a trepar para a Boa Hora, a fugir do escárneo adolescente

E elas? Pois bem, continuámos a fazer caminho juntos. E assim pude assistir ao seu choque todo gritado e pulado com os eleitos que as esperavam. ambos de bigode caído á Zapata. de cabelo pelos ombros. cinturão de pontas laiscantes. «jeans» arruçados. Mas a renda espumosa dos sorrisos ao reunirem-se, isso é que era belo (pobre manequim, onde las meter-te?!), tanto que me detive um minuto, a sorrir também. respirando luz, na pólvora seca daquele encontro!

«HOT-PANTS» EM DESFILE

Este «pini-pants» em algodão (á esquerda, na fotografia) oferece-lhe a última criação em retalhos feita pelo costureiro Chester Martin, duma casa londrina que expôs as suas colecções na Semana Internacional da Moda, em Munique, de 28 de Março a 1 de Abril. A casa britânica esteve representada por Vern Labert, chefe de vendas, que apresentou cerca de 40 fatos — vestidos para dia e noite, em algodão, bordado e veludo, assim como muitos modelos de passeio. Chester Martin exporta mais de 70 por cento da sua produção.

A tunica amarela «Sweetheart» (á direita), com uma frente fechada por cordões, usada sobre uns «shorts» vermelhos, é da colecção de Darren, que esteve exposta na Feira da Moda, em Copenhague, de 14 a 17 de Março, por John Stern, um dos directores do estabelecimento. Ele exporta mais de metade da sua produção para 33 países.

A cama de água

Cont. da pág. 1

quatro estavam a experimentá-la. «Oh, que maravilha» foi dito pelo menos umas 17 vezes.

«Estão a ver?», diz Hiteshaw. «Nunca ninguém se senta numa cama, numa loja de exposição; durante toda a vida lhes foi dito para o não fazerem»

«Mas esta tem de ser vendida como produto de acção. Devem aprender a brincar nela à vontade, a revolvê-la, a gostar dela. Dentro de um mês, um destes rapazes virá aqui comprar uma», afirma ele.

Nesta altura uma das raparigas dava saltos em cima da cama com as botas calçadas, como num trampolim, porque um amigo lhe dissera que a cama era pràticamente indestrutível.

Esta cama tem o nome de «Aqua Bed», e consta simplesmente dum colchão cheio de água, dentro de uma armação de madeira. Tem 1.65 m de largura e 2 m de comprimento, para medidas máximas, e Wayne Schneckenburger, um dos encarregados da promoção de vendas, diz-nos que as medidas foram determinadas através das «ondulações dinâmicas».

Segundo parece, se o comprimento da cama fosse muito pequeno, a ondulação seria pequena, agitada e brusca. Se for muito grande, as ondas seriam muito longas, e a cama não ficaria quieta até que se usassem vigas mestras.

O colchão é feito em «polyvinyl Chloride», com 1/20 de polegada de grossura, e leva cerca de 240 galões de água.

O tamanho médio leva 210 galões. Pode encher-se com uma mangueira que se liga ao lavatório ou à torneira da cozinha e, então, o conjunto completo — colchão, armação e base — pesará cerca de uma tonelada

«Você não deve ter medo de se deitar para dormir no segundo andar, e de acordar assustado, magoado e encharcado no primeiro andar. A cama, depois de cheia, exerce uma pressão de 50 libras sobre cada 33 cm2, que é consideràvelmente menor do que de muitos outros utensílios, como, por exemplo, os frigoríficos

A base e a armação (o modelo apresentado é de pinho pintado) tem 36 cm de altura, e é suportada, em baixo, por madeira prensada, que, por sua vez, fica a 16 cm da base feita em material semelhante a «Styrofoarm».

Você está a pensar no problema dos rasgões. Se furar a cama com faca, ela esvaziar-se-á, mas lentamente. Todo o interior da armação tem um forte revestimento em «Vinyl» de modo que, enquanto remendar o furo, o soalho e a carpete das escadas estarão a salvo. E o revestimento pode até aguentar com toda a água, se for caso disso.

A cama pode ser também equipada com água quente, que os modelos garantem com um rótulo dum laboratório. Sem a água quente, as noites de Inverno são possíveis com uma camada de borracha «Foram», entre a cama e o corpo, e isso, como diz Hiteshaw, evita qualquer relação desagradável que se estivesse a criar.

Eis outras coisas que podiam suscitar a sua curiosidade: você deverá usar produtos químicos quando a encher, ou então terá problemas com as algas; pode também meter lá ovos de Páscoa, e ter, então, uma cama colorida (nalguns pontos o «vinyl» é translúcido ou mesmo transparente); e, antes de fechar a válvula deve passar com uma vassoura pela cama, abrindo depois a válvula novamente para deixar sair o ar.

«Se não fizer isso, terá o barulho de chapinhar, durante toda a noite», diz-nos Hiteshaw.

Pode também misturar um bocado de óleo Wasson com a água e, quando a noite se tornar maçadora, divertir-se a fazer caça às bolhas.

Em frente com «Aqua Bed»: — um centro de «stereo», uma coberta de papel colorido, luzes de cores passando através da água e hologramas «lazer» desenhando imagens na água.

A cama, [illegible] incluindo a armação, o colchão, o revestimento, a madeira de pinho e o aquecimento custa à volta de 300 dólares. Para a base em «Styrofoam», que não é absolutamente necessária, acrescente-lhe 90 dólares. E o preço irá subir, se quiser armações especiais.

A cama é feita em Nova Yorque, pela «Aquarius Products, Inc.», que começou apenas há alguns meses atrás, e vende hoje uma média de 50 a 60 por semana.

O quarteto de Baltimore comprou a cama, tal como se passou com Schneckenburger, quando foi a Nova Iorque para tentar comprar uma. A que havia em Bloomingdales era demasiadamente cara para as suas posses

Gimbels não comprou nenhuma cama, por causa do problema do modelo que elas põem: uma vez vista, ninguém se contenta em comprar uma outra de mobiliário vulgar. Este género de apreciadores que não compram mereciam recompensa especial.

Então, Schneckenburger encontrou «Aquarius», comprou uma cama para os quatro rapazes que tinham começado em companhia, e voltou com um acordou em dois pontos: desenvolver a manufactura das bases em «Styrofaom» em Baltimore e começar com a promoção de «markting».

Schneckenburger, de 24 anos, trabalha para o serviço de Empregos do Estado, em Maryland. Hiteshaw, de 29, é um vendedor de seguros em «President Mutuals». Gerard Jaso, o terceiro camarada, acaba de concluir a sua licenciatura na Universidade de Baltimore. O quarto trabalhando também em seguros, para uma companhia que, tal como ele próprio escreve, não era favorèvelmente indicada para as suas actividades extra.

Panchito

A ORGANIZAÇÃO QUE PENSA NO SEU BEBÉ

Tem à disposição de todas as Mamãs um sortido completo de CARROS, CADEIRAS E ALCOFAS, CAMAS e uma gama completa de BRINQUEDOS nacionais e estrangeiros, nos seus estabelecimentos:

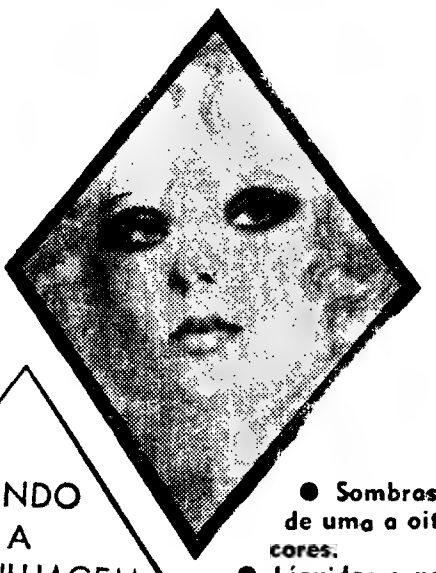
— Rua Barros Queiroz, 32 a 36 — Tel. 86 45 82
— Avenida Guerra Junqueiro, 19-B
— Estrada de Benfica, 251/254-A
— Rua da Assunção, 16/18
Estrada de Benfica, 162/A

e a sua associada na Rua da Prata, 194 — Tel. 322023

ACLAPIL

TRATAMENTO EFICIENTE DE
QUEDA DO CABELO • CASPA
SEBORREIA • CABELOS ANÉMICOS
PELO EMPREGO DE
EXTRACTO CONCENTRADO DE AMPOLAS
RESULTADOS ESPECTACULARES
A VENDA NAS MELHORES FARMÁCIAS E ARMAZENISTAS DE ESPECIALIDADES FARMACÊUTICAS
Peça folhetos a
LABORATÓRIO ACLAS
LISBOA — RUA ANDRADE, 4 — Telef. 83 83 65
PORTO — RUA PASSOS MANUEL, 64-2.º — Telef. 33109

jogue connosco...



TENDO A MAQUILHAGEM COMO TRIUNFO

• Sombras de uma a oito cores.
• Líquidas e naceradas.
• Uma maquilhagem que pode mergulhar na água do mar!
• Cerca de 100 modelos diferentes de pestanas postiças.
• «Mini-blushs», famosos cremes compactos para iluminar o rosto
• Todos os acessórios para a maquilhagem do rosto e das mãos.

Lyncée

NÃO HESITE... PROCURE:

Representação de:
M. L. SOUSA E SILVA, LDA.
Rua Damião Góis, 17 C — LISBOA

«HOT-PANTS» EM DESFILE

Este «pan-pants» em algodão (á esquerda, na fotografia) oferece-lhe a última criação em retalhos feita pelo costureiro Chester Martin, duma casa londrina que expôs as suas colecções na Semana Internacional da Moda, em Munique, de 28 de Março a 1 de Abril. A casa britânica esteve representada por Vern Labert, chefe de vendas, que apresentou cerca de 40 fatos — vestidos para dia e noite, em algodão, bordado e veludo, assim como muitos modelos de passeio. Chester Martin exporta mais de 70 por cento da sua produção.

A tunica amarela «Sweetheart» (á direita), com uma frente fechada por cordões, usada sobre uns «shorts» vermelhos, é da colecção de Darren, que esteve exposta na Feira da Moda, em Copenhague, de 14 a 17 de Março, por John Stern, um dos directores do estabelecimento. Ele exporta mais de metade da sua produção para 33 países.

A cama de água

Cont. da pág. 1

quatro estavam a experimentá-la. «Oh, que maravilha» foi dito pelo menos umas 17 vezes.

«Estão a ver?», diz Hiteshaw. «Nunca ninguém se senta numa cama, numa loja de exposição; durante toda a vida lhes foi dito para o não fazerem»

«Mas esta tem de ser vendida como produto de acção. Devem aprender a brincar nela à vontade, a revolvê-la, a gostar dela. Dentro de um mês, um destes rapazes virá aqui comprar uma», afirma ele.

Nesta altura uma das raparigas dava saltos em cima da cama com as botas calçadas, como num trampolim, porque um amigo lhe dissera que a cama era pràticamente indestrutível.

Esta cama tem o nome de «Aqua Bed», e consta simplesmente dum colchão cheio de água, dentro de uma armação de madeira. Tem 1.65 m de largura e 2 m de comprimento, para medidas máximas, e Wayne Schneckenburger, um dos encarregados da promoção de vendas, diz-nos que as medidas foram determinadas através das «ondulações dinâmicas».

Segundo parece, se o comprimento da cama fosse muito pequeno, a ondulação seria pequena, agitada e brusca. Se for muito grande, as ondas seriam muito longas, e a cama não ficaria quieta até que se usassem vigas mestras.

O colchão é feito em «polyvinyl Chloride», com 1/20 de polegada de grossura, e leva cerca de 240 galões de água

O tamanho médio leva 210 galões. Pode encher-se com uma mangueira que se liga ao lavatório ou à torneira da cozinha e, então, o conjunto completo — colchão, armação e base — pesará cerca de uma tonelada

«Você não deve ter medo de se deitar para dormir no segundo andar, e de acordar assustado, magoado e encharcado no primeiro andar. A cama depois de cheia, exerce uma pressão de 50 libras sobre cada 33 cm2, que é consideràvelmente menor do que de muitos outros utensílios, como, por exemplo, os frigoríficos

A base e a armação (o modelo apresentado é de pinho pintado) tem 36 cm de altura, e é suportada em baixo, por madeira prensada, que, por sua vez, fica a 16 cm da base feita em material semelhante a «Styrofoarm».

Você está a pensar no problema dos rasgões. Se furar a cama com faca ela esvaziar-se-á, mas lentamente. Todo o interior da armação tem um forte revestimento em «Vinyl» de modo que, enquanto remendar o furo, o soalho e a carpete das escadas estarão a salvo. E o revestimento pode até aguentar com toda a água, se for caso disso.

A cama pode ser também equipada com água quente, que os modelos garantem com um rótulo dum laboratório. Sem a água quente, as noites de Inverno são possíveis com uma camada de borracha «Foram», entre a cama e o corpo, e isso, como diz Hiteshaw, evita qualquer relação desagradável que se estivesse a criar

Eis outras coisas que podiam suscitar a sua curiosidade: você deverá usar produtos químicos quando a encher, ou então terá problemas com as algas; pode também meter lá ovos de Páscoa, e ter, então, uma cama colorida (nalguns pontos o «vinyl» é translúcido ou mesmo transparente); e, antes de fechar a válvula deve passar com uma vassoura pela cama, abrindo depois a válvula novamente para deixar sair o ar

«Se não fizer isso terá o barulho de chapinhar durante toda a noite», diz-nos Hiteshaw.

Pode também misturar um bocado de óleo Wasson com a água e, quando a noite se tornar maçadora, divertir-se a fazer caça às bolhas.

Em frente com «Aqua Bed»: — um centro de «stereo», uma coberta de papel colorido, luzes de cores passando através da água e hologramas «fazer» desenhando imagens na água.

A cama maior — incluindo a armação, o colchão, o revestimento a madeira de pinho e o aquecimento custa à volta de 300 dólares. Para a base em «Styrofoam», que não é absolutamente necessária, acrescente-lhe 60 dólares. E o preço irá subir, se quiser armações especiais.

A cama é feita em Nova Yorque, pela «Aquarius Products, Inc.», que começou apenas há alguns meses atrás, e vende hoje uma média de 50 a 60 por semana.

O quarteto de Baltimore comprou a cama, tal como se passou com Schneckenburger quando foi a Nova Iorque para tentar comprar uma. A que havia em Bloomingdales era demasiadamente cara para as suas posses

Gimbels não comprou nenhuma cama, por causa do problema do modelo que elas põem: uma vez vista, ninguém se contenta em comprar uma outra de mobiliário vulgar. Este género de apreciadores que não compram mereciam recompensa especial.

Então, Schneckenburger encontrou «Aquarius», comprou uma cama para os quatro rapazes que tinham começado em companhia, e voltou com um acordou em dois pontos: desenvolver a manufactura das bases em «Styrofaom» em Baltimore e começar com a promoção de «markting».

Schneckenburger, de 24 anos, trabalha para o serviço de Empregos do Estado, em Maryland. Hiteshaw, de 29, é um vendedor de seguros em «Provident Mutual». Gerald Jr., o terceiro camarada, acaba de concluir a sua licenciatura na Universidade de Baltimore. O quarto trabalhando também em seguros, para uma companhia que, tal como ele a descreve, não está favoràvelmente inclinada para as suas actividades extra.

Panchito

A ORGANIZAÇÃO QUE PENSA NO SEU BEBÉ

Tem à disposição de todas as Mamãs um sortido completo de CARROS, CADEIRAS E ALCOFAS, CAMAS e uma gama completa de BRINQUEDOS nacionais e estrangeiros, nos seus estabelecimentos:

— Rua Barros Queiroz, 32 a 36 — Tel. 86 45 82
— Avenida Guerra Junqueiro, 19-B
— Estrada de Benfica, 251/254-A
— Rua da Assunção, 16 18
Estrada [illegible] 152 A

e a sua associada na Rua da Prata, 194 — Tel. 322023

ACLAPIL

TRATAMENTO EFICIENTE DE
QUEDA DO CABELO ● CASPA
SEBORREIA ● CABELOS ANÉMICOS
PELO EMPREGO DE
EXTRACTO CONCENTRADO DE AMPOLAS
RESULTADOS ESPECTACULARES
A VENDA NAS MELHORES FARMÁCIAS E ARMAZENISTAS DE ESPECIALIDADES FARMACÊUTICAS
Peça folhetos a
LABORATÓRIO ACLAS
LISBOA — RUA ANDRADE, 4 — Telef. 83 83 65
PORTO — RUA PASSOS MANUEL, 64-2.º — Telef. 33109

jogue connosco...

TENDO A MAQUILHAGEM COMO TRIUNFO

● Sombras de uma a oito cores.
● Líquidas e nacaradas.
● Uma maquilhagem que pode mergulhar na água do mar!
● Cerca de 100 modelos diferentes de pestanas postiças.
● «Mini-blushs», famosos cremes compactos para iluminar o rosto
● Todos os acessórios para a maquilhagem do rosto e das mãos.

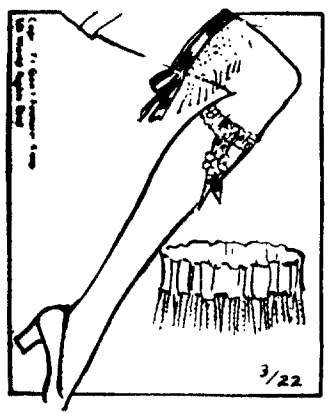
Lyncée

NÃO HESITE...
...PROCURE:

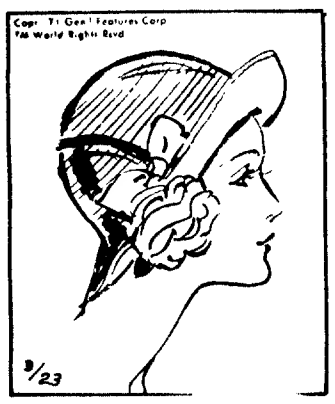
Representação de:
M. L. SOUSA E SILVA, LDA.
Rua Damião Góis, 17 C — LISBOA

horóscopo da moda

Este bonito vestido é feito em tecido com flores tropicais estampadas. Note-se o interessante do estilo, que se inspirou naquele que estava em voga na época de 1930.



A última moda graciosa está em usar ligas, formando conjunto com calções muito curtos. Podem colocar-se tanto acima como abaixo do joelho. E, se quiser, poderá enfeitá-las com franjas, flores ou com o que desejar.



Os novos estilos inspirados na década de 1940, exigem o uso de um chapéu reminiscente dessa época, pequeno, com a aba levantada à frente, e enfeitado, de preferência, por uma flor.

Este trajo pode fazer-se em algodão, é longo e lecha, em cima, no estilo duma túnica. Para além disso, é muito fresco.

Se quiser manter a sua pele fresca e juvenil, ponha-lhe uma mistura de simples creme e yogurt: deixe actuar durante meia hora, e depois lave-a com água fria. Outro bom produto para a cutis é o de uma massa de abacate maduro.

As flores de seda tornam-se cada vez mais populares: um cravo no cabelo, uma rosa sobre o peito, uma orquídea na orelha, são sugestões que, se quiser, poderá seguir...

CASA AFRICANA

PRONTO A VESTIR PARA HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS EM TODAS AS MEDIDAS

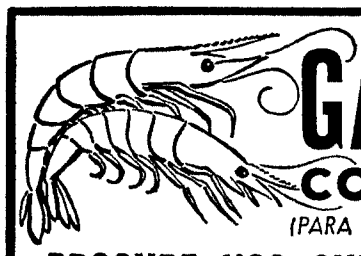
SECÇÕES DE:
Panos para lençol
Atoalhados
Lanifícios
Sedas
Algodões
Malas para senhora
Malhas
Lingerie
Bijouterie
Camisaria
Gravataria
Peles
Boutique de bebé

Mande executar na nossa casa o seu vestuário, em QUATRO DIAS!

Rua Augusta, 157 - 171
Telef. 324264/65 - PBX
LISBOA

Edifício do Cruzeiro
Telef. 261258
ESTORIL

R. Sá da Bandeira, 166
Telef. 22361 - PORTO



GAMBAS
CONGELADAS
(PARA COZER OU GRELHAR)
PROCURE NOS SUPER-MERCADOS CHARCUTERIAS E MERCEARIAS
VENDA AO PÚBLICO
EMBALAGENS A 17$50 E 33$00
DESCONTOS PARA REVENDEDORES
PEDIDOS À "GELMAR" TEL. 613301 (P.P.C.)

VIMOS PARA SI

Cultivemos a gratidão, amigas. Há tão poucas oportunidades para isso!... Na última croniqueta pedi a vossa colaboração para me dizerem onde se vendiam uns painéis autocolantes que eu tinha procurado em vão, perante o espanto das pessoas a quem falava no assunto e que não entendiam o que eu queria.

Com a vossa ajuda, já os localizei. Percebo agora a razão do espanto, porque esta novidade tem um pouco um ar de mágica. São quadrados de 30 por 30 centímetros, que se auto-adesivam em qualquer tipo de superfície e onde ficam agarrados os objectos que precisamos ter á mão. Para as pessoas meias tontas como eu, que nunca sabem onde põem as coisas, é remédio santo. Cada quadrado custa 70$00; se houver muita procura, esperemos que o preço baixe e que estes painéis se tornem objectos de uso comum, pois resolvem muitos problemas miudinhos: «Onde é que eu deixei a esferográfica? Onde está o carrinho de linhas brancas? E a fita métrica? etc., etc.

Na mesma casa onde, graças a vós, localizei os painéis (uso a primeira morada que me indicaram, já que dar a lista toda é enfadonho) — Papelaria Rijo, na Rua da Prata, 170 — vi umas lindas e garbosas penas de pássaro, do tamanho de um braço de homem, pintadas de azul, verde ou cinza. Têm uma curvatura muito elegante, terminam em esferográfica e custam 17$50. É um objecto perfeitamente inútil, até porque não há cargas para e esferográfica... Mas têm uma presença estética tão graciosa que comprei uma destas penas; estou a olhar para ela, colocada entre os dois telefones, e sinto-me muito satisfeita. Pode ser uma ideia para m presente de Páscoa.

MAIS SUGESTÕES PARA A PÁSCOA

— Uns saquinhos felpudos, do tamanho da palma da mão, com umas aplicações de feltro sugerindo o focinho de um gato ladino. Ao fim e ao cabo são «sachets» desodorizantes para o automóvel, armários ou roupeiros. Custam 40$00. Vistos em Pereira Leão, Rua da Prata, 225.

— Uma caixa de sabonetes italianos «marmorizados», isto é, em que a massa do sabonete se apresenta com o aspecto de mármore. É bom e bonito. A caixa tem seis sabonetes de vários tons e custa 87$50. Visto em Pires Tavares, Rua 1.º de Dezembro, 120.

— Na mesma perfumaria, umas ampulhetas austríacas baixinhas, em metal dourado cravejado de pérolas (falsas, claro) e muito bonitas. A ampulheta é um objecto obcecante: vê-se o tempo a escorrer por entre os dedos.

Se alguma vez tiver paciência de fazer colecções, começo pelas ampulhetas, uma presença incómoda na nossa frente, um objecto que atrai e repele simultâneamente. Estas deliciosas miniaturas, que contam só cinco minutos, custam 127$50.

— Para terminar a lista de sugestões de Páscoa, uma água de toilete chamada «Ô», da linha Lancôme. É um clássico da perfumaria metido dentro de uma embalagem com um dos melhores designos que já vi. Se o aroma pouco me diz, porque é excessivamente «bem-educado», o frasco encantou-me. O tamanho menor custa 110$00. Visto e «cheirado» também na Perfumaria Pires Tavares, onde as pessoas têm uma paciência descomunal para me atenderem. A páginas tantas, como já não tinha braços nem mãos para experimentar mais perfumes, até um cliente que estava ao lado serviu de cobaia, quando chegou á altura de experimentar colónias para homem. Cheirei portanto, neste ilustre desconhecido, a quem agradeço ter-me facultado o pulso, outro clássico, desta vez da linha Worth. Custa 165$00 e é, também, um aroma bem educado.

★

Por hoje é tudo. Com um grande abraço, os votos de uma Páscoa alegre e serena.

MARIA ADELAIDE

NOTÍCIAS DO MUNDO

— Foi editado na tranquila Suíça um livrinho vermelho dos estudantes, que os ensina a contestar (dentro da razão).

— Segundo o *Europeo* a mãe de Hussein da Jordânia, quando viaja pelo estranjeiro, é sempre seguida por dois camiões-cisterna. Razão: a rainha-mãe não bebe água que não seja do seu país, e também não se lava com qualquer outra água.

—A onda romantica não para. Agora é «Heron e Cláudia», história de amor em que contracenam dois jovens, herdeiros de grandes nomes. Ela é Angélica Houston (filha de John); ele, Assaf Dayan (filho do célebre Dayan de Israel).

—José Namachanja morreu no Kenya com 95 anos de idade. Deixou 50 mulheres, 215 filhos e 1260 netos.

O deputado conservador britanico John Fann sugeriu que o tabaco fosse proibido aos menores de 18 anos.

— Jackie continua a ser notícia. Ao mesmo tempo os jonais dizem que ela tem uma doença cancerosa e que se vai estrear no cinema como actriz. Onde está a verdade?

Jackie: que se passa?

CAFÉ PURO

CAFÉ CHAVE D'OURO — MAIS DE 50 ANOS AO SERVIÇO DO PÚBLICO — SERVE-SE A CHÁVENA E VENDE-SE A PÊSO EM TODO O PAÍS

O café preferido dos principais hotéis, restaurantes, pastelarias, «cafés» e outros estabelecimentos onde se consome o melhor.

O CAFÉ PURO
CHAVE D'OURO,
é o melhor,
evidentemente!

GRANDE CAMPANHA
DE
TROCAS

O SEU VELHO TELEVISOR VALE DE ... 1.500$00 a 5.000$00
O » » FRIGORÍFICO » » ... 1.000$00 a 5.000$00
O » » ESQUENTADOR » » ... 1.000$00 a 2.000$00

SE FIZER A SUA TROCA NA «JOVICA» A PRONTO OU EM MENSALIDADES SUAVES DESDE 100$00

SEM ENTRADA / FIADOR

JOVICA

LISBOA: Largo D. Estefânia, 12-C — Telefone 53 45 36
Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telefone 4 77 69
FILIAIS: CACÉM — SINTRA — CASCAIS — VENDA NOVA

Magra e saudável com
Bekunis
O caminho natural para uma boa saúde
Bekunis
Faz emagrecer naturalmente regularizando a digestão e a prisão de ventre
Bekunis
Chá-Drageias
Chá Instantâneo
À VENDA NAS FARMÁCIAS
ROHA-WERK, Bremen-Alemanha Ocidental
REPRESENTANTES PARA PORTUGAL
CRISMAR
Rua de Madalena, [illegible]

VIMOS PARA SI

Cultivemos a gratidão, amigas. Há tão poucas oportunidades para isso!... Na última croniqueta pedi a vossa colaboração para me dizerem onde se vendiam uns painéis autocolantes que eu tinha procurado em vão, perante o espanto das pessoas a quem falava no assunto e que não entendiam o que eu queria.

Com a vossa ajuda, já os localizei. Percebo agora a razão do espanto, porque esta novidade tem um pouco um ar de mágica. São quadrados de 30 por 30 centímetros, que se auto-adesivam em qualquer tipo de superfície e onde ficam agarrados os objectos que precisamos ter á mão. Para as pessoas meias tontas como eu, que nunca sabem onde pôem as coisas, é remédio santo. Cada quadrado custa 70$00; se houver muita procura, esperemos que o preço baixe e que estes painéis se tornem objectos de uso comum, pois resolvem muitos problemas miudinhos: «Onde é que eu deixei a esferográfica? Onde está o carrinho de linhas brancas? E a fita métrica?» etc., etc.

Na mesma casa onde, graças a vós, localizei os painéis (uso a primeira morada que me indicaram, já que dar a lista toda é enfadonho) — Papelaria Rijo, na Rua da Prata, 170 — vi umas lindas e garbosas penas de pássaro, do tamanho de um braço de homem, pintadas de azul, verde ou cinza. Têm uma curvatura muito elegante, terminam em esferográfica e custam 17$50. É um objecto perfeitamente inútil, até porque não há cargas para a esferográfica... Mas têm uma presença estética tão graciosa que comprei uma destas penas; estou a olhar para ela, colocada entre os dois telefones, e sinto-me muito satisfeita. Pode ser uma ideia para um presente de Páscoa.

MAIS SUGESTÕES PARA A PÁSCOA

— Uns saquinhos felpudos, do tamanho da palma da mão, com umas aplicações de feltro sugerindo o focinho de um gato ladino. Ao fim e ao cabo são «sachets» desodorizantes para o automóvel, armários ou roupeiros. Custam 40$00. Vistos em Pereira Leão, Rua da Prata, 225

— Uma caixa de sabonetes italianos «marmorizados», isto é, em que a massa do sabonete se apresenta com o aspecto de mármore. É bom e bonito. A caixa tem seis sabonetes de vários tons e custa 87$50. Visto em Pires Tavares, Rua 1.º de Dezembro, 120.

— Na mesma perfumaria, umas ampulhetas austríacas baixinhas, em metal dourado cravejado de pérolas (falsas, claro) e muito bonitas. A ampulheta é um objecto obcecante: vê-se o tempo a escorrer por entre os dedos.

Se alguma vez tiver paciência de fazer colecções começo pelas ampulhetas, uma presença incómoda na nossa frente, um objecto que atrai e repele simultâneamente. Estas deliciosas miniaturas, que contêm só cinco minutos, custam 127$50.

— Para terminar a lista de sugestões de Páscoa, uma água de toilete chamada «Ô», da linha Lancôme. É um clássico da perfumaria metido dentro de uma embalagem com um dos melhores designos que já vi. Se o aroma pouco me diz, porque é excessivamente «bem-educado», o frasco encantou-me. O tamanho menor custa 110$00. Visto e «cheirado» também na Perfumaria Pires Tavares, onde as pessoas têm uma paciência descomunal para me atenderem. A páginas tantas, como já não tinha braços nem mãos para experimentar mais perfumes, até um cliente que estava ao lado serviu de cobaia, quando chegou á altura de experimentar colónias para homem. Cheirei portanto, neste ilustre desconhecido, a quem agradeço ter-me facultado o pulso, outro clássico, desta vez da linha Worth. Custa 165$00 e é, também, um aroma bem educado.

★

Por hoje é tudo. Com um grande abraço, os votos de uma Páscoa alegre e serena.

MARIA ADELAIDE

NOTÍCIAS DO MUNDO

— Foi editado na tranquila Suíça um livrinho vermelho dos estudantes, que os ensina a contestar (dentro da razão).

— Segundo o *Europeo* a mãe de Hussein da Jordânia, quando viaja pelo estranjeiro, é sempre seguida por dois camiões-cisterna. Razão: a rainha-mãe não bebe água que não seja do seu país, e também não se lava com qualquer outra água.

— A onda romântica não para. Agora é «Heron e Cláudia», história de amor em que contracenam dois jovens, herdeiros de grandes nomes. Ela é Angélica Houston (filha de John); ele, Assaf Dayan (filho do célebre Dayan de Israel).

— José Namachanja morreu no Kenya com 95 anos de idade. Deixou 50 mulheres, 215 filhos e 260 netos.

O deputado conservador britanico John Fann sugeriu que o tabaco fosse proibido aos menores de 18 anos.

— Jackie continua a ser notícia. Ao mesmo tempo os jornais dizem que ela tem uma doença cancerosa e que se vai estrear no cinema como actriz. Onde está a verdade?

Jackie: que se passa?

CAFÉ PURO

CAFÉ CHAVE D'OURO — MAIS DE 50 ANOS AO SERVIÇO DO PÚBLICO — SERVE-SE À CHÁVENA E VENDE-SE A PÊSO EM TODO O PAÍS

O café preferido dos principais hotéis, restaurantes, pastelarias, «cafés» e outros estabelecimentos onde se consome o melhor.

O CAFÉ PURO
CHAVE D'OURO,
é o melhor,
evidentemente!

Magra e saudável com
Bekunis
O caminho natural para uma boa saúde
Bekunis
Faz emagrecer naturalmente regularizando a digestão e a prisão de ventre
Bekunis
Chá-Drágeias
Chá Instantâneo
À VENDA NAS FARMÁCIAS
ROHA-WERK - Bremen - Alemanha Ocidental
REPRESENTANTES PARA PORTUGAL
CREPAR
Rua da Madalena, [illegible] — LISBOA

GRANDE CAMPANHA DE TROCAS

O SEU VELHO TELEVISOR VALE DE ... 1.500$00 a 5.000$00
O » » FRIGORÍFICO » » ... 1.000$00 a 5.000$00
O » » ESQUENTADOR » » ... 1.000$00 a 2.000$00

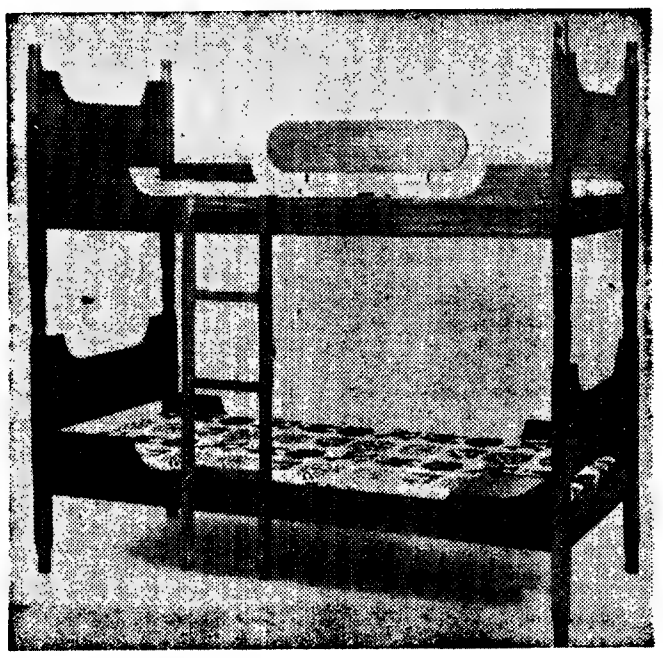
SE FIZER A SUA TROCA NA «JOVICA» A PRONTO OU EM MENSALIDADES SUAVES DESDE 100$00

SEM ENTRADA / FIADOR

JOVICA

LISBOA: Largo D. Estefânia, 12-C — Telefone 53 45 36
Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telefone 4 77 69
FILIAIS: CACÉM — SINTRA — CASCAIS — VENDA NOVA

SENA DA SILVA e o mobiliário escolar: «Apesar do nosso esforço, as peças apresentadas na exposição são ainda demasiado luxuosas se atendermos ao nível de remuneração dos professores e todas as outras carências de ensino».



A PALAVRA É «DESIGN» (2)

O «DESIGN» AO SERVIÇO DA CRIANÇA

«Os edifícios e mobiliários são as coisas menos importantes para as instituições de ensino e as lamentações generalizadas sobre a falta de instalações para escolas seriam mais justamente aplicadas à falta de grupos pedagógicos vivos.»

São palavras de Sena da Silva, arquitecto, especializado em «projectos de edificação de escolas e racionalização de equipamento».

Compartilhamos da opinião de Sena da Silva. Há coisas mais importantes do que os edifícios e mobiliários como sejam crianças sem escola, para quem design é palavra desconhecida. Mas para as crianças que beneficiam da civilização, o design aplicado ao mobiliário e equipamento escolar traz vantagens consideráveis.

No ensino infantil em que a actividade espontânea da criança é o jogo, impõem-se um equipamento simultaneamente utilitário e de diversão, obedecendo a um funcionalismo duplo e perservando o maior espaço possível para a livre movimentação da criança. **É o caso** da «cadeira para criança» em pinho envernizado, da qual existem dois modelos: o A (3 a 4 anos) e o B (4 a 6 anos) **Design** de Armando de Melo em 1967, foi produzido por Irmãos Rocha. Também para o ensino infantil a «mesa-cadeira» o material é pinho ou mogno. **Design** de Cruz de Carvalho em 1969, foi produzido por Interforma. O seu preço oscila entre 270$00 a 330$00 (se colorido).

Comentando estas duas peças, o arquitecto Sena da Silva disse-nos: — **Considero-as o equipamento básico para as zonas de convívio de miúdos pequenos. Além disto, libertam muito espaço e o espaço e a boa vontade são essenciais no desenvolvimento da criança. Quanto à dita «cadeira para criança» acho-a maravilhosa. Ao fim e ao cabo, não é uma cadeira, nem uma mesa, nem um carrinho, podendo ser isso tudo. Trata-se de um objecto utilizável, cheio de versatilidade. E é essa versatilidade que lhe dá o encanto.**

PARA OS MAIS CRESCIDOS

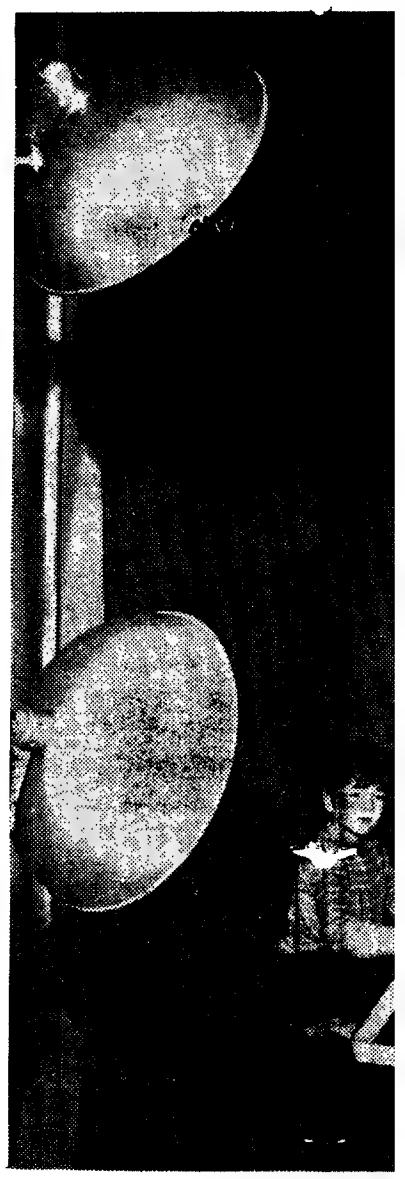
Para estes, a novidade fundametal é constituída por um conjunto individual cadeira-mesa, polivalente com tampo inclinável de 0° a 60°. Feito em contraplacado de faia e perfis de aço, o **Design** é do «atelier» de Sena da Silva. O tampo inclinável e a linha da cadeira permitem assegurar à criança uma posição simultaneamente correcta e agradável. A «**fobia escolar**» aparece muitas vezes devido a um conjunto de factores, aos quais não é estranho o mal estar físico. São frequentes as queixas de dores de cabeça durante o trabalho escolar, dores de costas e de rins. Um mobilário conduzido no sentido de racionalização tem importância pedagógica porque a criança não constrangida fìsicamente é uma criança atenta e de bom rendimento escolar.

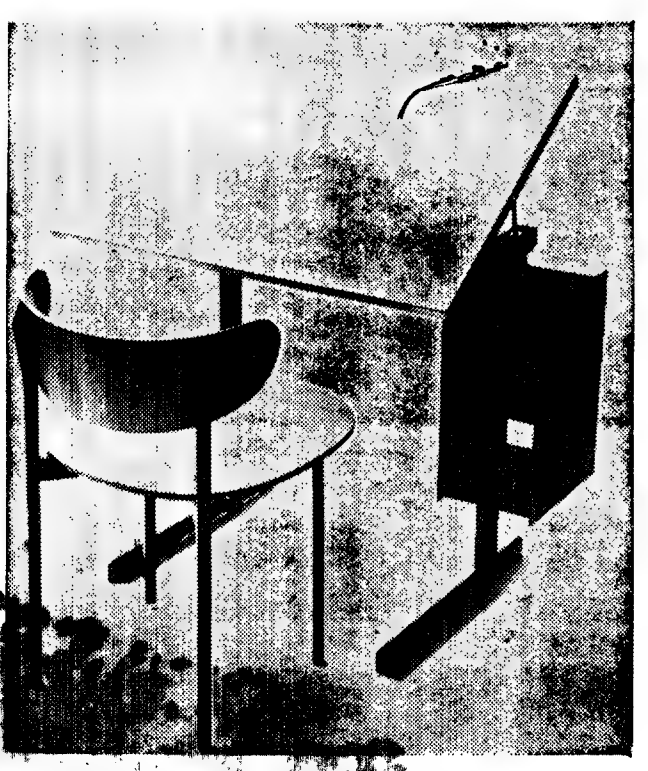
A única queixa de Sena da Silva em relação a este conj teria afirm esfor tada aind

P

O limit mas com cion quar

Al mob de aind mer





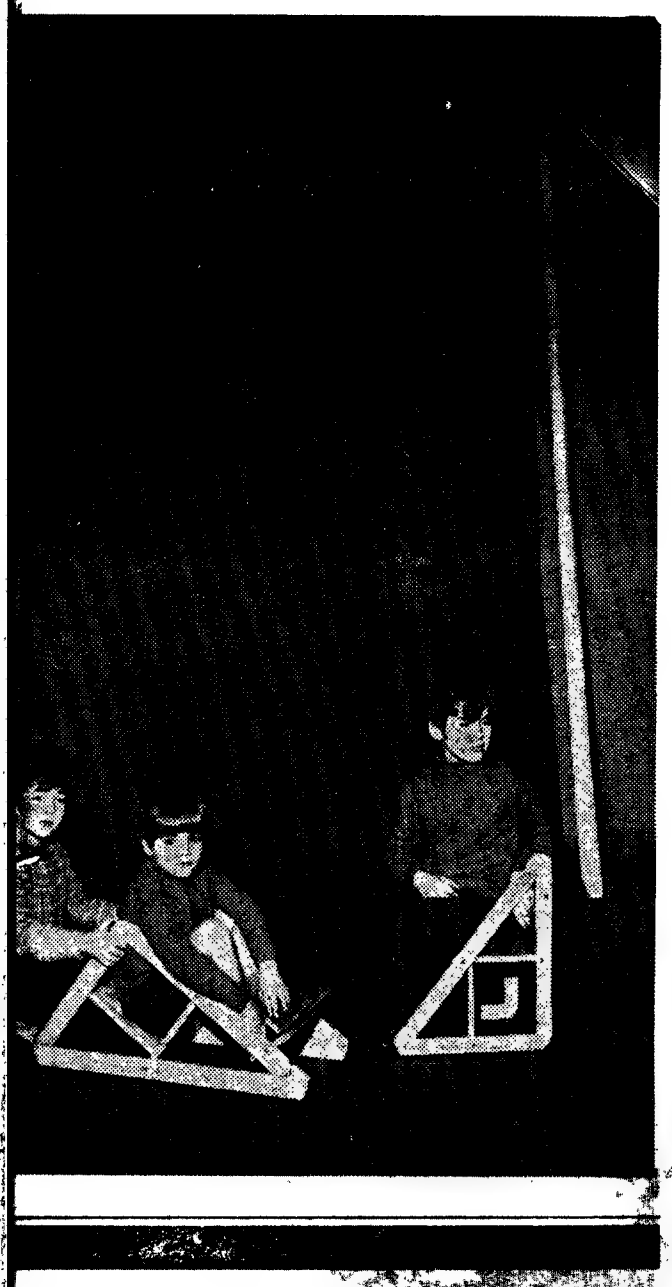
conjunto é de ordem material. Como ele próprio afirma: **«Apesar do nosso esforço, as peças apresentadas na exposição são ainda demasiado luxuosas.**

PARA O QUARTO DOS JOVENS

O tema é vasto e vamos limitar-nos a lançar algumas sugestões que podem com simplicidade, proporcionar um tom **Design** ao quarto dos seus filhos.

Além de um conjunto de mobiliário infantil, **Design** de Rogério Ribeiro que ainda não foi lançado no mercado, temos o beliche de pinho e metal em **Design** de Cruz de Carvalho em 1969. Produção de Interforma, variando os preços entre 2500$00 (pinho natural) a 3000$00 (colorido). Para acompanhar o beliche, vimos elementos componíveis em mogno ou faia, em **Design** de Cruz de Carvalho e produção de Interforma. Preço de 1345$00 a 3400$00.

Mas nestas coisas, o melhor é ser a leitora a fazer a escolha. Nós deixamos-lhes aqui algumas imagens que cremos elucidativas. Mas a última palavra **Design** cabe-lhe a si proferi-la.



modelos profissionais

quem são e o que pensam

FRIQUETTE

Friquette é belga nascida em Liège. Filha de um oficial do exército, viveu em Bruxelas, Congo Belga e Antuérpia. Aos 21 anos veio passar umas férias com uns primos, que viviam num país longínquo, Portugal.

Em Bruxelas chovia, aqui havia sol. O primo tornou-se o seu melhor amigo. Seis meses depois casavam-se e passou a viver em Portugal, onde reside há 14 anos. Hoje, habita em Caxias.

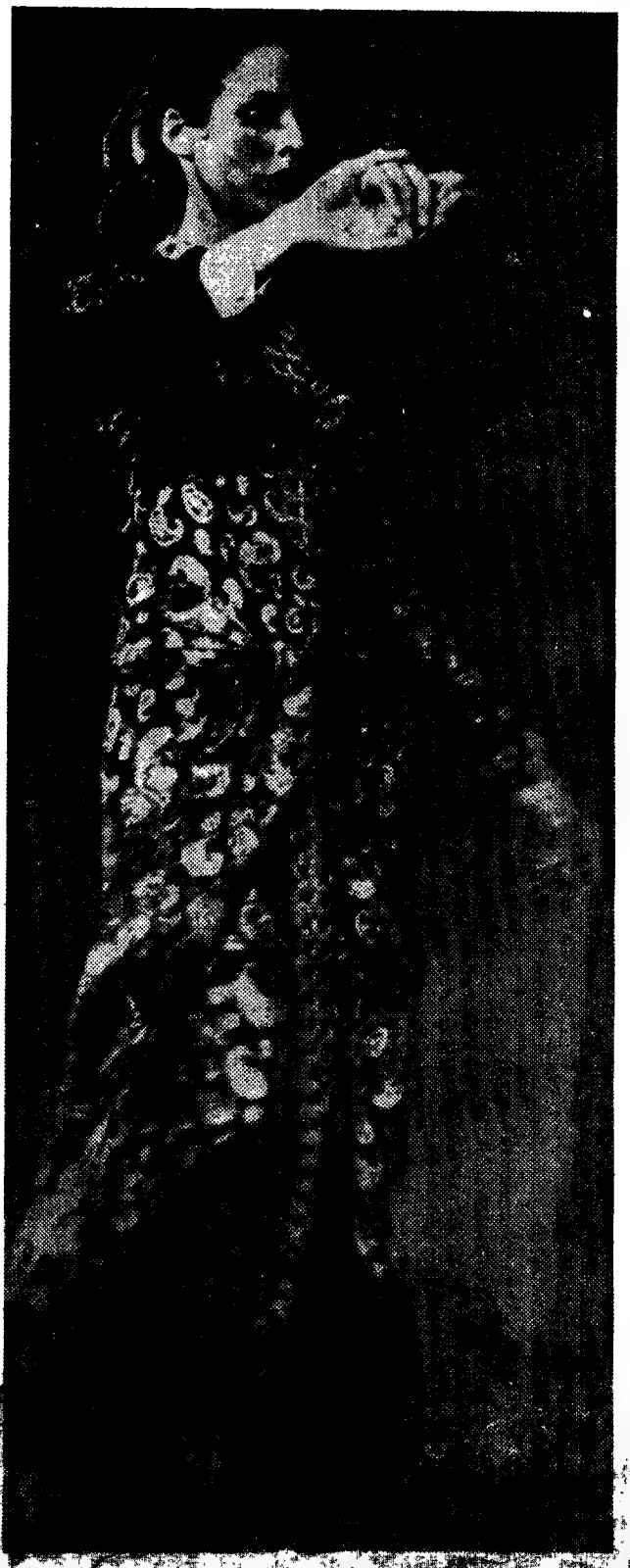
Faz pára-quedismo, não gostou de yoga, a esgrima tenta-a. Gosta da sua casa, da tranquilidade de ler um bom livro ou ouvir um bom disco, adora os passeios com os filhos, as conversas com a filha mais velha, amiga mulherzinha já.

FALTA DE SIMPLICIDADE DA MULHER PORTUGUESA

«Não consigo ter verdadeiras amigas portuguesas. Tento ser natural mas há sempre um ponto donde não se pode passar. Não sei se é uma falta de simplicidade. Há sempre o que as pessoas vão pensar. O que as pessoas vão dizer. Isto não se faz, porque vão pensar isto, vão pensar aquilo.»

DEMOCRATIZAÇÃO DA MODA

«A arte deve ser [illegible] todos. A arte deve estar em condições de ser para todos. É necessária uma democratização em todos os campos. A moda sofre os efeitos da arte. Nas formas, nos jogos de cor. A moda também tende para a democratização. Há um grupo mínimo que consegue comprar modelos únicos. O pronto-a-vestir está a trazer a arte dos grandes costureiros mundiais a todos os países do Mundo. É também aqui há internacionalização de gostos, intercâmbio mundial, mais compensação.»



HOMEM PORTUGUÊS

«O homem português adora ter no seu harém, disponível, a mulher. Quando fala, quando diz em voz alta, as mulheres têm de ouvir.»

PASSAGENS

«Adoro vestir o que nasce dos grandes costureiros nem que seja por um instante. Há uma grande emoção quando surge uma nova colecção. Não se sabe como vão as pessoas reagir.

Uma jovem, como modelo profissional, não pode viver. Só pode ser um **part-time.**»

SOMOS PRIVILEGIADOS

«Acima de tudo a família. Os filhos (três raparigas e um rapaz). O sol já nos torna melhores. A Bélgica é um país de chuva. Em Portugal, nisso, somos privilegiados.»

PÁRA-QUEDISMO

«Fiz pára-quedismo. Quis ter um **brevet.** Desci na Granja. O meu marido estava no chão à minha espera. «Nunca mais acabou.» Teve medo e [illegible]»

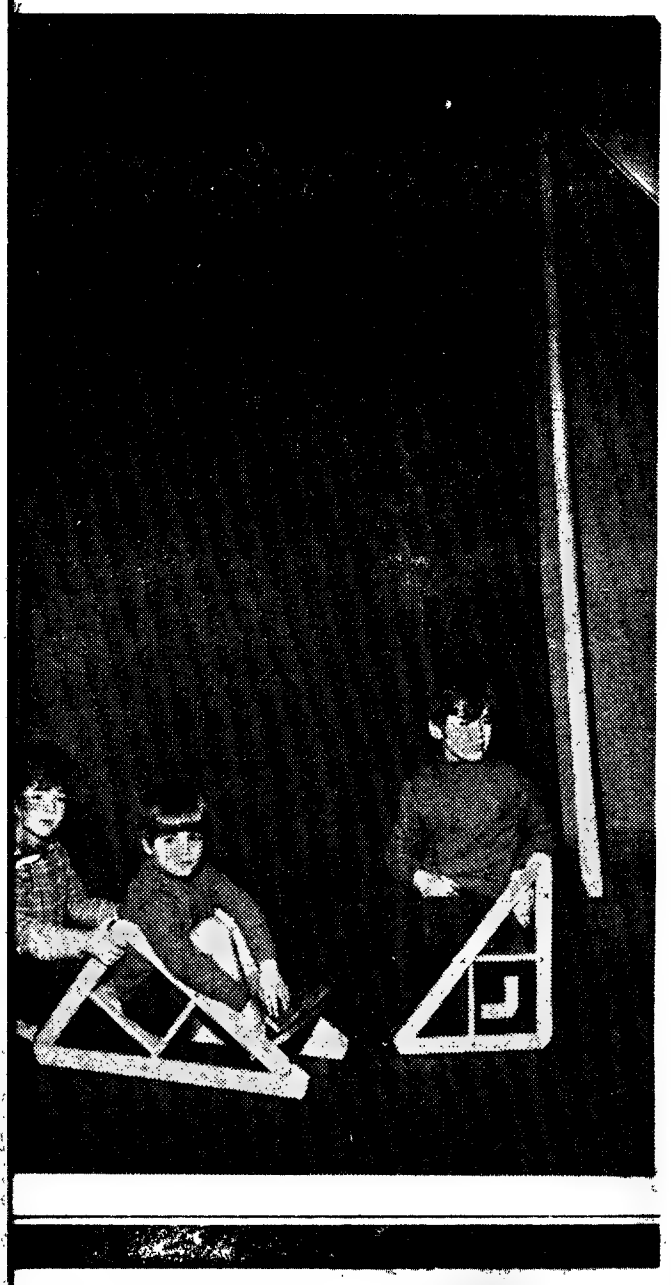
conjunto é de ordem material. Como ele próprio afirma: **«Apesar do nosso esforço, as peças apresentadas na exposição são ainda demasiado luxuosas.**

PARA O QUARTO DOS JOVENS

O tema é vasto e vamos limitar-nos a lançar algumas sugestões que podem com simplicidade, proporcionar um tom **Design** ao quarto dos seus filhos.

Além de um conjunto de mobiliário infantil, **Design** de Rogério Ribeiro que ainda não foi lançado no mercado, temos o beliche de pinho e metal em **Design** de Cruz de Carvalho em 1969. Produção de Interforma, variando os preços entre 2500$00 (pinho natural) a 3000$00 (colorido). Para acompanhar o beliche, vimos elementos componíveis em mogno ou faia, em **Design** de Cruz de Carvalho e produção de Interforma. Preço de 1345$00 a 3400$00.

Mas nestas coisas, o melhor é ser a leitora a fazer a escolha. Nós deixamos-lhes aqui algumas imagens que cremos elucidativas. Mas a última palavra **Design** cabe-lhe a si proferi-la.



modelos profissionais

quem são e o que pensam

FRIQUETTE

Friquette é belga nascida em Liège. Filha de um oficial do exército, viveu em Bruxelas, Congo Belga e Antuérpia. Aos 21 anos veio passar umas férias com uns primos, que viviam num país longínquo, Portugal.

Em Bruxelas chovia, aqui havia sol. O primo tornou-se o seu melhor amigo. Seis meses depois casavam-se e passou a viver em Portugal, onde reside há 14 anos. Hoje, habita em Caxias.

Faz pára-quedismo, não gostou de yoga, a esgrima tenta-a. Gosta da sua casa, da tranquilidade de ler um bom livro ou ouvir um bom disco, adora os passeios com os filhos, as conversas com a filha mais velha, amiga mulherzinha já.

FALTA DE SIMPLICIDADE DA MULHER PORTUGUESA

«Não consigo ter verdadeiras amigas portuguesas. Tento ser natural mas há sempre um ponto donde não se pode passar. Não sei se é uma falta de simplicidade. Há sempre o que as pessoas vão pensar. O que as pessoas vão dizer. Isto não se faz, porque vão pensar isto, vão pensar aquilo.»

DEMOCRATIZAÇÃO DA MODA

«A arte deve ser para todos. A arte deve estar em condições de ser para todos. É necessária uma democratização em todos os campos. A moda sofre os efeitos da arte. Nas formas, nos jogos de cor. A moda também tende para a democratização. Há um grupo mínimo que consegue comprar modelos únicos. O pronto-a-vestir está a trazer a arte dos grandes costureiros mundiais a todos os países do Mundo. É também aqui há internacionalização de gostos, intercâmbio mundial, mais compensação.»

HOMEM PORTUGUÊS

«O homem português adora ter no seu harém, disponível, a mulher. Quando fala, quando diz em voz alta, as mulheres têm de ouvir.»

PASSAGENS

«Adoro vestir o que nasce dos grandes costureiros nem que seja por um instante. Há uma grande emoção quando surge uma nova colecção. Não se sabe como vão as pessoas reagir.

Uma jovem, como modelo profissional, não pode viver. Só pode ser um **part-time.»**

SOMOS PRIVILEGIADOS

«Acima de tudo a família. Os filhos (três raparigas e um rapaz). O sol já nos torna melhores. A Bélgica é um país de chuva. Em Portugal, nisso, somos privilegiados.»

PÁRA-QUEDISMO

«Fiz pára-quedismo. Quis ter um **brevet.** Desci na Granja. O meu marido estava no chão à minha espera. «Nunca mais acabou.» Teve medo e eu tive pena.»

• TELEVISORES
• FRIGORÍFICOS
• MÁQUINAS LAVAR
• ESQUENTADORES
• ASPIRADORES
• FOGÕES

MUITO MAIS BARATO
PAGANDO A PRONTO

CASA M. L. FERREIRA

RUA DONA ESTEFÂNIA, 48-A (JUNTO AO LARGO) — LISBOA

Dão-lha GRÁTIS!

Peça o
"Cartão LACAFLEX"
Recorte 3 figuras
de 3 rótulos LACAFLEX
Depois, é só colá-las
e entregar na
sua loja habitual

Conforme o tamanho das figuras coladas
no seu "CARTÃO LACAFLEX"
assim a embalagem que
lhe será fornecida
— pequena, média ou grande.
(VÁLIDO APENAS NO CONTINEN

A qualidade — Souple, Normal ou para Cabelos Oleosos, é à sua escolha.
Aproveite imediatamente!
Para que os seus cabelos vivam sempre compostos, flexíveis, brilhantes...

LACAFLEX
sai com a escova...
ou com a
mão de um homem

Coper - Indústria de Perfumarias, S.A.R.L., Estrada de Benfica, 406-C LISBOA

ENTRE NÓS

A QUE NÃO FAZ NADA

— E a tua mãe, o que faz?

— Não faz nada, coitada. No tempo dela, não é? Do género dona de casa perfeita, compreendes?

A acompanhar as palavras um leve sorriso de comiseração. Coitada, coitada.

— A tua mulher, trabalha?

— Não. Não podia ser. Havia os pequenos e falta de dinheiro para ter uma criada capaz, que tomasse conta deles.

Frases destas ouvimo-las sem dúvida muitas vezes. Acontece mesmo que na mesma frase ou em frases que se seguem diz-se que ela não trabalha e subentende-se que foi a vida inteira uma criada para todo o serviço, sem ordenado, sem férias pagas ou até por pagar, sem possibilidade de mudar de ambiente, nem ás vezes, tantas vezes, uma palavra de agradecimento. A mulher porque é mulher, a mãe porque é mãe, têm a obrigação de servir a família. Este é, pelo menos, o critério dessa mesma família. Nem sempre, claro. Muitas vezes em todo o caso.

Fala-se muito hoje, e ainda bem, da emancipação da mulher. A palavra «emancipação» é chocante mas necessária. Porque é mesmo de emancipação que se trata. Da mesma emancipação que torna adultos os jovens de vinte e um anos. A mulher, portanto, ainda não é considerada adulta e tem que lutar pela emancipação. Mas adiante. Muitos jovens defendem com entusiasmo e [illegible].

Se os seus movimentos durante um dia inteiro pudessem ser filmados e depois vistos aceleradamente, ver-se-ía que a mãe da família é uma espécie de máquina. Levanta-se, faz os pequenos almoços, arruma os quartos, vai ás compras, faz o almoço, lava a louça, lava a roupa se não teve tempo de manhã, passa a ferro, limpa a casa, faz o jantar, lava a loiça, cose enquanto vai olhando, já com sono, para a televisão. Deita-se. Quando os filhos eram pequenos ensinou-lhes as primeiras letras e as primeiras contas, voltar a estudar os pronomes e os advérbios para lhos ensinar a eles, e também os verbos irregulares e as provas e mais tarde a raiz quadrada. Houve noites e noites em que não dormiu por causa do sarampo e da varicela e da papeira e de todas as doenças que eles tiveram. Como qualquer mãe, está bem de ver. Se estamos a enumerar todas estas coisas que ela, a mãe, fez, é só porque achamos chocante e imerecido ouvir dizer com á vontade, com convicção, que ela não faz nada, enfim, que ela não trabalha.

Porque não se empregou esta mãe de família? Muitas vezes porque o marido não quis e lhe deu como razão, os filhos, o perigo de os entregar a uma desconhecida, as despesas que teriam com o ordenado e a alimentação dela. O que ele no fundo não queria era que ela se empregasse. Para ele o lugar da mulher era em casa.

Mas um dia os filhos casam. O marido continua a fazer a vida de sempre, mas ela só agora se dá conta disso. O emprego, o café depois de jantar, com os amigos, o futebol ao domingo. E ela repara que está sózinha. Os filhos enchiam a casa, conversavam disto e daquilo, ela ouvia-os como se as palavras deles fossem musica. De repente, porém, ou a pouco e pouco, eles foram-se embora. Agora é tudo silêncio e dias enormes. Sente-se de súbito abatida, frustrada. Houve um erro qualquer, mas que erro foi? Procedeu mal, mas em quê? O marido demora-se no emprego, no café, e os domingos são maiores do que nunca, embora os filhos apareçam ás vezes, de passagem, com as mulheres, com as crianças.

— Não sei como a tua mãe não se aborrece, sempre sózinha em casa, diz a nora, uma das noras.

A. M.

FRANGOS
DO CAMPO PRONTOS A COZINHAR
KILO SÓ 25$50

AMÊNDOAS
Lisas cores 48$00 AGORA 30$00, além de outros produtos com baixas de preços, para todo o público em geral, até ao dia 15 de Abril
DEIXE DE VISITAR A NOSSA SECÇÃO DE [illegible]

SUPERMERCADOS AGUIAR
Av. António Augusto de Aguiar, 68-70
Telefs. 4 08 63 - 53 28 ?

PEÇA BONJOUR
A MELHOR DE LICOR

CAMISAS DE HOMEM
ÚLTIMOS MODELOS
BASTA TELEFONAR PARA 324831 VAI A CASA DE V. EX.ª UMA EMPREGADA

QUINTÃO
[illegible] V. Ex.ª deve[illegible] e compre d[illegible]
TAPETES, CARPETES E ALCATIFAS
[illegible]30, Rua Ivens, — LISBOA

PHILCO

APRESENTA A NOVA LINHA DE MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA PARA 1971

4 MODELOS DIFERENTES

TODOS COM PROGRAMA BIOLÓGICO:

PHILCO DE FAMA MUNDIAL PELA QUALIDADE

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS EM PORTUGAL

ARNALDO TRINDADE & Ca., Lda.

PORTO — LISBOA

ELA ESTÁ FORA DE MODA

Fanny Brown, a rapariga que ganhou um concurso de modelos, promovido pelo jornal inglês «The Sun» e que, desde então tem tido uma carreira fulgurante, surge-nos hoje, nesta gravura, espartilhada como se vivesse nos tempos da Rainha Vitória. Mas esta roupa interior vestida por uma rapariga como Fanny, pode ser tão sugestiva como a roupa mais atraente dos nossos dias. O conjunto (três peças) que Fanny enverga vende-se na Regent Street de Londres em 5 cores, aproximadamente por 900$00.

CASA KRACOL

O mais lindo sortido em roupinha para bébé

Novidades para prendas

Toalhas e Napperons em todos os géneros

AV. DA REPÚBLICA, 19, A-B TELEFONE 40611

LISBOA

SAÚDE E VIGOR para os seus cabelos

WELLAFORM dry:
Creme para pentear
com alcool sem engordurar

WELLA KOLESTRAL:
Tónico capilar

ENCONTRA-SE NAS CASAS DA ESPECIALIDADE:
PERFUMARIAS, DROGARIAS, FARMÁCIAS E CABELEIREIROS

WELLA COSMÉTICA CAPILAR DE FAMA MUNDIAL

A VIDA

Uma vida inútil é uma morte antecipada.
(GOETHE)

Se a vida tivesse uma segunda edição, como eu corrigiria as provas!
(JOHN CLARE)

Onde há vida há esperança.
(CERVANTES)

A vida é uma coisa demasiado importante para ser tomada a sério.
(CHESTERTON)

RESERVE JÁ O SEU DIREITO DE HABITAÇÃO

INTEGRADA NESTES MAGNÍFICOS EDIFÍCIOS, RESULTANTES DA CONJUGAÇÃO DA ÚLTIMA PALAVRA DA TÉCNICA SUECA COM A MANEIRA DE VIVER PORTUGUESA, EIS A *SUA CASA*.

SITUADA A ESCASSOS QUILÓMETROS DE LISBOA, RODEADA DE AMPLAS ZONAS VERDES E ESPAÇOS LIVRES, LOCALIZADA NUM COMPLEXO RESIDENCIAL COM CENTRO COMERCIAL, PISCINA, ANEXOS E SALÃO DE CHÁ, A SUA CASA DO ALTO DA BARRA MARCARÁ UM PONTO ALTO NA SUA VIDA.

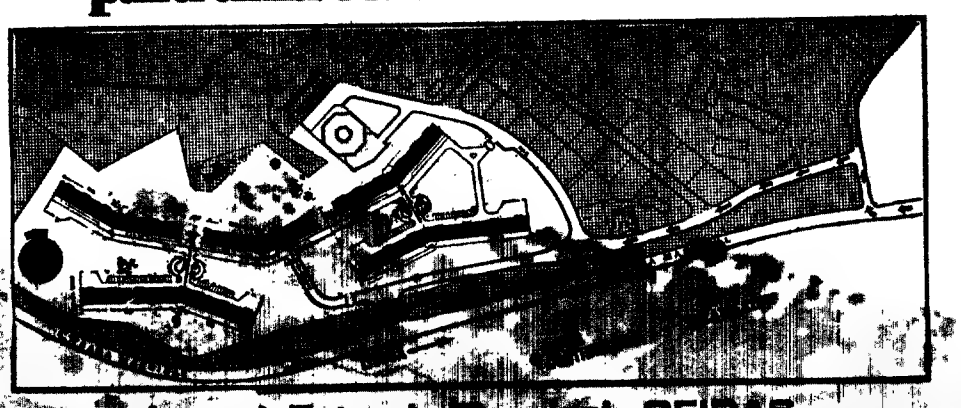
NELA, ENCONTRARÁ TODAS AS VANTAGENS OBJECTIVAS: DIVISÕES AMPLAS RACIONAIS, CONSTRUÇÃO IMPECÁVEL, GARAGEM E ARRECADAÇÃO PRIVATIVAS, ACESSOS FÁCEIS E BEM TRATADOS.

E, TAMBÉM, TODAS AS VANTAGENS SUBJECTIVAS: VISTA ADMIRÁVEL, ESPAÇO, AMBIENTE SAUDÁVEL E REQUINTADO, SOL, MAR E LIBERDADE!

PRESTAM-SE TODOS OS ESCLARECIMENTOS NO LOCAL.

DIAS ÚTEIS
— DAS 10 ÀS 12,30 H
— DAS 14,30 ÀS 19 H
DOMINGOS
— DAS 14,30 ÀS 20 H

ALTO DA BARRA
para uma certa forma de vida...



Junto à Estrada Marginal - OEIRAS
... Empreendimento da MERCATOR, SARL — Telefones Lisboa 37007 - Oeiras 243 35 90

MONOCULTURA

Por SEBASTIAN FIACRE

Como aconteceu com a navegação do mesmo nome também uma certa motocultura se tornou hoje «de recreio», isto é, destinada a ocupar as horas de ócio.

As suas máquinas, embora interessem, por vezes, ao profissional, destinam-se principalmente ao amador e muito em especial ao proprietário de uma residência de campo ou praia. Abstraindo da noção de poupa, a fadiga que evita. não se preocupa) o principal comprador destas máquinas só vê o tempo que poupa, a fadiga que evite Sabe-se bem que são precisas 20 horas para cavar um dado terreno, mas uma hora ou duas bastarão para fazer o mesmo, com a ajuda de um aparelho motorizado: motocultor (aparelho polivalente, ao qual podem adaptar-se variadíssimos utensílios), moto-sachadora moto-enxadão, moto-enxada (geralmente de menor poder, reservada aos trabalhos superficiais por utensílios rotativos de [illegible] broce)

O que é preciso é saber escolher e comprar o utensílio adequado, sem se deixar ir atrás do prazer de espantar o vizinho ou de da. Vale mais ter em conta ter um brinquedo com pia certas considerações respeitantes á superfície do terreno, natureza do solo, seu relevo, composição do jardim

A partir de 250 metros um terreno constituído unicamente de horta, justifica a compra de uma pequena máquina. O mesmo terreno todo relvado, com uma guarnição de canteiro e um tufo de relva necessita apenas de uma máquina de aparar, eléctrica ou motora e uma enxada talvez automática.

Um solo movediço exige um aparelho de potência inferior ao exigido por um solo pesado ou muito pedregoso: o mesmo se passa com um terreno plano que exige menos potência que um acidentado. Quanto mais em profundidade tiver que ser trabalhada mais potente será o motor.

Mas, para a comodidade dos trabalhos a efectuar por motorização, não deve hesitar-se em modificar a disposição do terreno, sobretudo quando se trata de um pomar, prevendo espaços adaptados á velocidade de trabalho e ás evoluções do aparelho. Regra geral, as estacas das árvores de fruto, as hortaliças vivazes e as nitreiras serão agrupadas numa extremidade. As áleas pequenas devem ser substituídas por uma grande álea de circulação, que fique a rodear o terreno destinado á cultura sazonal

FESTAS DA PÁSCOA

A C. P organiza, por motivo das FESTAS DA PÁSCOA, os desdobramentos aos comboios regulares de longo curso, que se reconhecerem necessários

Além destes comboios de desdobramento ficam. também, previstos comboios especiais os quais só se efectuarão caso a afluência de passageiros o justifique.

O pormenor destes horários consta dos avisos afixados nas estações

Em PONTE DE SOR o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no CAFÉ RESTAURANTE JARDIM — Avenida General Car[illegible]

A VIDA

Uma vida inútil é uma morte antecipada.
(GOETHE)

Se a vida tivesse uma segunda edição, como eu corrigiria as provas!
(JOHN CLARE)

Onde há vida há esperança.
(CERVANTES)

A vida é uma coisa demasiado importante para ser tomada a sério.
(CHESTERTON)

RESERVE JÁ O SEU DIREITO DE HABITAÇÃO

INTEGRADA NESTES MAGNÍFICOS EDIFÍCIOS, RESULTANTES DA CONJUGAÇÃO DA ÚLTIMA PALAVRA DA TÉCNICA SUECA COM A MANEIRA DE VIVER PORTUGUESA, EIS A *SUA CASA*.

SITUADA A ESCASSOS QUILÓMETROS DE LISBOA, RODEADA DE AMPLAS ZONAS VERDES E ESPAÇOS LIVRES, LOCALIZADA NUM COMPLEXO RESIDENCIAL COM CENTRO COMERCIAL, PISCINA, ANEXOS E SALÃO DE CHÁ, A SUA CASA DO ALTO DA BARRA MARCARÁ UM PONTO ALTO NA SUA VIDA.

NELA, ENCONTRARÁ TODAS AS VANTAGENS OBJECTIVAS: DIVISÕES AMPLAS RACIONAIS, CONSTRUÇÃO IMPECÁVEL, GARAGEM E ARRECADAÇÃO PRIVATIVAS, ACESSOS FÁCEIS E BEM TRATADOS.

E, TAMBÉM, TODAS AS VANTAGENS SUBJECTIVAS: VISTA ADMIRÁVEL, ESPAÇO, AMBIENTE SAUDÁVEL E REQUINTADO, SOL, MAR E LIBERDADE!

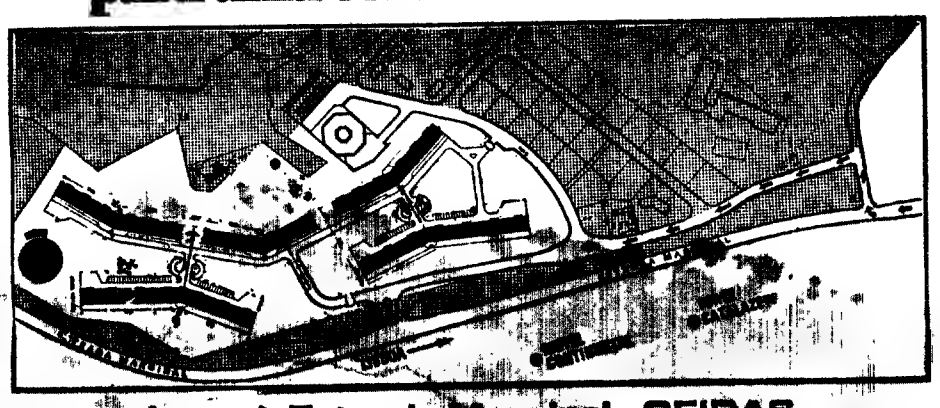
PRESTAM-SE TODOS OS ESCLARECIMENTOS NO LOCAL.

DIAS ÚTEIS
— DAS 10 ÀS 12,30 H
— DAS 14,30 ÀS 19 H

DOMINGOS
— DAS 14,30 ÀS 20 H

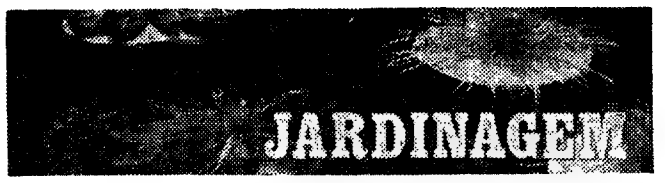
ALTO DA BARRA

para uma certa forma de vida...



Junto à Estrada Marginal - OEIRAS

Um empreendimento da MERCATOR, SARL — Telefones: Lisboa 53 76 97 - Oeiras 243 35 90



MONOCULTURA

Por SEBASTIAN FIACRE

(«Le Monde — D. L.»)

Como aconteceu com a navegação do mesmo nome também uma certa motocultura se tornou hoje «de recreio», isto é, destinada a ocupar as horas de ócio.

As suas máquinas, embora interessem, por vezes, ao profissional, destinam-se principalmente ao amador e muito em especial ao proprietário de uma residência de campo ou praia. Abstraindo da noção de poupa, a fadiga que evita, não se preocupa) o principal comprador destas máquinas só vê o tempo que poupa, a fadiga que evita. Sabe-se bem que são precisas 20 horas para cavar um dado terreno, mas uma hora ou duas bastarão para fazer o mesmo, com a ajuda de um aparelho motorizado: motocultor (aparelho polivalente, ao qual podem adaptar-se variadíssimos utensílios), moto-sachadora moto-enxadão, moto-enxada (geralmente de menor poder, reservada aos trabalhos superficiais por utensílios rotativos [illegible] broce).

O que é [illegible] saber escolher e comprar o utensílio adequado, sem se deixar ir atrás do prazer de espantar o vizinho ou de da. Vale mais ter em conta ter um brinquedo com pia certas considerações respeitantes á superfície do terreno, natureza do solo, seu relevo, composição do jardim.

A partir de 250 metros um terreno constituído unicamente de horta, justifica a compra de uma pequena máquina. O mesmo terreno todo relvado, com uma guarnição de canteiro e um tufo de relva necessita apenas de uma máquina de aparar, eléctrica ou motora e uma enxada talvez automática.

Um solo movediço exige um aparelho de potência inferior ao exigido por um solo pesado ou muito pedregoso: o mesmo se passa com um terreno plano que exige menos potência que um acidentado. Quanto mais em profundidade tiver que ser trabalhada mais potente será o motor.

Mas, para a comodidade dos trabalhos a efectuar por motorização, não deve hesitar-se em modificar a disposição do terreno, sobretudo quando se trata de um pomar, prevendo espaços adaptados á velocidade de trabalho e ás evoluções do aparelho. Regra geral, as estacas das árvores de fruto, as hortaliças vivazes e as nitreiras serão agrupadas numa extremidade. As áleas pequenas devem ser substituídas por uma grande álea de circulação, que fique a rodear o terreno destinado á cultura sazonal.

FESTAS DA PÁSCOA

A C. P organiza, por motivo das FESTAS DA PÁSCOA, os desdobramentos aos comboios regulares de longo curso, que se reconheceram necessários.

Além destes comboios de desdobramento ficam, também, previstos comboios especiais os quais só se efectuarão caso a afluência de passageiros o justifique.

O pormenor destes horários consta dos avisos afixados nas estações.

Em PONTE DE SOR o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no CAFÉ RESTAURANTE JARDIM — Avenida General Carmona.

RECEITAS DA LEITORA

SOPA CELESTE

Ingredientes

2 gemas de ovos. 60 g de Vaqueiro. 1 colher, das de sopa, de nata. 1 colher, das de sopa, bem cheia, de arroz cozido. 1 cubo de caldo de carne 2 decilitros de leite. 75 g de farinha de arroz. 1 litro e 1/2 de água. Sal, q. b.

Preparação

Numa panela, sobre lume brando, põe-se a margarina e quando estiver derretida junta-se-lhe a farinha, mexendo sempre com uma colher de pau para ligar bem. Pouco a pouco, vai-se deitando a água quente e nunca se pára de mexer. Em seguida adiciona-se o cubo de caldo de galinha e deixa-se ferver durante 15 minutos. Misturam-se-lhes as gemas de ovos desfeitas numa chávena de caldo morno e sem as películas. Tira-se do lume, junta-se-lhe o leite a ferver, o arroz cozido e a nata. Rectifica-se o tempero de sal e serve-se quente.

BACALHAU DE SEGREDO

Ingredientes

4 postas de lombo de bacalhau com 150 g cada. 50 gramas de presunto moído. 20 g de cogumelos franceses. 1 kg de puré de batata. 2 dentes de alhos. 2 pimentos morrones. 2 decilitros de azeite. 2 decilitros e 1/2 de maionese. Sal e pimenta, q. b. Farinho, q b.

Preparação

Põe-se o bacalhau de molho durante 24 horas. Escama-se, enxuga-se, enfarinha-se e frita-se no azeite até ficar alourado. Coloca-se num «pirex» e rodeia-se com o puré de batata. Cobre-se tudo com fatias de cogumelos e tirinhas de pimentos préviamente assados e pelados. Polvilha-se com os alhos picados e espalha-se por cima de tudo a maionese. Leva-se ao forno a gratinar e serve-se bem quente.

TORTA DE LARANJA

Ingredientes

3 gemas de ovos. 100 g de açúcar. 60 g de miolo de amêndoas. 30 g de miolo de pão esfarelado. 1 laranja. 1 pitada de sal refinado

Preparação

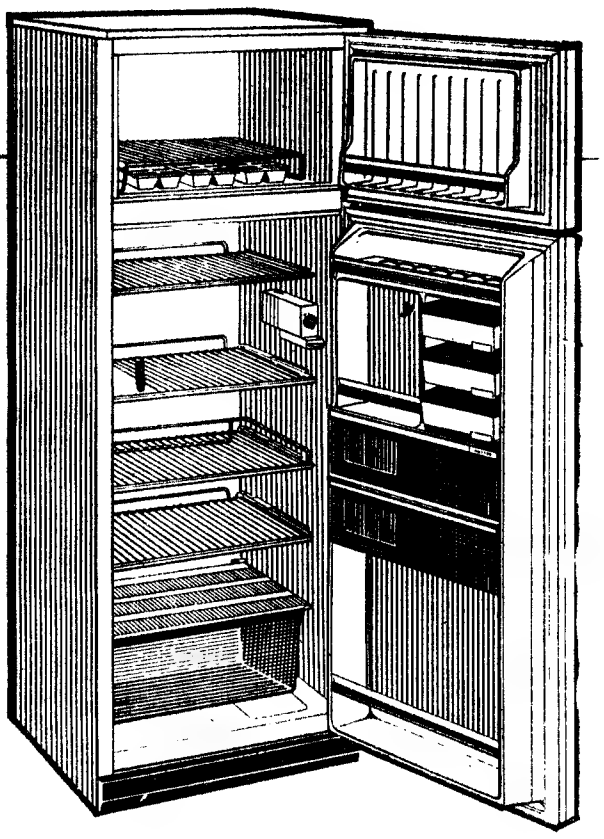
Batem-se as gemas com o açúcar, junta-se-lhes o sumo e a raspa da casca da laranja, o miolo de pão esfarelado e as amêndoas peladas e moídas. Por fim adicionam-se as claras bem batidas em castelo com o sal refinado. Deita-se numa forma untada com margarina e leva-se a cozer no forno com calor regular. Passados 30 minutos desenforma-se e polvilha-se com açúcar refinado.

CAROCHINHA
Modas juvenis até 20 anos

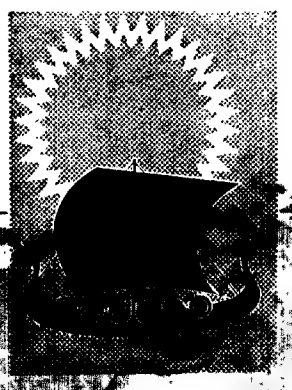
Av. Guerra Junqueiro, 19-C
Telf. 72 67 31

um frigorífico Philips
e uma semana de
férias grátis na Escandinávia

Dupla vantagem para quem prefere Philips: a certeza de comprar o melhor e a oportunidade de viajar gratuitamente.
Os frigoríficos Philips, dos pequenos modelos com tampo em laminado aos modelos de luxo com compartimento de congelação separado, são a garantia do frio exacto para a conservação dos vários tipos de alimentos.
Até 30 de Abril, os frigoríficos Philips dão-lhe a oportunidade de ganhar uma viagem à Noruega, Suécia e Dinamarca, para duas pessoas, com todas as despesas pagas.

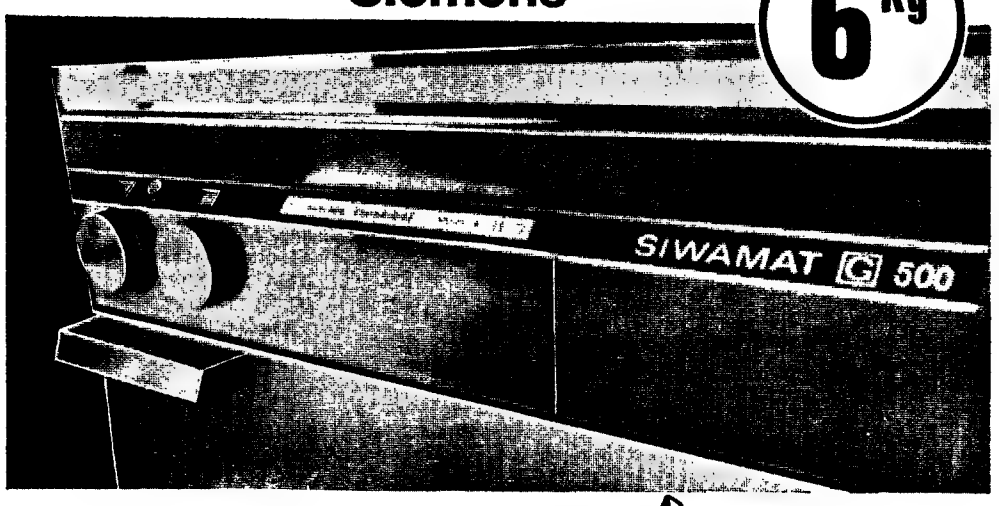


Decida já a sua compra e participe no
GRANDE CONCURSO PHILIPS
"VIAGEM AO SOL DA MEIA-NOITE"



PHILIPS

NOVA
SIEMENS
máquina de lavar roupa superautomática Siemens
6 Kg



GLÓRIA
A máquina de lavar da Nobreza Europeia
modelo de luxo
para 6 kg de roupa
com interior totalmente
em aço inoxidável e
15 programas-base
com EFICÁCIA BIO SIEMENS
DETERGENTE QUÍMICO
EXPOSIÇÃO E DEMONSTRAÇÕES NA
SIEMENS-COMPANHIA DE ELECTRICIDADE, S.A.R.L.
LISBOA - 1: AV. ALMIRANTE REIS, 65 — TELEFONE 55 88 86 • PORTO: RUA DAS CARMELITAS, 112 — TELEFONE 2 80 20

PARIS ZANGADA COM OS «SHORTS»

Por UNNY HALL Exclusivo «NEWS OF THE WORLD/D. L.»

Importa-se que nos esqueçamos dos «shorts». só por uns momentos? Você deve saber que nós explorámos Paris de ponta a ponta, durante toda a semana passada, variando entre os «hot-pants» e as correntes de ar frio. Se não acreditar, só lhe posso desejar que passe a próxima semana na Alta Mongólia.

Eu gostaria de a fazer compreender até que ponto todos os milhares de fatos que aqui passámos em revista, na semana passada, têm significado para si e para mim.

Mas comecemos pelo fulcro da discussão. O tamanho da saia. Pràticamente, todos os costureiros trabalham nelas à vontade. Muitos incluíram uma ráp'da olhadela sobre as «minis», e um passo de inércia das «midis».

Mas, com excepção de Patou (cerca de três polegadas abaixo do joelho) e de Ungaro (a maior parte das vezes na linha das «midis») todos eles ficaram por uma bonita segurança à altura ou um pouco mais abaixo do joelho, incluindo Dior.

O que, para mim, é um grande alívio. E para si?

Desde que, de M. Bohan até Dior, todos admitiram pùblicamente que a «maxi» era qualquer coisa de estúpido (não me refiro às estatísticas vitais do lipo eslúpido) ela não em muitas hipóteses de vingar.

Podem tomar isso como argumento e dizer-me a altura do joelho será a moda para a Primavera e o verão de 1971, o que, de qualquer modo, eu me lembro de ter dito, há três semanas atrás.

Ainda que todas as colecções pareçam ter começado pelos «shorts» trazem-nos, depois disso, boas novidades para todas nós.

Houve uma tendência para voltar às últimas modas Fortles, numa ou duas casas, Ricci, Patou e Dior, em particular, mas, em geral, os novos estilos são engraçados, práticos e femininos.

Havia poucos modelos idiotas, de entre tudo aquilo que encontrámos, nas casas de modas. Nem os figurinistas franceses são difíceis, para esse vulgar negócio de copiar «trapos».

E então você, com a sua máquina de costura!

Mas 1971 vai ser o ano dos vestidos com blusas cintadas.

Eles aparecem em todo o lado, incluindo Louis Ferraud, onde os bolsos «aos remendos» no oblíquo dos tecidos, dão um aspecto «sexy» àquelas que nunca o esperaram ser.

Tal como Courreges ou Ungaro, Ferraud não acredita em revoluções. O metal está fora de moda

E as pregas estão, definitivamente, dentro dela. Havia imensas em Patou, em modelos pregueados de bordados à moda antiga com aberturas dos lados, em Guy Laroche, e «pregas em acordeão» em todo o lado. Dior apresenta blusas elegantemente pregueadas, em tecidos leves.

Jean-Marie Armand [illegible] este vestido conjunto [illegible] pregas [illegible]

FLUTUANTES

Em geral, o pregueado começa em cima, à altura das ancas ou das coxas, deixando a saia cair levemente até ao tornozelo. E muitos vestidos surgem-nos com pregas desde os ombros até às bainhas.

Há também imensos e engraçados fatos sem mangas. Ombros altos com pregas e folhos em Patou (eu não gostei). Adoráveis, confortáveis e elegantes «dolmans» sem mangas em Guy Laroche. E uma interessante criação de Cardin, uma capa sem mangas que, em vez de cair sobre os braços, fica segura por fora.

Mas, com tudo isto, o seu casaco também não deve ter mangas.

Dior voltou aos ombros altos (eu também não gostei).

Há blusas por todo o lado. Grandes bolsos de caçador, conjuntos de «safari» com bolsos pregueados, e muitos bolsos no peito, com pequenas abas.

Este pode ser também o ano dos fatos de conjunto: muitos deles mostram até que ponto isso é um retrocesso. E o mais engraçado em tudo isso, é que eu creio que terão pequenas jaquetas e saias pregueadas.

Não fiquei encantada com nenhum dos modelos de Patou ou de Patou — ambos com longas jaquetas à tharine dos tempos da guerra, e com lapelas bordadas. Uma moda ultrapassada, e Dior parece tê-la tirado de um velho filme de James Cagney.

Blusa muito cingida ao corpo, tão cingida que o contraste com as mangas chega a parecer excessivo; calças largas, amplas, próprias para a mulher se sentir à vontade. Autor da ideia: Jean-Marie Armand. As cores utilizadas são o «beige» e o laranja

Um outro regresso triunfante é o dos vestidos-casacos. Havia montanhas deles por todo o lado. Os mais engraçados tinham um ar de toga, cingidos com um cinto da mesma cor, e surgiram em tecidos grossos, com cores brilhantes.

Para a noite, é o desvio da felicidade. Não é necessário usá-los com o «soutien», mesmo que não tenha um corpo como o dum modelo de Louis Ferraud.

O que é importante é deixar ver as pernas, através do tecido, e menos que o peito.

Patou apresenta vestidos em que as frentes são extremamente ousadas, e que não possuem costas.

É quase necessário um milagre, para poder controlar os movimentos e ficar decente.

Só uma das saias não era arrojadamente aberta até às coxas, em vários pontos. E, com tais fatos, ninguém pensa usá-los sem roupa interior, a bem da decência.

Havia também atraentes fatos de lã em Laroche, com brancas capas de freira que se abrem para revelar uns «shorts».

A colecção mais feliz era a de Courreges. Apresentavam-na elegantes raparigas em conjunto de futebol, com «shorts» e meias, que os usavam de modo que se tornavam atraentes. Pequenos e justos conjuntos que achatavam o peito, mas que transformavam a figura em qualquer coisa mais do que insignificante.

LOUCURA

Havia também umas fantásticas bermudas para depois do «ski», e umas loucas botas de astronauta, também em plástico. Maravilhosas.

Apenas um toque final sobre os «shorts», de que combinámos não falar: há uma simples razão pela qual as raparigas francesas, que nunca adoptaram grandemente as «minis», correm para eles desta forma.

Em geral as suas pernas não são como as de Dietrich. Mas as ancas são quase perfeitas — arredondadas, firmes e bem embaladas, como é hábito dizer-se dos cigarros americanos.

Em resumo, os «shorts» enchem as figuras francesas.

PARIS ZANGADA COM OS «SHORTS»

Por UNNY HALL Exclusivo «NEWS OF THE WORLD/D. L.»

Importa-se que nos esqueçamos dos «shorts», só por uns momentos? Você deve saber que nós explorámos Paris de ponta a ponta, durante toda a semana passada, variando entre os «hot-pants» e as correntes de ar frio. Se não se esqueceu, só lhe posso desejar que passe a próxima semana na Alta Mongólia.

Eu gostaria de a fazer compreender até que ponto todos os milhares de fatos que aqui passámos em revista, na semana passada, têm significado para si e para mim.

Mas comecemos pelo fulcro da discussão. O tamanho da saia. Pràticamente, todos os costureiros trabalham nelas à vontade. Muitos incluíram uma ligeira ondulação sobre as «minis» e um passo de inércia das «midis».

Mas, com excepção de Patou (coloca de três polegadas abaixo do joelho) e de Ungaro (a maior parte das vezes na linha das «midis») todos eles ficaram por uma bonita segurança à altura ou um pouco mais abaixo do joelho, incluindo Dior.

O que para mim, é um grande alívio. E para si?

Desde que, de M. Ronan até Dior, todos admitiram pùblicamente que a «maxi» era qualquer coisa de estúpido (não me refiro às estatísticas vitais do tipo estúpido) ela não em muitas hipóteses de vingar.

Podem tomar isso como argumento e dizer-me a altura do joelho será a moda para a Primavera e o verão de 1971, o que, de qualquer modo, eu me lembro de ter dito, há três semanas atrás.

Ainda que todas as colecções pareçam ter começado pelos «shorts» trazem-nos, depois disso, boas novidades para todas nós.

Houve uma tendência para voltar às últimas modas Forties, numa ou duas casas, Ricci, Patou e Dior, em particular, mas, em geral, os novos estilos são engraçados, práticos e femininos.

Havia poucos modelos idiotas, de entre tudo aquilo que encontrámos, nas casas de modas. Nem os figurinistas franceses são difíceis para esse vulgar negócio de coser «trapos».

E então você, com a sua máquina de costura!

Mas 1971 vai ser o ano dos vestidos com blusas cintadas.

Eles aparecem em todo o lado, incluindo Louis Ferraud, onde os bolsos «aos remendos» no oblíquo dos tecidos, dão um aspecto «sexy» àquelas que nunca o esperaram ser.

Tal como Courreges ou Ungaro, Ferraud não acredita em revoluções. O metal está fora de moda.

E as pregas estão, definitivamente, dentro dela. Havia imensas em Patou, em modelos pregueados de bordados à moda antiga com aberturas dos lados, em Guy Laroche, e «pregas em acordeão» em todo o lado. Dior apresenta blusas elegantemente pregueadas, em tecidos leves.

Jean-Marie Armand desenhou este curioso conjunto («shorts» e casaco sem mangas) envergado por Linda Mason, uma inglesa de Sunderland que há cerca de um ano está em Paris como modelo

FLUTUANTES

Em geral, o pregueado começa em cima, à altura das ancas ou das coxas, deixando a saia cair levemente até ao tornozelo. E muitos vestidos surgem-nos com pregas desde os ombros até às bainhas.

Há também imensos e engraçados fatos sem mangas. Ombros altos com pregas e folhos em Patou (eu não gostei). Adoráveis, confortáveis e elegantes «dolmans» sem mangas em Guy Laroche. E uma interessante criação de Cardin, uma capa sem mangas que, em vez de cair sobre os braços, fica segura por fora.

Mas, com tudo isto, o seu casaco também não deve ter mangas.

Dior voltou aos ombros altos (eu também não gostei).

Há blusas por todo o lado. Grandes bolsos de caçador, conjuntos de «safari» com bolsos pregueados, e muitos bolsos no peito, com pequenas abas.

Este pode ser também o ano dos fatos de conjunto: muitos deles mostram até que ponto isso é um retrocesso. E o mais engraçado em tudo isso, é que eu creio que terão pequenas jaquetas e saias pregueadas.

Não fiquei encantada com nenhum dos modelos de Ricci ou de Patou — ambos com longas jaquetas à maneira dos tempos da guerra, e com lapelas bordadas. Uma moda ultrapassada, e Dior parece tê-la tirado de um velho filme de James Cagney.

Blusa muito cingida ao corpo, tão cingida que o contraste com as mangas chega a parecer excessivo; calças largas, amplas, próprias para a mulher se sentir à vontade. Autor da ideia: Jean-Marie Armand. As cores utilizadas são o cbeigeo e o laranja

Um outro regresso triunfante é o dos vestidos-casacos. Havia montanhas deles por todo o lado. Os mais engraçados tinham um ar de toga, cingidos com um cinto da mesma cor, e surgiram em tecidos grossos, com cores brilhantes.

Para a noite, é o desvio da felicidade. Não é necessário usá-los com o «soutien», mesmo que não tenha um corpo como o dum modelo de Louis Ferraud.

O que é importante é deixar ver as pernas, através do tecido, e menos que o peito.

Patou apresenta vestidos em que as frentes são extremamente ousadas, e que não possuem costas.

É quase necessário um milagre, para poder controlar os movimentos e ficar decente.

Só uma das saias não era arrojadamente aberta até às coxas, em vários pontos. E, com tais fatos, ninguém pensa usá-los sem roupa interior, a bem da decência.

Havia também atraentes fatos de lã em Laroche, com brancas capas de freira que se abrem para revelar uns «shorts».

A colecção mais feliz era a de Courreges. Apresentavam-na elegantes raparigas em conjunto de futebol, com «shorts» e meias, que os usavam de modo que se tornavam atraentes. Pequenos e justos conjuntos que achatavam o peito, mas que transformavam a figura em qualquer coisa mais do que insignificante.

LOUCURA

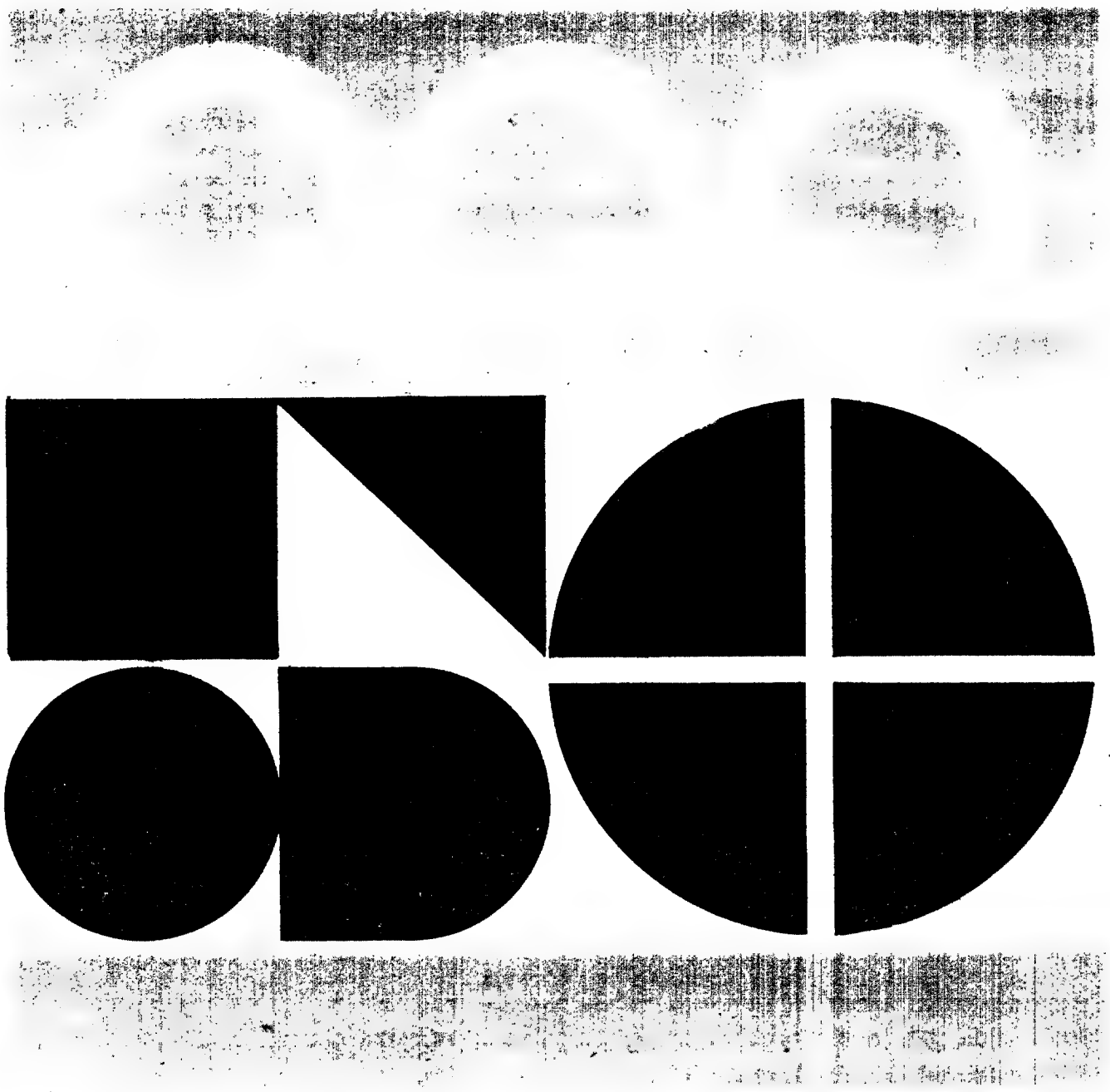
Havia também umas fantásticas bermudas para depois do «ski», e umas loucas botas de astronauta, também em plástico. Maravilhosas.

Apenas um toque final sobre os «shorts», de que combinámos não falar: há uma simples razão pela qual as raparigas francesas, que nunca adoptaram grandemente as «minis», correm para eles desta forma.

Em geral as suas pernas não são como as de Dietrich. Mas as ancas são quase perfeitas — arredondadas, firmes e bem embaladas, como é hábito dizer-se dos cigarros americanos.

Em resumo, os «shorts» enchem as figuras francesas.

Diário de Lisboa



7 de abril
1921
1971

Diário de Lisboa

7 de abril
1921
1971

MEIO SÉCULO: 1921-1971

Em 7 de Abril de 1921 saía para a rua o primeiro número do «Diário de Lisboa». Passaram cinquenta anos. E nesse lapso de tempo aconteceu o inevitável: correram os dias, os bons e os maus dias, houve guerras, tivemos paz, nasceu gente, morreram crianças, homens e velhos, fez sol e caiu chuva, enalteceram-se farsantes, enterraram-se heróis e santos.

Durante meio século, as colunas deste jornal procuraram ser o espelho fiel do mundo em que vivia. Se esse ambicioso objectivo foi ou não atingido não é a nós que compete afirmá-lo. Nem é este o local próprio para pôr tal questão, já que aqui nos importa, apenas, dar ao leitor conhecimento da razão primeira das páginas que compõem este suplemento.

Em 7 de Abril de 1921 saía para a rua o primeiro número do «Diário de Lisboa». Como era? — perguntará, inevitàvelmente, a grande maioria dos nossos leitores. Pois foi a mesma pergunta que fez nascer a ideia-base deste suplemento. Aqui está a resposta nas primeiras oito páginas que se seguem — a reprodução em «fac-simile» do número 1 do «Diário de Lisboa». Um mundo de recordações para uns tantos, uma surpresa para quase todos. Era assim o «Diário de Lisboa» de há 50 anos. E agora? A resposta a esta pergunta damo-la diàriamente aos nossos leitores e está também patente nas restantes páginas deste suplemento em que procurámos tratar, numa perspectiva actual, factos e figuras que vinham referidas no nosso primeiro número. O leitor atento encontrará a relação existente entre o que se escreveu há 50 anos e os artigos, entrevistas e caricaturas que se dão agora à estampa. E nesse exercício se baseia, aliás, o aliciante maior deste trabalho. Ao leitor compete julgar — como sempre o fez, como esperamos possa fazê-lo por muitos mais anos: com saúde e isenção.

SUMÁRIO

- A HOMENAGEM NACIONAL AO «SOLDADO DESCONHECIDO» — AS URNAS DOS HERÓIS ANÓNIMOS JÁ SE ENCONTRAM NO CONGRESSO ..... Pág. 11
- A PERSONALIDADE E A VIDA POLÍTICA DO RECTO CIDADÃO E NOTÁVEL PEDAGOGO QUE FOI O DR. BERNARDINO MACHADO, por Urbano Tavares Rodrigues Pág. 12
- BERNARDINO MACHADO visto por João Abel Manta ..... Pág. 13
- PERFIL POLÍTICO E HUMANO DE ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA ..... Pág. 14
- ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA visto por João Abel Manta ..... Pág. 15
- RUA DO OURO — Poema de Alexandre O'Neill, ilustrado por Carlos Botelho ..... Págs. 16 e 17
- ALMADA NEGREIROS — O MODO DE SER PELA ARTE, por Vítor Silva Tavares ..... Pág. 18
- ALMADA NEGREIROS visto por João Abel Manta ..... Pág. 19
- AMÉLIA REY COLAÇO RECORDA O 1.º NÚMERO DO «DIÁRIO DE LISBOA» E TECE CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DE 50 ANOS DE LABOR TEATRAL ..... Pág. 21
- TRÊS FIGURAS DA LITERATURA: JÚLIO DANTAS por Vítor Silva Tavares; TOMAZ RIBEIRO COLAÇO E JOÃO DO RIO por Chianca de Garcia ..... Pág. 22
- JÚLIO DANTAS visto por João Abel Manta ..... Pág. 23
- O FALSO MEDALHÃO por José Cardoso Pires ..... Pág. 24
- AQUILINO RIBEIRO visto por João Abel Manta ..... Pág. 25
- O ESCONJURO — Novela de Aquilino Ribeiro, ilustrada por João Abel Manta ..... Págs. 26, 27, 28, 29
- FERNANDA DE CASTRO: «FOI NO DIÁRIO DE LISBOA QUE CONHECI O MEU MARIDO» — entrevista de Joaquim Letria ..... Pág. 32
- ANTÓNIO FERRO visto por João Abel Manta ..... Pág. 33
- SANTA COMBA DÃO 50 ANOS DEPOIS — Reportagem de José A. Salvador ..... Págs. 35, 36, 37
- REDESCOBERTA DE ANGOLA NA DÉCADA DE SESSENTA ..... Págs. 38, 39, 40, 41
- NORTON DE MATOS — EM TODA A PARTE A GRANDE RIQUEZA [illegible] A SUA GENTE ..... Págs. 42, 44
- NORTON DE MATOS visto por João Abel Manta ..... Pág. 43
- CINQUENTA ANOS DEPOIS, A ESPERANÇA DE SOLUÇÃO É MENOR ..... Págs. 45, 46, 47
- [illegible] José Rodrigues Miguéis ..... Pág. 48

MEIO SÉCULO: 1921-1971

Em 7 de Abril de 1921 saía para a rua o primeiro número do «Diário de Lisboa». Passaram cinquenta anos. E nesse lapso de tempo aconteceu o inevitável: correram os dias, os bons e os maus dias, houve guerras, tivemos paz, nasceu gente, morreram crianças, homens e velhos, fez sol e caiu chuva, enalteceram-se farsantes, enterraram-se heróis e santos.

Durante meio século, as colunas deste jornal procuraram ser o espelho fiel do mundo em que vivia. Se esse ambicioso objectivo foi ou não atingido não é a nós que compete afirmá-lo. Nem é este o local próprio para pôr tal questão, já que aqui nos importa, apenas, dar ao leitor conhecimento da razão primeira das páginas que compõem este suplemento.

Em 7 de Abril de 1921 saía para a rua o primeiro número do «Diário de Lisboa». Como era? — perguntará, inevitàvelmente, a grande maioria dos nossos leitores. Pois foi a mesma pergunta que fez nascer a ideia-base deste suplemento. Aqui está a resposta nas primeiras oito páginas que se seguem — a reprodução em «fac-simile» do número 1 do «Diário de Lisboa». Um mundo de recordações para uns tantos, uma surpresa para quase todos. Era assim o «Diário de Lisboa» de há 50 anos. E agora? A resposta a esta pergunta damo-la diàriamente aos nossos leitores e está também patente nas restantes páginas deste suplemento em que procurámos tratar, numa perspectiva actual, factos e figuras que vinham referidas no nosso primeiro número. O leitor atento encontrará a relação existente entre o que se escreveu há 50 anos e os artigos, entrevistas e caricaturas que se dão agora à estampa. E nesse exercício se baseia, aliás, o aliciante maior deste trabalho. Ao leitor compete julgar — como sempre o fez, como esperamos possa fazê-lo por muitos mais anos: com saúde e isenção.

SUMÁRIO

- A HOMENAGEM NACIONAL AO «SOLDADO DESCONHECIDO» — AS URNAS DOS HERÓIS ANÓNIMOS JÁ SE ENCONTRAM NO CONGRESSO ..... Pág. 11
- A PERSONALIDADE E A VIDA POLÍTICA DO RECTO CIDADÃO E NOTÁVEL PEDAGOGO QUE FOI O DR. BERNARDINO MACHADO, por Urbano Tavares Rodrigues Pág. 12
- BERNARDINO MACHADO visto por João Abel Manta ..... Pág. 13
- PERFIL POLÍTICO E HUMANO DE ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA ..... Pág. 14
- ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA visto por João Abel Manta ..... Pág. 15
- RUA DO OURO — Poema de Alexandre O'Neill, ilustrado por Carlos Botelho ..... Págs 16 e 17
- ALMADA NEGREIROS — O MODO DE SER PELA ARTE, por Vítor Silva Tavares ..... Pág. 18
- ALMADA NEGREIROS visto por João Abel Manta ..... Pág. 19
- AMÉLIA REY COLAÇO RECORDA O 1.º NÚMERO DO «DIÁRIO DE LISBOA» E TECE CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DE 50 ANOS DE LABOR TEATRAL ..... Pág. 21
- TRÊS FIGURAS DA LITERATURA: JÚLIO DANTAS por Vítor Silva Tavares; TOMAZ RIBEIRO COLAÇO E JOÃO DO RIO por Chianca de Garcia ..... Pág. 22
- JÚLIO DANTAS visto por João Abel Manta ..... Pág. 23
- O FALSO MEDALHÃO por José Cardoso Pires ..... Pág. 24
- AQUILINO RIBEIRO visto por João Abel Manta ..... Pág. 25
- O ESCONJURO — Novela de Aquilino Ribeiro, ilustrada por João Abel Manta ..... Págs. 26, 27, 28, 29
- FERNANDA DE CASTRO: «FOI NO DIÁRIO DE LISBOA QUE CONHECI O MEU MARIDO» — entrevista de Joaquim Letria ..... Pág. 32
- ANTÓNIO FERRO visto por João Abel Manta ..... Pág. 33
- SANTA COMBA DÃO 50 ANOS DEPOIS — Reportagem de José A. Salvador ..... Págs. 35, 36, 37
- REDESCOBERTA DE ANGOLA NA DÉCADA DE SESSENTA ..... Págs. 38, 39, 40, 41
- NORTON DE MATOS — EM TODA A PARTE A GRANDE RIQUEZA DOS POVOS É A SUA GENTE ..... Págs. 42, 44
- NORTON DE MATOS visto por João Abel Manta ..... Pág. 43
- CINQUENTA ANOS DEPOIS, A ESPERANÇA DE SOLUÇÃO É MENOR ..... Págs. 45, 46, 47
- O NEGRO E MR. HARDING, por José Rodrigues Miguéis ..... Pág. 48

LISBOA — QUINTA-FEIRA, 7 DE ABRIL DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 1 — 10 CENTAVOS
Telefone 5213 (C.) — Endereço telegrafico DIBOA

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção e Administração
RUA DO CARMO, 90, 2.º
Composição: R. do Mundo, 57. Impressão: R. da Atalaia, 114

SOLDADOS DE PORTUGAL!

Contra os que afirmam que a historia é um campo razo de ossadas e ruinas e contra os que sustentam que a vida não comporta uma larga aspiração de imortalidade — eis que entram em Portugal dois extraordinarios viajantes, um vindo da morte na Flandres, outro da morte na Africa e trazendo ambos na boca gelida e gasta todo o segredo da existencia dum povo.

A guerra, diz-se, é uma invenção brutal que o odio concebeu, nas entranhas de um monstro.

Infelizmente, até hoje só as raças fortes e duras souberam fazer dela um instrumento de civilização. E' por isso que, de largo em largo, os povos repetem o drama de Christo.

* * *

Nun'Alvares fez-se carmelita para terminar santamente a sua vida. Na sua cela de frade, altas horas da noite, os sonhos da juventude vinham fragosos e épicos acordal-o. Ele sorria, lembrando-se do que fôra, e chorava pensando no que era.

* * *

As batalhas custam muito a vencer, porque a vitoria só vem, quando o soldado, saindo da vulgar noção do seu esforço, faz seu o pensamento divino que governa a historia.

* * *

Nunca, entre nós, se viu um espectaculo tão assombroso — seis milhões de almas, rompendo a sua espessa teia de unidades diarias, para se acercarem daqueles que em vida nada tinham e nada significavam e agora tudo têm e todo significam.

* * *

Os desconhecidos que teem dado a sua vida pela Patria são inumeros: todos os monumentos e paisagens de Portugal falam d'eles. Em todas as almas lusiadas eles vivem em ritmo e paixão.

* * *

Afonso Henriques foi conquistando Portugal com a espada e com o pensamento. Aquela cessou a sua rutila faina de epopeia quando o seu corpo baqueou; este ainda não terminou a sua marcha, tendo já dado algumas voltas ao orbe.

* * *

Os portuguezes tiveram sempre o respeito e a admiração do mar, porque percebiam que ele era a sua rota de maravilhas. Atravessando-o em todas as direções, romperam segredos e trevas. Mas só o misterio da sua alma os encantou:

* * *

Durante as longas, penosas viagens da Descoberta, os marinheiros contavam historias de amores, recordando as suas lindas namoradas. Conseguiam assim o milagre permanente, porque tinham Portugal sempre deante dos olhos.

Portugal teve castelos, pendões, couraças, espadas, implacaveis como o Destino.

Venceu castelhanos e mouros. Arou o campo para ter pão e ergueu a cruz para subir a Deus. De tanta força e de tanta piedade nasceu uma patria em que os corações nunca se cançam de amar a vida para fazer a morte bela.

"DIARIO DE LISBOA"

O «Diario de Lisboa», portanto, será um jornal moderado para todos os que na pressa de avançar para o porvir tomam como estrela os vagos fulgores duma utopia. A muitos, porem, parecerá revolucionario, porque, no seu incansavel afan de sacrificar todos os interesses mesquinhos e erros criminosos ás supremas aspirações da nacionalidade, algumas vezes, para falar a pura verdade, terá de ser violento, duro mesmo.

A nossa situação actual, cheia de perigos e dificuldades, tantos problemas a estudar e tantas ameaças a remover, demanda uma politica de realizações, capaz de nos desafogar da atmosfera espessa de cuidados em que vivemos.

Há muitos anos que o Estado anda fóra da sua missão, convertido em valhacouto de intriguistas e ambiciosos. Os problemas nacionais não acham uma resolução ou pelo menos uma maneira pratica que os torne acessiveis ás atenções dos competentes.

Este jornal que hoje inicia a sua publicação, sob os auspicios dum acontecimento nacional — a homenagem aos soldados desconhecidos, escolheu esta data para mais vivamente fixar a sua intenção de dar ao nome português toda a paixão da sua alma crente nos destinos da raça.

Não traz consigo o «Diario de Lisboa» outro programa senão este — erguer Portugal acima das miserias e fraquezas dos homens, afim de que ele seja para todos nós o maior facto do nosso esforço e do nosso espirito. Aparecendo num periodo em que a Europa e com ela o mundo tratam de atingir as formulas perfeitas da justiça, em função da civilisação, o «Diario de Lisboa» procurará sempre defender e indicar quais as ideias e as razões morais que mais pronta e intimamente hão de concorrer, para que se reconstruam as sociedades que indisciplinadamente jogam o seu porvir em tão desvairadas aventuras.

O nosso país que jamais deixou de inspirar-se nas largas correntes que renovam os povos, havendo mesmo prestado assinalados serviços á cultura humana geral, sente actualmente as mesmas duvidas, incertezas e amarguras que, um pouco por toda a parte, o desespero transforma em revolta.

Mas assim como noutras idades descobriu em si a coragem bastante para resolver em fé, mocidade e progresso as torturas que o oprimiam, tambem agora Portugal, obra de sacrificio e de entusiasmo epico, conseguirá sobrepôr-se a todas as defecções pessimistas, para justificar a sua existencia de seculos com a plenitude do seu ressurgimento.

A ignorancia, entre nós, é assaz atrevida e empreendedora. A manha governa, ao passo que a ciencia se limita a refl exões lentas, abstratas, imponderaveis.

E no entanto, nunca como hoje Portugal careceu tanto duma cultura que para as «elites» seja um motivo de predominio e para o povo uma certeza de poder.

A retorica tem sido o nosso unico tesouro e ao mesmo tempo o maior factor de ruina. E' a ela que se deve o triste espectaculo que oferece o nosso paiz, vivendo num constante estonteamento de metaforas e miragens que lhe anunciam a felicidade, quando esta mais longe se esconde. As suas mentiras dão-nos tudo — imperio, orgulho, dinheiro, a India, o Brasil, o Mar, «Os Lusiadas», os brilhantes de Golconda. A gente credula delira, estende as mãos para abraçar a propria Ventura, caida no meio de cubiças vorazes.

Que se vê, porém?

As esperanças desfazem-se, os apetites exasperan-se, as paixões vomitam odio, as crenças definham. Sempre ao Povo se deve a Verdade. Não o enganem, não o alucinem não o explorem.

Eduquem-no, mas não o perventam.

Encaminhem-no, mas não o desorientem. Portugal é uma realidade bastante vasta para conter os sonhos de todos os seus filhos.

Façamos da sua historia, tão rica de espirito latino e cristão, um culto, porque assim seremos fortificados com a presença espiritual das gerações de oito seculos. O futuro só é ummi sterio ou uma surpresa, quando nós o não sabemos interrogar. A experiencia dos nossos avós é para nós um augurio infalivel.

Aproveitemo-la, pois, enriqueçamos com ela o nosso capital de previsões. Quanto mais intima fôr a nossa aliança com o passado, tanto mais seguros estaremos do porvir.

Os dois obscuros herois que hoje atravessaram a cidade que neles reconheceu a sua dôr e a sua gloria, morreram num sublime ato de fé. Ficaram grandes, porque na sua rudesa de serranos perceberam que Portugal existe ha tanto tempo pelas suas nobres virtudes que faz imortais os que nele creem e por ele se sacrificaram.

Quando os guerreiros partiam, as suas noivas seguiam-nos com os olhos e ainda mais longe com o coração. Nas batalhas distribuiam-se duros golpes, rudes estocadas. Os bravos, porém, nunca caíam, porque um brando desejo de amor os tornava invenciveis.

* * *

Os homens da Descoberta tinham olhos de profetas. Viam mundos e ilhas, através do misterio. Quando desembarcavam em terras novas, imaginavam que as criara a sua fé. Quem poderia desenganá-los?

* * *

Muitas vezes os poetas sucumbiram pelejando como soldados. Cantar e pelejar — eis a vida despojada de toda a sua miseria

* * *

Na Batalha, dormem o seu sono divino, imperturbavel, os reis e infantes de Avis. Não dansam espectros, em torno dos seus tumulos. O remorso não lhes perturba o repouso. Os anos passam sobre eles como o sol pela face pura de um lago. Sente-se que com eles a raça medita, enchendo o silencio, que é a fala das coisas, com as estancias de Aljubarrota.

* * *

Em Aljubarrota, a mocidade de Portugal ria e cantava, no meio dos combates. Terminada a grande batalha cada um se julgou capaz do maior esforço.

Era a India a abrir promessa nos peitos insaciados.

Aquilino Ribeiro, romancista brilhantissimo, que de ha muito conquistou um lugar de primasia nas letras portuguesas, inicia hoje nas colunas do *Diario de Lisboa* a publicação de

"O ESCONJURO"

interessantissima novela regional que deve registar um inegualavel exito.

"O Esconjuro"

modelo de prosa scintilante cheia de colorido e de vigor, encerra inumeros quadros em que um invulgar espirito de observação se faz sentir.

Publicando em folhetins o belo trabalho do consagrado autor das *Terras do demo* o *Diario de Lisboa* oferece aos seus leitores o ensejo de se deliciarem com a leitura duma verdadeira preciosidade literaria.

A COMEMORAÇÃO DE HOJE

A trasladação dos restos mortais dos soldados desconhecidos para o Congresso da Republica

Lisboa acordou hoje mais cedo e vestiu-se toda de novo para assistir á trasladação que do Arsenal se efectuou para o Congresso da Republica, dos restos mortais dos dois herois anonimos que em Africa e na Flandres tombaram sob a bandeira de Portugal. Gente humilde do povo, aquela que sentiu mais duramente a guerra, assistiu piedosamente á passagem do cortejo funebre, guardando o silencio religioso das grandes solenidades.

Antes da hora marcada começaram chegando ao Arsenal as representações de oficiais da marinha, da guarda e das varias unidades do exercito, estabelecendo a policia um grande cordão de vigilancia em torno da Praça do Municipio. Pouco depois das dez horas organizava-se o cortejo, que subiu a rua do Ouro em direcção á Avenida da Liberdade, contornando a rua Alexandre Herculano e descendo a rua de S. Bento até ao largo das Cortes.

Abria o cortejo um contingente de lanceiros, sendo essencialmente militar o acompanhamento que conduziu as duas urnas ao Congresso da Republica. A cerimonia foi simples mas de enternecida sinceridade patriotica. Durante o percurso apinharam-se as janelas e as ruas de uma comovida multidão, que seguia com interesse a passagem do cortejo.

As duas urnas tinham sido colocadas em dois armões de artilharia e seguiam a meio do cortejo, com as devidas honras militares. Passaram depois em carretas as corôas, os ramos de flores, as palmas e todas as pequeninas e enternecidas homenagens de saudade que a nação reservou para o culto dos soldados desconhecidos.

As bandas de musica entoavam marchas funebres. O povo descobria-se respeitosamente á passagem das urnas. E a cidade inteira, unida pelo mesmo sentimento de comovido respeito, assistia de prece nos labios á trasladação dos dois filhos de Portugal, que a Patria ofereceu em holocausto ao sentimento de Liberdade que nos corre no sangue.

No edificio do Congresso

Chegadas ás 10,30. O povo amassa-se em frente do Congresso, a custo contido pela policia, que, rigorosamente, defendia a passagem ao jornalista esquecido, que a esquecera do seu cartão-talisman, passado por misteriosos funcionarios do governo civil. Adeante.

Em frente do Congresso, costas viradas ao largo, alinham-se as bandeiras de todos os regimentos do país. Pouco depois chegam os estandartes italianos: o da marinha, novo, de côres vivas; o do exercito, destingido, rasgado, metralhado.

O portão grande do palacio do Congresso está aberto. Uma passadeira vermelha, calcada e enrugada, abre caminho, até ao vestibulo do edificio.

O sr. Presidente da Republica aguarda junto do elevador, conversando com o sr. Bernardino Machado, que diplomaticamente sorri ao arcebispo de Evora, que tambem está no grupo, precedido do seu aulico. O sr. cardeal patriarca, de vesté vermelha, roçagante, esplendida, conversa por seu turno com um oficial superior, que o escuta atentamente. O resto, um pouco confusamente, um *pêle-mêle*, são deputados, senadores, militares graduados, individualidades que todos conhecem. O sr. Antonio Martas anda numa roda viva; o sr. Melo Barreto dá indicações aos jornalistas e aponta:—Barão de Ravignet, encarregado dos negocios de França, missões estrangeiras, etc., etc. O bispo de Beja, rodeado de considerações e constelado de medalhas, vai falando democraticamente com todos.

Passemos adiante. O vestibulo está curiosamente ornamentado. Ao fundo, ao pé das duas arcadas que dão acesso ao publico á sala das sessões, erguem-se os catafalcos, onde hão-de repousar, dois dias, os mortos sagrados.

As arcadas desapareceram, sob uma cortina de verdura. Ao alto, em emblema, a Torre e Espada; um pouco mais abaixo, o busto da Republica patinado a ouro, depois, em bronze a estatua da fama, trombeteando. De cada lado da estatua, um socalco guarnecido de verdura, tem ao meio a cruz de guerra!

No vestibulo ergue-se uma divisoria dourada, onde as escapulas indicam aos que vieram de romagem ser aquele o local onde se devem pendurar as corôas.

Nas paredes, trofeus, insignias varias, todas as condecorações. A um canto, uma armadura completa da idade media; a outro, uma helice de aeroplano. Há corôas: dos ministros de França, Brasil e Espanha.

Por toda a parte muita verdura, palmas, festões e armas ensarilhadas.

Um toque de corneta, outro, e tudo corre para os portões do Congresso. De passagem preguntámos: o sr. Presidente da Republica?

—Está lá em cima, com o sr. Cardeal Patriarca, descançando.

Os toques de corneta cessaram; agora é a «Portuguesa», vibrante, entoada, em estridencias de entusiasmo, que nos ferem os ouvidos. São as bandeiras de todos os contingentes que combateram em França, que chegam. São 50, muitas condecoradas. Conduzem-nas, oficiais, que combateram em França, ladeados por soldados, que combateram tambem. Trazem o «casque» da trincheira, aquele capacete que imortalizou o serrano e seu irmão, «poilu». Infantaria 1, perpassa; faz a guarda de honra. A «Portuguesa» já não se ouve, as bandeiras alinham-se em semi-circulo, tendo ao centro os dois estandartes italianos. Meia hora passa, três quartos decorrem. O vestibulo do Congresso está repleto, a passadeira um pouco mais suja. O calor aperta e o sr. Eduardo de Sousa destila suor por todos os póros visiveis. Ouvem-se outra vez toques de continencia: é o cortejo que chega. O sr. Presidente da Republica, ao centro do vestibulo espera, tendo á sua esquerda e um pouco mais longe o sr. Cardeal Patriarca.

No Largo das Côrtes as tropas desfilam. Chegam primeiro os esquadrões de lanceiros, depois em duas carretas da guarda republicana as urnas que conteem os restos mortais dos dois soldados desconhecidos.

Neste momento entra a Camara Municipal com o seu estandarte; depois soldados inglêses, belgas, francêses e italianos, que fazem continencia ao Presidente da Republica e se alinham á sua direita.

Cá fora, os toques sucedem-se. Os estandartes de todos os regimentos de Portugal, inclinam-se, espadas rebrilham. Então, a primeira urna, a do soldado que morreu em França, entra conduzida pelos presidentes das duas casas do parlamento e seus secretarios; depois vem a outra, a do soldado que morreu em Africa, conduzida pelos srs. Rego Chaves, Victorino Guimarães, Herculano Galhardo e Enes Mateus.

O sr. Presidente da Republica segue as urnas, acompanhado do sr. cardeal patriarca e presidente do ministerio. Atraz o ministerio, oficiais, mundo politico e as missões estrangeiras.

As urnas são depostas nos catafalcos e logo dois soldados da guarda republicana se alinham, tadeando-as.

Há um compasso de espera; o sr. Bernardino Machado segreda qualquer coisa ao sr. Antonio José de Almeida. Uma noticia corre: O Cardeal Patriarca vai falar.

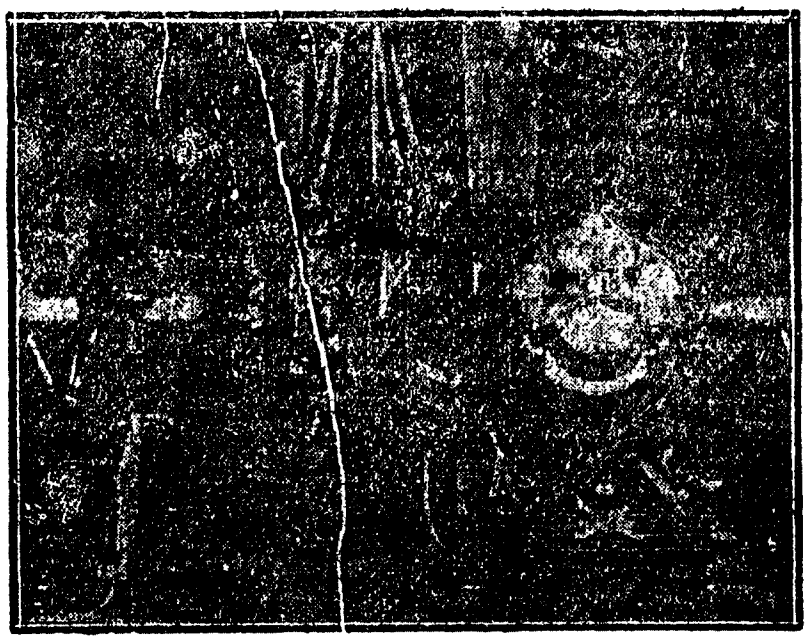
"A amnistia será a corôa maxima a oferecer aos soldados desconhecidos", afirma o sr. Cardeal Patriarca

Na sala da presidencia da Camara dos Deputados encontram-se o chefe do Estado, o governo, os presidentes do Congresso e da Camara dos Deputados, varios parlamentares, varios oficiais e tambem a delegação de Italia.

Então o sr. Cardeal Patriarca toma a palavra, salientando a homenagem que se acaba de prestar aos dois soldados desconhecidos, simbolos do heroismo do exercito e da marinha portuguesa, A patria reconhecida—diz—presta aos dois mortos o sentimento do seu respeito, do seu amor e da sua saudade. São muito estas homenagens, mas não é tudo.

Jazem sepultados nos carceres muitos daqueles que prestaram relevantes serviços á Patria no passado e até mesmo nesta guerra. Em nome dos prelados presentes e ausentes, das associações scientificas, comerciais e industriais, e, até mesmo, creio bem, da maioria do país, vinha perante o chefe do Estado, do presidente do Congresso e do governo, impetrar a generosidade para os vencidos. Só assim as homenagens que estão prestando poderão ter o significado que deverão ter.

Terminou, dizendo que a amnistia seria a corôa maxima a oferecer aos mortos sagrados.



A urna contendo os restos mortais do soldado desconhecido morto em Africa

O padrão ofereeido pela marinha de guerra

A janela manuelina, oferta do director e pessoal do Arsenal

(Ver continuação em ultimas noticias)

Os turnos de ámanhã

7.º turno, das 1 horaás 2,30, parlamentares do distrito de Cabo Verde, estado maior do Exercito, 7.º grupo; coronel-medico Abilio Baeta das Neves Barreto, tenente-coronel do C. E. U. Arnaldo de Melo, tenente-coronel veterinario Francisco Martinho Mota de Almeida, tenente-coronel do S. A. M. Francisco Augusto H. S. Achemann, Artur Marques Salgado.

8.º turno, das 2,30 ás 4 horas, parlamentares do distrito de Castelo Branco, estado maior do Exercito, 8.º grupo; major de infantaria José Cabral Caldeira do Amaral, major-medico Manuel Gonçalves de Carvalho, capitão de Artilharia Artur Gonçalves Rocha, capitão de Artilharia Vicente Roberto Garcia de Carvalho.

9.º turno, das 4 ás 5,30 horas, parlamentares do distrito de Coimbra, estado maior do Exercito, 9.º grupo: capitão-medico José Francisco Cesar Junior, capitão do Secr. Militar Joaquim Quintino Borges, tenente de infantaria Alfredo Abel da Costa, tenente de S. A. M. Alfredo da Cruz Nordeste, tenente do S. A. M. Pedro Antonio Vieira.

10.º turno, das 5,30 ás 7 horas, parlamentares do distrito de Evora, Quartel General da 1.ª Divisão, 1.º grupo; comandante da Divisão, coronel Vitoriano José Cesar, chefe do E. M. tenente-coronel Eduardo Augusto Azambuja Martins, alferes-ajudante Antonio Narciso Miguel Liborio, alferes de infantaria Carlos Ribeiro Leão.

11.º turno, das 7 ás 8,30 horas, parlamentares do distrito de Faro, Quartel General da 1.ª Divisão, 2.º grupo; (regimento de sapadores mineiros), tenentes milicianos Carlos Ferreira Sampaio e Antonio Guimarães Gonçalves; alferes Pedro G. da Cruz Fajardo e Leonardo Mendes Fialho Prégo, Associação Academica do liceu de Camões e Sociedade de I. M. P. do liceu de Camões.

12.º turno, das 8.30 ás 10 horas, parlamentares do distrito do Funchal. Quartel General da 1.ª Divisão, 3.º grupo (batalhão de Sapadores de C. de Ferro), tenentes Eduardo Batista e Frederico Vilar, alferes Francisco Salgueiro e Neto de Almeida, Sociedade Surdos-mudos de Portugal.

13.º turno, das 10 horas ás 11.30, parlamentares do distrito da Guarda. Quartel General da 1.ª Divisão, 4.º grupo (batalhão de Telegrafistas de Campanha), tenentes Manuel Bairrão Bastos de Carvalho e Calixto Anibal, alferes Tavares da Cunha e José Carlos da Silva, Associação de Classe «Vendedores de Produtos Agricolas» e Nucleo de Instrução Renascença.

14.º turno, das 11.30 ás 13 horas, parlamentares da provincia da Guiné. Quartel General da 1.ª Divisão, 5.º grupo (grupo de artilharia a cavalo), capitão Antonio Marques, alferes Raul Narciso da Costa Guimarães, Horacio Madureira dos Santos e Antonio Rodrigues Amorim, Classe dos Escrivães de Direito e Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha.

15.º turno, das 13 ás 14.30 horas, parlamentares do distrito da Horta. Quartel General da 1.ª Divisão. 6.º grupo (regimento de cavalaria 2), major Abilio de Sousa Namorado, capitão João Pinto de Almeida Ribeiro, tenente Joaquim Antonio Bernardino, alferes Camilo Augusto da Silva, Junta Geral do Distrito de Lisboa, Gomes de Carvalho, 1.º oficial da J. G. do Distrito de Lisboa.

16.º turno, das 14.30 ás 16 horas, parlamentares da India, Quartel General da 1.ª Divisão, 1.º grupo (1.º grupo de metralhadoras), capitão Joaquim Aureliano Soares da Silva, tenente Alberto Correia Duarte, alferes Francisco Pereira de Figueiredo e Artur Antonio Conceição, Cruzada das Mulheres Portuguezas.

17.º turno, das 16 horas ás 17,30, parlamentares do distrito de Leiria, Quartel General da 1.ª Divisão, 8.º grupo (regimento de infantaria 1), major Jacome Maria Dora do Vale, capitão Manuel Fernandes Costa, tenente Manuel Joaquim Caldas, alferes Frederico Chedas, Casa Pia de Lisboa, E. P. S., D. Antonio da Costa.

18.º turno, das 17,30 ás 19 horas, parlamentares do distrito de Lisboa, Quartel General da 1.ª Divisão, 9.º grupo, Deposito A da guarnição de Lisboa, capitães Alberto João Carapeto e Antonio da Costa Lima, alferes Frederico Coelho de Melo e José Gonçalves, Asilo de S. João, de Lisboa.

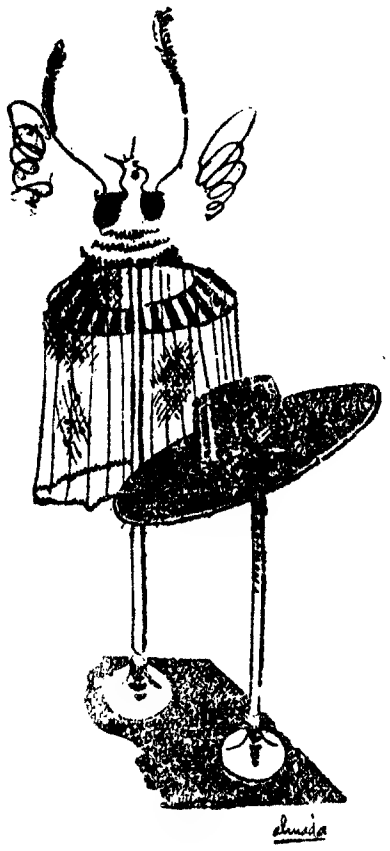
19.º turno, das 19 horas ás 20,30, parlamentares de Macau, Quartel General da 1.ª Divisão, 1.º grupo (1.º grupo do C. A. Militar), tenentes José de Sales Ferreira e Henrique Rocha, alferes Manuel da Silva Mendes e Tancredo Henrique das Neves, grupo revolucionario *Companheiros do Bem*, Sociedade Escolar *Paz*.

PERFUMES
CRENOVILLE

PAPELARIA PALHARES
141, RUA DO OURO, 143
Completo fornecimento de artigos para escritorio, engenharia e desenho.
Canetas com tinta das melhores marcas.
Trabalhos tipograficos em todos os generos.
TELEFONE 342—LISBOA

RUA DO OIRO

Rua do Oiro, rua dos metais!
Mazantini de luz, o Sol, ao alto...
Bailes russos deslisam no asfalto...
Cantam em côro os vidros e os cristais!

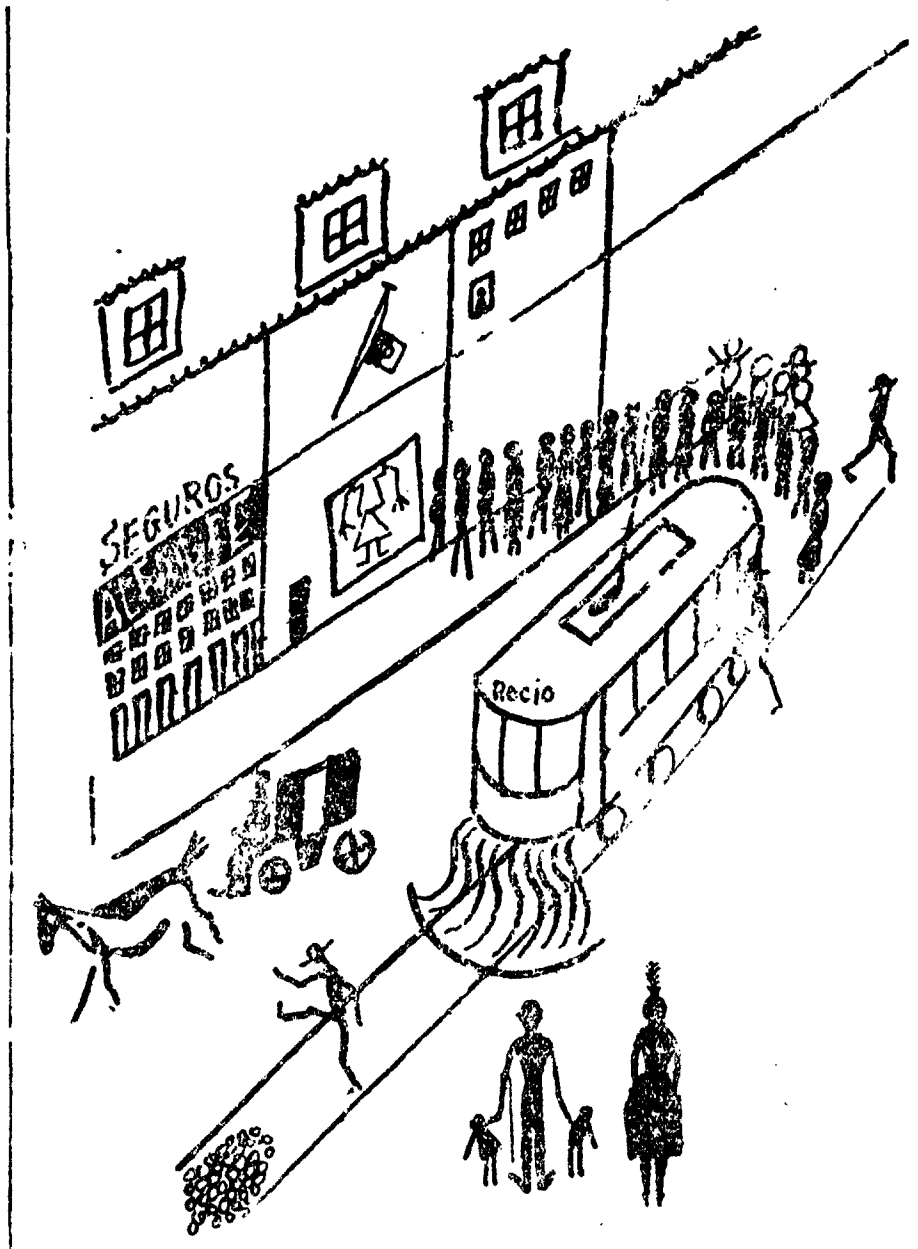


almada

Os teus passeios, como eu sei cantá-los
São finos tabuleiros de xadrez,
Onde os pés das mulheres, muita vez
São reis, rainhas, torres e cavalos...

almada

Mas montras dos livreiros, os poetas,
Com seus labios, nos livros, entreabertos,
Dizem sonetos graves, muito certos,
Na sua voz sinistra de profetas...



almada

Hortências, pela tarde, como espumas...
Os chapeus, nas vitrines, são cabeças
Degoladas .. O' frívolas condessas,
Vós não tendes miolos, tendes plumas...

Parques nas sédas!... Há jardins nas chitas...
Enforcam-se nas hastes de metal
As éticas gravatas... Em caudal,
O sangue corre aos metros, pelas fitas...

Sorriem pó de arroz os perfumistas .
Numa loja, acolá, vejo em tropel,
Rolos de telas, blocos de papel
Roupa branca da alma dos artistas...

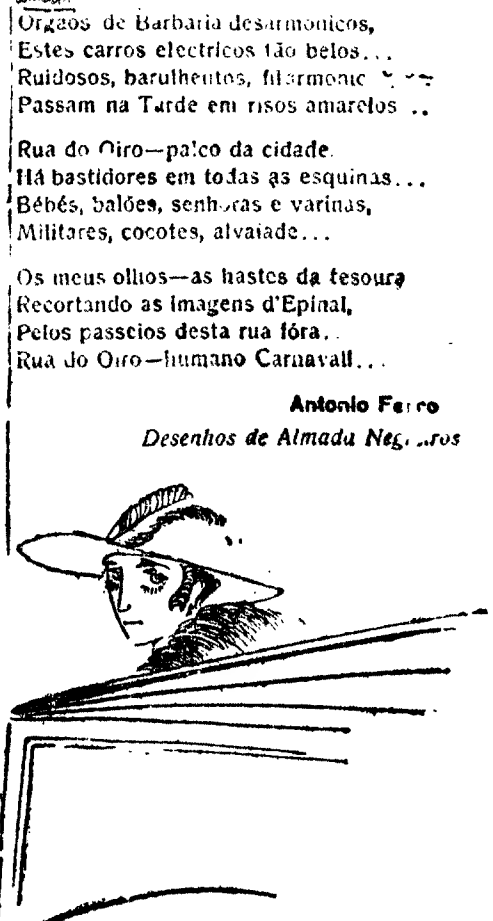
Nos ignobeis balcões dos camiseiros
Há bacanais de meias e espartilhos...
As bonecas de cera, nos barbeiros,
Dão á luz cabeleiras, como filhos...

Nos alfaiates jazem manequins,
Ossadas, afinal, dos nossos fatos .
Pelas confeitarias, os pudins,
Desfalecem, anemicos, nos ratos...

almada

A' entrada daquela luvaria
Há certa mão que me parece morta...
O' mão morta a bater áquela porta,
Em poentes de chuva e ventania...

Nesta perna de vidro tão humana,
Há tanta carne em suas meias ternas,
Que eu grito ao vêr passar certa manhã:
São taças de cristal as tuas pernas!...



almada

Nas taboletas brancas—cemiterios
As letras negras, altas, muito esguias,
São ciprestes, são sombras, são misterios,
Almas dum outro-mundo em noites frias...

almada

Orgãos de Barbaria desarmonicos,
Estes carros electricos tão belos...
Ruidosos, barulhentos, filarmonic[illegible]
Passam na Tarde em risos amarelos ..

Rua do Oiro—palco da cidade.
Há bastidores em todas as esquinas...
Bébés, balões, senhoras e varinas,
Militares, cocotes, alvaiade...

Os meus olhos—as hastes da tesoura
Recortando as imagens d'Epinal,
Pelos passeios desta rua fóra..
Rua do Oiro—humano Carnaval!...

Antonio Ferro

Desenhos de Almada Negreiros

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Chá quer dizer—palestra. E' sestro do homem—e da mulher—que beba quando fale ou fale quando beba. A locução *molhar a palavra* é uma verdade eterna...

Todos os ditosos liquidos do epicurismo humano teem o extranho e paradoxal condão de provocar a sêde—de justiça. Eles são os grandes estimulantes da eloquencia humana. Bebe-se, fala-se. Fala-se, bebe-se.

Não é só o vinho que merece o ferrete de falador.

O vinho é o grande revolucionario, o agitador das alfurjas, o revolucionario das almas e, ás vezes, dos estomagos. O café é um liquido politico, por excelencia. E' filiado e livre-pensador.

Por isso o vinho é rubro, o rubro das revoltas; e o café é negro, o negro da negra politica.

O chá...

O chá é a palavra discreta. E' amarelo como uma *gueisha*, é oriental e até, pode-se afirma-lo, obliquo...

O chá provoca a palavra em voz baixa; o comentario ligeiro, a má-lingua—com açucar...

E' o sorriso,—se bem que um sorriso amarelo.

Portugal, sem deixar de cultivar a revolta e a politica, está cultivando tambem imensamente o chá, que é como quem diz, a eloquencia discreta do «five-o-clock-tea».

E descancem os gostadores de chá que possam vêr no uso d'esta moda ingleza um conflito com as suas ideias nacionalistas.

O «five-o-clock-tea» póde ser, francamente, chá das 5.

Conta D. Luiz da Cunha, embaixador de Portugal junto da côrte ingleza, que foi D. Catarina de Bragança, a filha que D. João IV deu a Carlos II, a introdutora dessa instituição em Inglaterra. Foi uma portugueza, amante de chá, que a tomar chá morreu, a inventora do chá elegante, o chá-tertulia, o chá pontual—britanicamente pontual. Portugal já tomava chá ha alguns seculos. Tomou-o—em pequenino.

Chamar-lhe das cinco, que, em Portugal, raro é as cinco, não é um «Ceylan's-tea» antentico; é um pretexto.

Póde-se mesmo fazer «five-o-clock-tea» sem tomar chá—simplesmente dando-os...

E será esse talvez o nosso chá.

Affonso de Braganga

Reuniões para hoje

Partido Republicano Liberal, ás 21; Faculdade de Sciencias, ás 21,30; Associação do Registo Civil, ás 21.

NOTAS MUNDANAS

Esta secção tomará á sua conta todos os «fait-devers» da sociedade, todas as elegancias, todos os sorrisos oficiais, todas as flôres que se cortam, tudo quanto Lisboa tem de magazine.

Uma das indiscutiveis conquistas do feminismo é que o jornalismo já não pode dispensar as mulheres. As colunas dos jornais são autenticos *trottoirs*. O leitor habituou-se a vir para as esquinas das gazetas, espreitar aquelas que passam, indiferentes, magestosas, soberanas... E' Lisboa que passa... A revista vai principiar. Teem a palavra os compères...

A CARIDADE

Opereta «Ninguem diga...»

Sob a direcção do maestro Mantua teem-se reazado no salão nobre do Teatro de S. Carlos os ensaios dos coros da nova opereta portugueza *Ninguem diga...* que nos fins do proximo mês de maio se representará desempenhada por distintos amadores no teatro São Luis, em recitas de caridade organisadas por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia, sendo a sua principal iniciadora a sr D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Ribeiro da Silva.

Opereta «Rip»

Prosseguem com toda a actividade os ensaios da lindissima opereta franceza *Rip* que há anos se representou com grande exito na elegante residencia da sr.ª D. Laura Reis Ferreira e do sr. Carlos Ribeiro Ferreira, por distintos amadores, o que ainda este mez dará duas recitas no teatro S. Carlos, organizadas por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia, da qual fazem parte as seguintes: D. Alice Munró dos Anjos, D. Beatriz Anjos Ribeiro Ferreira, condessa de Alfarrarede, condessa de Arge, coudessa de Arnoso (D. Maltilde), condessa de Vill'Alva, D. Eduarda de Carvalho, D Eugenia Ribeiro Ferreira: madame Correia Leite, madame Schmidt Rau, D. Maria Izabel de Sousa Rego de Campos Henriques, D Maria Natalia Diogo da Silva dos Reis Torgal.

Os principais papeis da encantadora opereta estão a cargo de distintos amadores, entre os quais figuram verdadeiros artistas, pois assim os podremos considerar como são as sr.as D. Laura Reis Ferreira, D Berta da Cruz Guimarães. As restantes são as sr.as D. Arcelina Moreira dos Santos Medeiros e D. Maria Tereza Carvalho da Silva, e os srs. Guilherme Street Caupers, João Afonso Pinheiro de Melo (Pindela), Joaquim de Araujo Perestrelo de Vasconcelos, Joaquim Gomes Filipe e Pedro Antonio de Freitas Branco.

Damos tambem em seguida os nomes das senhoras que desempenham os «Genios da Tentação»:

D Alda Trigoso de Almeido Santos, D. Alice Girard, D. Alice Jardim dos Anjos, D. Alice Sauvinet Bandeira Bastos, D. Carolina Correia de Sá (Assêca), D. Cristina Girard, D. Francisca de Castro (Novo Gôa), D. Isabel Pinheiro de Melo (Arnoso), D. Luiza de Sá Pais do Amaral (Anadia), D. Madalena de Morais Amado, D. Maria Amelia da Castro, D. Maria do Carmo de Melo Sá Vilar, D Maria da Conceição Tedeschi Placido, D Maria da Graça Jardim (Valenças), D Maria Guilhermina Anjos, D Maria Jesuina Anjos, D. Maria Padilla, D. Tereza de Albuquerque (Mangualde), D Tereza Burnay de Verda (Mairos), D Tereza Gil de Borja e Meneses.

No proximo numero daremos os nomes das senhoras que tomam parte nos córos.

NOS SALÕES

Na tarde de domingo a sr.ª condessa de S. Miguel ofereceu no seu palacio Largo de S. Lourenço um finissimo chá a varias pessoas das suas relações. Alem de animada conversação, dançou-se sem interrupção até perto das vinte horas, ao som de um eximio terceto. Povoando as salas onde se encontram espalhadas grande numero de preciosidades antigas, recorda-nos ter visto entre outras as sr.as: Marqueza de Sousa Holstein, condessas de São Payo, de Vinhó e Almedina e de Estarreja e filha D. Maria, Viscondessa de Sacavem (D. Matilde), D. Assunção da Cunha Menezes Pinto Cardoso e filhas D Ana e D. Maria Rosa, D. Emilia Caldeira Bourbon Ferreira Pinto Basto, D Maria Emilia Infante da Camara de Trigueiros Martel, D. Maria da Madre de Deus de Vasconcelos Seabra de Lacerda e filha D Maria Natalia, D. Maria José da Costa Campos e filhas D. Violante e D. Maria, D. Alda de Sousa e Vasconcelos Alves e filha D. Maria Luiza, D. Beatriz de Sousa e Vasconcelos Calvet de Magalhães e filha D Maria Helena, D. Margarida Pinto de Sousa Coutinho Fernandes, D. Palmira de Navarro Viana Bastos e filha D. Palmira, D. Adelaide Lima Cruz e filha D. Maria Adelaide, D. Antonia Cardoso e Silva de Noronha Porto, D. Maria Franco dos Santos de Castelo Branco, D. Maria Margarida Franco dos Santos, D. Maria Sofia e D. Clarisse Maria de Menezes Cardoso e Silva (Godim), D Maria de Lourdes da Cunha Correia de Sampaio (Castelo Novo), D. Eugenia Gorjão Henriques, D. Maria do Carmo de Azevedo Coutinho, D. Maria das Dores de Magalhães de Barros, D Helena de Vasconcelos Guimarães (Riba-Tamega), D. Maria de Lourdes de Magalhães de Barros, D. Fernanda e D. Stela de Lencastre Laboreiro Fluza, etc.

Os ilustres donos da casa foram de uma cativante amabilidade para com todos os seus numerosos convidados que se retiraram gratissimos com os deliciosos momentos que lhes proporcionaram.

Aniversarios

A'manhã fazem anos as sr.as:

Condessa de Vila Real e de Melo, D. Sebastiana Viana Ferreira Roquete, D. Laura de Almeida Coutinho e Lemos (Seixo), D Maria Izabel Varenes de Mendonça, D. Julia de Castelo Brauco de Castro e Almeida de Melo Breyner, (Mafra), D Maria da Gloria de Queiroz e Lencastre, D Maria Beatriz Centeno Gorjão Henriques e D. Maria Tereza Santos Leitão.

E os srs..

Conde de Azevedo, Jorge de Mendonça Zileri dal Verme, Pedro de Magalhães Vanzeller e Amancio Caiola Zagalo.

Recita de homenagem

Começou hoje no teatro Avenida a troca dos bilhetes provisorios para a recita que na noite de 12 do corrente se realizará neste teatro com a «reprise» unica da peça de grande exito «A Inimiga» de Nicodemi, tradução do comediografo sr. Eduardo Schwalbach, de homenagem dedicada pela empreza aos seus cronistas mundanos e nossos camaradas de trabalho.

Em viagem

Partiu hoje para o norte o sr. Marquez de Sousa Holstein.

—Partem no fim do corrente mês para as suas propriedades nos Açores os srs. Marquezes da Praia e Monforte.

TEATROS

A proxima "premiére" do Gimnasio

No palco do Gimnasio anda tudo em dobadoura.

Araujo Pereira, o talentoso ensalador que todos conhecem, trabalha sem cessar nos ensaios de apuro da vibrante peça de Mirbeau «Les affaires sont les affaires» vertida para o nosso idioma com o titulo «Negocios são negócios». Na comedia, recheada de scenas violentas e de situações empolgantes, tem Alves da Cunha ensejo para mais uma vez patentear os seus admiraveis recursos artisticos.

O principal papel feminino, eriçado de dificuldades, cheio de arestas e de «nuances» foi confiado a Berta Viana da Mota.

Serão as suas qualidades de artista suficientes para desempenhá-lo a contento dos exigentes? Os amadores de teatro esperam a primeira do «Les affaires» para se pronunciarem.

O certo é que Araujo Pereira, que com essa «premiére» realisa a sua festa artistica, tem trabalhado afanosamente na enscenação e espera que o seu trabalho, bem como o de todos os artistas do teatro do Gimnasio, seja coroado dum exito mais do que compensador.

Oxalá assim seja.

Noticias ineditas

O actor Robles Monteiro faz a sua festa no Teatro Nacional com a primeira representação da peça em 4 actos *Os Cegos*, original do ilustre escritor Joaquim Leitão.

—Tito Arantes, autor de duas pequenas operetas, que foram ouvidas com geral agrado em alguns dos nossos primeiros salões mundanos deve estrear-se como autor dramatico brevemente no Teatro Nacional com a representação da sua peça *Emigrantes*, que será levada á scena em festa artistica da ilustre actriz Amelia Rey Colaço.

—Segundo nos informam projecta-se fazer na 50.ª representação da peça *Zilda*, que actualmente está em scena no Teatro Nacional, uma festa de homenagem ao seu autor sr. dr. Alfredo Cortez.

—Na proxima epoca de verão o teatro Avenida será explorado por uma companhia de declamação que está sendo organizada pelo actor Robles Monteiro e pela actriz Amelia Rey Colaço.

Parece que farão parte dessa companhia, entre outros, os artistas Henrique de Albuquerque, Laura Hirsch, Matos Reis, Seixas Pereira e Constança de Ernelo.

No repertorio figuram, além dos originais portugueses, algumas peças francesas, recentemente representadas em Paris, das quais Robles Monteiro adquiriu o exclusivo.

—Está sendo distribuida no Teatro do Ginasio a comedia em 3 actos *Adão e Eva*, do ilustre dramaturgo e poeta sr. dr. Jaime Cortezão, que brevemente ali subirá á scena em festa da actriz Berta Viana da Mota.

—Está em ensaios no S. Luis para a recita do actor Henrique Alves a opereta *Sinos de Corneville*.

N.º 1 Folhetim do DIARIO DE LISBOA **7-3-921**

O ESCONJURO

NOVELA POR AQUILINO RIBEIRO

Rompendo pelo milharal fóra, d'estes milharaes já adeantados, verde-apopleticos e barbaçudos, de pendão mais soberbo que lanças ergúidas, Aurelio foi surpreender o sr. Abadé, ao fundo da fazenda, a refrescar de borrifador em punho os alfobres que tinham sêde. Ali perto, a agua caía da bica de pau n'uma dôce toada de cantilena, e ele, com mais zelo que de hissope a enxotar os espiritos malignos, ia e vinha, aspergindo á direita e á esquerda sobre as couves tronchas, já orelhudas,—o seu consôlo dos dias de magro, cosidas com bacalhau, depois dê lhes gear o dezembro.

A ponta vermelha do tabaqueiro a esvoaçar do bolso, casaco ruço de bater, sócos reforçados por tesseiras de ferro, afavel com estranhos e resmungão com os proximos, ali estava o padre Inocencio, grande trunfo politico e pregador de nomeada. A egreja era montesinha, mas congrua, passal de carôço e de regadio, responsorios e folares, que de lautos alambravam na ucha, tornavam-na a mais cobiçada da mitra.

O Abade foi efusivo, mais que de razão, a acolhel-o; e, largando logo, ao subirem o carreiro, aqui e ali, menos ao desenfado que para rebater com rasgo a confusão de ser colhido d'aquele geito, aqui e ali dobrava-se a cortar com o sacho a leituga baiôfa, a macela teimosa, que, mais daninhas que os pecados, acudiam ao refeitorio farto do quintal. Ao alto, debaixo da latada que cobria de frescôr um patim de largo lanço, roçado dos passos, e a duas varas de terra, onde se espojavam galinhas, puxou de «fortes»:

—Vae um?

—Muito agradecido, os medicos proibiram-me o tabaco.

—No meu tempo—tornou ele, detendo-se com o acender o fosforo dentro da cava das mãos ambas, habito de quem anda pelos caminhos—no meu tempo não havia possibilidade de fumar no Seminario. D. Antonio — *requiescat in pace* — era inimigo jurado dos fumadores. «O cigarro é um alambique de ociosidade e de devaneio—dizia ele — *ergo* de pecado». E chegou a expulsar alguns seminaristas que traziam amarela a pôlpa dos dedos. Era um dragão! . Agora, não sei ..

—Agora ha menos rigor com os fumadores—respondeu Aurelio.—O vice-reitor fuma, os monitores fumam... o proprio bispo gosta de queimar o seu charuto, mas muito em particular. Metade do que se pratica no Seminario, o sr. Abade está cheio de o saber, decorre debaixo de capa.

Passou um breve silencio entre eles, durante o qual se ouviu chocalhar a agua de rega que limava no batatal, acima de cujo verde quasi negro, sem transparencia, flôres umas que outras, brancas d'uma pureza de neve, brancas molhadas de rôxo, se elevavam mais ligeiras que borboletas.

O Abade seguia em baixo a manobra do abegão, arremengado até ao joelho, chapeu de palha centeieira com debrum azul a toda a hora, a governar a agua, á frente d'ela, a qual, como um rebanho de rezes novas, se espalhava a todos os pontos indocil e jovial. E, vendo-o pressuroso á direita e á esquerda, gritou-lhe:

—Abris te muito ao boeiro, homem! Com agua a monte, escalvas a terra toda.

O criado rosnou uma resposta breve que se perdeu e o Abade ficou a queixar-se para Aurelio dos moços da lavoura, que não vallam a mantença e exigiam uma soldada de capitão-mór. Depois, saltando de assunto, dando á voz um tom lento de interesse, proferiu:

—Isso ha de ser de pouca monta... Com a ajuda de Nossa Senhora e os ares d'estas serras, quando vier o tempo da caça, póde pegar da espingarda e estafar um bando de perdizes.

—Assim o espero—respondeu o teologo.

—Os medicos mostram-se optimistas, contanto que eu me abstenha de todo o esforço, mesmo ler. A lesão exige um espirito inerte deante no mundo e das coisas, dizem, e o mais dificil é precisamente isto, estancar dentro de nós a corrente do pensamento que nos leva. Mas vou, vou tentar reduzir-me a vegetal.

—Ora, á sr.ª D. Francisquinha não faltam posses, e Aurèlio é uma criança. Que se ordenasse já, não podia receber ordens de presbitero!...

—Sim, é verdade. Teria de esperar dois anos.

Afagado da sombra, que a aragem dos

A CIDADE

VIRGINIA VITORINO

A poetisa do soneto — Impressões de arte Virginia Vitorino — Através dos "Namorados"

Procurámos ontem Virginia Vitorino, autora do livro de versos «Namorados», que obteve ha poucas semanas o maior, o mais justo, o mais ruidoso sucesso dos ultimos tempos.

Virginia Vitorino recebeu-nos com um lindo sorriso a dançar-lhe nos labios delgados e inteligentes.

—O que quer então de mim?

—Muito pouco, descance. Quero apenas submeter a sua alma a um curto interrogatorio.

Sem perda de tempo, lançando apenas um rapido olhar ás coisas que me cercavam, iniciei a serie de perguntas que o meu cerebro forjara, quasi sem eu dar por isso.

—Diga-me em primeiro lugar: esperava ou não o exito que tão merecidamente aleançou com a publicação do seu livro de versos?

Virginia Vitorino sorriu com agrado:

—Não. Se quer que lhe diga a verdade, tinha mesmo o receio de ser mal sucedida...

—Ora essa! Não sabia então que Lisboa inteira a admirava já pelos lindos sonetos publicados em diferentes jornais?

—Admirar não é bem o termo... Mas não era a critica que me assustava. Essa, confesso-o, nunca me fez medo... O que eu temia era a indiferença da grande maioria, do publico burguês, porque o que eu desejava acima de tudo era que todos me entendessem, que todos, pequenos e grandes, soubessem ler nos meus versos a emoção que os ditara, a sinceridade com que os escrevera.

Interessada, continuei:

—Mas tambem nesse ponto não teve razão de queixa...

—Não, graças a Deus. O meu livro esgotou-se em 8 dias. Foi uma semana de enervamento e de excitação constantes...

—Que depois bemdisse não é verdade? O sucesso do seu volume...

Uma frase sincera, impoz-me imediatamente o silencio:

—Pelo amor de Deus não me fale mais no meu livro! Se soubesse como estou cançada de ouvir dizer sempre a mesma coisa!

—Mas então... Você é muito curiosa... Ha em si o germen de todas as vaidades e de todas as modestias...

Mas deixe-me fazer-lhe ainda umas perguntas.

Sabe que muitas curiosidades esperam satisfazer-se com a leitura destas mal alinhavadas linhas?

—Pois pergunte-me o que quizer. Prometo ser sincera, mesmo quando você fôr indiscreta.

Uma claridade mais doce viera substituir a ardencia metalica do sol a prumo.

Na minha frente Virginia Vitorino, loira, franzina, com uns grandes olhos azues de criança, era para mim o mais indecifravel dos enigmas. Horas antes lera eu os seus sonetos, essa admiravel colecção de frases de amor, essa milagrosa cadeia de sensações, onde palpita, freme e estua a selva gloriosa de uma natureza riquissima. E agora, olhando os seus olhos, a expressão infantil da sua beleza, eu tinha cada vez mais a «certeza» de que essas frases nunca ela as dissera, de que essas sensações nunca ela as vivera.

Mais interessada, se possivel fôr, fitei os meus olhos nos dela.

—E' capaz de dizer-me porque principiou a fazer versos?

—Porque sentia em mim o desejo imperioso de repartir com alguem a minha anciedade de mostrar

a toda a gente o excesso de emoção que me consumia, de comunicar com o mundo através do ritmo dos versos e da cadencia dos sons.

—Não foi então um proposito firme de marcar a sua individualidade?

—Não. Foi apenas um desejo natural de expansão.

—Visto isso posso então supôr que são sentidos todos os seus versos?...

—Conforme o que entender por essas palavras... Sentidos porque nasceram dum estado de alma e sintetisaram as sensações dum momento, sim. Mas porque sejam a expressão exacta dos meus verdadeiros sentimentos, não...

—Para provocar novas frases, novas confissões, contrariei-a:

—Sentimentos verdadeiros? Há então sentimentos que o não sejam?

—Não, você tem razão. Eu é que não me expliquei bem. Há em mim duas especies de sentimentos: aqueles que de facto existem porque me acompanham pela vida adiante, e aqueles que são filhos da minha fantasia, e que desaparecem mal os traduzo nos 14 versos dum soneto»

—E' muito interessante tudo isso, sabe! Mas ha ainda outra coisa que eu gostava de saber. Porque tem uma preferencia tão marcada pela poesia subjectiva?

—Porque é a unica em que eu poderei ser sincera. Quando principiei a fazer versos nem sequer apreendia a beleza das coisas. A poesia objectiva deixava-me completamente indiferente. Mais tarde compreendi que laborava num erro. Então olhei melhor á minha volta e vi um mundo de belezas novas. A curva dum Poente, as metamorfoses das plantas, o misterio insondavel do mar, começaram a impressionar-me. Mas não podia ainda fazer versos objectivos. Todo o encanto que das coisas se evolava servia-me apenas para mais comovidamente olhar dentro de mim os multiplos aspectos da minha sensibilidade. Agora.

—Um dom de opinião, não é verdade?

—Inteiramente ainda não... Mas pressinto que o meu proximo livro de versos será muito diferente do primeiro...

Virginia Vitorino calou-se um momento. Uma tristeza indefinida empalideceu um momento o brilho do seu sorriso. Nitidamente percebi que um pensamento mais fundo lhe perturbára o espirito.

—Diga-me depressa, Virginia Vitorino: Em que pensa neste instante?

—Na insuficiencia das palavras para exprimir a maxima emoção. Ah, a eterna ancia de subir mais alto! Você sabe lá como eu sofro!

.....

Calou-se. Não quiz dizer mais nada... Uma poeira dourada coada pela vidraça da janela pombalina veio bater-lhe em cheio na fronte meditativa...

O relogio da igreja mais proxima estremeceu em badaladas lentas. Despedi-me. Uma sombra pairava ainda sobre as suas palpebras dormentes. Mas o lindo sorriso voltára aos seus labios inteligentes e já na escada ouvi ainda a sua voz:

—Não diga muito mal de mim aos seus leitores, não?

Sahi finalmente, cá fóra preocupou-me ainda um momenco a anciedade que pressentia no lamento da poetisa. Depois a vertigem da rua tomou-me toda e lá fui á minha vida tranquilamente, socegadamente...

Maria Fernanda de Castro e Quadros

A gréve da Imprensa

Publicamos a seguir o acordo firmado entre a direcção do *Diario de Lisboa* e a Comissão Executiva Pró-Aumento de Salario dos Trabalhadores de Jornais:

Lisboa, 5 de Abril de 1921.—Entre a Empresa do *Diario de Lisboa* e a Comissão Executiva Pró-Aumento de Salario dos Trabalhadores de Jornais é estabelecido o seguinte acordo provisorio para vigorar até solução do actual conflito

1.º—Cada componente do quadro tipografico receberá semanalmente a quantia de 52$50;

2.º—O pessoal de maquinas e de esteriotipia tomará o trabalho percebendo as férias anteriores a este movimento, acrescidas de cincoenta por cento;

3.º—Os distribuidores tomarão o trabalho nas mesmas condições do pessoal de maquinas e de esteriotipia;

4.º—Os quadros redatorial e de revisão perceberão os vencimentos a estabelecer de comum acordo entre os mesmos e a Empresa do *Diario de Lisboa*, tendo, porém, em vista as reclamações destas classes;

5.º—A Empresa do *Diario de Lisboa* compromete-se a aceitar as condições que venham a ser estabelecidas definitivamente no fim do actual conflito existente entre algumas empresas jornalisticas e trabalhadores de jornais.—*Joaquim Manso, Alexandre Vieira, Raul Silva, Walter Machado.*

A proposito de literatura

Mais livros, cada vez mais livros nas montras dos livreiros. Já não é um exemplar, são montes de exemplares que se aninham cordealmente lado a lado, na confusão maxima das exposições literarias. Simples, despretenciosos, alguns volumes têm, na brancura ingenua da capa, a síntese do seu conteudo; outros, pelo contrario, ostentam fisionomias gritantes, alaranjadas, sanguineas, em que explende, canta, ruge, palpita, em paroxismos de emoção, a vibratilidade forte e marcante da gente nova. Mas todos os livros, quer simplorios, quer violentamente modernos, se juntam nas montras dos livreiros como velhos amigos que ha muito se não encontram—eles que se odeiam quanto podem, que brigam, que lutam ferozmente, logo que a mão do comprador os tira da montra—Babilonia. Assim, Julio Dantas, calmo, imensamente calmo, na sua emoção ultra-ligeira, toca de perto a prosa articulada e berrante de Antonio Ferro; tal como os versos placidos de Tomaz Ribeiro Colaço repousam docemente ao lado das fantasias estéticas do Alfredo Pimenta.

Hoje, na minha visita habitual ás livrarias, tive a agradavel surpresa de encontrar caras novas.

João do Rio, um cronista brilhante, um nadinha incoerente, que faz furor no Brasil, manda-nos o seu ultimo volume «Rosario da Ilusão»; e o nosso prosador Sousa Costa põe á venda mais um livro, a que deu o titulo de «Milagres de Portugal»

Por hole é quanto sabemos.

Vamos a ver ámanhã...

---

outeiros tonificava, contente das novidades que os seus olhos viam pular ao sol forte de julho, o Abade aprouve-se a evocar os velhos tempos do Seminario, quando se aprendia a logica pelo Genueuse e a metafisica pelo Stagirita.

—O padre Roseira ainda é vivo?

—E', mas muito velhinho. Quando saiamos a passeiar pela estarda do Relogio de Sol, viamo-lo ás vezes na quinta. Tão diafano, quasi uma sombra, muito dobrado para a terra, sem erguer nunca a cabeça, vinha-me sempre á ideia que andava a soletrar o *memento homo qui pulvis es*...

—Lá nisso era ele um artista!... Pois tenho pena, foi o meu mestre de latinidade. Há que mundos! Mas olhe, ainda me não esqueci das despertativas que nos tamborilava na cabeça com os os nós dos dedos sempre que emperravamos nas declinações. Era um humanista temivel. O João de Morais, sequaz do Padre Manuel Alvares do tempo dos afonsinhos, era duro de roer; mas quando entrava era para nunca mais, enroscava-se á memoria como a hera a uma parede e dali só com a cova. Sabiamos a arte toda, da etimologia á prosodia, de cór e salteada. Então da nomenclatura poetica não lhe falo. O Padre Roseira, que versejou em latim, exigia que trouxesse-cias.

mos tudo na ponta da lingua. A que pontos, eu lhe digo... Horacio não tinha verso hipercataletico, ou adonio que não soubesse desdobrar, nem em Virgilio havia cesura que eu não matasse á legua. Há que mundos! Eu lhe digo, hoje ainda sei a gramatica como o padrenosso... o mais arrevezado, até esses pronomes de má morte...

E o sr. Abade, em prova, desfiou leonlnamente uma esdruxula declinação.

—Chama-se a isso uma memoria de bronze.

—Qual?! Chama-se isto receptividade aos cascudos do Padre Rozeira. Do resto, ontologia, teodiceia, dogma, esqueci tudo. Só me lembra que há sete propriedades no individuo: *Forma, figura, locus, tempus, stirps, patria, nomen, Haec ea sun septem, quae non habet unus et alter.* E viva o velho! No latinorio, lá nisso a vaidade me seja leve, era um barra. No bom e no mau; ainda hoje seria capaz de recitar os casos todos de certas palavras barbaras, ou de baixa latinidade, formadas por agutinação, e que são mais extensas que leguas. Sabe?

—Julgo que sei. Não há aprendiz de latim que não marre com essas extravagan-

—E' verdade, isso é a giria do latim, latão como lhe chamam. O Padre Rozeira não nos ensinava estas coisas, mas ouvi-lhe eu dizer que era um bom exercicio glotico, por isso as não reprovava. Trauteavamo-las e entretinhamo-nos a compôr ou a embaçar os novatos com frases biligues como aquela *Uvas Atenas portas.* Algumas eram bem equivocas. Hoje, já se não ocupam com essas frioleiras?

—Ocupam, pois, não ocupam! A Igreja está construida sobre pedra—*super hanc petram*—tudo em volta, a começar pelo ensino eclesiastico, petrificou.

O sr. abade não compreendeu ou não quiz compreender, e arrimado ao grato corrimão da lembrança, foi remomorando:

—O latim servia-nos até de pretexto para mexer em coisas menos discretas. Aos caloiros obrigavamo-los a declinar Tertulianus, e outras palavras, percebe? que involvem em certos casos um sentido afrontoso para quem as pronuncia, atendendo á decomposição etimologica que se lhes supõe.

—Sim, hoje como ontem, essas coisas são saboreadas, ditas e reditas. E' a valvula do instinto contrafeito,

—No meu tempo—tornou o abade, apanhando o fio subtil, quasi subterraneo, que deixára Aurelio—os grandes, como denominavam aos teologos e aos barbados, no sabado á noite achavam sempre geito de se pirar por uma porta que da cêrca abria para a rua do Castelo. A essas excursões sobrepticias, chamavamos nós «ir a Sodoma». Até uma vez houve escandalo em casa duma Micas, muito falada ao tempo, por se envolverem em desordem, devido a diferenças ao jogo, um terceiranista e um furriel. Malharam ambos com as costas na cadeia e quem valeu ao seminarista foram os bons padrinhos e ter já ordens de diacono. Já morreu... Mataram-no na força da idade com um tiro de bacamarte á boca das urnas, numa eleição que os progressistas disputavam aos regeneradores no concelho da Pesqueira.

—Tal porta já não existe—declarou Aurelio.—O Seminario, agora, é cispado como um tumulo, e, que não fôsse, essa viagem nocturna seria comprometedora e arriscada

O seminario tem espiões pela cidade, depois o paisano, hoje em dia, divorciou-se do clerigo... não fragúa com ele... considera alcouces e tavolagens como feudo só seu. O eclesiastico, com o advento da democracia, nem o direito tem de debôchar-se.

(Continúa)

COLONIAS

APRESSEMOS O DESENVOLVIMENTO DAS COLONIAS

Angola e o sr. Norton de Matos

Problema vital da provincia:—meios de transporte

A meia duzia de dias da partida do sr. general Norton de Matos voltam-se para a nossa provincia de Angola os olhares metropolitanos, á espera de que se faça sentir a tão desejada acção governativa do alto comissario. O homem que vai tomar conta do governo de Angola tem já no seu passado de colonial uma obra brilhante como governador da provincia. Com os poderes larguissimos que lhe concede a lei que instituiu os altos comissarios, tendo-se rodeado de um grupo de tecnicos que mostram a melhor boa vontade no desempenho da sua missão, ha ainda muito mais a esperar da sua experiencia e do desejo firme que o alto comissario tem, de acertar, progressando a obra de desenvolvimento daquela nossa rica possessão ultramarina.

Querendo dar aos seus leitores uma ideia rapida, mas impressiva, do que é e do que pode ser dentro em pouco a provincia de Angola, avistou-se um redactor do *Diario de Lisboa* com o distintissimo colonial sr. Marques Ribeiro, que, em poucas palavras, nos poz ao corrente da actual situação da provincia, deixando-nos antever um futuro todo de prosperidade e de vigoroso desenvolvimento comercial e agricola.

A escolha do alto comissario

— O nome do sr. Norton de Matos para o cargo de alto comissario — diz-nos o sr. Marques Ribeiro — foi indicado pelos proprios coloniais de Angola, que conhecem perfeitamente os seus merecimentos de homem de govêrno, bem demonstrados quando o hoje alto comissario foi governador da provincia. Temos uma fé absoluta na sua experiencia e nas suas raras qualidades de trabalho.

«Com a acção administrativa do alto comissario, Angola pode ser a salvação do nosso país, tenho a certeza. As suas possibilidades de produção são incalculaveis. Além dos chamados produtos coloniais, dos chamados países quentes, dão-se ali admiravelmente os cereais e todos os produtos dos climas frios. O trigo e o milho, que nos obrigam a uma extraordinaria drenagem de ouro para o estrangeiro, podem vir de Angola em magnificas condições e em quantidade mais do que suficiente para o consumo da metropole.

—A situação, por enquanto, é de esperanças, não é verdade?

—Claro. Até agora nada se tem feito para que possam aproveitar-se convenientemente todas as riquezas que de Angola nos podem vir. A politica administrativa do alto comissario deve incidir principalmente sobre o momentoso problema das vias de comunicação.

Angola sem meios de transporte

«Pode dizer-se que a provincia de Angola—acrescenta o sr. Marques Ribeiro—não tem meios de transporte, tão mal aproveitados são aqueles com que foi dotada em longos anos de vagarosa colonisação. Ha três problemas de que o alto comissario precisa ocupar-se urgentemente: abertura de estradas, dragagem de rios e construção de caminhos de ferro. São os três vertices do triangulo—base do desenvolvimento da provincia. Além disso, torna-se indispensavel uma garantia de ordem pa a que os colonos possam trabalhar descançadamente. Logo que se ponha em pratica a urgentissima politica administrativa dos meios de transporte, a exportação quintuplicará.

«O caminho de ferro de Loanda a Malange transporta mensalmente—é quasi irrisorio—trezentas toneladas de carga para Loanda. A linha está num caos e serviço de passageiros não existe.

O caminho de ferro de Lobito não tem material bastante para o trafego comercial e o de Mossamedes está ainda em construção. E' tambem urgente fazer a dragagem do rio Quanza, que tem condições naturais para ser uma excelente via de comunicação.

A mão de obra facilitada

—Não haverá possibilidade de fazer derivar a nossa corrente emigratoria para as colonias?

—Assim de repente é impossivel. As cidades não teem as necessarias condições de salubridade para receber os colonos. Antes de mais nada, é preciso preparar lugares proprios para fixar a colonização. E ainda o problema da mão de obra anda intimamente ligado ao dos meios de transporte. Ha pontos salubres situados a grandes distancias das vias de cumunicação. Uma vez que se abram linhas ferreas, podem criar-se ali importantes nucleos de população. E não é só fazer derivar para Angola a nossa corrente emigratoria, é tambem fixar o colono á provincia, dando-lhes escolas para educar os filhos e assistencia medica para não ter de recorrer á metropole em caso de doença grave.

—Que opinião tem sôbre a cidade de Loanda?

—Loanda tem condições naturais para ser uma grande cidade. O que não ha é iniciativa, ou quando ela aparece não tem a necessaria protecção oficial.»

Em resumo: Angola precisa de linhas ferreas, muitas linhas ferreas. O aumento dos meios de transporte trará um aumento paralelo da colonisação. E uma vez colonisada a provincia, o pregresso bate azas e conduzir-nos-ha a um futuro largo, honesto, desanuviado. Os coloniais têm fé e isso já representa alguma coisa—na obra administrativa do sr. Norton de Matos. E' a hora de esperar o desenvolvimento de Angola.

PROVINCIAS

Ancião, 3.

A comissão central de execução da lei da separação cedeu á Administração Geral dos Correios e Telegrafos o antigo presbiterio desta vila. Consta que a Administração dos Correios tenciona reconstrui-lo a capricho para nele instalar a estação telegrafo-postal, que aliás já funciona ha anos, numa dependencia bastante acanhada do mesmo edificio.

—Este concelho que durante o longo periodo da guerra lutou com falta de meios de condução rapida, é actualmente servido por duas carreiras de camions: uma de Coimbra ao Pontão e outra, a que mais aproveita a esta vila, de Pombal a Figueiró, que transporta tambêm as malas do correio.

Agueda, 5.

A Camara Municipal resolveu fazer-se representar na manifestação aos soldados desconhecidos pelo sr. dr. Manuel Alegre, deputado por este circulo. A' Batalha vão varias representações.

—Tem estado doente o sr. dr. José Gomes da Costa.

—No proximo dia 10 do corrente realiza no Centro Republicano uma conferencia o sr. dr. José Henrique Barata, professor do liceu de Aveiro.

Caldas da Rainha, 5.

No dia 9 realiza-se no quartel de infantaria 5 uma sessão solene em honra das vitimas da grande guerra. E no dia 11 antes da chegada aqui do comboio que conduz á Batalha os cadaveres dos soldados desconhecidos, efectuar-se-há um grande cortejo civico, em que tomarão parte todos os elementos militares e civis do concelho.

—Parte do comercio daqui está tratando dos estudos para a montagem duma linha telefonica, que ligue com a rede Lisboa-Porto, desta vila. O sr. Paulino Montez um dos mais importantes comerciantes desta região, disse-nos ha dias, ter como certo este grande melhoramento, para o comercio desta vila e povoações visinhas.

—Já começaram as obras no hospital D. Leonor, e parque os preparativos necessarios para a abertura da epoca termal, a efectuar no dia 15 do proximo mês de maio.

Cantanhede, 5

Apesar de algumas divergencias suscitadas com os funcionarios judiciais da capital do norte, os oficiais de justiça desta comarca continuam a dar o seu incondicional apoio á comissão que se encontra nessa cidade, para que, com a maior brevidade, faça publicar na folha oficial a justa melhoria de situação porque de ha muito pugna tão prestimosa classe.

—Ha dias que inumeras pessoas deste concelho caminham para o lugar de Balças, no firme proposito de ouvirem a «a alma do outro mundo», ou seja uma voz semelhante á das cabras, que aparecia naquele sitio á hora das Trindades; porém, um grupo de individuos, desvendou tão grande misterio, descobrindo a voz de uma ave que, segundo dizem, pertence á familia do noitibó.

Estamos como um amigo nosso, que dizia ao povo na ocasião em que se dispunham a escutar a tal voz:—Não é do outro mundo, pela simples razão de estar neste.

—Consorciou-se ontem, com uma gentil senhora de Santa Comba Dão, o nosso presado amigo sr. dr. Mario Paes de Sousa, distinto advogado nesta comarca e que aqui gosa inumeras simpatias.

Auguramos-lhes uma perene lua de mel.

Povoa de Varzim, 5

Registo com agrado a publicação de mais este baluarte da imprensa e tanto por bem informar sempre os meus leitores.

—Para o proximo dia 9 de Abril projectam-se aqui diversas manifestações, no sentido de glorificar a data celebre que esse dia significa.

Assim, ha sessões solenes na Escola Primaria Superior e no quartel do 3.º grupo de Administração Militar.

O Club Naval Povoense empenha-se em levar por diante uma recita de gala e promover ás 14 horas uma grande manifestação de respeito, com girandolas de morteiros, repiques de sinos, paralisação de todo o trabalho e grande orfeon infantil com todas as crianças das escolas.

—O Orfeon Poveiro, da regencia competente do sr. dr. Josué Trocado, vai realizar uma serie de excursões artisticas que sirvam de incentivo para os grupos congeneres e levem longe o nome desta linda terra.

Assim, como inicio, realiza uma grande recita no Teatro da Trindade, do Porto, em 14 do corrente, contando a seguir ir a Coimbra, Lisboa e outras localidades do sul do país.

—E' grande a procura de casas para a proxima epoca de banhos, motivo porque tudo indica que ela será animadissima.

—Esteve aqui ha dias o sr. dr. Antonio da Fonseca, ministro do comercio, que visitou a vila, admirou a praia e ouviu as reclamações dos habitantes povoenses, que anceiam ver esta terra com os melhoramentos que merece e necessita.

—Encontra-se em Caiyes, Beiriz, o sr. dr. Alfredo Brandão, ilustre ministro do Brasil em Stockolmo, que ali tem recebido os cumprimentos de muitos dos seus amigos e admiradores.

—Tem feito um tempo lindissimo, motivo porque a praia de pescado se vem animando bastante nos ultimos dias e a safra vai sendo muito regular.

—Regressou aqui o deputado por este circulo sr. Antonio dos Santos Graça.

Santa Comba Dão, 5.

Tendo gostosamente aceitado o encargo de correspondente do *Diario de Lisboa*, que hoje inicia sua publicação, apresento os meus sinceros cumprimentos ao seu director e corpo redactorial, fazendo votos pela prosperidade da nova empresa.

—Os trabalhos agricolas prosseguem com grande anafama, em razão da forte estiagem que muito está prejudicando a agricultura.

Se durante um certo lapso de tempo não formos beneficiados com chuvas, ficarão muitos terrenos de sequeiro adequados á cultura do milho por arrotear.

—Apezar da grande relutancia dos proprietarios, continua a aparecer á venda nos estabelecimentos, azeite ao preço de 2$90 o litro. Não está assegurado o consumo para o ano, mas no entanto affirma-se que o azeite do concelho durará ainda por largos tempos.

Milho continua a haver em abundancia. O colonial é aqui vendido ao preço de 6$40 os 16 litros.

—A festividade da Senhora da Ribeira do Pranto, deste concelho, decorreu com bastante entusiasmo. Sobretudo, o arraial, foi muito regularmente concorrido.

—Partiu para o Congo Belga a cuidar dos seus importantes negocios comerciais, o nosso estimado conterraneo e amigo sr. Arnaldo de Lemos.

Uma feliz viagem é o que lhe desejamos.

—Solicitou a exoneração do cargo de administrador deste concelho o sr. João Morais, alferes de infantaria 14. Para o substituir foi nomeado o sr. Alfredo Correia Santos, que tomou posse no dia 4.

—Realizou-se o casamento do sr. José Dias Farinha, activo comerciante em Africa, com a sr.ª D. Ilda Gomes de Lemos.

Os nossos sinceros parabens.

—Tambem se efectuou o casamento do sr. dr. Mario Pais de Sousa, com a sr.ª D. Palmira Prata Negrão.

Viseu, 7

Para homenagear a memoria dos soldados desconhecidos, esta cidade envia á Batalha uma delegação da Camara com sua bandeira, o dr. M. Arrigão como representante da Junta Distrital e dos estudantes dos dois sexos. A Junta faz depositar no feretro uma artistica granada. Em autos e camionetes seguem tambem bastantes pessoas, e mais viriam se a Companhia Nacional tivesse organizado um comboio directo a Leiria.

—A Companhia do Vouga tenciona estabelecer, no proximo verão, comboios expressos entre Viseu e Espinho. Excelente lembrança, visto que o trajecto se realisa numa região rica e populosissima. Todavia, necessario se torna estudar bem este melhoramento, de forma a dar ao publico turista as devidas comodidades. Convem que estes comboios sejam aos domingos, terças e quintas-feiras, devendo sair de Viseu ás 5 e regressarem até ás 24 do mesmo dia, parando apenas nas estações principais e não demorando no percurso mais de quatro horas. Indicamos aquelles dias, dado que não possam efectuar-se quotidianamente. A linha do Vouga, graças ao seu pitoresco (talvez unico em linhas ferreas nacionais) é para prestar ao grande turismo e dar á companhia optimas vantagens, desde que a sua exploração se faça com a maxima inteligencia.

—São esperados aqui os estudantes madrilenos da faculdade de letras e os alunos de botanica da universidade de Zurich (Suissa). Os primeiros vão visitar o museu de Grão Vasco e os segundos a flora caramulana.

Lêr na 4.ª e 5.ª paginas

"O Esconjuro,,

novela de

Aquilino Ribeiro

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Séde em Lisboa—R. do Comercio — Agencia em Lisboa—Cais do Sodré

CAPITAL SOCIAL ESC. 48:000.000$00—CAPITAL REALISADO ESC. 24:000.000$00

RESERVAS ESC. 24:900.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE:— Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo-Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã Evora, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Torres-Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Traz-os-Montes e Vizeu.

• • • • FILIAIS NAS ILHAS:— Funchal e Ponta Delgada.

FILIAIS NO ESTRANGEIRO:— PARIS, Rue Helder, 8, — LONDRES, Throgmorton Street, 27-B — NOW-YORK, Liberty Street, 93.

• • FILIAIS NAS COLONIAS:— S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Macau e Dilly.

• • • • FILIAIS NO BRASIL:— Rio de Janeiro, Campos, S. paulo, Santos, Baía, Bernambuco, Parahyba, Pará e Manaus.

Recomendam-se as filiais deste banco no Brasil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal.
Correspondentes nas principais localidades do continente e ilhas adjacentes e em todas as cidades do mundo.
Operações bancarias de todos os generos.

Compra e venda de saques, notas moedas estrangeiras, coupons, etc.
Operações de Bolsa.
Cartas de credito circulares e circulares sobre as colonias e todos os paises do Mundo.

COLONIAS

APRESSEMOS O DESENVOLVIMENTO DAS COLONIAS

Angola e o sr. Norton de Matos

Problema vital da provincia: — meios de transporte

A meia duzia de dias da partida do sr. general Norton de Matos voltam-se para a nossa provincia de Angola os olhares metropolitanos, á espera de que se faça sentir a tão desejada acção governativa do alto comissario. O homem que vai tomar conta do governo de Angola tem já no seu passado de colonial uma obra brilhante como governador da provincia. Com os poderes larguissimos que lhe concede a lei que instituiu os altos comissarios, tendo-se rodeado de um grupo de tecnicos que mostram a melhor boa vontade no desempenho da sua missão, ha ainda muito mais a esperar da sua experiencia e do desejo firme que o alto comissario tem, de acertar, apressando a obra de desenvolvimento daquela nossa rica possessão ultramarina,

Querendo dar aos seus leitores uma ideia rapida, mas impressiva, do que é e do que pode ser dentro em pouco a provincia de Angola, avistou-se um redactor do *Diario de Lisboa* com o distintissimo colonial sr. Marques Ribeiro, que, em poucas palavras, nos poz ao corrente da actual situação da provincia, deixando-nos antevêr um futuro [illegible] de prosperidade e de vigoroso desenvolvimento comercial e agricola.

A escolha do alto comissario

— O nome do sr. Norton de Matos para o cargo de alto comissario — diz-nos o sr. Marques Ribeiro — foi indicado pelos proprios coloniais de Angola, que conhecem perfeitamente os seus merecimentos de homem e de govêrno, bem demonstrados quando o hoje alto comissario foi governador da provincia. Temos uma fé absoluta na sua experiencia e nas suas raras qualidades de trabalho.

«Com a acção administrativa do alto comissario, Angola pode ser a salvação do nosso país, tenho a certeza. As suas possibilidades de produção são incalculaveis. Alem dos chamados produtos coloniais, dos chamados paises quentes, dão-se ali admiravelmente os cereais e todos os produtos dos climas frios. O trigo e o milho, que nos obrigam a uma extraordinaria drenagem de ouro para o estrangeiro, podem vir de Angola em magnificas condições e em quantidade mais do que suficiente para o consumo da metropole.

—A situação, por enquanto, é de esperanças, não é verdade?

—Claro. Até agora nada se tem feito para que possam aproveitar-se convenientemente todas as riquezas que de Angola nos podem vir. A politica administrativa do alto comissario deve incidir principalmente sobre o momentoso problema das vias de comunicação.

Angola sem meios de transporte

«Pode dizer-se que a provincia de Angola —acrescenta o sr. Marques Ribeiro— não tem meios de transporte, tão mal aproveitados são aqueles com que foi dotada em longos anos de vagarosa colonisação. Ha três problemas de que o alto comissario precisa ocupar-se urgentemente: abertura de estradas, dragagem de rios e construção de caminhos de ferro. São os três vertices do triangulo—base do desenvolvimento da provincia. Além disso, torna-se indispensavel uma garantia de ordem pa a que os colonos possam trabalhar descançadamente. Logo que se ponha em pratica a urgentissima politica administrativa dos meios de transporte, a exportação quintuplicará.

«O caminho de ferro de Loanda a Malange transporta mensalmente—é quasi irrisorio—trezentas toneladas de carga para Loanda. A linha está num cáos e serviço de passageiros não existe.

O caminho de ferro de Lobito não tem material bastante para o trafego comercial e o de Mossamedes está ainda em construção. E' tambem urgente fazer a dragagem do rio Quanza, que tem condições naturais para ser uma excelente via de comunicação.

A mão de obra facilitada

—Não haverá possibilidade de fazer derivar a nossa corrente emigratoria para as colonias?

—Assim de repente é impossivel. As cidades não teem as necessarias condições de salubridade para receber os colonos. Antes de mais nada, é preciso preparar lugares proprios para fixar a colonização. E ainda o problema da mão de obra anda intimamente ligado ao dos meios de transporte. Ha pontos salubres situados á grandes distancias das vias de cumunicação. Uma vez que se abram linhas ferreas, podem criar-se ali importantes nucleos de população. E não é só fazer derivar para Angola a nossa corrente emigratoria, é tambem fixar o colono á provincia, dando-lhes escolas para educar os filhos e assistencia medica para não ter de recorrer á metropole em caso de doença grave.

—Que opinião tem sôbre a cidade de Loanda?

—Loanda tem condições naturais para ser uma grande cidade. O que não ha é iniciativa, ou quando ela aparece não tem a necessaria protecção oficial.»

Em resumo: Angola precisa de linhas ferreas, muitas linhas ferreas. O aumento dos meios de transporte trará um aumento paralelo da colonisação. E uma vez colonisada a provincia, o progresso bate azas e conduzir-nos-ha a um futuro largo, honesto, desanuviado. Os coloniais têm fé e isso já representa alguma coisa—na obra administrativa do sr. Norton de Matos. E' a hora de esperar o desenvolvimento de Angola.

PROVINCIAS

Ancião, 3.

A comissão central de execução da lei da separação cedeu á Administração Geral dos Correios e Telegrafos o antigo presbiterio desta vila. Consta que a Administração dos Correios tenciona reconstrui-lo a capricho para nele instalar a estação telegrafo-postal, que aliás já funciona ha anos, numa dependencia bastante acanhada do mesmo edificio.

—Este concelho que durante o longo periodo da guerra lutou com falta de meios de condução rapida, é actualmente servido por duas carreiras de camions: uma de Coimbra ao Pontão e outra, a que mais aproveita a esta vila, de Pombal a Figueiró, que transporta tambem as malas do correio.

Agueda, 5.

A Camara Municipal resolveu fazer-se representar na manifestação aos soldados desconhecidos pelo sr. dr. Manuel Alegre, deputado por este circulo. A' Batalha vão varias representações.

—Tem estado doente o sr. dr. José Gomes da Costa.

—No proximo dia 10 do corrente realiza no Centro Republicano uma conferencia o sr. dr. José Henrique Barata, professor do liceu de Aveiro.

Caldas da Rainha, 5.

No dia 9 realiza-se no quartel de infantaria 5 uma sessão solene em honra das vitimas da grande guerra. E no dia [illegible] antes da chegada aqui do combóio que conduz a Batalha os cadaveres dos soldados desconhecidos, efectuar-se-há um grande cortejo civico, em que tomarão parte todos os elementos militares e civis do concelho.

—Parte do comercio daqui está tratando dos estudos para a montagem duma linha telefonica, que ligue com a rêde Lisboa-Porto de ta vila. O sr. Paulino Montez um dos [illegible] comerciantes desta região, [illegible] ter como certo este grande melhoramento, para o comercio desta vila e povoações vizinhas.

—Já começaram no hospital D. Leonor, e parque os preparativos necessarios para a abertura da época termal, a efectuar no dia 15 do proximo mês de maio.

Cantanhede, 5

Apesar de algumas divergencias suscitadas com os funcionarios judiciais da capital do norte, os oficiais de justiça de[illegible] comarca continuam a dar o seu incondicional apoio á comissão que se encontra nessa cidade, para que, com a maior brevidade, faça publicar na folha oficial a justa melhoria de situação porque de ha muito pugna tão prestimosa classe.

—Ha dias que inumeras pessoas deste concelho caminham para o logar de Balças, no firme proposito de ouvirem a «a alma do outro mundo», ou seja uma voz semelhante á das cabras, que aparecia naquele sitio á hora das Trindades; porém, um grupo de individuos, desvendou tão grande misterio, descobrindo a voz de uma ave que, segundo dizem, pertence á familia do pombo.

Estamos como um amigo nosso, que dizia ao povo na ocasião em que se dispunham a escutar a tal voz —Não é do outro mundo, pela simples rezão de estar neste.

—Consorciou-se ontem, com uma gentil senhora de Santa Comba Dão, o nosso presado amigo sr. dr. Mario Paes de Sousa, distinto advogado nesta comarca e que aqui gosa inumeras simpatias.

Auguramos-lhes uma perene lua de mel.

Povoa de Varzim, 5

Registo com agrado a publicação de mais este baluarte da imprensa e farei por bem informar sempre os meus leitores.

—Para o proximo dia 9 de Abril projectam-se aqui diversas manifestações, no sentido de glorificar a data celebre que esse dia significa.

Assim, há sessões solenes na Escola Primaria Superior e no quartel do 3.º grupo de Administração Militar.

O Club Naval Povoense empenha-se em levar por diante uma recita de gala e promover ás 14 horas uma grande manifestação de respeito, com girandolas de morteiros, repiques de sinos, paralisação de todo o trabalho e grande orfeon infantil com todas as crianças das escolas.

—O Orfeon Poveiro, da regencia competente do sr. dr. Josué Trocado, vai realizar uma serie de excursões artisticas que sirvam de incentivo para os grupos congeneres e levem longe o nome desta linda terra.

Assim, como inicio, realiza uma grande recita no Teatro da Trindade, do Porto, em 14 do corrente, contando a seguir ir a Coimbra, Lisboa e outras localidades do sul do pais.

—E' grande a procura de casas para a proxima epoca de banhos, motivo porque tudo indica que ela será animadissima.

—Esteve aqui ha dias o sr. dr. Antonio da Fonseca, ministro do comercio, que visitou a vila, admirou a praia e ouviu as reclamações dos habitantes povoenses, que anceiam ver esta terra com os melhoramentos que merece e necessita.

—Encontra-se em Calves, Beiriz, o sr. dr. Alfredo Brandão, ilustre ministro do Brasil em Stockolmo, que ali têm recebido os cumprimentos de muitos dos seus amigos e admiradores.

—Tem feito um tempo lindissimo, motivo porque a praia de pescado se vem animando bastante nos ultimos dias e a safra vai sendo muito regular.

—Regressou aqui o deputado por este circulo sr. Antonio dos Santos Graça.

Santa Comba Dão, 5.

Tendo gostosamente aceitado o encargo de correspondente do *Diario de Lisboa*, que hoje inicia sua publicação, apresento os meus sinceros cumprimentos ao seu director e corpo redactorial, fazendo votos pela prosperidade da nova empreza.

—Os trabalhos agricolas prosseguem com grande azafama, em razão da forte estiagem que muito está prejudicando a agricultura.

Se durante um certo lapso de tempo não formos beneficiados com chuvas, ficarão muitos terrenos de sequeiro adequados á cultura do milho por arrotear.

—Apezar da grande relutancia dos proprietarios, continua a aparecer á venda nos estabelecimentos, azeite ao preço de 2$90 o litro. Não está assegurado o consumo para o ano, mas no entanto afirma-se que o azeite do concelho durará ainda por largos tempos.

Milho continua a haver em abundancia. O colonial é aqui vendido ao preço de 6$40 os 16 litros

—A festividade da Senhora da Ribeira do Pranto, deste concelho, decorreu com bastante entusiasmo. Sobretudo, o arraial, foi muito regularmente concorrido.

—Partiu para o Congo Belga a cuidar dos seus importantes negocios comerciais, o nosso estimado conterraneo e amigo sr. Arnaldo de Lemos.

Uma feliz viagem é o que lhe desejamos.

—Solicitou a exoneração do cargo de administrador deste concelho o sr. João Morais, alferes de infantaria 14. Para o substituir foi nomeado o sr. Alfredo Correia Santos, que tomou posse no dia 4.

—Realizou-se o casamento do sr. José Dias Farinha, activo comerciante em Africa, com a sr.ª D. Ida Gomes de Lemos.

Os nossos sinceros parabens.

—Tambem se efectuou o casamento do sr. dr. Mario Pais de Sousa, com a sr.ª D. Palmira Pratas Negrão.

Viseu, 1

Para homenagear a memoria dos soldados desconhecidos, esta cidade envia á Batalha uma delegação da Camara com sua bandeira, o dr. M. Aragão como representante da Junta Distrital e dos estudantes dos dois sexos. A Junta faz depositar no feretro uma artistica granada. Em autos e camions seguem tambem bastantes pessoas, e mais viriam se a Companhia Nacional tivesse organizado um comboio directo a Leiria.

—A Companhia do Vouga tenciona estabelecer, no proximo verão, comboios expressos entre Viseu e Espinho. Excelente lembrança, visto que o trajecto se realisa numa região rica e populosissima. Todavia, necessario se torna estudar bem este melhoramento, de forma a dar ao publico turista as devidas comodidades. Convem que estes comboios sejam aos domingos, terças e quintas-feiras, devendo sair de Viseu ás 5 e regressarem até ás 24 do mesmo dia, parando apenas nas estações principais e não demorando no percurso mais de quatro horas. Indicamos aqueles dias, dado que não possam efectuar-se quotidianamente. A linha do Vouga, graças ao seu pitoresco (talvez unico em linhas ferreas nacionais) é para prestar ao grande turismo e dar á companhia optimas vantagens, desde que a sua exploração se faça com a maxima inteligencia.

—São esperados aqui os estudantes madrilenos da faculdade de letras e os alunos de botanica da universidade de Zurich (Suissa). Os primeiros veem visitar o museu de Grão Vasco e os segundos a flora caramulana.

Lêr na 4.ª e 5.ª paginas

"O Esconjuro,"
novela de
Aquilino Ribeiro

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Séde em Lisboa—R. do Comercio — Agencia em Lisboa—Cais do Sodré

CAPITAL SOCIAL ESC. 48:000.000$00—CAPITAL REALISADO ESC. 24:000.000$00
RESERVAS ESC. 24:900.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE: — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo-Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã Evora, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Torres-Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Traz-os-Montes e Vizeu.

FILIAIS NAS ILHAS: — Funchal e Ponta Delgada.

FILIAIS NO ESTRANGEIRO: — PARIS, Rue Helder, 8, — LONDRES, Throgmorton Street, 27-B — NOW-YORK, Liberty Street, 93.

FILIAIS NAS COLONIAS: — S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Gôa, Macau e Dilly.

FILIAIS NO BRASIL: — Rio de Janeiro, Campos, S. paulo, Santos, Baía, Pernambuco, Parahyba, Pará e Manaus.

Recomendam-se as filiais deste banco no Brasil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal.
Correspondentes nas principais localidades do continente e ilhas adjacentes e em todas as cidades do mundo.
Operações bancarias de todos os generos.

Compra e venda de saques, notas moedas estrangeiras, coupons, etc.
Operações de Bolsa.
Cartas de credito circulares e circulares sobre as colonias e todos os paizes do Mundo.

NO ESTRANGEIRO

A greve dos mineiros ingleses

De parte das minas será impossivel extrair mais carvão

O governo inglez toma todas as precauções para que os efeitos da gréve não sejam a falta absoluta de carvão.

Limitando a iluminação de montras e cartazes, limitando o consumo domestico, fechando talvez teatros e animatografos, reduzindo até á iluminação das ruas, espera poder atravessar esta crise tremenda que terá e já vae tendo gravissimas consequencias.

Já estão egualmente tomadas precauções para o caso dos ferroviarios e operarios de transportes fazerem causa comum com os grevistas.

Quaesquer que sejam, porém, essas medidas, não passam d'um mero palliativo, diante do facto da destruição das minas, que se tornará inutil n'um praso mais ou menos longo.

E' caso para os mais frios admirarem a indiferença com que aqueles homens destroem o seu ganha pão e se lançam na maior miseria por um tempo indefinido.

Os proprietarios das minas não esperavam a inundação; contudo em South-Staffordshire já o numero dos poços inundados se eleva a seis e pela configuração geologica do solo teme-se que em poucas horas toda a região esteja destruida.

Parte das industrias metalurgicas já pensam em fechar e todas as outras industrias acabarão decerto por paralisar. Em Sheffield já foram despedidos 30:000 operarios metalurgicos.

Das minas destruidas será impossivel extrair o carvão, talvez para sempre, e dizem os telegramas que, excepto algumas desordens ao sul de Gales, a maior parte dos mineiros olha indiferentemente os acontecimentos e vae obedecendo ás ordens dos seus chefes passivamente, como se se tratasse d'uma maldição do céu.

Será a fome negra para todas as classes industriaes de Inglaterra.

Continuam o "lock-out,,—O governo não toma medidas

LONDRES, 7.

O comité executivo da Federação de Transportes celebrou uma reunião na qual decidiu que se o governo indica, pela sua atitude, não estar disposto a tomar medidas para pôr fim ao *lock-out* dos mineiros, os directores da Federação aconselham os 35 sindicatos de que é composta a que façam causa comum com os mineiros.

Segundo o *Daily Herald*, 88 por cento das secções da Federação dos Caminhos de Ferro deram a sua opinião a favor dum assentimento comum para fazer triunfar as reivindicações dos mineiros.—(Radio).

O governo na posse das minas

LONDRES, 6

O governo publicou regulamentos para obviar de certo modo á crise actual e vae tomar posse das minas. Vae tambem tomar a direcção dos serviços dos transportes.

Os fogueiros e maquinistas dos comboios não mostram vontade de aderir á gréve.

Os trabalhadores das docas dirigidas por Bentillett opõem-se a entrar rapida e inconsideramente na questão. Tillett deseja fortemente que se reabram negociações.—Radio).

Os desempregados italianos

MILO, 6.

A Confederação Geral do Trabalho decidiu apoiar com todas as suas forças o governo para achar uma solução para a crise dos desempregados.—(R.).

O custo da vida lá fóra

Nos Estados Unidos só aumentou 55 0|0

LONDRES, 7—O dr. Macnamara disse na Camara dos Comuns que na data do armisticio o custo da vida, no que dizia respeito á alimentação na Inglaterra, tinha soffrido um aumento de 129 0|0; nos Estados Unidos o aumento tinha sido de 69 0|0. Em Fevereiro deste ano, o aumento do custo de vida estava em 149 0|0 na Inglaterra e 55 0|0 nos Estados Unidos.—(R.)

As relações dos aliados com a Alemanha

Briand fala alto e bom som

PARIS, 7.

O sr. Briand, falando no Senado francês ácêrca das relações dos aliados com a Alemanha, disse que depois da conferencia de Paris mostrou-se claramente que a união entre os aliados era absoluta e a França deseja manter essa solidariedade a todo o custo. Se a Alemanha pretender fugir ás suas obrigações encontrará uma força robusta que a fará cumprir o seu dever.—(R.)

A nota dos Estados-Unidos

BERLIM, 7.

A nota do govêrno dos Estados-Unidos, em que este considera a Alemanha como responsavel pela guerra, foi recebida por este paiz com dolorosa surpresa.—(R.)

A ocupação do Reno

LONDRES, 7.

Um telegrama de Washington recebido ontem á noite em Londres diz que os efectivos do exercito americano de ocupação no Reno não serão reduzidos antes de 1 de Julho proximo, como se anunciára.—(R.)

A questão social em dois paises

As penalidades do codigo espanhol

MADRID, 6.

O conselho de ministros de ontem á noite resolveu comutar em seis anos de prisão militar a reclusão perpetua imposta a cinco processados pelos acontecimentos de Saragoça. O conselho tambem resolveu reformar alguns artigos do codigo penal, especialmente delitos sociais, impondo severas penas sobre todos os que forem cometidos por grupos.—(R.).

PARIS, 6.

Os socialistas de Madrid recusaram-se aderir á terceira internacional.—(R.).

Guerra turco-grega

PARIS, 6.

Quando no ano passado, em Boulogne, Venizelos se ofereceu para reduzir as forças kemalistas, Lloyd George e Millerand concordaram. O marechal Foch disse a Venizelos vivamente que os gregos o não poderiam fazer porque não dispunham de 500 mil soldados para ocupar a Anatolia.

No mez passado, em Londres, quando os gregos de novo declararam que podiam vencer Kemal pachá, o general Gouraud, que tinha vindo de combater os nacionalistas turcos do norte da Cyria, disse que os gregos o não podiam fazer.

A derrota dos gregos confirma a opinião d'aquelles generaes.

Deve haver uma nova conferencia para resolver a questão da Turquia, e espera-se de melhores resultados que as anteriores.—(Radio).

CHEGOU NOVO STOCK
— DE —
CHAMPAUBRIS
S. Micquot
Grand vin mousseux
UNICO DEPOSITARIO
A. Pereira Nunes
P. dos Restauradores, 13
TELEFONE
C. 3:300

Carlos da Hungria a caminho da Suissa

O imperador promete voltar

LONDRES, 7

O ex-imperador Carlos abandonou a Hungria, dirigindo-se á Suissa, mas antes de abandonar o territorio hungaro lançou uma proclamação, declarando que tinha sido coroado rei da Hungria e que faria tudo quanto fosse possivel para recuperar o seu trono.—(R).

A viagem faz-se sem incidente

VIENA, 7.

O comboio em que viaja Carlos de Habsburgo passou pela fronteira da Styria, prosseguindo a sua viagem sem incidente.—(R).

A Polonia não quere a restauração

PARIS, 7.

A Polonia, que se tinha mostrado indiferente á restauração dos Habsburgos na Hungria, acaba de notificar ao governo deste paiz que não pode tolerar o rei Carlos no trono da Hungria.—(R).

A informação oficial

VIENA, 7.

Em Budapesth, o presidente do conselho, conde Teleki, anunciou á assembleia nacional que o ex-rei Carlos tinha abandonado a Hungria.—(R).

COLEGIO LUSO-BELGA
Directora: M.me Jeanne Rolin
RUA CAMILO CASTELO BRANCO
Instrução primaria,
Instrução secundaria e comercial
Aceita alunas internas,
externas e semi-externas
Sempre os melhores resultados nos exames

Haverá um acordo honroso?

LONDRES, 7.

O chanceler das finanças, sir Robert Wood, declarou nos Comuns que o governo não protelaria o subsidio de carvão e que se esforçaria por que se reassumissem negociações sobre as bases dos salarios por distritos.

Os membros do partido do trabalho esforçam-se por que de ambos os lados se chegue a um acordo honroso. O primeiro ministro disse que teria muito prazer em discutir de novo a questão dos salarios, mas não admitiria discussões sobre a continuação do subsidio ou da fiscalisação.—(Radio).

Os negros pedem a protecção do presidente Harding

WASHINGTON, 7—Os negros solicitaram do presidente Harding que fizesse aprovar qualquer medida legislativa de maneira a pôr termo ás linchagens e aos trabalhos forçados, e que simultaneamente désse os seus direitos aos negros do sul.—(R).

A luta contra os comunistas na Alemanha

BERLIM, 7.

O governo alemão prossegue energicamente na sua acção contra os comunistas. Perto de Eisleben, seis comunistas acusados de promover desordens, foram executados. Em Breslau foram detidos trinta e cinco comunistas.—(R).

A Alemanha pediu a intervenção dos Estados Unidos

O governo alemão pediu a intervenção dos Estados Unidos para regular o problema das reparações. A este pedido responderam os Estados Unidos com uma nota que será communicada ás nações alliadas, mas cujo texto ainda não teve tempo de chegar a Paris.

Conhece-se-lhe o sentido geral: os Estados Unidos convidam a Alemanha a pagar até ao extremo limite dos seus recursos, e fazem-lhe compreender que estão solidarios com as nações de que foram companheiros durante a guerra.

O governo alemão guardou segredo ácerca deste passo.

Só depois das alusões dos jornais aliados se resolveu a dar algumas explicações.

E ainda estas explicações, que dizem respeito a um «memorandum» economico entregue ao representante oficial dos Estados Unidos, parecem, pelo menos, tão adequadas a obscurecer a questão como a esclarecê-la.

E' lamentavel que os dirigentes da Alemanha recorram sempre a meios confusos ou pouco direitos. Porque não dizem francamente o que fazem quando tomam a iniciativa retumbante de chamar em seu auxilio o arbitro americano? Ou é em realidade uma solução lial que procuram e é preciso terem a coragem da sua opinião; ou é uma manobra que tentam e nesse caso era inutil partirem para Lugano.

O sentido da resposta americana não nos surpreende — o «Tempo» sempre disse: «Nada sem os Estados Unidos»—mas ela dá-nos uma grande satisfação. O conselho que M. Harding e M. Hagues dão á Alemanha é excelente; se o governo de Berlim tivesse seguido francamente esta politica, a paz europeia seria ha muito uma rialidade.

Esperamos que a voz dos Estados Unidos terá outras ocasiões de se fazer ouvir no regulamento das questões levantadas pela guerra. Nenhum pensamento do governo americano deve ser desconhecido. Nenhum interesse americano deve ficar ignorado. E o pacto da Liga das Nações não deve ser um obstaculo á intima colaboração dos aliados e dos Estados Unidos.

A NAVEGAÇÃO NO CANAL DE KIEL

A conferencia dos embaixadores

envia uma nota ao governo alemão por causa de um navio inglês

PARIS, 7.

A conferencia dos embaixadores reunida na quarta feira de manhã, no ministerio dos negocios estrangeiros, sob a presidencia do sr Jules Cambon, aprovou o projecto de uma nota que vai ser enviada ao governo alemão, a respeito da questão do «Wibledon», navio inglês fretado por uma companhia francesa, que se dirigia para Dantzig em 21 de Março ultimo. Os alemães puzéram varios embaraços á passagem deste navio, que transportava material de guerra para a Polonia, de forma que depois de uma demora de dez dias ele teve que utilizar o caminho do Estreito.

O Tratado de Versailles estipula muito claramente que o canal de Kiel fica aberto a todos os navios de guerra e de comercio de todas as nações em paz com a Alemanha.—(R).

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no
ESCRIPTORIO FORENSE
R. do Carmo, 35, 2.º
N.º TELEFONICO: 4088 — C.

ULTIMAS NOTICIAS

Os Consagrados

Não ha nada mais inglorio do que a consagração. Eu só conheço uma gloria que valha: a gloria de estar só. E' que mais vale andar só do que mal acompanhado... O publico foi sempre uma má companhia para os artistas. Prejudica-os, contagia-os, pega-lhes a vulgaridade...

Os consagrados são os grandes martires da arte. Vivem, constantemente, manietados pelo publico, obrigados a fornecer-lhe, todos os dias, pacotes de emoções — cigarros fortes. O publico é o vampiro dos consagrados. Não ha talento em formação que lhe resista. Quando um pintor, um musico ou um escritor, lhe cái nas mãos, estrangalha-o, chupa-o, bebe-lhe o sangue... E' fugir, é fugir da consagração. A consagração é a anemia do genio. Como eu tenho dó d'eles, dos infelizes consagrados... A sua tristeza confrange-me, incomoda-me, faz-me ter serios cuidados pelo meu futuro. Os consagrados são tristes, muito tristes, dão a impressão que atravessam a vida atrás do seu enterro... Não sabem rir, não sabem gritar, não sabem ter um gesto... São os forçados da Arte. Causam dó. Nalguns deles adivinha-se uma vaga saudade das horas irreverentes, um vago desejo de independencia, de processos novos... Mas que fazer? A consagração embaraça-lhes os movimentos O publico abandoná-los-ia, se eles fugissem á rotina... Ser consagrado é ter a sensibilidade amordaçada

Todas estas considerações me vieram ao espirito, ontem, na Sociedade das Belas Artes. Eu que vinha das bandas do Sol, que, Avenida acima, enfeitara os meus olhos com olaias, ao entrar na exposição dos consagrados, senti passar por mim uma nortada, tive frio, muito frio, bati os dentes...

A exposição dos consagrados é um Pantcon de pintura. Dá vontade de perguntar ao porteiro quem morreu lá em casa. E no entanto, que belas personalidades não estão ali sufocadas, sacrificadas ao publico.

De todos os consagrados, Antonio Carneiro, o menos consagrado, foi o que mais se consagrou em mim. Esse retrato de criança, com olhos novos e tintas velhas de Carriére, impressionou-me. O quadro dos galgos, esgalgado todo ele, é um quadro de museu. «Os dois amigos» é uma rima de tintas e de linhas Antonio Carneiro, ferido de morte com tantas sanguineas, renasceu para mim. O que ontem vi dele é do melhor que se tem feito em Portugal.

José Malhôa que, ao contrario de quasi todos, não repousou na consagração, e, bem ao contrario, busca sempre, com impaciencia, novas maneiras, novas tintas, tem, entre varios quadros quentes e fortes, um pastel, «Os nossos pecados», muito bem tenscenado... O retrato de Mario Salgueiro é um dos melhores retratos que lhe conheço: tem verdade e tem sintese. Malhôa recebe agora a boa influencia dos impressionistas. Besnard é, na verdade, um dos amigos intimos da sua arte.

Columbano está certo, como de costume. Demoro-me sempre, com respeito e ternura, perante os seus quadros. O que mais me interessa na sua obra são os «petits coins», os bule, as frutas, as couves, os sorrisos caseiros do seu modelo... Columbano converte ao cristianismo as coisas em que toca. E' um asceta da pintura: pinta com as palpebras, em capucho, sôbre os olhos...

Sousa Lopes tem algumas telas boas. As impressões de Veneza são belas e justas. Veneza é bem aquilo: um corpo morto sôbre a laguna, fosforocente.

João Vaz continua enamorado das aguas e dos barcos. E' tal o seu habito de mar e ceu, que ao querer pintar uma igreja, pintou uma onda... O interior daquele tempo tem, na verdade, um côro—um côro de aguas e de ventos...

Roque Gameiro expõe algumas aguarelas honestas e sadias. Veloso Salgado expõe muito e expõe-se muito...

Francisco Santos, escultor de muita valia, apresenta algumas estatuetas que os meus olhos adquiriram. O estudo para a Salomé tem um belo ritmo, um ritmo que as mãos de Francisco Santos não deviam perder...

Fechada a exposição dos consagrados, porque não se pensa em abrir a exposição dos «fauves», dos irreverendos, dos libertos... Porque não organizar, todos os anos, como em Paris, o Salão de Outono?... Eu sei, eu sei talvez... E' que o inverno defende-se com chuva, com trovões, mas sem faiscas... Em Portugal não há Salão de Outôno, não há outono—porque não há primavera...

6-2-921. **A. F.**

IMPRENSA

O *Diario de Lisboa* ao iniciar a sua publicação saúda todos os seus colegas na imprensa com os quais deseja sempre manter as melhores relações de amizade.

Ao *Correio da Manhã*, que sob a direcção do sr. dr. Anibal Soares começou hoje a publicar-se, endereçamos cumprimentos afectuosos.

Honra e Gloria aos Soldados Desconhecidos

A alocução do Chefe do Estado

O sr. Presidente da Republica agradeceu as palavras de justiça do ilustre prelado ao heroico exercito portuguez e á heroica marinha portugueza. Sabe o ilustre prelado e muitos dos que aqui estão a sua maneira de pensar sobre a amnistia. Esse assunto está afecto ao parlamento e todos sabem que o Senado já na sua ultima sessão a aprovou por grande maioria e que a Camara dos Deputados, na sua sessão de ámanhã, se deve ocupar do assunto.

S. ex.ª afirmou que confiava na generosidade do parlamento; tambem eu. Terminando, o sr. Presidente da Republica disse que ia apertar a mão ao sr. cardeal patriarca da maneira mais sincera e afectuosa.

Eram 13 horas.

O sr. Presidente da Republica retirou-se, depois, acompanhado pelos presentes, sendo carinhosamente cumprimentado.

A Homenagem ao Congresso

A' hora de fecharmos o nosso jornal, deve estar falando, no Congresso, o sr. presidente da Republica, usando, em seguida da palavra, o sr. presidente do Senado.

O sr. Abilio Marçal, presidente da Camara dos Deputados, discursará de uma das janelas do edificio, seguindo-se a imposição das condecorações, pelo sr. presidente da Republica.

Os turnos do dia 9

23.º turno, da 1 hora ás 2,30, parlamentares do distrito do Porto, Farmacia Central do Exercito, 3.º grupo, capitão Carlos Augusto Cordeiro, tenentes Manuel Henriques Sêco, Lourenço Mendes Sêco e Rodrigo Esteves de Gusmão, e Associação dos Alunos da Escola Colonial.

24.º turno, das 2,30 ás 4 horas, parlamentares do distrito de Santarem, Farmacia Central do Exercito, 4.º grupo, tenentes Joaquim Varela Gusmão e Henrique da Silva Campos. alferes Gaspar Maria do Nascimento e Antonio da Silva. e Grupo dos Escoteiros da Cruzada das Mulheres Portuguesas.

25.º turno, das 4 horas ás 5,30, parlamentares de S. Tomé e Principe, generais João A. Camacho, Teofilo da Trindade e Côrte Real.

26.º turno, das 5,30 ás 7 horas, parlamentares de Timor, vitimas das revoluções de 5 de Outubro e 14 de Maio, e Comissão Liquidataria do C. E. P.

27.º turuo, das 7 ás 8,30, parlamentares do distrito de Viana do Castelo, generais Ferreira Gil e Mendonça e Matos, e Centro Escolar Republicano Miguel Bombarda.

28.º turno, das 8,30 ás 10 horas, parlamentares do distrito de Vila Rial, Escoteiros Municipais de Lisboa, alunos da Faculdade de Sciencias, Club Naval de Lisboa e Cruzada Nacional D. Nun'Alvares Pereira.

29.º turno, das 10 horas ás 11,30, parlamentares do distriro de Vizeu, Corpo de Voluntarios de Salvação Publica, Associação de Estudantes de Medicina e funcionarios do Congresso,

A chegada do "Jeanne d'Arc"

Chegou hoje de manhã ao Tejo o cruzador-couraçado francês «Jeanne d'Arc», que vem representar a marinha de guerra francesa na homenagem aos soldados desconhecidos.

A questão das reparações

Os alemães têem dinheiro?

PARIS, 6

Os alemães, emquanto se recusam a pagar a indemnisação, oferecem, por intermedio dos seus bancos, grandes quantias de dinheiro como emprestimo a companhias estrangeiras, incluindo firmas francezas.—(Radio).

O luxo nas grandes cidades

PARIS, 6

Se os alemães quizessem convencer os outros paizes da miseria que apregoam, deviam proibir aos estrangeiros a entrada nas suas grandes cidades, onde ha um luxo berrante, uma vida facil e uma abundancia de todas as coisas, que estão em completo desacordo com os repetidos queixumes dos seus governantes.—(Radio).

Nova proposta da Alemanha

WASHINGTON, 6

O governo americano publicou a nota do governo alemão em que este se propõe fazer novas propostas á França.

O dr. Simons propõe que a Alemanha tome para si o encargo da divida aliada aos Estados Unidos, declarando que a Alemanha assumiria a obrigação de pagar os juros e a amortisação dentro dos limites da sua capacidade.—(Radio).

A reconstrução das regiões devastadas

BERLIM, 6

Diz-se que Lloyd George afirmou que a Alemanha pagará as reparações até aos limites extremos da sua capacidade.

Efectivamente todos os alemães e em especial os operarios estão decididos a contribuir com todas as suas forças para o restabelecimento das regiões devastadas.

A Alemanha compreende que as suas propostas de reparação devem ter em conta a situação penivel das finanças aliadas, especialmente da França.—(Radio).

O serviço postal na Inglaterra

LONDRES, 7—Reabre hoje na Inglaterra o serviço dos correios para todos os lugares da Russia, da Europa e da Asia—(R.)

DA ARCADA

Está aberto concurso, até 23 do corrente, para provimento de lugares de divisores dos correios da estação central dos correios do Porto.

—Foram classificados pela seguinte ordem os candidatos a lugares de condutores de 3.ª classe do quadro auxiliar do grupo de engenharia de minas e serviços geologicos: Manuel de Sá Granadeiro e Artur Augusto da Fonseca, os quais devem ser inspeccionados no proximo dia 15, pela junta medica oficial do Ministerio do Trabalho.

L. SILVA DIAS

Representações estrangeiras e conta propria

Stock dos seguintes artigos:

Cabedais e artigos para calçado
Botões perola, agalhas.
Bordado a peso e á peça.
Peúgas de seda e algodão.
Molas para vestidos.
Pentes e escovas.
Maquinas de escrever A B C
Maquinas de chegon.
Pneus e camaras d'ar.
Anilinas.

Rua Aurea, 265, 2.º

Telefone 3207-C.

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ—Resa-se da feria simples, paramentos brancos, 2.ª e 3.ª como ontem.

LAUSPERENE—Na igreja S. Domingos.

FESTIVIDADES—Sé, ás 11, côro; ás 12, missa e vesperas; S. Roque, ás 8 e meia, missa.

S. Domingos—A's 12 h. festa ao Senhor dos Passos, com missa solene por musica e sermão, pregando orador o rev. Piadeiro; ás 19 horas, Trasladação e Exaltação de Jesus, por instrumental e sermão, pregando orador o rev. José Oliveira Maita.

—Exposição da imagem Senhor Jesus dos Passos, nas igrejas do costume.

Dr. Alexandre Braga

Os nossos colegas da manhã deram-nos a triste noticia do falecimento do dr. Alexandre Braga, um dos mais ardentes propagandistas do actual regimen, orador consagrado e advogado distintissimo. O *Diario de Lisboa* sentindo sinceramente o passamento do ilustre tribuno apresenta o seu cartão de pesames a toda a sua familia.

O seu funeral deve realizar-se ámanhã pelas 9 horas.

A politica do novo presidente norte-americano

O Estados Unidos não ratificam o Tratado de Versailles

NEW-YORK, 7.—A politica da administração Harding definiu-se claramente que pode ser representada pelos seguintes pontos: O Tratado de Versailles não será ratificado, e os Estados Unidos não entrarão na Liga das Nações. Contudo serão tomadas medidas para pôr em pratica a ideia de Harding, que deseja a formação duma associação de nações baseada num tribunal internacional para a resolução de todas as questões litigiosas. A resolução Kno vai ser em breve submetida ao Congresso.——(R.)

Tabacaria Barbosa

Novidades literarias nacionaes e estrangeiras

Jornaes e publicações ilustradas

Telefone 2926-C.

Rua do Carmo, 67

Os gazes asfixiantes

não voltarão a ser empregados na guerra?

LONDRES, 7.

Na reunião internacional das sociedades da Cruz Vermelha decidiu-se solicitar a todos os governos que assinem um acordo para que seja proibido o uso de gazes asfixiantes na guerra; solicitou-se tambem que se limitassem as hostilidades na guerra aerea, unicamente para conseguir fins militares, salvaguardando a população civil, e limitando o direito do bloqueio.—(R.)

Imprensa Libanio da Silva

Sucessores Sousa & Gomes, Ltd.

24, Travessa do Fala Só, 24

Telefone 2110 C.

Trabalhos tipograficos em todos os generos. Encadernações.

UM LEGADO

A viuva do saudoso escritor e diplomata Abel Botelho legou a livraria do seu marido á Biblioteca Nacional,

CARTAZ

Nacional—Ás 21, «Zilda».
S. Luis—Ás 21, «J. P. C.»
Politeama—Ás 21, «O João Ratão».
Ginasio—As 21,30, «A Ventoinha».
Trindade—Á2 21, «O Emigrado».
Avenida—Ás 21, «O senhor roubado».
Eden-Teatro—Ás 21, «Paz armada».
Salão Foz—Ás 20,30 e 22,30, «Trolaró»

ANIMATOGRAFOS

OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade.
CHIADO TERRASSE—Rua Antonio Maria Cardoso.
SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores.

ULTIMAS NOTICIAS

Os Consagrados

Não ha nada mais inglorio do que a consagração. **Eu só conheço uma gloria que valha: a gloria de estar só. E' que mais vale andar só do que mal acompanhado... O publico foi sempre uma má companhia para os artistas. Prejudica-os, contagia-os, pega-lhes a vulgaridade...**

Os consagrados são os grandes martires da arte. Vivem, constantemente, manietados pelo publico, obrigados a fornecer-lhe, todos os dias, pacotes de emoções — cigarros fortes. O publico é o vampiro dos consagrados. Não ha talento em formação que lhe resista. Quando um pintor, um musico ou um escritor, lhe cái nas mãos, estrangalha-o, chupa-o, bebe-lhe o sangue... E' fugir, é fugir da consagração. A consagração é a anemia do genio. Como eu tenho dó d'eles, dos infelizes consagrados... A sua tristeza confrange-me, incomoda-me, faz-me ter serios cuidados pelo meu futuro. Os consagrados são tristes, muito tristes, dão a impressão que atravessam a vida atrás do seu enterro... Não sabem rir, não sabem gritar, não sabem ter um gesto... São os forçados da Arte. Causam dó Naiguns deles adivinha-se uma vaga saudade das horas irreverentes, um vago desejo de independencia, de processos novos... Mas que fazer? A consagração embaraça-lhes os movimentos O publico abandoná-los-ia, se eles fugissem á rotina... Ser consagrado é ter a sensibilidade amordaçada

Todas estas considerações me vieram ao espirito, ontem, na Sociedade das Belas Artes. Eu que vinha **das bandas do Sol, que, Avenida acima, enfeitara os meus olhos com olalas, ao entrar na exposição dos consagrados, senti passar por mim uma nortada, tive frio, muito frio, bati os dentes...**

A exposição dos consagrados é um Panteon de pintura. Dá vontade de perguntar ao porteiro quem morreu lá em casa. E no entanto, que belas personalidades não estão ali sufocadas, sacrificadas ao publico.

De todos os consagrados, **Antonio Carneiro, o menos consagrado, foi o que mais se consagrou em mim.** Esse retrato de criança, com olhos novos e tintas velhas de Carriére, impressionou-me. O quadro dos galgos, esgalgado todo ele, é um quadro de museu. «Os dois amigos» é uma rima de tintas e de linhas Antonio Carneiro, ferido de morte com tantas sanguineas, renasceu para mim. O que ontem vi dele é do melhor que se tem feito em Portugal.

José Malhôa que, ao contrario de quasi todos, não repousou na consagração, e, bem ao contrario, busca sempre, com impaciencia, novas maneiras, novas tintas, tem, entre varios quadros quentes e fortes, um pastel, «Os nossos pecados», muito bem enscenado... O retrato de Mario Salgueiro é um dos melhores retratos que lhe conheço: tem verdade e tem sintese. Malhôa recebe agora a boa influencia dos impressionistas. Besnard é, na verdade, um dos amigos intimos da sua arte.

Columbano está certo, como de costume. Demoro-me sempre, com respeito e ternura, perante os seus quadros. O que mais me interessa na sua obra são os «petits coins», os bule, as frutas, as couves, os sorrisos caseiros do seu modelo... Columbano converte ao cristianismo as coisas em que toca. E' um asceta da pintura: pinta com as palpebras, em capucho, sôbre os olhos...

Sousa Lopes tem algumas telas boas. As impressões de Veneza são belas e justas. Veneza é bem aquilo: um corpo morto sôbre a laguna, fosforocente.

João Vaz continua enamorado das aguas e dos barcos. E' tal o seu habito de mar e ceu, que ao querer pintar uma igreja, pintou uma onda... O interior daquele tempo tem, na verdade, um côro—um côro de aguas e de ventos...

Roque Gameiro expõe algumas aguarelas honestas e sadias. Veloso Salgado expõe muito e expõe-se muito...

Francisco Santos, escultor de muita valia, apresenta algumas estatuetas que os meus olhos adquiriram. O estudo para a Salomé tem um belo ritmo, um ritmo que as mãos de Francisco Santos não deviam perder...

Fechada a exposição dos consagrados, porque não se pensa em abrir a exposição dos «fauves», dos irreverendos, dos libertos... Porque não organizar, todos os anos, como em Paris, o Salão de Outono?... Eu sei, eu sei talvez... E' que o inverno defende-se com chuva, com trovões, mas sem faiscas... Em Portugal não há Salão de Outôno, não há outono—porque não há primavera...

A. F.

6-2-921.

IMPRENSA

O *Diario de Lisboa* ao iniciar a sua publicação saúda todos os seus colegas na imprensa com os quais deseja sempre manter as melhores relações de amizade.

Ao *Correio da Manhã*, que sob a direcção do sr. dr. Anibal Soares começou hoje a publicar-se, endereçamos cumprimentos afectuosos.

Honra e Gloria aos Soldados Desconhecidos

A alocução do Chefe do Estado

O sr. Presidente da Republica, agradeceu as palavras de justiça do ilustre prelado ao heroico exercito portuguez e á heroica marinha portugueza. Sabe o ilustre prelado e muitos dos que aqui estão a sua maneira de pensar sobre a amnistia. Esse assunto está afecto ao parlamento e todos sabem que o Senado já na sua ultima sessão a aprovou por grande maioria e que a Camara dos Deputados, na sua sessão de ámanhã, se deve ocupar do assunto.

S. ex.ª afirmou que confiava na generosidade do parlamento; tambem eu. Terminando, o sr. Presidente da Republica disse que ia apertar a mão ao sr. cardeal patriarca da maneira mais sincera e afectuosa.

Eram 13 horas.

O sr. Presidente da Republica retirou-se, depois, acompanhado pelos presentes, sendo carinhosamente cumprimentado.

A Homenagem ao Congresso

A' hora de fecharmos o nosso jornal, deve estar falando, no Congresso, o sr. presidente da Republica, usando, em seguida da palavra, o sr. presidente do Senado.

O sr. Abilio Marçal, presidente da Camara dos Deputados, discursará de uma das janelas do edificio, seguindo-se a imposição das condecorações, pelo sr. presidente da Republica.

Os turnos do dia 9

23.º turno, da 1 hora ás 2,30, parlamentares do distrito do Porto, Farmacia Central do Exercito, 3.º grupo, capitão Carlos Augusto Cordeiro, tenentes Manuel Henriques Sêco, Lourenço Mendes Sêco e Rodrigo Esteves de Gusmão, e Associação dos Alunos da Escola Colonial.

24.º turno, das 2,30 ás 4 horas, parlamentares do distrito de Santarem, Farmacia Central do Exercito, 4.º grupo, tenentes Joaquim Varela Gusmão e Henrique da Silva Campos, alferes Gaspar Maria do Nascimento e Antonio da Silva, e Grupo dos Escoteiros da Cruzada das Mulheres Portuguesas.

25.º turno, das 4 horas ás 5,30, parlamentares de S. Tomé e Principe, generais João A. Camacho, Teofilo da Trindade e Côrte Real.

26.º turno, das 5,30 ás 7 horas, parlamentares de Timor, vitimas das revoluções de 5 de Outubro e 14 de Maio, e Comissão Liquidataria do C. E. P.

27.º turuo, das 7 ás 8,30, parlamentares do distrito de Viana do Castelo, generais Ferreira Gil e Mendonça e Matos, e Centro Escolar Republicano Miguel Bombarda.

28.º turno, das 8,30 ás 10 horas, parlamentares do distrito de Vila Rial, Escoteiros Municipais de Lisboa, alunos da Faculdade de Sciencias, Club Naval de Lisboa e Cruzada Nacional D. Nun'Alvares Pereira.

29.º turno, das 10 horas ás 11,30, parlamentares do distriro de Vizeu, Corpo de Voluntarios de Salvação Publica, Associação de Estudantes de Medicina e funcionarios do Congresso,

A chegada do "Jeanne d'Arc"

Chegou hoje de manhã ao Tejo o cruzador-couraçado francês «Jeanne d'Arc», que vem representar a marinha de guerra francesa na homenagem aos soldados desconhecidos.

A questão das reparações

Os alemães têem dinheiro?

PARIS, 6

Os alemães, emquanto se recusam a pagar a indemnisação, oferecem, por intermedio dos seus bancos, grandes quantias de dinheiro como emprestimo a companhias estrangeiras, incluindo firmas francezas.—(Radio).

O luxo nas grandes cidades

PARIS, 6

Se os alemães quizessem convencer os outros paizes da miseria que apregoam, deviam proibir aos estrangeiros a entrada nas suas grandes cidades, onde ha um luxo berrante, uma vida facil e uma abundancia de todas as coisas, que estão em completo desacordo com os repetidos queixumes dos seus governantes.—(Radio).

Nova proposta da Alemanha

WASHINGTON, 6

O governo americano publicou a nota do governo alemão em que este se propõe fazer novas propostas á França.

O dr. Simons propõe que a Alemanha tome para si o encargo da divida aliada aos Estados Unidos, declarando que a Alemanha assumiria a obrigação de pagar os juros e a amortisação dentro dos limites da sua capacidade.—(Radio).

A reconstrução das regiões devastadas

BERLIM, 6

Diz-se que Lloyd George afirmou que a Alemanha pagará as reparações até aos limites extremos da sua capacidade.

Efectivamente todos os alemães e em especial os operarios estão decididos a contribuir com todas as suas forças para o restabelecimento das regiões devastadas.

A Alemanha compreende que as suas propostas de reparação devem ter em conta a situação penivel das finanças aliadas, especialmente da França.—(Radio).

O serviço postal na Inglaterra

LONDRES, 7—Reabre hoje na Inglaterra o serviço dos correios para todos os lugares da Russia, da Europa e da Asia—.(R.)

DA ARCADA

Está aberto concurso, até 23 do corrente, para provimento de lugares de divisores dos correios da estação central dos correios do Porto.

—Foram classificados pela seguinte ordem os candidatos a lugares de condutores de 3.ª classe do quadro auxiliar do grupo de engenharia de minas e serviços geologicos: Manuel de Sá Granadeiro e Artur Augusto da Fonseca, os quais devem ser inspeccionados no proximo dia 15, pela junta medica oficial do Ministerio do Trabalho.

L. SILVA DIAS

Representações estrangeiras e conta propria

Stock dos seguintes artigos:

Cabedais e artigos para calçado
Botões perola, agalhas.
Bordado a peso e á peça.
Pedgas de seda e algodão.
Molas para vestidos.
Pentes e escovas.
Maquinas de escrever A B C
Maquinas de chegon.
Pneus e camaras d'ar.
Anilinas.

Rua Aurea, 265, 2.º

Telefone 3207-C.

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ—Reza-se da feria simplex, paramentos brancos, 2.ª e 3.ª como ontem.

LAUSPERENE—Na igreja S. Domingos.

FESTIVIDADES—Sé, ás 11, côro; ás 12, missa e vesperas; S. Roque, ás 8 e meia, missa.

S. Domingos—A's 12 h. festa ao Senhor dos Passos, com missa solene por musica e sermão, sendo orador o rev. Piadeiro; ás 19 horas, Triduo ao Coração de Jesus, por instrumental e sermão, sendo orador o rev. José Oliveira Malta.

—Exposição da imagem Senhor Jesus dos Passos, nas igrejas do costume.

Dr. Alexandre Braga

Os nossos colegas da manhã deram-nos a triste noticia do falecimento do dr. Alexandre Braga, um dos mais ardentes propagandistas do actual regimen, orador consagrado e advogado distintissimo. O *Diario de Lisboa* sentindo sinceramente o passamento do ilustre tribuno apresenta o seu cartão de pesames a toda a sua familia.

O seu funeral deve realizar-se ámanhã pelas 9 horas.

A politica do novo presidente norte-americano

O Estados Unidos não ratificam o Tratado de Versailles

NEW-YORK, 7.—A politica da administração Harding definiu-se claramente que pode ser representada pelos seguintes pontos: O Tratado de Versailles não será ratificado, e os Estados Unidos não entrarão na Liga das Nações. Contudo serão tomadas medidas para pôr em pratica a ideia de Harding, que deseja a formação duma associação de nações baseada num tribunal internacional para a resolução de todas as questões litigiosas. A resolução Kno vai ser em breve submetida ao Congresso.——(R.)

Tabacaria Barbosa

Novidades literarias nacionaes e estrangeiras

Jornaes e publicações ilustradas

Telefone 2926-C.

Rua do Carmo, 67

Os gazes asfixiantes

não voltarão a ser empregados na guerra?

LONDRES, 7.

Na reunião internacional das sociedades da Cruz Vermelha decidiu-se solicitar a todos os governos que assinem um acordo para que seja proibido o uso de gazes asfixiantes na guerra; solicitou-se tambem que se limitassem as hostilidades na guerra aerea, unicamente para conseguir fins militares, salvaguardando a população civil, e limitando o direitq do bloqueio.—(R.)

Imprensa Libanio da Silva

Sucessores Sousa & Gomes, Ltd.

24, Travessa do Fala Só, 24

Telefone 2110 C.

Trabalhos tipograficos em todos os generos. Encadernações.

UM LEGADO

A viuva do saudoso escritor e diplomata Abel Botelho legou a livraria do seu marido á Biblioteca Nacional,

CARTAZ

Nacional—Ás 21, «Zilda».
S. Luis—Ás 21, «J. P. C.»
Politeama—Ás 21, «O João Ratão».
Ginasio—Ás 21,30, «A Ventoinha».
Trindade—Á2 21, «O Emigrado».
Avenida—Ás 21, «O senhor roubado».
Eden-Teatro—Ás 21, «Paz armada».
Salão Foz—Ás 20,30 e 22,30, «Trolaró»

ANIMATOGRAFOS

OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade.
CHIADO TERRASSE—Rua Antonio Maria Cardoso.
SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores.

A HOMENAGEM NACIONAL AO «SOLDADO DESCONHECIDO»

AS URNAS DOS DOIS HERÓIS ANÓNIMOS JÁ SE ENCONTRAM NO CONGRESSO

Lisboa viveu hoje um dos momentos altos da homenagem nacional ao «soldado desconhecido» que, em França e na África, se bateram sob a bandeira de Portugal. Os restos mortais dos dois heróis anónimos foram esta manhã trasladados do Arsenal para o Palácio do Congresso da República.

Na cerimónia, a que presidiu o Chefe do Estado, tomaram parte o Presidente do Ministério, os presidentes das duas casas do Parlamento, Cardeal-Patriarca e as entidades civis, militares e religiosas. eGnte humilde do povo, que mais duramente sentiu os efeitos da guerra, assistiu piedosamente á passagem do cortejo funebre, guardando o silêncio religioso das grandes solenidades.

A presença de missões militares estrangeiras — nomeadamente do marechal Joffre, do generalíssimo Diaz, do general Smith Dorrien e do almirante D. Pedro Zofia - emprestam um particular significado e invulgar grandeza a estas cerimónias, que culminarão, no dia 9, com a trasladação dos féretros para o Mosteiro da Batalha.

O cortejo atravessou o centro da cidade por entre alas compactas de populares

Muito antes da hora marcada, começaram a chegar ao Arsenal as representações da Marinha, do Exército e da Guarda. Na Praça do Município começou a organizar-se o cortejo, que se pôs a caminho do Palácio do Congresso da Republica pouco depois das 10 horas.

Abria o préstito um esquadrão de lanceiros, seguindo-se representações de todas as unidades militares. As urnas haviam sido colocadas em dois armões de artilharia, a meio o cortejo, com as devidas honras militares. Seguiam-se-lhe, em carretas militares, as coroas, palmas e ramos de flores, bem como as pequeninas e enternecidas homenagens de saudade que a Nação reservida para o culto do «soldado desconhecido». Bandas de musica executavam marchas funebres.

O povo de Lisboa, que enchia os passeios e se apinhava nas janelas e varandas, descobria-se, respeitosamente, á passagem dos féretros, o que emprestava áquele momento um tom de sentido patriotismo e profundo respeito. O cortejo, em marcha lenta, subiu a Rua do Ouro, em direcção á Avenida da Liberdade, contornou a Rua de Alexandre Herculano e desceu a Rua de S. Bento, até ao Largo das Cortes. Grande multidão era, a custo, contida pela polícia.

Em frente do Palácio do Congresso alinhavam-se as bandeiras de todos os regimentos do País e os estandartes das missões estrangeiras, da Marinha e do Exército, este condecorado com medalhas e rasgões — honrosos vestígios de batalhas sangrentas.

A multidão entoou a «Portuguesa» quando as urnas foram colocadas nos catafalcos

À hora a que o cortejo chegou em frente do Palácio do Congresso da República já no edifício se encontravam o Chefe do Estado, o Presidente do Ministério, membros do Governo, o Cardeal Patriarca, corpo diplomático, deputados, senadores, oficiais e muitas outras personalidades.

O vestíbulo do Palácio de S. Bento, fora transformado em camara-ardente. As arcadas despareceram sob uma cortina de verdura, vendo-se ao fundo os catafalcos encimados pelo emblema da Torre e Espada, o busto da Republica e a estátua da Fama. A um canto, uma armadura completa da Idade Média. No canto oposto, um hélice de aeroplano. Por toda a parte, coroas, palmas, festões, troféus e armas ensarilhadas. Entre as coroas viam-se as que foram oferecidas pelos ministros da França, do Brasil e da Espanha.

O Chefe do Estado sai do Palácio em direcção aos armões militares. A um toque de clarim, os estandartes inclinam-se. Ouvem-se, depois, os acordes da «Portuguesa», que a multidão entoa com grande fervor.

As urnas dos dois soldados desconhecidos são, então, conduzidas para o vestíbulo do Palácio. A primeira, do soldado morto em França, pelos presidentes das duas casas do Parlamento e seus secretários; a outra, do militar que morreu em África, pelos srs. Rego Chaves, Vitorino Guimarães, Herculano Galhardo e Enes Meira.

Atrás das urnas vinha o Presidente da Republica, dr. António José de Almeida, acompanhado pelo Cardeal Patriarca, D. António Mendes Belo, e o Presidente do Ministério, dr. Bernardino Machado. Depois, os membros do Governo, autoridades civis e militares e corpo diplomático.

Depositadas as urnas nos catafalcos, o Chefe do Estado dirigiu-se para a sala da presidência da Câmara dos Deputados, onde se lhe juntaram os membros do Governo, presidentes do Congresso e da Câmara dos Deputados, Cardeal Patriarca, parlamentares, oficiais, missões estrangeiras e outras per-

«A omnistia seria a coroa máxima a oferecer aos mortos sagrados — afirmou o Cardeal Patriarca

O sr. D. António Mendes Belo, tomando a palavra, começou por se referir á homenagem acabada de prestar aos dois soldados desconhecidos, «símbolos do heroísmo do Exército e da Marinha portuguesa». E acrescentou:

— A Pátria reconhecida presta aos dois mortos o sentimento do seu respeito, do seu amor e da sua saudade. São muito estas homenagens, mas não é tudo. Jazem, sepultados nos cárceres muitos daqueles que prestaram relevantes serviços á Pátria no passado e até mesmo nesta guerra. Em nome dos prelados presentes e ausentes, das associações cientificas comerciais e industriais e até mesmo, creio bem, da maioria do País, venho perante o Chefe do Estado, do presidente do Congresso e do Governo, impetrar a generosidade para os vencidos. Só assim as homenagens que se estão a prestar poderão ter o significado que decerão ter.

A terminar, o sr. Cardeal Patriarca disse confiar na generosidade do Parlamento e acentuou:

— A amnistia seria a coroa máxima a oferecer aos mortos sagrados.

«Eu também confio na generosidade do Parlamento» — disse o sr. Presidente da República

Em resposta, o sr. dr. Antonio José de Almeida agradeceu as palavras de justiça do Cardeal-Patriarca para com o heróico Exército português e a heróica Marinha portuguesa. E acerca da amnistia, afirmou o sr. Presidente da República:

— Sabe o ilustre prelado e muitos dos que aqui se encontram a minha maneira de pensar sobre a amnistia. Esse assunto está afecto ao Parlamento e todos sabem que o Senado já na sua última sessão a aprovou por grande maioria e que a Câmara dos Deputados, na sua sessão de amanhã, se deve ocupar do assunto. S. Ex.ª afirmou que confiava na generosidade do Parlamento. Também eu!

Concluindo, o Chefe do Estado disse que ia apertar a mão ao sr. Cardeal-Patriarca da maneira mais sincera e afectuosa.

O sr. Presidente da República, em seguida, retirou-se, depois de ser carinhosamente cumprimentado por todos os presentes. Eram 13 horas.

As cerimónias desta tarde

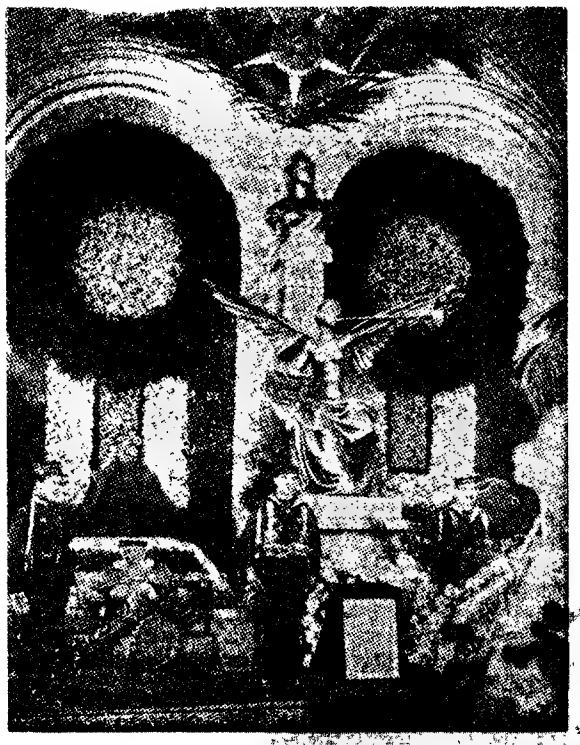
Esta tarde, enquanto no vestíbulo do Palácio do Congresso da República estão a decorrer os seis primeiros turnos — dos 29 programados para estes três dias de homenagens nacionais ao «soldado desconhecido» — efectua-se no Congresso uma significativa cerimónia

A hora de fecharmos o nosso jornal começou a proferir o seu anunciado discurso o sr. Presidente da República, seguindo-se-lhe no uso da palavra o presidente do Senado.

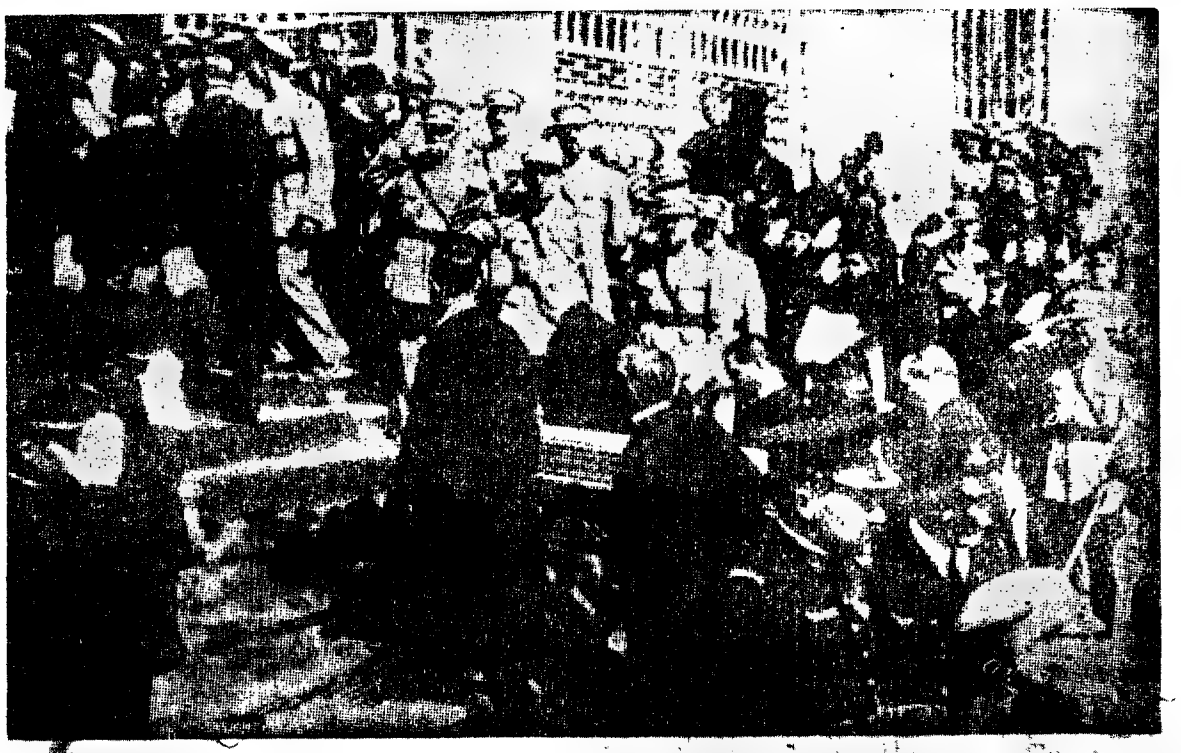
O sr. Abílio Marçal, presidente da Câmara dos Deputados, discursará de uma das janelas do edifício, seguindo-se a imposição das condecorações, pelo Chefe do Estado

NOTAS À MARGEM

- *Esta manhã, em frente do Congresso, a polícia impedia tão rigorosamente a circulação de pessoas que o representante do «Diário de Lisboa» — por não possuir o «cartão-talismã» passado por misteriosos funcionários do Governo Civil — se viu em sérias dificuldades para cumprir a sua missão.*
- *Nas cerimónias de hoje estiveram presentes 50 bandeiras dos contingentes que combateram em França, muitas delas condecoradas. Conduzem-nas oficiais e soldados que estiveram nas trincheiras, com o capacete de combate, o «casque» que imortalizou o serrano e seu irmão «poilu»*
- *O cruzador-couraçado «Jeane d'Arc» chegou esta manhã ao Tejo, para representar a Marinha de Guerra francesa nas homenagens ao «soldado desconhecido»*
- *Nos turnos do Palácio do Congresso da República, além das autoridades civis e militares, tomarão parte os Estados-Maiores do Exército e Quartéis-Generais; parlamentares dos diferentes distritos e muitas associações e instituições de todo o País, nomeadamente associações de estudantes, escuteiros, Cruzada das Mulheres Portuguesas, Casa Pia de Lisboa, Grupo Revolucionário «Companheiros do Bem», Sociedade Escolar Paz, Centro Escolar Republicano Miguel Bombarda, etc.*



Os ataúdes dos dois «soldados desconhecidos» velados pelas forças de mar e terra, no átrio do Palácio do Congresso da República



As urnas dos heróis anónimos no momento em que eram conduzidas para o vestíbulo do Palácio do Congresso

A HOMENAGEM NACIONAL AO «SOLDADO DESCONHECIDO»

AS URNAS DOS DOIS HERÓIS ANÓNIMOS JÁ SE ENCONTRAM NO CONGRESSO

Lisboa viveu hoje um dos momentos altos da homenagem nacional ao «soldado desconhecido» que, em França e na África, se bateram sob a bandeira de Portugal. Os restos mortais dos dois heróis anónimos foram esta manhã trasladados do Arsenal para o Palácio do Congresso da República.

Na cerimónia, a que presidiu o Chefe do Estado, tomaram parte o Presidente do Ministério, os presidentes das duas casas do Parlamento, Cardeal-Patriarca e as entidades civis, militares e religiosas. eGnte humilde do povo, que mais duramente sentiu os efeitos da guerra, assistiu piedosamente á passagem do cortejo funebre, guardando o silêncio religioso das grandes solenidades.

A presença de missões militáres estrangeiras - - nomeadamente do marechal Joffre, do generalissimo Diaz, do general Smith Dorrien e do almirante D Pedro Zofia - emprestam um particular significado e invulgar grandeza a estas cerimónias, que culminarão, no dia 9, com a trasladação dos féretros para o Mosteiro da Batalha.

O cortejo atravessou o centro da cidade por entre alas compactas de populares

Muito antes da hora marcada, começaram a chegar ao Arsenal as representações da Marinha, do Exército e da Guarda. Na Praça do Município começou a organizar-se o cortejo, que se pôs a caminho do Palácio do Congresso da República pouco depois das 10 horas.

Abria o préstito um esquadrão de lanceiros, seguindo-se representações de todas as unidades militares. As urnas haviam sido colocadas em dois armões de artilharia, a meio o cortejo, com as devidas honras militares. Seguiam-se-lhe, em carretas militares, as coroas, palmas e ramos de flores, bem como as pequeninas e enternecidas homenagens de saudade que a Nação reservida para o culto do «soldado desconhecido». Bandas de música executavam marchas funebres.

O povo de Lisboa, que enchia os passeios e se apinhava nas janelas e varandas, descobria-se, respeitosamente, á passagem dos féretros, o que emprestava áquele momento um tom de sentido patriotismo e profundo respeito. O cortejo, em marcha lenta, subiu a Rua do Ouro, em direcção á Avenida da Liberdade, contornou a Rua de Alexandre Herculano e desceu a Rua de S. Bento, até ao Largo das Cortes. Grande multidão era, a custo, contida pela polícia.

Em frente do Palácio do Congresso alinhavam-se as bandeiras de todos os regimentos do País e os estandartes das missões estrangeiras, da Marinha e do Exército, este condecorado com medalhas e rasgões — honrosos vestígios de batalhas sangrentas.

A multidão entoou a «Portuguesa» quando as urnas foram colocadas nos catafalcos

A hora a que o cortejo chegou em frente do Palácio do Congresso da República já no edifício se encontravam o Chefe do Estado, o Presidente do Ministério, membros do Governo, o Cardeal Patriarca, corpo diplomático, deputados, senadores, oficiais e muitas outras personalidades.

O vestíbulo do Palácio de S. Bento, fora transformado em câmara-ardente. As arcadas despareceram sob uma cortina de verdura, vendo-se ao fundo os catafalcos encimados pelo emblema da Torre e Espada, o busto da República e a estátua da Fama. A um canto, uma armadura completa da Idade Média. No canto oposto, um hélice de aeroplano. Por toda a parte, coroas, palmas, festões, troféus e armas ensarilhadas. Entre as coroas viam-se as que foram oferecidas pelos ministros da França, do Brasil e da Espanha.

O Chefe do Estado sai do Palácio em direcção aos armões militares. A um toque de clarim, os estandartes inclinam-se. Ouvem-se, depois, os acordes da «Portuguesa», que a multidão entoa com grande fervor.

As urnas dos dois soldados desconhecidos são, então, conduzidas para o vestíbulo do Palácio. A primeira, do soldado morto em França, pelos presidentes das duas casas do Parlamento e seus secretários; a outra, do militar que morreu em África, pelos srs. Rego Chaves, Vitorino Guimarães, Herculano Galhardo e Enes Meira.

Atrás das urnas vinha o Presidente da República, dr. António José de Almeida, acompanhado pelo Cardeal Patriarca, D. António Mendes Belo, e o Presidente do Ministério dr. Bernardino Machado. Depois, os membros do Governo, autoridades civis e militares e corpo diplomático.

Depositadas as urnas nos catafalcos, o Chefe do Estado dirigiu-se para a sala da presidência da Câmara dos Deputados, onde se lhe juntaram os membros do Governo, presidentes do Congresso e da Câmara dos Deputados, Cardeal Patriarca, parlamentares, oficiais, missões estrangeiras e outras per-

«A amnistia seria a coroa máxima a oferecer aos mortos sagrados — afirmou o Cardeal Patriarca

O sr. D. António Mendes Belo, tomando a palavra, começou por se referir á homenagem acabada de prestar aos dois soldados desconhecidos, «símbolos do heroísmo do Exército e da Marinha portuguesa». E acrescentou:

— A Pátria reconhecida presta aos dois mortos o sentimento do seu respeito, do seu amor e da sua saudade. São muito estas homenagens, mas não é tudo. Jazem, sepultados nos cárceres muitos daqueles que prestaram relevantes serviços á Pátria no passado e até mesmo nesta guerra. Em nome dos prelados presentes e ausentes, das associações científicas comerciais e industriais e até mesmo, creio bem, da maioria do País, venho perante o Chefe do Estado, do presidente do Congresso e do Governo, impetrar a generosidade para os vencidos. Só assim as homenagens que se estão a prestar poderão ter o significado que decerão ter.

A terminar, o sr. Cardeal Patriarca disse confiar na generosidade do Parlamento e acentuou

- A amnistia seria a coroa máxima a oferecer aos mortos sagrados

«Eu também confio na generosidade do Parlamento» — disse o sr. Presidente da República

Em resposta, o sr. dr. António José de Almeida agradeceu as palavras de justiça do Cardeal-Patriarca para com o heróico Exército português e a heróica Marinha portuguesa. E acerca da amnistia, afirmou o sr. Presidente da República:

— Sabe o ilustre prelado e muitos dos que aqui se encontram a minha maneira de pensar sobre a amnistia. Esse assunto está afecto ao Parlamento e todos sabem que o Senado já na sua última sessão a aprovou por grande maioria e que a Câmara dos Deputados, na sua sessão de amanhã, se deve ocupar do assunto. S. Ex.ª afirmou que confiava na generosidade do Parlamento. Também eu!

Concluindo, o Chefe do Estado disse que ia apertar a mão ao sr. Cardeal-Patriarca da maneira mais sincera e afectuosa.

O sr. Presidente da República, em seguida, retirou-se, depois de ser cavalheirosamente cumprimentado por todos os presentes. Eram 13 horas.

As cerimónias desta tarde

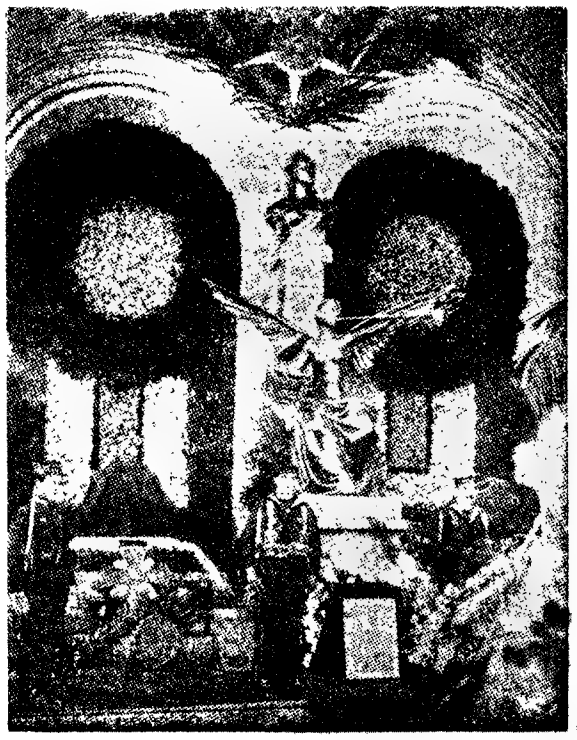
Esta tarde, enquanto no vestíbulo do Palácio do Congresso da República estão a decorrer os seis primeiros turnos — dos 29 programados para estes três dias de homenagens nacionais ao «soldado desconhecido» — efectua-se no Congresso uma significativa cerimónia.

À hora de fecharmos o nosso jornal começou a proferir o seu anunciado discurso o sr. Presidente da República, seguindo-se-lhe no uso da palavra o presidente do Senado.

O sr. Abílio Marçal, presidente da Câmara dos Deputados, discursará de uma das janelas do edifício, seguindo-se a imposição das condecorações, pelo Chefe do Estado.

NOTAS À MARGEM

- *Esta manhã, em frente do Congresso, a polícia impedia tão rigorosamente a circulação de pessoas que o representante do «Diário de Lisboa» — por não possuir o «cartão-talismã» passado por misteriosos funcionários do Governo Civil — se viu em sérias dificuldades para cumprir a sua missão.*
- *Nas varandas de hoje estiveram presentes os bravos dos contingentes que combateram em França, muitas delas condecoradas. Conduziam-nas os «poilus» de ais e soldados que estiveram nas trincheiras, com o capacete de combate, o «casque» que identificou o seu irmão «poilu».*
- *O cruzador couraçado «Jeane d'Arc» chegou esta manhã ao Tejo, para representar a Marinha de Guerra francesa nas homenagens ao «Soldado desconhecido».*
- *Nos fastos do Palácio do Congresso da República, além das autoridades civis e militares, tomarão parte os Estados-Maiores do Exército e Quartéis-Generais; parlamentares dos diferentes distritos e muitas associações e instituições de todo o País, nomeadamente associações de estudantes, escuteiros, Cruzada das Mulheres Portuguesas, Casa Pia de Lisboa, Grupo Revolucionário «Companheiros do Bem», Sociedade Escolar Paz, Centro Escolar Republicano Miguel Bombarda, etc.*



Os ataúdes dos dois «soldados desconhecidos» velados pelas forças de mar e terra, no átrio do Palácio do Congresso da República

As urnas dos dois heróis anónimos no momento em que eram conduzidas para o vestíbulo do Palácio do Congresso

A PERSONALIDADE E A VIDA POLÍTICA DO RECTO CIDADÃO E NOTÁVEL PEDAGOGO QUE FOI O DR. BERNARDINO MACHADO

Por URBANO TAVARES RODRIGUES

Num dos seus livros mais belos moral e artisticamente, «Notas dum Pai», escreveu o dr. Bernardino Machado: «Eu tinha nascido não para a vida de combate, mas para as gratas emoções do trato afectivo da família e da sociedade. Contudo, por amor mesmo da sociedade e da família, não tenho feito quase outra coisa senão lutar... Ter de lutar, detestando as lutas!

A minha vida pública pode resumir-se nisto: combater para unir. Unir toda a democracia portuguesa, uni-la desde as escolas, dentro e fora do País, e unir a nossa democracia com as outras democracias, sobretudo com a do Brasil. E, através dos combates, fui eu que propiciei as largas amnistias aos meus adversários».

Nestas palavras nos surge a perfeita definição do objectivo que, acima de todos, foi de Bernardino Machado como intelectual e cidadão: o da unidade das forças democráticas, o da união leal, fraterna, generosa dos homens de boa vontade. Poderá ter havido, porventura, nalguns dos seus gestos e decisões certa margem de utopia bem como as inevitáveis limitações da sua condição e situação de classe. Porém, ninguém bem intencionado poderá pôr em dúvida a rectidão de carácter, a vasta e harmoniosa cultura, o apostolado pedagógico, a pureza de atitudes e até o talento de prosador deste aristocrata liberal que, pela causa da democracia, sofreu até as agruras do cárcere e conheceu dois exílios, o segundo especialmente longo e amargo.

Bernardino Luís de Machado Guimarães, filho do primeiro barão de Joane, nasceu no Rio de Janeiro em 28 de Março de 1851. Ainda criança, veio para Lisboa, mas foi no Porto que fez os preparatórios e ingressou, em 1866, no Curso de Matemáticas da Universidade de Coimbra. Apesar de obter resultados brilhantes até ao 3.º ano, resolveu mudar de Faculdade, acabando por formar-se, com vários prémios, em Filosofia, em 1873. Doutorou-se pouco depois, em Julho de 1876, havendo entretanto preparado também, tal a curiosidade do seu espírito, Física e Botânica. Em Abril de 1879 era já lente catedrático de Filosofia, em 1883 lente de Agricultura Geral, Zootecnia e Economia Rural, matérias do então 8.º grupo do Curso Filosófico. Publicara já valiosos trabalhos como «Teoria Mecânica da Reflexão e Refracção da Luz» (segundo Fresmel); «Teses de Filosofia Natural» e «Dedução das Leis dos Pequenos Movimento da Força Eleótica», «Teoria Matemática das Interferências» e «O Estado da Instrução Secundária Entre Nós».

De acordo com a tradição monárquica liberal da sua família, havia-se filiado no Partido Regenerador e fora eleito deputado, já em 1882, pelo círculo de Lamego. Em 1890, ascendia a par do Reino por votação do corpo catedrático da Universidade de Coimbra. Preocupava-o particularmente o problema da instrução popular, como se observa nos seus escritos do tempo: «Necessidade de um Ministério da Instrução Pública» (discurso pronunciado na Câmara dos Deputados em 1886) e «A organização do Ministério da Instrução Pública e a centralização do Ensino Oficial, especialmente do Ensino Primário» (discurso parlamentar de 1890). Vogal do Conselho Superior da Instrução Pública em 1892, incrementou as instituições privadas de ensino, entre as quais a Academia de Estudos Livres, que se pretendia fosse um autêntica Universidade Popular. A maçonaria escolheu-o para grão-mestre e nessas funções se conservou alguns anos. Os seus ideais democráticos eram já então patentes. No entanto, havia de exercer ainda importantes cargos, como o de (vice-presidente e director do Instituto Comercial e Industrial representante do nosso País e (vice-presidente) no Congresso Pedagógico Hispano-Português-Americano em Madrid (data de então o seu estudo «Introdução á Pedagogia); e, finalmente, ministro das Obras Públicas, em 1893, no gabinete formado por Hintze Ribeiro. Deve-se-lhe, nesse período, a criação de escolas industriais, a promoção da sericultura em Mirandela, Guarda e Coimbra. Terçou armas pela classe operária e, em sua defesa, publicou decretos regulando o labor das mulheres e dos adolescentes nas fábricas, fixando bolsas de trabalho e criando o tribunal de árbitros-avindores.

De retorno á Universidade, regeu a cadeira de Antropologia, foi eleito presidente do Instituto de Coimbra, publicou em 1896 as suas desassombradas «Afirmações Públicas»; em 1897, «A Socialização do Ensino», «Os Vinhos Portugueses» e esse precioso documeno de sensibilidade, naturalmente vinculado aos preconceitos da época, mas tão rico de amor e ternura, que é «Notas de um Pai».

Foi em 1897 que Bernardino Machado rompeu de vez com o sector monárquico a que estivera ligado e se declarou espectacularmente republicano, logo se tornando, devido ao seu prestígio intelectual e á sua probidade nunca posta em dúvida, até então como no futuro, uma das mais destacadas personalidades do movimento democrático. Não duvidou em ir á praça pública, falando corajosamente em comícios e sessões de propaganda.

Em 1902, sem prejuizo da sua constante actividade de pedagogo e ideólogo («O Ensino», e «A Indústria», de 1898; «O Ensino Primário e Secundário» e «A Agricultura», de 1899; «O Ensino Profissional», de 1900; «Portugal e Espanha» e «Pela Liberdade», de 1901), foi promovido a presidente do directório do partido democrata.

Ao dar-se, em 1907, contra a ditadura franquista com o aluno republicano José Eugénio Ferreira, a greve dos estudantes de Coimbra, Bernardino Machado solidariza-se, demite-se de lente da Faculdade.

Havia-se consorciado, em 1882, no Porto, com D. Elisa Gonçalves Pereira, filha do deputado Miguel Dantas Gonçalves Pereira, e ia acumulando importantes trabalhos, como «As Crianças (Notas dum Pai)», de 1903; «Da Monarquia para a República», de 1905; «O neo-liberalismo da Monarquia», de 1906; «A Academia de Coimbra» e «A Universidade e a Nação»

Vale a pena relembrar algumas linhas de um texto publicado por Mayer Garção sobre Bernardino Machado, em 1908, no Almanaque de «O Mundo»: «O dr. Bernardino Machado é uma individualidade tão venerável quanto interessante. É simultâneamente uma alta energia moral e uma doce bondade emotiva, e porque o seu espírito se nos revela por estes dois mágicos prismas de carácter, em que ele mais forte e nobremente se reflecte, compreendem-se bem as admirações que cercam o seu nome e as adorações que envolvem a sua alma.» No mesmo estilo da época, um tanto hiperbólico e alambicado, mas repassado de sincero respeito e emoção, prossegue Mayer Garção mais adiante: «Nunca envólucro mais fielmente adaptável á perfeição moral e á gentileza espiritual revestiu melhor uma alma de eleição e, por isso, escrevendo estas linhas, eu revejo á luz da memória a figura desse privilegiado ser que, embora ornando-se de toda a suavidade de um apóstolo, não sacrificou á delicadeza do seu trato a intransigência das suas ideias...»

Em 1908, a pena infatigável de Bernardino Machado dá ao povo português vários textos agressivos e desmistificatórios: «A Concentração Monárquica», «Só a República é a Verdade», «Os Meios de Comunicação e o comércio», «Pela República» e «Eleições Locais».

Sobrevém a revolução popular de 1910 e o dr. Bernardino Machado é chamado para ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo Provisório, funções que exerce desde o 5 de Outubro até 3 de Outubro do ano seguinte. Graças á sua inteligência, tacto e diligência, o novo regime foi, ràpidamente e sem dificuldades, reconhecido pelos Governos estrangeiros.

Bernardino Machado assumiu ainda interinamente, durante o Governo Provisório, as pastas do Interior e da Justiça. Foi deputado ás Constituintes em 1911 e membro do primeiro Senado da República. Em Janeiro de 1912 era nomeado ministro (depois embaixador) de Portugal no Brasil. Porém, em 1914, havia de ser chamado á Pátria para formar governo.

Em 1915, sendo ardente partidário da entrada de Portugal na Grande Guerra ao lado da França e da Inglaterra contra o militarismo prussiano, foi eleito Presidente da República, aquando do governo da União Sagrada. O homem de quem Ramalho Ortigão dissera, em 1883 «Este jovem professor da Universidade tem reputação estabelecida de grande talento e vasta erudição; é um dos mais celebrados representantes do novo professorado da jovem academia (...), o mestre fora de série que, segundo a penetrante análise de Ramos de Almeida, foi o acérrimo adversário do eruditismo formalista, de pensamento silogístico e sofístico, esse «arauto do espírito científico, da revolução em todas as suas formas», amigo e companheiro dos alunos, político de pensamento sistemático, avesso a partidarismos, no sentido pejorativo da palavra, e a oportunismos, tornara-se o simples, o voluntarioso, o infatigável companheiro, longe ou perto, dos soldados expedicionários, que briosamente e com sacrifício da sua saúde, havia de visitar no *front*, sem temor, antes com humilde sentimento de solidariedade para com os que derramavam o seu sangue. Plenipotenciário elegante, humaníssimo, brilhante, causou a admiração de Poincaré e de Clemenceau.

Em Dezembro de 1917 erguia-se em Portugal a bandeira da reacção. Após o triunfo da revolução chefiada por Sidónio Pais, Bernardino Machado era apeado da suprema magistratura da Nação, encarcerado e depois exilado, pela primeira vez, tomando o rumo da França e da Flandres onde o povo português ainda se batia. De Madrid, escreveria Bernardino Machado a Lopes de Oliveira (carta inclusa no livro deste último «E mesmo contra a maré»: «A revolta fez-se sem o povo. Esperemos que ele reapareça. Mas, até lá, que vergonha, quantas vilanias!»

Desaparecida a situação sidonista, Bernardino Machado foi obrigado a permanecer em França, de onde só voltou em 1919.

Vasco da Gama Fernandes, que lhe presta homenagem num estudo de 1952 («Bernardino Machado») diz: «A Constituição era para ele não só o diploma basilar e essencial da vida do Estado, mas também a carta de alforria das consciências livres, e o seu desrespeito constituia para Bernardino Machado o mais repugnante dos ultrajes.» Escreve ainda Vasco da Gama Fernandes: «Essa bondade — a dele e a de muitos republicanos — não foi compreendida; mais: foi atraiçoada, e a invasão das cátedras e dos lugares públicos de relevância transformou uma República feita por republicanos numa República desgovernada por reaccionários.»

Já mais perto de nós, quando Teixeira Gomes se deu conta do emburguesamento de muitos baluartes do regime e das infiltrações direitistas, que comprometiam o funcionamento da democracia, escolhendo a rota do exílio voluntário, foi ainda Bernardino Machado quem apareceu na Presidência da República, tentando salvar a democracia. Deitou-o abaixo a revolução do 28 de Maio de 1926. Depois, foi o longo, doloroso e sempre digno exílio.

Publicara, entretanto, além de outras obras notáveis, «A Política da Vitória» (1919), «Maria» (1921), «No exílio» (1922), «Ruy barbosa» (1923) e «A irresponsabilidade governativa e as duas reacções: monárquica e republicana (1924).

Em 26 de Julho de 1932 o então redactor do «Diário de Lisboa», grande jornalista Aprígio Mafra, entrevista-o em Vigo sobre problemas nacionais O de actualidade.

É sabido como em 1940, aquando da invasão e queda da França, Bernardino Machado, que já por mais de uma vez envidara esforços no sentido da obtenção da unidade democrática, pôde regressar a Portugal. Faleceu no Porto a 29 de Abril de 1944. Uma das suas filhas casou com o dr. Sá Marques, excelente professor do ensino médio, e outra com o escritor Aquilino Ribeiro. Toda a família, muito numerosa, soube sempre respeitar a memória do cidadão e pedagogo que foi Bernardino Machado, seguindo-lhe as pisadas na dignidade e nas convicções.

BERNARDINO MACHADO

PERFIL POLÍTICO E HUMANO DE ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA

Entre as mais altas e estatuárias personalidades da República Democrática, há que ressaltar sem dúvida a do prodigioso orador e homem público, de verbo fácil eloquente, comovedor ou incendiário, que foi António José de Almeida, político nato, no sentido nobre da palavra «política», como homem bom da cidade, imerso nos problemas colectivos, atento a vida de todos e capaz de assumir cívicamente o seu destino. Há que encará-lo òbviamente no seu contexto temporal e no seu condicionamento cultural, sob pena de o julgar sectàriamente, subestimando-o pela menor importância que terá concedido á questão social.

Foi em 1866 que no concelho de Penacova, precisamente em Vale da Vinha, nasceu António José de Almeida, numa família burguesa. Tinha vinte e cinco anos e já era republicano quando se deu no Porto, com as lamentáveis divisões que ocasionaram o seu fracasso (incompatibilidade de vistas do grupo legalista pequeno-burguês e dos sectores socialistas e operários, a que estava ligado Basílio Teles) a heróica revolução do 31 de Janeiro.

António José de Almeida começava a tornar-se notado pela sua elegância retórica, pela beleza das suas ideias e sentimentos, com fortes marcas românticas. Numa futura recuperação das figuras autênticamente revolucionárias da República, é possível que o seu nome não surja na primeira linha, mas ninguém poderá tirar-lhe a merecida aura de homem probo, generoso, idealista, adentro das coordenadas ideológicas que foram as suas e das circunstâncias da sua existência.

Estudante de Medicina, depois médico, não tendo seguido o magistério universitário apenas por contingências da luta política, António José de Almeida havia publicado, em 23 de Março de 1890, no jornal académico *O Ultimatum*, um texto acutilante e explosivo intitulado «Bragança, o Último», artigo que desencadeou na juventude clamores de irreverente entusiasmo. Processado e julgado, defendido espectacularmente por Manuel Arriaga, sofreu a condenação, que cumpriu, de três meses de prisão. Tais factos tinham nesse tempo uma grande repercussão e o nome de António José de Almeida tornou-se, a partir de então, querido do povo português. Aliás, António José não se deixou intimidar, pois não tardaria a dar á estampa «Desaforos e palavras de um intransigente».

De 1895 a 1905, o dr. António José de Almeida dedicou-se por inteiro á Medicina. Exerceu a sua profissão na ilha de São Tomé, onde adquiriu notável conhecimento das doenças tropicais, ao mesmo tempo que ia granjeando fortuna. Mas não era possível ao grande tribuno alhear-se da vida comicial e da oratória revolucionária, pelo que veio trazer o apoio precioso da sua voz ao Partido Republicano, em período de aparente amolecimento, pelo menos na cúpula. Foi no funeral de Rafael Bordalo Pinheiro que António José de Almeida tornou a inflamar os ânimos e a embriagar-se com a própria força do seu verbo. A partir daí, sucederam-se os comícios em que a sua figura majestosa surgiu com frequência ao lado de Afonso Costa (então o mais aguerrido defensor dos direitos das classes trabalhadoras), Alexandre Braga, Manuel de Arriaga e esse modelo de dignidade que foi Bernardino Machado.

Em 1906, o povo elegia-o deputado do Partido Republicano. Travava-se em toda a parte, nas ruas e nos cafés das cidades, nas vilas, nos campos, nas lojas maçónicas, a grande batalha ideológica pela implantação da República, que a greve académica de 1908, em Coimbra, havia de precipitar.

Ficou célebre o incidente ocorrido em São Bento, em 20 de Novembro de 1906, quando, ao serem expulsos da sala das sessões, por «excesso de linguagem», os drs. Alexandre Braga e Afonso Costa, António José de Almeida interpelou arditamente os militares que custodiavam aqueles dois deputados, incitando-os à revolta, em ambarges:

«Soldados!, com a minha voz e com as vossas baionetas vamos fazer uma Pátria nova».

Era assim que os arautos da República, desdenhando o risco, tudo faziam por dar consciência ao operariado, á pequena burguesia e aos próprios elementos do exército, dos interesses comuns que na verdade os uniam e de que urgia tomarem consciência.

Por ter conspirado contra a ditadura de João Franco, António José de Almeida foi detido e encarcerado. Encontrava-se portanto na prisão quando se deu, em 1908, o atentado de que resultou a morte de D. Carlos I e do príncipe D. Luís Filipe de Bragança.

Não faltou até nessa altura quem interpretasse o regicídio como protesto desesperado contra formas de tirania semelhantes á da clausura do caudilho republicano.

Logo que recuperou a liberdade, António José de Almeida escreveu e publicou o opúsculo *Alma Nacional* e o livro de combate *Monarquia Nova*.

Após a proclamação da República, em 1910, apelando o novo regime para os seus melhores valores, coube-lhe o cargo de ministro do Interior no autênticamente democrático Governo Provisório, quando as forças sociais dominantes (que de futuro haviam de acomodar-se e disfarçar-se, sabotando a República) se jonavam ainda em situação de desequilíbrio.

António José de Almeida fundou então o nosso prezado colega «República», em cujas colunas expendeu ideias, lutou pelos seus princípios, confrontou opiniões sobre os processos de governação com adversários de ocasião, em luta franca e aberta. Sem deixar a sua profissão de médico nem a sua actividade assídua de publicista, encabeçou o Partido Evolucionista, em conflito com o Partido Democrático, cujas directrizes eram nessa altura mais radicais. Porém, a discórdia nunca significou em António José de Almeida ódio ou menosprezo. De resto, públicamente se reconciliou pouco depois com os representantes do Partido Democrático, ao ser chamado a presidir o Governo da União Sagrada, na Primavera de 1916, durante a Primeira Grande Guerra. Em 1917 foi rendido no poder pelo dr. Afonso Costa, *leader* do Partido Democrático, cuja acção progressista logo se fez sentir e durante largos anos ainda deu fruto, pelo apoio á causa da instrução pública e pelas diligências em favor de uma maior liberdade económica do povo.

Sobrevieram então — tudo isso é história de Portugal — pressões e revoluções de direita. Em 5 de Dezembro de 1918 iniciava-se o consulado de Sidónio Pais, com supressão das liberdades essenciais. Pouco mais de um ano depois (19 de Janeiro de 1919) verificava-se a explosão reaccionária que havia de cristalizar na abortada revolta monárquica de Monsanto.

Em Agosto do mesmo ano de 1919 o dr. António José de Almeida era eleito para a presidência da República e no exercício dessas altas funções se manteve até Outubro de 1923, com uma dignidade que ninguém lhe pôde jamais negar, através de vicissitudes e dificuldades não pequenas, motivadas em parte pelo surto das ideias fascistas na Europa, em parte pela própria atitude da República pequeno-burguesa, que se ia tornando repressiva em relação aos movimentos operários anarco-sindicalistas e marxistas.

Aquando das comemorações do Centenário da Independência do Brasil, António José de Almeida visitou o País irmão, onde a sua elegância verbal, a facilidade e a cintilação dos seus discursos de circunstância o tornaram tanto mais famoso quanto a oratória era então uma das «artes» mais cultivadas no Brasil. O seu desembarque no Rio de Janeiro, em 17 de Setembro de 1922, ficou célebre na história da cidade, que o aclamou triunfalmente.

Porém, o dr. António José de Almeida, cada vez mais diminuído fisicamente pelo reumatismo gotoso, viria a falecer, numa época sombria da vida portuguesa, em 31 de Outubro de 1929, fiel até á morte às suas convicções e ao seu absoluto respeito pela legalidade democrática. Tem em Lisboa um monumento condigno, onde é frequente deporem flores, nas grandes datas históricas, os liberais e os adeptos da democracia socialista que veneram as grandes figuras do nosso passado republicano.

Com prefácio do prof. dr. Hernâni Cidade, foi dada à estampa, em 1935 uma colectânea dos seus escritos políticos e jornalísticos, intitulada «Quarenta Anos de Vida Literária e Política».

U. T. R.

PERFIL POLÍTICO E HUMANO DE ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA

Entre as mais altas e estatuárias personalidades da República Democrática, há que ressaltar sem dúvida a do prodigioso orador e homem público, de verbo fácil eloquente, comovedor ou incendiário, que foi António José de Almeida, político nato, no sentido nobre da palavra «política» como homem bom da cidade, imerso nos problemas colectivos, atento a vida de todos e capaz de assumir civicamente o seu destino. Há que encará-lo obviamente no seu contexto temporal e no seu condicionamento cultural, sob pena de o julgar sectàriamente, subestimando-o pela menor importância que terá concedido a questão social.

Foi em 1866 que no concelho de Penacova, precisamente em Vale da Vinha, nasceu António José de Almeida, numa família burguesa. Tinha vinte e cinco anos e já era republicano quando se deu no Porto, com as lamentáveis divisões que ocasionaram o seu fracasso (incompatibilidade de vistas do grupo legalista pequeno-burguês e dos sectores socialistas e operários, a que estava ligado Basílio Teles) a heróica revolução do 31 de Janeiro.

António José de Almeida começava a tornar-se notado pela sua elegância retórica, pela beleza das suas ideias e sentimentos, com fortes marcas românticas. Numa futura recuperação das figuras autênticamente revolucionárias da República, é possível que o seu nome não surja na primeira linha, mas ninguém poderá tirar-lhe a merecida aura de homem probo, generoso, idealista, adentro das coordenadas ideológicas que foram as suas e das circunstâncias da sua existência.

Estudante de Medicina, depois médico, não tendo seguido o magistério universitário apenas por contingências da luta política, António José de Almeida havia publicado, em 23 de Março de 1890, no jornal académico *O Ultimatum*, um texto acutilante e explosivo intitulado «Bragança, o Último», artigo que desencadeou na juventude clamores de irreverente entusiasmo. Processado e julgado, defendido espectacularmente por Manuel Arriaga, sofreu a condenação, que cumpriu, de três meses de prisão. Tais factos tinham nesse tempo uma grande repercussão e o nome de António José de Almeida tornou-se, a partir de então, querido do povo português. Aliás, António José não se deixou intimidar, pois não tardaria a dar á estampa «Desaforos e palavras de um intransigente».

De 1895 a 1905, o dr. António José de Almeida dedicou-se por inteiro á Medicina. Exerceu a sua profissão na ilha de São Tomé, onde adquiriu notável conhecimento das doenças tropicais, ao mesmo tempo que ia granjeando fortuna. Mas não era possível ao grande tribuno alhear-se da vida comicial e da oratória revolucionária, pelo que veio trazer o apoio precioso da sua voz ao Partido Republicano, em período de aparente amolecimento, pelo menos na cúpula. Foi no funeral de Rafael Bordalo Pinheiro que António José de Almeida tornou a inflamar os ânimos e a embriagar-se com a própria força do seu verbo. A partir daí, sucederam-se os comícios em que a sua figura majestosa surgiu com frequência ao lado de Afonso Costa (então o mais aguerrido defensor dos direitos das classes trabalhadoras), Alexandre Braga, Manuel de Arriaga e esse modelo de dignidade que foi Bernardino Machado.

Em 1906, o povo elegia-o deputado do Partido Republicano. Travava-se em toda a parte, nas ruas e nos cafés das cidades, nas vilas, nos campos, nas lojas maçónicas, a grande batalha ideológica pela implantação da República, que a greve académica de 1908, em Coimbra, havia de precipitar.

Ficou célebre o incidente ocorrido em São Bento, em 20 de Novembro de 1906, quando, ao serem expulsos da sala das sessões, por «excesso de linguagem», os drs. Alexandre Braga e Afonso Costa, António José de Almeida interpelou arditamente os militares que custodiavam aqueles dois deputados, incitando-os à revolta, em ambarges:

«Soldados!, com a minha voz e com as vossas baionetas vamos fazer uma Pátria nova».

Era assim que os arautos da República, desdenhando o risco, tudo faziam por dar consciência ao operariado, á pequena burguesia e aos próprios elementos do exército, dos interesses comuns que na verdade os uniam e de que urgia tomarem consciência.

Por ter conspirado contra a ditadura de João Franco, António José de Almeida foi detido e encarcerado. Encontrava-se portanto na prisão quando se deu, em 1908, o atentado de que resultou a morte de D. Carlos I e do príncipe D. Luís Filipe de Bragança.

Não faltou até nessa altura quem interpretasse o regicídio como protesto desesperado contra formas de tirania semelhantes á da clausura do caudilho republicano.

Logo que recuperou a liberdade, António José de Almeida escreveu e publicou o opúsculo *Alma Nacional* e o livro de combate *Monarquia Nova*.

Após a proclamação da República, em 1910, apelando o novo regime para os seus melhores valores, coube-lhe o cargo de ministro do Interior no autênticamente democrático Governo Provisório, quando as forças sociais dominantes (que de futuro haviam de acomodar-se e desfazer-se, sabotando a República) se debatiam ainda em situação de desequilíbrio.

António José de Almeida fundou então o nosso prezado colega «República», em cujas colunas expendeu ideias, lutou pelos seus princípios, confrontou opiniões sobre os processos de governação com adversários de ocasião, em luta franca e aberta. Sem deixar a sua profissão de médico nem a sua actividade assídua de publicista, encabeçou o Partido Evolucionista, em conflito com o Partido Democrático, cujas directrizes eram nessa altura mais radicais. Porém, a discórdia nunca significou em António José de Almeida ódio ou menosprezo. De resto, publicamente se reconciliou pouco depois com os representantes do Partido Democrático, ao ser chamado a presidir o Governo da União Sagrada, na Primavera de 1916, durante a Primeira Grande Guerra. Em 1917 foi rendido no poder pelo dr. Afonso Costa, *leader* do Partido Democrático, cuja acção progressista logo se fez sentir e durante largos anos ainda deu fruto, pelo apoio á causa da instrução pública e pelas diligências em favor de uma maior liberdade económica do povo.

Sobrevieram então — tudo isso é história de Portugal — pressões e revoluções de direita. Em 5 de Dezembro de 1918 iniciava-se o consulado de Sidónio Pais, com supressão das liberdades essenciais. Pouco mais de um ano depois (19 de Janeiro de 1919) verificava-se a explosão reaccionária que havia de cristalizar na abortada revolta monárquica de Monsanto.

Em Agosto do mesmo ano de 1919 o dr. António José de Almeida era eleito para a presidência da República e no exercício dessas altas funções se manteve até Outubro de 1923, com uma dignidade que ninguém lhe pôde jamais negar, através de vicissitudes e dificuldades não pequenas, motivadas em parte pelo surto das ideias fascistas na Europa, em parte pela própria atitude da República pequeno-burguesa que se ia tornando repressiva em relação aos movimentos operários anarquistas e marxistas.

Aquando das comemorações do centenário da Independência do Brasil, António José de Almeida visitou o País irmão. A sua elegância verbal, a fantasia e a cintilação dos seus discursos de circunstância o tornaram tanto mais famoso quanto a oratória era então uma das «artes» mais cultivadas no Brasil. O seu desembarque no Rio de Janeiro, em 17 de Setembro de 1922, ficou célebre na história da cidade que o aclamou triunfalmente.

Porém, o dr. António José de Almeida, cada vez mais diminuído fisicamente pelo reumatismo gotoso, viria a falecer numa época sombria da vida portuguesa, em 31 de Outubro de 1929, fiel até á morte suas convicções e ao seu absoluto respeito pela legalidade democrática. Tem em Lisboa um monumento condigno, onde frequente deporem flores, nas grandes datas históricas, os liberais e os adeptos da democracia socialista que veneram as grandes figuras do nosso passado republicano.

Com prefácio do prof. dr. Hernâni Cidade, foi dada à estampa, em 1935, uma colectânea dos seus escritos políticos e jornalísticos, intitulada «Quarenta Anos de Vida Literária e Política».

U. T. R.

ANTONIO JOSE DE ALMEIDA

HOTEL UN

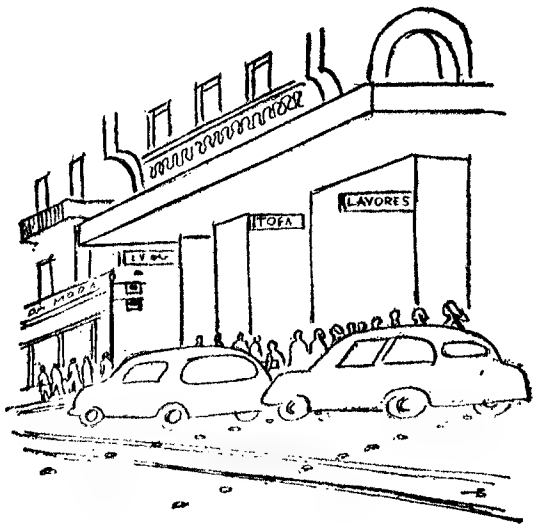
AV
COLISEU

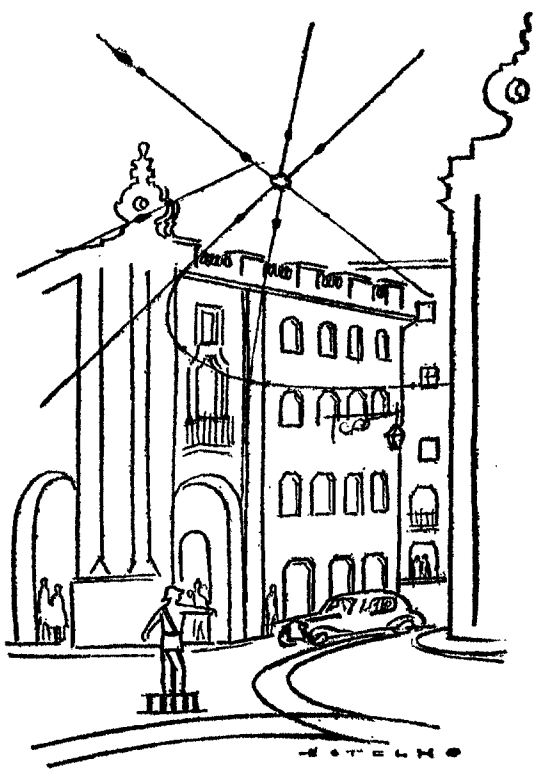
RUA DO OURO

POEMA DE ALEXANDHE O'NEILL

ILUSTRAÇÕES DE CARLOS BOTELHO

FUI REJEITADO A COTOVELO PELOS SALDOS
VI UM OURIVES PRESO AO ALFINETE DA GRAVATA
A CAPRICHAR EM FILIGRANAS
COM UMA PÉ-DE-AVESTRUZ AMERICANA
O CHEIRO DO CAFÉ RECÉM MOÍDO TRANSPORTOU-ME A OUTRAS [PLAGAS
VI AS SANGRENTAS LUVAS PINARES SOBRE AS CABEÇAS TRAN- [SEUNTES
OUVI DIZER A UM TIPO **QUE BELA FORMA**
E PENSEI **QUE TERÁS TU PARA LHE METER DENTRO?**
LI NUM CABEÇALHO **O PASSADO TEM OS OLHOS DO PRESENTE POS- [TOS NO FUTURO**
EMBARQUEI EM SAPATOS ENFORQUEI-ME EM GRAVATAS
DESCOMPUS CESÁRIO VERDE QUE ATRAVESSAVA A RUA
SOBRAÇANDO UMA CHAVE INGLESA O DESCUIDADO
CONTEI OS BURACOS DUMA RODA DE «GRUYÈRE» NA MONTRA DA- [QUELA CHARCUTARIA QUE TEM UNS RISSÓIS SABES DE CAMARÃO
COMPREI UM CANDEEIRO DIZ QUE NÓRDICO
A SUA LUZ ACOMPANHA A MÃO DE QUEM ESCREVE E PÁRA QUANDO [A MÃO PÁRA
OUVI PEDIR **COMPRA-ME O COMBOIO ELÉCTRICO**
E OUVI ADIAR **SE PASSARES COMPRO**
SENTI O CHEIRO DAS REVISTAS RECÉM POSTAS À VENDA
E PENSEI **QUE BOM ESTAMOS NA EUROPA**
ESCORREGUEI OS OLHOS PELAS TABULETAS DOS ADVOGADOS
FISGUEI A ABELHA DO TRABALHO QUE O CESARINY TRANSFORMOU [EM MOSCA
E TAMBEM VI VOU SEMPRE VER O PELICANO DO FRONTÃO
REFLECTIDO NA MONTRA FAZ UM FIGURALHÃO
SUBI AO DE SANTA JUSTA E PARA DOMINAR OS COMPLEXOS
DEITEI LÁ DE CIMA UM AVIÃO
VI À NOITE OS CASAIS QUE VÊM VER AS MONTRAS
GENTE QUE FAZ O QUILO DE NARIZ CONTRA O VIDRO
OUVI DIZER **A BANCA É MUITAS VEZES DETESTADA PORQUE POU- [CA GENTE SABE O QUE É UM BA**
SIGO AS RECOMENDAÇÕES DOS LOJISTAS DA ARTÉRIA
PREFIRO A RUA DO OURO





ALMADA NEGREIROS o modo de ser pela arte

«Se não for por arte, não serei douto modo» — Almada-Negreiros, no catálogo da exposição de Hirosuke Watanuki, SNI, Março de 1963. E está escrita, numa frase, a autobiografia do artista: é que Almada, ao longo de quase 60 anos de intervenção (dos 77 que levou vividos), não foi nunca doutro modo.

Personalidade excepcional, dotado de uma força inventiva que só o génio poético pode explicar (o que foi desde logo detectado por Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa), Almada irrompeu fulgurantemente na aurora do vanguardismo literário e artístico português, que se queria já cosmopolita e europeu sem renegar um lusitanismo repensado em termos dinâmicos e quiçá utópicos. Tomado de infância, como permanente estado originário e fonte da constante redescoberta das evidências, pôde criar uma obra literária (poemas, contos, novelas, teatro, um romance, ensaios de variada natureza) caracterizada por uma linguagem vivaz e não raro desconcertante onde se harmonizam espectacularmente a oralidade popular (recorde-se que Almada escreveu e publicou um *Elogio da Ingenuidade*) e uma imaginação aberta às mais ousadas especulações míticas, absorbendo o impacto inicial do futurismo, Almada-Negreiros veio a processar uma atitude estética sempre inquieta e a muitos títulos futurante.

Vincadamente *visual*, com um agudo sentido do espectáculo, deixou uma obra plástica igualmente importante, embora sujeita à supremacia do desenho, sua vocação maior.

Ainda assim, legou à história da pintura moderna portuguesa os monumentos figurativos que são o retrato de Fernando Pessoa e os painéis das gares marítimas de Alcântara e da Rocha do Conde de Óbidos, marcados por uma rigorosa estruturação geometrizante que se iria acentuar na sua obra futura e culminaria no painel «*Começar*», exposto no átrio da sede da Fundação Calouste Gulbenkian.

Passada a irrupção da sua magnífica juventude e emparedado num ambiente estagnado e medíocre, Almada-Negreiros, em nome do mito maior da liberdade poética, consentiu-se a posição de mito doméstico, para todos os efeitos da sobrevivência elementar. Este aspecto efectivamente menor da sua biografia pode encher de júbilo os seus detractores, também eles possuidores de telhados de vidro. O que não lhe retira é o perfil inconfundível da sua personalidade criativa e a importância histórica da sua multímoda intervenção.

VÍTOR SILVA TAVARES

A OBRA: PRINCIPAIS PONTOS DE REFERÊNCIA

1912 — Participação na 1.ª Exposição do Grupo dos Humoristas Portugueses (Grémio Literário, Lisboa); anuncia *O Moinho*, tragédia em 1 acto e *23, 2.º andar*, drama em 3 actos.

1913 — Primeira exposição individual, com cerca de 90 desenhos, na Escola Internacional; participação na 2.ª Exposição do Grupo dos Humoristas; escreve *Rondel do Alentejo*. poesia que publicará em 1922.

1915 — Participação na 3.ª Exposição dos Humoristas (Porto); publica *Frizos* no n.º 1 de «Orpheu»; publica o *Manifesto Anti-Dantas e por extenso;* escreve *A Cena do Ódio*, poema que será publicado parcialmente em 1923 e integralmente em 1958; escreve *A Engomadeira*, novela que publicará em 1917; escreve parte de *As Quatro Manhãs*, poemas publicados em 1935.

1916 — Expõe na Galeria das Artes (Salão Bobone); publica o *Manifesto da Exposição de Amadeo de Sousa-Cardoso;* escreve e publica o poema *Litoral*; escreve *Mima Fataxa* e *Saltimbancos* (publicados em 1917).

1917 — Publica *K4, o Quadrado Azul* realiza a conferência *Ultimatum Futurista as Gerações Portuguesas do Século XX;* sai o n.º único do *Portugal Futurista*.

1917 — Estada em Paris; escreve *Histoire de Portugal par Coeur* e a peça *Antes de Começar*, representada em 1949.

1920 — Exposição individual no Teatro São Carlos.

1921 — Início da colaboração no «Diário de Lisboa»; realiza e publica a conferência *A Invenção do Dia Claro;* escreve *O Menino de Olhos de Gigante.*

1922 — Colaboração na revista «Contemporânea».

1923 — Participação na exp. dos 5 Independentes.

1924 — Escreve e publica *Pierrot e Arlequim.*

1925 — Pinta 2 telas para a «Brasileira» do Chiado; escreve *Nome de Guerra*, romance que publicará em 1938; colabora no «Sempre Fixe»; anuncia a descoberta da perspectiva dos ladrilhos no políptico de S. Vicente de Fora

1928-29 — Escreve, em Espanha, *El Uno, Tragedia de la Unidad*, conjunto das peças *Deseja-se Mulher* (publicada em 1959) e S. O. S. (2.º acto publicado em 1935).

1932 — Realiza e publica a conferência *Direcção Unica.*

1933 — Realiza a conferência *A Arte e os Artistas ou Tekné a Cabeça da Colectividade.*

1935 — Publica os 3 números de *Sudoeste.*

1936 — Participação no «Salão dos Artistas Modernos Independentes»; realiza e publica a conferência *Elogio da Ingenuidade ou as Desventuras da Esperteza Saloia.*

1938 — Publica *Nome de Guerra* e *Desenhos Animados, Realidade Imaginada;* termina os vitrais da Igreja de Nossa Senhora de Fátima.

1939-40 — Pinta os frescos do «Diário de Notícias».

1941 — Exposição individual no SPN («30 Anos de Desenho»).

1942 — «Prémio Columbano» pela sua participação na 7.ª exp. de Arte Moderna do SPN; publica *Prefácio ao Livro de Qualquer Poeta.*

1944 — Realiza a conferência *Descobri a Personalidade de Homero;* escreve o prefácio de *Um Homem de Barbas*, de Manuel de Lima.

1945 — Realiza as séries de frescos da gare marítima de Alcântara.

1946 — «Prémio Domingues Sequeira», do SNI.

1946-48 — Pinta os frescos da gare marítima da Rocha do Conde de Óbidos.

1948 — Publica *Mito-Alegoria-Símbolo.*

1950 — 3 palestras na BBC de Londres: *Teleon e a Arte Abstracta;* publica *A chave, diz faltam duas tábuas e meia de pintura no todo da obra de Nuno Gonçalves.*

1952 — Exposição individual, para inauguração da «Galeria de Março»; publica *Presença.*

1954 — Pinta o retrato de Fernando Pessoa para o restaurante «Irmãos Unidos».

1957 — Expõe 4 pinturas abstractas geométricas na 1.ª exp. da Fundação Gulbenkian; propõe uma composição total para o políptico de Nuno Gonçalves.

1958 — Publica um artigo no «Diário de Lisboa» em que afirma destinar-se ao mosteiro da Batalha o políptico de S. Vicente de Fora.

1959 — «Prémio Nacional das Artes», do SNI; pinta cartões de tapeçarias para o Hotel Ritz.

1960 — Publica no «Diário de Notícias» uma série de 9 entrevistas sobre a reconstituição do políptico de S. Vicente de Fora.

1961 — Termina as decorações na Cidade Universitária de Lisboa.

1963 — Exposição de 10 gravuras em vidro acrílico na Cooperativa «Gravura».

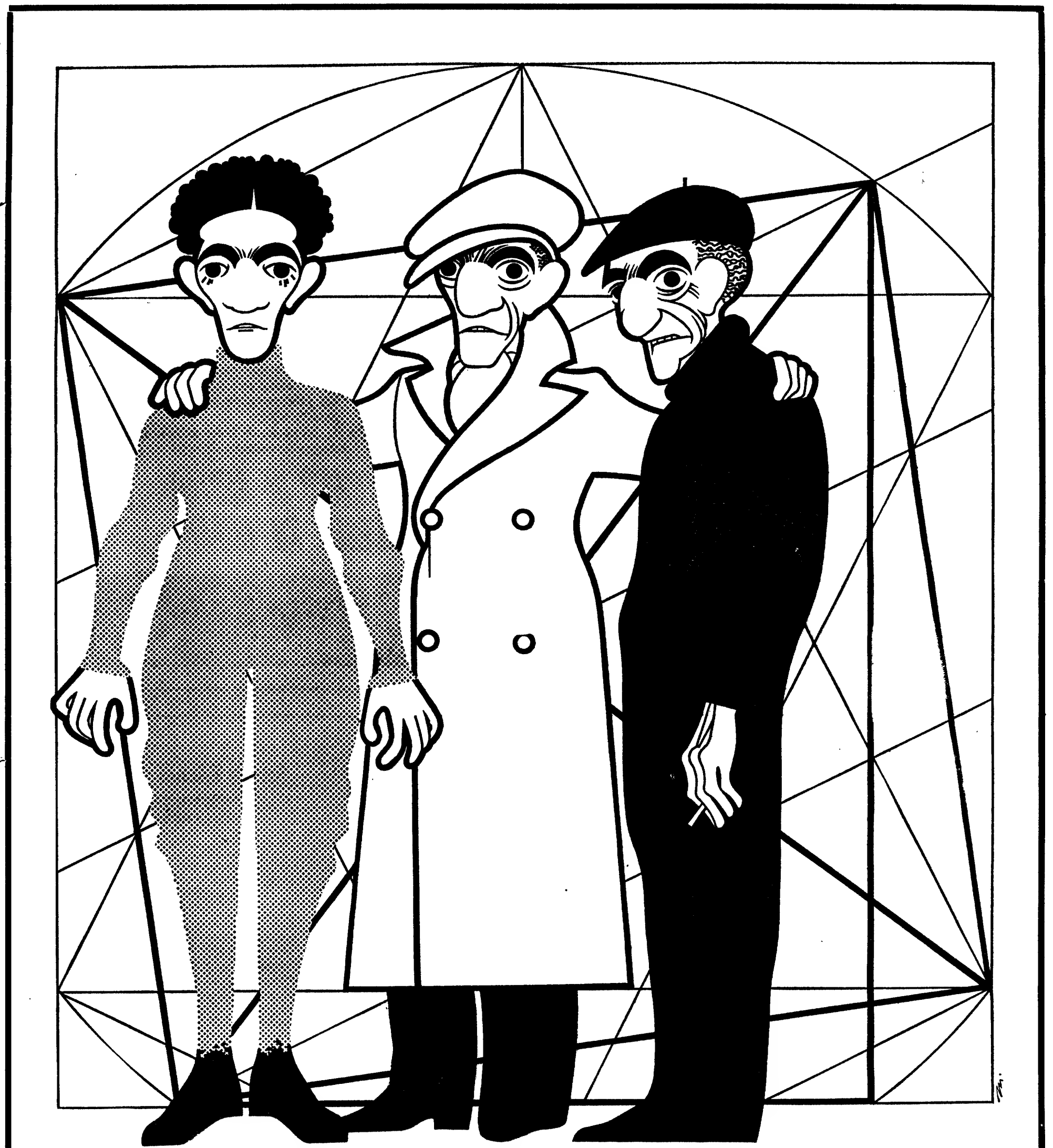
1964 — Pinta um novo Retrato de Fernando Pessoa, para a Fundação Gulbenkian.

1965 — Publica *Orpheu 1915-1965;* realiza cenários e figurinos para *Auto da Alma* de Gil Vicente, no Teatro São Carlos.

1968-69 — Realiza o painel gravado *Começar*, para a sede da Fundação Gulbenkian.

1969 — Decoração a fresco de duas paredes na Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra; realiza uma conferência sobre Amadeo, em Amarante.

(Dados colhidos parcialmente de uma Tábua biobibliográfica organizada por J. A. França).



ALMADA NEGREIROS

O BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO APROXIMOU MAIS O BRASIL DE PORTUGAL

Mais de 100 milhões de Luso-Brasileiros estão agora mais unidos porque, em qualquer ponto do Brasil, o esforço conjunto do BPA e da UBB, firmemente associados para a melhor realização dos interesses da comunidade Luso-Brasileira.....

graças ao novo **SERVIÇO DE GESTÃO DE INTERESSES PORTUGUESES NO BRASIL**

.....garante um serviço eficiente

- de administração de bens imobiliários e respectivas rendas;
- de guarda e administração de bens mobiliários;
- de consultas sobre novos investimentos e reaplicação de rendimentos;
- de processamento de transferências para Portugal;
- de prestação de todas as informações sobre oportunidades de negócios no Brasil.

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO 1919

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
UNIÃO DE BANCOS BRASILEIROS

Jorge Lima
BATALHA
PORTO

Jorge Lima & Alcino
GONÇALO CRISTÓVÃO
PORTO

BELEZA
ELEGANCIA
JUVENTUDE

Jorge Lima & Amadeu Correia
• CARVALHIDO
• FOZ DO DOURO

EXCLUSIVOS
OSTIÇOS E CABELEIRAS
CABELEIREIROS
PERFUMARIAS
TRAT. CORPO
E CARA
SAUNA
BOUTIQUES
SNACK-BAR
DISCOTECA

AMÉLIA REY COLAÇO

RECORDA O 1.º NÚMERO DO «DIÁRIO DE LISBOA» E TECE CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DE 50 ANOS DE LABOR TEATRAL

Amélia Rey Colaço não carece de apresentação. Eixo, há muitos anos, da companhia Rey Colaço Robles Monteiro que obteve por concurso, a exploração do Teatro Nacional, ocupa no teatro português uma posição de incontestável relevo. A história desta actriz conta-se, aliás, em duas palavras. Filha do grande pianista Alexandre Rey Colaço, nasceu em Lisboa e manifestou, ainda muito nova uma autêntica paixão pelo teatro a que viria a dedicar a sua vida. Já conhecida pela sua actuação em recitais, estreou-se, em 1917, no antigo D. Amélia — actual S. Luís — na «Marianela» de Perez Galdos interpretando o papel principal, sob os auspícios do grande actor Augusto Rosa. Entusiàsticamente acolhida pelo público e pela crítica, passou imediatamente a ser considerada como uma das grandes esperanças do teatro nacional. Do teatro D. Amélia passou para o Ginásio onde ingressou na companhia de Lucinda Simões e passado pouco tempo casou com o actor Robles Monteiro, que também tendo sido discípulo de Augusto Rosa, continuara a sua carreira na companhia de Lucinda Simões.

O jovem casal, apaixonado pelo teatro e repleto de entusiasmo próprio da juventude, concorreu em 1929 num concurso aberto para a exploração do Teatro Nacional, então abandonado e em miserável estado de conservação, que reabriu ao público com a apresentação da peça «Os Peraltas e Sécias» — ainda hoje um dos «pratos de substância» do reportório da companhia. É tão conhecida a actuação de Robles Monteiro e de Amélia Rey Colaço, ao longo dos anos, no Teatro Nacional que não vale a pena descrevê-la aqui. Criticada e criticável como tudo o que se relaciona com o mundo do teatro tem provocado elogios entusiásticos e comentários amargos que temos de considerar inevitáveis até se ter processado, ao longo de anis,, que não hesitamos em classificar de muito difíceis para o teatro português.

Terá o Teatro Nacional desempenhado a função que lhe competia no decorrer do período a que os referimos? Poderia ter feito mais? Deveria ter optado por critérios diferentes daqueles que presidiram à sua actuação? Talvez seja cedo para se responder a estas perguntas e, de qualquer forma, não é este o local para o fazer. O que interessa, aqui e agora, é referir a personalidade de Amélia Rey Colaço, que dedicou inteiramente a sua vida ao teatro, e que o serviu sempre com toda a força do seu talento e do seu saber. O artista nem sempre é senhor de si e nem sempre controla o meio que o gera e em que está destinado a actuar. Uma coisa, por outras palavras, é o artista interpretativo, e outra o criativo e outra, ainda, o responsável pela orientação duma empresa artística - cada um destes tem responsabilidades diferentes e a cada um destes pedirá o futuro contas diferentes. Raras vezes se reúnem todas estas aptidões um só ser humano.

Amélia Rey Colaço foi mencionada no primeiro número do «Diário de Lisboa». Contava, quando o nosso jornal saiu, 23 anos de idade, era actriz profissional há quatro anos e mulher de Robles Monteiro há um ano. O simples facto de seu nome figurar no nosso primeiro número, justificava que agora a entrevistássemos para comentar, em conversa amena, estes cinquenta anos que tanta importância tiveram na vida de Amélia Rey Colaço e na vida do «Diário de Lisboa».

É esta conversa amena que transcrevemos para os leitores do nosso jornal que queiram relembrar estes cinquenta anos e para os que, por não terem idade para tal, queiram conhecer mais intimamente uma das personalidades mais vincantes da vida teatral portuguesa.

— A sra. D. Amélia lembra-se da saída do «Diário de Lisboa»?

Muito bem. Lembro-me, por exemplo, de que o discutimos, não sei já a que propósito, num grupo de amigos e que o Álvaro de Andrade afirmou bem alto «Este jornal marcou». Se quer que lhe diga, não sei porque é que me lembro tão bem desta frase, mas a verdade é que me parece estar a ver o Álvaro de Andrade a proferi-la... A minha vida está, aliás, bastante ligada ao «Diário de Lisboa», jornal em que tive numerosos amigos como o Portela, o Norberto Lopes, o Raul Rego e tantos outros...

Há coisas que nunca esquecem — olhe: quando fomos a Alcobaça dar um espectáculo no largo do convento, o que mais nos animou, o que verdadeiramente premiou essa iniciativa que, para o tempo, era uma aventura, foi um artigo do Joaquim Manso. Nunca esquecerei esse artigo.

— Passaram cinquenta anos desde que o «Diário de Lisboa» foi para a rua pela primeira vez. Que estava a sra. D. Amélia a fazer há cinquenta anos?

Deixe ver...tinha-me casado um ano antes e tinha fundado companhia com o meu marido... Julgo que estava a começar uma longa carreira de esperançosa...

— De esperançosa?

O que é um artista senão um esperançoso permanente?

Sem uma imensa quantidade de esperança e de entusiasmo, não se faz nada na vida. Ainda me lembro do que tivemos de trabalhar, em 1929, para abrir o Nacional: O teatro estava delapidado — não havia nada. Recorremos ao auxílio dum amigo — o Júlio Cunha, que tinha uma casa de estofos — e tanto trabalhámos que lá conseguimos abrir as portas ao público «disfarçando» o melhor que podíamos as deficiências.

O pano de boca, por exemplo, não estava cosido em baixo... A Palmira que assistiu à estreia sentada numa das primeiras filas, disse-nos depois que se sofrera muito ao ver como Robles suava — caíam-lhe gotas de suor pela cara abaixo...

— Como é que definiria o ambiente teatral português de há cinquenta anos?

O teatro estava em crise. Acabara o período áureo do Rosa e do Brasão. Havia como que um vácuo, uma necessidade de renovação. Esse vácuo era palpável, sentia-se.

— E entende que contribuiu para essa renovação?

Fiz o que me foi possível, mas a intenção foi sempre essa e só essa. Concorremos à exploração do Teatro Nacional com um profundo desejo de corresponder a essa necessidade de renovação.

— E agora, passados cinquenta anos, acha que correspondeu?

Não me compete responder a essa pergunta, mas quando penso nisso chego à conclusão de que fizemos talvez vinte por cento do que tencionávamos fazer...

— O seu marido morreu com ambições por realizar?

Todos os artistas morrem com qualquer coisa — senão tudo — por realizar, mas posso referir-lhe um caso concreto: o Robles morreu sem pôr em cena o Processo de Jesus, que nós pusémos tempos depois, com grande êxito, apesar de muitos terem afirmado que não tínhamos público para a peça.

— E a sra. D. Amélia, se abandonasse neste momento o teatro, levava alguma peça «engavetada» — alguma peça que quisesse muito pôr em cena?

A «Mãe Coragem» do Brecht. Nem sei o que dava para a pôr em cena.

— Porquê?

É uma peça que eu considero apaixonante.

— Acha que as coisas mudaram muito no mundo do teatro nestes cinquenta anos?

Muitíssimo. O público está muito mais intelectualizado e sabe muito mais de teatro. O público é, por outras palavras, muito mais exigente. Há cinquenta anos o público ia ao teatro para se emocionar e agora vai para pensar. Há coisas, porém, com que não concordo — tirou-se o mistério ao teatro e não sei até que ponto é que isso é prejudicial. A arte de representar, talvez por influência do cinema, é mais intimista, menos comunicativa.

— Julgo, sra. D. Amélia, que essa «arte de representar» intimista a que se refere, começa a estar antiquada. Não estará a falar da arte de representar própria do teatro naturalista que o mundo anda empenhado em enterrar e que está a transformar-se numa curiosidade?

É possível — estou a falar na generalidade.

— Se pudesse recomeçar, hoje, a sua carreira de actriz, por onde é que começava?

Ia fazer um teatro profundamente humano.

— Parece-me que isso é o chamado lugar comum sem qualquer significado concreto — iria por exemplo, para o Nacional?

Depende da directriz do futuro Teatro Nacional.

— Suponhamos que mantinha a sua directriz, a directriz que a sra. D. Amélia lhe imprimiu?

Não creio que a minha directriz tenha sido inteiramente certa. Acho que errei em muitas coisas, mas apesar disso, tomaria os pontos altos da minha actuação por lema: Durrenmatt, Miller, Valle-Inclan ..

— Dê-me um exemplo dum erro...

Acho que o Nacional devia ter feito escola. Tentei, por exemplo, abrir um teatrinho escola no sótão do teatro e tive, para isso, todo o apoio da Direcção Geral, mas...

— Mas...

Mas!

— Para acabar, sr.ª D. Amélia: se tivesse hoje menos cinquenta anos e tivesse acabado de obter a exploração do Teatro Nacional, o que fez era o que voltaria a fazer?

Não. Se eu tivesse menos cinquenta anos teria, certamente, outros conceitos e outras perspectivas. Faria, certamente, um Nacional diferente.

AMÉLIA REY COLAÇO

RECORDA O 1.º NÚMERO DO «DIÁRIO DE LISBOA» E TECE CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DE 50 ANOS DE LABOR TEATRAL

Amélia Rey Colaço não carece de apresentação. Eixo, há muitos anos, da companhia Rey Colaço Robles Monteiro que obteve por concurso, a exploração do Teatro Nacional, ocupa no teatro português uma posição de incontestável relevo. A história desta actriz conta-se, aliás, em duas palavras. Filha do grande pianista Alexandre Rey Colaço, nasceu em Lisboa e manifestou, ainda muito nova uma autêntica paixão pelo teatro a que viria a dedicar a sua vida. Já conhecida pela sua actuação em recitais, estreou-se, em 1917, no antigo D. Amélia — actual S. Luís — na «Marianela» de Perez Galdos interpretando o papel principal, sob os auspícios do grande actor Augusto Rosa. Entusiàsticamente acolhida pelo público e pela crítica, passou imediatamente a ser considerada como uma das grandes esperanças do teatro nacional. Do teatro D. Amélia passou para o Ginásio onde ingressou na companhia de Lucinda Simões e passado pouco tempo casou com o actor Robles Monteiro, que também tendo sido discípulo de Augusto Rosa, continuara a sua carreira na companhia de Lucinda Simões.

O jovem casal, apaixonado pelo teatro e repleto de entusiasmo próprio da juventude, concorreu em 1929 num concurso aberto para a exploração do Teatro Nacional, então abandonado e em miserável estado de conservação que reabriu ao público com a apresentação da peça «Os Peraltas e Sécias» — ainda hoje um dos «pratos de substância» do reportório da companhia. É tão conhecida a actuação de Robles Monteiro e de Amélia Rey Colaço, ao longo dos anos, no Teatro Nacional que não vale a pena descrevê-la aqui. Criticada e criticável como tudo o que se relaciona com o mundo do teatro tem provocado elogios entusiásticos e comentários amargos que temos de considerar inevitáveis até se ter processado, ao longo de anos, que não hesitamos em classificar de muito difíceis para o teatro português.

Terá o Teatro Nacional desempenhado a função que lhe competia no decorrer do período a que os referimos? Poderia ter feito mais? Deveria ter optado por critérios diferentes daqueles que presidiram à sua actuação? Talvez seja cedo para se responder a estas perguntas e, de qualquer forma, não é este o local para o fazer. O que interessa, aqui e agora, é referir a personalidade de Amélia Rey Colaço, que dedicou inteiramente a sua vida ao teatro, e que o serviu sempre com toda a força do seu talento e do seu saber. O artista nem sempre é senhor de si e nem sempre controla o meio que o gera e em que está destinado a actuar. Uma coisa, por outras palavras, é o artista interpretativo, e outra o criativo e outra, ainda, o responsável pela orientação duma empresa artística — cada um destes tem responsabilidades diferentes e a cada um destes pedirá o futuro contas diferentes. Raras vezes se reúnem todas estas aptidões um só ser humano.

Amélia Rey Colaço foi mencionada no primeiro número do «Diário de Lisboa». Contava, quando o nosso jornal saiu, 23 anos de idade, era actriz profissional há quatro anos e mulher de Robles Monteiro há um ano. O simples facto de seu nome figurar no nosso primeiro número, justificava que agora a entrevistássemos para comentar, em conversa amena, estes cinquenta anos que tanta importância tiveram na vida de Amélia Rey Colaço e na vida do «Diário de Lisboa».

É esta conversa amena que transcrevemos para os leitores do nosso jornal que queiram relembrar estes cinquenta anos e para os que, por não terem idade para tal, queiram conhecer mais intimamente uma das personalidades mais vincantes da vida teatral portuguesa.

— A sra. D. Amélia lembra-se da saída do «Diário de Lisboa»?

Muito bem. Lembro-me, por exemplo, de que o discutimos, não sei já a que propósito, num grupo de amigos e que o Álvaro de Andrade afirmou bem alto «Este jornal marcou». Se quer que lhe diga, não sei porque é que me lembro tão bem desta frase, mas a verdade é que me parece estar a ver o Álvaro de Andrade a proferi-la... A minha vida está, aliás, bastante ligada ao «Diário de Lisboa», jornal em que tive numerosos amigos como o Portela, o Norberto Lopes, o Raul Rego e tantos outros...

Há coisas que nunca esquecem — olhe! quando fomos a Alcobaça dar um espectáculo no largo do convento, o que mais nos animou, o que verdadeiramente premiou essa iniciativa que, para o tempo, era uma aventura, foi um artigo do Joaquim Manso. Nunca esquecerei esse artigo.

— Passaram cinquenta anos desde que o «Diário de Lisboa» foi para a rua pela primeira vez. Que estava a sra. D. Amélia a fazer há cinquenta anos?

Deixe ver...tinha-me casado um ano antes e tinha fundado companhia com o meu marido... Julgo que estava a começar uma longa carreira de esperançosa...

— De esperançosa?

O que é um artista senão um esperançoso permanente?

Sem uma imensa quantidade de esperança e de entusiasmo, não se faz nada na vida. Ainda me lembro do que tivemos de trabalhar, em 1929, para abrir o Nacional: O teatro estava delapidado — não havia nada. Recorremos ao auxílio dum amigo — o Júlio Cunha, que tinha uma casa de estofos — e tanto trabalhámos que lá conseguimos abrir as portas ao público «disfarçando» o melhor que podíamos as deficiências.

O pano de boca, por exemplo, não estava cosido em baixo. A Palmira que assistiu à estreia sentada numa das primeiras filas, disse-nos depois que se sofrera muito ao ver como Robles suava — caíam-lhe gotas de suor pela cara abaixo.

— Como é que definiria o ambiente teatral português de há cinquenta anos?

O teatro estava em crise. Acabara o período áureo do Rosa e do Brasão. Havia como que um vácuo, uma necessidade de renovação. Esse vácuo era palpável, sentia-se.

— E entende que contribuiu para essa renovação?

Fiz o que me foi possível, mas a intenção foi sempre essa e só essa. Concorremos à exploração do Teatro Nacional com um profundo desejo de corresponder a essa necessidade de renovação.

— E agora, passados cinquenta anos, acha que correspondeu?

Não me compete responder a essa pergunta, mas quando penso nisso chego à conclusão de que fizemos talvez vinte por cento do que tencionávamos fazer...

— O seu marido morreu com ambições por realizar?

Todos os artistas morrem com qualquer coisa — senão tudo — por realizar, mas posso referir-lhe um caso concreto: o Robles morreu sem pôr em cena o Processo de Jesus, que nós pusémos tempos depois, com grande êxito, apesar de muitos terem afirmado que não tínhamos público para a peça.

— E a sra. D. Amélia, se abandonasse neste momento o teatro, levava alguma peça «encravada» — alguma peça que quisesse muito pôr em cena?

A «Mãe Coragem» do Brecht. Nem sei o que dava para a pôr em cena.

— Porquê?

É uma peça que eu considero apaixonante.

— Acha que as coisas mudaram muito no mundo do teatro nestes cinquenta anos?

Multíssimo. O público está muito mais intelectualizado e sabe muito mais de teatro. O público é, por outras palavras, muito mais exigente. Há cinquenta anos o público ia ao teatro para se emocionar e agora vai para pensar. Há coisas, porém, com que não concordo — tirou-se o mistério ao teatro e não sei até que ponto é que isso é prejudicial. A arte de representar, talvez por influência do cinema, é mais intimista, menos comunicativa.

— Julgo, sra. D. Amélia, que essa «arte de representar» intimista a que se refere, começa a estar antiquada. Não estará a falar da arte de representar própria do teatro naturalista que o mundo anda empenhado em enterrar e que está a transformar-se numa curiosidade?

É possível — estou a falar na generalidade.

— Se pudesse recomeçar, hoje, a sua carreira de actriz, por onde e que começava?

Ia fazer um teatro profundamente humano.

— Parece-me que isso é o chamado lugar comum sem qualquer significado concreto — iria por exemplo, para o Nacional?

Depende da directriz do futuro Teatro Nacional.

— Suponhamos que mantinha a sua directriz, a directriz que a sra. D. Amélia lhe imprimiu?

Não creio que a minha directriz tenha sido inteiramente certa. Acho que errei em muitas coisas, mas apesar disso, tomaria os pontos altos da minha actuação por lema: Durrenmatt, Miller, Valle-Inclan...

— Dê-me um exemplo dum erro...

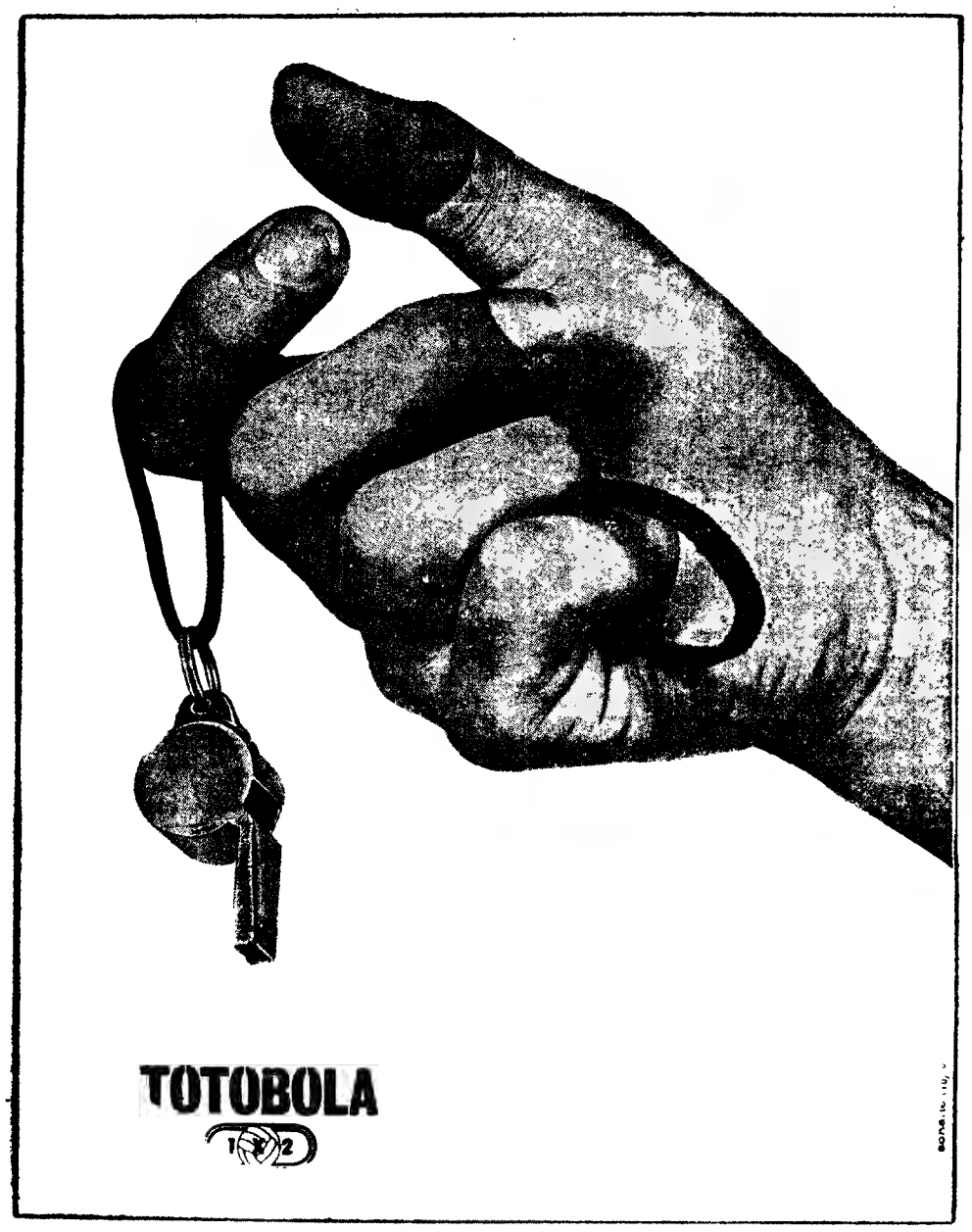
Acho que o Nacional devia ter feito escola. Tentei, por exemplo, abrir um teatrinho escola no sótão do teatro e tive, para isso, todo o apoio da Direcção Geral mas...

— Mas...

Mas!

— Para acabar, sr.ª D. Amélia: se tivesse hoje menos cinquenta anos e tivesse acabado de obter a exploração do Teatro Nacional, o que fez era o que voltaria a fazer?

Não. Se eu tivesse menos cinquenta anos teria, certamente outros conceitos e outras perspectivas. Faria certamente um Nacional diferente.



TRÊS FIGURAS DA LITERATURA

JULIO DANTAS

A carreira literária de Júlio Dantas (nascido em Lagos em 19-5-1876 e falecido em Lisboa em 25-5-1962) iniciou-se com um livro de versos, *Nada*, publicado em 1897. A «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira» regista que o livro «foi carinhosamente acolhido pela crítica», dado ter revelado «um verdadeiro poeta».

A partir de *Nada*, a extensa obra de Júlio Dantas, distribuída por diversos géneros literários, conheceu inegável sucesso junto de um público de gosto caracterizadamente burguês e mereceu, regra geral, da crítica impressionista votada aos temas galantes, ao moralismo «histórico» e às frivolidades estilísticas, os mais rasgados louvores.

Escritor laureado, académico cumulado de honrarias, figura cimeira de uma literatura palaciana contaminada por um romantismo serôdio e decadente, Júlio Dantas foi vítima, em 1916, de um «Manifesto» assinado por José de Almada-Negreiros (primeira frase: *«Uma geração que consente deixar-se representar por um Dantas é uma geração que nunca o foi!»*), manifesto que justamente reflectia a ira dos modernistas de então quanto a tudo aquilo (de natureza literária e não só) que o celebrado escritor representava. O acidente polémico, ainda que rapidamente abafado veio no entanto a consubstanciar o julgamento crítico das gerações literárias posteriores sobre o autor de *«A Ceia dos Cardeais»*.

De facto, pode afirmar-se que a obra literária de Júlio Dantas, porque destituída de dinamismo cultural e alheia às forças motoras do processo histórico, pertence irremediàvelmente a um passado morto. E enterrado.

V. S. T.

OBRAS PRINCIPAIS

Poesia: *Sonetos, 1916;*
Prosa: *A Severa*, romance, 1901; *Pátria Portuguesa*, 1914; *Contos*, 1930;
Teatro: *A Severa*, 1901; *A Ceia dos Cardeais*, 1902; *D. Beltrão de Figueiroa*, 1902; *Um Serão nas Laranjeiras*, 1904; *Rosas de todo o Ano*, 1907; *Soror Mariana*, 1915.

THOMAZ RIBEIRO COLAÇO

Desconfio que não sei, agora, falar de Thomaz Ribeiro Colaço, meu amigo de muitos anos. Em Lisboa e no Rio de Janeiro. Thomaz foi contestador por natureza. Discordar era o seu lema. Menos (é lógico) das raras coisas que, para ele, eram sagradas. As não sagradas, repudiava-as ostensivamente. E isso só lhe criou problemas pessoais e de ordem geral. Em Lisboa, filho de pais famosos, Branca de Gonta e o pintor Jorge Colaço, teve a juventude de um menino prodígio. Seus retratos de então tinham algo de um Oscar Wilde adolescente. Foi poeta, dramaturgo, jornalista. Há cinquenta anos viu-se citado no primeiro número do nosso então recém-nascido «Diário de Lisboa». Foi crítico de teatro. Nem bom nem mau, antes pelo contrário. De uma peça escrita por Norberto Lopes e por mim, afirmou que era plagiada, pelo menos inspirada em D'Annunzio. Não era. No máximo podia motivar-se no teatro de Don Ramon del Valle-Inclan, que ele, na verdade, desconhecia. Rimos juntos. Criou um jornal, só dele, que foi famoso: «O Fradique». Um pouco polémico, talvez, em demasia, para a época. Cançou-se e veio para o Brasil. Creio que em 1941.

Ele, a mulher, e os filhos. Meses depois estava escrevendo, num jornal carioca, uma coluna de «política internacional». Mal vista, porém, no que se referia a problemas portugueses. Mas sua capacidade era reconhecida pela direcção. Uma vez ao referir-se à rainha Isabel II, da Inglaterra, escreveu assim mesmo: Isabel II. O chefe de redacção cortou e botou Elisabeth, com o fundamento de que no Brasil já havia muitas Elisabethes nos registos de nascimento. Discordou. Insistiu. Brigou. E foi assim que, por tão pouco, abandonou o «Correio da Manhã». Senti que isso, desde então, causou nele uma profunda amargura, que aliás disfarçava. Escreveu livros e romances que se conservam inéditos. Falou-me de alguns. Publicou um volume defendendo a tese de que Dom Quixote, na pena de Cervantes, valia como um retrato vivo de Portugal. Discordamos rija e duramente. Mas sem que a nossa amizade se ofuscasse. Recebeu várias heranças. Uma delas contendo todos os volumes que pertenceram a Chaby Pinheiro. Quando ia a minha casa olhava as estantes e dizia

— Espero que você quando morrer me deixe esta sua desorganizada biblioteca...

Eu dizia que sim. E pedia-lhe que, se ele morresse primeiro, me deixasse o lendário piano que herdara de uma dama da alta sociedade lisboeta. Tudo isto a rir. Nunca deixamos de brigar, sorrindo. E foi ainda com um sorriso que nos despedimos quando, já bastante gordo, e de cabelos brancos, o vi pela última vez á porta de um banco, em Copacabana...

Morreu dias depois.

Março de 71.

CHIANCA DE GARCIA

JOÃO DO RIO

Há cinquenta anos, no primeiro número do «Diário de Lisboa» dizia-se a propósito de livros: — «hoje na minha visita habitual ás livrarias tive a agradável surpresa de encontrar João do Rio, um cronista brilhante, um nadinha inconsciente, que faz furor no Brasil. De lá nos envia o seu último volume *Rosário da Ilusão*».

Para o leitor de hoje, em Lisboa, João do Rio talvez seja um nome esquecido. No entanto foi um bom amigo de Portugal. Esteve muitas vezes em Lisboa onde criou grandes amigos.

Mas acima de tudo, e em grande estilo, ficou para sempre como um dos grandes repórteres da sua época. E, para mim, teve o condão de me ajudar a conhecer o Rio de Janeiro. Dele li, e reli, duas obras que ainda hoje, apesar do seu estilo nervoso, estão vivas nos subterrâneos da alma carioca. O primeiro chama-se *As religiões do Rio*. O segundo *A alma encantadora das ruas*.

Vem talvez desses dois volumes a minha perpétua devoção pelo segredo insondável das ruas e dos morros. João do Rio não conheceu a parapsicologia, com que hoje se procura explicar o inexplicável. Mas nem por isso deixou de andar em volta...

Os dois livros acima continuam válidos. Quando cheguei ao Brasil ele já tinha falecido. O que não quer dizer que não o tivesse conhecido.

Há muitos anos, aí em Lisboa, eu e mais dois ou três malucos, resolvemos procurar João do Rio que, como um gordo príncipe hindu, vestido á europeia, estava hospedado no Avenida Palace:

— O que traz vocês aqui? — indagou.

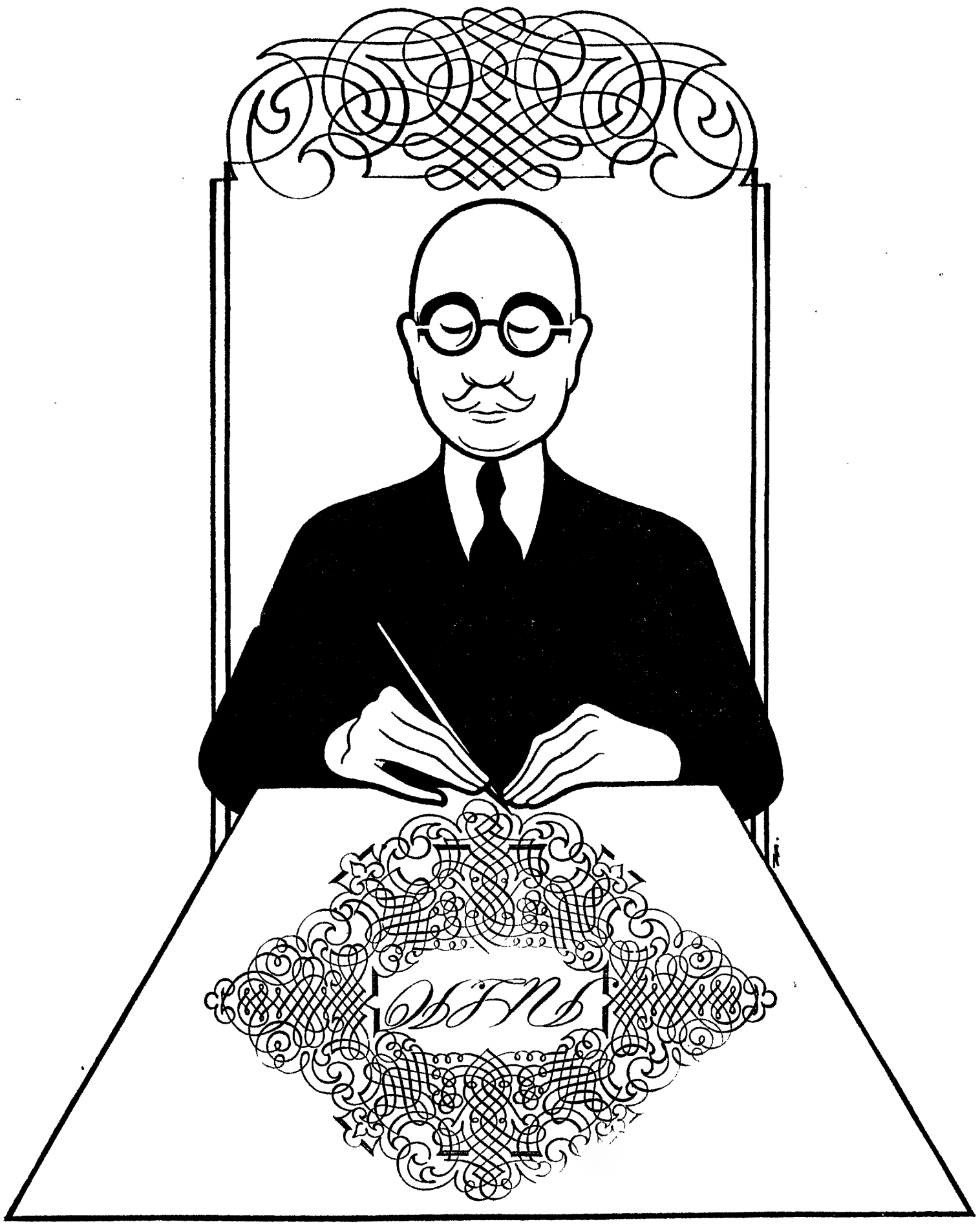
Tentámos explicar a ideia: estabelecer um intercâmbio entre jovens poetas dos dois países.

Sorriu, irónico. Mas disse-nos que a Poesia, como toda a grande Arte, é um negócio íntimo e de eleição. Um negócio, de *élite*. E que portanto lhe parecia inútil essa necessidade de comunicação.

Bem, era assim que se pensava no seu tempo. O tempo dos estetas. E ele se sabia um deles no mundo literário brasileiro.

Sim, não fora em vão que traduzira com amor a *Salomé* de Oscar Wilde.

CHIANCA DE GARCIA



JULIO DANTAS

O FALSO MEDALHÃO

Por JOSÉ CARDOSO PIRES

AQUILINO aparece (na caricatura de Sant'Ana e na representação do lugar comum) a traço vincado, passada de andarilho e samarra pelas costas: o beirão no chiado das letras. No post-fundo podemos imaginar Proença e Raúl Brandão; Sérgio e mais alguns «seareiros», os melhores; Abel Manta, Stuart de Carvalhais — o friso, enfim, donde emerge o artesão da prosa com todas as contradições á margem e com toda a herança positivista que o caracterizaram. Mais esfumados, apontamentos apenas, acrescentam-se vultos de conspiradores, exílios em Paris, Santa-Rita Pintor, todo um cenário difuso das memórias ainda secretas da rebelião republicana.

Os literatos menores dos anos vinte e os políticos burgueses do republicanismo pretenderam ilustrar o quadro. Sobretudo os últimos. Gordos, instalados no progressivismo conservador, sonhando com caciques locais e fazendo política de boato, eram os grão-mestres do provincianismo em Lisboa, admiradores de Cunha Leal e da manobra em palácio tolerado. Eles viam em Aquilino a flor académica transplantada da Serra da Nave para a montra pública das letras. No fundo, bem no fundo, enalteciam-se a si próprios á custa da imagem deste Malhadinhas, viriato dos setecostados, homen de palavra castiça e, para eles, de uma ingenuidade campesina nas subtilezas do dia-a-dia.

Pois, o Malhadinhas. Para o conservantismo estilo Ramada Curto, Carlos Olavo e etc., o símbolo era este. Correspondia ao paternalismo dominante na época. A uma mentalidade política, inclusivamente. Dizer que a célebre novela não era, dentro da extraordinária obra de Aquilino, a peça inatingível, abrenuntio, seria o fim. Apontar-lhe as muitas seduções a traço grosso que contem, a caricatura tantas vezes elementar, pior: corresponderia a violar o presépio das letras onde o Sancho Pança beirão tinha sido colocado em barro de Bordallo há cerca de meio século. E fiquemos por aqui.

ESTE fenómeno de eleger o fácil como representação de uma obra a tantos títulos difícil vem de longe e atingiu muitos dos maiores escritores. No caso de Aquilino serviu até os seus detractores que sintetizaram no pícaro e no folclore rural um escritor que os feriu fundo e até á morte.

Assim, fica na sombra o resto: os contos, dois ou três romances e em especial «A Casa Grande de Romarigães» como monumento maior da literatura portuguesa de todos os tempos. E esqueceram-se as misérias e grandezas dos Príncipes a que ele levantou véus e deu perfil. Com exagero? Caso para ver. De qualquer forma, abordando os heróis de mausoléu. Aquilino fez aos sessenta e tal anos aquilo que os bachareis de boas notas tremeriam a benzer-se para evitar: recusou-se á peregrinação histórica segundo o guia da sebenta — e isso é arriscado. Se é.

Daí os tais silêncios de conveniência. O criar-se uma definição generalizada do escritor que tenha as vantagens de perturbar o menos possível, e neutralize. Aquilino seria o caudal de palavras, a fonte para as abonações do Dicionário de Moraes, o contador de histórias por obra e graça do talento. E contra isto ninguém protestará porque, vamos indo, é já muito e único, e consolador, numa terra onde o homem de letras é indivíduo á margem e raramente reconhecido.

Por seu lado, os admiradores sinceros pouco adiantaram para uma nova e objectiva dimensão do autor de «Estrada de Santiago», é justo dizer. Têm-no comparado ao castanheiro, que é possante e de frutos agressivos, mas bom por dentro, generoso. Escreveram que era fraga — fraga da serra, amiga dos ventos e dos lobos familiares. Chamaram-lhe, alguns, Mestre por causa do difícil e do barroco — disseram trinta por uma linha e no entanto não há um estudo, um só, á altura do romancista.

Quem, por exemplo, quando apareceu o «Leopardo» de Lampedusa, se lembrou de o comparar á «Casa Grande de Romarigães, tão vizinha e tão superior? E quantos dos agora entusiasmados leitores de Guimarães Rosa recusam em Aquilino o lexico rural e as elipses formais que tanto veneram no outro? Indo mais longe, e mais profundamente, quem investigou o conceito de unidade do universo que há em ambos e que traz heranças medievais (dos filósofos contemplativos; do franciscanismo, até) em que se sobrevaloriza o mundo animal e vegetal numa identificação constante com o homem?

Santos da casa não fazem milagres, diz-se. Mas não é só o provincianismo de admirar o que vem de lá que justifica as ingratidões culturais que se fazem cá. É também a falta de imaginação e de espírito criador com que aqui se estuda literatura; é o ódio ao que está próximo que faz com que se admire o que vem de longe, da estranja, já promovido e dificilmente ignorável; é finalmente a conspiração do «enterrem-se os vivos e salvem-se os muito mortos» que mascara o temor de evitar conflitos com o presente, ou seja, com os valores do «establishment».

Assim tem acontecido com Aquilino também. Nada de o rever e ir mais dentro; de procurar o veio difícil, o menos evidente, num escritor que é tão instintivo á superfície e tão meditado quando menos se espera. Fica em suma como Malhadinhas, ingénuo, astucioso, camponês, — e pouco mais. Que lástima.

E no entanto Aquilino estava longe de corresponder á imagem com que os burgueses da sua geração, e não só, procuravam enaltecê-lo. Enquanto eles engordavam por dentro, nos cartórios, na vida oficial ou nos papéis de crédito, o Homem da Nave ia em frente, indomado e sempre mais audaz. Quem o conheceu de perto nos últimos quinze anos de vida não pôde deixar de maravilhar-se com a decisão, a incompatibilidade e o entusiasmo que cada dia aumentavam nele.

De samarra ainda, mas sentado á mesa de trabalho na casa da Rua António Ferreira ou convivendo com os camaradas mais novos, onde estava o Malhadinhas das argúcias primárias ou do talento incontrolado com que o lugar-comum o tinha definido?

Dizia-se, era voz corrente, que falava pouco de questões de estética; que era afável na apreciação dos outros escritores; convencional, até; e assim por diante. Por mim, poucas vezes alguém me falou tão longamente, tão em pormenor e com tamanha dureza acerca de um livro meu como ele, Aquilino. E poucas vezes também me surpreendi a ouvir considerações práticas tão sábiamente estruturadas como certa tarde em que se pôs a discorrer sobre a captação da oralidade na elaboração dos estilos literários.

«Tem bom ouvido», costumava ele dizer quando apreciava um escritor. E ouvido, esse sentido de facto precioso para o romancista, era aqui memória de frase, tom do personagem, ocorrência de vocábulo já transfigurado na expressão escrita. Vinha daí, penso eu, a sua pujança de arcaísmos, de sons longínquos, quase esquecidos, que perpassavam pela paisagem telúrica que descrevia — mas até disso tinha aguda consciência:

«Dizem que o português é uma língua rica», observou-me um dia, com um sorriso. «É mas é pobre, tem palavras a mais».

Qualquer dos apreciadores do dicionário gótico de Aquilino teria recuado de assombro perante a afirmação. E contudo a determinante lógica existe e está por trás. Vem dos contos, de obras-primas como «A Pele do Bombo», e retoma-se nos últimos romances onde o ímpeto verbal aparece frequentemente refreado. E isto a poucos anos da morte — como se ignorasse um passado de dezenas de livros e recomeçasse...

DE resto poucos escritores, que eu saiba, foram assim tão desapegados do passado. Raros silenciaram, como ele, o feito, o acabado, tendo vivido e escrito tanto. E mais raros ainda os que morreram como Aquilino, sem heróis á cabeceira.

Vida, presente e futuro, isso sim, é que contava. Livro vinha atrás de livro, e recomeçava o Mundo; o hoje estava voltado para diante, para o amanhã — era esta a regra. E ele, que na sua muita idade tinha assistido a uma nova era do Homem (carreiras aéreas, energia atómica, conquista da Lua) ele, aos setenta e tantos anos, tinha a sedução das dimensões futuras.

Já minado pela morte foi a caminho de Londres, mas aí mais uma vez cedeu ao espectáculo da vida. Melhor dito, da civilização. Liberdade, mulheres e juventude aberta, a sociedade permissiva com o delírio da técnica e do consumo, tudo isso, longe de o afastarem, provocavam nele entusiasmo e reflexão. Cansaço, nenhum. Estranheza ainda menos — e a doença ficava para trás, adiada. «Em três horas de avião galgam-se séculos de História», teria ele dito a um dos amigos que acompanhavam.

Posto isto, insisto em perguntar pelo Malhadinhas, pelo Aquilino segundo o figurino proclamado pelos espíritos rotineiros — onde está? Dos homens da sua geração quantos se esforçaram como ele por acompanhar o tempo, apesar do traço beirão que o sublinhava por fora? E quantos souberam recusar, e com veemência sempre crescente, a comodidade do prestígio?

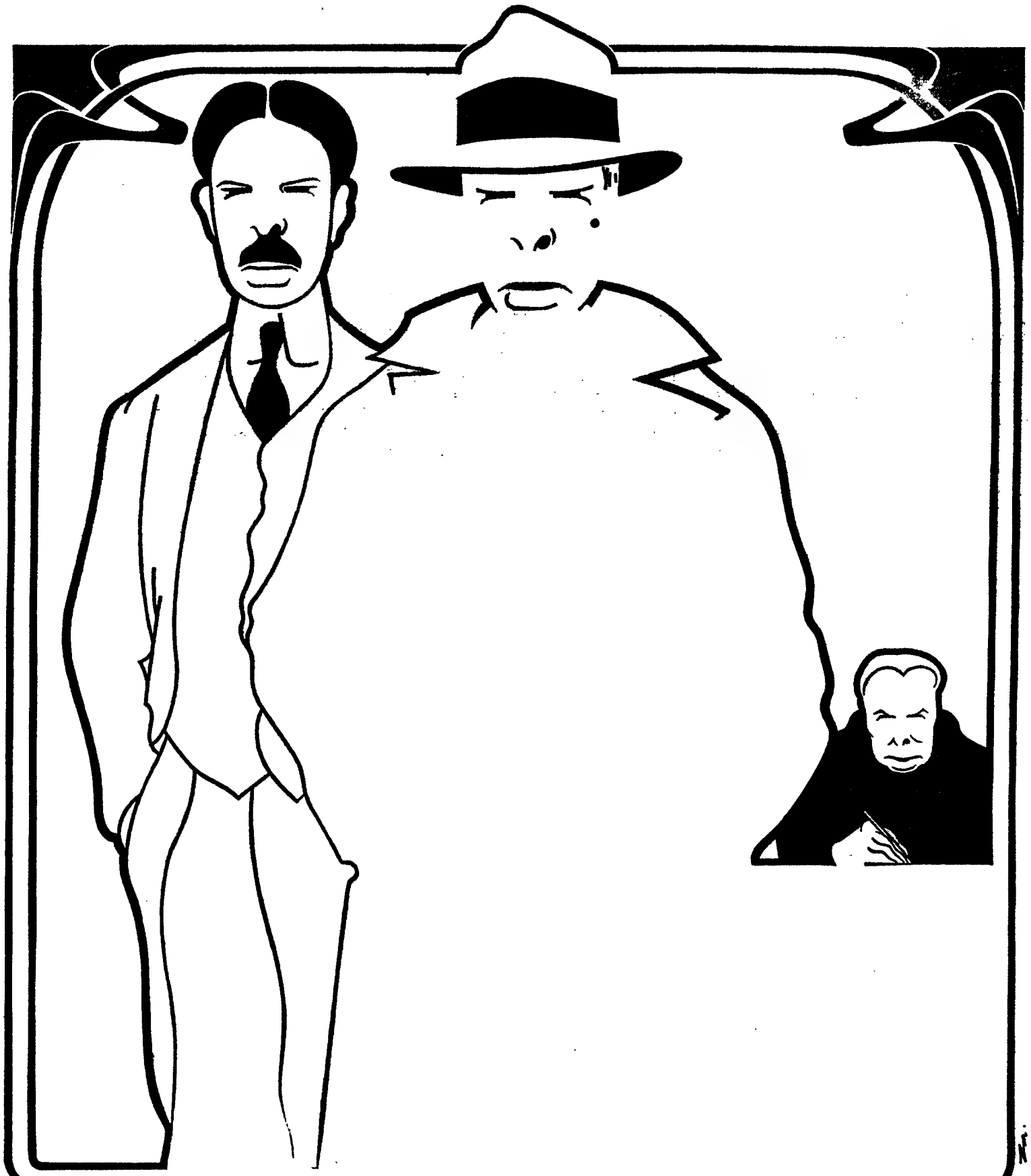
Se o recordamos na última etapa da sua carreira vê-lo-emos polarmente distanciado do escritor das «Lápides Partidas» e do Mestre tolerado por certas fracções oficiais. Vai renascer já no ocaso, mas ainda a tempo e com novo vigor, para longe e para a frente do espírito de uma geração onde abriu caminho e que procurou suspendê-lo, medalhado. Em meia dúzia de anos funda a Sociedade Portuguesa de Escritores, escreve «Por Quem os Lobos Uivam» e termina com a sua obra mais que todas acabada, «A Casa Grande de Romarigães», como quem depõe o marco definitivo no cume de uma gigantesca escalada.

Depois, morreu.

Londres, Primavera de 71

Há exactamente cinquenta anos o «Diário de Lisboa» oferecia aos seus leitores o primeiro trecho de uma novela de Aquilino Ribeiro cuja publicação iria prolongar-se por mais seis dias. Revelado em 1913 com «Jardim das Tormentas», Aquilino era já então um prosador de méritos firmados e da sua bibliografia faziam parte livros como «A via sinuosa»» (1916) e «Terras do demo» (1918), que os historiadores da literatura considerem marcos fundamentais na obra do grande escritor beirão. Passado meio século, e lembrando o dilecto colaborador da primeira hora, voltamos a publicar, neste jornal que também foi dele, o texto completo e integral de

«O ESCONJURO»



AQUILINO RIBEIRO

O ESCONJURO

por Aquilino Ribeiro

Rompendo pelo miharal fora, destes milhares já adiantados, vende-apopléticos e barbaçudos, de pendão mais soberbo que lanças erguidas, Aurélio foi surpreender o sr. Abade, ao fundo da fazenda, a refrescar de borrifador em punho os alfobres que tinham sede. Ali perto, a água caía da bica de pau numa doce toada de cantilena, e ele, com mais zelo que de hissope a enxotar os espíritos malignos, ia e vinha, aspergindo á direita e á esquerda sobre as couves tronchas, já orelhudas, — o seu consolo dos dias de magro, cozidas com bacalhau, depois de lhes gear o Dezembro.

A ponta vermelha do tabaqueiro a esvoaçar do bolso, casaco ruço de bater, sócos reforçados por festeiras de ferro, afável com estranhos e resmungão com os próximos, ali estava o padre Inocêncio, grande trunfo político e pregador de nomeada. A igreja era montesinha, mas congrua, passal de caroço e de regadio, responsórios e folares, que de lautos alambravam na ucha, tornavam-na a mais cobiçada da mitra.

O Abade foi efusivo, mais que de razão, a acolhe-lo; e, largando logo, ao subirem o carreiro, aqui e ali, menos ao desentado que para rebater com rasgo a confusão de ser colhido daquele jeito, aqui e ali dobrava-se a cortar com o sacho a leituga balofa, a macela teimosa, que mais daninhas que os pecados, acudiam ao refeitório farto do quintal. Ao alto, debaixo da latada que cobria de frescor um patim de largo lanço, roçado dos passos, e a duas varas de terra, onde se espojavam galinhas, puxou de «fortes»:

— Vai um?

— Muito agradecido, os médicos proibiram-me o tabaco.

— No meu tempo — tornou ele, detendo-se com o acender o fósforo dentro da cava das mãos ambas, hábito de quem anda pelos caminhos — no meu tempo não havia possibilidade de fumar no Seminário. D. António «requiescat in pace» era inimigo jurado dos fumadores. «O cigarro é um alambique de ociosidade e de devaneio — dizia ele — ergo de pecado». E chegou a expulsar alguns seminaristas que traziam amarela a polpa dos dedos. Era um dragão!... Agora, não sei...

— Agora há menos rigor com os fumadores — respondeu Aurélio. O vice-reitor fuma, os monitores fumam... o próprio bispo gosta de queimar o seu charuto, mas muito em particular. Metade do que se pratica no Seminário, o sr. Abade está cheio de o saber, decorre debaixo de capa.

Passou um breve silêncio entre eles, durante o qual se ouviu chocalhar a água de rega que limava no batatal, acima de cujo verde quase negro, sem transparência, flores umas que outras, brancas duma pureza de neve, brancas molhadas de roxo, se elevavam mais ligeiras que borboletas.

O Abade seguia em baixo a manobra do abegão, arremangado até ao joelho, chapéu de palha centeieira com debrum azul a toda a hora, a governar a [illegible], á frente dela, a qual, como um rebanho de reses [illegible], se espalhava a todos os pontos indócil e jovial. E, vendo-o pressuroso á direita e á esquerda, gritou-lhe:

— Abriste muito ao boeiro, homem! Com água a monte, escalvas a terra toda.

O criado rosnou uma resposta breve que se perdeu e o Abade ficou a queixar-se para Aurélio dos moços da lavoura, que não valiam a mantença e exigiam uma soldada de capitão-mór. Depois, saltando de assunto, dando á voz um tom lento de interesse, proferiu:

— Isso há-de ser de pouca monta... Com a ajuda de Nossa Senhora e os ares destas serras, quando vier o tempo da caça, pode pegar da espingarda e estafar um bando de perdizes.

— Assim o espero — respondeu o teólogo. — Os médicos mostram-se optimistas, contando que eu me abstenha de todo o esforço, mesmo ler. A lesão exige um espírito inerte diante do mundo e das coisas, dizem, e o mais difícil é precisamente isto, estancar dentro de nós a corrente do pensamento que nos leva. Mas vou, vou tentar reduzir-me a vegetal.

— Ora, á sr.ª D. Francisquinha não faltam posses, e Aurélio é uma criança. Que se ordenasse já, não podia receber ordens de presbítero!..

— Sim, é verdade. Teria de esperar dois anos.

Afagado da sombra, que a aragem dos outeiros tonificava, contente das novidades que os seus olhos viam pular ao sol forte de Julho, o Abade aprouve-se a evocar os velhos tempos do Seminário, quando se aprendia a lógica pelo Genueuse e a metafísica pelo Stagirita.

— O padre Roseira ainda é vivo?

— É, mas muito velhinho. Quando saíamos a passear pela estrada do Relógio de Sol, viamo-lo ás vezes na quinta. Tão diafano, quase uma sombra, muito dobrada para a terra, sem erguer nunca a cabeça, vinha-me sempre á ideia que andava a soletrar o «memento homo qui pulvis es...».

— Lá nisso era ele um artista!... Pois tenho pena, foi o meu mestre de latinidade. Há que mundos! Mas olhe, ainda me não esqueci das despertativas que nos tamborilava na cabeça com os nós dos dedos sempre que emperrávamos nas declinações. Era um humanista temível. O João de Morais, sequaz do Padre Manuel Álvares do tempo dos afonsinhos, era duro de roer; mas quando entrava era para nunca mais, enroscava-se á memória como a hera a uma parede e dali só com a cova. Sabiamos a arte toda, da etimologia á prosodia, de cor e salteada. Então da nomenclatura poética não lhe falo. O Padre Roseira, que versejou em latim, exigia que trouxessemos tudo na ponta da língua. A que pontos, eu lhe digo... Horácio não tinha verso hipercataléctico, ou adonio que não soubesse desdobrar, nem em Virgílio havia cesura que eu não matasse á légua. Há que mundos! Eu lhe digo, hoje ainda sei a gramática como o padrenosso... o mais arrevesado, as [illegible] de má morte...

E o sr. Abade, em prova, desfiou leonineamente uma esdruxula declinacão.

— Chama-se a isso uma memória de bronze.

— Qual?! Chama-se isto receptividade aos casacudos do padre Roseira. Do resto ontologia, teodicela, dogma, esqueci tudo. Só me lembra que há sete propriedades no indivíduo: Forma, figura, locus, tempus, stirps, pátria, nomen, Haec ea sun septem, quae non habet unus et alter. E viva o velho! No latinório, lá nisso a vaidade me seja leve, era um barra. No bom e no mau; ainda hoje seria capaz de recitar os casos todos de certas palavras bárbaras, ou de baixa latinidade, formadas por aglutinação e que são mais extensas que léguas. Sabe?

— Julgo que sei. Não há aprendiz de latim que não marre com essas extravagancias.

— É verdade, isso é a giria do latim, o latão como lhe chamam. O padre Roseira não nos ensinava estas coisas, mas ouvi-lhe eu dizer que era um bom exercício glotico, por isso as não reprovava. Trauteavamo-las e entretinhamo-nos a compor ou a embaçar os novatos com frases biligues como aquela Uvas Atenas portas. Algumas eram bem equívocas. Hoje, já se não ocupam com essas frioleiras?

— Ocupam, pois, não ocupam! A Igreja está construída sobre pedra-super hanc petran — tudo em volta, a começar pelo ensino eclesiástico, petrificou.

O sr. Abade não compreendeu ou não quis compreender, e arrimado ao grato corrimão da lembrança, foi rememorando:

— O latim servia-nos até de pretexto para mexer em coisas menos discretas. Aos caloiros obrigávamo-los a declinar Tertulianus, e outras palavras, percebe? Que envolvem em certos casos um sentido afrontoso para quem as pronuncia, atendendo á decomposição etimológica que se lhes supõe.

— Sim, hoje como ontém, essas coisas são saboreadas, ditas e reditas. É a válvula do instinto contrafeito.

— No meu tempo — tornou o abade, apanhando o fio subtil, quase subterrâneo, que deixara Aurélio — os grandes, como denominavam aos teólogos e aos barbados, no sábado á noite achavam sempre jeito de se pirar por uma porta que da cerca abria para a rua do Castelo. A essas excursões sub-repticias chamávamos nós «ir a Sodoma». Até uma vez houve escândalo em casa duma Micas, muito falada ao tempo, por se envolverem em desordem, devido a diferenças ao jogo, um terceiranista e um furriel. Malharam ambos com as costas na cadeia e quem valeu ao seminarista foram os bons padrinhos e ter já ordens de diacono. Já morreu... Mataram-no na força da idade com um tiro de bacamarte á boca das urnas, numa eleição que os progressistas disputavam aos regeneradores no concelho da Pesqueira.

— Tal porta já não existe — declarou Aurélio. — O Seminário, agora, é cispado como um túmulo e, que não fosse, essa viagem nocturna seria comprometedora e arriscada.

O Seminário tem espiões pela cidade, depois o paisano, hoje em dia, divorciou-se do clérigo... não fragúa com ele... considera alcouces e tavolagens como tudo só seu. O eclesiástico, com o advento da democracia, nem o direito tem de debochar-se.

— Pois é um mal. Mais valia pagar o tributo á natureza naturalmente que manter uma contenção que desata ás vezes estupidamente.

— Nos últimos anos pouco tem havido que falar. Frequente ainda a predilecção caracterizada de certos professores e monitores pelos alunos de boa presença. Involuntáriamente, traem-se por uma delicadeza, uma condescendência ao capricho dos mocinhos que no século se reservam para as mulheres.

— O bispo é bom rapaz?!

— É.. Um pouco cachaço a mais e cabeça a menos.

— Mais vale assim que esse tal D. António que era o anti-Cristo dos párocos. Chegou a ter suspensos dez... por pecadilhos — e o sr. Abade temperou seu gosto á brandura com topetadas seguidas da cabeça.

Entretidos em doce linguareirice, tão grata á gente eclesiástica, ali quedaram. Vieram os rebanhos do pasto matutino, e o moço da lavoura esgotou a presa de água no batatal, alteroso de soberbia. O sol, a prumo, trespassava pelos ralos da latada, tecendo no chão de terra preta um sendal de crepes e de ouro. Uma galinha ensinava os pintaínhos a governar a vida, picando no chão o verme descuidoso e indicando-lhes o grãozinho perdido. Atrás dela, mal equilibrados sobre as pernas trémulas, a ninhada era como bolas de lã a correr. Uns seguiam, já interesseiros, mesmo debaixo do seu bico, outros atrasavam-se em disputa sobre um cibato, alguns ainda perdiam-se absortos a olhar e a piar. E, longe, um corria exaustinado, não atinando com o gosmado gógó da pita mãe. Ela então voltava-se irosa, ia á cata do perdido e, tornando á manada, lá ia com sacolões bruscos do pescoço, picada á direita, picada á esquerda, crocitando, a ensinar aos pintaínhos o que é a vida e o Mundo.

Pelos espaços além, a folha estendia-se, baça de seiva nas abas do povo, com esbranquecimentos de areal no campo imenso de ceara, de um verde mato nas moitas e pinhais e daí a fugir pelo pousio, coutos de urze e penhascos, de um tom cada vez mais ferrete de asfalto. Sobre tudo, a aguada amarela de um sol rechinante, de uma braveza quieta. E nos horizontes confins, a grande cordilheira assentava, grave, escurecida, com a gigantesca núvem de fumo dos mundos em fogo.

Desafeito, pela reclusão ás livres prespectivas, os olhos de Aurélio feriam-se do deslumbramento do céu e da cruesa da luz que sobre os centeiais se polvilhava de laminações de cobre. Ao mesmo tempo sentia dissipar-se o negrume que enchia de tão longe sua alma doente, como se a suave limpidez do céu e da terra estivesse a dealbar-lha, em ondas e ondas lançadas por mão que tem o segredo dos bálsamos e do amor, E o passado, de que não retirava uma parcela de consolação, varria-se-lhe do entendimento, deixava de ter

O ESCONJURO

por Aquilino Ribeiro

Rompendo pelo miharal fora, destes milhares já adiantados, vende-apoplécticos e barbaçudos, de pendão mais soberbo que lanças erguidas, Aurélio foi surpreender o sr. Abade, ao fundo da fazenda, a refrescar de borrifador em punho os alfobres que tinham sede. Ali perto, a água caía da bica de pau numa doce toada de cantilena, e ele, com mais zelo que de hissope a enxotar os espíritos malignos, ia e vinha, aspergindo á direita e á esquerda sobre as couves tronchas, já orelhudas, — o seu consolo dos dias de magro, cozidas com bacalhau, depois de lhes gear o Dezembro.

A ponta vermelha do tabaqueiro a esvoaçar do bolso, casaco ruço de bater, sócos reforçados por festeiras de ferro, afável com estranhos e resmungão com os próximos, ali estava o padre Inocêncio, grande trunfo político e pregador de nomeada. A igreja era montesinha, mas congrua, passal de caroço e de regadio, responsórios e folares, que de lautos alambravam na ucha, tornavam-na a mais cobiçada da mitra.

O Abade foi efusivo, mais que de razão, a acolhe-lo; e, largando logo, ao subirem o carreiro, aqui e ali, menos ao desentado que para rebater com rasgo a confusão de ser colhido daquele jeito, aqui e ali dobrava-se a cortar com o sacho a leituga balofa, a macela teimosa, que mais daninhas que os pecados, acudiam ao refeitório farto do quintal. Ao alto, debaixo da latada que cobria de frescor um patim de largo lanço, roçado dos passos, e a duas varas de terra, onde se espojavam galinhas, puxo «fortes».

— Vai um?

— Muito agradecido, os médicos proibiram-me o tabaco.

— No meu tempo — tornou ele, detendo-se com o acender o fósforo dentro da cava das mãos ambas, hábito de quem anda pelos caminhos — no meu tempo não havia possibilidade de fumar no Seminário. D. António «requiescat in pace» era inimigo jurado dos fumadores. «O cigarro é um alambique de ociosidade e de devaneio — dizia ele — ergo de pecado». E chegou a expulsar alguns seminaristas que traziam amarela a polpa dos dedos. Era um dragão!... Agora, não sei...

— Agora há menos rigor com os fumadores — respondeu Aurélio. O vice-reitor fuma, os monitores fumam... o próprio bispo gosta de queimar o seu charuto, mas muito em particular. Metade do que se pratica no Seminário, o sr. Abade está cheio de o saber, decorre debaixo de capa.

Passou um breve silêncio entre eles, durante o qual se ouviu chocalhar a água de rega que limava no batatal, acima de cujo verde quase negro, sem transparência, flores umas que outras, brancas duma pureza de neve, brancas molhadas de roxo, se elevavam mais ligeiras que borboletas.

O Abade seguia em baixo a manobra do abegão, arremengado até ao joelho, chapéu de palha centeieira com debrum azul a toda a hora, a governar a água, á frente dela, a qual, como um rebanho de reses novas, se espalhava a todos os pontos indócil e jovial. E, vendo-o pressuroso á direita e á esquerda, gritou-lhe:

— Abriste muito ao boeiro, homem! Com água a monte, escalvas a terra toda.

O criado rosnou uma resposta breve que se perdeu e o Abade ficou a queixar-se para Aurélio dos moços da lavoura, que não valiam a mantença e exigiam uma soldada de capitão-mór. Depois, saltando de assunto, dando á voz um tom lento de interesse, proferiu:

— Isso há-de ser de pouca monta. Com a ajuda de Nossa Senhora e os ares destas serras, quando vier o tempo da caça, pode pegar da espingarda e estafar um bando de tordizes.

— Assim o espero — respondeu o teólogo. — Os médicos mostram-se optimistas, contando que eu me abstenha de todo o esforço, mesmo ler. A lesão exige um espírito inerte diante do mundo e das coisas, dizem, e o mais difícil é precisamente isto, estancar dentro de nós a corrente do pensamento que nos leva. Mas vou vou tentar reduzir-me a vegetal.

— Ora, á sr.ª D. Francisquinha não faltam posses, e Aurélio é uma criança. Que se ordenasse já, não podia receber ordens de presbítero!

— Sim, é verdade. Teria de esperar dois anos.

Afagado da sombra, que a aragem dos outeiros tonificava contente das novidades que os seus olhos viam pular ao sol forte de Julho, o Abade aprouve-se a evocar os velhos tempos do Seminário, quando se aprendia a lógica pelo Genueuse e a metafísica pelo Stagirita.

— O padre Roseira ainda é vivo?

— É, mas muito velhinho. Quando saíamos a passear pela estrada do Relógio do Sol, víamo-lo ás vezes na quinta. Tão diáfano, quase uma sombra, muito dobrada para a terra, sem erguer nunca a cabeça, vinha-me sempre á ideia que andava a soletrar o «memento homo qui pulvis es ...».

— Lá nisso era ele um artista!... Pois tenho pena, foi o meu mestre de latinidade. Há que mundos! Mas olhe, ainda me não esqueci das despertativas que nos tamborilava na cabeça com os nós dos dedos sempre que emperrávamos nas declinações. Era um humanista temível. O João de Morais, sequaz do Padre Manuel Alvares do tempo dos afonsinhos, era duro de roer; mas quando entrava era para nunca mais, enroscava-se á memória como a hera a uma parede e dali só com a cova. Sabíamos a arte toda, da etimologia á prosódia, de cor e salteada. Então da nomenclatura poética não lhe falo. O Padre Roseira, que versejou em latim, exigia que trouxessemos tudo na ponta da língua. A que pontos, eu lhe digo . Horácio não tinha verso hipercatalético, ou adónio que não soubesse desdobrar, nem em Virgílio havia cesura que eu não matasse á légua. Há que mundos! Eu lhe digo, hoje ainda sei a gramática como o padrenosso... o mais arrevesado, até esses pronomes de má morte...

E o sr. Abade, em prova, desfiou leoninamente uma esdruxula declinação.

— Chama-se a isso uma memória de bronze.

— Qual?! Chama-se isto receptividade aos casacudos do padre Roseira. Do resto ontologia, teodicela, dogma, esqueci tudo. Só me lembra que há sete propriedades no indivíduo: Forma, figura, locus, tempus, status, pátria, nomen, Haec ea sun septem, quae non habet unus et alter. E viva o velho! No latinório, lá nisso a vaidade me seja leve, era um barra. No bom e no mau; ainda hoje seria capaz de recitar os casos todos de certas palavras bárbaras, ou de baixa latinidade, formadas por aglutinação e que são mais extensas que léguas. Sabe?

— Julgo que sei. Não há aprendiz de latim que não marre com essas extravagancias.

— É verdade, isso é a gíria do latim, o latão como lhe chamam. O padre Roseira não nos ensinava estas coisas, mas ouvi-lhe eu dizer que era um bom exercício glótico, por isso as não reprovava. Trauteavamo-las e entretinhamo-nos a compor ou a embaçar os novatos com frases bilingues como aquela Uvas Atenas portas. Algumas eram bem equívocas. Hoje, já se não ocupam com essas frioleiras?

— Ocupam, pois, não ocupam! A Igreja está construída sobre pedra-super hanc petran — tudo em volta, a começar pelo ensino eclesiástico, petrificou.

O sr. Abade não compreendeu ou não quis compreender, e arrimado ao grato corrimão da lembrança, foi rememorando:

— O latim servia-nos até de pretexto para mexer em coisas menos discretas. Aos calouros obrigávamo-los a declinar Tertulianus e outras palavras, percebe? Que envolvem em certos casos um sentido afrontoso para quem as pronuncia, atendendo á decomposição etimológica que se lhes supõe.

— Sim, hoje como ontém, essas coisas são saboreadas, ditas e reditas. É a válvula do instinto contrafeito.

— No meu tempo — tornou o abade, apanhando o fio subtil, quase subterrâneo, que deixara Aurélio — os grandes, como denominavam aos teólogos e aos barbados, no sábado á noite achavam sempre jeito de se pirar por uma porta que da cerca abria para a rua do Castelo. A essas excursões sub-repticias chamávamos nós «ir a Sodoma». Até uma vez houve escândalo em casa duma Micas, muito falada ao tempo, por se envolverem em desordem, devido a diferenças ao jogo, um terceiranista e um furriel. Malharam ambos com as costas na cadeia e quem valeu ao seminarista foram os bons padrinhos e ter já ordens de diacono. Já morreu... Mataram-no na força da idade com um tiro de bacamarte á boca das urnas, numa eleição que os progressistas disputavam aos regeneradores no concelho da Pesqueira.

— Tal porta já não existe — declarou Aurélio. — O Seminário, agora, é cispado como um túmulo, e, que não fosse, essa viagem nocturna seria comprometedora e arriscada.

O Seminário tem espiões pela cidade, depois o paisano, hoje em dia, divorciou-se do clérigo... não fragúa com ele... considera alcouces e tavolagens como tudo só seu. O eclesiástico, com o advento da democracia, nem o direito tem de debochar-se.

— Pois é um mal. Mais valia pagar o tributo á natureza naturalmente que manter uma contenção que desata ás vezes estupidamente.

— Nos últimos anos pouco tem havido que falar. Frequente ainda a predilecção caracterizada de certos professores e monitores pelos alunos de boa presença. Involuntáriamente, traem-se por uma delicadeza, uma condescendência ao capricho dos mocinhos que no século se reservam para as mulheres.

— O bispo é bom rapaz?!

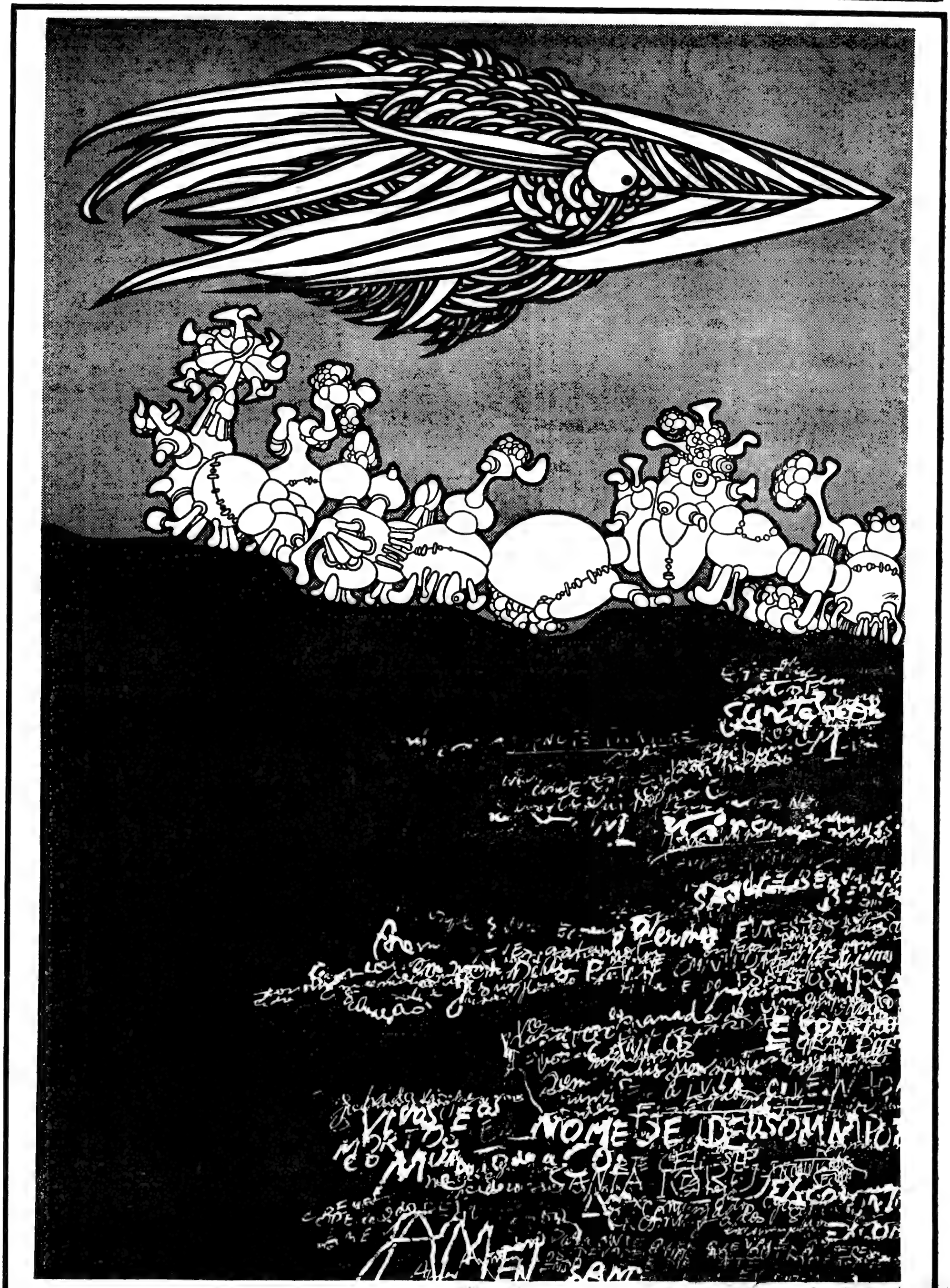
— É . Um pouco cachaço a mais e cabeça a menos.

— Mais vale assim que esse tal D. António que era o anti-Cristo dos párocos. Chegou a ter suspensos dez... por pecadilhos — e o sr. Abade temperou seu gosto á brandura com topetadas seguidas da cabeça.

Entretidos em doce linguareirice, tão grata á gente eclesiástica, ali quedaram. Vieram os rebanhos do pasto matutino, e o moço da lavoura esgotou a presa de água no batatal, alteroso de soberbia. O sol, a prumo, trespassava pelos ralos da latada, tecendo no chão de terra preta um sendal de crepes e de ouro. Uma galinha ensinava os pintainhos a governar a vida, picando no chão o verme descuidoso e indicando-lhes o grãozinho perdido. Atras dela, mal equilibrados sobre as pernas tremulas, a ninhada era como bolas de lã a correr. Uns seguiam, já interesseiros, mesmo debaixo do seu bico, outros atrasavam-se em disputa sobre um cibato, alguns ainda perdiam-se absortos a olhar e a piar. E, longe, um corria exaustinado, não atinando com o gosmado gógó da pita mãe. Ela então voltava-se irosa, ia á caça do perdido e, tornando á manada, lá ia com sacolões bruscos do pescoço, picada á direita, picada á esquerda, crocitando, a ensinar aos pintaínhos o que é a vida e o Mundo.

Pelos espaços além, a folha estendia se, baça de seiva nas abas do povo, com esbranquecimentos de areal no campo imenso de ceara, de um verde mato nas moitas e pinhais e daí a fugir pelo pousio, coutos de urze e penhascos, de um tom cada vez mais ferrete de asfalto. Sobre tudo, a aguada amarela de um sol rechinante de uma braveza quieta. E nos horizontes confins, a grande cordilheira assentava, grave, escurecida, com a gigantesca nuvem de fumo dos mundos em fogo.

Desafeito, pela reclusão ás livres prespectivas, os olhos de Aurélio feriam-se do deslumbramento do céu e da cruesa da luz que sobre os centeiais se polvilhava de laminações de cobre. Ao mesmo tempo sentia dissipar-se o negrume que enchia de tão longe sua alma doente, como se a suave limpidez do céu e da terra estivesse a dealbar-lha, em ondas e ondas lançadas por mão que tem o segredo dos bálsamos e do amor. E o passado, de que não retirava uma parcela de consolação, varria-se-lhe do entendimento, deixava de ter



em si a noção modesta de presença e de dolorosa continuidade.

O sr. Abade chamou-o de divagar por longe com dizer:

— Mal foi que a doença o obrigasse a suspender a carreira; mas antes isso — porque eu estou certo do seu restabelecimento — que ser expulso por espírito perigoso como colegas meus deram a entender na festa do Corpus-Christi, em Barrelas.

O seminarista sorriu, um sorriso brando, sem malícia.

— Não; este ano decorreu serenamente. Quando «para lá» voltei foi com o propósito de sacrificar de todo a inteligência.

— Fez bem. O Aurélio ganhou fama de entendimento rebelde, armado com todos os silogismos da heresia, soube-me dizer mr. Pedrosa, quando a rogo da senhora sua mãe me fui informar da conta em que devia ser tido o libelo que lhe ergueram. Ao passo que faziam honra ás suas faculdades privilegiadas, tinham medo do senhor. No seu quarto foram encontrados livros perigosos...

— «La Recherche de la Verité» de Malebranche. No entanto este filósofo é um cristão espiritualista. Não o entendem .. mas queimam-no.

— O senhor formulara um conceito heterodoxo das epistolas de S. Paulo e do Evangelho de S. João...

— Limitei-me a fazer a interpretação exegética de um e de outro. Procurei até apagar as disparidades flagrantes que há.

— Mas disse que Jesus Cristo, segundo S. João, não era o Redentor?

— Não, o que disse foi que a divinização de Jesus, mal esboçada em S. João e nos outros evangelistas, se fixara apenas, em S. Paulo.

— O que, sob o ponto de vista da fé, é discutível. Mas, adiante. O seu professor de dogma queixou-se, também, que ao falar na infalibilidade pontifícia o senhor taxasse esse facto de inspiração divina como único na história das religiões.

— Se bem me lembra, aconteceu-me dizer que a incompatibilidade entre a cultura moderna e o catolicismo existirá enquanto perdurar esse dogma. Mencionei um facto.

— Falou ainda em teorias novas, atonismo, mecanismo, sistemas que a teologia pulverizou bem pulverizados.

— Fiz uma resenha didáctica dos inimigos com quem tem a renhir a apologética. Julguei que seria meritório elucidar...

— Nem sempre... Agora, deixe-me que lhe diga, andou mal em forragear em ceara alheia. S. Tomás tem resposta para tudo.

Aurélio, de olhos no chão, deixou correr um sorriso, muito levemente céptico, de intelectual. A vista ao largo, os polegares a dançar, um atrás do outro, numa roda sem fim, o sr. Abade cismava. Na sua fronte larga, de camponês espiritualizado, Aurélio teve a impressão de uma lápide branca que se povoa de caracteres.

Franzindo-se e desfranzindo-se, nela se traia um chamar de ideias, não destituídas de senso, nem gratuitas que o presbiterano nas serras, incompatível com os jogos do entendimento, tinha relegado ao plano das coisas desnecessárias. O cérebro anquilosara, mas sentia-se ali o pregador que decorava um sermão para nunca mais e esquecer e não folheara debalde os livros da ordenação. Plebeizado, meio lavrador, meio cura, o espiritual jazia nele sob montanhas de cuidados materiais e chamá-lo a campo era remover montanhas. Mas lá estava. A sua mente moldara-se á ciência escolástica, mas a impressão ficara bem gravada.

Muito espaçadas, como a medo, o abade murmurou estas palavras em tom quase paternal, depois de breve cisma:

— Uma carreira tão linda.. requeriam-no já para professor... amanhã seria cónego... depois, sabe-se lá o que não tinha a esperar na hierarquia eclesiástica, que é longa?... Andou mal, Aurélio, em fartar a sua curiosidade de saber na filosofia dos ateus. Hoje o nosso campo e o deles está tão delimitado e, ouso dizer, fechado, que é inútil pensar em mandar uma seta de um para o outro. Vivemos á parte. quem quiser ser daqui não saia daqui, quem quiser ser de lá escusa de cá vir.

— O senhor Abade acaba de tocar um ponto fundamental, que é o abismo cavado entre a religião e o espírito dos tempos modernos. Ninguém luta com o catolicismo armado na sua couraça... ninguém, e por isto, porque dentro há um cadáver. Eles constroem seus sistemas, seus corpos de doutrina, sem olhar para nós. Nós já não existimos. Que nos ocupemos deles e nunca já é um globo, mas em aspectos, eles passam... Ora eu creio que seria ainda possível uma revivescência do cristianismo, se a Igreja praticasse o heroísmo de se [illegible] do absurdo de muita transcendência, descesse e [illegible] o Mundo [illegible] ponto de vista mais [illegible]. Não o faz e ficaremos por um certo lapso de tempo a satisfazer o sentido de ideal que há nas massas que nada pedem á inteligência.

— A Igreja de Cristo é eterna, edificada sobre rocha. Não tenha medo... — e o senhor Abade lançou um destes sorrisos delimitativos de distância entre indivíduo e indivíduo, ou de ideias para ideias.

Aurélio ia cometer a cobardia de se rectifica, quando á cancelinha do quintal, a poucos passos, apareceram uns paroquianos. Eram quatro homens no trajo de trapio, descalços, em mangas de camisa, pelos jeitos vindos de largar a tralensana. Tanto mais que, com o sol a escaldar céu e terra, era aquela a hora morta para a faina dos campos. Á frente marchava o Manuel Rilha-Pedras, alto, ossudo, perfil de raposo morto a despelar, pendurado pelas orelhas a um galho de pinheiro. As mãos desciam-lhe até abaixo dos joelhos, e pareciam pás de erguer o grão nas eiras. Era um dos proprietários da freguesia e desempenhava, uns anos por outros, as funções de repartidor das águas e membro da junta de paróquia.

A par vinha o Zé da Leocádia, dono do boi padreador e malhante das suas duzentas pousadas de trigo, para mais que não para menos; trazia uma carapuça na cabeça, e de pequeno que era, á beira do Rilha-Pedras, lembrava as sociedades, nas novelas, do gigante e do anão. Atrás, mais mortanhos, avançavam o Joaquim Saracoto, mordomo de todas as festas, tocador disputado de viola e que pagara com uns meses de cadeia o roubo de um adereço de ouro a Nossa Senhora da Boa Fortuna, e o Augusto da Eira, que trazia muito pão á quarta, muito dinheiro a juros e muita vaca ao ganho e era homem de aceitação.

Amistosamente, que eram seus eleitores, o senhor Abade tornou-lhes a salvação; e logo o Manuel Rilha-Pedras, erguendo sob o chapéu de palha o focinho canino, se pôs a inventariar o quintal:

— Ricas batatas, sim, senhor. Santo António as guarde da moléstia. O milhão la vai... está grosso, para dar... mas quere-se arralado.

— O ano vai bom por toda a parte — murmurou o senhor Abade.

— Vai e não vai. A terrinha deu o alento todo .. o tempo tem corrido a matar, mas a estragação tem sido muita. O senhor abade não tem passeado por essa folha fora?

— Não; há mais de três semanas que não ponho o pé fora dos caminhos ou deste quintal. As obrigações têm sido muitas...

— Pois peço-lhe que se tire um nadinha de seus cuidados e vá de seu mole até o rio. Olhe á sua direita, olhe á sua esquerda para os trigais e depois me dirá se não é para cortar a alma!

— Mas que têm?

— Que têm? Estão debulhadinhos até o sabugo. Há leiras em que a espiga está mais chocha que depois de malhada. E sabe o que é? Os pássaros, a praga do passaredo, que Deus confunda.

— São primeiramente os pardais — declarou o Satacoto. — Este ano andam ás rabanadas; quando voam até cobrem o sol.

— Inçaram na Primavera, como não há memória. São quadrilhas e quadrilhas de galifotes. Caem num campo e pilham-no, enquanto o diabo esfrega o olho.

— Nunca se viu flagelo assim — confirmou o Augusto da Eira. — Nem têm medo de espantalhos, nem do fogo das espingardas. Pois tem-se-lhes zurrado!

— Não são só os pardais — disse de lá o da Leocádia, que tinha uma voz tão grossa e cava que era milagre num corpo tão atarracado, parecendo até chalaça de Nosso Senhor — é a milheira, é o cartaxo, é o tejasno, é o cherrubião, que larga das searas com um papo, o danado, que nem bornal de pobre depois de dar volta ás portas.

— São esses todos, não haja dúvida — corroborou o Rilha-Pedras — não falando nos gaios, nos tordos e nos melros que estuporaram as cerejas, e as rolas que cantam os centeios maduros.

— Se a praga não levanta — prosseguiu o Saracoto — nem vale a pena malhar. Melhor é fazer logo o palheiro...

— Mas donde virá tanta bicharada? — Atalhou o Augusto da Eira. — Já me lembrei que fosse o passaredo desses mundos de Cristo, que andam em guerra, que largassem com o estrondo dos tiros.

— Os pardais não têm asa que lhes permita longas migrações — pronunciou o abade. — Se cá andam, cá nasceram e cá foram criados. Mas vocês não se chorem, o pardal sempre comeu dos trigos e nem por isso o grão falta ás pousadas.

— E o sr. Abade a falar ao Toledo!... Vá por esses campos abaixo...

— Estranho, estranho o que vós dizeis — tornou o Abade. — Sendo o pardal caseiro como é e andando assim em dilúvios, devia sentir-se aqui na fazenda. Pois ainda não dei fé que tenham devastado, e lá ao fundo, vêem vocês, há uma manga de trigal...

— Enxotaram-nos do povo — explicou o Augusto da Eira. — Os rapazes andaram de noite com lumieiras acesas pelos buracos das casas e, se alguns morreram lá dentro com o fumo, os mais fugiram para a folha.

— E assim são legião? — perguntou Aurélio, com ar de incrédulo.

— Quer que lhe conte — tornou o Rilha-Pedras — na segunda feira, ia eu para o mercado da vila, ali coisa do nascer do sol, levantou-se do cerrado da Ana Pinta uma tão grande núvem deles, nas ventas da burra, que o demónio se espantou e vi-me atólico para a segurar. Ouviu já vocemecê os rodízios de um moinho a andar? Assim era o barulho que fizeram a levantar.

— Dêem-lhe fogo — disse o Abade.

—Olha fogo! Os excomungados até parece que engolem o chumbo..

— É o que lhe afiançamos, nem praga de gafanhotos?

— Qual, gafanhotos? Ao vê-los ir pelos ares, nem os burburinhos do Demo.

— Destroem tudo, tudo o que com tanto suor andamos pela roda do ano a governar.

— Praga assim, nem há memória!

— Se se não atalha, levam o grãozinho todo — e o Rilha-Pedras abria os braços num gesto desesperado.

— Ceifem mais cedo — aconselhou o Abade.

— Não pode ser. Não está ainda bem maduro. Se umas manchocas estão alampanhadas de sol, outras estão ainda sobre o verde... E primeiro se hão-de cortar os centeios.

— Assim será. Que querem vocês que eu lhes faça!?

— Diga-me, a cruz não tem saído muitas vezes pelos campos, a pedir a misericórdia de Deus Nosso Senhor? — Pronunciou o Rilha-Pedras, estendendo o pescoço como ganso que dá a bicada.

— Sim. Ad petendam pluviam... contra as lagartas...

— E contra os pássaros não pode ser? Olhe que os pássaros são flagelo tão grande como as lagartas.

— É. Em vista dos auges — disse o Zé da Leocádia — o que há a fazer é sair a esses campos de cruz alçada.

O Abade quedou calado, de olhos em vago. Decorreu um breve silêncio e ouviu-se da janela a voz da sr.ª Dona Ritinha, a mana do Abade, que dizia:

— Pois não há-de sair de cruz alçada? Os padres não são para outra coisa...

Os homens riram, ele rosnou mal humorado:

— Vai, vai ocupar-te do jantar.

— Fosse eu padre — tornou ela com acento galhofeiro — e não precisava que mo dissessem duas vezes. Que dúvidas que tanto passaredo não seja obra de Satanás! Se ele anda ásolta...

— Andará, andará — disse o Saracoto A sua missão é fazer a guerra aos homens.

— Anda á solta — apoiou ela. — Nunca se viram assim exemplos. Para as bandas do Crasto um rapaz não ficou com um braço no ar por bater na mãe?

— Também já o ouvi contar — referiu o Zé da Leocádia.

— E no concelho de Penela a terra não abriu greta e não engoliu um homem que andava a sachar ao domingo?!

— Estava a Antoninha tendeira a contá-lo. — Mas parece que não andava a sachar, mas a roubar os marcos de noite...

— Fosse o que fosse, está o Mundo podre de pecados. Ele os homens não querem crer que há um Deus que castiga sem pau nem pedra... Enquanto não baixa o fogo do céu não abrem os olhos.

O discurso da Dona Ritinha provocou uma longa pausa que, afinal, o Rilha-Pedras se atreveu primeiro a quebrar:

— Pois, se não lhe custasse, o senhor Abade fazia o obséquio de sair de cruz alçada...

— Não me custa — respondeu ele — mas não sei quando possa ser. Tenho o tempo todo preso, amanhã sachada . depois. .

— O mano não é que vai sachar — objectou a Dona Ritinha.

— Pois não, mas os trabalhadores querem ver dono.

— Ora, não há-de andar o dia todo a guardá-los! O voto fá-lo de manhã, enquanto se abre uma mão e se fecha.

— Sim, vale mais ao cedo que ao tarde. Já nós não acordaríamos a tempo — rosnou o Rilha-Pedras.

— Está bem de ver. Amanhã, não deixem passar mais um dia.

O sr. Abade calou-se cominado por Dona Ritinha, que exorbitava do seu papel de dona-de-casa, até ser a regente de suas funções de sacerdote.

E, conhecendo-lhe o ânimo timorato, foi Aurélio que respondeu:

— A liturgia prevê o esconjuro das aves, é certo, mas fosse eu pároco e lhes juro, á fé de quem sou, que não ia. As aves são também criaturinhas de Nosso Senhor. S. Francisco falava-lhes e, se não tinham entendimento para o compreender, não lhe fugiam.

— Quem no-lo caçara cá — retorquiu o Rilha Pedras em voz cáustica de cólera e de mofa — para ver se levava os pardais para sítio onde não dessem detrimento.

— Muitos santos a quem vocês rezam tinham uma predilecção especial pelos passarinhos...

— É que não sabiam quanto custa andar agarrado a uma enxada... não sabiam o suor que requer um grão de pão!

— Não sabiam — tornou o seminarista exaltado — mas vocês nunca estão contentes. Há sol, venha chuva; há chuva, é tempo de vir sol. Está o ano farto, pelo que dizem, as paveiras quebram de fartas, á de el-rei contra pardais. Deus lhes perdõe...

— E abençõe as nossas searas — murmurou o Rilha-Pedras — já que não são as sentenças do senhor que enchem papo.

O sr. Abade, mostrando-se relutante, a princípio, defendera a sua comodidade, nanja a causa dos pardais, e a sua comodidade, em face da atitude casmurra dos homens, estava já do lado do exorcismo. E foi levantando-se, muito breve, que desatou:

— Está bem, ao nascer do sol excomungam-se os pardais.

— Não serão precisas grandes passadas — disse o Rilha-Pedras, já ele lhes tornava as costas, depois de acenar a Aurélio — Basta que o sr. Abade suba ao Oiteiro da Forca, donde se descobrem as terras de seara e de lá bote as suas rezas. Ali, está na conta...

— Entendido. Ide com Deus — disse ele ainda em tom seco de despedida.

Na salinha que lhe servia de segunda sacristia, toda cheia de alfaias eclesiásticas, o sr. Abade disse para Aurélio:

— Este Rilha-Pedras é o maior safado que a rosa do Sol alumia. Matou a sogra, empurrando-a do patamar da escada. Ergueu casa, esfolando uns e outros e com a onzena. Pois é o mais devocioneiro de todos os meus fregueses. Quer saber porque quer a procissão no Oiteiro da Forca? Porque em torno ficam as suas melhores propriedades. Apanham ainda os pingos do hissope... mais virtude!

— E o senhor Abade crê — disse Aurélio — que os pardais sejam tão densos que se recomende o esconjuro para largar as searas?

— Talvez.

— Por amor de Deus. O camponês precisa de um inimigo, de alguém que, real ou supostamente o roube. Esta necessidade— tenho-o apurado — é nele substancial. É uma pobre gente que á força de pobre se derrancou.

— Nisso tem o senhor razão — disse o Abade — mas não vale a pena abrir os olhos a alarves deste calibre. — Deixemos o assunto e vamos á janta.

— Bem haja; retiro-me — declarou Aurélio, um pouco fatigado do debate que tivera. — A dieta a que estou adstrito, com ferros, emulsões, mil drogas, impossibilitam-me de fazer honra á sua mesa. Por decoro, mesmo, não posso jantar fora..

— Não insisto. Poderíamos, sobre a tarde, ir por essas searas fora verificar o que os homens dizem, mas tenho o sermão do Baptista a compor. Mas olhe, venha amanhã comigo espantar os pardais. Venha..

— O senhor Abade é cheio de delicadeza — respondeu Aurélio, sorrindo. — As constituições do bispado obrigam qualquer clérigo de ordens sacras ou menores a acompanhar estas procissões votivas com hábito eclesiástico e sobrepeliz.

— Pois sim, mas isso era no tempo em que o meirinho era oficial do bispo. Além de que o senhor se pode considerar dispensado pela doença...

— É verdade; não me lembrava.

— Bom sinal. Venha...

— Irei, a menos que não acorde.

E, despedindo-se, foi dali, melancólico enfadado mais da inanidade do esforço de andar no mundo que do próprio esforço, muito rente ás paredes, como sombra a buscar a sombra contra a soalheira rija do meio-dia.

Quando Aurélio enfileirou na procissão, á saída das casas, o rogai por nós da ladainha de todos os santos desfraldava-se muito puro na atmosfera quieta do amanhecer.

Numa solfa gosmada, perro do cigano em jejum, o sacerdote invocava em seguida S. Miguel, o primeiro na ordem dos espíritos benignos e o coro respondia num smorzo demorado, como ladeira de cristal estendida até ao céu para o anjo baixar á terra.

Á frente a cruz de prata com guizeiras, ladeada de lanternas vermelhas, logo após a cruz de latão moirisco, em cuja pança se alavam querubins maciços, de um ar muito mortuário, entre lanternas vermelhas;

em si a noção modesta de presença e de dolorosa continuidade.

O sr. Abade chamou-o de divagar por longe com dizer:

— Mal foi que a doença o obrigasse a suspender a carreira; mas antes isso — porque eu estou certo do seu restabelecimento — que ser expulso por espírito perigoso como colegas meus deram a entender na festa do Corpus-Christi, em Barrelas.

O seminarista sorriu, um sorriso brando, sem malícia.

— Não; este ano decorreu serenamente Quando «para lá» voltei foi com o propósito de sacrificar de todo a inteligência.

— Fez bem. O Aurélio ganhou fama de entendimento rebelde, armado com todos os silogismos da heresia, soube-me dizer mr. Pedrosa, quando a rogo da senhora sua mãe me fui informar da conta em que devia ser tido o libelo que lhe ergueram. Ao passo que fazíam honra ás suas faculdades privilegiadas, tinham medo do senhor. No seu quarto foram encontrados livros perigosos...

— «La Recherche de la Verité» de Malebranche. No entanto este filósofo é um cristão espiritualista. Não o entendem, mas queimam-no.

— O senhor formulara um conceito heterodoxo das epistolas de S. Paulo e do Evangelho de S. João...

— Limitei-me a fazer a interpretação exegética de um e de outro. Procurei ate apagar as disparidades flagrantes que há.

— Mas disse que Jesus Cristo, segundo S João, não era o Redentor?

— Não, o que disse foi que a divinização de Jesus, mal esboçada em S. João e nos outros evangelistas, se fixara apenas, em S. Paulo.

— O que, sob o ponto de vista da fé, é discutível. Mas, adiante. O seu professor de dogma queixou-se, também, que ao falar na infalibilidade pontificia o senhor taxasse esse facto de inspiração divina como único na história das religiões.

— Se bem me lembra, aconteceu-me dizer que a incompatibilidade entre a cultura moderna e o catolicismo existirá enquanto perdurar esse dogma. Mencionei um facto.

— Falou ainda em teorias novas atonismo mecanismo, sistemas que a teologia pulverizou bem pulverizados.

— Fiz uma resenha didáctica dos inimigos com quem tem a renhir a apologética Julguei que seria meritório elucidar...

— Nem sempre .. Agora, deixe-me que lhe diga, andou mal em forragear em ceara alheia. S. Tomás tem resposta para tudo

Aurélio, de olhos no chão, deixou correr um sorriso, muito levemente céptico, de intelectual. A vista ao largo, os polegares a dançar, um atrás do outro, numa roda sem fim, o sr. Abade cismava. Na sua fronte larga, de camponês espiritualizado, Aurélio teve a impressão de uma lápide branca que se povoa de caracteres.

Franzindo-se e desfranzindo se nela se traçavam chamar de ideias, não destituidas de senso, nem gratuitas que o presbiterio no nas serras, incompatível com os jogos do entendimento, tinha relegado ao plano das coisas desnecessárias. O cérebro anquilosara, mas sentia-se ali o pregador que decorava um sermão para nunca mais o esquecer e não folheara debalde os livros da ordenação. Plebeizado, meio lavrador, meio cura, o espiritual jazia nele sob montanhas de cuidados materiais e chamá-lo a campo era remover montanhas. Mas lá estava. A sua mente moldara-se á ciência escolástica, mas a impressão ficara bem gravada.

Muito espaçadas, como a medo, o abade murmurou estas palavras em tom quase paternal, depois de breve cisma:

— Uma carreira tão linda. requeriam-no já para professor... amanhã seria cónego... depois, sabe-se lá o que não tinha a esperar na hierarquia eclesiástica, que é longa?... Andou mal, Aurélio, em fartar a sua curiosidade de saber na filosofia dos ateus. Hoje o nosso campo e o deles está tão delimitado e, ouso dizer, fechado, que é inútil pensar em mandar uma seta de um para o outro. Vivemos á parte quem quiser ser daqui não saia daqui, quem quiser ser de lá escusa de cá vir.

— O senhor Abade acaba de tocar um ponto fundamental, que é o abismo cavado entre a religião e o espírito dos tempos modernos. Ninguém luta com o catolicismo armado na sua couraça... ninguém, e por isto, porque dentro há um cadáver. Eles constroem seus sistemas, seus corpos de doutrina, sem olhar para nós. Nós já não existimos. Que nos ocupemos deles e nunca já é um globo, mas em aspectos, eles passam... Ora eu creio que seria ainda possivel uma reviviscência do cristianismo, se a Igreja praticasse o heroísmo de se desapartilhar do absurdo de muita transcendência, descesse e encarar o Mundo sob um ponto de vista mais imanente. Não o faz e ficaremos por um certo lapso de tempo a satisfazer o sentido de ideal que há nas massas que nada pedem á inteligência.

— A Igreja de Cristo é eterna, edificada sobre rocha. Não tenha medo... — e o senhor Abade lançou um destes sorrisos delimitativos de distância entre individuo e individuo, ou de ideias para ideias.

Aurélio ia cometer a cobardia de se rectifica, quando á cancelinha do quintal, a poucos passos, apareceram uns paroquianos. Eram quatro homens no trajo de trapio, descalços, em mangas de camisa, pelos jeitos vindos de largar a tralensana. Tanto mais que, com o sol a escaldar céu e terra, era aquela a hora morta para a laina dos campos. A frente marchava o Manuel Rilha-Pedras, alto, ossudo, perfil de raposo morto a despelar, pendurado pelas orelhas a um galho de pinheiro. As mãos desciam-lhe até abaixo dos joelhos, e pareciam pás de erguer o grão nas eiras. Era um dos proprietários da freguesia e desempenhava, uns anos por outros, as funções de repartidor das águas e membro da junta de paróquia.

A par vinha o Zé da Leocádia, dono do boi padreador e malhante das suas duzentas pousadas de trigo, para mais que não para menos; trazia uma carapuça na cabeça, e de pequeno que era, á beira do Rilha-Pedras, lembrava as sociedades, nas novelas, do gigante e do anão. Atrás, mais morfanhos, avançavam o Joaquim Saracoto, mordomo de todas as festas, tocador disputado de viola e que pagara com uns meses de cadeia o roubo de um adereço de ouro a Nossa Senhora da Boa Fortuna e o Augusto da Eira, que trazia muito pão á quarta, muito dinheiro a juros e muita vaca ao ganho e era homem de aceitação.

Amistosamente, que eram seus eleitores, o senhor Abade tornou-lhes a salvação; e logo o Manuel Rilha-Pedras, erguendo sob o chapéu de palha o focinho caminou se pôs a inventariar o quintal:

— Ricas batatas, sim, senhor. Santo António as guarde da moléstia. O milhão le vai... está grosso, para dar.. mas que-e-se arralado.

— O ano vai bom por toda a parte — murmurou o senhor Abade.

— Vai e não vai. A terrinha deu o alento todo o tempo tem corrido a matar, mas a estragação tem sido muita. O senhor abade não tem passeado por essa folha fora?

— Não, há mais de três semanas que não ponho o pe fora dos caminhos ou deste quintal. As obrigações têm sido muitas...

— Pois peço-lhe que se tire um nadinha de seus cuidados e vá de seu mole até o rio. Olhe á sua direita, olhe á sua esquerda para os trigais e depois me dirá se não é para cortar a alma!

— Mas que têm?

— Que têm? Estão debulhadinhos até o sabugo. Há leiras em que a espiga está mais chocha que depois de malhada. E sabe o que é? Os passaros, a praga do passaredo, que Deus confunda.

— São primeiramente os pardais — declarou o Satacoto. — Este ano andam ás rabanadas, quando voam até cobrem o sol.

— Inçaram na Primavera, como não há memória. São quadrilhas e quadrilhas de galifotes. Caem num campo e pilham-no, enquanto o diabo esfrega o olho.

— Nunca se viu flagelo assim — confirmou o Augusto da Eira. — Nem têm medo de espantalhos, nem do fogo das espingardas. Pois tem-se-lhes zurrado!

— Não são só os pardais — disse de lá o da Leocádia, que tinha uma voz tão grossa e cava que era milagre num corpo tão atarracado, parecendo até chalaça de Nosso Senhor — é a milheira, é o cartaxo, é o tejasno, é o cherrubrião, que larga das searas com um papo, o danado, que nem bornal de pobre depois de dar volta ás portas.

— São esses todos, não haja dúvida — corroborou o Rilha-Pedras — não falando nos gaios, nos tordos e nos melros que estuporaram as cerejas, e as rolas que cantam os centeios maduros.

— Se a praga não levanta — prosseguiu o Saracoto — nem vale a pena malhar. Melhor é fazer logo o palheiro. .

— Mas donde virá tanta bicharada? — Atalhou o Augusto da Eira. — Já me lembrei que fosse o passaredo desses mundos de Cristo, que andam em guerra, que largassem com o estrondo dos tiros.

— Os pardais não têm asa que lhes permita longas migrações — pronunciou o abade. — Se cá andam, cá nasceram e cá foram criados. Mas vocês não se chorem, o pardal sempre comeu dos trigos e nem por isso o grão falta ás pousadas.

— E o sr. Abade a falar ao Toledo!... Vá pôr esses campos abaixo...

— Estranho, estranho o que vós dizeis — tornou o Abade. — Sendo o pardal caseiro como é e andando assim em dilúvios, devia sentir-se aqui na fazenda. Pois ainda não dei fé que tenham devastado, e lá ao fundo, vêem vocês, há uma manga de trigal.

— Enxotaram-nos do povo — explicou o Augusto da Eira. — Os rapazes andaram de noite com lumieiras acesas pelos buracos das casas e, se alguns morreram lá dentro com o fumo, os mais fugiram para a folha.

— E assim são legião? — perguntou Aurélio, com ar de incrédulo.

— Quer que lhe conte — tornou o Rilha-Pedras — na segunda feira, ia eu para o mercado da vila, ali coisa do nascer do sol, levantou-se do cerrado da Ana Pinta uma tão grande núvem deles, nas ventas da burra, que o demónio se espantou e vi-me atólico para a segurar. Ouviu já vocemecê os rodízios de um moinho a andar? Assim era o barulho que fizeram a levantar.

— Dêem-lhe fogo — disse o Abade.

— Olha fogo! Os excomungados até parece que engolem o chumbo

— E o que lhe afiançamos nem praga de gafanhotos?

— Qual gafanhotos? Ao vê los ir pelos ares nem os burburinhos do Demo.

— Destroem tudo, tudo o que com tanto suor andamos pela roda do ano a governar.

— Praga assim, nem há memória!

— Se se não atalha, levam o grãozinho todo — e o Rilha-Pedras abria os braços num gesto desesperado.

— Ceifem mais cedo — aconselhou o Abade.

— Não pode ser. Não está ainda bem maduro. Se umas manchocas estão alampanhadas de sol, outras estão ainda sobre o verde E primeiro se hão-de cortar os centeios.

— Assim será. Que querem vocês que eu lhes faça!?

— Diga-me, a cruz não tem saído muitas vezes pelos campos, a pedir a misericórdia de Deus Nosso Senhor? — Pronunciou o Rilha-Pedras, estendendo o pescoço como ganso que dá a bicada.

— Sim. Ad petendam pluviam.. contra as lagartas..

— E contra os pássaros não pode ser? Olhe que os pássaros são flagelo tão grande como as lagartas.

— É. Em vista dos auges — disse o Zé da Leocádia — o que há a fazer é sair a esses campos de cruz alçada.

O Abade quedou calado, de olhos em vago. Decorreu um breve silêncio e ouviu-se da janela a voz da sr.ª Dona Ritinha a mana do Abade, que dizia:

— Pois não há de sair de cruz alçada? Os padres não são para outra coisa..

Os homens riram, ele rosnou mal humorado:

— Vai, vai ocupar-te do jantar.

— Fosse eu padre — tornou ela com acento galhofeiro — e não precisava que mo dissessem duas vezes. Que dúvidas que tanto passaredo não seja obra de Satanas! Se ele anda ásolta

— Andará, andará — disse o Saracoto A sua missão é fazer a guerra aos homens

— Anda á solta — apoiou ela. — Nunca se viram assim exemplos. Para as bandas do Crasto um rapaz não ficou com um braço no ar por bater na mãe?

— Também já o ouvi contar — referiu o Zé da Leocádia.

— E no concelho de Penela a terra não abriu greta e não engoliu um homem que andava a sachar ao domingo?!

— Estava a Antoninha tendeira a contá-lo. — Mas parece que não andava a sachar, mas a roubar os marcos de noite..

— Fosse o que fosse, está o Mundo podre de pecados. Ele os homens não querem crer que há um Deus que castiga sem pau nem pedra. Enquanto não baixa o fogo do céu não abrem os olhos.

O discurso da Dona Ritinha provocou uma longa pausa que, afinal, o Rilha-Pedras se atreveu primeiro a quebrar:

— Pois, se não lhe custasse, o senhor Abade fazia o obséquio de sair de cruz alçada .

— Não me custa — respondeu ele — mas não sei quando possa ser. Tenho o tempo todo preso, amanhã sachada depois

— O mano não é que vai sachar — objectou a Dona Ritinha.

— Pois não, mas os trabalhadores que nem ver dono,

— Ora, não há-de andar o dia todo a guardá-los! O voto fá-lo de manhã, enquanto se abre uma mão e se fecha.

— Sim vale mais ao cedo que ao tarde. Já nós não acordaríamos a tempo — rosnou o Rilha-Pedras.

— Está bem de ver. Amanhã, não deixem passar mais um dia.

O sr. Abade calou-se cominado por Dona Ritinha, que exorbitava do seu papel de dona-de-casa, até ser a regente de suas funções de sacerdote.

E, conhecendo-lhe o ânimo timorato, foi Aurélio que respondeu:

— A liturgia prevê o esconjuro das aves, é certo, mas fosse eu pároco e lhes juro, á fé de quem sou, que não ia. As aves são também criaturinhas de Nosso Senhor. S. Francisco falava-lhes e, se não tinham entendimento para o compreender, não lhe fugiam.

— Quem no-lo caçara cá — retorquiu o Rilha Pedras em voz cáustica de cólera e de mofa — para ver se levava os pardais para sítio onde não dessem detrimento.

— Muitos santos a quem vocês rezam tinham uma predilecção especial pelos passarinhos ..

— É que não sabiam quanto custa andar agarrado a uma enxada... não sabiam o suor que requer um grão de pão!

— Não sabiam — tornou o seminarista exaltado — mas vocês nunca estão contentes. Há sol, venha chuva; há chuva, é tempo de vir sol. Está o ano farto, pelo que dizem, as paveiras quebram de fartas, á de el-rei contra pardais. Deus lhes perdôe

— E abençoe as nossas searas — murmurou o Rilha-Pedras — já que não são as sentenças do senhor que enchem papo

O sr. Abade, mostrando-se relutante a princípio, defendera a sua comodidade, nanja a causa dos pardais e a sua comodidade, em face da atitude casmurra dos homens, estava já do lado do exorcismo E foi levantando-se, muito breve, que desatou:

— Está bem, ao nascer do sol exco mungam-se os pardais.

— Não serão precisas grandes passadas — disse o Rilha-Pedras, já ele lhes torneava as costas, depois de acenar a Aurélio — Basta que o sr. Abade suba ao Oiteiro da Forca, donde se descobrem as terras de seara e de lá bote as suas rezas. Ah, está na conta...

— Entendido. Ide com Deus — disse ele ainda em tom seco de despedida.

Na salinha que lhe servia de segunda sacristia, toda cheia de alfaias eclesiásticas, o sr. Abade disse para Aurélio:

— Este Rilha-Pedras é o maior safado que a rosa do Sol alumia. Matou a sogra empurrando-a do patamar da escada. Ergueu casa, esfolando uns e outros e com a onzena. Pois é o mais devocioneiro de todos os meus fregueses. Quer saber porque quer a procissão no Oiteiro da Forca? Porque em torno ficam as suas melhores propriedades. Apanham ainda os pingos do hissope. . mais virtude!

— E o senhor Abade crê — disse Aurélio — que os pardais sejam tão densos que se recomende o esconjuro para largar as searas?

— Talvez.

— Por amor de Deus. O camponês precisa de um inimigo, de alguém que, real ou supostamente o roube. Esta necessidade — tenho-o apurado — é nele substancial. É uma pobre gente que á força de pobre se derrancou.

— Nisso tem o senhor razão — disse o Abade — mas não vale a pena abrir os olhos a alarves deste calibre. — Deixemos o assunto e vamos á janta.

— Bem haja; retiro-me — declarou Aurélio, um pouco fatigado do debate que tivera. — A dieta a que estou adstrito, com ferros, emulsões, mil drogas, impossibilitam-me de fazer honra á sua mesa. Por decoro, mesmo, não posso jantar fora

— Não insisto. Poderíamos, sobre a tarde, ir por essas searas fora verificar o que os homens dizem, mas tenho o sermão do Baptista a compor. Mas olhe, venha amanhã comigo espantar os pardais. Venha

— O senhor Abade é cheio de delicadeza — respondeu Aurélio, sorrindo. — As constituições do bispado obrigam qualquer clérigo de ordens sacras ou menores a acompanhar estas procissões votivas com hábito eclesiástico e sobrepeliz.

— Pois sim, mas isso era no tempo em que o meirinho era oficial do bispo. Além de que o senhor se pode considerar dispensado pela doença. .

— É verdade; não me lembrava.

— Bom sinal. Venha..

— Irei, a menos que não acorde.

E, despedindo-se, foi dali, melancólico enfadado mais da inanidade do esforço de andar no mundo que do próprio esforço, muito rente ás paredes, como sombra a buscar a sombra contra a soalheira rija do meio-dia.

Quando Aurélio enfileirou na procissão, á saida das casas, o rogai por nós da ladainha de todos os santos desfraldava-se muito puro na atmosfera quieta do amanhecer.

Numa solfa gosmada, perro do cigano em jejum, o sacerdote invocava em seguida S. Miguel, o primeiro na ordem dos espíritos benignos e o coro respondia num smorzo demorado, como ladeira de cristal estendida até ao céu para o anjo baixar á terra.

Á frente a cruz de prata com guizeiras, ladeada de lanternas vermelhas, logo após a cruz de latão moirisco, em cuja pança se afavam querubins maciços, de um ar muito mortuário, entre lanternas vermelhas;

o sacristão de opa com a caldeirinha, o sr. abade de tricorne a nadar num roquete, muito alvo, o dedo espetado no ripanço á altura das litanias, o povo em chusma, os homens á frente, as mulheres no couce, perfaziam o aparato que, armado do nome de Deus, avançava sobre os pardais.

Estava a nascer o Sol, este sol dos dias grandes, que mal pulando do lado de lá dos montes, se derrama em amarelidão sobre a terra, como um ovo gigantesco que se esborraça. Banhado dos seus raios, já o galo do campanário, emproado a este na firmeza do bom tempo, parecia tocar-se da plumagem galante de um galo verdadeiro. A luz doirada corria já na cumieira das casas, azeitava ao de leve o caminho poído de S. João, e batendo de chapa nas copas do arvoredo, á cauda do cemitério, esflocava-se como estendedoiros imensos de brocados sacerdotais. Brunido do orvalho, o verde esmaltado dos milhos reluzia em baixo, pela várzea fora, como campo de lenços esmerilhados. A todo o lés catando o céu, as andorinhas sarabandeavam e ligeiras, imponderáveis sobre os clamores processionais, eram como as faúlhas cuspidas das labaredas rubras de um incêndio.

O sr. abade, mal Aurélio alinhou á sua banda, ao tempo que de boca aberta clamava, com um aceno amical de cabeca saudou. E, depois de o medir de alto a baixo no trajo á secular, a que só o cabeção traía o pensamento de não parecer eclesiástico, assim que o coro retomou o adagio, estendeu-lhe a mão:

— Dormiu bem?

— Sofrívelmente. Os passarinhos apareceram-me em pesadelo a pedir perdão ao Senhor de ter necessidade de comer — respondeu Aurélio com acento risonho.

— Deixe lá, Deus fez a criação, mas não a regula. Ao homem de se defender. S. Rafael . el... el...!

— E a Providência?

— A Providência divina não exclui os cuidados humanos. Deus, lá dizem os tomistas, é o motor imóvel acima dos actos das criaturas. «Omnes sanct angeli et arcangeli... ii... ii-i!

— Rogai por nós!... — respondia o coro, refrangendo em assuada na circunvalação dos morros soalheiros.

— Santo Joannes Baptista!... Vai estar um dia criador. Se o tempo se aguenta, de aqui por quinze dias malha-se. Mas duvido; ontem rinchou o cavalinho que é sinal certo de mudanca de temperatura. Sancte Joseph! .

— Rogai por nós!. .

Fora do caminho emparedado dos quintais, a campina descobriu-se, descendo para o rio em socalcos, ora verdes ora loiros, consoante renovos ou messe. E nela, como marchetados, ou cerejeiras, muito negras, e os soutos cobertos de passamanaria de ouro e esmeralda destacavam. No couto, á outra banda, a primavera acabava de passar, ainda deixando na onda do verde, como lumes extintos, as lágrimas amarelas do tojo e de um ou de outro sargaço, e estas florinhas esponjosas, sem nome, de um roxo de chaga decomposto e que se erguem ao cabo de altas e finas tijes e são um milagre de graça e de leveza. A digitalis, nas encostas de uma parede singela, suspendia ainda firmes seus dedais emborcados, cor-de-rosa; nas rampas, a macela floria, mas já mais pisada do sol que dos caminhantes; as lombas, a distância, pareciam vestidas de um burel gasto. Polvilhavam-se os giestais de flores de espuma com o desabrochar da vagem e as orgueiras de uma poalha de sangue coagulado; muito negros da seiva, sobre os morros, os pinheiros eram como filas de monges negros a rezar, sem devoção. O estio quase esquecido de Maio, mal roçado da canícula, lá ia levado, gaiteiro e fanfarrão.

O voto breve deixou o caminho velho, de longo curso, pelo atalho das matas, cheio de sombras e desta circunspecção misteriosa que revessam as solidões. Gaios palraram no folhedo; ergueram voo; e, pesadões, cabeçudos, com saiotes de cor incerta e asas lembrando a chita dos pobres, riscaram o ar amedrontados. Ao fundo de uma vereda, tilintante, ajoujada de cargas e mantas garridas, passou uma redea de almocreves. Os homens pararam e, de chapéu na mão, deixaram embrenhar Deus no desvão dos bosques.

Entre os pinhais, a ladainha levantava um eco solene, como cântico em catedral. Os troncos, projectando-se a distância, riscavam de linhas negras e fitas caprichosas a planície sem fim, toda clara.

E nela se ia reflectir a penumbra mestiça, dar-lhe a suave melancolia de uma lauda de antifonário, que vozes humanas não soubessem cantar. Aos lados, os corutos dos pinheiros, acesos ao sol como tochas; ao alto, um céu, mal enrugado de nuvens brancas como um pálio de seda branca com largas águas, o voto assumia uma pompa triunfal.

— Sancte Thaddael...

— Rogai por nós!...

— Sancte Mathiael...

— Rogai por nós! ..

Sobre o tropel moroso dos fiéis e o céu refrangia de uma assuada ora de bronze, ora de pratas chocando-se. A invocação lançada pelo sacerdote e seguida pelos homens rolava numa cadência mazorreira, grossa destas vozes afeitas a reger os bois e a rezar sobre o acefate o lento padre-nosso; já o coro entoado pela garganta das mulheres, cristalina nas raparigas, dolente com o embalar dos berços, trepava na sucessão de um alegro, explendia numa síncope de alta melodia, no céu alto, para recair sobre a terra manso mavioso, como rosas vermelhas esfloradas, pondo a vibrar os horizontes, de um céu, mais colorido que o arco-íris. Recolhida dentro das matas, parecia que uma grande alma escutava. A imobilidade dos troncos, dos penhascos barbaçudos por entre as árvores, era de contenção. Não se via o mundo, mas o céu que é de Deus e a floresta que é misteriosa e profunda como o seio do próprio Deus. O voto seguia á orla do infinito.

Andando, uma nesga de seara, cheia de vibrações de luz, abriu-se nas matas. Foi um topar de terra. Os olhos olharam e, sobre a tremula ondulação das espigas ao vento fagueiro, leram o seu problema da existência. De um galho, um casal de rolas bateu asas, ruflou espavorido; empoleirado numa giesta, um cartaxo matutino parecia velar; era ao alcance de uma pedra, e ele ali permaneceu impávido, indiferente, sobre a vergantea que balouçava, monologando consigo, em sua voz sarcástica, talvez da bicha-de-sete-cabeças que ia passando.

No rosário das rogativas aos santos inocentes, sucederam-se S. João e S. Paulo. Aqueles nomes, por uma associação de fundador a precursor, Aurélio lembrou-se do Baptista e disse para o abade:

— Então preparou o sermão?

— Preparei . quer dizer, adaptei. A oratória que se ocupou do Baptista e uma seara que não tem fim. eSrzi deste e daquele, porque não só não acalento fumos de originalidade, mas não pagaria a pena. Tinha lá uma espécie de panegírico que mais de uma vez me serviu nas festividades da aldeia. Um pouco Flos-sancctorum... A vila é mais exigente. É preciso contar... Sancte Silvester! . é preciso contar com outras orelhas.. o juiz... advogados, a burocracia toda da comarca que, quando não é zoila, é pretensiosa. Além disso, seria uma falta irreparável omitir a razão política que de tudo se serve para deprimir ou elevar.

— O sr. abade dá a figura bíblica tal qual?

— Tal qual; o humilde que dava vozes no deserto, vestido com a samarra de uma cabra e comendo mel silvestre; o mensageiro forte, muro de bronze e flecha ardente, segundo os termos de Jeremias, ante os crimes do Tetrarca.

— Bem se vê que o estudou a fundo .

— Não, a exeegese está feita...

— De acordo, mas o Baptista é destas figuras que, á simples reflexão, quebram o caixilho em que a hermenêutica o fechou. O Precursor?!. . bastará isso?

— Basta... e que não bastasse, ao orador sagrado é defesa qualquer interpretação racionalista. Patriota feroz, chefe de quadrilha, revolucionário a monte, tenho ouvido tudo isso. Ao meu sentido de submissão, apraz-me mais a natureza do predestinado, tocado da chama da lei nova, que uma incarnação de judeu insurrecto, com as virtudes todas da revolta. No terreno das audácias, chega que se diga dele o que ontem encontrei sob o nome autorizado do jesuíta Manuel de Naxera. Diz assim, mutatis mutandis; que es sobre todos ilustre, que aun la misma mano de Dios no parece le dá aplauso, sino a la mano de Dios credito. Percebeu? Sancte Martine!...

— Não podemos renovar — prosseguiu o abade — acima do nosso humor de novo está o preceito da disciplina teológica de que os Pontifícies são os inflexíveis vigilantes. Quando eu for cardeal, lhe darei o meu voto para o senhor ser papa e permitir aos párocos e pregadores quebrar as cadeias do dogmatismo que nos prende.

Aurélio tornou lhe a graça, em responder:

— Quem me dera ser Papa.. mas livre das prisões do Vaticano...

— Que faria?

— Que faria? [illegible] Talvez restaurasse o reino de Deus sobre a Terra.

— Com que orientação, senhor reformador?

— Na de uma religião campo aberto a toda a verdade científica, tribunal armado em defesa dos que sofrem.

— Pai da vida, seria a morte do cristianismo! O senhor ficava enterrado nos escombros.

— Deixá-lo, acabaria em beleza. Que fim extraordinário ser sepultado sob as pompas eclesiásticas de vinte séculos!

— Sancte Antoni!...

— Rogai por nós!...

O senhor abade não respondeu, de olhos no ripanço, como a soletrar o nome dos bem-aventurados. Na orla já das matas, a procissão torneou num arco de círculo, mansamente coleando, a onda móvel e variegada das mulheres a tocar os portadores de alfaias, atentos á obrigação. Uns olhos suaves de rapariga encontraram os de Aurélio, e para ele esse olhar foi mais intenso que um banho de aurora ao sair de uma prisão escura. Já em campo descoberto, os Cristos desamortalhando-se da penumbra aérea em que flutuavam, animaram-se sob os raios do sol, parece que iam soltar os braços para tornar a viver. Rostos alumiados roupas de burel a declararem-se lã das ovelhas, a vida a viver, dissipou-se a catadura penitencial. Ao fundo, á medida que assomavam nos visos do cuteiro, o vale alteava-se em sua alegre praia-mar de verde e amarelo. Deus lá estaria, mas encoberto, porque é de sua assombrosa magnitude o esconder-se. Sua face só, de mostrar-se, pulverizaria em pó impalpável a tão imensa pequenez do homem. Mas ele consente que o mesquinho ame, aborreça, se exalte, viva . era, pois, viver! Aurélio voltou-se a buscar outra vez os olhos doces da rapariga; o senhor abade, a ponta do roquete por sobre a calva contra os raios já mordentes do sol, risonho também, dizia-lhe:

— As suas ideias, aqui lho declaro muito á puridade, tornadas públicas, não só lhe vedavam o acesso ao Seminário, como lhe mereceriam as honras da fogueira, anos atrás. E, no entanto, aqui lho vaticino, o senhor há-de ser um sacerdote exemplar, uma das colunas fortes da Igreja. Mas vá rogando a Nossa Senhora que essenque tão ruins pensamentos no seu cérebro. Sancte Bernarde!...

Aurélio, cujos olhos se tinham banhado na luz dos outros olhos, sacudiu os ombros no jeito de quem sem pena alija a carga que leva.

Já perto do teso ouviu se entre a invocação e o coro, para as moitas, cantar o marantéo. E a sua voz amarela, inquebrantável, com um acento de força, parecia a de um sofista, proclamando sobre as decisões de um concílio:

— Só Deus é real. . real!

À distância de tiro, duas popas ergueram de uns escarapeteiros, salvaram o cerro, a asa padejando, saraivando o ar de sua cor pedrês. E o peto real, a que pelos guinchos e voo aos galões chamam o cavalinho, passou ás upas, a sua farda vistosa, um verde pelote do tempo da madressilva, a reluzir.

A todo o fundo, avistava-se já uma nesga da ribeira, tão alta e transbordante que, em torno dela, sobre as terras de vessada, o ruço pousio, os fenos empenachados de lilás, se difundia a brancura ao lume de água. Lume sobre que o sol chispava, um sol heróico, vibrante, aceso de bravura, que dir-se-ia alguma coisa de animal, de raivoso, a violar a casta soror acqua.

A cada passo, ladeira acima, mais e mais o côncavo do vale se desdobrava. A luz dos longes tornava os rostos, os cobres e as opas mais esplendentes. Mais alta, também, a alma milenária clamava:

— Rogai por nós!...

— Sancte Francisce!...

Um cabeço de seixos mais luzentes e quebradiços que esquirolas de vidro, erguia ali a corcova mal encoirada de uma rabugem de mato. Era o Outeiro da Forca. Três pedrões ao meio, removidos para ali decerto, mas não lavrados, brancos como um monte de caveiras, pretendiam ter amparado os suportes da potência.

As chuvas e o passo dos rebanhos tinham descarnado o morro, e toda a sua carcaça de quartzo com veios, palhetas, calhaus soltos, calhaus ainda presos ao alvéolo, lembrava um ossário meio mastigado da terra, meio desempoeirado do vento. No chão, poalhado do farelo branco da pedra, apagara-se o trilho por onde teriam cambaleado as pernas dos justiçados.

A Primavera não acendia ali o lume de uma flor, nem se detinha ali o pegureiro a tanger a flauta. Mas, a todo o âmbito, os horizontes disparavam-se num arco prodigioso, por sobre matas e searas, casais, aldeias com panos caiados a luzer e com ermidinhas, como pombas brancas empoleiradas, nas serranias. E devia ser um cálice de fel para os condenados aquele desdobre embriagante da extensão, no cerrar último dos olhos. Era um mundo a dizer-lhe adeus.

Dali em fora, até á serra da [illegible], mais torva na sua espinha de cavalo a [illegible] a natureza desafogava-se em todas as gamas, colorida e satisfeita na folha frutegante, fugidia e misteriosa por coutos e matas, exalando uma sensação de esforço, quase de dor, no revolutear das cordilheiras e encabritado de alguns morros. Sobre o céu era de uma profundidade que dava vertigem erguer os olhos.

No primeiro trato da curva imensa, a vista deslumbrava da rica teia que se antepunha. Perto, nas abas do povo, o verde azulado das hortas entretecia-se com o touro, muito fulvo, dos linhos. Logo após, o verde esmaltado do milharal e o verde fino dos batatais ia esmorecendo até atingir a seara com o centeial esgueoelhado, quase branco, e os trigos compactos, de um amarelo de limão a sazonar. A fugir sempre a fugir numa tremulina branda, a seara contornava as moitas de carvalhos, de um tom mate empoeirado de cinzas, os pinhais muito negros, com laivos de cobre, deixados pela babugem das lagartas, os soutos em flor, deslumbrante chuva de estrelas sobre umbelas de esmeralda e, sempre a fugir, descia para o rio, galgava a outra banda e lá ia a todo o lés do horizonte até mergulhar-se na linha vaga, atrás da qual as serras, escorregando ondulosas, umas ás espaldas das outras, pareciam imensidades doloridas em viagem.

A procissão formara em arco de círculo em torno do senhor abade. As últimas notas do coro a Santa Anastácia derramaram-se em matinada cristalina pela terra estática. E, em contra do que se esperava, nem um só pássaro ergueu voo, dentre as quadrilhas inumeráveis que saqueavam as messes. O senhor abade empunhou então o hissope e, durante a pausa ritual, ouviu-se no lago dormente de uma moita um melro cantar. Cantou uma vez, tornou a cantar afoito e jubiloso. E pareceu a Aurelio ouvir uma voz irónica e benigna que dizia.

— Ora os mariolas! Ora os mariolas!

O sr. abade aspergiu a água lustral aos quatro ventos contra todos os seres malfazejos e todos os génios das sombras E, debruçando-se para o Manuel na página dos exorcismos do beato arcebispo Santo Ambrósio, em voz choutada, recitou o esconjuro contra aves vel alia animalia. Mentalmente, os olhos na lauda a vermelho e preto, Aurélio foi traduzindo:

Eu vos exorcizo vermes funestos, ratos, aves, gafanhotos e outros animais daninhos, em nome de Deus Padre Omnipotente, de Jesus Cristo, seu filho, e do Espírito Santo, emanado de um e de outro, para que, sem tardar, desarvoreis destes campos; nem mais um instante fiqueis neles; transiteis a lugar onde não possais fazer dano. Em nome de Deus Omnipotente e de toda a Corte Celeste e da Santa Igreja, excomungados sejais; para onde quer que vades que vos devoreis uns aos outros, decrescendo dia a dia até que de vós não sejam encontrados mais restos que os que forem necessários à salvação e uso humano. Que se digne ouvir-nos. Aquele que há-de vir julgar os vivos e os mortos e o mundo todo pelo fogo. Amen. Oremus ..

Depois de breve prece o sacerdote brandiu novamente o hissope à direita e à esquerda, ao alto, até abranger o oval da terra, a mais remota, onde germinasse o grão das arcas. E no silêncio, que decorreu, de expectativa, não se ouviu asa ruflar; mas no bosquedo ali perto, o melro; mais longe a rola continuavam cantando. Os bandos gatunos de pardais e de milheiras quedavam impávidos onde lhes pedia seu belo querer. Avançando no devocionário, o sr. Abade ordenou a pater-noster. E sobre oração, cochichada por muitas bocas, dois corvos passaram a todo o lés do morro crocitando:

— Carrasco! Carrasco!

O grito mordaz, deitado de alto, era assim mesmo, a chamar o executor das altas obras, que porventura ainda tinham ali visto a cavalo sobre os enforcados, ou a injuriar o padre, ou o Deus de que era mensageiro. E, lá foram sobranceiros aos soutos em flor: — carrasco! carrasco! — a pedir cadáver ou a blasfemar.

Outra asa não cortou o azul do céu. E, terminadas as rezas, o Rilha-Pedras fez o reparo em voz furiosa:

— Não levantam, os ladrões! Já não há virtude na religião!

Mal humorado, o senhor abade redarguiu-lhe:

— Vai assobiar-lhes ao rabo.

A procissão voltou a ordenar-se e depois de retomar a ladainha dos santos pontífices, doutores, levitas, virgens e viúvas rompeu novamente em marcha. Mais forte, o sol dourava tudo, sentia-se a sua luz divina a empolar o grão das leiras e a enfartar os agros. A terra tinha um ar hipnótico, como varada na posse de um gozo genital.

Os olhos suaves falaram aos olhos de Aurélio mais uma vez, e embalado nas vozes eternas, mais altas que os mandamentos das religiões e dos homens, caminhou para casa a passo leve, seguro de si, a despir o cabeção de seminarista que o asfixiava.

o sacristão de opa com a caldeirinha, o sr. abade de tricorne a nadar num roquete, muito alvo, o dedo espetado no ripanço á altura das litanias, o povo em chusma, os homens á frente, as mulheres no couce, perfaziam o aparato que, armado do nome de Deus, avançava sobre os pardais.

Estava a nascer o Sol, este sol dos dias grandes, que mal pulando do lado de lá dos montes, se derrama em amarelidão sobre a terra, como um ovo gigantesco que se esborraça. Banhado dos seus raios, já o galo do campanário, emproado a este na firmeza do bom tempo, parecia tocar-se da plumagem galante de um galo verdadeiro. A luz doirada corria já na cumieira das casas, azeitava ao de leve o caminho poído de S. João, e batendo de chapa nas copas do arvoredo, á cauda do cemitério, esflocava-se como estendedoiros imensos de brocados sacerdotais. Brunido do orvalho, o verde esmaltado dos milhos reluzia em baixo, pela várzea fora, como campo de lenços esmerilhados. A todo o lés catando o céu, as andorinhas sarabandeavam e ligeiras, imponderáveis sobre os clamores processionais, eram como as faúlhas cuspidas das labaredas rubras de um incêndio.

O sr. abade, mal Aurélio alinhou á sua banda, ao tempo que de boca aberta clamava, com um aceno amical de cabeça saudou. E, depois de o medir de alto a baixo no trajo á secular, a que só o cabeção traía o pensamento de não parecer eclesiástico, assim que o coro retomou o adagio, estendeu-lhe a mão:

— Dormiu bem?

— Sofrivelmente. Os passarinhos apareceram-me em pesadelo a pedir perdão ao Senhor de ter necessidade de comer — respondeu Aurélio com acento risonho.

— Deixe lá. Deus fez a criação, mas não a regula. Ao homem de se defender. S. Rafael el . el ..!

— E a Providência?

— A Providência divina não exclui os cuidados humanos. Deus, lá dizem os tomistas, é o motor imóvel acima dos actos das criaturas. «Omnes sanct angeli et arcangeli... ii... ii-i!

— Rogai por nós!... — respondia o coro, retrangendo em assuada na circunvalação dos morros soalheiros.

— Santo Joannes Baptista!... Vai estar um dia criador. Se o tempo se aguenta, de aqui por quinze dias malha-se. Mas duvido; ontem rinchou o cavalinho que é sinal certo de mudanca de temperatura. Sancte Joseph! .

— Rogai por nós!.

Fora do caminho emparedado dos quintais, a campina descobriu-se, descendo para o rio em socalcos, ora verdes ora loiros, consoante renovos ou messe. E nela, como marchetados, ou cerejeiras, muito negras, e os soutos cobertos de passamanaria de ouro e esmeralda destacavam. No couto, á outra banda, a primavera acabava de passar, ainda deixando na onda do verde, como lumes extintos, as lágrimas amarelas do tojo e de um ou de outro sargaço, e estas florinhas esponjosas, sem nome, de um roxo de chaga decomposto e que se erguem ao cabo de altas e finas hjes e são um milagre de graça e de leveza. A digitalis, nas encostas de uma parede singela, suspendia ainda firmes seus dedais emborcados, cor-de-rosa; nas rampas, a macela floria, mas já mais pisada do sol que dos caminhantes; as lombas, a distância, pareciam vestidas de um burel gasto. Polvilhavam-se os giestais de flores de espuma com o desabrochar da vagem e as orgueiras de uma poalha de sangue coagulado: muito negros da seiva, sobre os morros, os pinheiros eram como filas de monges negros a rezar, sem devocão. O estio quase esquecido de Maio, mal roçado da canicula, lá ia levado, gaiteiro e fanfarrão.

O voto breve deixou o caminho velho, de longo curso, pelo atalho das matas, cheio de sombras e desta circunspecção misteriosa que revessam as solidões. Gaios palraram no folhedo; ergueram voo; e, pesadões, cabeçudos, com saiotes de cor incerta e asas lembrando a chita dos pobres, riscaram o ar amedrontados. Ao fundo de uma vereda, tilintante, ajoujada de cargas e mantas garridas, passou uma nedea de almocreves. Os homens pararam e, de chapéu na mão, deixaram embrenhar Deus no desvão dos bosques

Entre os pinhais, a ladainha levantava um eco solene, como cântico em catedral. Os troncos, projectando-se a distância, riscavam de linhas negras e fitas caprichosas a planície sem fim, toda clara.

E nela se ia reflectir a penumbra mestica, dar-lhe a suave melancolia de uma lauda de antifonário, que vozes humanas não soubessem cantar. Aos lados, os corutos dos pinheiros, acesos ao sol como tochas; ao alto, um céu, mal enrugado de nuvens brancas como um pálio de seda branca com largas águas, o voto assumia uma pompa triunfal.

— Sancte Thaddaei...
— Rogai por nós!...
— Sancte Mathiae!...
— Rogai por nós! .

Sobre o tropel moroso dos fiéis e o ceu refrangia de uma assuada ora de bronze, ora de pratas chocando se. A invocação lançada pelo sacerdote e seguida pelos homens rolava numa cadência mazorreira, grossa destas vozes afeitas a reger os bois e a rezar sobre o acefate o lento padre-nosso: já o coro entoado pela garganta das mulheres, cristalina nas raparigas, dolente com o embalar dos berços, trepava na sucessão de um alegro explendia numa síncope de alta melodia, no céu alto para recair sobre a terra manso mavioso, como rosas vermelhas esfloradas, pondo a vibrar os horizontes, de um céu, mais colorido que o arco-íris. Recolhida dentro das matas, parecia que uma grande alma escutava. A imobilidade dos troncos, dos penhascos barbaçudos por entre as árvores, era de contenção. Não se via o mundo, mas o céu que é de Deus e a floresta que é misteriosa e profunda como o seio do próprio Deus. O voto seguia á orla do infinito.

Andando, uma nesga de seara, cheia de vibrações de luz, abriu-se nas matas. Foi um topar de terra. Os olhos olharam e sobre a tremula ondulação das espigas ao vento fagueiro, leram o seu problema da existência. De um galho, um casal de rolas bateu asas, ruflou espavorido: empoleirado numa giesta, um cartaxo matutino parecia velar; era ao alcance de uma pedra, e ele ali permaneceu impávido, indiferente, sobre a vergantea que balouçava, monologando consigo em sua voz sarcástica, talvez da bicha-de-sete cabeças que ia passando.

No rosário das rogativas aos santos inocentes, sucederam-se S. João e S. Paulo. Aqueles nomes, por uma associação de fundador a precursor, Aurélio lembrou se do Baptista e disse para o abade.

— Então preparou o sermão?

— Preparei quer dizer, adaptei. A oratória que se ocupou do Baptista e uma seara que não tem fim. eSrzi deste e daquele, porque não só não acalento fumos de originalidade, mas não pagaria a pena. Tinha lá uma espécie de panegírico que mais de uma vez me serviu nas festividades da aldeia. Um pouco Flos-sanctorum . A vila é mais exigente. É preciso contar.. Sancte Silvester! é preciso contar com outras orelhas . o juiz . advogados, a burocracia toda da comarca que, quando não é zoila, é pretensiosa. Alem disso, seria uma falta irreparável omitir a razão politica que de tudo se serve para deprimir ou elevar.

— O sr. abade dá a figura bíblica tal qual?

— Tal qual; o humilde que dava vozes no deserto, vestido com a samarra de uma cabra e comendo mel silvestre; o mensageiro forte, muro de bronze e flecha ardente, segundo os termos de Jeremias, ante os crimes do Tetrarca.

— Bem se vê que o estudou a fundo

— Não, a exeegese está feita ..

— De acordo, mas o Baptista é destas figuras que, á simples reflexão, quebram o caixilho em que a hermenêutica o fechou. O Precursor?!. . bastará isso?

— Basta... e que não bastasse, ao orador sagrado é defesa qualquer interpretação racionalista. Patriota feroz, chefe de quadrilha, revolucionário a monte, tenho ouvido tudo isso. Ao meu sentido de submissão, apraz-me mais a natureza do predestinado, tocado da chama da lei nova, que uma incarnação de judeu insurrecto, com as virtudes todas da revolta. No terreno das audácias chega que se diga dele o que ontem encontrei sob o nome autorizado do jesuita Manuel de Naxera. Diz assim, mutatis mutandis; que es sobre todos ilustre, que aun la misma mano de Dios no parece le dá aplauso, sino a la mano de Dios credito. Percebeu? Sancte Martine!..

— Não podemos renovar — prosseguiu o abade — acima do nosso humor de novo está o preceito da disciplina teológica de que os Pontifices são os inflexiveis vigilantes. Quando eu for cardeal, lhe darei o meu voto para o senhor ser papa e permitir aos párocos e pregadores quebrar as cadeias do dogmatismo que nos prende.

Aurélio tornou-lhe a graça em responder:

— Quem me dera ser Papa mas livre das prisões do Vaticano. .

— Que faria?

— Que faria?... Talvez restaurasse o reino de Deus sobre a Terra.

— Com que orientação, senhor reformador?

— Na de uma religião campo aberto a toda a verdade cientifica, tribunal armado em defesa dos que sofrem.

— Pai da vida, seria a morte do cristianismo! O senhor ficava enterrado nos escombros.

— Deixá-lo, acabaria em beleza. Que fim extraordinário ser sepultado sob as pompas eclesiásticas de vinte séculos!

— Sancte Antoni! .
— Rogai por nós! .

O senhor abade não respondeu, de olhos no ripanço, como a soletrar o nome dos bem-aventurados. Na orla já das matas, a procissão torneou num arco de círculo, mansamente coleando, a onda móvel e variegada das mulheres a tocar os portadores de alfaias, atentos á obrigação. Uns olhos suaves de rapariga encontraram os de Aurelio e para ele esse olhar foi mais intenso que um banho de aurora ao sair de uma prisão escura. Já em campo descoberto, os Cristos desamortalhando-se da penumbra aérea em que flutuavam, animaram-se sob os raios do sol, parece que iam soltar os braços para tornar a viver. Rostos alumiados roupas de burel a declararem-se lã das ovelhas, a vida a viver, dissipou-se a catadura penitencial. Ao fundo, á medida que assomavam nos visos do cuteiro, o vale alteava-se em sua alegre praia-mar de verde e amarelo. Deus lá estaria, mas encoberto, porque e de sua assombrosa magnitude o esconder-se. Sua face só, de mostrar-se pulverizaria em pó impalpável a tão imensa pequenez do homem. Mas ele consente que o mesquinho ame, aborreça, se exalte viva era, pois, viver! Aurélio voltou-se a buscar outra vez os olhos doces da rapariga; o senhor abade, a ponta do roquete por sobre a calva contra os raios já mordentes do sol, risonho tambem, dizia-lhe:

— As suas ideias, aqui lho declaro muito á puridade, tornadas públicas, não só lhe vedavam o acesso ao Seminário, como lhe mereceriam as honras da fogueira, anos atrás. E, no entanto, aqui lho vaticino, o senhor há-de ser um sacerdote exemplar, uma das colunas fortes da Igreja. Mas vá rogando a Nossa Senhora que essenque tão ruins pensamentos no seu cérebro. Sancte Bernarde!...

Aurélio, cujos olhos se tinham banhado na luz dos outros olhos, sacudiu os ombros no jeito de quem sem pena alija a carga que leva.

Já perto do teso ouviu se entre a invocação e o coro, para as moitas, cantar o marantéo. E a sua voz amarela, inquebrantável, com um acento de força, parecia a de um sofista, proclamando sobre as decisões de um concilio

— Só Deus é real. . real!

A distância de tiro, duas popas ergueram de uns escarapeteiros, salvaram o cerro, a asa padejando, saraivando o ar de sua cor pedrês. E o peto real, a que pelos guinchos e voo aos galões chamam o cavalinho, passou ás upas, a sua farda vistosa, um verde pelote do tempo da madressilva, a reluzir.

A todo o fundo, avistava-se já uma nesga da ribeira, tão alta e transbordante que, em torno dela, sobre as terras de vessada, o ruço pousio, os fenos empenachados de lilás, se difundia a brancura ao lume de água. Lume sobre que o sol chispava, um sol heróico, vibrante, aceso de bravura, que dir-se-ia alguma coisa de animal, de raivoso, a violar a casta soror acqua.

A cada passo, ladeira acima, mais e mais o côncavo do vale se desdobrava. A luz dos longes tornava os rostos, os cobres e as opas mais esplendentes. Mais alta, também, a alma milenária clamava:

— Rogai por nós!...
— Sancte Francisce!...

Um cabeço de seixos mais luzentes e quebradiços que esquírolas de vidro, erguia ali a corcova mal encoirada de uma rabugem de mato. Era o Outeiro da Forca. Três pedrões ao meio, removidos para ali decerto, mas não lavrados, brancos como um monte de caveiras, pretendiam ter amparado os suportes da potência.

As chuvas e o passo dos rebanhos tinham descarnado o morro, e toda a sua carcaça de quartzo com veios, palhetas, calhaus soltos, calhaus ainda presos ao alvéolo, lembrava um ossário meio mastigado da terra, meio desempoeirado do vento. No chão, poalhado do farelo branco da pedra, apagara-se o trilho por onde teriam cambaleado as pernas dos justicados.

A Primavera não acendia ali o lume de uma flor, nem se detinha ali o pegureiro a tanger a flauta. Mas, a todo o âmbito, os horizontes disparavam-se num arco prodigioso, por sobre matas e searas, casais, aldeias com pinos caiados a luzer e com ermidinhas, como pombas brancas empoleiradas, nas serranias. E devia ser um cálice de fel para os condenados aquele desdobre embriagante da extensão, no cerrar último dos olhos. Era um mundo a dizer-lhe adeus.

Dali em fóra, até á serra da Lapa, muito torva na sua espinha de cavalo a dobrar, a natureza desafogava-se em todas as gamas, colorida e satisfeita na folha fruitegante, fugidia e misteriosa por coutos e matas, exalando uma sensação de esforço, quase de dor, no revolutear das cordilheiras e encabritado de alguns morros. Sobre o céu era de uma profundidade que dava vertigem erguer os olhos.

No primeiro trato da curva imensa, a vista deslumbrava da rica teia que se antepunha. Perto, nas abas do povo, o verde azulado das hortas entretecia-se com o touro, muito fulvo, dos linhos. Logo após o verde esmaltado do milharal e o verde fino dos batatais ia esmorecendo até atingir a seara com o centeial esguedelhado, quase branco, e os trigos compactos, de um amarelo de limão a sazonar. A fugir sempre a fugir numa tremulina branda, a seara contornava as moitas de carvalhos, de um tom mate empoeirado de cinzas, os pinhais muito negros, com laivos de cobre, deixados pela babugem das lagartas, os soutos em flor, deslumbrante chuva de estrelas sobre umbelas de esmeralda e, sempre a fugir, descia para o rio, galgava a outra banda e lá ia a todo o lés do horizonte até mergulhar-se na linha vaga, atrás da qual as serras, escorregando ondulosas, umas ás espaldas das outras, pareciam imensidades doloridas em viagem.

A procissão formara em arco de círculo em torno do senhor abade. As últimas notas do coro a Santa Anastácia derramaram-se em matinada cristalina pela terra estática. E em contra do que se esperava, nem um só pássaro ergueu voo, dentre as quadrilhas numeráveis que saqueavam as messes. O senhor abade empunhou então o hissope e, durante a pausa ritual, ouviu-se no lago dormente de uma moita um melro cantar. Cantou uma vez, tornou a cantar alto e jubiloso. E pareceu a Aurélio ouvir uma voz irónica e benigna que dizia

— Ora os mariolas! Ora os mariolas!

O sr. abade aspergiu a água lustral aos quatro ventos contra todos os seres malfazejos e todos os genios das sombras. E, debruçando-se para o Manuel na pagina dos exorcismos do beato arcebispo Santo Ambrósio, em voz choutada, recitou o esconjuro contra aves vel alia animalia. Mentalmente, os olhos na lauda a vermelho e preto, Aurélio foi traduzindo:

Eu vos exorcizo vermes funestos, ratos, aves, gafanhotos e outros animais daninhos, em nome de Deus Padre Omnipotente, de Jesus Cristo, seu filho, e do Espirito Santo, emanado de um e de outro, para que, sem tardar, desarvoreis destes campos; nem mais um instante fiqueis neles; transiteis a lugar onde não possais fazer dano. Em nome de Deus Omnipotente e de toda a Corte Celeste e da Santa Igreja, excomungados sejais; para onde quer que vades que vos devoreis uns aos outros, decrescendo dia a dia até que de vós não sejam encontrados mais restos que os que forem necessários à salvação e uso humano. Que se digne ouvir-nos. Aquele que há-de vir julgar os vivos e os mortos e o mundo todo pelo fogo. Amen. Oremus

Depois de breve prece o sacerdote brandiu novamente o hissope à direita e à esquerda, ao alto, até abranger o oval da terra, a mais remota, onde germinasse o grão das arcas. E no silêncio, que decorreu, de expectativa, não se ouviu asa ruflar; mas no bosquedo ali perto, o melro; mais longe a rola continuavam cantando. Os bandos gatunos de pardais e de milheiras quedavam impávidos onde lhes pedia seu belo querer. Avançando no devocionário, o sr. Abade ordenou a pater-noster. E sobre oração, cochichada por muitas bocas, dois corvos passaram a todo o lés do morro crocitando:

— Carrasco! Carrasco!

O grito mordaz, deitado de alto era assim mesmo, a chamar o executor das altas obras, que porventura ainda tinham ali visto a cavalo sobre os enforcados, ou a injuriar o padre, ou o Deus de que era mensageiro. E, lá foram sobranceiros aos soutos em flor: — carrasco! carrasco! — a pedir cadáver ou a blasfemar.

Outra asa não cortou o azul do céu. E, terminadas as rezas, o Rilha Pedras fez o reparo em voz furiosa:

— Não levantam, os ladrões! Já não ha virtude na religião!

Mal humorado, o senhor abade redarguiu-lhe:

— Vai assobiar-lhes ao rabo

A procissão voltou a ordenar-se e depois de retomar a ladainha dos santos pontifices doutores, levitas, virgens e viúvas rompeu novamente em marcha. Mais forte o sol dourava tudo, sentia-se a sua luz divina a empolar o grão das terras e a enfartar os agros. A terra tinha um ar hipnótico, como varada na posse de um gozo genital.

Os olhos suaves falaram aos olhos de Aurélio mais uma vez, e embalado nas vozes eternas, mais altas que os mandamentos das religiões e dos homens, caminhou para casa a passo, leve, seguro de si, a despir o cabeção de seminarista que o asfixiava.

JVC NIVICO

uma gama inigualável

1—CAMPEÃO DE ONDAS CURTAS
— NOVE BANDAS DE ONDA DE ALTA SENSIBILIDADE, PÕEM O MUNDO NA PONTA DOS SEUS DEDOS.
—12 TRANSISTORES E 10 DIODOS.
—GAMA DE FREQUÊNCIA: LONGAS, MÉDIAS, FM E 6 DESDOBRAMENTOS DE ONDA CURTA.

2—RÁDIO DE ONDA MÉDIA DE GRANDE SENSIBILIDADE, COM ANTENA FERRITE INCORPORADA, O QUE PERMITE UMA SINTONIA PERFEITA DE QUALQUER ESTAÇÃO.
—SAÍDA DE MAIS DE MEIO WATT ATRAVÉS DE UM ALTIFALANTE DINÂMICO DE 3 POLEGADAS.
—GIRA-DISCOS DE 2 VELOCIDADES (33⅓ E 45 R.P.M.)

Sociedade de Representações
SIDA - SUECA limitada

A técnica mais apurada ao serviço da qualidade em Artes Gráficas

fotogravura
DIMAR

SOC. DE CRISTAIS, LDA.

25, R. DO ALMADA, 29 — PORTO
Telef. 21416

VIDROS

INSTALAÇÕES ROCHEDO

ESPELHOS

TINTAS VERNIZES

Marcol

MÁRIO COSTA & C.ª L.DA

PORTO
Rua de Almada, 30

LISBOA
Rua S. Paldo, 12-3.º

O RETIRO DO JOÃO PADEIRO

(O RESTAURANTE MUNDIALMENTE CONHECIDO)

Estrada Marginal
Telef. 28 02 32

Rua Visconde da Luz
CASCAIS

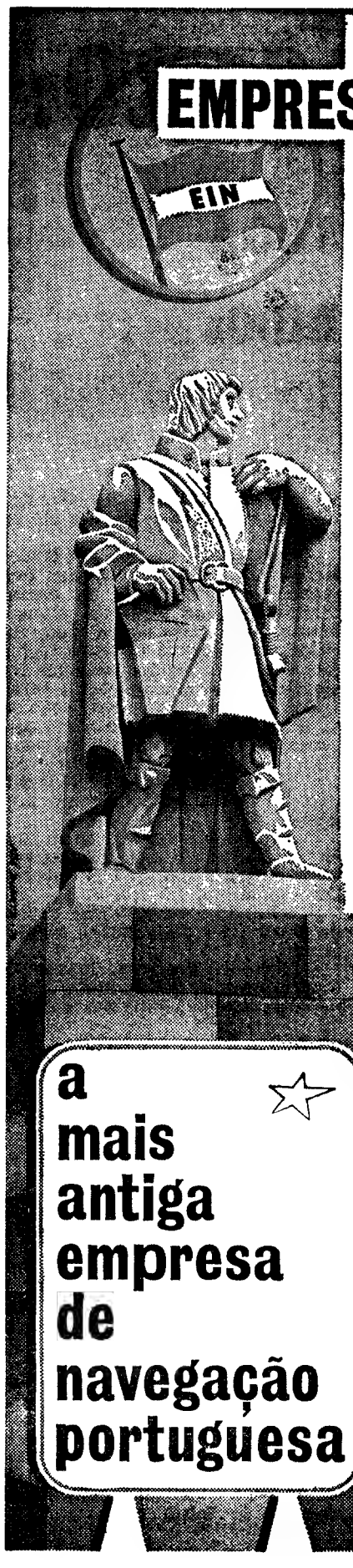
JOÃO PADEIRO

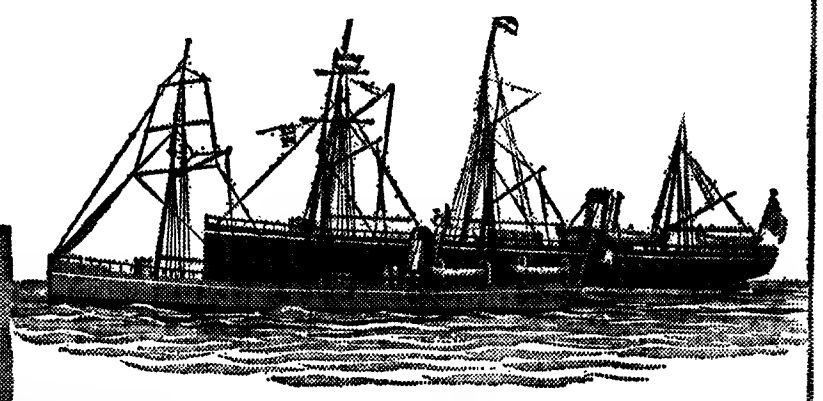
SEMPRE NA VANGUARDA COM O SEU

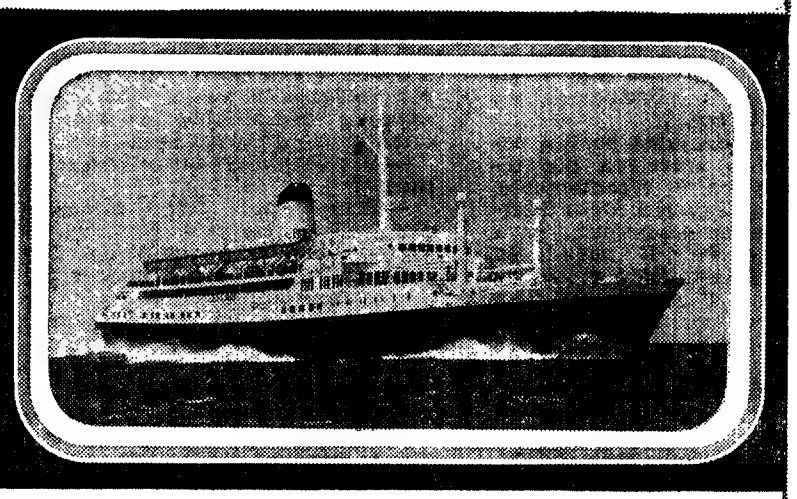
MARISCO e LINGUADO

VIVEIRO PRÓPRIO

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO







a mais antiga empresa de navegação portuguesa

Rua Aurea, 181-3.º. Tel. 37 03 41 • LISBOA-2

Serviço totalmente contentorizado de qualquer ponto de Portugal para

NEW YORK

saídas semanais de Lisboa a cargo de navios porta-contentores da

«FABRE LINE»

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, Nº 4—TEL. 322271 | 33285 | 361267
LISBOA 2 - PORTUGAL

AGENTES PORTO
SOCIEDADE COMERCIAL OREY, & BARROS LEITE, LDA.

ALVES RIBEIRO, L.DA
AVENIDA 28 DE MAIO, 49-A
TELEF. 77 15 12 • 76 18 60
LISBOA - 4

■

EMPREITEIROS DE OBRAS PÚBLICAS E CONSTRUÇÕES CIVIS

ANTÓNIO MOREIRA RATO & FILHOS, LDA.
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
CIMENTO «TEJO»
GRÉS — AZULEJOS — LOIÇAS SANITÁRIAS
MÁRMORES E CANTARIAS
FIBROCIMENTO «NOVINCO»
Telefones: 66 08 79 e 66 37 08
Telegramas: RATOFILHOS
Avenida 24 de Julho, 54-G — LISBOA

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE LISBOA
CÂMARA DE COMÉRCIO PORTUGUESA
FUNDADA EM 1834
A mais importante e mais antiga organização do Comércio Nacional
Secções Técnicas de Importação e Exportação — Informações Comerciais — Contencioso Jurídico, Fiscal e Aduaneiro — Estudos Económicos — Serviços Culturais — Biblioteca
Palácio do Comércio — Rua das Portas de Santo Antão, 89
LISBOA-2 — TELEFONE P. P. C. 32 71 79-32 72 89-32 34 72

JORGE, FERREIRA & CARVALHO, LDA.
ARMAZÉM DE ARTIGOS PARA ESTOFADORES E DECORADORES
Importação — Exportação
(Vendas só por atacado)
PRAÇA DA FIGUEIRA, 16, 2.º — TELEFONE 32 30 72
— LISBOA-2 — TELEGRAMAS JORVALHO

DRAGÃO VERMELHO
PASTELARIA
PRAÇA DA RENOVAÇÃO, 11-A
ALMADA

TINTURARIA TURQUESA
Limpamos todo o vestuário — Carpetes — Cortinados, etc.
Tintos e Lutos de Urgência — Entrega ao domicílio
Com instalações de limpeza a seco e de engomagem
Rua Borges do Rego, 22-A — Telef. 229 05 90
Sede: Rua de Olivença, 9-A — Tel. 27 18 63 P. B. X.—Almada
Sucursal: Rua Rosas de Pombal, 30-A — Cova da Piedade

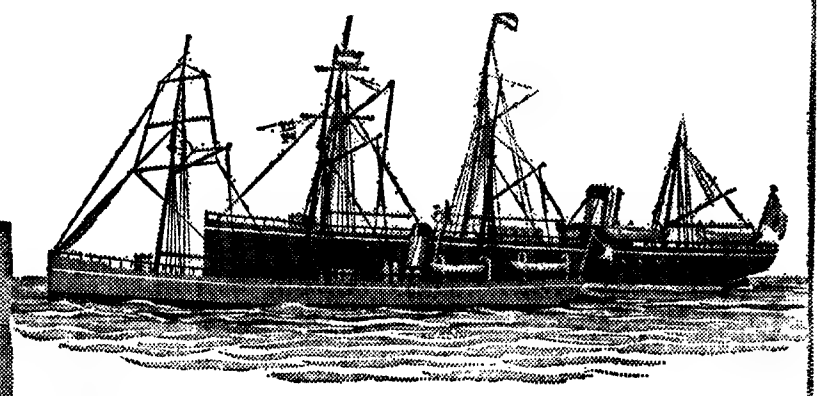
EXÓTICA
Especializada em arcas de cânfora
Todos os artigos de arte oriental
Av. de Roma, 48-A Telefone: 71 53 99

CAIXA DE CRÉDITO CAUCIONADO
Empréstimos sobre tudo o que ofereça garantia
SIGILO — RAPIDEZ — SEGURANÇA
88, 1.º, RUA DA ASSUNÇÃO TELEF. 325334

DINHEIRO
Empresta-se ao juro da lei sobre todos os artigos que ofereçam garantia
Compra e vende antiguidades, ouro, jóias, etc.
CASA MAYER (SUCED.ª)
Telefone 322681
RUA DO LORETO, 16

CASA TIROL
RUA DA PRATA, 70
A CASA QUE MAIS BARATO VENDE BEBIDAS E QUEIJOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS E MERCEARIAS FINAS

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO



a mais antiga empresa de navegação portuguesa

Rua Aurea, 181-3.º. Tel. 37 03 41 • LISBOA-2

ANTÓNIO MOREIRA RATO & FILHOS, LDA.

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
CIMENTO «TEJO»

GRÉS — AZULEJOS — LOIÇAS SANITÁRIAS
MÁRMORES E CANTARIAS

FIBROCIMENTO «NOVINCO»

Telefones: 66 08 79 e 66 37 08
Telegramas: RATOFILHOS
Avenida 24 de Julho, 54-G — LISBOA

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE LISBOA

CÂMARA DE COMÉRCIO PORTUGUESA

FUNDADA EM 1834

A mais importante e mais antiga organização do Comércio Nacional

Secções Técnicas de Importação e Exportação — Informações Comerciais — Contencioso Jurídico, Fiscal e Aduaneiro — Estudos Económicos — Serviços Culturais — Biblioteca
Palácio do Comércio — Rua das Portas de Santo Antão, 89
LISBOA-2 — TELEFONE P. P. C. 32 71 79-32 72 89-32 34 72

JORGE, FERREIRA & CARVALHO, LDA.

ARMAZÉM DE ARTIGOS PARA ESTOFADORES E DECORADORES

Importação — Exportação
(Vendas só por atacado)

PRAÇA DA FIGUEIRA, 16, 2.º — TELEFONE 32 30 72
— LISBOA-2 — TELEGRAMAS JORVALHO

DRAGÃO VERMELHO

PASTELARIA

PRAÇA DA RENOVAÇÃO, 11-A
ALMADA

TINTURARIA TURQUESA

Limpamos todo o vestuário — Carpetes — Cortinados, etc.
Tintos e Lutos de Urgência — Entrega ao domicílio
Com instalações de limpeza a seco e de engomagem
Rua Borges do Rego, 22-A — Telef. 229 05 90
Sede: Rua de Olivença, 9-A — Tel. 27 18 63 P. B. X. — Amadora
Sucursal: Rua Rosas de Pombal, 30-A — Cova da Piedade

Serviço totalmente contentorizado de qualquer ponto de Portugal para

NEW YORK

saídas semanais de Lisboa a cargo de navios porta-contentores da

«FABRE LINE»

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, N.º 4 — TEL. 322271 | 33285 | 361267
LISBOA 2 - PORTUGAL

AGENTES PORTO
SOCIEDADE COMERCIAL OREY, & BARROS LEITE, LDA.

ALVES RIBEIRO, L.DA

AVENIDA 28 DE MAIO, 49-A
TELEF. 77 15 12 • 76 18 60
LISBOA - 4

EMPREITEIROS DE OBRAS PÚBLICAS E CONSTRUÇÕES CIVIS

EXÓTICA

Especializada em arcas de cânfora
Todos os artigos de arte oriental

Av. de Roma, 48-A Telefone: 71 53 99

CAIXA DE CRÉDITO CAUCIONADO

Empréstimos sobre tudo o que ofereça garantia
SIGILO — RAPIDEZ — SEGURANÇA
88, 1.º, RUA DA ASSUNÇÃO TELEF. 325334

DINHEIRO

Empresta-se ao juro da lei sobre todos os artigos que ofereçam garantia
Compra e vende antiguidades, ouro, jóias, etc.
JOSÉ MAYER (HERD.ºs)
Telefone 322881
RUA DO LORETO, 16

CASA TIROL

RUA DA PRATA, 70

É A CASA QUE MAIS BARATO VENDE BEBIDAS E QUEIJOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS E MERCEARIAS FINAS

FERNANDA DE CASTRO:

«FOI NO DIÁRIO DE LISBOA QUE CONHECI O MEU MARIDO»

— Já me chamaram fascista, já me chamaram tudo o que se pode chamar de feio a uma pessoa. Nazi, é que graças a Deus nunca me chamaram. Pois uma coisa que eu não gosto é que me ponham rótulos. Agora, chamam-me «hippy».

Conversamos no meio da tarde inesperadamente quente de princípio de Primavera. Os nossos corpos afundam-se nos «maples» de uma sala discreta, sóbria, ampla de uma palácio pré-pombalino, no Bairro Alto. Com a sua boca de poderosas expressões, a minha entrevistada solta a pergunta sacramental, franzindo as pálpebras dos olhos que as cataratas tornam líquidos no fundo da pele escura:

— Então que o trouxe por cá?

Exactamente como ela dissera há 50 anos, ainda menina e moça, no seu primeiro trabalho para o primeiro «Diário de Lisboa», justifico-me:

— Muito pouco, descanse. Quero apenas submeter a sua alma a um curto interrogatório.

Não lhe noto, no rosto, qualquer reacção. Continua, até aqui, sem saber que o motivo que me leva a sua casa é o próprio «Diário de Lisboa», o seu primeiro número, 7 de Abril de 1921, homens festejando, de chapéu na cabeça e colarinhos duros, como me mostram as fotografias amarelecidas, o lançamento de um jornal a que hoje tiramos o chapéu ao atingir «a meia-idade» estuante de juventude.

Recorda-se, Fernanda de Castro que colaborou no primeiro número do «Diário de Lisboa»?

— Olhe que não me recordo. Recordo-me, efectivamente, de ter escrito no «Diário de Lisboa». Agora no primeiro número já não me recordava nem me lembro o que escrevi.

Estendo-lhe a fotocópia do «fac-símile» da página do «Diário de Lisboa» de 7 de Abril de 1921, que dedicou a Virgínia Vitorino «a poetisa do soneto — Impressões de Arte — Virgínia Vitorino através dos «Namorados».

— Sim, é verdade — exclamou — Tem piada. Eu e a Virgínia fomos amigas desde pequenas. Fazíamos uma diferença de idade, coisa pouca eu era mais nova. Quando escrevi isso era uma catraia.

— Lembra-se como surgiu a oportunidade de escrever no número um do «Diário de Lisboa»?

— Bom, não estou certa. Mas foi de certeza através do dr. Joaquim Manso, que foi meu professor de Português. Tive óptimos professores, entre os quais o dr. Joaquim Manso, que me ajudou imenso. Era a sua discípula dilecta mas nem por isso eu era favorecida. Bem pelo contrário.

O dr. Joaquim Manso era de um rigor extremo para mim. Olhe, tinha tanto receio dele, ou melhor, não era receio, era respeito, que uma vez no colégio deu um grito e eu caí da carteira.

Antevia o ambiente de uma redacção de um jornal, como um verdadeiro antro de perdição. Mas depois gostava muito e verifiquei desde logo que não era nada do que receava.

— Representava coragem em 1921, uma mulher frequentar um jornal quando ainda hoje são tão escassas as que o fazem por dever de ofício?

— Sim. Era preciso coragem. Até porque naquele tempo pensava-se que o lugar da mulher era em casa, não se devia sair, andar por aí, como ainda o faço.

— Porquê uma entrevista com Virgínia Vitorino para o primeiro número do «Diário de Lisboa»?

— Bom, porque era uma poetisa extraordinàriamente apreciada por todos. E porque saíra recentemente, nessa altura, um livro seu. Devo dizer-lhe que acompanho desde muito nova a vida literária do País. E nunca li tão grandes êxitos de livraria como os de Virgínia Vitorino. Para lhe dar uma ideia, saía hoje, por exemplo, uma edição de mil exemplares de um livro da Virgínia Vitorino; pois depois de amanhã já não havia um exemplar. E não se esqueça que se estava em 1921.

— Era mais fácil ou mais difícil, para um escritor, essa época?

Bastante mais difícil. O público era muito mais exigente, havia melhor qualidade de leitores. Estes interessavam-se talvez menos pelo conteúdo e mais pela forma. Hoje é o contrário. E a crítica também procurava ser mais objectiva. Dizia-se mal e explicava-se porquê. E de maneira geral as pessoas aceitavam, tomavam em consideração as opiniões do crítico quando estas eram justas ou fundamentadas.

Agarro de novo na fotocópia da entrevista de Virgínia Vitorino por Maria Fernanda de Castro e Quadros. Escolho mais uma pergunta das suas que se encaixa nesta conversa, 50 anos depois.

— É capaz de me dizer porque principiou a fazer versos?

Comecei muito nova. E até, o primeiro livro que tenho não foi publicado por mim. Foi uma prenda de anos. Eu tinha muitos versos e a minha família, em segredo, tratou de arranjar a edição para me fazer uma surpresa. Não imagina a vergonha que tive.

Hoje, ainda não me quero lembrar.

Mas o meu tempo era muito mais difícil, exigente. Morávamos, eu e os meus pais, ao lado do Leitão de Barros. A nossas casas — nossos pais eram ambos oficiais de marinha — ia muita gente ligada às letras. E recordo-me de pessoas com nomes feitos nas letras se interessarem pelas nossas naturalmente débeis produções e darem-nos conselhos. Muitas vezes eu era obrigada a passar uma tarde a escrever decassílabos como uma criança que dá erros no ditado.

— Vai publicar novo livro brevemente?

— Bom, talvez. Julgo mesmo que posso dizer que sim. Será um livro contestatário para confundir as pessoas que dizem agora que estou na minha fase «hippy».

— O que era, há cinquenta anos, o «Diário de Lisboa»?

— Era um jornal muito considerado e muito respeitado, como o foi ao longo dos anos. Era muito bem escrito e teve os jornalistas grandes da época, que deixaram nome.

— Toda a gente sabe que a senhora é viúva de António Ferro e mãe de António Quadros. Recorda-se do facto de António Ferro ter escrito também no primeiro número do «Diário de Lisboa» e recorda-se do que ele escreveu?

— Bom, o meu marido era louco por jornais. Basta dizer que lhe faltava apenas o exame final do curso de Direito, em que fora um aluno brilhante e foi para Itália fazer umas reportagens que «A Capital» (primeira fase) lhe encomendou sem que nunca mais chegasse a completar o curso.

Mas aqui tenho uma revelação curiosa a fazer-lhe: foi no «Diário de Lisbaoa» que conheci o meu marido. Parece que ainda o estou a ver, com o seu ar muito embirrante, tão antipático que chegava a parecer pretensioso.

Tinhamos discussões tremendas e ele dizia que havia de me convencer. Convenceu-me tanto ou tão pouco que nos casámos...

E voltando a parafrasear Fernanda de Castro, 50 anos antes, nova pergunta:

— Diga-me, depressa, Fernanda de Castro. Em que pensa neste instante?

— Em como o tempo passa depressa. Cinquenta anos! Tudo isso parece que ainda foi ontem.

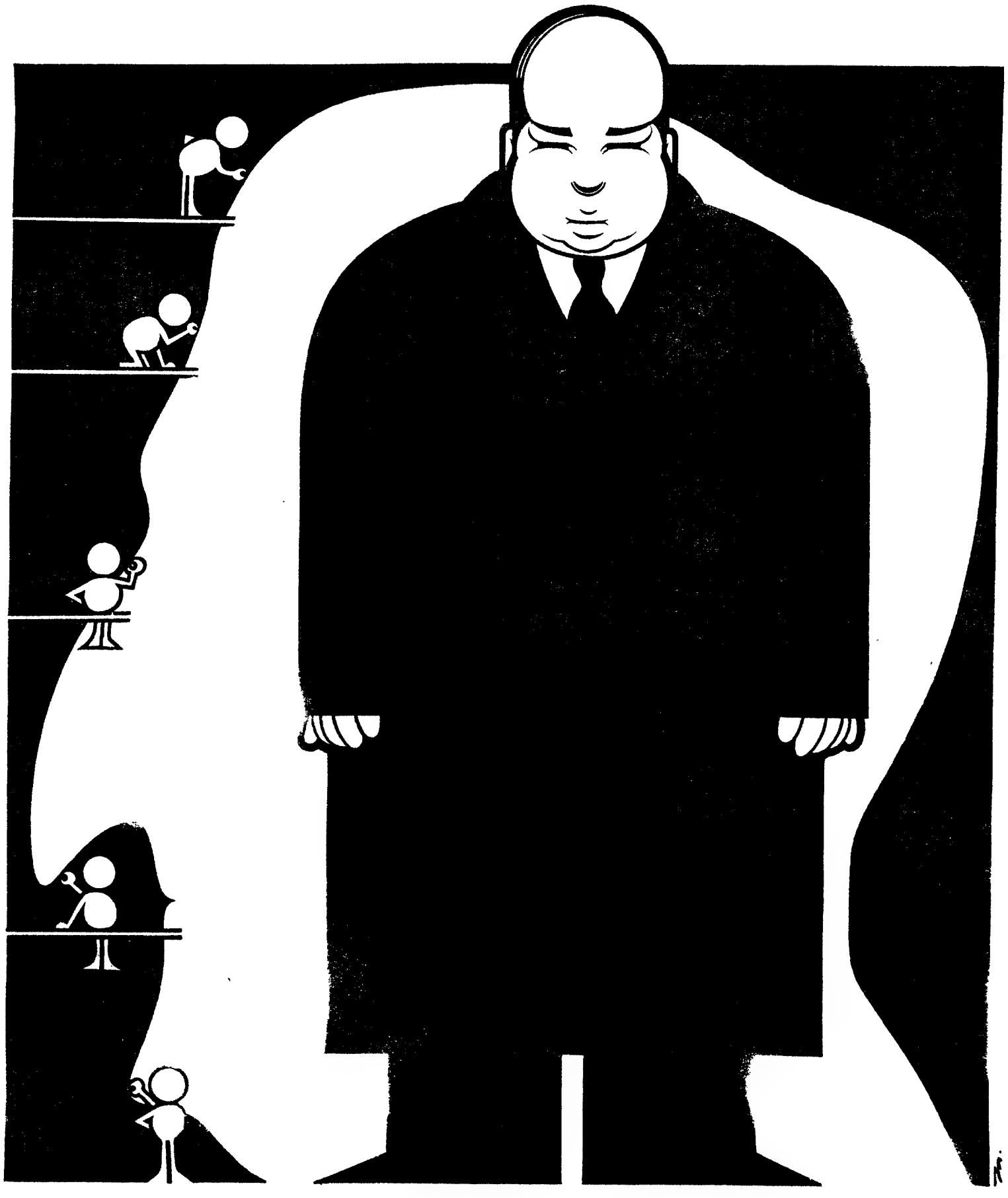
E porque não fechar a entrevista também pelas palavras de Fernanda de Castro se, 50 anos mais tarde foi também assim que me sucedeu?

Aqui está:

Saí finalmente, cá fora preocupou-me ainda um momento a ansiedade que pressentia no lamento da poetisa. Depois a vertigem da rua tomou-me todo e lá fui à minha vida tranquilamente, sossegadamente.

JOAQUIM LETRIA

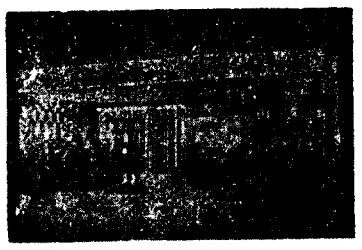
P. S. — Pedimos a Fernanda de Castro que escrevesse, hoje pela óptica da década de 70, umas linhas sobre Virgínia Vitorino. Simpàticamente, Fernanda de Castro prontificou-se a fazê-lo mas um subito agravamento no estado dos seus olhos veio ditar a proibição médica de qualquer leitura ou momento de escrita. Lamentamos não poder oferecer essas linhas aos nossos leitores. Estamos gratos, de qualquer modo, a Fernanda de Castro.



ANTONIO FERRO

Hotel Rex

PRIMEIRA CLASSE



O HOTEL MAIS SOSSEGADO E CENTRAL DE LISBOA

Privilegiada situação sobre o Parque Eduardo VII — Vista Panorâmica sobre Lisboa e o Rio Tejo, desfrutável de todas as varandas privativas dos seus quartos — 70 quartos isolados e alcatifados, com rádio, telefone e banho completo privativo, 9 «suites» com o mais completo conforto.

SERVIÇO ESMERADO

Ambiência artística. Características de excepção e preços acessíveis para um Hotel de 1.ª classe. Preços especiais para longas estadias. O Hotel preferido pelas famílias portuguesas. Gratuitidade de estadia às crianças até 3 anos. Venha a Lisboa e entregue os seus filhos ao nosso cuidado

LISBOA
RUA CASTILHO, 169-169-A

Tele | fones: 68 21 61/5
gramas: GAROTEL

RESTAURANTE E BAR RECENTEMENTE INAUGURADOS, NUM AMBIENTE REQUINTADO E TRADICIONAL

ESPECIALIDADES

Bife tártaro * Poulet Flambé ou «au Champagne» * Spaghetti alla Bolognese * Fonduo Bourgignonne * Irlha Coffee

Cozinha d'El-Rey

RESTAURANTE

AR CONDICIONADO

Indústrias Térmicas Nunes Correia, S.A.R.L.

AR CONDICIONADO

Carrier

REFRIGERAÇÃO

LISBOA — R. do Alecrim, 29
PPCA - 30901

PORTO — R. da Firmeza, 482
Tel. 28034

Decolir

• MÓVEIS
• DECORAÇÕES
• ANTIGUIDADES

RUA DE D. ESTEFÂNIA, 121 - A
TELEF. 41304 LISBOA

TELEF. 32 67 33 e 3 55 95

AUTO-CAIS DO SODRÉ, LDA.

Acessórios para Automóveis
Óleos, Massas e Valvulinas

PNEUS E CÂMARAS DE AR
RECAUCHUTAGEM E VULCANIZAÇÃO
Pr. Duque da Terceira, 9
LISBOA

Luso Eléctrica

EQUIPAMENTO

ELÉCTRICO
INDUSTRIAL
ELECTRÓNICO
SEGURANÇA
MOTORES
DIESEL
MARINHA
EXÉRCITO
AERONÁUTICA
PETROQUÍMICA

Sociedade Luso Eléctrica Limitada

CALÇADA MARQUÊS DE ABRANTES, 11-13
Telefones: 668061/673106/668066/678091
(15 linhas)

somélar

SOCIEDADE MERCANTIL DE REPRESENTAÇÕES, LDA.

Artigos para o lar: Domésticos e Electrodomésticos ★ Baixelas e Baterias de Cozinha para a indústria Hoteleira ★ Sortimento completo de vidros e Cristais ★ Talheres ★ Artigos de Menage e de Fantasia para Brindes.

DEPOSITÁRIO DA AFAMADA MARCA ALEMÃ METAL FORTEMENTE PRATEADO E CROMAGEM INOXIDÁVEL PARA A INDÚSTRIA HOTELEIRA

WMF

69, RUA DA VITORIA, 71 — TELEFONES 321274-30684 — LISBOA

Polaria pampas

PELES — MALAS
GABARDINES
ARTIGOS DE VIAGEM
ÚLTIMOS MODELOS

R. DA CONCEIÇÃO

Câmara Municipal de Lisboa

6.ª REPARTIÇÃO — INFORMAÇÃO, ESPECTÁCULOS E TURISMO

PUBLICAÇÕES TURÍSTICAS

MONOGRAFIAS DE ARTE E TURISMO: «Portas e Brasões de Lisboa», por Luís Ferros Ponce de Leão; «O Tejo», por Mário Pires; «Parque Municipal de Turismo e Campismo», por Janine Quintin e João Pina Vidal; «Monumentos de Lisboa», por Ester de Lemos e Maia Atayde; «Miradouros de Lisboa», por João Pina Vidal; «Jardins de Lisboa», por Natércia Freire; «Alfama», por João Pina Vidal; e «Arcos de Lisboa», por Gustavo Matos Sequeira.

AO PREÇO DE 7$50 CADA

OUTRAS PUBLICAÇÕES:

«Lisboa», de Luís Teixeira, ao preço de	15$00
«Lisboa-Roteiro Turístico», ao preço de	12$50
«Lisbonne et son charme», ao preço de	25$00
«Lisbona e suoi incanti», ao preço de	25$00

ESTABELECIMENTOS
ALFREDO PIRES FORRA, LDA.

TUDO PARA A INDÚSTRIA DE CALÇADO

Pelarias finas para calçado, vestuário e malas

LISBOA
Poço do Borratém, 32
Telef. 86 66 34

ESCRITÓRIO
Av. Almirante Reis, 94-1.º
Telef. 55 30 27

PORTO
Rua das Fontainhas, 23
Telef. 3 08 26

Sapataria ORION

Sempre as últimas novidades para SENHORA e HOMEM

Rua Garrett, 42 — LISBOA

TODOS OS ARTIGOS VENDIDOS COM FACILIDADES DE PAGAMENTO

ARMANDO SOARES, LDA.

Fundada em 1943

RUA PASCOAL DE MELO, 64-2.º Dt.º — Telef. 48692
LISBOA

ARCÁDIA

PASTELARIA — SALÕES DE CHÁ
FABRICO ESPECIAL DE BOMBONS

ARCÁDIA

63 — PRAÇA DA LIBERDADE — 65
PORTO

PARA SI OU PARA AS SUAS OFERTAS

ENCONTRA NA CASA ANGULO

RUA DA PRATA, 148

Aparelhos Fotográficos de Cinema e de PROJECÇÃO

- BINÓCULOS, TELESCÓPIOS E MICROSCÓPIOS
- BARÓMETROS, TERMÓMETROS, BÚSSOLAS, ETC.
- GRANDE VARIEDADE DE ARTIGOS PARA BRINDE
- BRINQUEDOS — VARIADOS ARTIGOS DE TABACARIA, PAPELARIA E LIVRARIA.

Grande variedade de aparelhos fotográficos de Cinema e de projecção, provenientes de trocas.

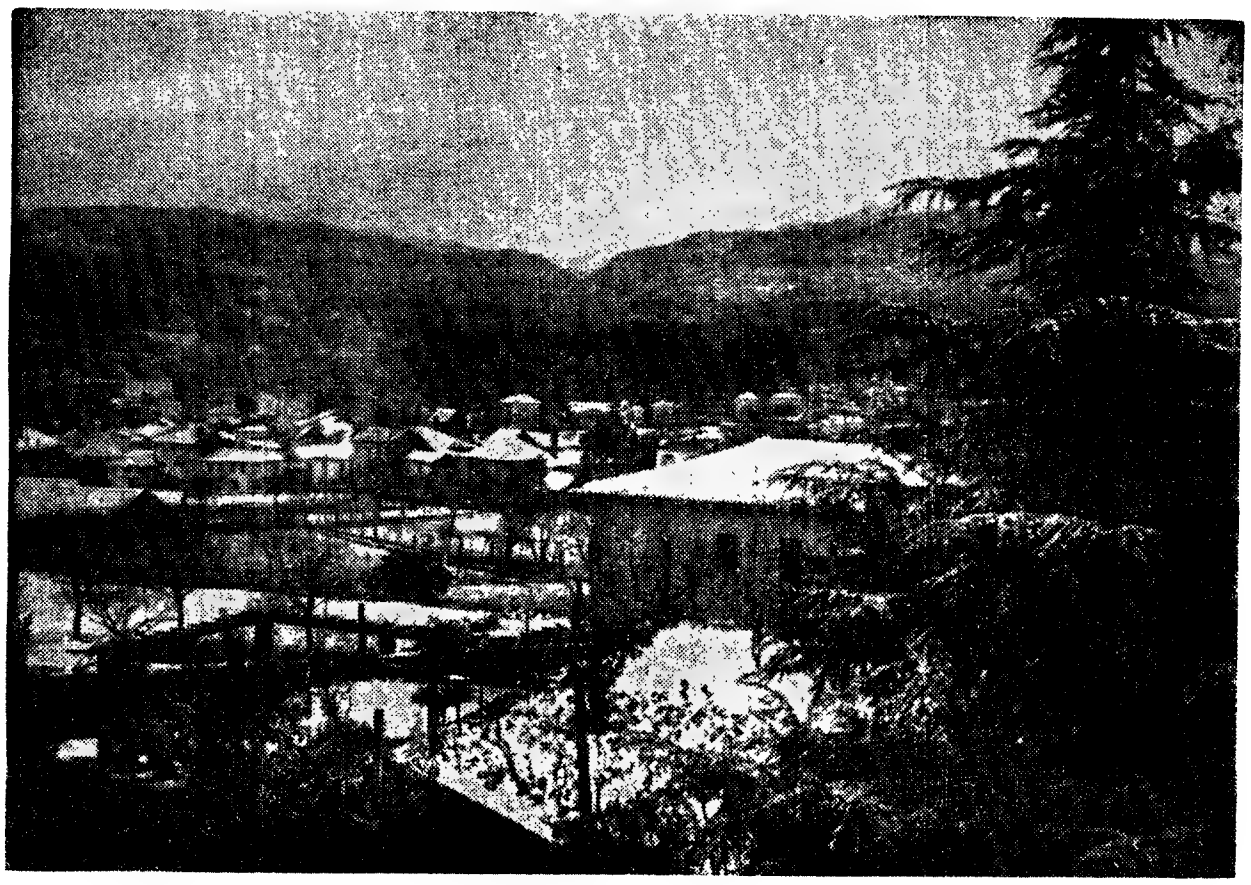
A UNIÃO

VIDROS E ESPELHOS
DE TODAS AS QUALIDADES
E PARA TODOS OS FINS

RUA LUZ SORIANO, N.º 23-A LISBOA
Telefones: 3 30 54/5/6/7

Fornecedora das mais importantes obras do País
Especializada em fornecimentos para estabelecimentos

SANTA COMBA DÃO



50 ANOS DEPOIS

1 — A entrada da Beira Alta, a 180 metros de altitude, na margem esquerda do Rio Dão, instalou-se, desde longa data, a vila a que chamaram Santa Comba Dão. Em 1940, o concelho (rural de 3.ª ordem, como hoje) registava uma população de 13 342 habitantes. Vinte anos depois, pelo censo de 1960, esse número não ia além de 13 723. A vila-sede tinha na primeira daquelas datas cerca de 2300 habitantes, e na segunda mais 267.

Com uma área total de 115 km2, compreende oito freguesias (Couto do Mosteiro, S. João de Areias, S. Joaninho, Óvoa, Vimieiro, Pinheiro de Ázere, Santa Comba Dão e Treixedo), e 52 lugares e povoações, confina com os concelhos de Tondela, Tábua, Penacova, Mortágua e Carregal do Sal, e é sede de comarca destes dois últimos municípios.

2 — «*Partiu para o Congo Belga a cuidar dos seus importantes negócios comerciais, o nosso estimado conterrâneo e amigo sr. Arnaldo de Lemos*», lê-se na local do «Diário de Lisboa», referente a Santa Comba Dão, há cinco décadas. Um destino que se repete. A emigração é um dos fenómenos mais nítidos do concelho. Hoje, rumo àquele país africano ex-belga, mas sobretudo em direcção á Europa do capitalismo desenvolvido (França, Alemanha e Luxemburgo), todos os caminhos são utilizados. Os processos de emigração legal têm aumentado sucessivamente nos últimos quatro anos. Em 1967, pela secretaria da Câmara Municipal passaram 74 processos de emigração, número que subiu para 107, 106 e 136, nos três anos seguintes.

— *Mas esses números estão longe da verdade. Há muita emigração clandestina, e outros que vão com passaporte turístico ficam lá* — dizia-nos o sr. Henrique Almeida Gonçalves, funcionário público reformado.

Começam, assim, a surgir os primeiros campos abandonados, contribuindo para a crise permanente do sector agrícola, e explicando o baixíssimo aumento da população concelhia.

3 — Apesar da crise crónica da agricultura, é dela que vive a maioria da população. Da população que fica na terra.

— *Sou rendeiro. Tenho estas terras, e umas mais acima* — dizia-nos o sr. António João de Oliveira, apontando para Oeste, e logo adiantando: — *Pago quatro alqueires de milho por esta. Em dinheiro é 120$00. Amanho as outras, e pago 1200$00 por ano.*

— Vive só da terra?

— *Sou trolha. Trabalho três ou quatro dias na arte, e o resto no campo.*

Sem perspectivas na agricultura, o nosso entrevistado socorre-se também da sua actividade na construção civil. Até porque esta lhe serve para ir á estranja «endinheirar-se».

— *Já estive em França. Lá trabalhei de pintor. Agora vim, porque não podia trabalhar esta época, mas talvez volte.*

De enxada em punho, ele, a mulher a filha, um compadre e a comadre, não cessavam de lavrar o pequeno talhão de terra. Empresa agrícola quase só destinada ao consumo familiar, como tantas outras, como quase todas sem futuro.

— Quanto paga por dia aos seus amigos?

— *É por troca. Na 2.ª feira vou eu e a minha mulher amanhr as terras dele. Aqui um homem ganha 50$00, e uma mulher 30$00. E ainda tem direito á merenda e jantar. Mas para o ano entrego metade das terras.*

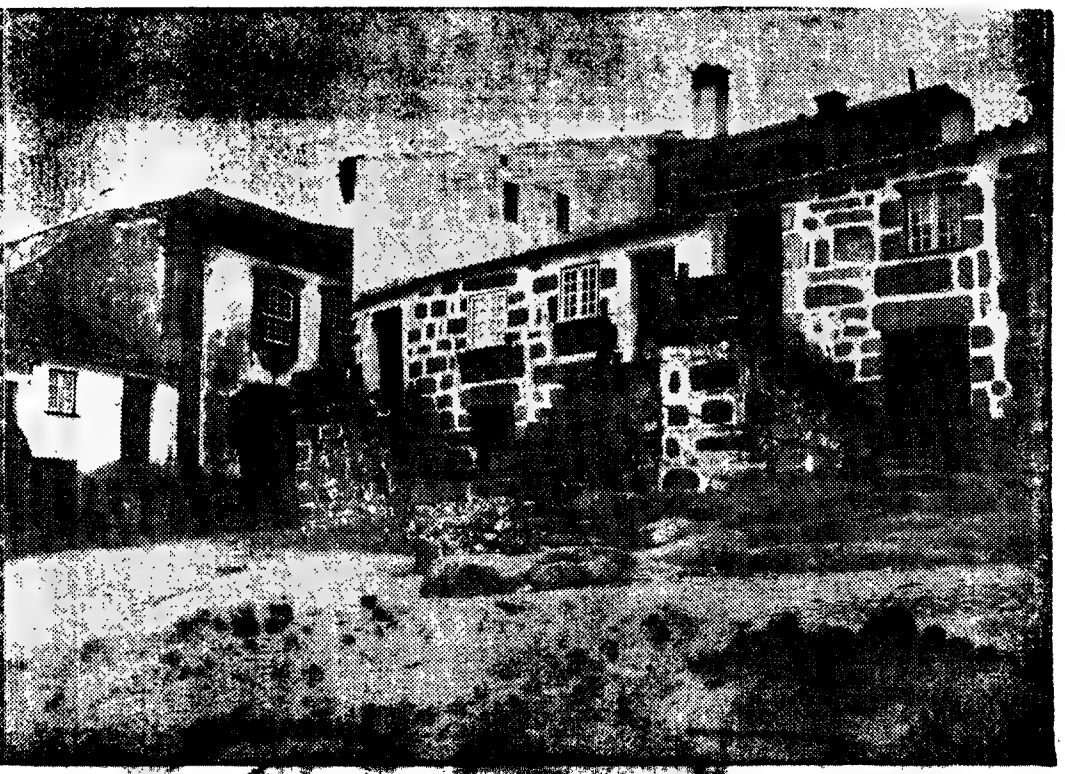
Entrega metade, e vai a França. Onde o trabalho não é pago com trabalho, mas com francos.

6 — O azeite e o vinho são as principais produções do concelho. Este ano, foi ano-não para o azeite. Num concelho com sete lagares, só funcionaram dois. E quanto á produção do vinho, vem diminuindo significativamente, segundo nos informou o sr. António Fernandes Viegas, presidente da direcção da Adega Cooperativa de Santa Comba Dão. A responsabilidade de tal facto atribui-se ao abandono de vinhas e terras de cultura, e á plantação sucessiva de pinheiros e eucaliptos onde existia a vinha.

Criada por escritura em 1964, só cinco anos depois aquela Adega iniciou a laboração.

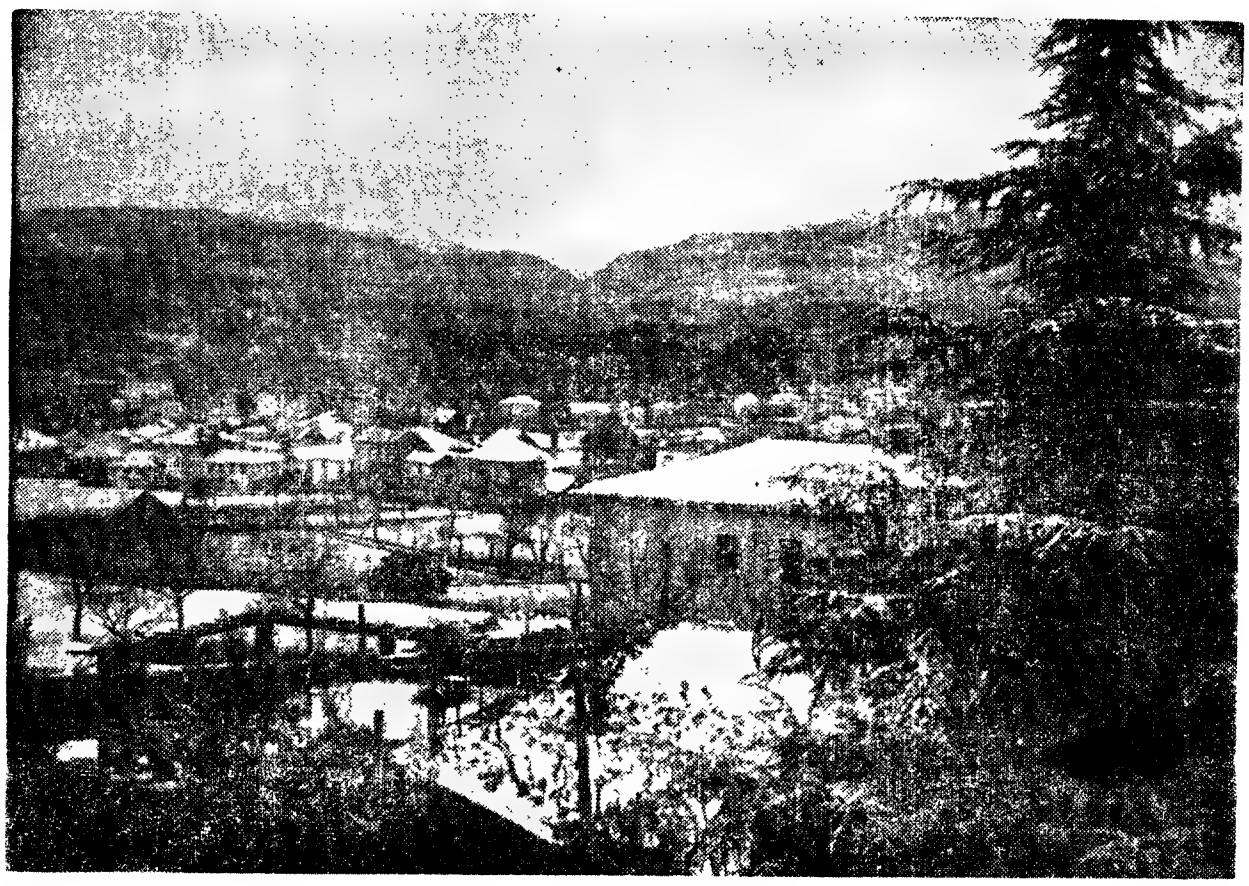
(Continua na página seguinte)

António João de Oliveira, rendeiro em Santa Comba Dão e operário de construção civil em França



Um trecho de Santa Comba Dão. Ca[illegible] feitas em granito, não oferecem todavia as melhores condições de habitabilidade

SANTA COMBA DÃO



50 ANOS DEPOIS

1 — A entrada da Beira Alta, a 180 metros de altitude, na margem esquerda do Rio Dão, instalou-se, desde longa data, a vila a que chamaram Santa Comba Dão. Em 1940, o concelho (rural de 3.ª ordem, como hoje) registava uma população de 13 342 habitantes. Vinte anos depois, pelo censo de 1960, esse número não ia além de 13 723. A vila-sede tinha na primeira daquelas datas cerca de 2300 habitantes, e na segunda mais 267.

Com uma área total de 115 km2, compreende oito freguesias (Couto do Mosteiro, S. João de Areias, S. Joaninho, Óvoa, Vimieiro, Pinheiro de Ázere, Santa Comba Dão e Treixedo), e 52 lugares e povoações, confina com os concelhos de Tondela, Tábua, Penacova, Mortágua e Carregal do Sal, e é sede de comarca destes dois últimos municípios.

2 — «*Partiu para o Congo Belga a cuidar dos seus importantes negócios comerciais, o nosso estimado conterrâneo e amigo sr. Arnaldo de Lemos*», lê-se na local do «Diário de Lisboa», referente a Santa Comba Dão, há cinco décadas. Um destino que se repete. A emigração é um dos fenómenos mais nítidos do concelho. Hoje, rumo àquele país africano ex-belga, mas sobretudo em direcção á Europa do capitalismo desenvolvido (França, Alemanha e Luxemburgo), todos os caminhos são utilizados. Os processos de emigração legal têm aumentado sucessivamente nos últimos quatro anos. Em 1967, pela secretaria da Câmara Municipal passaram 74 processos de emigração, número que subiu para 107, 106 e 136, nos três anos seguintes.

— *Mas esses números estão longe da verdade. Há muita emigração clandestina, e outros que vão com passaporte turístico ficam lá* — dizia-nos o sr. Henrique Almeida Gonçalves, funcionário público reformado.

Começam, assim, a surgir os primeiros campos abandonados, contribuindo para a crise permanente do sector agrícola, e explicando o baixíssimo aumento da população concelhia.

3 — Apesar da crise crónica da agricultura, é dela que vive a maioria da população. Da população que fica na terra.

Sou rendeiro. Tenho estas terras, e umas mais acima — dizia-nos o sr. António João de Oliveira, apontando para Oeste, e logo adiantando: — *Pago quatro alqueires de milho por esta. Em dinheiro é 120$00. Amanho as outras, e pago 1200$00 por ano.*

— Vive só da terra?

— *Sou trolha. Trabalho três ou quatro dias na arte, e o resto no campo*

Sem perspectivas na agricultura, o nosso entrevistado socorre-se também da sua actividade na construção civil. Até porque esta lhe serve para ir á estranja «endinheirar-se».

— *Já estive em França. Lá trabalhei de pintor. Agora vim, porque não podia trabalhar esta época, mas talvez volte.*

De enxada em punho, ele, a mulher a filha, um compadre e a comadre, não cessavam de lavrar o pequeno talhão de terra. Empresa agrícola quase só destinada ao consumo familiar, como tantas outras, como quase todas sem futuro.

Quanto paga por dia aos seus amigos?

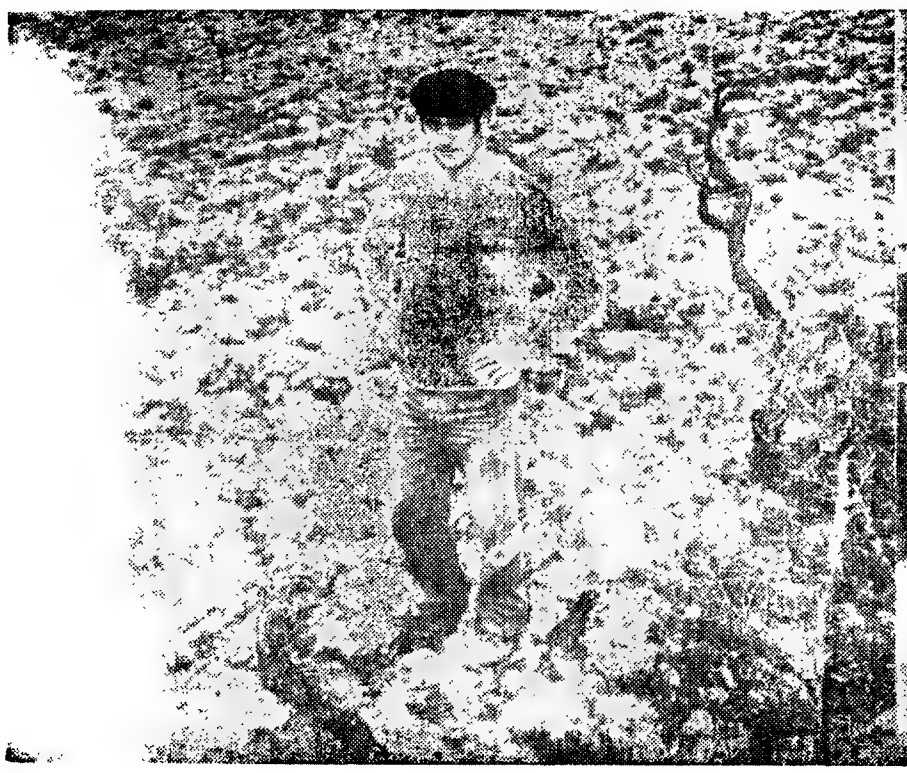
É por troca. Na 2.ª feira vou eu e a minha mulher amanhar as terras dele. Aqui um homem ganha 50$00, e uma mulher 30$00. E ainda tem direito á merenda e jantar. Mas para o ano entrego metade das terras.

Entrega metade, e vai a França. Onde o trabalho não é pago com trabalho, mas com francos.

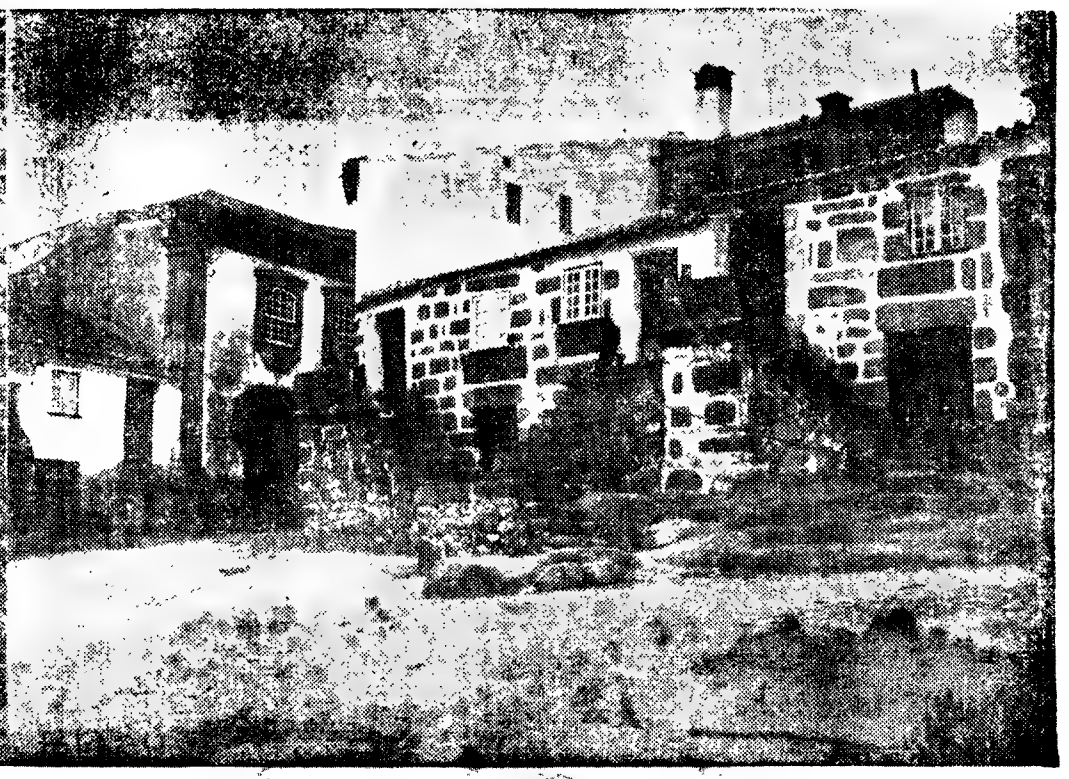
6 — O azeite e o vinho são as principais produções do concelho. Este ano, foi ano-não para o azeite. Num concelho com sete lagares, só funcionaram dois. E quanto á produção do vinho, vem diminuindo significativamente, segundo nos informou o sr. António Fernandes Viegas, presidente da direcção da Adega Cooperativa de Santa Comba Dão. A responsabilidade de tal facto atribui-se ao abandono de vinhas e terras de cultura, e á plantação sucessiva de pinheiros e eucaliptos onde existia a vinha.

Criada por escritura em 1964, só cinco anos depois aquela Adega iniciou a laboração.

(Continua na página seguinte)



António João de Oliveira, rendeiro em Santa Comba Dão e operário de construção civil em França



Um trecho de Santa Comba Dão. Os casais beirões de granito não oferecem todavia, as melhores condições de habitabilidade

— Qual o motivo desta demora no funcionamento da Adega? — perguntámos àquele dirigente cooperativista, que logo respondeu:

— *A maior parte da demora deve-se a questões financeiras. Depois, os lavradores são desconfiados. É quase preciso andar de porta em porta.*

Dos 120 sócios fundadores, só 49 meteram vinho na Adega no primeiro ano da sua entrada em funcionamento, e 83 no segundo.

— *Houve 60% de aumento de sócios, e 100% de aumento na produção do vinho* — concluiu o nosso interlocutor que, de novo, apontou como problema essencial da cooperativa, o crédito. — *É que enquanto se não vende o vinho, a gente precisa de dar dinheiro aos sócios.*

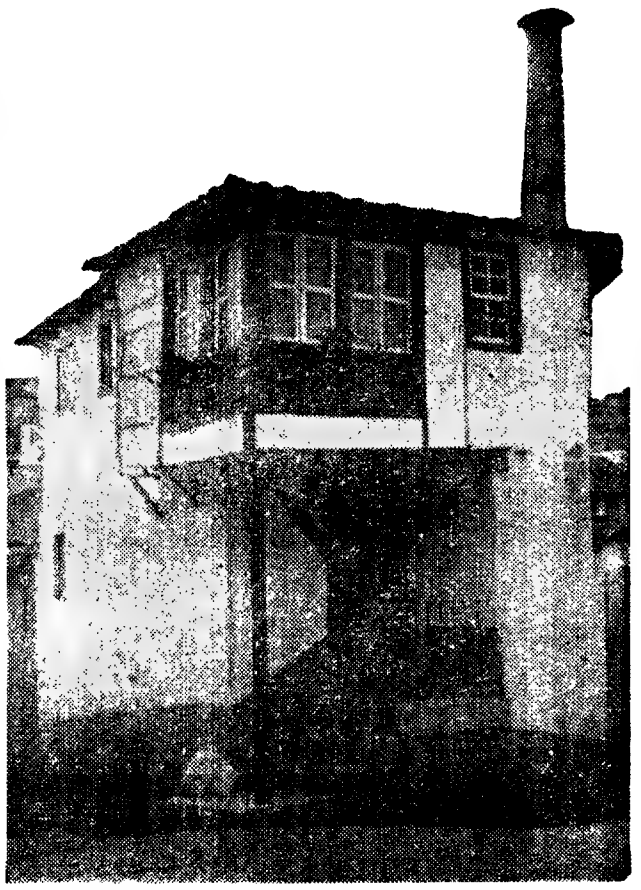
Ao lado destes dois produtos, um outro sector está bastante desenvolvido: — o dos avicultores. Cinco mil e quinhentos ovos por dia destinados a consumo, produzem as 7500 galinhas de postura de um dos diversos aviários do concelho. Ovos destinados a Sintra. Ovos e galinhas que não mobilizam muita mão-de-obra. Tal como a indústria, que não gerou senão um baixo índice de problematização.

7 — Uma única empresa se ocupa da produção de lã de aço (648 toneladas anuais), rações (144 toneladas), azeite (100 mil litros) e torrefacção (30 toneladas) mobilizando um total de 29 mulheres e nove homens.

Fábricas de malhas (quase exclusivamente trabalho feminino) e de serração (com mão-de-obra masculina), são outras tantas das tímidas indústrias instaladas no concelho.

Tímidas e em crise.

Nos últimos dez anos desapareceram três serrações (trabalho aproximado para 200 homens e 20 mulheres), uma serralharia civil e mecânica (cerca de 50 operários), uma resineira (dava trabalho a 30 homens), uma fábrica de curtumes e outra de sabão (com 20 trabalhadores cada uma).



Três vistas parciais de Santa Comba Dão

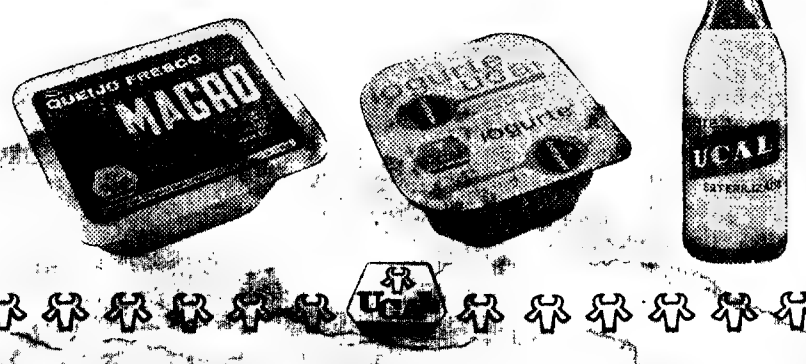
SEJA ESBELTA!

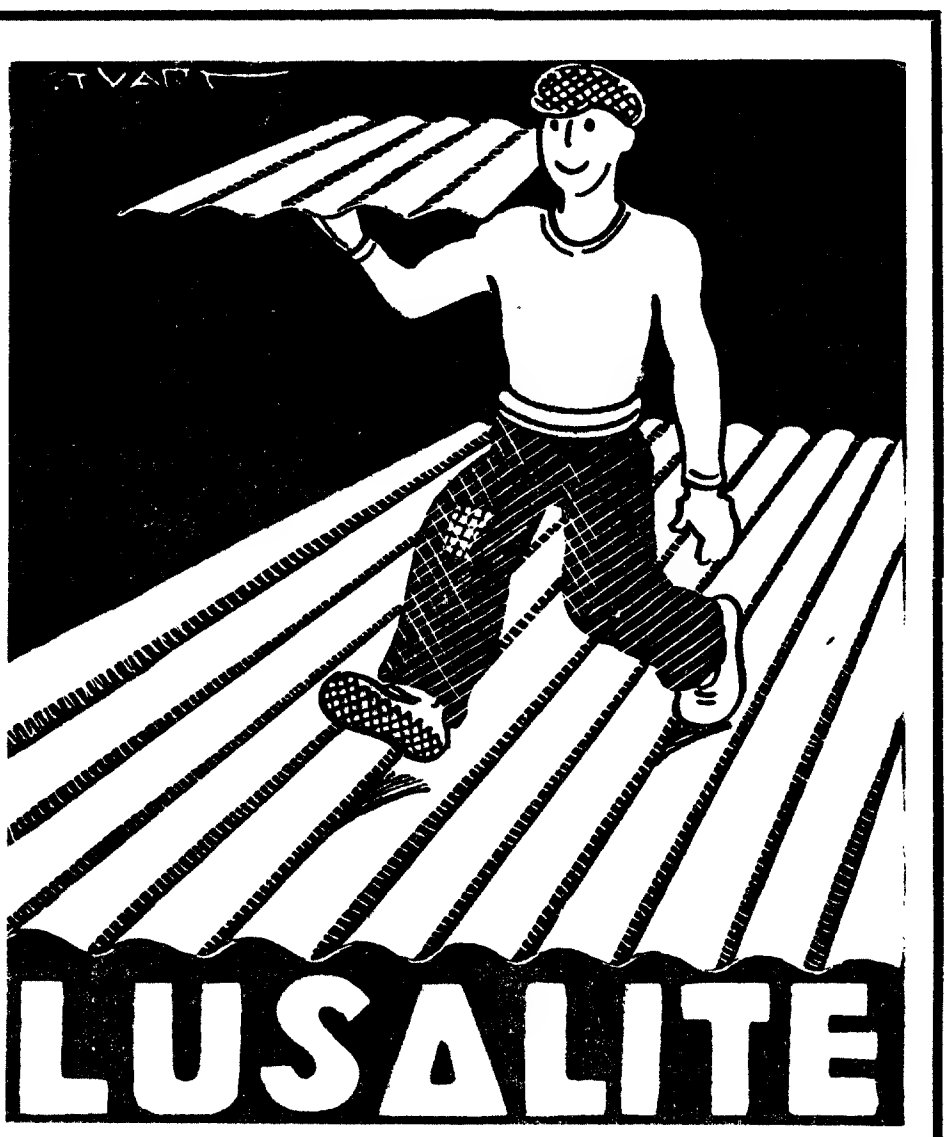
*

garantimos-lhe um verdadeiro iogurte, o melhor queijo e leite esterilizado sem qualquer gordura

*

* LINHA MAGRA UCAL





LUSALITE – Sociedade Portuguesa de Fibro-Cimento, S.A.R.L.

SEDE E FÁBRICA: CRUZ QUEBRADA

Escritórios: Rua de S. Nicolau, 123 — Lisboa-2 — Telef. 322091/5

Por isso os homens partem. Legalmente ou «a salto». Partem com sonhos de regresso, deixando os campos, que a indústria não oferece os dinheiros de França.

8 — Sem infantários ou centros de assistência materno-infantil, Santa Comba dispõe, todavia, de um Hospital da Misericórdia, quase sempre lotado, com 42 camas, e um corpo clínico constituído por quatro médicos, um cirurgião e dois assistentes, além de especialistas que prestam consultas diversas.

Em breve, entrará em funcionamento um Dispensário de Assistência á Tuberculose, pois, registam-se alguns casos desta doença no concelho.

De resto, o Hospital sofre das mesmas dificuldades (principalmente económicas) semelhantes ás de muitos outros espalhados pelo País.

Com três médicos residentes na vila, Santa Comba beneficia, entretanto, de seis advogados.

É, como já dissemos, sede de comarca, e possui actualmente um Palácio da Justiça moderno, de que as gentes da terra se orgulham.

9 — Sem escolas técnicas oficiais, nem liceus, tem ao seu serviço um colégio particular. Frequentam-no 180 alunos do 1.º ao 7.º ano liceal, e 13 alunos no curso geral do comércio. À noite, há também aulas, para 12 alunos, trabalhadores durante o dia. As propinas vão de 1170$00 a 1900$00 por trimestre, havendo descontos no caso de alunos que sejam irmãos. Os cursos nocturnos, entretanto, custam 300$00 mensais.

E de vida cultural, pouco mais. Não há cinema. Não há espectáculos. Não há teatro há muitos anos.

Há uma biblioteca municipal que só funciona de noite. Há três filarmónicas. E há um jornal. Impresso na Figueira da Foz, tem o nome de «Defesa da Beira».

10 — Santa Comba Dão. À entrada da Beira Alta. Servida pela linha dos caminhos de ferro com o mesmo nome (até á Guarda), e pelo ramal do Dão (até Viseu). Carreiras de caminhetas entre Coimbra e Viseu, atravessam o concelho. Ponto de passagem. Mesmo para os naturais, que o seu destino é a emigração.

Pouco mudou no concelho. Menos no custo de vida. Esse subiu.

Casas com rendas de 500 a 700 escudos são caras para o meio. Mas há palacetes vagos no Rossio de Santa Comba, enquanto diante deles, na mesma praça, as casas beiroas de granito não oferecem as melhores condições de vida.

Nem as casas. Nem a terra. Por isso se vai despovoando. Por isso Santa Comba é um ponto de passagem. Uma fonte de emigrantes. Em 1971. À entrada da Beira Alta.

JOSÉ A. SALVADOR

GALBÃO
ELEGANCIA E QUALIDADE
MALAS — PELES
ARTIGOS DE VIAGEM
R. Augusta - LISBOA

Joalharia Cunha
(J. N. CUNHA, Lda)
OURO — PRATAS
JÓIAS — RELÓGIOS
Rua Áurea, 197-201
Telef 32 07 30 — LISBOA

PANCADA MORAES & C.ª
BANQUEIROS
37, RUA AUGUSTA — LISBOA
DEPÓSITOS À ORDEM E A PRAZO
Guarda e administração de valores. Execução de Ordens de Bolsa, no País e Estrangeiro. Compra e venda de cheques e ordens de pagamento sobre Praças Estrangeiras Aberturas de crédito para Importação e Exportação. Cheques de viagem. Desconto de letras sobre o País e Estrangeiro. Serviço de Informações sobre Títulos. Câmbios e Comércio Externo
CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAIS PRAÇAS ESTRANGEIRAS

COMO ESCOLHE A SUA AGÊNCIA DE PUBLICIDADE ?...

Receamos correr muitos riscos, se usar qualquer dos dois primeiros sistemas.
Pedimos-lhe que, nesses casos, não nos consulte.

CM PUBLICIDADE
Av. Marques de Tomar, 7, 4º - Tel. 53 49 39 - 53 49 07 - 53 48 58 - Lisboa - 1

REDESCOBERTA DE ANGOLA NA DÉCADA DE SESSENTA

ENG.º PIMENTEL DOS SANTOS

Angola, 50 anos depois. Mudaram as coordenadas políticas internacionais, mudou a fisionomia geográfica e humana do território, mudaram radicalmente os princípios orientadores da sua economia. Em 1921, o general Norton de Matos, tido como um dos homens que melhor viram e mais amplamente dissecaram a problemática colonial, assumiu, com poderes latos, o cargo de alto comissário para um dos mais ricos e extensos territórios africanos, que resistira, durante os anos atribulados da Primeira Grande Guerra, às pretensões alemãs mantendo-se afecto á República Portuguesa.

Bem se pode dizer que as riquezas imensas do território conservaram-se intactas, ocultas, inexploradas até finais da década de 50. Uma economia estagnada, uma colonização diminuta, a manutenção perigosa de certos privilégios que em pouca conta tinham os problemas latentes das populações nativas e europeias menos favorecidas.

Depois, a guerra. De surpresa, sideral para uma população metropolitana na verdade muito afastada dos problemas do Ultramar. Uma guerra consequência de fortes movimentos anticolonialistas verificados após a Segunda Grande Guerra Mundial. Uma guerra que se mantém.

A guerra despertou tudo e todos para os problemas sócio-económicos prementes. O progresso tornou-se uma questão de vida ou de morte para os princípios básicos em que assentou, desde o início, a defesa do território. Começou a planificação. Derrubaram-se certas barreiras burocráticas. Abriram-se as portas aos capitais e á iniciativa estrangeira. Entre bombas, minas, emboscadas, combates, lutas na selva, nasceram universidades, fizeram-se barragens, aumentaram-se portos, abriram-se estradas e um ritmo impressionante, adaptaram-se caminhos de ferro ás necessidades imperiosas dos minérios e da defesa. Nasceu o transporte aéreo moderno, construíram-se aeroportos. Cidades pequenas evo-

um arranque de prestígio...
com a classe de BMW !

Quando um BMW arranca acompanham-no
dezenas de olhos e, no ar, fica uma onda de comentários!
Enfim!... a classe e a distinção têm destes inconvenientes!...
Conduzir BMW é deixar atrás uma ponta de inveja!

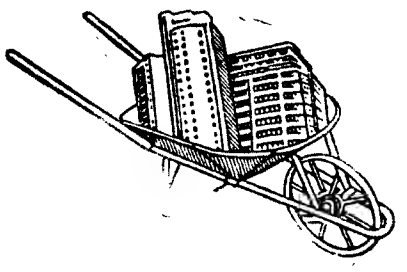
razer de conduzir

Sociedade Comercial e Industrial de Automóveis FRANCISCO BATISTA RUSSO & IRMÃO, S.A.R.L.
Lisboa, Porto, Setúbal, Leiria e Faro. Agentes em todo o País.

COMECE A PRIMAVERA
COM AS NOVAS COLECÇÕES
DA
LOJA DAS MEIAS
ROSSIO, 1 — LISBOA

EXTERNATO GIRASOL
Infantil e primário
ambos os sexos
transporte em autocarro próprio
Av. da República, 60-1.º E. e Dt.º
Tel. 764206 - 769041
LISBOA

F. FERNANDES & COSTA LDA.



(MEDIADORES AUTORIZADOS)
NA COMPRA VENDA
E HIPOTECA
DE PROPRIEDADES
Av. Almirante Reis, 104-2.º
Telefone 53 61 11/2/3

luíram com enorme rapidez. Mal se começou a cogravatar o solo, jorrou o petróleo, os diamantes, o ouro, o urânio, o ferro. A agricultura mecanizou-se, fora dos regimes extensivos ainda praticados pelos autóctones. O redimento «per capita» subiu, em dez anos, mais do que nos cinquenta anteriores. A explosão escolar é uma realidade. E, contudo, muita coisa está por fazer.

Qual o futuro de Angola? Para já, a certeza de ser o mais rico, em potência, dos territórios africanos. Um dos mais discutidos da actualidade internacional. Pede toda uma História tão empolgante como dramática. De qualquer modo, todo um futuro fabuloso, pelas potencialidades ímpares do território.

EVOLUÇÃO MAIS ESPECTACULAR: A REDE RODOVIÁRIA

Lógico, portanto, que procurássemos saber, com a possível objectividade e actualidade, a situação dos problemas focados na notícia inserida no primeiro número do «Diário de Lisboa», no dia 7 de Abril de 1921. Agora, neste princípio de Abril do ano de 1971, a meio século de distância, também um redactor do «Diário de Lisboa» procurou o director-geral de Obras e Comunicações do Ministério do Ultramar, eng.º Manuel Pimentel dos Santos. Independentemente do cargo que exerce, o nosso entrevistado é um dos responsáveis pela planificação do surto económico verificado em Angola na última década, além de relator do Plano de Fomento na parte que ao mesmo diz respeito. Nascido há pouco mais de 50 anos, na cidade do Porto, o eng.º Manuel Pimentel dos Santos ascendeu sucessivamente a variados cargos em Moçambique e em Angola, sendo perito de reconhecida capacidade internacional no que á construção e conservação de estradas diz respeito. A convite da Unesco, elaborou, com mais três peritos internacionais, um manual para a construção e conservação de estradas em territórios subdesenvolvidos, nomeadamente nas regiões tropicais. Autor de 44 trabalhos de carácter técnico, publicados em muitos países.

A nosso pedido, respondeu por escrito a um grupo de perguntas através das quais procurámos, exactamente, actualizar a problemática aqui exposta quando o general Norton de Matos foi nomeado para o cargo de Alto Comissário na Província de Angola.

P. — *Em 1921, quando o general Norton de Matos foi investido no cargo de Alto Comissário para a Província de Angola, um colonial entrevistado pelo «Diário de Lisboa» dizia que o progresso futuro do território assentava num triângulo cujos vértices eram: abertura de estradas, dragagem de rios e construção de caminhos de ferro. Cinquenta anos depois, este triângulo mantém a mesma importância?*

R — A visão de Norton de Matos, rigorosamente correcta para a época, ampliou-se em função das circunstâncias presentes. Mantém-se com plena validade a importância decisiva da rede rodoviária para o progresso e valorização do território; os caminhos-de-ferro desempenham agora missões específicas ainda muito importantes, mas as características da sua utilização modificaram-se profundamente; devemos olhar para os grandes rios, que constituem uma das maiores fontes de riqueza de Angola, sob o ângulo de produtores de energia e de água para rega. E agora o quadro deve ser completado, no campo das infra-estruturas, com o papel dos grandes e médios portos marítimos, da rede de aeroportos, das telecomunicações e dos equipamentos urbanos e sociais: abastecimento de água e electricidade ás populações, cobertura escolar e sanitária.

P. — *Qual dos três vértices teve evolução mais favorável? Porquê?*

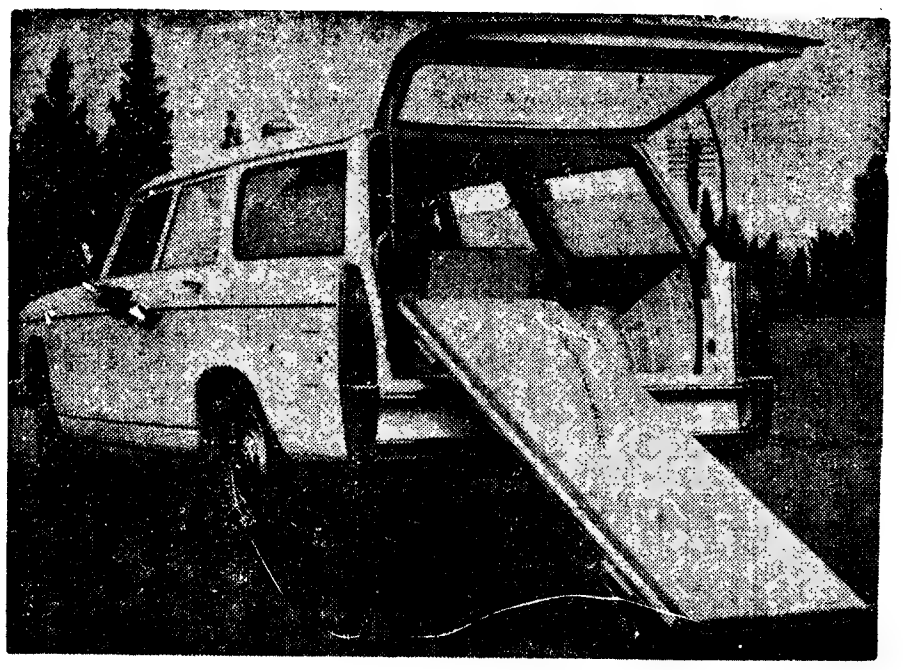
R. — A expansão mais espectacular verificou-se, sem dúvida, na construção de estradas. De 1961 para cá, passou-se de pouco mais de zero para cerca de 5000 quilómetros de estradas asfaltadas, progredindo-se a uma média de 600 quilómetros por ano, que se espera aumentar desde já para perto de 900. Tive alguma responsabilidade nas medidas que estão na base deste extraordinário desenvolvimento: a criação em 1962 da Junta Autónoma de Estradas de Angola, dotada de excelentes técnicos e dirigentes; a atribuição á Junta de vultosas e crescentes receitas provenientes da taxação dos combustíveis; e a introdução de novas técnicas de concepção e construção, com recurso á intensa aplicação de máquinas, permitindo a criação e desenvolvimento de poderosas e bem equipadas firmas empreiteiras.

ESPINHA DORSAL DA REDE FERROVIÁRIA

P. — *Quais as linhas de caminhos-de-ferro que são consideradas concluídas e em*

PEUGEOT

AMBULÂNCIA CLÍNICA



ROBUSTA RÁPIDA ECONÓMICA
SEGURA FUNCIONAL CÓMODA

MOCAR, LDA.
Av Antonio Augusto Aguiar 19
LISBOA

EMPREZA DE CIMENTOS DE LEIRIA
S. A. R. L.

CIMENTO SUPER-VULCANO

CALCINA
CAL HIDRÁULICA

PORTUGAL

SÍMBOLO DE QUALIDADE

Sede: Rua Braamcamp, 7—LISBOA

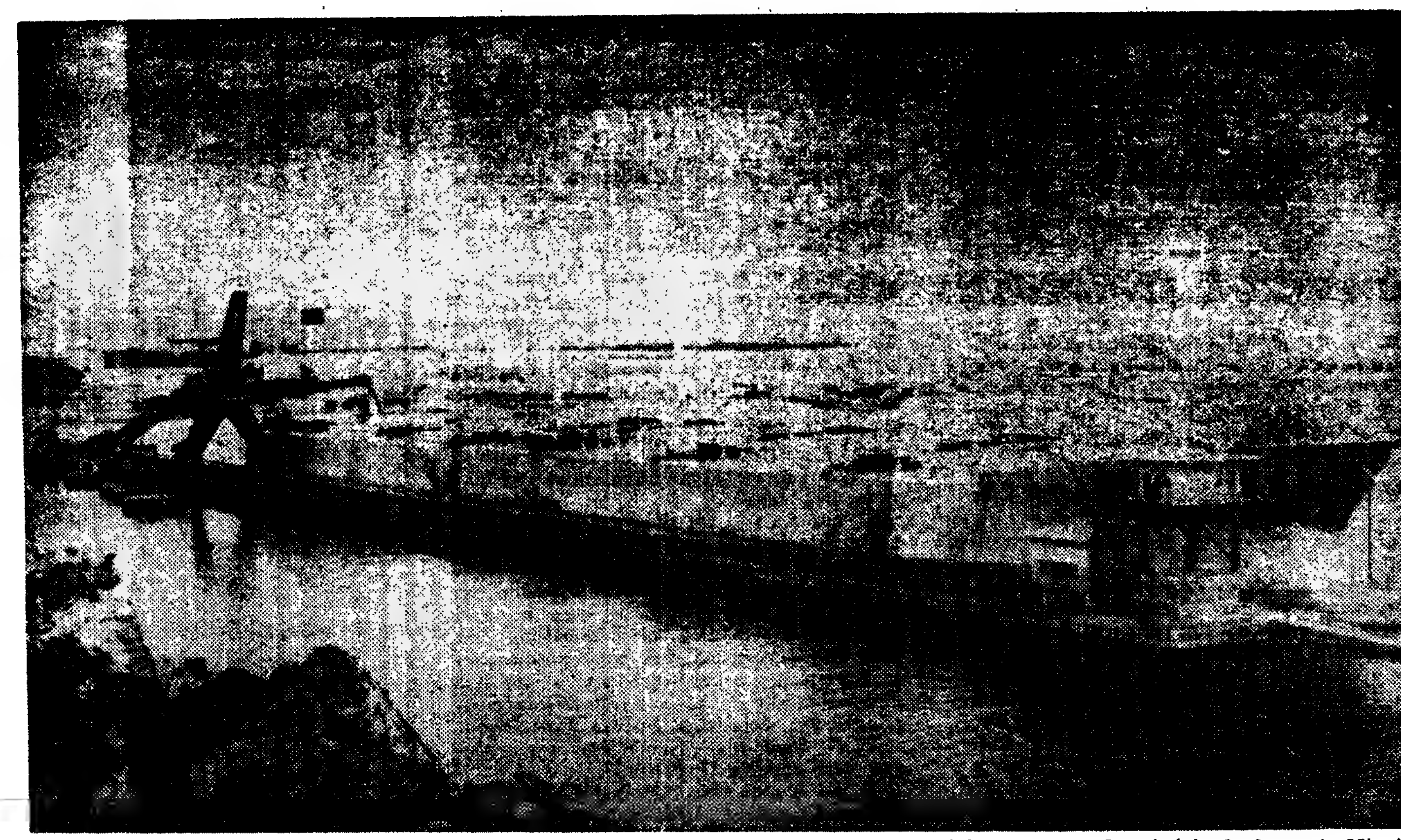
Fábrica: Maceira-Liz

condições de satisfazer as necessidades das regiões que servem?

R. — Os caminhos de ferro existentes são linhas de penetração que coincidem com três grandes eixos de desenvolvimento: o caminho-de-ferro de Luanda, desta cidade a Malange; o de Benguela, do Lobito á fronteira do Congo-Kinshasa, servindo além de Angola aquele país e a Zambia; e o de Moçâmedes, deste porto a Serpa Pinto. Em todos eles se tem registado contínuo e intenso esforço de aperfeiçoamento, quer na via, quer no material circulante e de tracção. O caminho-de-ferro de Benguela vai construir a variante do Cubal, exigindo um investimento de muitas centenas de milhares de contos, aumentando notávelmente a capacidade de transporte e beneficiando as condições de exploração; o caminho-de-ferro de Moçâmedes, num extraordinário esforço sem paralelo em território português, passou em poucos anos de 250 000 para 6 a 7 milhões de toneladas anuais o seu ritmo de transporte.

P. — *Está previsto o alargamento da rede ferroviária de Angola? Em que sentido (geográfico e económico)?*

R. — Quanto ao alargamento futuro da rede ferroviária, ele depende essencialmente das necessidades económicas das regiões interessadas. O caminho de ferro do Congo, modificado na sua concepção, directriz e finalidade, e a interligação das três grandes vias de penetração por uma espinha dorsal desde o Dondo ao caminho de ferro de Moçâmedes, permanecem no domínio das pos-



Fotografia do supermineraleiro norueguês «Tibetan» (de 150 000 toneladas deadweight), carregando minério de ferro da Mineira do Lobito em Porto Salazar (Moçamedes). Este navio carregou cerca de 141 000 toneladas de minério de ferro de Cassinga para a firma japonesa «Kawasaki Steel Co.»

adap. C.

Um carro desportivo?
Um carro utilitário?-Sim,
um carro para a sua vida.

- mais rápido e mais seguro
- estilo impecável
- maior conforto
- maior potência (52cv(din) 903cm3)

FIAT 850 SPORT COUPÉ

EM EXPOSIÇÃO E VENDA NA FIAT PORTUGUESA, S.A.R.L.
LISBOA: ... PORTO: Av. dos Aliados, 173 E EM TODOS OS AGENTES FIAT DO PAÍS

SOUZA

APRESENTA AS ÚLTIMAS NOVIDADES EM: SEDAS NATURAIS, LISAS E DE FANTASIA LÃS PARA CASACOS E FATOS SAIA E CASACO ALGODÕES, MALHAS EXTERIORES, FATOS DE BANHO E LENÇOS.

Rua Garrett, 76-78 — LISBOA — Telfs. 369101-33439

MÚSICA LIGEIRA E CLÁSSICA

AS MELHORES GRAVAÇÕES PARA OS MAIORES ARTISTAS

TAMBÉM EM

CASSETES E CARTRIDGES

DAS MAIS PRESTIGIADAS MARCAS: C. B. S. ☆ LIBERTI ☆ ERATO ☆ ARIOLA ☆ A e M ☆ ALVORADA ☆ ATLANTIC

GARANTIA DE PRODUÇÃO PERFEITA

R... TANTES EXCLUSIVOS:

RÁDIO TRIUNFO, LDA.

TESTA CAMBISTA

CÂMBIOS
LOTARIAS
TOTOBOLA

Se quer festa
jogue no TESTA

74, Rua do Arsenal, 78 — Lisboa-2

condições de satisfazer as necessidades das regiões que servem?

R. — Os caminhos de ferro existentes são linhas de penetração que coincidem com três grandes eixos de desenvolvimento: o caminho-de-ferro de Luanda, desta cidade a Malange; o de Benguela, do Lobito á fronteira do Congo-Kinshasa, servindo além de Angola aquele país e a Zambia; e o de Moçâmedes, deste porto a Serpa Pinto. Em todos eles se tem registado contínuo e intenso esforço de aperfeiçoamento, quer na via, quer no material circulante e de tracção. O caminho-de-ferro de Benguela vai construir a variante do Cubal, exigindo um investimento de muitas centenas de milhares de contos, aumentando notàvelmente a capacidade de transporte e beneficiando as condições de exploração; o caminho-de-ferro de Moçâmedes, num extraordinário esforço sem paralelo em território português, passou em poucos anos de 250 000 para 6 a 7 milhões de toneladas anuais o seu ritmo de transporte.

P. — *Está previsto o alargamento da rede ferroviária de Angola? Em que sentido (geográfico e económico)?*

R. — Quanto ao alargamento futuro da rede ferroviária, ele depende essencialmente das necessidades económicas das regiões interessadas. O caminho de ferro do Congo, modificado na sua concepção, directriz e finalidade, e a interligação das três grandes vias de penetração por uma espinha dorsal desde o Dondo ao caminho de ferro de Moçâmedes, permanecem no domínio das pos-

Fotografia do supermineraleiro norueguês «Tibetan» (de 150 000 toneladas deadweight), carregando minério de ferro da Mineira do Lobito em Porto Salazar (Moçamedes). Este navio carregou cerca de 141 000 toneladas de minério de ferro de Cassinga para a firma japonesa «Kawasaki Steel Co.»

Um carro desportivo? Um carro utilitário? - Sim, um carro para a sua vida.

- mais rápido e mais seguro
- estilo impecável
- maior conforto
- maior potência (52cv(din) 903cm³)

FIAT 850 SPORT COUPÉ

EM EXPOSIÇÃO E VENDA NA FIAT PORTUGUESA, S.A.R.L.
LISBOA - Av. Eng. Duarte Pacheco, 15 - PORTO - Av. dos Aliados, 173 E EM TODOS OS AGENTES FIAT DO PAÍS

SOUSA

APRESENTA AS ÚLTIMAS NOVIDADES EM: SEDAS NATURAIS, LISAS E DE FANTASIA LÃS PARA CASACOS E FATOS SAIA E CASACO ALGODÕES, MALHAS EXTERIORES, FATOS DE BANHO E LENÇOS.

Rua Garrett, 76-78 — LISBOA — Telfs. 369101-33439

MÚSICA LIGEIRA E CLÁSSICA

AS MELHORES GRAVAÇÕES PARA OS MAIORES ARTISTAS

TAMBÉM EM

CASSETES E CARTRIDGES

DAS MAIS PRESTIGIADAS MARCAS: C. B. S. ☆ LIBERTI ☆ ERATO ☆ ARIOLA ☆ A e M ☆ ALVORADA ☆ ATLANTIC

GARANTIA DE PRODUÇÃO PERFEITA

AGENTES EXCLUSIVOS:

RÁDIO TRIUNFO, LDA.

TESTA CAMBISTA

CÂMBIOS

LOTARIAS

TOTOBOLA

Se quer festa jogue no TESTA

74, Rua do Arsenal, 78 — Lisboa-2

sibilidades abertas a exame e eventual decisão.

P. — Os portos estão equipados de modo satisfatório?

R. — O equipamento dos portos tem de progredir permanentemente à medida das necessidades do tráfego. Porto Salazar — o porto mineraleiro de Moçâmedes — é hoje um exemplo internacional, recebendo supermineraleiros até 200.000 toneladas que carrega com minério de ferro de Cassinga á razão de 3.500 a 4.500 toneladas por hora e integrando-se no esquema dos grandes portos do Atlântico. Luanda tem a concurso a execução de mais 400 m de cais acostável e prepara-se para construir o porto de pesca e o porto mineraleiro; Lobito é a porta de entrada e saída dum vasto «hinterland» nacional e internacional cuja produção e necessidades crescem sem cessar; Cabinda tem em exploração o porto petroleiro e vai construir um novo porto para carga geral; estão a preparar-se dragagens extensivas em Luanda e Lobito; os meios de manuseamento de cargas são permanentemente aumentados e aperfeiçoados.

P. — O redactor do «Diário de Lisboa» que no dia 7 de Abril de há cinquenta anos noticiou a partida do alto comissário Norton de Matos, concluía assim: «E resumo: Angola precisa de linhas férreas, muitas linhas férreas. O aumento dos meios de transporte trará um aumento paralelo de colonização. E uma vez colonizada a Província, o progresso bate asas e conduzir-nos-á a um futuro largo, honesto, desanuviado». Meio século depois, qual a validade desta linha de pensamento?

R. — O papel antevisto para os caminhos de ferro foi em grande medida substituído pelo das estradas, permitindo esquemas de transporte mais flexíveis. Os caminhos-de-ferro mantêm o seu interesse económico fundamental no transporte de certos tipos de carga e na utilização em longas distâncias. A experiência de Angola em matéria de impacto económico produzido pela rede rodoviária é impressionante.

P. — As condições verificadas em Angola são hoje muito diferentes do que eram cinquenta anos atrás. Contudo, já nesse tempo os grandes «coloniais» diziam ser necessária a manutenção da ordem para que a Província progredisse. Paradoxalmente, parece ter sido a guerra que a despertou de um longo letargo socioeconómico. Como se explica a aparente contradição?

R. — Não me parece ser inteiramnte justa esta interpretação, embora contenha alguns laivos de realidade. Angola progrediu sempre desde há cinquenta anos para cá. O que se passou em consequência dos trágicos acontecimentos de 1961 foi a mobilização da população de Angola e da consciência da Nação portuguesa como um todo coeso consciente do verdadeiro sentido da história, aliada a um novo sentido de urgência e eficiência imprimido ás actividades publicas e particulares. Tudo isso constituiu afinal a resposta do povo português ao desafio implacável que lhe foi dirigido. Os resultados estão á vista e todos os indicadores económicos traduzem o formidável surto de progresso que ofereceu como inevitável resultado. Essa é a melhor recompensa do sacrifício estóico e silencioso da juventude portuguesa enquadrada nas forças armadas que asseguram a liberdade e a segurança da Província.

P. — Qual é o plano orientador e princípios getais das obra e comunicações a fazer (ou em curso) no território angolano?

R — Esse plano é vastíssimo e oferece multiplas facetas, como não podia deixar de ser. Está consignado e descrito no Plano de Fomento para 1967-73, recentemente revisto e actualizado no que diz respeito ao triénio 1971-73. Em termos muito breves julgo de salientar os seguintes aspectos: prosseguimento do esforço de construção de estradas; melhoria da rede ferroviária; ampliação dos portos e do seu equipamento; desenvolvimento dos meios de produção de energia, com ampliação da barragem de Cambambe, instalação de centrais de apoio térmico e realização do grandioso plano do Cunene, já em pleno desenvolvimento; disseminação dos melhoramentos urbanos e rurais, especialmente quanto á água e electricidade, reforço e desenvolvimento da rede de aeroportos e aeródromos; esforço assinalável na construção de instalações escolares, hospitalares e assistenciais; conveniente instalação dos serviços publicos.

AINDA (HOJE) O MESMO PROBLEMA: INFRA-ESTRUTURAS DE FIXAÇÃO

P. — Uma ultima pergunta: há cinquenta anos, levantava-se já o problema de poder encaminhar-se para Angola a torrente da nossa emigração. Hoje, que a torrente é maior, será de levantar o mesmo problema?

R — A emigração para o Ultramar constitui um grande imperativo nacional. Mas não deve processar-se desligada da expansão económica que permita a sua absorção e integração na sociedade multirracial equilibrada que pretendemos construir. Em particular há lugar para todos os especializados, desde operários a empreiteiros, agrónomos, médicos, veterinários e, de uma forma geral, quadros que integrem e moldem o futuro da Província.

Muito se espera também neste dominio particular, da Universidade de Luanda e de todas as escolas de diferentes graus que cada dia vão sendo instaladas. Angola, como Moçambique, tem necessidade que em todos os postos de responsabilidade, da administração publica e do sector privado, estejam presentes os melhores que este velho País disseminado pelo mundo e que dá exemplos de convivência social, tenha para oferecer. O que está em jogo transcende inclusivamente o próprio futuro da Nação portuguesa, o sucesso ou o insucesso hão-de influenciar, sem dúvida, a sorte daquilo que se convencionou designar por civlização ocidental. Os dez anos que acabamos de viver dão-nos já a medida do que somo capazes e justificam plenamente a razão que sempre nos assistiu.

COMPANHIA PORTUGUESA RÁDIO MARCONI

Concessionária Nacional
de
Telecomunicações Via Rádio e Cabos Submarinos

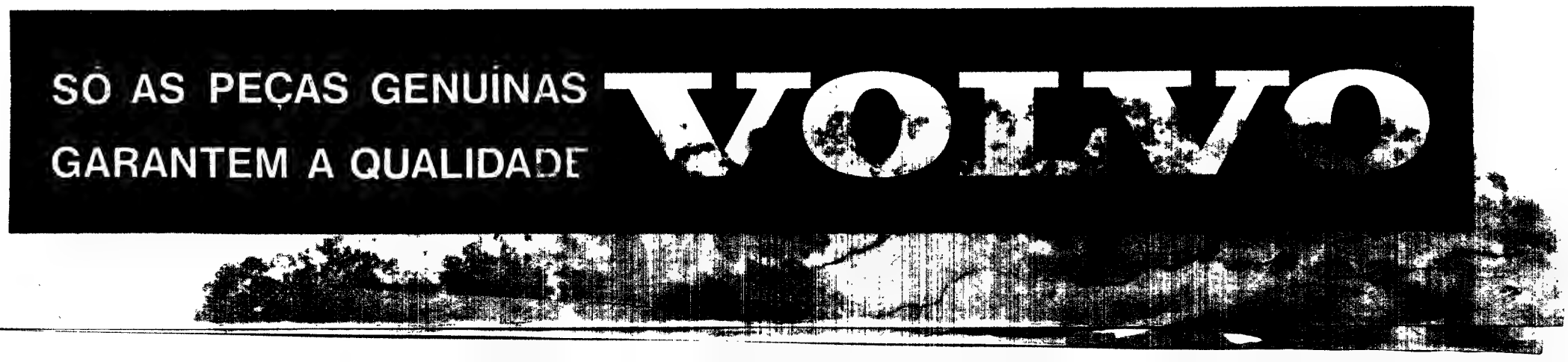
SERVIÇOS TELEGRÁFICOS, TELEFÓNICOS E FOTOTELEGRÁFICOS

Circuitos directos com as Ilhas Adjacentes,
Províncias Ultramarinas e Estrangeiro
Comunicações Permanentes com a Navegação
Serviços especiais de aceitação
e distribuição de telegramas

Estações em: Sesimbra — Carnaxide — Alfragide — Vendas Novas — Porto — Funchal — Ponta Delgada — Praia (Cabo Verde) — Luanda — Lourenço Marques

LISBOA | Administração e Escritórios — Praça Marquês de Pombal, 15, 3.°-8.° Telef. 534191/4
Serviços de Exploração — Rua de S. Julião 131 Telef. 34531 — Telegramas Telefonados » 35551/2 — Informações

FUNCHAL — Avenida Arriaga, 7-9 — Telef. 20011
PORTO — Praça Almeida Garrett, 27 — Telef. 25680



NORTON DE MATOS

EM TODA A PARTE A GRANDE RIQUEZA DOS POVOS É A SUA GENTE

É dos maiores portugueses do nosso tempo e na concepção de um Portugal estendido pelas diversas partes do mundo, fazedor de nações e assimilador de povos, alheio a sentimentos rácicos e procurando valorizar-se no concerto dos povos progressivos, ninguém o excedeu; e como obreiro da realização desse conceito ocupa indiscutivelmente o primeiro lugar.

A lição de Norton de Matos está na melhor tradição portuguesa e agiganta-se à medida que os anos passam e vão dando inteira razão aos seus conceitos, aos objectivos que se pôs no Governo e nos escritos publicados em livro ou em artigos de jornal. No «Diário de Lisboa» ficaram algumas dessas mesmas lições de portuguesismo e de superior doutrinação política. Na medida em que lhe foi permitido expendê-las.

Militar, administrador, professor universitário, político e lutador de rara fibra, o valor de Norton de Matos sobrelevou em todos os sectores onde exerceu a sua actividade. Homem de ideias claras, sabendo-as expor a defender com calor, em conferências e pela pena, Norton de Matos foi, acima de tudo, um homem de acção, condutor de homens e de nações, com uma visão realista dos interesses do país e da sua missão e respeito pela personalidade dos outros homens, como verdadeiro democrata que sempre foi. No Governo um dirigente esclarecido e animador; na oposição, adversário firme que não deixa dúvidas a ninguém, nem hesita ante os maiores sacrifícios, ainda quando os trabalhos anteriores lhe dariam direito a merecido repouso. Mas é da norma dos homens da fibra de Norton de Matos jamais desistirem, jamais se considerarem alheios ao interesse público. O seu lugar é sempre entre os primeiros.

PREPARAÇÃO DE UM HOMEM PÚBLICO

Nasceu em Ponte de Lima, em 23 de Março de 1867. Filho de uma família liberal, em que o sangue inglês se mesclara ao da Ribeira Lima. Os Nortons tinham vindo no final do século XVIII para Viana do Castelo e lá se tinham entrelaçado com gentes portuguesas. O avô do general Tomaz Norton foi grande amigo de Rodrigo da Fonseca Magalhães, como ele tendo a paixão dos livros raros e das obras de arte. Convenceu-se que no Mosteiro de Refojos, sua propriedade, se achavam diversas creveu uma monografia e mandou vir estudiosos estrangeiros para confirmar a sua tese. Notável era a sua biblioteca que se dispersou. Tomaz Mendes Norton era afilhado de Rodrigo da Fonseca. Casou com D. Emília de Matos Prego e Sousa. Dos filhos do casal, além do futuro ministro da Guerra, salientaram-se ainda o conselheiro Arnaldo Norton de Matos que foi reitor da Universidade de Coimbra e juiz do Supremo Tribunal de Justiça, e o Dr. Norton de Matos, clínico em Arcos de Valdevez e figura de raro prestígio em toda a região.

José Maria Mendes Ribeiro Norton de Matos, de seu nome completo, estudou no Colégio do Espírito Santo em Braga, depois na Escola Académica, em Lisboa. Em Coimbra matriculou-se em Matemática onde se formou e na Escola do Exército. Colocado alferes em Cavalaria 4, frequentou logo o curso do Estado-Maior. Viveu as horas cadentes do Ultimatum e sofrendo a influência de Mousinho de Albuquerque, segue para a Índia, a iniciar a carreira colonial que mais forte sulco marcaria no primeiro quartel deste século em Portugal.

Chegou à Índia, em 1898. Tinha 31 anos. Director dos Serviços de Agrimensura, organizou o cadastro das terras. Os seus conhecimentos da especialidade foram notáveis. Mais tarde, demitido de professor universitário, quando roçava já pelos 70 anos, seria ainda para uma nova forma de topografia, a dos levantamentos aéreos, que se voltaria, dirigindo tècnicamente uma empresa dessas.

Viajou por Macau e esteve na China, em missão diplomática. E regressado a Lisboa e proclamada a República, Norton de Matos, já major, aderiu ao novo regime. Foi nomeado em 1911 chefe do Estado-Maior da 5.ª Divisão.

EM ANGOLA

O colonial voltaria a primeiro plano quando em 1912 aceitou o Governo Geral de Angola, para onde partiu em 1 de Junho desse ano. Não era brilhante a situação da província e Norton de Matos iria encarar de frente os seus problemas económicos e financeiros e o das suas gentes acima de todos. Iria seguir os exemplos de dois dos últimos governadores da monarquia, de envergadura extraordinária, como foram Eduardo Costa e Paiva Couceiro; e em Norton de Matos havia de encarnar de facto a ânsia de renovo no sistema colonial, o verdadeiro arranque das vastas regiões africanas para o progresso.

Ao decreto da metrópole de 17 de Novembro de 1913, sobre o regime aduaneiro parecendo atender pretenções alemãs, o governador geral respondia jamais regulamentando esse decreto e não o pondo portanto em execução. Nessas vésperas de guerra, as conversas da Alemanha com a Inglaterra sobre as colónias portuguesas continuavam Só uma colonização intensa, a elevação do nível dos indígenas até nós, em igualdade inteira, só um desenvolvimento material e intelectual, permetiria conjurar os perigos de aos portugueses sucederem os alemães que ocupavam o território ao Sul de Angola.

Acima de tudo, Norton de Matos via o problema humano porque toda a verdadeira colonização tem de ser uma obra de civilização; e em toda a parte a grande riqueza dos povos são as suas gentes. Contra a exploração sistemática de uma raça pela outra, o único remédio era elevar a mais atrasada até a altura da colonizadora. Depois a evolução dos povos é o que eles quiserem. Havia que evolucionar rapidamente da ocupação militar de 1912 para a ocupação civil, com seus governadores de distrito, seus administradores e chefes de posto, as missões civilizadoras, as escolas. E, em Luanda, o governador com seu conselho de Governo onde os interesses económicos, morais e culturais, se fizessem ouvir.

Os números da produção e comércio de Angola, nesses anos, são impressionantes, como o é o conjunto da legislação de protecção ao negro e ao seu trabalho.

(Continua na pág. 44)

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA (Diamang)

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital Social: 865 000 000$00

EMPRESA PORTUGUESA PARA PESQUISA E EXTRACÇÃO DE DIAMANTES EM REGIME DE ASSOCIAÇÃO DE INTERESSES COM A PROVÍNCIA DE ANGOLA

SEDE SOCIAL

RUA DOS FANQUEIROS, N.° 12

LISBOA

Direcção Geral na Lunda
DUNDO — ANGOLA

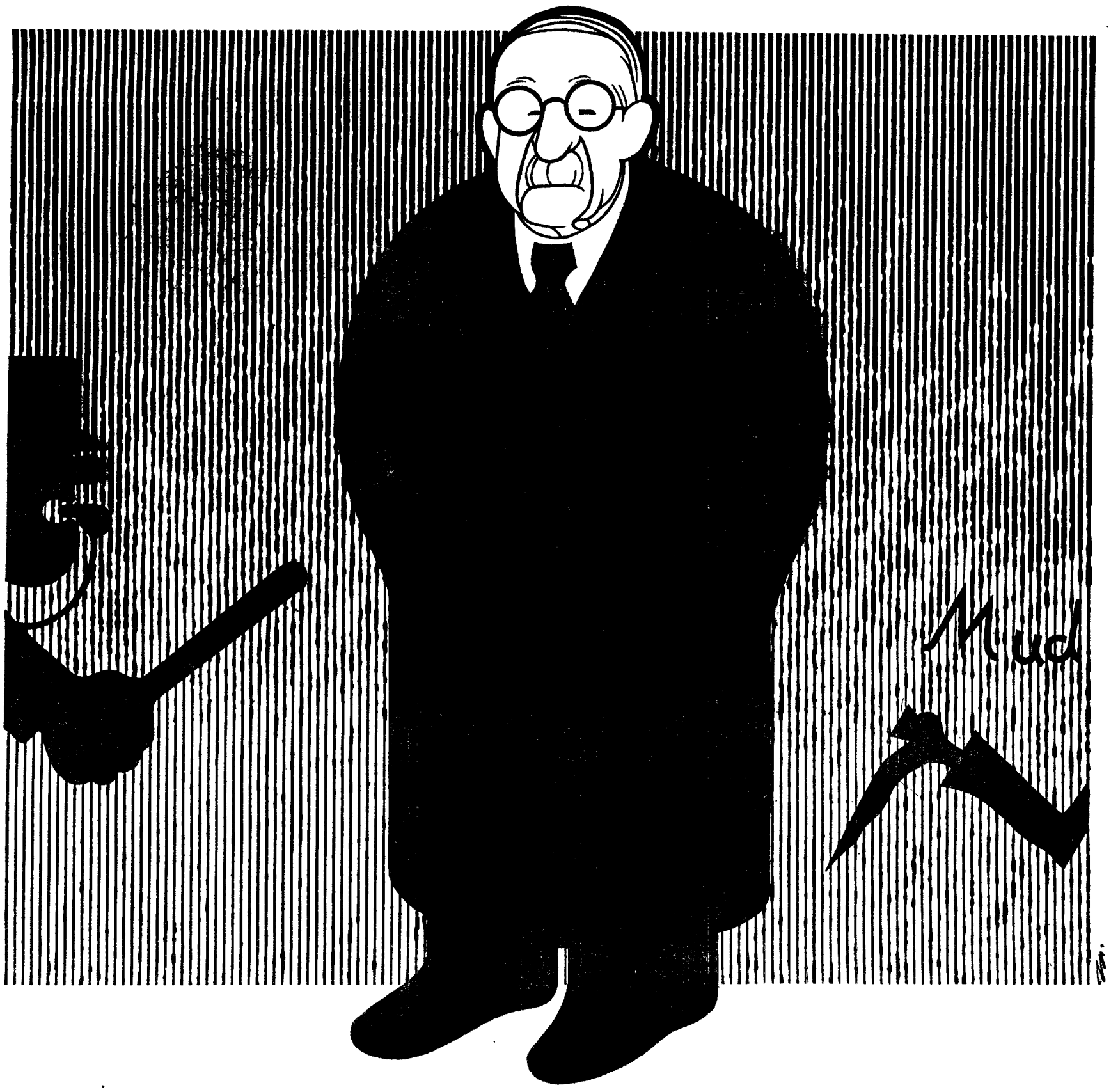
Representação em Angola
Rua Avelino Dias, n.° 59
LUANDA

Telegramas: DIAMANG

COMPANHIA DO CAMINHO DE FERRO DE BENGUELA

uma realidade ao serviço de África.

SEDE E ADMINISTRAÇÃO — RUA DO ATAÍDE, 7 — LISBOA
DIRECÇÃO-GERAL EM ÁFRICA - C.P. 32 - LOBITO - ANGOLA



NORTON DE MATOS 1948

(Continuação da pág. 42)

PORTUGAL EM GUERRA

As ambições coloniais alemãs eram demasiado evidentes e vinham do século passado. Ao estalar a guerra, no Verão de 1914, Portugal declarava-se logo ao lado dos Aliados contra os Impérios Centrais. Só a nossa colaboração com os aliados nos permitiria conjurar os perigos que nos ameaçavam em África. A visão dos homens da República não se disfarçava em neutralidades dúbias e anti-nacionais. Mas a breve trecho, viria a ditadura de Pimenta de Castro, em Janeiro de 1915, a quebrar o ritmo da evolução do regime que já conseguira por em ordem na administração e na economia, nas finanças tradicionalmente desorganizadas e ao deus dará da monarquia.

O Governador de Angola pediu para ser substituído e veio para Lisboa. Ao lado dos intervencionistas, Norton de Matos seria um dos dirigentes, com Freitas Ribeiro, Álvaro de Castro, Leote do Rego e outros, da revolta de 14 de Maio.

É nomeado ministro das Colónias e logo a seguir é ministro da Guerra. Uma das grandes tarefas da sua vida, a dar a medida da sua capacidade de organizador e catalizador de homens, principiava então. Foi o ministro da Guerra da intervenção do país em campanha, na Flandres e em África.

Novo golpe, quando o país se encontrava empenhado na luta, chefiado por Sidónio Pais, em 5 de Dezembro de 1917, viria quebrar esse esforço e comprometê-lo, em grande parte.

Norton de Matos tomava o caminho do exílio e empregava-se em Inglaterra, instanto todavia para que lhe dêem um lugar na frente de combate, na Flandres. Não lhe é satisfeito o pedido. Exilado continuou até 1919. Com a queda de Sidónio Pais, morto na estação do Rossio, em 14 de Dezembro de 1918, Sidónio Pais iria tomar lugar, com Afonso Costa, entre os negociadores da Paz.

A DESCENTRALIZAÇÃO ADMINISTRATIVA

Em 1920, o ministro das Colónias Fernando Utra Machado criava o regime dos Altos Comissariados da República em Angola e Moçambique. Portugal punha-se decididamente á frente como estimulador do progresso dos povos africanos e a metrópole reconhecida a necessidade de arrancar os povos à sua incultura e irresponsabilidade. O novo regime dava autonomia económica e administrativa às colónias e os altos comissários dispunham dos mais latos poderes, em muitos sentidos superiores aos dos ministros na metrópole. A autonomia que haveria de advogar ainda há meses o Prof. Marcelo Caetano, na sua viagem a Moçambique. O empenho posto no desenvolvimento dos territórios africanos verifica-se também pelas personalidades escolhidas para pôr a sua frente. Para Angola iria Norton de Matos. Para Moçambique seria convidado Afonso Costa. Depois convidava-se Álvaro de Castro e acabaria por ser nomeado Brito Camacho que fora ministro do Fomento do Governo Provisório da República.

A obra de Norton de Matos em Angola pode ser o orgulho da República e modelo de administração de um território em desenvolvimento de forma a fazê-lo tomar um ritmo rápido de crescimento económico e humano. Intensificando a colonização e estimulando, por todas as formas, o estabelecimento de agricultores e pescadores portugueses em terras de Angola, foi um autêntico salto o que a província sentiu, sob o impulso de Norton de Matos. Um seu biógrafo diria: «O indígena é protegido. Possibilita-se, anima-se a criação de uma actividade agrícola de pequenos lavradores indígenas. Combate-se o trabalho obrigatório para particulares, o transporte dos trabalhadores para regiões de clima e condições diferentes. Os decretos 40 e 41 de 3 de Julho de 1921, estabelecem uma sã doutrina em matéria de política de mão-de-obra. Aumentam as cifras de produção e o rendimento do imposto indígena».

Rasgaram-se estradas e caminhos-de-ferro, fundam-se novos povoados, desenvolvem-se os serviços médicos e o Congresso de Medicina Tropical realizado em Luanda em 1922 chamou a atenção de todo o mundo para o esforço de saneamento da província, os serviços de instrução multiplicam-se e o comércio de Angola desenvolve-se grandemente.

A legislação de Angola serviu de modelo a muitas outras de colónias europeias próximas que nela encontrariam a base do seu desenvolvimento.

EMBAIXADOR EM LONDRES

Naturalmente que o esforço de renovação levantou ondas e ódios e o Alto Comissário da República, dado o impulso enorme, via a sua obra atacada e insultada a sua pessoa. Lutador de fibra, não desistiria, mas não encontrou no Governo Central aquela solidariedade a que tinha direito e lhe era devida. Em Junho de 1924 era nomeado embaixador em Londres. Lá se manteve até o 28 de Maio de 1926.

Demitiu-se do cargo e regressou a Lisboa, Professor catedrático do Instituto Superior Técnico, passava ao ostracismo.

O DEMOCRATA DE OPOSIÇÃO

Professor e militar, Norton de Matos iniciava então a sua vida de colaborador da Imprensa. A doutrinação insistente e persistente do antigo alto comssáro, do ministro da Guerra, continuaria sempre. Em 1926 saía o seu livro «*A Província de Angola*», onde a obra tanto no Governo de 1912 a 1915, como no de 1921 a 1924, se encontra bem focada. Ele respondeu a todos os seus adversários.

O desenvolvimento de África não deixou de o preocupar para sempre, nem ele deixou de intervir, sempre que pôde, em todas as questões que a ele diziam respeito. Em 1930, ao ser publicado o «Acto Colonial», restringindo a autonomia administrativa das províncias do Ultramar e acabando com o regime dos altos comissariados, Norton de Matos fez-se ouvir também com a sua condenação radical daquele documento.

Em 1935, em Maio, era abrangido com diversas outras personalidades, na lista de demissões. Era afastado da cátedra do Instituto Superior Técnico.

Apareceu em todos os movimentos de oposição desde 1945, e em 1948, o seu nome era apresentado como candidato democrático à Presidência da República. Foi depois do Movimento de Unidade Democrática, de Outubro de 1945, o movimento agregador de todas as forças de Oposição. Diversos volumes então publicados atestam as suas intenções e a altura do seu carácter e da sua visão. Presidiu aos serviços da sua candidatura outra figura de notável democrata e homem público que foi o prof. Mário de Azevedo Gomes.

Retirado à casa onde nascera, faleceu em Ponte do Lima, em 2 de Janeiro de 1955.

OBRAS PUBLICADAS

Norton de Matos publicou muitas das conferências e comunicações que realizou em congressos e em instituições. Igualmente se encontram publicados muitos volumes de legislação e outras medidas administrativas em Angola.

Mas as grandes obras que nos dão a orientação do seu pensamento e da sua acção, podem citar-se como sendo

«A Província de Angola».

«Memórias e Trabalhos da Minha Vida».

«África Nossa».

«A Nação Una».

Stag

SOCIEDADE TÉCNICA DE ARTES GRÁFICAS, LDA.

LISBOA - 2
RUA D. JOÃO V, 2-3.º E 2-C
TELEF. PPC 68 41 41-2-3

TELEGS. STAG
LISBOA E PORTO
PORTUGAL

PORTO
RUA ALVARES CABRAL, 27 - 29
TELEF. 33 435

LUANDA
STAG (ANGOLA) LDA.
R. SALVADOR CORREIA, 206 - 208

LOURENÇO MARQUES
STAG (MOÇAMBIQUE), LDA.
Av. DA REPÚBLICA, 182

FORNECEDORES DE TODO O EQUIPAMENTO E MATÉRIAS PRIMAS PARA A INDÚSTRIA GRÁFICA

Máquinas de Compor e Fotocompositoras LYNOTIPE
Máquinas de Impressão Tipográficas e Offset NEBIOLO
Rotativas Tipográficas e Offset para jornal e revista CRABTREE
Rotativas Tipográficas planas para jornal e revista DUPLEX
Guilhotinas normais e tri-laterais PIVANO
Máquinas de Dourar DREISSIG
Máquinas de Intercalar GEORGE HARTLEY
Tintas de Impressão AULT e WIBORG
Cautchus CONTINENTAL e DAYCO
Películas para Artes Gráficas e Engenharia DUPONT
Produtos Químicos para Gravura e Offset [illegible]
Máquinas de Dobrar MBO - Alemãs

Sociedade Técnica de Construções Virgílio Preto, Lda.

CONSTRUÇÕES CIVIS, INDUSTRIAIS — OBRAS PÚBLICAS

Escritórios em Lisboa

PRAÇA LUÍS DE CAMÕES, 58, 7.º, D.º — TELEFS. 32 09 66 - 32 87 08

Linha do Vale do Vouga

CINQUENTA ANOS DEPOIS A ESPERANÇA DE SOLUÇÃO É MENOR

Em 1 de Abril de 1921, o dr. José Júlio César escreveu uma pequena notícia publicada no primeiro número do «Diário de Lisboa», em que se pedia um comboio rápido Lisboa-Espinho que levasse quatro horas na viagem. Em Março de 1971, 50 anos depois, a reportagem do «Diário de Lisboa», descobre que a viagem se consegue realizar, na melhor das hipóteses, em seis horas. Não sabemos, perante a realidade, o que mais elogiar!?

Se a actualidade da exigência do dr. José Júlio César (1921), se a boa vontade da C. P., que na sua capacidade de conservação de situações e amabilidade perante o turismo nacional, conseguiu o que nunca sonhariamos, por mais utópicos: manter viva e actual uma sugestão do primeiro número do «Diário de Lisboa» no decorrer do meio século em que o mundo viveu, a euforia das grandes transformações tecnológicas, no capítulo dos transportes (Moscovo-Londres em menos de quatro horas com o TU-144 ou o Concorde).

Um alfaiate liberal memória de todo o tempo passado, um advogado de S. Pedro do Sul poeta-repórter, três jovens a viver criticamente Viseu foram os homens que nos ajudaram a «mergulhar» numa notícia cinquenta anos depois. Mas cada um deles, na posição em que se coloca perante os factos, reflectem o Viseu — 1971 e são também por si próprios um dado da mesma realidade.

ALFAIATE DE AQUILINO — MEMÓRIA DE 1921

Mário Matos, alfaiate de Aquilino Ribeiro, setenta e cinco anos, olhos vivos e atentos, memória extraordinária. Entre nós um jovem. Mário Matos lembrava-se de uns versos e de um artigo e ia buscá-lo á sua oficina-arquivo. Estivemos com ele minutos, gostaríamos de ter estado horas. Há ali uma memória de gestos pueris, de discursos proferidos pelos homens, donos deste país, que é urgente resguardar.

Ali em Viseu, conversar com ele, ajuda a compreender este país nas últimas décadas. «Naqueles quartos viveram o Sardinha e o Mário de Figueiredo. Ali... compreende-se muito do Portugal do século XX. Afinal fulano e fulano viveram ali num quarto, naquela rua, escreveram neste jornal. Viseu como Coimbra são símbolo. Que influência tiveram os professores do Liceu de Viseu, na formação dos jovens que o frequentaram no início deste século? Quem eram? Porque criaram uma fortaleza de anti-republicanismo militante? Estudar Viseu, de 1910 a 1920, os seus jornais, os suas publicações, as polémicas, o Grémio Literário, é obra urgente para a compreensão deste século. Precisamente há 50 anos, em Viseu, Mário de Figueiredo fez o seu primeiro discurso. Almeida Moreira, director de Grão-Vasco, ouvia-o com uma excelente casaca. E aqui começa para Mário Matos o acontecimento.

OS «ESTUDANTES» ERAM PROFESSORES

— Quem teria escrito esta notícia *(a pequena notícia do «Diário de Lisboa»)* segundo a opinião do Mário Matos?

— *Foi o dr. José Júlio César. Mas contem uma informação não verdadeira.*

O dr. Jose Coelho, professor reformado do liceu, tomou parte no passeio referido na notícia que o «Diário de Lisboa» publicou no seu primeiro número

Cinquenta anos depois o «Diário de Lisboa» tem oportunidade de corrigir, uma informação do seu primeiro número. Nunca é tarde

— Os «estudantes» eram professores universitários. Foram recebidos no Grémio pelo dr. Aragão, e, nessa sessão, falou pela primeira vez em Viseu o dr. Mário Figueiredo.

O dr. Maximiano Aragão fez um discurso ostentando um magnífico colete de cabrito, feito na minha oficina. O capitão Almeida Moreira apresentou-se de casaca. O general Morais (António Ferreira da Silva) quando viu o Almeida Mo-

a bom entendedor

vinho VARANDAS

uma garrafa não basta

vale a pena procurá-LO no seu fornecedor habitual

SOCIEDADE COMERCIAL JOSÉ DOMINGOS BARREIRO, SARL
telefs. 38 15 38/9

O que é um contentor?

Um *contentor* é uma nova concepção de embalagem: um recipiente, geralmente em forma de paralelipípedo, de capacidade variável que, dadas as suas qualidades de resistência ao choque, ás intempéries, ao arrombamento, etc., permite arrumar dentro dele volumes menores e mais frágeis que, se transportados avulso, correriam riscos de extravio ou avaria.

O *contentor* tem diferentes dimensões, mas a tendência predominante é de se padronizarem as seguintes: um tipo de 20 pés (6 metros) e outro de 40 pés (12 metros) de comprimento, ambos medindo transversalmente 8'×8'. São estes os dois modelos mais frequentes.

O uso dos *contentores* proporciona considerável redução do percurso de mercadorias transportadas a longa distância, utilizando o trajecto mais curto, e todos os meios de transporte (marítimo, rodoviário, ferroviário e até aéreo), combinados ou separadamente, visto o trasbordo ser rápido e económico. Além disto, as viagens dos navios porta-contentores são menos demoradas e de menor custo porque o tempo de rotação nos portos é reduzido. A movimentação dos *contentores* nos portos, sendo mecanizada, é prática e menos onerosa. E, apesar dos grandes investimentos exigidos pela contentorização nas instalações portuárias e nos navios, a corrida dos armadores aos estaleiros para a construção de navios contentorizados parece provar que a nova modalidade de transporte de carga é altamente positiva. Já se escreveu ter sido esta a maior revolução ocorrida no transporte marítimo depois do navio a vapor.

A contentorização no Porto de Lisboa

A Administração-Geral do Porto de Lisboa, ciente é situação, iniciou, em 1967, o tráfego de *contentores* de 20 pés (6 metros) no porto de Lisboa. Já muito antes, porém, eram ali movimentadas estas unidades, embora de menores dimensões. Esta movimentação de carga especializada começou nos cais do entreposto de Alcântara-Sul, que sofreu várias alterações para adaptação ao novo tráfego.

Entretanto, as operações de carga e descarga eram efectuadas por guindastes do tipo convencional, em acção combinada, atingindo ritmos de 11 cont./hora.

Actualmente já está em funcionamento, na sua primeira fase, o novo e moderno terminal de *contentores* de Santa Apolónia, que dispõe de uma extensão de cais de 360 m (suficiente para atracação de dois navios porta-contentores do tipo móvel) de uma área de terraplano de 29 000 m2, com áreas complementares de apoio de cerca de 7ha. Está equipado com uma grua especial para contentores com capacidade de 30 toneladas, devendo uma segunda grua entrar em serviço em Maio próximo; possui, além disso, 3 empilhadoras de carga lateral (side-loaders) de 25 t. e de outro equipamento.

Têm-se atingido ritmos de carga e descarga superiores a 20 cont./hora, o que permite movimentar, em 10 horas de trabalho, a carga que, apresentada sob a forma convencional, levaria dois dias e duas noites a carregar e a descarregar.

Foi o seguinte o movimento de contentores de 20 pés (6 metros) no porto de Lisboa, durante o último triénio:

1968	763	unidades
1969	3 111	»
1970	12 170	»

A mercadoria movimentada em contentores no ano de 1970, alcançou 85 760 toneladas.

Administração-Geral do Porto de Lisboa
Cais do Sodré — Lisboa-2

reira de casaca e o Aragão de cabrito, fez os seguintes versos:

Cada qual anda a seu gosto
Num regime liberal
Não posso levar a mal
Que vista qualquer gaiteiro
De briche no mês de Agosto
E de bretanha em Janeiro
Mas em sarau musical
Havendo nuestros hermanos
Talvez elles castilhanos
Que são todos de punthos
Acharem algo esquesito
O Chico estar de peitilhos
E o Aragão de Cabrito

— Com essa memória, lembrar-se-ia de quem teria acompanhado os suíços á Serra do Caramulo?

— *Se a memória, não me falha, foi o dr. José Coelho, professor de Liceu e o capitão Almeida Moreira director do Museu.*

— Ficámos com uma informação muito completa sobre o acontecimento. Já agora quer contar-nos alguma coisa da excursão?

— *Fala aqui duma granada* (lê a notícia). *Foi feita pelo Fortunato Granadeiro, homem muito conhecido pelos seus trabalhos artísticos. Um comerciante que ta na excursão, ficou sem 27 contos que levava nos bolsos, o que foi também acontecimento na altura.*

MINIDEBATE COM JOVENS

Faltava confirmar estas informações. Talvez os jornais da época. Tentámos a Biblioteca Municipal. Era sábado á tarde, tempo livre dos trabalhadores, hora mais conveniente, para quem sai dum escritório ir consultar um livro. Estava fechada. Contra esta lógica não há nada a fazer. As bibliotecas funcionam enquanto as pensões trabalham. Estão abertas para estudantes e desocupados. Visitámos ainda um jornal local. O ano de 1921 não existia na colecção. Mas ficou-nos a ansia de ler os jornais de 1921 em Viseu, um dado de interesse para compreender a comunidade da região, naquela época.

Visitámos o museu Grão-Vasco á procura de um livro de visitantes de 1921, que nos desse uma ideia, sobre quem eram e quais as opiniões dos visitantes. A burocracia impediu-nos. O director não estava, logo nada se podia fazer. Ficaram-nos os olhos num extracto dum artigo do «Diário de Lisboa», de 1934, escrito por Norberto de Araújo e guardado religiosamente: «*Um museu deve ser um pouco como um livro*».

Os jovens de Viseu. Isabel Santa Cruz Lopes, Fernando Almeida Ribeiro e Manuel Maria Carrilho são três jovens de Viseu. Não foram escolhidos ao acaso, mas escolhidos por se situarem criticamente em relação á cidade. São a nova face, um exemplo do Viseu anti-salões culturais, do Viseu em 1971, também ele reflectindo, de certo modo, pelo verbalismo inoperante, pelos braços caídos doutras conversas mais simples, o isolamento da cidade. Depois de Mário Matos, a memória de 1921, talvez para completar Viseu, a conversa com os três jovens fosse útil.

A MAIORIA DAS MULHERES NÃO LÊ

— Serão as mulheres de 1971 muito diferentes das de 1921? Como evoluíram nestes 50 anos, as mulheres em Viseu, Isabel?

— *A mulher trabalha no campo, nas fábricas e oficinas, em casa trata dos filhos. Quase sempre em tudo ao mesmo tempo e com desespero. Teme o futuro, a doença e a morte — este o ciclo quotidiano de vida da mulher trabalhadora.*

A mulher, pequeno-burguesa, tem como aspirações maiores: criar os filhos e fazer a vida da casa. Se trabalha fora de casa, sofre inconscientemente a implacável exploração. Não lê nada. Vê muito a televisão ou ouve rádio. Não quer saber de política. Sai para ir á missa ou á praça. A médio-burguesa, com aspirações, geralmente casada com comerciantes estabelecidos ou com homens de profissões liberais. É uma escrava da moda, que sempre atrasada lhe chega de Lisboa e Porto. Anda mais vezes na rua: frequenta as casas de modas, os salões de chá, vai á modista e ao cabeleireiro, e vê cinema de estrelas — Brigitte, Deneuve, Mastroiani, etc. Sai para fora aos fins de semana. Geralmente não lê, e da T. V. aprecia os programas de decoração do dr. David Manuel Ferreira e, sei lá, talvez o do Artur Anselmo.

O dr. Jaime Gralheiro fala com o repórter

As jovens estudantes definem a sua vida circunscrevendo-a a casa e ao Liceu. A maioria não lê, a maioria não sabe comunicar, a maioria não tem consciência da sua situação.

COOPERATIVA GRAU: UMA ESPERANÇA

— Como entender a vida cultural de Viseu, Almeida Ribeiro?

— *A uma agricultura de sobrevivência, a um comércio débil a uma indústria em implantação contraditória — linhas de força económica da cidade e distrito; sucede uma vida cultural inoperante, alienatória e mistificante.*

Há sómente três estabelecimentos que se podem chamar livrarias, onde existe mais variedade — insuficiente — de livros, revistas e jornais em detrimento da potassa e lixívia que os restantes transaccionam em maior envergadura. Na totalidade, vendem-se 6 vezes mais jornais desportivos do que dos outros, de informação geral.

No campo das realizações culturais, podemos destacar as de carácter oficial, de sentido tradicional e folclórico. O Clube de Viseu, com tradições liberais, de vez em quando, promove conferências e concertos que estão longe de corresponder ás necessidades dos seus sócios e colaboradores. A criação da cooperativa Grau, em 1971, pode vir a proporcionar uma profunda transformação nas relações das pessoas, do seu pensamento e acção, aqui e agora.

— Mas duma maneira geral, como sobrevivem (culturalmente falando) os jovens de Viseu? Queres tu responder Manual Maria Carrilho?

— *Os jovens — dos estudantes falamos — encontram-se em Viseu limitados por diversos factores. Abordemos alguns: A informação: jornais locais há dois, um que podemos dizer que é um eco do defunto «Diário da Manhã» e que pertence á A. N. P., o «Jornal de Viseu», e outro, o «Jornal da Beira» que é órgão do clericalismo tradicionalista. Existe ainda um jornal no Liceu, o «Geração de 60», que é dirigido por um pré-bacharel e que é dum confrangedor infantilismo. Note-se que no período 1920-1929 havia 22 periódicos sendo 15 semanários ou bissemanários em Viseu.*

Por outro lado, a pressão social, visceralmente vinculada aos valores tradicionais, se vai sendo complacente com os meninos «pop» (e marialvas) não é tanto como quem lhes pica os seus respeitáveis balões de ar, isto é, os seus valores (eternos, claro). Fortemente condicionados, os jovens na sua grande maioria aderem inconscientemente (reproduzem) ás forças condicionantes, ignorando assim a verdade da sua condição. Porque o que de facto caracteriza o jovem estudante de Viseu e não só é — a ausência de efectiva actividade, criatividade, o que o reduz a um indivíduo que se passeia entre o café e casa e que no Liceu «empina» sem estrebuchar aquilo que lhe mandam.

CEL CAT

Cabos eléctricos

Fábrica
Venda Nova — Amadora

NA VANGUARDA
DOS GRANDES EMPREENDIMENTOS,

CEL-CAT

fabrica toda a gama de fios e cabos eléctricos para abastecimento da Metrópole e do Ultramar português

☆ Cabos de Telecomunicações
☆ Cabos de Alta Tensão
☆ Cabos de Média e Baixa Tensão
☆ Cabos de Controlo e de Sinalização
☆ Cabos para instalação de navios, etc.

Serviços de Vendas:
Rua D. Francisco Manuel de Melo, n.º 23-A, 1.º — LISBOA-1
Telefone 68 80 35 (3 linhas)

SOCEL

SOCIEDADE INDUSTRIAL DE CELULOSES, S. A. R. L.

PRESTÍGIO DA EMBALAGEM

SOCEL

ESTUDO, CONCEPÇÃO E EXECUÇÃO DE TODOS OS TIPOS DE EMBALAGENS EM CARTÃO CANELADO

•

PRANCHAS E BOBINAS

PASTAS PAPELEIRAS DE PINHO E EUCALIPTO, CRUAS E BRANQUEADAS

•

PAPEL KRAFT

SEDE E SERVIÇOS COMERCIAIS: R. Castilho, 90-5.º Lisboa Tel. 48896
INSTALAÇÕES FABRIS: Mitrena Setúbal

Para exemplificar a asfixia do dia-a-dia e a intolerancia para com tudo o que lhe seja exterior, lembro que tendo vindo a Viseu o Anar Jazz Group em Novembro passado foi na estação local recebido por uma comissão de recepção que lhe lembrou que «há sempre um Portugal Desconhecido que espera por Si».

Claro que os exemplos se poderiam multiplicar com facilidade.

O VALE DE VOUGA

O Viseu 1971, visto pelos três jovens, completava o Viseu de Mário de Matos. Agora o Vale do Vouga. A parte mais importante da pequena notícia do dr. Júlio César.

Jaime Gralheiro, advogado em São Pedro do Sul, abriu na Mesa Redonda, durante 1970, um importante debate sobre a linha do Vale do Vouga. Era urgente ouvi-lo, mas ainda não sabíamos até onde ele ficaria entusiasmado com a reportagem. Até onde ele próprio faria reportagem.

P. — Há cinquenta anos, no primeiro número do «Diário de Lisboa», saiu uma local do seu correspondente em Viseu, onde se pedia á Companhia do Vale do Vouga que estabelecesse comboios expressos entre Viseu e Espinho para cobrir o percurso em quatro horas. Gostava que a lesse. (Passei-lhe o recorte para a mão. Leu e sorriu). Claro que nestes cinquenta anos os transportes do Distrito de Viseu se desenvolveram muito e, portanto, a local que lhe mostrei perdeu toda a actualidade. Que me diz a este respeito?

R. — *Desde logo o seguinte: a perspectiva socio-económica da Linha do Vale do Vouga, na década de 70, não é a mesma dos anos 20. Assim, por exemplo, a Linha do Vale do Vouga não pode ser mais encarada, apenas, em função do seu «pitoresco — talvez único em linhas férreas nacionais» (como se diz aí na notícia) — o que continua a ser verdade, cada vez mais verdade (e, até, talvez, infelizmente!) mas, também, como a via de escoamento para o futuro porto de Aveiro da riqueza humana, agrícola, mineira e (porque não?) industrial de toda a Beira Alta. Mas não só. A Linha do Vale do Vouga — melhor: as vias de comunicação do Vale do Vouga — via férrea e estrada — hão-de ser, quer se queira, quer não, o cordão umbilical, ligando o norte do País á Europa.*

Gostaria que não visse nesta afirmação qualquer resquício de bairrismo ou encurtamento regionalista na minha visão. Como efeito, para mim, a região só conta como via concreta de um progresso geral.

Ora, suponho exprimir um dado da realidade existente e, muito mais, futura, ao afirmar que o eixo Guarda-Aveiro está na base do Portugal Europeu. Na verdade, apesar da estrada que não temos (a estrada nacional n.º 16 era uma estrada há cem anos — a ponte sobre o Vouga, nas Termas de S. Pedro do Sul, festeja este ano o seu centenário e continua igual a si própria — a estrada nacional n.º 16 era uma estrada há cem anos; hoje nem, sequer, é remedeio. Mas remedeia... que remédio!)... pois apesar da estrada que não temos, a Europa entra-nos pelas portas dentro, através de camions e camions TIR, de 24 toneladas, e mais, retorcendo-se para se conterem no leito e, ás vezes, não o conseguindo, ou atravessando pontões (Você conhece a Ponte de Pessegueiro do Vouga — a ponte verde sobre o rio verde, brincadeiras de bonecas num conto de fadas, como lhe chamam os meus filhos?) que, apenas, aguentam 12 toneladas? A estrada que temos já nem é um remedeio, mas remedeia, que remédio, até que a geringonça se encafue toda pela água dentro, até se morrer esborrachado na surpresa da curva, ou passado a ferro na impossibilidade do cruzamento.

Mas remedeia... que remédio!...

Dizia eu que o Vale do Vouga terá de ser — é — o caminho do norte do País para a Europa. A reforçar esta afirmação posso citar-lhe mais alguns casos: muita gente (emigrante) do Distrito de Braga e de Viana, até, para já não falar nos do Porto (que isso é toda a gente) escolhe o caminho das Beiras na sua aventura europeia.

Cada vez mais os caminhos que levam além Pirineus, pelo norte, desembocam na Guarda, a não ser que se opere uma total modificação no sistema rodoviário espanhol — o que me não parece muito provável.

Ora, da Guarda para o mar, o caminho mais curto passa por Viseu. Pode-se alterar este caminho, mas se tal se fizer, só por razões de oportunismo político, inteiramente divorciado do interesse do nacional, tomado no seu conjunto.

A mim isto parece-me tão evidente que o tenho como axiomático. Em todo o caso, a auto-estrada Aveiro, Vilar Formoso não passa, por enquanto, de um (romantico?) anseio de alguns cavaleiros da triste figura.

P. — Desculpe, mas estamo-nos a afastar do tema central...

R. — *Qual tema?*

P. — O Vale do Vouga (comboio).

R. — *Olhe que não. Em vez de uma resposta concreta eu preferi apresentar-lhe o esquema da minha perspectiva sobre os transportes no distrito de Viseu.*

A questão Vale do Vouga (linha) integra-se neste conjunto.

Mas, se quer, falemos um pouco do velho Vale do Vouga. Velho. Tem quase um século. A linha foi concebida em via reduzida e para lenha. Em zona montanhosa, tal significou o multiplicar das curvas, meia encosta, para ir disfarçando os desníveis a vencer. Tudo ao baratinho. E vai daí, nem sei. A verdade é que conforme nasceu assim está: comboios, linhas, edifícios, tudo é da primitiva.

Ora, não pode ser «este» Vale do Vouga o fornecedor de um porto que nos incumpridos Planos de Fomento se vem anunciando como um dos mais importantes do País, num futuro mais ou menos próximo.

Veja só isto: no local que você me mostrou considerava-se, há cinquenta anos, que o tempo de 4 horas para ligar Viseu a Espinho estaria certo. Neste momento, não lhe posso dizer qual o tempo gasto hoje, mas estou convencido de que é mais.

Na verdade eu gostaria até de me debruçar um pouco mais sobre o tema «serviço» prestado pelo Vale do Vouga á região que serve. Mas, para isso, preciso de me documentar melhor. E se você passasse por aqui amanhã?

Aceitámos a sugestão e Jaime Gralheiro fez ele próprio reportagem...

JAIME GRALHEIRO FAZ REPORTAGEM

A partir de agora a reportagem é minha.

O outro dia era domingo. Um domingo de Fevereiro quente (traz o diabo no ventre). Peguei no meu bloco de notas (jurídicas); dependurei a máquina fotográfica ao ombro e ala para a estação dos C. F. De um golpe, fazia a minha estreia de repórter da rua.

Na estação (no velho pardieiro é que era a estação...) havia uma meia dúzia de pessoas. Não cheguei a perceber bem se estavam ao sol, se á espera de um comboio que haveria de chegar lá p'rás tantas.

Botei-me a ler os horários: o comboio 828/852 sai de Viseu ás 5 e 55 (Ih! seis menos cinco... brr... que frio de Inverno!) e chega a Espinho ás 12 e 11. Muito bem: 12 e 11 menos 5 e 55 dá 6 horas e 16 minutos. Outro: o comboio 823/851 sai de Espinho ás seis e dez e chega a Viseu ás 12 e 15. Conta feita: 6 horas e 48 minutos.

A coisa está a aumentar. E eu continuava: punha o dedo; ia de Espinho a Viseu; descia pelo horário abaixo e escrevia: o comboio 833 sai de Espinho ás 15 e 55 e chega a Viseu... As pessoas começaram a desconfiar de tanta escrituração e deram em aproximar-se. No grupo vinha um sujeito de boné branco. Olhou para mim com um ar solícito, mesmo á espera que eu lhe perguntasse alguma coisa. E eu perguntei:

— Por favor: estes horários cumprem-se?

— Bom... cumprir... cumprir...

— Por exemplo?...

— O 833, que sai de Espinho ás 15 e 55, traz normalmente 15 a 20 minutos de atraso e o 834, que sai de Espinho ás 6 e 10, nunca menos de meia hora...

— Meia hora?

— Sim senhor: meia hora.

(Tornei a fazer contas: 6 e 48 mais 30 dá: oito e zero oito; quatro e três, sete — setenta e oito. Uma hora e dezoito, mais seis, dá 7 horas e 18 minutos. Bonito!)

Há cinquenta anos 4 horas é que estava certo. Hoje quase o dobro! Sete horas e dezoito minutos para percorrer 140,5 km. Uma média horária inferior a 20 km, isto no tempo da ida á Lua!

Quem não há-de admirar os progressos deste século?...

Jaime Gralheiro acabou a sua reportagem, mas ainda lhe quis responder a mais uma pergunta.

— Quer completar a «nossa» reportagem com mais algumas observações?

— Falei com alguns comerciantes e industriais (!) da região a respeito do tipo de serviço prestado actualmente pelo Vale do Vouga. Disseram-me que, há 15 ou 20 anos, encomenda despachada em Lisboa, estava cá passando um ou dois dias. Hoje demora oito a dez.

Mais: qualquer «tarifa» vinda do Porto não demora menos de três dias. E a inversa, quer dizer, daqui para Lisboa ou Porto, também é verdadeira. Isto significa que, enquanto os transportes rodoviários melhoram de qualidade e rapidez o serviço da C.P. piora.

Mas o prejuízo causado por esta empresa a toda a zona ocidental do distrito de Viseu e oriental do de Aveiro não fica por aqui. Com efeito, não há nos concelhos de Castro Daire, S. Pedro do Sul, Vouzela, Oliveira de Frades e Sever do Vouga (unicamente servidos pelo Vale do Vouga) uma só camioneta de carga, de serviço público, de raio livre ou, sequer, de 100 quilómetros. Nestes cinco concelhos, os únicos raios concedidos pela D.G.T. não ultrapassam 30 ou 50 quilómetros e, mesmo estes, depois de muitos anos de espera e a conta-gotas.

E isto só para não fazer concorrência á C.P.

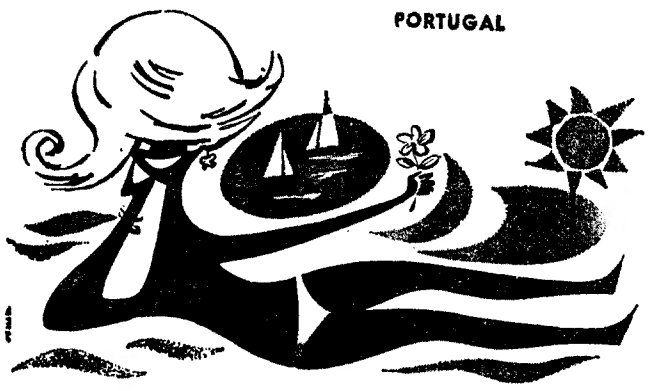
Ora, a verdade é que há dezenas de anos, dezenas de industriais de transportes desta região aguardam autorização para levarem os seus veículos aos centros abastecedores e consumidores (Lisboa e Porto) colocando aí, num dia, toda a produção (agrícola e não só) que apodrece nos armazéns e gares da empresa concessionária.

Não há dúvida que o transporte de grandes quantidades para grandes distancias é económicamente mais rentável por caminho-de-ferro. Mas é preciso que o transporte se faça.

Agora, pôr ao serviço de uma economia, que se quer europeia, comboios de brinquedo em estruturas de museu, só por graça...

costa do sol

PORTUGAL



AS SUAS FÉRIAS
E O SEU FIM-DE-SEMANA
CARCAVELOS-CASCAIS-GUINCHO

Hotéis de Luxo, de 1.ª e de 2.ª
Estalagens e Pensões
Casino Monumental com Variedades Internacionais
Jogos de Roleta, Bacará, Banca Francesa e Craps,
Slot Machines, etc.
TEATRO E CINEMAS
Exposições Permanentes
Boîtes e Restaurantes Típicos
Todos os desportos
e um sem-fim de atracções que lhe proporcionarão
uma estadia agradável

INFORMAÇÕES:
JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL
ESTORIL TEL. 26 01 13

COMPANHIA DOS ALGODÕES
DE MOÇAMBIQUE
S. A. R. L.
Capital: 150 000 000$00
ORGANIZAÇÃO
INTEIRAMENTE
PORTUGUESA
SEDE
Namialo — MOÇAMBIQUE
DELEGAÇÃO
Av. António Augusto de Aguiar, 25, 1.º-Dt.º
LISBOA

Para exemplificar a asfixia do dia-a-dia e a intolerancia para com tudo o que lhe seja exterior, lembro que tendo vindo a Viseu o Anar Jazz Group em Novembro passado foi na estação local recebido por uma comissão de recepção que lhe lembrou que «há sempre um Portugal Desconhecido que espera por Si».

Claro que os exemplos se poderiam multiplicar com facilidade.

O VALE DE VOUGA

O Viseu 1971, visto pelos três jovens, completava o Viseu de Mário de Matos. Agora o Vale do Vouga. A parte mais importante da pequena notícia do dr. Júlio César.

Jaime Gralheiro, advogado em São Pedro do Sul, abriu na Mesa Redonda, durante 1970, um importante debate sobre a linha do Vale do Vouga. Era urgente ouvi-lo, mas ainda não sabíamos até onde ele ficaria entusiasmado com a reportagem. Até onde ele próprio faria reportagem.

P. — Há cinquenta anos, no primeiro número do «Diário de Lisboa», saiu uma local do seu correspondente em Viseu, onde se pedia á Companhia do Vale do Vouga que estabelecesse comboios expressos entre Viseu e Espinho para cobrir o percurso em quatro horas. Gostava que a lesse. (Passei-lhe o recorte para a mão. Leu e sorriu). Claro que nestes cinquenta anos os transportes do Distrito de Viseu se desenvolveram muito e, portanto, a local que lhe mostrei perdeu toda a actualidade. Que me diz a este respeito?

R. — *Desde logo o seguinte: a perspectiva socio-económica da Linha do Vale do Vouga, na década de 70, não é a mesma dos anos 20. Assim, por exemplo, a Linha do Vale do Vouga não pode ser mais encarada, apenas, em função do seu «pitoresco — talvez único em linhas férreas nacionais» (como se diz aí na notícia) — o que continua a ser verdade, cada vez mais verdade (e, até, talvez, infelizmente!) mas, também, como a via de escoamento para o futuro porto de Aveiro da riqueza humana, agrícola, mineira e (porque não?) industrial de toda a Beira Alta. Mas não só. A Linha do Vale do Vouga — melhor: as vias de comunicação do Vale do Vouga — via férrea e estrada — hão-de ser, quer se queira, quer não, o cordão umbilical, ligando o norte do País á Europa.*

Gostaria que não visse nesta afirmação qualquer resquício de bairrismo ou encurtamento regionalista na minha visão. Como efeito, para mim, a região só conta como via concreta de um progresso geral.

Ora, suponho exprimir um dado da realidade existente e, muito mais, futura, ao afirmar que o eixo Guarda-Aveiro está na base do Portugal Europeu. Na verdade, apesar da estrada que não temos (a estrada nacional n.º 16 era uma estrada há cem anos — a ponte sobre o Vouga, nas Termas de S. Pedro do Sul, festeja este ano o seu centenário e continua igual a si própria — a estrada nacional n.º 16 era uma estrada há cem anos; hoje nem, sequer, é remedeio. Mas remedeia... que remédio!)... pois apesar da estrada que não temos, a Europa entra-nos pelas portas dentro, através de camions e camions TIR, de 24 toneladas, e mais, retorcendo-se para se conterem no leito e, ás vezes, não o conseguindo, ou atravessando pontões (Você conhece a Ponte de Pessegueiro do Vouga — a ponte verde sobre o rio verde, brincadeiras de bonecas num conto de fadas, como lhe chamam os meus filhos?) que, apenas, aguentam 12 toneladas? A estrada que temos já nem é um remedeio, mas remedeia, que remédio, até que a geringonça se encafue toda pela água dentro, até se morrer esborrachado na surpresa da curva, ou passado a ferro na impossibilidade do cruzamento.

Mas remedeia... que remédio!...

Dizia eu que o Vale do Vouga terá de ser — é — o caminho do norte do País para a Europa. A reforçar esta afirmação posso citar-lhe mais alguns casos: muita gente (emigrante) do Distrito de Braga e de Viana, até, para já não falar nos do Porto (que isso é toda a gente) escolhe o caminho das Beiras na sua aventura europeia.

Cada vez mais os caminhos que levam além Pirineus, pelo norte, desembocam na Guarda, a não ser que se opere uma total modificação no sistema rodoviário espanhol — o que me não parece muito provável.

Ora, da Guarda para o mar, o caminho mais curto passa por Viseu. Pode-se alterar este caminho, mas se tal se fizer, só por razões de oportunismo político, inteiramente divorciado do interesse do nacional, tomado no seu conjunto.

A mim isto parece-me tão evidente que o tenho como axiomático. Em todo o caso, a auto-estrada Aveiro, Vilar Formoso não passa, por enquanto, de um (romantico?) anseio de alguns cavaleiros da triste figura.

P. — Desculpe, mas estamo-nos a afastar do tema central...

R. — *Qual tema?*

P. — O Vale do Vouga (comboio).

R. — *Olhe que não. Em vez de uma resposta concreta eu preferi apresentar-lhe o esquema da minha perspectiva sobre os transportes no distrito de Viseu.*

A questão Vale do Vouga (linha) integra-se neste conjunto.

Mas, se quer, falemos um pouco do velho Vale do Vouga. Velho. Tem quase um século. A linha foi concebida em via reduzida e para lenha. Em zona montanhosa, tal significou o multiplicar das curvas, meia encosta, para ir disfarçando os desníveis a vencer. Tudo ao baratinho. E vai daí, nem sei. A verdade é que conforme nasceu assim está: comboios, linhas, edifícios, tudo é da primitiva.

Ora, não pode ser «este» Vale do Vouga o fornecedor de um porto que nos incumpridos Planos de Fomento se vem anunciando como um dos mais importantes do País, num futuro mais ou menos próximo.

Veja só isto: no local que você me mostrou considerava-se, há cinquenta anos, que o tempo de 4 horas para ligar Viseu a Espinho estaria certo. Neste momento, não lhe posso dizer qual o tempo gasto hoje, mas estou convencido de que é mais.

Na verdade eu gostaria até de me debruçar um pouco mais sobre o tema «serviço» prestado pelo Vale do Vouga á região que serve. Mas, para isso, preciso de me documentar melhor. E se você passasse por aqui amanhã?

Aceitámos a sugestão e Jaime Gralheiro fez ele próprio reportagem...

JAIME GRALHEIRO FAZ REPORTAGEM

A partir de agora a reportagem é minha.

O outro dia era domingo. Um domingo de Fevereiro quente (traz o diabo no ventre). Peguei no meu bloco de notas (jurídicas); dependurei a máquina fotográfica ao ombro e ala para a estação dos C. F. De um golpe, fazia a minha estreia de repórter da rua.

Na estação (no velho pardieiro é que era a estação...) havia uma meia dúzia de pessoas. Não cheguei a perceber bem se estavam ao sol, se á espera de um comboio que haveria de chegar lá p'rás tantas.

Botei-me a ler os horários: o comboio 828/852 sai de Viseu ás 5 e 55 (Ih! seis menos cinco... brr... que frio de Inverno!) e chega a Espinho ás 12 e 11. Muito bem: 12 e 11 menos 5 e 55 dá 6 horas e 16 minutos. Outro: o comboio 823/851 sai de Espinho ás seis e dez e chega a Viseu ás 12 e 15. Conta feita: 6 horas e 48 minutos.

A coisa está a aumentar. E eu continuava: punha o dedo; ia de Espinho a Viseu; descia pelo horário abaixo e escrevia: o comboio 833 sai de Espinho ás 15 e 55 e chega a Viseu... As pessoas começaram a desconfiar de tanta escrituração e deram em aproximar-se. No grupo vinha um sujeito de boné branco. Olhou para mim com um ar solícito, mesmo á espera que eu lhe perguntasse alguma coisa. E eu perguntei:

— Por favor: estes horários cumprem-se?

— Bom... cumprir... cumprir...

— Por exemplo?...

— O 833, que sai de Espinho ás 15 e 55, traz normalmente 15 a 20 minutos de atraso e o 834, que sai de Espinho ás 6 e 10, nunca menos de meia hora...

— Meia hora?

— Sim senhor: meia hora.

(Tornei a fazer contas: 6 e 48 mais 30 dá: oito e zero oito; quatro e três, sete — setenta e oito. Uma hora e dezoito, mais seis, dá 7 horas e 18 minutos. Bonito!)

Há cinquenta anos 4 horas é que estava certo. Hoje quase o dobro! Sete horas e dezoito minutos para percorrer 140,5 km. Uma média horária inferior a 20 km, isto no tempo da ida á Lua!

Quem não há-de admirar os progressos deste século?...

Jaime Gralheiro acabou a sua reportagem, mas ainda lhe quis responder a mais uma pergunta.

— Quer completar a «nossa» reportagem com mais algumas observações?

— Falei com alguns comerciantes e industriais (!) da região a respeito do tipo de serviço prestado actualmente pelo Vale do Vouga. Disseram-me que, há 15 ou 20 anos, encomenda despachada em Lisboa, estava cá passando um ou dois dias. Hoje demora oito a dez.

Mais: qualquer «tarifa» vinda do Porto não demora menos de três dias. E a inversa, quer dizer, daqui para Lisboa ou Porto, também é verdadeira. Isto significa que, enquanto os transportes rodoviários melhoram de qualidade e rapidez o serviço da C.P. piora.

Mas o prejuízo causado por esta empresa a toda a zona ocidental do distrito de Viseu e oriental do de Aveiro não fica por aqui. Com efeito, não há nos concelhos de Castro Daire, S. Pedro do Sul, Vouzela, Oliveira de Frades e Sever do Vouga (unicamente servidos pelo Vale do Vouga) uma só camioneta de carga, de serviço público, de raio livre ou, sequer, de 100 quilómetros. Nestes cinco concelhos, os únicos raios concedidos pela D.G.T. não ultrapassam 30 ou 50 quilómetros e, mesmo estes, depois de muitos anos de espera e a conta-gotas.

E isto só para não fazer concorrência á C.P.

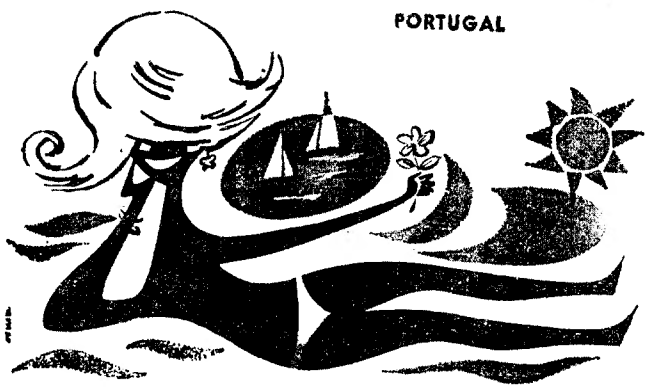
Ora, a verdade é que há dezenas de anos, dezenas de industriais de transportes desta região aguardam autorização para levarem os seus veículos aos centros abastecedores e consumidores (Lisboa e Porto) colocando aí, num dia, toda a produção (agrícola e não só) que apodrece nos armazéns e gares da empresa concessionária.

Não há dúvida que o transporte de grandes quantidades para grandes distâncias é económicamente mais rentável por caminho-de-ferro. Mas é preciso que o transporte se faça.

Agora, pôr ao serviço de uma economia, que se quer europeia, comboios de brinquedo em estruturas de museu, só por graça...

costa do sol

PORTUGAL



AS SUAS FÉRIAS
E O SEU FIM-DE-SEMANA
CARCAVELOS-CASCAIS-GUINCHO

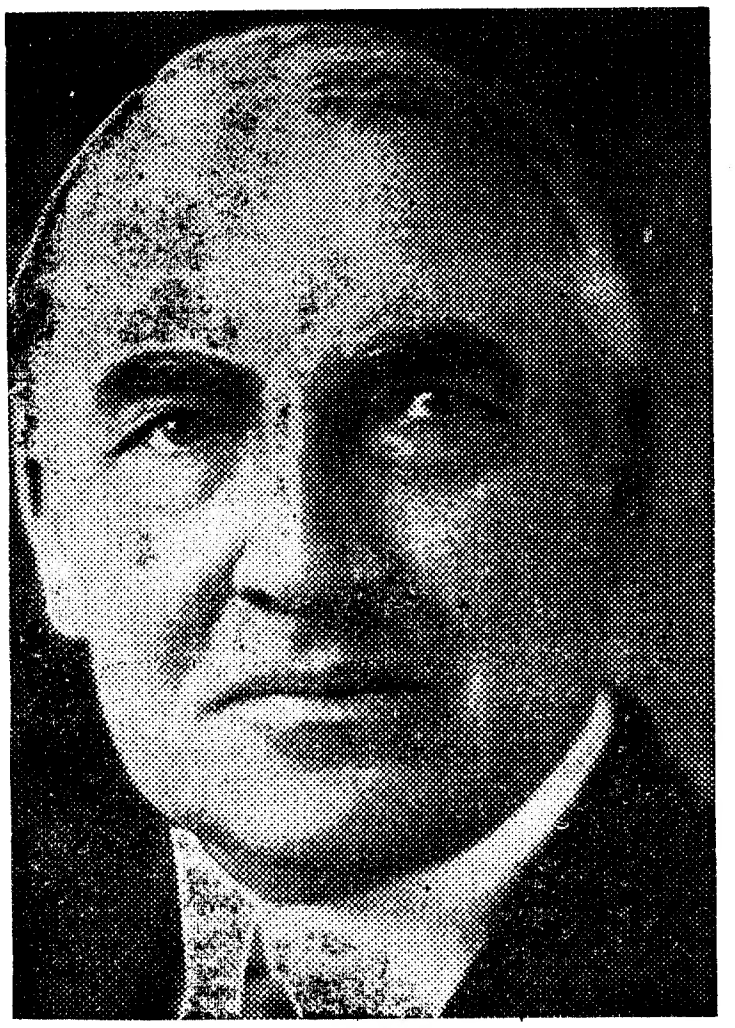
Hotéis de Luxo, de 1.ª e de 2.ª
Estalagens e Pensões
Casino Monumental com Variedades Internacionais
Jogos de Roleta, Bacará, Banca Francesa e Craps,
Slot Machines, etc.
TEATRO E CINEMAS
Exposições Permanentes
Boîtes e Restaurantes Típicos
Todos os desportos
e um sem-fim de atracções que lhe proporcionarão
uma estadia agradável

INFORMAÇÕES:
JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL
ESTORIL TEL. 26 01 13

COMPANHIA DOS ALGODÕES
DE MOÇAMBIQUE
S. A. R. L.
Capital: 150 000 000$00
ORGANIZAÇÃO
INTEIRAMENTE
PORTUGUESA
SEDE
Namialo — MOÇAMBIQUE
DELEGAÇÃO
Av. António Augusto de Aguiar, 25, 2.º-Dt.º
LISBOA

O NEGRO E MR. HARDING

Por JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS



WARREN GAMALIEL HARDING

WARREN GAMALIEL HARDING reinou (mas não governou) de 1920 a 1923. Suave e bem falante, temente a Deus, conservador, inculto, isolacionista como era próprio do tempo, subiu todos os degraus da «carreira», desde o jornalzinho de Marion (Ohio) até à Casa Branca. Liberta do capital europeu, a América entrava resolutamente no caminho da expansão e da prosperidade indefinida, ao som da fanfarra de John Felipe de Souza (com Z). **America beautiful, America for ever:** até quando? 1921 foi já um ano de severa crise. Outras tinha havido. Mister Harding, impotente, viu afundar-se em escândalos a camarilha que o fizera eleger pelo «Grand Old Party» de Lincoln, o republicano: peita concussão, venda de contratos. Alguns dos seus próximos colaboradores foram parar à cadeia. Havia justiça! O Presidente, alarmado, lançou-se a correr o país, acompanhado da esposa e de nutrida comitiva. No Alaska, um misterioso telegrama em cifra acabrunhou-o: exausto e doente, foi morrer em São Francisco. (2 de Agosto, 1923.) Falou-se de conspiração e de envenenamento; descobriram-lhe o adultério e uma filha ilegítima horror! Alguma coisa parecia ter apodrecido no reino do Puritanismo... Os homens preferiram calar-se. A sua biografia só viria à luz uns quarenta anos depois.

E os Negros, esses esquecidos: que pediam, suplicavam, esperavam eles? Em nome da Constituição: «Todos os homens nascem livres e iguais.» Uns mais, outros menos... Não conta que Mr. Harding haja feito nada. Que podia ele fazer? O Sul (democrático) lá estava, ameaçador. Para os emancipar, a livre América lançara-se na Guerra Civil: cinco anos de luta (1860-65), 250 000 mortos, desvastações incalculáveis, o Sul em cinzas reduzido a colónia do Norte financeiro e industrial. Um grupo de Negros avistou-se com o Presidente Lincoln na Casa Branca: Que ia ser o futuro? O Emancipador foi de uma franqueza exemplar: «Desenganem-se: isto é uma nação de brancos. Aqui, nunca conhecerão vocês a igualdade. Voltem para a África, ou procurem na América Latina um país onde se possam estabelecer.» Para onde haviam de eles ir? Esta era a sua terra. Ficaram. O movimento «Back to Africa» iria morrendo aos poucos. A Libéria, criada por compra, fora uma conquista de negros americanos sobre os africanos (Paul Robeson faria nos anos de 30 um filme a condenar o «retorno à África».)

A época de Harding, «Era do Jazz», foi de eclipse para o afro-americano. Após a Guerra Civil, durante a Reconstrução (1866-77), muitos negros do Sul haviam sido eleitos para o Congresso da União. Mas, de 1901 a 1928, só um negro figurou ali: minoria de um, calado. O Ku Klux Klan (1866, respaldado na lei severa e nos costumes, fizera do «Lynch» uma arma de intimidação. Manter o negro no seu lugar era a palavra de ordem. Fosse como fosse. O direito do voto e a cidadania, garantidos pelos «Amendments» de 65 e 68, tornaram-se letra morta. Os Tribunais lavaram daí as suas mãos.

Embora não cessassem nunca de manifestar o seu descontentamento e resistir, à parte algumas insurreições famosas mas bem localizadas — G. Prosser, Nat Turner, Douglass e outros (John Brown era branco e só veio mais tarde) — os escravos foram de uma cordura impressionante: refugiavam-se atrás da nostalgia, dos «espirituais» religiosos, da reserva e dignidade impenetráveis (quanto menos atritos com o branco, melhor!), e da caricatura que deles deram depois o «vaudeville» e o cinema: superstição, medo, infantilismo... Os pregadores, os desportistas, os cantores foram, porém, sempre extraordinários! (Era o Matthilda, do Tom, de Mr. James e outros negros meus conhecidos, que eu desejaria falar aqui...)

Já antes da Abolição os negros, livres ou escravos, fugiam para o Norte; havia o famoso «railroading» clandestino. Dos 800 000 que eram em 1790 (1/5 da população, 90% deles no Sul, onde o Algodão se foi tornando Rei), tinham passado a dez milhões em 1920 (85% no Sul, ainda servos da gleba). Hoje são 21 milhões, 11% da população, e menos de 60 % deles no Sul.

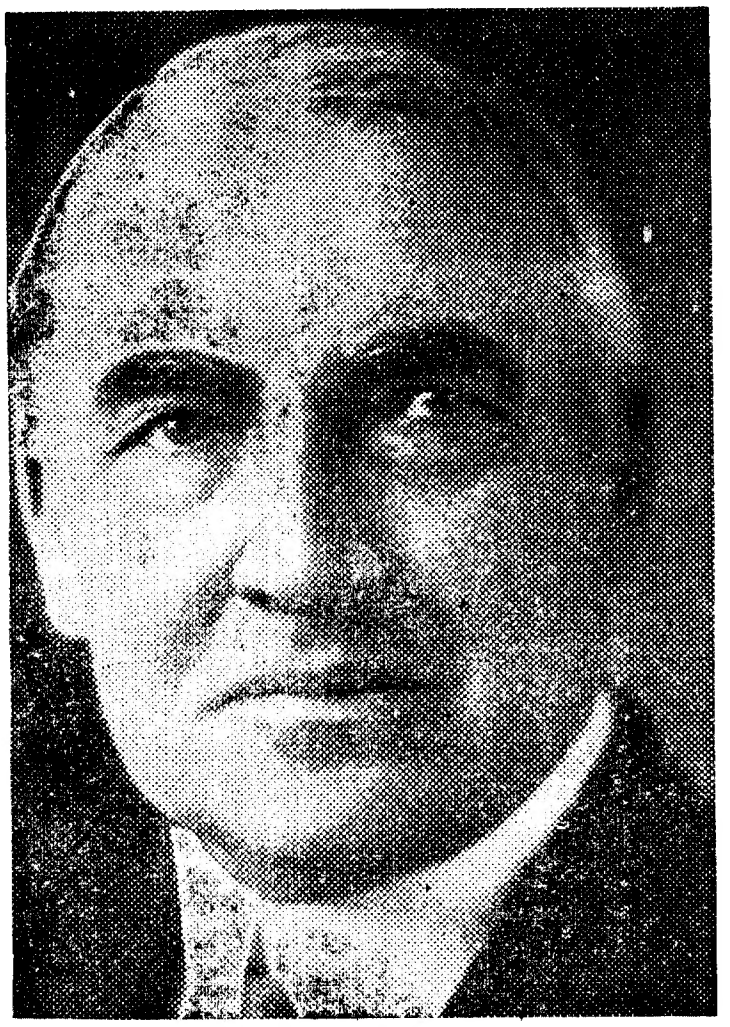
Com a primeira guerra mundial, a religião e a indústria favoreceram a migração de uns dois milhões de negros para o Norte. A concorrência desta mão-de-obra ilimitada (o negro usado como «amarelo» ou rompe-greves a menor salário), suscitou a hostilidade dos trabalhadores brancos, em grande parte europeus. Reciprocamente, para o Negro, eles eram «estrangeiros»... Uma parte do grande patronato e as «Labor Union» preferiam o imigrante — sóbrio, laborioso, obediente, ambicioso — ao Negro handicapado pela condição histórica e a ignorância. As restrições, a imigração, as crises, o desemprego, a falta de habitação, agravaram o conflito. O gueto negro alastrou, lepra dos grandes centros, com todas as misérias inerentes: crime, drogas, vagabundagem, prostituição, filhos ilegítimos, alta mortalidade, o jogo... O espectro cresceu, e com ele o problema da consciência. Segundo o brilhante romancista negro James Baldwin, a América sofre de um sentimento de culpa que a rói por dentro, como a lagarta ao fruto reluzente.

Com a segunda guerra mundial tudo isso se agravou e vieram as batalhas de rua. Os negros ameaçaram marchar sobre Washington, como os desempregados do tempo de Hoover. Roosevelt lançou a sua «ordem executiva» contra a discriminação nas indústrias de guerra. Um gesto apenas, e foi o começo de tudo. O C. I. O. (Comité Sindical de Organização Industrial) abriu-lhes as portas. Ao tempo, o Partido Comunista advoga um Estado à parte para os Negros, dentro da União, ideia impopular. A bola de neve, cresceu, rolou. Os Negros já não pediam: manifestavam, reclamavam, batiam-se. Eisenhower em 1955, John F. Kennedy em 1961, reforçaram à igualdade industrial do negro. O Supremo Tribunal decretou enfim a integração escolar. Escolas superiores, como a Universidade da Cidade de New York, dão-lhes entrada pràticamente gratuita. Há a igualdade no salário. O gueto transbordou, invade os próprios subúrbios, dantes refúgio das classes desafogadas. No próprio Sul, baluarte do Apartheid, generaliza-se a integração escolar, negros são eleitos. Os porto-riquenhos, dantes um grupo rival, unem-se-lhes nas reivindicações. Há forças múltiplas trabalhando para a solução pacífica do problema. O negro vai perdendo mesmo o seu trágico sentimento de inferioridade. (A maioria dos crimes de negros eram cometidos contra os seus irmãos de raça.) A solução parece estar, sobretudo, na convivência, no amor, na intimidade! (Como o julgou ver no Brasil o Prof. Wagley, sociólogo.) O voto negro pesa nas grandes urbes. Os partidários da violência vão perdendo terreno...

Decerto: é imenso ainda o caminho a percorrer: o desemprego é ainda, entre os negros, o dobro do que é entre os brancos; muito maior a sua mortalidade infantil. Mas haverá uma solução total para quaisquer problemas? O progresso tem sido tal, nestes cinquenta anos, que bem se pode falar de «revolução». E que nação, èticamente individualizada e consciente, aceitaria sem temor esta presença perturbadora? Porque se trata não só de uma questão económica e social, ou racial, mas de uma confrontação de identidades de culturas, de «ways of life», que põe em perigo o equilíbrio moral da nação. —

O NEGRO E MR. HARDING

Por JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS



WARREN GAMALIEL HARDING

WARREN GAMALIEL HARDING reinou (mas não governou) de 1920 a 1923. Suave e bem falante, temente a Deus, conservador, inculto, isolacionista como era próprio do tempo, subiu todos os degraus da «carreira», desde o jornalzinho de Marion (Ohio) até à Casa Branca. Liberta do capital europeu, a América entrava resolutamente no caminho da expansão e da prosperidade indefinida, ao som da fanfarra de John Felipe de Souza (com Z). **America beautiful, America for ever:** até quando? 1921 foi já um ano de severa crise. Outras tinha havido. Mister Harding, impotente, viu afundar-se em escândalos a camarilha que o fizera eleger pelo «Grand Old Party» de Lincoln, o republicano: peita concussão, venda de contratos. Alguns dos seus próximos colaboradores foram parar à cadeia. Havia justiça! O Presidente, alarmado, lançou-se a correr o país, acompanhado da esposa e de nutrida comitiva. No Alaska, um misterioso telegrama em cifra acabrunhou-o: exausto e doente, foi morrer em São Francisco. (2 de Agosto, 1923.) Falou-se de conspiração e de envenenamento; descobriram-lhe o adultério e uma filha ilegítima horror! Alguma coisa parecia ter apodrecido no reino do Puritanismo... Os homens preferiram calar-se. A sua biografia só viria à luz uns quarenta anos depois.

E os Negros, esses esquecidos: que pediam, suplicavam, esperavam eles? Em nome da Constituição: «Todos os homens nascem livres e iguais.» Uns mais, outros menos... Não consta que Mr. Harding haja feito nada. Que podia ele fazer? O Sul (democrático) lá estava, ameaçador. Para os emancipar, a livre América lançara-se na Guerra Civil: cinco anos de luta (1860-65), 250 000 mortos, desvastações incalculáveis, o Sul em cinzas reduzido a colónia do Norte bancário e industrial. Um grupo de Negros avistou-se com o Presidente Lincoln na Casa Branca: Que ia ser o futuro? O Emancipador foi de uma franqueza exemplar: «Desenganem-se: isto é uma nação de brancos. Aqui, nunca conhecerão vocês a igualdade. Voltem para a África, ou procurem na América Latina um país onde se possam estabelecer.» Para onde haviam de eles ir? Esta era a sua terra. Ficaram. O movimento «Back to Africa» iria morrendo aos poucos. A Libéria, criada por compra, fora uma conquista de negros americanos sobre os africanos (Paul Robeson faria nos anos de 30 um filme a condenar o «retorno à África».)

A época de Harding, «Era do Jazz», foi de eclipse para o afro-americano. Após a Guerra Civil, durante a Reconstrução (1866-77), muitos negros do Sul haviam sido eleitos para o Congresso da União. Mas, de 1901 a 1928, só um negro figurou ali: minoria de um, calado. O Ku Klux Klan (1866, respaldado na lei severa e nos costumes, fizera do «Lynch» uma arma de intimidação. Manter o negro no seu lugar era a palavra de ordem. Fosse como fosse. O direito do voto e a cidadania, garantidos pelos «Amendments» de 65 e 68, tornaram-se letra morta. Os Tribunais lavaram daí as suas mãos.

Embora não cessassem nunca de manifestar o seu descontentamento e resistir, à parte algumas insurreições famosas mas bem localizadas — G. Prosser, Nat Turner, Douglass e outros (John Brown era branco e só veio mais tarde) — os escravos foram de uma cordura impressionante: refugiavam-se atrás da nostalgia dos «espirituais» religiosos, da reserva e dignidade impenetráveis (quanto menos atritos com o branco, melhor!), e da caricatura que deles deram depois o «vaudeville» e o cinema: superstição, medo, infantilismo... Os pregadores, os desportistas, os cantores foram, porém, sempre extraordinários! (Era de Mathilda, do Tom, de Mr. James e outros negros meus conhecidos, que eu desejaria falar aqui...)

Já antes da Abolição os negros, livres ou escravos, fugiam para o Norte; havia o famoso «railroading» clandestino. Dos 800 000 que eram em 1790 (1/5 da população, 90% deles no Sul, onde o Algodão se foi tornando Rei), tinham passado a dez milhões em 1920 (85% no Sul, ainda servos da gleba). Hoje são 21 milhões, 11% da população, e menos de 60 % deles no Sul.

Com a primeira guerra mundial, a religião e a indústria favoreceram a migração de uns dois milhões de negros para o Norte. A concorrência desta mão-de-obra ilimitada (o negro usado como «amarelo» ou rompe-greves a menor salário), suscitou a hostilidade dos trabalhadores brancos, em grande parte europeus. Reciprocamente, para o Negro, eles eram «estrangeiros»... Uma parte do grande patronato e as «Labor Union» preferiam o imigrante — sóbrio, laborioso, obediente, ambicioso — ao Negro handicapado pela condição histórica e a ignorância. As restrições, a imigração, as crises, o desemprego, a falta de habitação, agravaram o conflito. O gueto negro alastrou, lepra dos grandes centros, com todas as misérias inerentes: crime, drogas, vagabundagem, prostituição, filhos ilegítimos, alta mortalidade, o jogo... O espectro cresceu, e com ele o problema da consciência. Segundo o brilhante romancista negro James Baldwin, a América sofre de um sentimento de culpa que a rói por dentro, como a lagarta ao fruto reluzente.

Com a segunda guerra mundial tudo isso se agravou e vieram as batalhas de rua. Os negros ameaçaram marchar sobre Washington, como os desempregados do tempo de Hoover. Roosevelt lançou a sua «ordem executiva» contra a discriminação nas indústrias de guerra. Um gesto apenas, e foi o começo de tudo. O C. I. O. (Comité Sindical de Organização Industrial) abriu-lhes as portas. Ao tempo, o Partido Comunista advoga um Estado à parte para os Negros, dentro da União, ideia impopular. A bola de neve, cresceu, rolou. Os Negros já não pediam: manifestavam, reclamavam, batiam-se. Eisenhower em 1955, John F. Kennedy em 1961, reforçaram a igualdade industrial do negro. O Supremo Tribunal decretou enfim a integração escolar. Escolas superiores, como a Universidade da Cidade de New York, dão-lhes entrada pràticamente gratuita. Há a igualdade no salário. O gueto transbordou, invade os próprios subúrbios, dantes refúgio das classes desafogadas. No próprio Sul, baluarte do Apartheid, generaliza-se a integração escolar, negros são eleitos. Os porto-riquenhos, dantes um grupo rival, unem-se-lhes nas reivindicações. Há forças múltiplas trabalhando para a solução pacífica do problema. O negro vai perdendo mesmo o seu trágico sentimento de inferioridade. (A maioria dos crimes de negros eram cometidos contra os seus irmãos de raça.) A solução parece estar, sobretudo, na convivência, no amor, na intimidade! (Como o julgou ver no Brasil o Prof. Wagley, sociólogo.) O voto negro pesa nas grandes urbes. Os partidários da violência vão perdendo terreno...

Decerto: é imenso ainda o caminho a percorrer: o desemprego é ainda, entre os negros, o dobro do que é entre os brancos; muito maior a sua mortalidade infantil. Mas haverá uma solução total para quaisquer problemas? O progresso tem sido tal, nestes cinquenta anos, que bem se pode falar de «revolução». E que nação, èticamente individualizada e consciente, aceitaria sem temor esta presença perturbadora? Porque se trata não só de uma questão económica e social, ou racial, mas de uma confrontação de identidades de culturas, de «ways of life», que põe em perigo o equilíbrio moral da nação. —